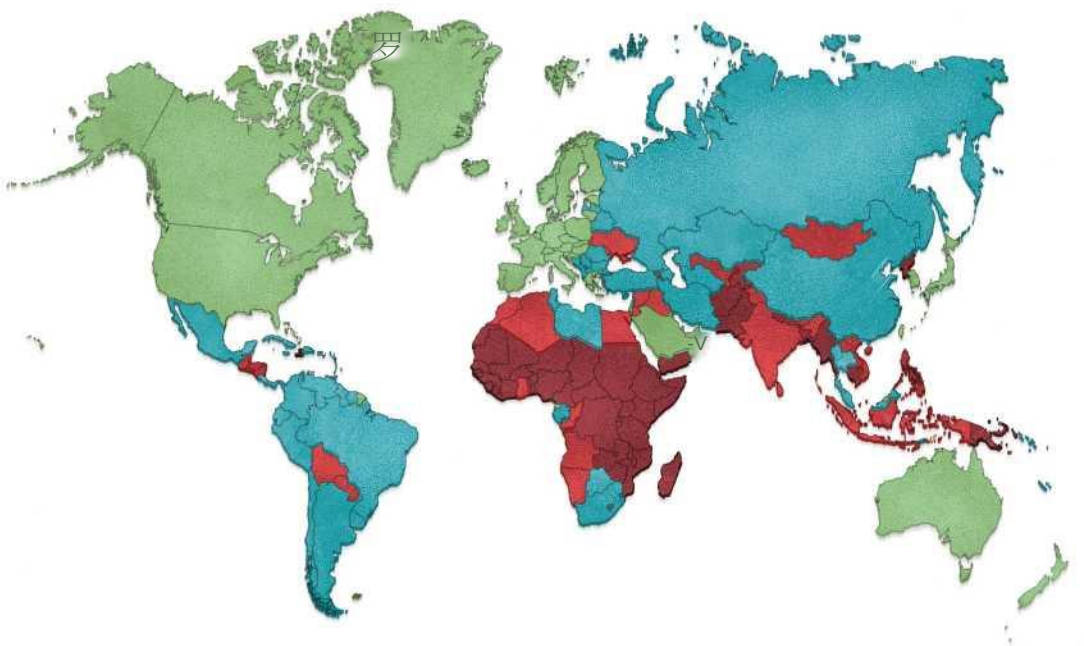
prefácio de rick warren

O POVERTY OF NATIONS



WAYNE GRUDEM BARRY ASMUS

“A Pobreza das Nações mostra o que não apenas as nações pobres, mas também a própria América deve fazer para criar empregos, oportunidades e um futuro mais gratificante e melhor. Este é um livro muito bom!"

Pete du Pont, ex-congressista dos EUA e ex-governador de Delaware

“Os líderes religiosos do mundo se perguntam por que os países pobres continuam pobres. Figuras-chave, de Billy Graham ao Papa Francisco e o Dalai Lama, muitas vezes exortaram os ricos do mundo a cuidar dos pobres - mas como fazer isso? Como organizar o governo e as empresas para 'lembrar os pobres'? Agora, o teólogo Wayne Grudem e o economista Barry Asmus apresentam um livro para explicar como a livre iniciativa e, principalmente, o ensino bíblico se combinam para iluminar o caminho para o progresso dos pobres. Cada legislador - cada eleitor - precisa ler isso. ”

Hugh Hewitt, apresentador de talk show de rádio nacionalmente sindicado; Professor de Direito, Chapman University

“Este livro se tornará um texto padrão que usaremos para treinar todas as equipes missionárias que temos em 196 países. Deve ser leitura obrigatória em todas as faculdades e seminários cristãos, por todas as organizações assistenciais e missionárias e por todos os pastores de igrejas locais. ”

Rick Warren, *New York Times*Autor de best-sellers, The Purpose Driven Life; Pastor, Igreja Saddleback

“Deus entrou na terra juntando-se a uma família pobre. Ele passou muito tempo com os pobres e ensinou muito sobre eles. Neste livro, soluções globais práticas e perspicazes são oferecidas para ajudar os pobres como Jesus deseja que amemos e sirvamos aos pobres. ” Mark Driscoll, Pastor Fundador e Pregador, Mars Hill Church, Seattle, Washington; Fundador, Resurgence; Co-fundador, Atos 29;

New York Times Autor de best-sellers nº 1

“Muitos autores excelentes nos últimos doze anos sentiram a tromba, as pernas e a cauda do elefante. Wayne Grudem e Barry Asmus são os primeiros a mostrar o gigante. Eles explicam de forma clara e simples o que devemos saber para amar verdadeiramente os necessitados. A pobreza das nações deveria ser leitura obrigatória em todas as faculdades cristãs ”. Marvin Olasky, editor-chefe do World News Group; autor, The Tragedy of American Compassion

“Os autores escreveram claramente que a solução sustentável para a pobreza das nações é o sistema de livre mercado - o arranjo econômico mais moral e bem-sucedido e o único capaz de permitir que as pessoas produzam seu caminho para sair da pobreza e para o bem-estar pessoal . ”

Jon Kyl, ex-senador dos EUA pelo Arizona

“Grudem e Asmus mostram como a ciência econômica pode ser combinada com uma moralidade enraizada na crença religiosa para nos ajudar a entender por que algumas nações são ricas e outras pobres.”

John C. Goodman, Presidente e CEO, National Center for Policy Analysis “A pobreza opressora de centenas de milhões de pessoas feitas à imagem de Deus deve ser uma

preocupação profunda para todos os crentes. A maioria dos cristãos que conheço é generosa com os pobres, sem realmente pensar nas causas da pobreza. Esta contribuição vital de Wayne Grudem e Barry Asmus nos ajudará a pensar teologicamente sobre a pobreza. Que informe nossas orações, ofertas e ações. ”

Andrew Evans, Ministro, Christ Church, Liverpool; Tutor,
Escola Evangélica de Teologia do País de Gales

“Grudem e Asmus oferecem uma perspectiva convincente sobre os fundamentos morais de uma economia e sociedade de sucesso. Continuando na grande tradição do pensamento econômico clássico, The Poverty of Nations argumenta que uma economia de livre mercado, baseada na iniciativa do setor privado e um papel bem definido, mas limitado para o governo, produz resultados superiores em termos de acumulação de riqueza material e distribuição. No entanto, a visão única deste livro é fundamentar a interação humana e os sistemas políticos e econômicos que ela define em valores morais e éticos originários das Escrituras. Os autores argumentam que sociedades estáveis, direitos de propriedade, livre arbítrio e a busca da felicidade não são apenas valores morais, mas também pré-requisitos para o crescimento a longo prazo. Os autores buscam essa visão à sua conclusão lógica, desenhando implicações políticas e econômicas concretas e detalhadas. Há vasta literatura sobre o assunto, mas continuo totalmente convencido de que a clareza de pensamento e a originalidade dos argumentos farão deste livro um ponto de referência para as gerações futuras. ”

Ardian Fullani, Governador, Banco da Albânia

“Baseando-se em uma combinação cuidadosa de história econômica objetiva, uma compreensão clara da natureza humana, análise econômica precisa e um código moral baseado na liberdade pessoal e na busca da felicidade, os autores investigam meios para aliviar a pobreza das nações. O estilo de escrita é altamente acessível e leva o leitor a um reino de idéias que prevê esperança para os oprimidos se a autoridade do governo for devidamente exercida. Como The Wealth of Nations, exige a atenção de cidadãos de bom coração e funcionários governamentais endurecidos para apreciar os mercados livres em sua luz moral. ”

Stephen Happel, Professor Emérito de Economia, WP Carey School of Business,
Arizona State University

“Não existem muitos livros cristãos sobre este assunto. Muito menos aqueles que integram uma cosmovisão cristã com sistemas econômicos, mercados livres, liberdade e prosperidade, além da pobreza. Grudem e Asmus oferecem uma análise completa de vários sistemas econômicos que deram errado e oferecem uma defesa plausível da base bíblica para a solução de livre mercado e como ela poderia mudar uma nação. Pode haver alguma dúvida se tal sistema funcionaria para os países latino-americanos. Mas, por causa dos princípios bíblicos básicos, este livro deve ser traduzido e estudado em outras partes do mundo além da América. Isso ajudará os cristãos a se envolverem nas questões sociais, econômicas e políticas de hoje de uma forma mais significativa e eficaz. ”

Rev. Augustus Nicodemus Lopes, Professor de Novo Testamento,
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil

“A economia é importante demais para ser deixada apenas para os economistas. A teologia, da mesma forma, é importante demais para ser deixada apenas para os teólogos. Este livro, escrito para não especialistas por um economista e um teólogo, deve, portanto, ser levado a sério e usado para estimular o debate e a ação que enfrentará o flagelo da pobreza ”.

Peter S. Heslam, Diretor, Iniciativa de Liderança Empreendedora,
Universidade de Oxford; Membro sênior, Trinity College, Cambridge

"Grudem e Asmus fornecem um conjunto abrangente de princípios para reduzir a pobreza em todo o mundo. Raramente se encontra uma integração tão completa e ponderada de economia sólida com boa teologia. A Pobreza das Nações é fortemente recomendada para qualquer pessoa preocupada com a pobreza mundial. "

PJ Hill, Professor Emérito de Economia, Wheaton College; Membro Sênior, Centro de Pesquisa Ambiental e de Propriedade, Bozeman, Montana

"Há muito tempo, certamente nos círculos cristãos, a crise da pobreza tem merecido uma resposta completa e prática. Abrangente em escopo e prático em estilo, este livro oferece ideias que não podem ser tomadas de ânimo leve. "

Mutava Musimi, MP, Presidente do Comitê de Orçamento e Dotações, Assembleia Nacional do Quênia; ex-Secretário Geral do Conselho Nacional de Igrejas do Quênia; ex-pastor sênior da Igreja Batista de Nairobi

"Existem muitos livros seculares sobre a pobreza e muitos livros sobre a resposta cristã à pobreza. Mas Wayne Grudem, um teólogo, e Barry Asmus, um economista, fizeram algo muito menos comum e muito mais valioso. Eles integraram com sucesso a ética e a teologia cristãs com uma economia sólida. O resultado é uma síntese abrangente e profundamente satisfatória. Se você deseja compreender e ajudar a aliviar a pobreza, em vez de apenas apoiar políticas de bem-estar que podem fazer mais mal do que bem, você deve ler este livro. "

Jay W. Richards, autor, Money, Greed, and God, e co-autor,
Indivisível; Visiting Scholar, Institute for Faith, Work, and Economics;
Membro Sênior, Discovery Institute

"Dada a infinidade de mitos e equívocos que tantas pessoas sustentam em relação à importância de uma economia livre, seu fundamento moral e seus benefícios práticos, especialmente para os pobres, A pobreza das nações oferece uma leitura fácil e sensata argumento organizado e moralmente claro em nome de uma sociedade livre. A simples leitura do índice fornecerá um raciocínio mais claro do que muitos alunos de pós-graduação conseguem em cursos de economia ".

Fr. Robert A. Sirico,Presidente, Acton Institute; autor,
Defendendo o Mercado Livre

"Todos os cristãos de pensamento correto estão profundamente preocupados com os problemas aparentemente intratáveis da pobreza e desigualdade globais. Muitos vêem a economia de livre mercado como a causa do problema, e não como a solução, e assumem com a melhor das intenções que ajuda, cancelamento de dívidas, redistribuição de riqueza, ambientalismo e protecionismo comercial são o que é necessário. Wayne Grudem e Barry Asmus fornecem um relato convincente de como as nações podem aliviar sua pobreza por meio do desenvolvimento, aumentando a produção de bens e serviços, dentro de um modelo de livre mercado que garante o direito à propriedade e as liberdades pessoais. Este livro claro e acessível é baseado em sólida teoria econômica, análise histórica e, acima de tudo, fiel exegese bíblica. O resultado não é um apelo ao capitalismo desenfreado, mas para um desenvolvimento responsável moldado por valores culturais fundamentais que estão no cerne da fé cristã. Nem todos concordarão com sua

abordagem, mas qualquer pessoa preocupada em ajudar as pessoas afetadas pela pobreza em nosso mundo terá que levar seus argumentos a sério. ”

Rev. John Stevens, Diretor Nacional, Fellowship of Independent Evangelical Churches; ex-Vice-Diretor da Escola, Professor Sênior em Direito Imobiliário e Pesquisador Honorário Sênior da Universidade de Birmingham, Reino Unido

“Tornei-me economista porque me apaixonei pela ideia de que as escolhas de uma nação podem determinar se os cidadãos enfrentam a riqueza ou a pobreza. Trinta anos de pesquisa me levaram a acreditar que a riqueza vem da escolha de apoiar a liberdade e o governo limitado. Tornei-me cristão porque me apaixonei por Jesus Cristo. A Bíblia diz que fomos criados à imagem de Deus e que, embora devamos amar o nosso próximo, também devemos ser criadores. Nunca pensei que fossem crenças mutuamente exclusivas. Na verdade, acredito que a verdade bíblica e os mercados livres andam de mãos dadas. Procurei por toda parte por um livro que mesclasse essas duas visões de mundo. Asmus e Grudem conseguiram! Um economista de primeira linha e um teólogo renomado criaram um antídoto à prova de balas para a pobreza. É um tour de force.

Brian S. Wesbury, Economista-chefe, First Trust Advisors LP; ex-economista-chefe, Comitê Econômico Conjunto do Congresso dos EUA

A POBREZA DAS NAÇÕES

UMA SOLUÇÃO SUSTENTÁVEL

WAYNE GRUDEM E
BARRY ASMUS

PREFÁCIO POR
RICK WARREN

::CROSSWAY

WHEATON, ILLINOIS

A pobreza das nações: uma solução sustentável

Copyright © 2013 por Wayne Grudem e Barry Asmus

Publicado por Crossway
1300 Crescent Street
Wheaton, Illinois 60187

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão prévia do editor, exceto conforme previsto pelos direitos autorais dos EUA lei.

Design da capa: Faceout Studio, www.faceoutstudio.com

Imagem da capa: Luke Shuman

Primeira impressão 2013

Impresso nos Estados Unidos da América

Salvo indicação em contrário, as citações das Escrituras são da Bíblia ESV® (The Holy Bible, English Standard Version®), copyright © 2001 de Crossway. Edição de texto de 2011. Usado com permissão.
Todos os direitos reservados.

As citações das escrituras marcadas com NET são da NET Bible® copyright © 1996-2006 da Biblical Studies Press, LLC www.bible.org. Todos os direitos reservados. Citado com permissão.

Todas as ênfases nas citações das Escrituras foram adicionadas pelos autores.

A fotografia e as figuras a seguir à página 192 são usadas com a permissão de:

Fotografia 1: Informações Aéreas Landiscor.

Figura 1: The Heritage Foundation. Reproduzido do Índice de Liberdade Econômica de 2012, ed. Terry Miller, Kim R. Holmes e Edwin Feulner (Washington: Heritage Foundation e Nova York: The Wall Street Journal, 2012), 24.

Figura 2: Transparência Internacional. Reimpresso do Índice de Percepções de Corrupção 2011, copyright 2011 da Transparency International,http://www.transparency.org/cpi2011/results/.

Figura 3: The Cato Institute. Reproduzido por Stephen Moore e Julian Simon, It's Getting Better *O tempo todo: as maiores tendências dos últimos 100 anos* (Washington: Cato Institute, 2000).

Brochura comercial ISBN: 978-1-4335-3911-4
Mobipocket ISBN: 978-1-4335-3913-8
PDF ISBN: 978-1-4335-3912-1 ePub ISBN: 978-1-4335-3914-5

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso

Grudem, Wayne A.

A pobreza das nações: uma solução sustentável / Wayne

Grudem e Barry Asmus.

páginas cm

Inclui referências bibliográficas e índice.

ISBN 978-1-4335-3911-4

1. Trabalho da Igreja com os pobres - Países em desenvolvimento.

2. Pobreza - Aspectos religiosos - Cristianismo. 3. Desenvolvimento econômico - Aspectos religiosos - Cristianismo. 4. Países em desenvolvimento - Condições econômicas. 5. Desenvolvimento sustentável - Aspectos religiosos - Cristianismo. I. Título.
BV639.P6G78 2013
261,8'325 — dc23 2013000955

Crossway é um ministério de publicação da Good News Publishers.

SH 23 22 21 20 19 18 17 16 15 14 13 15 14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

A Bret Edson e Brad Edson, que acreditaram e apoiaram este projeto desde o início

CONTEÚDO

Prefácio de Rick Warren 19

Prefácio 21

Introdução 25

1 O objetivo 45
Produza mais bens e serviços

2 Metas erradas 65
Abordagens que não levarão à prosperidade

3 Sistemas errados 107
Sistemas econômicos que não levaram à prosperidade

4 O Sistema Econômico 131
O Mercado Livre

5 A Mecânica do Sistema 163
Como funciona um mercado livre?

6 As vantagens morais do sistema 187
Um mercado livre que melhor promove as virtudes morais

7 O Governo do Sistema 223
Líderes que usam seu poder em benefício do
Pessoas como um todo

8 As liberdades do sistema 259 Liberdades essenciais para o crescimento econômico

9 Os valores do sistema 309
Crenças culturais que estimularão o crescimento econômico

Apêndice: Uma lista composta de fatores que permitirão uma nação para superar a pobreza 369

Bibliografia 375

Índice Geral 385

Índice das Escrituras 395

CONTEÚDOS DETALHADOS

Prefácio de Rick Warren 19
Prefácio 21
Introdução 25
A. Foco nacional 25
B. Passos de dentro de uma nação 27
C. Não é uma solução simples 29
D. Escrito para leitores comuns, não para economistas 31
E. Escrito para líderes, especialmente líderes cristãos, mas também aqueles que não são cristãos 31
F. Escrito para alunos 33
G. Por que os economistas não concordam com uma solução para a pobreza? 33
H. Por que devemos ajudar os pobres? 37
I. A responsabilidade dos líderes 40
J. A prosperidade material é uma questão secundária 41

Capítulo 1. O Objetivo: Produzir Mais Bens e Serviços 45
A. O que torna um país rico ou pobre? 45
1. A medida padrão de riqueza e pobreza: 45 renda per capita
2. A medida padrão do que um país produz: 47 produto interno bruto (PIB)
3. O que aumentará o PIB de um país? 48
B. Outros objetivos que foram sugeridos 49
C. O incrível processo de criação de valor que não existia antes de 52
1. Exemplos de criação de produtos de valor 52
2. Transferências de mercadorias de uma pessoa para outra não aumentam 54 o PIB
3. Imprimir dinheiro não aumenta o PIB 54
4. Como uma nação pode criar mais bens e serviços? 55
D. Exemplos de nações que se tornaram prósperas por produzindo mais bens e serviços 56

1. Grã-Bretanha: manufatura de algodão e a Revolução Industrial 56
2. Nações que cresceram mais prósperas hoje 57
E. Apoio bíblico para a criação de mais bens e serviços 59
F. Que bens e serviços seu país pode criar? 61

Capítulo 2. Metas erradas: abordagens que não levarão à prosperidade 65
A. Dependência de doações de outras nações 65
1. Os resultados prejudiciais da dependência de ajuda externa 65
2. As razões pelas quais a ajuda externa é prejudicial 69
3. Ensino bíblico sobre a dependência de doações de outros 72
4. "Sucesso conquistado" é mais importante do que dinheiro 74
B. Redistribuição da riqueza dos ricos para os pobres 75
1. Em algumas nações, as pessoas são ricas devido ao abuso de 75 poderes governamentais
2. Em outras nações, as pessoas são ricas porque trabalharam corretamente e ganharam mais dinheiro
C. Esgotamento dos recursos naturais 79
D. Culpar a pobreza por fatores ou entidades externas 82
1. Colonialismo 84
2. Agências que emprestam dinheiro para países pobres 90
3. O sistema econômico mundial e os termos internacionais de comércio 92
4. Nações ricas e corporações multinacionais 99
E. Conclusão: o que o objetivo não é 106

Capítulo 3. Sistemas errados: sistemas econômicos que não conduziam 107 para a prosperidade
A. Caça e coleta 109
B. Agricultura de subsistência 109
C. Escravidão 112
D. Propriedade tribal 114
E. Feudalismo 116
F. Mercantilismo 118
G. Socialismo e comunismo 121
H. O estado de bem-estar e igualdade 126
I. Uma solução melhor: o sistema de mercado livre 129

Capítulo 4. O sistema econômico: o mercado livre 131
A. O sistema de livre mercado definido 131
1. Definição 131

2. O estado de direito 134
3. Todas as economias são “misturadas”? 135
4. Estamos realmente falando sobre capitalismo? 136
5. O sucesso econômico dos sistemas de livre mercado 138
6. Apoio bíblico para a liberdade humana em sistemas econômicos 139

B. A maravilha de um lápis: o mercado livre, sem um diretor humano, faz produtos complexos que ninguém sabe fazer
C. A base econômica de um mercado livre: propriedade privada 141 da propriedade
1. A justificativa da propriedade privada da Bíblia 142
2. A propriedade privada implica uma obrigação de administração 144 responsável
3. Os governos violam os princípios bíblicos e atrapalham o desenvolvimento econômico 145 ao impedir que as pessoas possuam propriedades
4. Evidência histórica do dano econômico que ocorre 145 quando os governos impedem a propriedade privada
5. A importância dos títulos legais de propriedade 149
6. Regras do governo que tornam a posse de propriedade 151 impossível
7. Estabelecendo um caminho fácil para a propriedade documentada 152
D. A base legal para um mercado livre: o estado de direito 154
E. Dois fatores econômicos cruciais para um mercado livre 155
1. O governo deve estabelecer uma moeda estável 155
2. O governo deve manter taxas de impostos relativamente baixas 158
F. Seu país tem um sistema de mercado livre? 162

Capítulo 5. A Mecânica do Sistema: Como um Gratuito 163 Mercado de trabalho?
A. "Ninguém" decide o que, como e para quem uma economia nacional 163 vai produzir
B. A especialização é a chave para uma maior prosperidade 167
1. Os benefícios da especialização 167
2. A especialização funciona porque todos têm 169 vantagens comparativas
3. A especialização em uma nação muda ao longo do tempo 172
C. O notável sistema de sinalização do mercado livre 174
D. Os preços são uma fonte mundial incrível de informações econômicas instantâneas.
E. Lucros e perdas são as luzes verde e vermelha do sistema, 179 pelos quais os clientes sinalizam "vá" ou "pare"
F. A competição leva à cooperação interpessoal, melhores 180 produtos, mais opções e preços mais baixos

G. Empreendedorismo: muitos tentam, poucos têm sucesso, mas todos os benefícios da sociedade 182
H. Resumo de como funciona um sistema de mercado livre 184
I. Como pessoas ricas em nações ricas podem ajudar genuinamente em 184 nações pobres

Capítulo 6. As Vantagens Morais do Sistema: Um Mercado Livre Melhor 187
Promove Virtudes Morais
A. Promover a liberdade pessoal 188
1. Promover a liberdade de escolha para ações morais 188
2. Promovendo a liberdade para atividades abstratas ou espirituais 190
B. Promoção de virtudes pessoais 191
3. Promover a integridade pessoal e dizer a verdade 191
4. Promovendo responsabilidade 193
5. Promover o sucesso conquistado 193
6. Moderar o egoísmo e a ganância e usá-los para o bem 195
7. Promover o uso racional do meio ambiente 196
8. Restringindo o materialismo e promovendo a caridade pessoal 197
C. Promoção de virtudes interpessoais 198
9. Atendendo às necessidades dos outros 198
10. Priorizando os desejos dos outros 199
11. Tratar os outros com humanidade 200
12. Ajudando verdadeiramente os pobres 200
13. Promover "virtudes menores", como pontualidade, cortesia, organização 201 e um trabalho bem executado
D. Promoção de virtudes sociais 202
14. Promover uma sociedade pacífica e harmoniosa 202
15. Promover uma sociedade justa 205
16. Promover uma sociedade produtiva 206
E. Objeções morais 207
1. Objeção: mercados livres não funcionam 207
2. Objeção: mercados livres dependem da ganância 208
3. Objeção: mercados livres resultam em desigualdade 210
4. Objeção: em alguns países, mercados livres tornam-se 211
"Mau capitalismo"
5. Objeção: não precisamos de mais "coisas" 215

Capítulo 7. O governo do sistema: líderes que usam seus 223 Poder para o

benefício do povo como um todo
A. Proteções contra corrupção no governo 225
1. Estado de direito: todas as pessoas são igualmente responsáveis perante as leis 225
2. Sistema judiciário justo: os tribunais não mostram favoritismo ou parcialidade, mas 227 aplicam a justiça de forma imparcial
3. Ausência de suborno e corrupção em repartições governamentais 227
4. Poder adequado do governo 229
5. Poder limitado do governo 230
6. Separação de poderes no governo 234
7. Prestação de contas do governo ao povo 236
B. Proteções que o governo deve fornecer 239
8. Proteção contra o crime 239
9. Proteção contra doenças 241
10. Proteção contra violações de contratos 242
11. Proteção contra violações de patentes e direitos autorais 243
12. Proteção contra invasão estrangeira 246
13. Evitar guerras de conquista e guerras civis 248
14. Proteção contra a destruição do meio ambiente 250
C. Coisas que o governo deve promover 253
15. Educação universal obrigatória 253
16. Leis que dão proteção e incentivos econômicos positivos 256 para estruturas familiares estáveis
17. Leis que protegem a liberdade de religião para todos os grupos 258 religiosos e oferecem alguns benefícios às religiões em geral
D. Conclusão 258

Capítulo 8. As liberdades do sistema: liberdades essenciais para 259 Crescimento Econômico
A. A importância da liberdade para o crescimento econômico 260
B. Os tipos de liberdade que o governo deve proteger 263 1. Liberdade de possuir propriedade 263
2. Liberdade para comprar e vender 263
3. Liberdade para viajar e transportar mercadorias em qualquer lugar no 264 país
4. Liberdade para se mudar para qualquer lugar do país 267
5. Liberdade de comércio com outras nações 267
6. Liberdade para iniciar negócios 269
7. Livre de regulamentação governamental excessiva 271
8. Livre de exigências de suborno 272

9. Liberdade para uma pessoa trabalhar em qualquer emprego 275
10. Liberdade para os trabalhadores serem recompensados por seu trabalho 277
11. Liberdade para os empregadores contratarem e despedirem 278
12. Liberdade para os empregadores contratarem e promoverem funcionários 279
baseado no mérito
13. Liberdade para utilizar recursos de energia 280
14. Liberdade para mudar e modernizar 284
15. Liberdade de acesso a conhecimentos úteis (liberdade de 285
em formação)
16. Liberdade para todas as pessoas serem educadas 291
17. Liberdade tanto para mulheres quanto para homens 292
18. Liberdade para pessoas de todas as raças e todas as origens 294
nacionais, religiosas e étnicas
19. Liberdade para ascender em status social e econômico 297
20. Liberdade para enriquecer por meios legais 301
21. Liberdade de religião 307
C. Conclusão 307

Capítulo 9. Os valores do sistema: crenças culturais que o farão 309
Incentive o crescimento econômico
A. Crenças sobre questões religiosas 318
1. A sociedade acredita que existe um Deus que responsabiliza todas as 318 pessoas por suas ações
2. A sociedade acredita que Deus aprova diversos 319 traços de caráter relacionados ao trabalho e à produtividade
B. Crenças sobre padrões morais 322
3. A sociedade valoriza a veracidade 322
4. A sociedade respeita a propriedade privada da propriedade 324
5. A sociedade honra outros valores morais 326
C. Crenças sobre a natureza humana 329
6. A sociedade acredita que há bem e mal em 329 todos os corações humanos
7. A sociedade acredita que os indivíduos são responsáveis por 330 suas próprias ações
8. A sociedade valoriza muito a liberdade individual 331
9. A sociedade se opõe à discriminação contra pessoas com base em 332 raça, sexo ou religião
D. Crenças sobre a família 332
10. A sociedade honra o casamento entre um homem e 333 uma mulher

11. A sociedade valoriza a permanência do casamento e tem uma taxa baixa de 334 divórcios
E. Crenças sobre a terra 335
12. A sociedade acredita que os seres humanos são mais importantes 335 do que todas as outras criaturas na terra
13. A sociedade acredita que a terra está aqui para uso e benefício dos seres humanos
14. A sociedade acredita que o desenvolvimento econômico é uma coisa boa e mostra a excelência da terra
15. A sociedade acredita que os recursos da terra nunca 339 se esgotarão
16. A sociedade acredita que a Terra é ordeira e sujeita a 340 investigações racionais
17. A sociedade acredita que a terra é um lugar de oportunidades 341
F. Crenças sobre o tempo e a mudança 341
18. A sociedade acredita que o tempo é linear e, portanto, 341 há esperança de melhoria na vida dos seres humanos e das nações
19. A sociedade acredita que o tempo é um recurso valioso e 342 deve ser usado com sabedoria
20. A sociedade manifesta um desejo generalizado de melhorar a vida do 343 - fazer melhor, inovar e se tornar mais produtivo
21. A sociedade está aberta à mudança e as pessoas, portanto, 344 trabalham para resolver problemas e tornar as coisas melhores
G. Crenças sobre trabalho e produtividade econômica 345
22. A sociedade homenageia o trabalho produtivo 345
23. A sociedade homenageia pessoas economicamente produtivas, 348 empresas, invenções e carreiras
24. Os proprietários de negócios e trabalhadores da sociedade veem suas 350 empresas principalmente como um meio de fornecer aos clientes coisas de valor, pelas quais eles serão pagos de acordo com esse valor
25. A sociedade valoriza muito a poupança em contraste com 351 gastando
H. Crenças sobre compra e venda 351
26. A sociedade acredita que os ganhos mútuos vêm de 351 trocas voluntárias e, portanto, um negócio é "bom" se trouxer benefícios tanto para o comprador quanto para o vendedor
I. Crenças sobre conhecimento e educação 353
27. A sociedade valoriza o conhecimento de qualquer fonte e o torna 353 amplamente disponível
28. A sociedade valoriza uma força de trabalho altamente treinada 354
29. A sociedade assume que deve haver uma base racional 355 para o

conhecimento e canais reconhecidos para espalhar e testar o conhecimento
J. Crenças sobre humildade e o valor de aprender com os outros 356
30. A sociedade demonstra uma disposição humilde de aprender 356 com outras pessoas, outras nações e membros de outras religiões
K. Crenças sobre o governo 358
31. A sociedade acredita que o propósito do governo é servir a nação e trazer benefícios para o povo como um todo.
32. A sociedade acredita que o governo deve punir o mal 359 e promover o bem
L. Crenças sobre a própria nação 359
33. A sociedade valoriza o patriotismo e reforça um 359 senso compartilhado de identidade e propósito nacional
M. Crenças sobre valores econômicos, relacionais e espirituais 364
34. A sociedade considera a família, os amigos e a alegria da vida mais 364 importantes do que a riqueza material
35. A sociedade considera o bem-estar espiritual e um relacionamento 366 com Deus mais importante do que a riqueza material
N. Conclusão 367

Apêndice: Uma lista composta de fatores que permitirão a uma nação 369 Superar a Pobreza
Bibliografia 375
Índice Geral 385
Índice das Escrituras 395

PREFÁCIO

Por Rick Warren

Existem mais de dois mil versos sobre os pobres e a pobreza na Bíblia, mas a maioria dos púlpitos evangélicos são estranhamente silenciosos sobre um assunto com o qual Deus se preocupa profundamente. Estou chocado e triste ao admitir que, embora tenha frequentado uma faculdade cristã e dois seminários, não me lembro de ter ouvido uma única mensagem sobre o plano de Deus para os pobres, exceto que devemos ser pessoalmente generosos com eles. Infelizmente, devido a esta falta de ensino bíblico claro sobre economia, muitos crentes têm, sem pensar, subscrito as abordagens antibíblicas mais comuns da pobreza, justiça econômica e riqueza.

Os resultados foram devastadores. Hoje, mais da metade das pessoas em nosso mundo vive com menos de US $ 2 cada por dia, e um bilhão de pessoas estão atoladas na pobreza extrema, vivendo com menos de US $ 1 cada por dia. Em um mundo que Deus criou com uma superabundância de recursos, o fato de tantos viverem na pobreza não é apenas indesculpável, é pecaminoso, e nós, cristãos, precisamos nos arrepender. A solução não está nem em Marx nem no mercado, mas nas palavras do Mestre.

O grande governo certamente não é a solução. Em muitos países, piorou os problemas. Infelizmente, o mesmo aconteceu com muitos programas humanitários cristãos bem-intencionados, mas equivocados. Tendo viajado o mundo por trinta anos e treinado líderes em 164 países, testemunhei em primeira mão que quase todos os programas de combate à pobreza de governos e ONGs (sem fins lucrativos) são na verdade prejudiciais aos pobres, prejudicando-os no longo prazo, em vez de ajudá-los. O programa típico de pobreza

cria dependência, rouba a dignidade das pessoas, sufoca a iniciativa e pode promover um "O que você fez por mim ultimamente?" senso de direito.

A maneira bíblica de ajudar as pessoas a sair da pobreza é por meio da criação de riqueza, não da redistribuição de riqueza. Para resultados duradouros, devemos oferecer aos pobres uma mão para cima, não apenas uma esmola. Você soletra "empregos" de redução da pobreza a longo prazo. Treinamento e ferramentas liberam as pessoas. O comércio, não a ajuda, constrói a prosperidade das nações.

Há muito tempo que espero por um livro como este. Wayne Grudem e Barry Asmus escreveram de forma brilhante uma obra que é ao mesmo tempo completamente bíblica, histórica e prática. De vez em quando, é escrito um livro que você sabe que se tornará um clássico. The Poverty of Nations é um desses livros. Deve ser leitura obrigatória em todas as faculdades e seminários cristãos, por todas as organizações assistenciais e missionárias e por todos os pastores de igrejas locais. Na Igreja Saddleback, e em todas as igrejas que participam do Plano PEACE, este livro se tornará um texto padrão que usaremos para treinar todas as equipes missionárias que temos em 196 países.

Não leia apenas este livro. Estude-o! Releia e faça anotações, depois coloque em prática e ensine a outras pessoas. Isso pode mudar o mundo.

Rick Warren Pastor Sênior, Igreja Saddleback, Lake Forest,
Fundador da Califórnia, Plano Global PEACE

PREFÁCIO

“Por que a África é tão pobre?” perguntou a mulher do Quênia. "Estamos sob uma maldição?" Ela e o marido eram empresários de sucesso em Nairóbi, mas a pobreza contínua em seu país os preocupava profundamente.

Eu (Wayne Grudem) não tive resposta. Depois de um silêncio atordoado, tive que dizer: "Sinto muito, não sei". Mas a questão continuou a me incomodar.

Eventualmente, conversei sobre isso com meu amigo Barry Asmus, um economista profissional. Ele teve algumas idéias úteis, mas nenhuma resposta completa. Então, à medida que continuamos a conversar, descobrimos que nós dois tínhamos uma combinação de recursos acadêmicos que poderia nos permitir encontrar uma resposta e uma solução muito mais completas.

Um de nós (Barry) é professor de economia com décadas de experiência em trazer análises econômicas para problemas econômicos nacionais. O outro (Wayne) é um professor de teologia com décadas de experiência em demonstrar como uma análise detalhada dos ensinamentos da Bíblia pode ser aplicada a situações da vida real dos dias modernos.

Nossas conversas subsequentes levaram a um projeto gratificante de vários anos para combinar as descobertas da economia moderna com os ensinos da Bíblia na tentativa de resolver o antigo problema da pobreza mundial. Descobrimos cada vez mais que, apesar de nossas origens acadêmicas muito diferentes, as conclusões de nossos dois campos de estudo eram bastante semelhantes, dando à solução geral maior clareza e persuasão.

No início, encontramos apenas um punhado de fatores que levarão à prosperidade ou pobreza em uma nação. Depois de mais estudos, tínhamos uma lista de trinta e sete fatores. Outras pesquisas e comentários de seminários na Albânia e no Peru adicionaram mais fatores, e começamos a fazer apresentações sobre “cinquenta fatores dentro das nações que levarão à riqueza ou à pobreza”. Finalmente, este livro termina com uma lista composta de setenta e oito

fatores distintos dentro das nações que, acreditamos, permitirão a qualquer nação pobre superar a pobreza (ver Apêndice, 369-73).

Não conhecemos nenhum outro livro como este, que trate da pobreza não em nível pessoal ou comunitário, mas em nível de integração, e que proponha uma solução baseada em uma combinação de conclusões da economia e da ética teológica. Esperamos que os leitores considerem o livro esclarecedor e persuasivo.

Muitas pessoas nos ajudaram muito na produção deste livro. Agradecemos os valiosos comentários e sugestões sobre rascunhos ou seções anteriores deste trabalho de Scott Allen, Cal Beisner, John Coors, Ardian Fullani, Toni Gogu, Elliot Grudem, Stephen Happel, PJ Hill, Ben Homan, John Kitchen, David Kotter, Ernst Lutz, Jeff Michler, Darrow Miller, Christopher Morton, Severin Oman, Robb Provost, Nancy Roberts, Brad Routh, Rich Shields, Keith Wright e outro leitor que prefere permanecer anônimo. Recebemos feedback valioso dos participantes de nossos seminários em Tirana, Albânia; Lima, Peru; Eger, Hungria; Pequim, China; Cambridge, Inglaterra; e Phoenix, Arizona, e de estudiosos na reunião anual da Sociedade Teológica Evangélica.

Além disso, eu (Wayne) desejo expressar minha gratidão a Potter-Brock Associates, que há muito tempo apoiou minhas tentativas iniciais de pesquisar o ensino da Bíblia sobre questões econômicas; aos membros do conselho da Trinity Evangelical Divinity School, que há vários anos aprovou um projeto sabático de pesquisa sobre a Bíblia e economia; e aos membros do conselho do Phoenix Seminary, que aprovaram um termo sabático no outono de 2003, durante o qual pude estudar economia na Arizona State University sob a excelente instrução dos professores Stephen Happel e Nancy Roberts.

Teri Armijo, Jenny Miller e Angela Yang digitaram alegremente e habilmente várias seções do manuscrito. Jenny Miller também ajudou em várias tarefas no processo de edição, e Angela Yang ajudou extensivamente na pesquisa. Joshua Brooks, Jeff Phillips e John Paul Stepanian também forneceram excelente ajuda na pesquisa. Jeff Phillips e John Paul Stepanian ajudaram na revisão e indexação do manuscrito.

Agradecemos a ajuda habilidosa para o design que recebemos na capa de Josh Dennis, Oliver Grudem e Christopher Warrington. Greg Bailey, da Crossway Books, ajudou significativamente o manuscrito com suas habilidades editoriais.

Dedicamos este livro a dois amigos, Bret e Brad Edson, do Marketplace One, que acreditaram firmemente neste projeto desde o início e gentilmente forneceram espaço para escritórios e apoio financeiro para torná-lo possível. Suas vidas são uma demonstração clara de que cristãos comprometidos podem trabalhar no mundo dos negócios com integridade e criar produtos e serviços que trazem um novo valor econômico para uma região inteira de um país. Eles agora estão dedicando suas vidas e recursos para que mais pessoas nesta nação e em outras nações também possam experimentar o mesmo tipo de sucesso obtido.

Nossa mais profunda apreciação e gratidão vão para nossas esposas, Margaret Grudem e Mandy Asmus, que pacientemente apoiaram, encorajaram e oraram por nós enquanto trabalhamos mês após mês para concluir este projeto. Nós os amamos muito e eles continuam a trazer grande alegria para nossas vidas.

Wayne Grudem e Barry Asmus março de 2013

Bem-aventurado aquele que considera o pobre! No dia da angústia o Senhor o livra.

SALMO 41: 1

INTRODUÇÃO

O objetivo deste livro é fornecer uma solução sustentável para a pobreza nas nações pobres do mundo, uma solução baseada na história econômica e nos ensinamentos da Bíblia. Usamos a palavra sustentável porque essa solução aborda as causas de longo prazo da pobreza nas nações. Se eles forem alterados para se tornarem causas de prosperidade de longo prazo, a solução durará.

Nossa solução não afirma que todos possam estar igualmente bem de vida. Algumas pessoas sempre serão mais ricas do que outras e, portanto, algumas serão (relativamente) mais pobres. Mas a solução que propomos explica os passos práticos que qualquer nação pobre pode tomar. Essas etapas levarão a nação para fora da armadilha da pobreza e para um caminho de prosperidade cada vez maior, que muitas vezes levará quase todos na nação a um padrão de vida melhor. Esta solução abrirá oportunidades permanentes até mesmo para os mais pobres de obter prosperidade crescente.

A solução que propomos não é nova. Muitas partes dele já foram colocadas em prática, país após país, nos últimos 240 anos, com resultados surpreendentes. Ainda pode trazer resultados notáveis em todas as nações pobres hoje.

Para começar, é importante que declaremos claramente que tipo de livro é este.

A. Foco nacional

O título do nosso livro é A Pobreza das Nações porque seu foco está na nação pobre como um todo. Nós nos concentramos nas leis nacionais, nas políticas econômicas nacionais e nos valores e hábitos culturais nacionais, porque estamos convencidos de que as principais causas da pobreza são fatores que afetam uma nação inteira.

A solução que propomos neste livro deve incluir mudanças nessas leis, políticas e valores e hábitos culturais nacionais.

Não discutimos como ajudar pessoas, empresas ou comunidades pobres individualmente, porque entendemos nosso livro como um complemento a esses esforços. Reconhecemos que organizações de caridade, igrejas e governos em todo o mundo já estão ajudando indivíduos e comunidades, muitas vezes de maneiras muito eficazes. Por exemplo, nossa própria igreja no Arizona, Scottsdale Bible Church, realizou vários programas para cavar poços, fornecer clínicas médicas e odontológicas e construir escolas, além de apoiar o evangelismo e o ensino da Bíblia em várias nações.

Também aplaudimos o sucesso dos projetos de microfinanças em ajudar indivíduos em muitos países, e somos gratos por milhares de outros projetos de desenvolvimento que trouxeram acesso a água potável e sistemas de saneamento, melhoraram a produtividade das safras, promoveram avanços educacionais e fizeram progresso em direção à erradicação de doenças em muitas nações.

Mas, apesar de todos esses esforços, parece-nos que algo ainda é necessário: um foco nas leis, políticas, valores e hábitos culturais nacionais que tanto determinam o curso do desenvolvimento econômico de uma nação.

Reconhecemos que outras organizações e outros escritores têm uma vida inteira de experiência e muito mais sabedoria do que nós para ajudar pessoas e comunidades pobres individualmente. Agradecemos especialmente a sabedoria de muitas instituições de caridade cristãs, como Food for the Hungry (localizada na área de Phoenix, onde vivemos), que tem como missão declarada "Caminhar com igrejas, líderes e famílias na superação de todas as formas de pobreza humana vivendo em relacionamentos saudáveis com Deus e Sua criação. "[1] Também apreciamos a ênfase na transformação social da pessoa como um todo em programas como o Plano PEACE instituído pelo Pastor Rick Warren, com sua ênfase no ministério de igreja para igreja. A sigla significa: Plantar igrejas que promovam a reconciliação, Equipar líderes servos, Assistir os pobres, Cuidar dos enfermos e Educar a próxima geração.[2] Muitos outros programas que valem a pena podem ser mencionados.

Outros escritores já forneceram excelentes perspectivas cristãs sobre como ajudar os pobres. Recomendamos especialmente When Helping Hurts: How to

[1] Site do Food for the Hungry, acessado em 4 de setembro de 2012, http://fh.org/about/vision.
[2] Veja o site do Plano PEACE, http://thepeaceplan.com.

Alleviate Poverty Sem Ferir os Pobres e a Si Mesmo, de Steve Corbett e Brian Fikkert,[3] que explica como ajudar a pessoa inteira enquanto humildemente aprender e respeitar a sabedoria local, e Discipling Nations: The Power of Truth to Transform Cultures, de Darrow Miller,[4] que dá uma explicação extensa e perspicaz de uma cosmovisão cristã, particularmente no que afeta as questões econômicas.

Nosso livro é diferente porque se dirige ao nível de toda a nação. Também é diferente porque é coautor de um economista profissional (Barry Asmus) e um professor de teologia (Wayne Grudem). Portanto, este livro combina uma análise econômica (baseada na história do desenvolvimento econômico por mais de duzentos anos) com uma análise teológica (baseada nos ensinamentos da Bíblia sobre questões econômicas e políticas governamentais). A partir dessa perspectiva dupla, tratamos de sistemas nacionais inteiros - primeiro, tipos de sistemas econômicos (caps. 3-6); segundo, leis e políticas governamentais (caps. 7–8); e terceiro, valores e crenças culturais nacionais, incluindo convicções morais e espirituais (capítulo 9). Não conhecemos nenhum outro livro que aborde a questão da pobreza mundial em nível nacional a partir dessa perspectiva combinada.

B. Passos de dentro de uma nação

As várias etapas que propomos devem ser implementadas de dentro de uma nação, por seus próprios líderes. Não são medidas que possam ser impostas por alguém de fora da nação pobre.

Há uma grande vantagem em focar nas mudanças que devem vir de dentro da própria nação. Isso segue o conselho sólido de Corbett e Fikkert em When Helping Hurts. Eles recomendam uma boa regra prática que elimina grande parte da complexidade de aliviar a pobreza: "Evite o paternalismo". Isto é, não faça pelas pessoas coisas que elas podem fazer por si mesmas. Eles dizem: "Memorize

[3] Steve Corbett e Brian Fikkert, When Helping Hurts: How to Alleviate Poverty without Hurting the Poor and Yourself (Chicago: Moody, 2009).

[4] Darrow L. Miller, Discipling Nations: The Power of Truth to Transform Cultures (Seattle: YWAM, 1998). Outro livro perspicaz, baseado em experiências em muitos países pobres, é Udo Middelmann, Cristianismo Versus Religiões Fatalistas na Guerra Contra a Pobreza (Colorado Springs: Paternoster, 2007). Middelmann afirma com razão que qualquer solução de longo prazo para a pobreza deve incluir uma transformação cultural para elementos-chave de uma cosmovisão cristã, incluindo uma visão positiva do crescimento da produtividade econômica e uma perspectiva esperançosa sobre as possibilidades de mudança na situação de vida de uma pessoa. Depois de anos de experiência, ele escreve: "A maioria das propostas de ajuda mostra uma trágica ignorância da economia básica da pobreza e da riqueza, bem como um desconhecimento da influência de práticas religiosas e culturais anti-humanas. Na verdade,

isso, recite em voz baixa o dia todo e use-o como uma guirlanda em volta do pescoço. . . pode evitar que você cause todos os tipos de danos. ”[5]

Por enfatizarmos os passos que uma nação pode dar para se ajudar a superar a pobreza, esperamos que nosso livro seja uma fonte de esperança e encorajamento para os líderes das nações pobres. Em vez de dizer a esses líderes: “Você precisa depender de pessoas de outras nações para resolver seu problema de pobreza”, estamos dizendo: “Acreditamos que vocês mesmos podem resolver esse problema, e aqui estão alguns passos úteis que outras nações deram em o passado e que são apoiados pelos ensinamentos da Bíblia também. Acreditamos que você pode implementar essas etapas em sua própria nação e que, quando o fizer, elas trarão muitos resultados positivos. ”

Outros estudos recentes também enfatizam que a solução para a pobreza nas nações pobres deve vir de dentro dessas nações. William Easterly, professor de economia da Universidade de Nova York, que foi por muitos anos um economista pesquisador sênior do Banco Mundial, explica que os “planejadores” ocidentais não podem resolver o problema da pobreza nas nações pobres. Ele diz: “Um planejador acredita que os de fora sabem o suficiente para impor soluções. Um pesquisador acredita que apenas os internos têm conhecimento suficiente para encontrar soluções e que a maioria das soluções deve ser desenvolvida internamente. ”[6]

Da mesma forma, o professor de economia de Oxford, Paul Collier, que foi diretor de pesquisa de desenvolvimento do Banco Mundial e é um dos maiores especialistas mundiais em economias africanas, escreve:

> Infelizmente, não se trata apenas de dar nosso dinheiro a esses países. . . . A mudança nas sociedades mais baixas deve vir predominantemente de dentro; não podemos impor isso a eles. Em todas essas sociedades, há lutas entre pessoas corajosas que desejam mudar e interesses arraigados que se opõem a isso.[7]

No entanto, Collier também diz que as políticas das nações ricas podem fazer diferença na capacidade das nações pobres de superar a pobreza. Ele escreve: “A mudança terá que vir de dentro das sociedades de um bilhão, mas nossas próprias

---

[5] Corbett e Fikkert, When Helping Hurts, 115.
[6] William Easterly, The White Man's Burden: Por que os esforços do Ocidente para ajudar o resto fizeram tanto mal e tão pouco bem (Nova York: Penguin, 2006), 6.
[7] Paul Collier, The Bottom Billion: Por que os países mais pobres estão falhando e o que pode ser feito sobre isso (Oxford: Oxford University Press, 2007), xi, ênfase adicionada.

políticas podem tornar esses esforços provavelmente bem-sucedidos e, portanto, mais prováveis de serem realizados".[8]

Não discutimos essas mudanças de política em detalhes neste livro (mas consulte as páginas 98-99 e 267-69 sobre políticas comerciais prejudiciais). Recomendamos o livro de Collier, com sua análise perspicaz de como os países ricos podem fazer mais para ajudar os países mais pobres do mundo, especialmente os cinquenta e oito países que ele chama de "o bilhão inferior" (as pessoas nesses países são os mais pobres um bilhão de pessoas na terra).

As políticas das nações ricas que Collier propõe mudar incluem: (1) uso limitado e direcionado da ajuda externa (99-123); (2) intervenção militar para manter a paz após os conflitos e para proteger contra golpes (124-34); (3) a adoção pelas nações ricas de leis e cartas para ajudar a capturar e processar criminosos de nações pobres que depositam seu dinheiro nessas nações ricas, incluindo proteção de investimento e seguro (135-56); e (4) políticas comerciais que usam decisões estratégicas para reduzir as barreiras comerciais e dar ajuda especial às nações extremamente pobres (157-72). Collier fala com décadas de experiência e descreve estratégias específicas em cada uma dessas quatro categorias.

No entanto, quer os países ricos adotem essas mudanças ou não, os setenta e oito passos em direção à prosperidade que delineamos neste livro ainda precisam ser seguidos pelas nações mais pobres.

C. Não é uma solução simples

A solução que propomos não é uma simples "solução rápida", que diz: "Basta fazer uma coisa e a pobreza irá embora." Nossa solução é complexa composta de setenta e oito fatores específicos, conforme explicado nos capítulos seguintes (ver lista completa no Apêndice, 369-73). Esses fatores afetam as políticas econômicas, as leis governamentais e os valores culturais (incluindo valores morais e crenças espirituais). Portanto, não estamos propondo uma abordagem simples como "apenas dê mais dinheiro" (promovido por Jeffrey Sachs), ou "apenas pare a ajuda externa" (promovido por Dambisa Moyo). Não estamos nem mesmo dizendo que a solução é "apenas estabelecer uma economia de mercado livre" (embora recomendemos um sistema de mercado livre), porque apontamos vários outros fatores legais e culturais que afetam se um mercado livre realmente funciona efetivamente em uma nação.

[8] Ibid., 12.

A solução que propomos é complexa porque os sistemas econômicos são complexos. Isso ocorre porque os sistemas econômicos são o resultado de milhões de seres humanos fazendo milhões de escolhas todos os dias. Quem pode esperar entender tudo isso?

Na verdade, o escritor Jay Richards explica por que a economia pode ser considerada mais complexa do que qualquer outro campo de estudo:

> Em biologia. . . entramos em uma ordem de complexidade mais elevada do que na física e na química. Agora estamos lidando com organismos que resistem a explicações matemáticas simples. . . . Da biologia, passamos para as ciências humanas. Aqui, os efeitos de agentes inteligentes aparecem em todos os lugares. Portanto, não é surpresa que seja mais difícil usar a matemática para modelar o comportamento humano do que para modelar, digamos, o movimento de uma bola rolando colina abaixo. Quando chegamos à economia, estamos lidando não apenas com agentes humanos, mas com a complexidade das trocas de mercado de milhões ou bilhões de agentes inteligentes. À medida que vamos da física de um lado para a economia do outro, estamos subindo em uma "hierarquia aninhada" de complexidade, na qual ordens superiores restringem, mas não podem ser reduzidas a ordens inferiores.[9]

Portanto, não deve ser surpreendente que a solução para a pobreza seja complexa. Este livro discute setenta e oito fatores porque todos eles influenciam a tomada de decisão humana. Alguns desses fatores são puramente econômicos, mas outros têm a ver com leis, valores culturais, convicções morais, hábitos e tradições de longo prazo e até mesmo valores espirituais. Tudo desempenha um papel, então tudo deve ser considerado.

O fato de termos setenta e oito fatores a serem considerados por uma nação pode, à primeira vista, parecer esmagador. Mas há outra maneira de ver essa longa lista de fatores. Esperamos que os líderes das nações pobres abordem os fatores que discutimos perguntando: "O que nossa nação já está fazendo bem?" Com tantos fatores, cada nação descobrirá que é forte em algumas áreas.

Essa abordagem positiva, começando por listar as áreas nas quais uma nação é forte, é consistente com o que Corbett e Fikkert chamam de "desenvolvimento

---

[9] Jay W. Richards, Money, Greed, and God: Why Capitalism Is the Solution and Not the Problem (New York: HarperOne, 2009), 222-23. Richards usa essa observação para argumentar a favor do desígnio de Deus na operação surpreendente do mercado livre, porque, diz ele, em nenhum lugar ao longo da escala de complexidade crescente encontramos "evidências de ordem emergindo do caos" (ibid.). O livro de Richards como um todo é uma excelente visão geral de uma compreensão bíblica da economia.

comunitário baseado em ativos" (ABCD). Eles dizem:

> O ABCD enfatiza o que as pessoas materialmente pobres já têm e pede que considerem desde o início: "O que há de certo com você? Que dons Deus lhe deu que você pode usar para melhorar sua vida e a de seus vizinhos? Como os indivíduos e organizações em sua comunidade podem trabalhar juntos para melhorar sua comunidade? " Em vez de olhar para fora do indivíduo ou comunidade de baixa renda em busca de recursos e soluções, o ABCD começa perguntando aos materialmente pobres como eles podem ser administradores de seus próprios dons e recursos, buscando restaurar indivíduos e comunidades para serem o que Deus os criou para serem desde o início do relacionamento. Na verdade, a própria natureza da pergunta - Que dons você tem? - afirma a dignidade das pessoas e contribui para o processo de superar sua pobreza de ser.[10]

D. Escrito para leitores comuns, não para economistas

Escrevemos este livro para leitores adultos comuns. Não o escrevemos para economistas profissionais (embora esperemos que muitos deles o leiam e concordem com ele). O livro, portanto, foi escrito principalmente com a linguagem comum, em vez da terminologia econômica técnica. Onde termos especializados são necessários, nós os explicamos no texto onde eles ocorrem pela primeira vez.

E. Escrito para líderes, especialmente líderes cristãos, mas também para aqueles que não são cristãos

Nosso público principal para este livro são líderes cristãos em nações pobres (mas também líderes não cristãos - veja abaixo). Estamos escrevendo especialmente para os cristãos que acreditam na Bíblia e estão dispostos a seguir seus princípios para o desenvolvimento econômico. E estamos escrevendo para os líderes, porque são eles que podem fazer as mudanças necessárias em seus países.

Por "líderes", queremos dizer líderes governamentais, líderes empresariais, líderes educacionais, líderes de organizações não governamentais (ONG), instituições de caridade

líderes de organizações e, certamente, líderes de igrejas, especialmente pastores (porque sua pregação e ensino podem, eventualmente, mudar uma cultura). Também esperamos que alguns que lerem este livro sejam inspirados a buscar se

[10] Corbett e Fikkert, When Helping Hurts, 126.

tornar líderes em suas nações para que possam começar a implementar as mudanças que delineamos.

No entanto, também esperamos que os cristãos em nações mais prósperas leiam este livro, porque muitos deles podem ter influência sobre as nações pobres por meio de organizações missionárias, viagens missionárias, amizades, organizações de desenvolvimento e redes denominacionais. Esperamos que alguns leitores em nações ricas possam até ser movidos a devotar suas vidas a ajudar as nações pobres a escapar da pobreza das maneiras que delineamos aqui. (Veja também algumas sugestões práticas no final do capítulo 5, 184-86.)

Se você está lendo este livro e não se considera um cristão, ou não pensa na Bíblia cristã como a Palavra de Deus, ainda assim o convidamos a refletir sobre o que dizemos aqui. Muitos de nossos fatos e argumentos foram tirados da história econômica, não da Bíblia. Ao ler as partes baseadas na Bíblia, nós o convidamos a pelo menos pensar nos ensinamentos da Bíblia como idéias que vêm de um valioso livro de sabedoria antiga e considerar se as idéias parecem certas ou não.

Nosso livro também tem alguma aplicação para nações mais ricas hoje. A história mostra que muitas nações ricas não conseguiram permanecer prósperas (pense nos reinos outrora ricos do Egito, Babilônia, Pérsia, Grécia, Espanha e Império Otomano). Esperamos que os leitores de nações ricas vejam as aplicações deste livro em seus próprios países, especialmente aqueles que correm o risco de abandonar as políticas e valores que os tornaram economicamente prósperos em primeiro lugar.

Para qualquer pessoa que ocupe um cargo de liderança em um país pobre, a mensagem do nosso livro é esta: existe uma solução para a pobreza que realmente funciona. Isso foi provado repetidamente na história mundial. E é apoiado pelos ensinos morais da Bíblia. Se essa solução for colocada em prática, estamos confiantes de que tirará nações inteiras da pobreza (não apenas alguns indivíduos). Estamos pedindo que você considere esta solução para sua própria nação.

Neste ponto, alguém pode objetar que o renomado economista do desenvolvimento Paul Collier demonstrou que um bilhão das pessoas mais pobres do mundo vivem em 58 países menores que estão essencialmente presos em quatro "armadilhas" diferentes que tornam muito mais difícil para eles escapar. da pobreza do que quatro bilhões de outras pessoas nas economias em desenvolvimento. Essas armadilhas são: (1) a armadilha do conflito, (2) a armadilha dos recursos naturais, (3) a armadilha de ficar sem litoral com maus

vizinhos, e

(4) a armadilha da má governança em um país pequeno.[11]

Achamos o livro de Collier notavelmente bem informado e perspicaz. Reconhecemos que os fatores apontados por ele dificultam a tarefa de superar a pobreza nessas nações. Mas mesmo Collier está esperançoso quanto à possibilidade de progresso, pois ele escreveu seu livro para explicar alguns passos que as nações ricas podem tomar para ajudar os países onde vive o "bilhão mais baixo". Acreditamos que, embora a tarefa seja difícil, os passos que propomos neste livro acabarão por trazer até mesmo essas nações mais pobres da pobreza para mais e mais prosperidade

F. Escrito para alunos

Esperamos que muitos estudantes universitários, especialmente aqueles que são cristãos, considerem este texto útil ao buscarem determinar suas próprias convicções sobre métodos apropriados de lidar com a pobreza mundial. Ambos passamos muitos anos ensinando em sala de aula em nível universitário e esperamos que este livro seja útil como um texto designado em aulas de faculdade e seminário, lidando com o cuidado dos pobres e uma abordagem cristã das questões econômicas.

G. Por que os economistas não concordam com uma solução para a pobreza?

Alguém pode levantar uma objeção neste ponto: "Se existe uma solução tão clara para a pobreza, por que nem todos os economistas concordam sobre ela e escrevem livros explicando qual é a solução?" Em resposta, citaríamos vários pontos:

(1) *Alguns concordam.* Vários economistas respeitados escreveram livros que concordam em grande medida com as soluções que propomos neste livro. Por exemplo, muito do que escrevemos aqui deve-se ao trabalho de David S. Landes, The Wealth and Poverty of Nations: Why Some are to rich and other Poor.[12] Landes é professor emérito da Universidade de Harvard e um dos historiadores econômicos mais respeitados do mundo.

Os leitores podem notar, especialmente nos capítulos 7 a 9, que citamos o

[11]Veja Collier, The Bottom Billion, 17-75.

[12]David S. Landes, A Riqueza e Pobreza das Nações: Por que Alguns São Tão Ricos e Alguns Tão Pobres (Nova York: WW Norton, 1999).

livro de Landes mais do que qualquer outra fonte. Fazemos isso porque seu estudo massivo (658 páginas, incluindo 126 páginas de documentação em letras pequenas) é uma fonte incomparável de informações históricas sobre o desenvolvimento econômico de todas as nações (ou regiões) do mundo nos últimos quinhentos anos. A primeira frase de seu livro diz: "Meu objetivo ao escrever este livro é fazer história mundial".[13]E a história do mundo, em grande escala, é o que ele faz. John Kenneth Galbraith disse que este livro "estabelecerá David Landes como proeminente em seu campo e em seu tempo". Kenneth Arrow, ganhador do Prêmio Nobel, diz que o livro é "uma imagem de enorme abrangência e visão brilhante. . . [com] uma incrível riqueza de aprendizado. "[14]

Além disso, concordamos com vários outros economistas e historiadores do desenvolvimento em seções-chave de nosso livro, especialmente no que diz respeito às políticas econômicas e jurídicas necessárias para superar a pobreza. Por exemplo, citamos com aprovação várias seções-chave dos escritos de Hernando de Soto; William Easterly; Paul Collier; PT Bauer; Lawrence Harrison; Niall Ferguson (um historiador); Daron Acemoglu e James A. Robinson (embora também discordemos deles sobre a importância da cultura; veja abaixo); e William Baumol, Robert Litan e Carl Schramm.[15]

É claro que muitos economistas não defendem a solução que propomos neste livro. Eles propõem apenas soluções parciais ou mesmo soluções incorretas por causa de suas suposições subjacentes.

(2) *Doadores profissionais.*Por exemplo, alguns economistas são "doadores

[13] Ibid., Xi.

[14] Citado em ibid., I.

[15]Hernando de Soto, The Mystery of Capital: Why Capitalism Triumphs in the West and Fails Everywhere Else (Nova York: Basic Books, 2000); William R. Easterly, The Elusive Quest for Growth: Economists 'Adventures and Misadventures in the Tropics (Cambridge, MA: The MIT Press, 2001); O fardo do homem branco: por que os esforços do Ocidente para ajudar o resto fizeram tanto mal e tão pouco bem (Nova York: Penguin, 2006); Paul Collier, The Bottom Billion: Por que os países mais pobres estão falhando e o que pode ser feito sobre isso (Oxford: Oxford University Press, 2007); P. T Bauer, Equality, the Third World, and Economic Delusion (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1981); Lawrence Harrison, The Central Liberal Truth (Nova York: Oxford University Press, 2006); Niall Ferguson, Civilization: The West and the Rest (Nova York: Penguin, 2011); Daron Acemoglu e James A. Robinson, Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity, and Poverty (Nova York: Crown Publishers, 2012); William Baumol, Robert Litan e Carl Schramm, Good Capitalism, Bad Capitalism and the Economics of Growth and Prosperity (New Haven: Yale University Press, 2007). Ver também Milton Friedman, Capitalism and Freedom: A Leading Economist's View on the Proper Role of Competitive Capitalism (Chicago: University of Chicago Press, 1962); William J. Bernstein, The Birth of Plenty: How the Prosperity of the Modern World Was Created (New York: McGraw-Hill, 2004). Yale University Press, 2007). Ver também Milton Friedman, Capitalism and Freedom: A Leading Economist's View on the Proper Role of Competitive Capitalism (Chicago: University of Chicago Press, 1962); William J. Bernstein, The Birth of Plenty: How the Prosperity of the Modern World Was Created (New York: McGraw-Hill, 2004). Yale University Press, 2007). Ver também Milton Friedman, Capitalism and Freedom: A Leading Economist's View on the Proper Role of Competitive Capitalism (Chicago: University of Chicago Press, 1962); William J. Bernstein, The Birth of Plenty: How the Prosperity of the Modern World Was Created (New York: McGraw-Hill, 2004).

profissionais". Eles gastam muito do seu tempo doando dinheiro de outras pessoas, e sua solução primária para a pobreza mundial é doar mais dinheiro (embora eles admitam que doar dinheiro não resolveu o problema até agora). O representante mais proeminente dessa abordagem é Jeffrey Sachs em seu livro The End of Poverty.[16]

(3) *Economistas puros.*Outros são "economistas puros" (pelo menos em suas soluções). Eles não tratam de valores culturais, morais ou espirituais em qualquer extensão, presumivelmente porque pensam que esses tópicos estão fora do campo de estudo legítimo para economistas. Um exemplo dessa abordagem é o de Dambisa Moyo em seu livro Dead Aid: Por que a ajuda não está funcionando e como há um caminho melhor para a África.[17] Moyo oferece uma análise perspicaz dos danos causados pela ajuda externa à África, mas sua solução é simplesmente parar a ajuda externa, assumindo que depois que a ajuda for interrompida, "boa governança. . . surgirá naturalmente. "[18] Ela menciona os valores culturais de passagem, mas os minimiza.

(4) *Equalizadores culturais.*Outros economistas são "equalizadores culturais". Eles estão convencidos de que é enganoso ou mesmo errado dizer que uma cultura é "melhor" do que qualquer outra, até mesmo "melhor" na produção de crescimento econômico. Portanto, deve haver algum outro motivo, ou talvez seja um acidente, que alguns países se tornaram ricos e outros permanecem pobres. Não devemos tentar explicar a disparidade dizendo que os hábitos e valores culturais de um país são melhores do que os de outro.

Por exemplo, mais de uma dúzia de acadêmicos, cada um com excelentes credenciais e publicações sobre desenvolvimento econômico e ajuda externa, contribuíram para o Making Aid Work, um simpósio de 2007 sobre ajuda externa. Quase não havia uma palavra em todo o livro sobre a necessidade de transformação cultural dentro dos países.[19]

(5) *Fatalistas.*Ainda outra abordagem foi adotada por aqueles que podemos chamar de "fatalistas". Eles afirmam que a prosperidade econômica surgiu simplesmente porque algumas nações tiveram a sorte de fatores geográficos

---

[16] Jeffrey Sachs, The End of Poverty (Nova York: Penguin, 2005).
[17] Dambisa Moyo, Dead Aid: Por que a ajuda não está funcionando e como há um caminho melhor para a África (Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2009).
[18] Ibid., 143.
[19] Abhijit Vinayak Banerjee et al., Making Aid Work (Cambridge, MA: The MIT Press, 2007). Acemoglu e Robinson também argumentam que os fatores culturais têm pouco valor para explicar as diferenças econômicas entre as nações; discutimos sua opinião em 309-15.

favoráveis, como clima moderado, recursos naturais abundantes e animais úteis, desde o início, então era inevitável que eles ficassem ricos enquanto outros permaneceriam pobre. O principal exemplo dessa abordagem é Jared Diamond em seu livro Guns, Germs and Steel: The Fates of Human Societies.[20] De acordo com Diamond, a geografia é mais importante do que tudo o mais, e sua análise não dá espaço para o impacto das diferentes escolhas humanas, valores culturais e valores morais e espirituais.

(6) *Socialistas e outros "planejadores".* Ainda outros economistas são "socialistas", de variedades mais fortes ou mais fracas. Em sua opinião, a solução para a pobreza é mais planejamento - "especialistas" governamentais sábios devem planejar e dirigir quase tudo em uma economia. Se for apontado que o controle governamental de fábricas e empresas não funcionou bem no passado, a resposta é que os especialistas governamentais errados estavam no comando. Simplesmente precisamos de especialistas diferentes, melhores, dizem eles. Na verdade, se questionados, eles podem até sugerir humildemente que eles próprios podem estar disponíveis para servir como esses novos especialistas - em uma capacidade limitada, é claro - pelo menos inicialmente. Easterly se refere a esses economistas como "planejadores" e diz que eles geralmente fazem mais mal do que bem.[21]

Com esses seis pontos de vista em mente, considere a situação difícil dos líderes nas nações pobres. Eles têm pelo menos seis opiniões radicalmente diferentes, todas vindas de "especialistas" econômicos. Com todos esses "especialistas" dizendo às nações pobres como resolver seus problemas, não é de se admirar que os líderes de seus governos tenham dificuldade em saber em quem devem confiar. Os doadores profissionais estão certos? Os economistas puros? Os fatalistas? Os socialistas? As mensagens são contraditórias e confusas.

Abhijit Banerjee, professor de economia do Instituto de Tecnologia de Massachusetts e diretor do Laboratório de Ação contra a Pobreza Abdul Latif Jameel, resume a atual confusão nos estudos acadêmicos sobre ajuda e desenvolvimento econômico:

> Em vez de um punhado de leis simples e claras que nos dizem o que fazer e o que esperar, temos uma centena de tendências e possibilidades concorrentes, de

[20] Jared Diamond, Guns, Germs, and Steel: The Fates of Human Societies (Nova York: WW Norton, 1999).
[21] Veja Easterly, The White Man's Burden, esp. 3-33 ("Planejadores versus Pesquisadores") e 37-162 ("Parte I: Por que os planejadores não podem trazer prosperidade".

> força incerta e, muitas vezes, direção, com pouca orientação sobre como adicioná-las pra cima. Podemos explicar cada fato muitas vezes, com o resultado de que resta muito pouco em que possamos acreditar fortemente e agir de acordo.[22]

Robert H. Bates, professor de governo em Harvard, concorda: "Na verdade, não existe teoria do desenvolvimento que seja logicamente convincente e comprovadamente válida. Um bom indicador dessa deficiência é a própria abundância de teorias. . . . O campo do desenvolvimento responde menos às evidências do que à moda política. "[23]

É por isso que pensamos que este livro pode desempenhar um papel único. Combina análise econômica com ensinamentos bíblicos. Uma vez que somos capazes de deixar de lado suposições limitadoras e olhar honestamente para os resultados (perguntando: "O que funcionou no passado?"), Parece-nos que a análise econômica aponta claramente na direção que propomos.

Do lado bíblico, argumentamos neste livro que os ensinamentos morais e econômicos da Bíblia podem dar confiança aos líderes de nações pobres de que nossas soluções são apoiadas pelos próprios ensinamentos que o próprio Deus deu à raça humana. Isso fornece um forte motivo para os líderes, especialmente os líderes cristãos, seguirem esses princípios em vez de outros que foram propostos.

H. Por que devemos ajudar os pobres?

Mais especificamente para os propósitos deste livro, por que os cristãos deveriam querer ajudar os pobres? A Bíblia nos dá dois tipos de motivos.

Primeiro, existem os comandos gerais das Escrituras. Jesus diz: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22:39). Se amamos alguém que é pobre, vamos querer ajudar essa pessoa pobre.

Jesus também disse: "Deixe a vossa luz brilhar diante dos outros, para que vejam as vossas boas obras e dêem glória a vosso Pai que está nos céus" (Mateus 5:16). Se quisermos deixar a "luz" de nossa conduta brilhar diante de outros, certamente devemos ajudar os necessitados. De fato, o apóstolo Paulo diz que Deus nos chamou para viver uma vida caracterizada pelas "boas obras": "Porque nós somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, que Deus preparou de antemão, para que nelas andássemos "(Efésios 2:10). Certamente,

---

[22] Banerjee, escrevendo em Making Aid Work, 136-37.
[23] Robert H. Bates, escrevendo em ibid., 68.

uma das boas obras que Deus deseja que façamos é ajudar os necessitados.

Em segundo lugar, devemos querer ajudar os pobres porque existem vários mandamentos específicos nas Escrituras que nos dizem para fazer isso.[24] Aqui estão alguns deles:

> Se entre vós um dos vossos irmãos empobrecer em alguma das cidades da vossa terra que o Senhor vosso Deus vos dá, não endurecerás o coração nem fecharás a mão contra o teu irmão pobre, mas abrirás a mão a ele e emprestar-lhe o suficiente para suas necessidades, sejam elas quais forem. (Deut. 15: 7-8)

> Pois nunca deixará de ser pobre na terra. Portanto, eu te ordeno: "Abrirás bem a tua mão a teu irmão, aos necessitados e aos pobres, na tua terra". (Deuteronômio 15:11)

> Bem-aventurado aquele que considera os pobres! No dia da angústia, o Senhor o livra. (Salmos 41: 1)

> Quem oprime um pobre insulta seu Criador, mas quem é generoso com os necessitados o honra. (Prov. 14:31)

> Eles apenas nos pediram para lembrar dos pobres, exatamente o que eu estava ansioso para fazer. (Gal. 2:10)

> Mas se alguém tem os bens do mundo e vê seu irmão passando necessidade, mas fecha seu coração contra ele, como o amor de Deus permanece nele? (1 João 3:17)

Em termos do foco deste livro, percebemos que as leis governamentais e os interesses especiais arraigados em uma nação podem ser forças "estruturais" que tornam impossível para indivíduos saírem da pobreza. As leis e as poderosas elites de um país podem manter todo o poder e toda a riqueza para si. De alguma forma, esses grupos poderosos devem ser persuadidos a abrir mão de parte de seu poder e privilégios e de seu controle rígido sobre a riqueza da nação.

Nesses casos, parece-nos que as palavras de Deus por meio de Isaías são

[24] Uma discussão muito útil dos ensinamentos bíblicos sobre a necessidade de cuidar dos pobres é encontrada em Corbett e Fikkert, When Helping Hurts, 31-49. Ver também Craig Blomberg, Neither Poverty Nor Riches (Grand Rapids: Eerdmans, 1999).

apropriadas:

> "Não é este o jejum que escolhi:
> para soltar os laços da maldade,
> para desfazer as correias do jugo,
> para deixar os oprimidos irem em liberdade,
> e quebrar todo jugo? " (Isa. 58: 6)

Nossa esperança é que este livro forneça aos pobres em muitas nações um meio pelo qual os "laços da iniquidade" e o "jugo" da opressão sejam quebrados, e assim o próprio Senhor será glorificado. Se a Bíblia nos ordena que amemos e cuidemos das pessoas pobres que cruzam nossos caminhos, nosso amor pelos outros não deveria nos levar a estar ainda mais ansiosos para tentar mudar as leis e políticas em uma nação inteira quando temos a oportunidade, e assim ajudar muitos milhares e até milhões de pessoas pobres de uma vez?

Terceiro, o amor pelos pobres como seres humanos criados à imagem de Deus deve derramar de nossos corações quando percebemos a trágica situação enfrentada por muitos que vivem na pobreza. Corbett e Fikkert apontam que, embora os norte-americanos tendam a pensar na pobreza em termos de "falta de bens materiais como comida, dinheiro, água potável, remédios, moradia, etc.", não é assim que os próprios pobres avaliam seus situação:

> Embora as pessoas pobres mencionem a falta de bens materiais, elas tendem a descrever sua condição em termos muito mais psicológicos e sociais do que nosso público norte-americano. As pessoas pobres geralmente falam em termos de vergonha, inferioridade, impotência, humilhação, medo, desesperança, depressão, isolamento social e falta de voz.[25]

> Pessoas de baixa renda enfrentam diariamente uma luta para sobreviver que cria sentimentos de impotência, ansiedade, sufocação e desespero que são simplesmente incomparáveis na vida do resto da humanidade.[26]

Quando entendemos esses aspectos da pobreza, incluindo uma "falta de liberdade para poder fazer escolhas significativas - ter a capacidade de afetar a

[25] Corbett e Fikkert, When Helping Hurts, 52-53.
[26] Ibid., 70.

própria situação",[27] nosso coração deve estar genuinamente comovido para tentar buscar uma solução para esses problemas.

I. A responsabilidade dos líderes

Os líderes das nações pobres têm uma responsabilidade especial e uma oportunidade especial a esse respeito. Às vezes, um líder corajoso, com a ajuda de Deus, pode mudar a direção de uma nação inteira.

Moisés conduziu a nação de Israel para fora da escravidão no Egito (Êxodo 12-15). A corajosa intervenção da rainha Ester antes do rei Assuero salvou o povo de Israel da destruição (Ester 5-9). Da mesma forma, em pontos-chave da história dos Estados Unidos, líderes como George Washington e Abraham Lincoln preservaram a nação. Muitas outras nações têm memórias de heróis semelhantes a quem eles homenageiam por fazerem um grande bem para seus países, geralmente com grande sacrifício pessoal.

Se você tem um papel de liderança em qualquer nação da terra, a Bíblia é muito clara sobre o propósito pelo qual Deus o colocou nesta posição: fazer o bem para sua nação. Paulo diz o seguinte sobre qualquer pessoa que serve como oficial governante no governo romano: "Ele é servo de Deus para o vosso bem" (Rom. 13: 4). Em outras palavras, até mesmo um funcionário do governo secular e descrente no Império Romano fora nomeado para fazer "o bem" ao povo da nação. A Bíblia até o chama de "servo de Deus" para esse propósito. É por isso que Deus o colocou em sua posição de responsabilidade. Não era para você se enriquecer. Não era para você se tornar famoso. Não era para que você pudesse obter privilégios extras para sua família e amigos. Era para que você pudesse fazer o "bem" para o povo de sua nação. Essa é sua responsabilidade,

A Bíblia também diz que Deus está observando o que você faz e irá responsabilizá-lo: "Os olhos do Senhor estão em todo lugar, vigiando o mal e o bem" (Pv 15: 3).

É uma responsabilidade especial dos líderes governamentais cuidar dos pobres:

> Se um rei julgar fielmente os pobres, seu trono será estabelecido para sempre. (Prov. 29:14)

> Portanto, ó rei, deixe meu conselho ser aceitável a você: interrompa seus pecados

[27] Ibid., 71, citando o economista Amartya Sen.

> praticando a justiça, e suas iniqüidades, mostrando misericórdia para com os oprimidos, para que talvez haja um prolongamento de sua prosperidade. (Dan. 4:27)

É crucial que os líderes governamentais tenham uma compreensão precisa e verdadeira das causas da pobreza e da prosperidade. Na economia, bem como em todas as outras áreas do governo, "Se um governante dá ouvidos à mentira, todos os seus oficiais serão iníquos" (Provérbios 29:12).

Se você tem responsabilidade de liderança em uma nação pobre (ou desenvolvida), você também tem uma tremenda oportunidade. Você tem potencial para fazer um grande bem por sua nação. Ao fazer isso, é possível que você seja homenageado na história como um dos heróis que serviu bem sua nação e mudou sua história para melhor.[28]

Se você não é um crente cristão, devemos enfatizar que fazer o bem para sua nação não irá lhe render a salvação eterna (que vem apenas como um presente para aqueles que confiam em Jesus Cristo para o perdão de seus pecados; ver Rm 3:23 ; 6:23; João 1:12; 3:16). Portanto, instamos você agora a colocar sua confiança em Cristo e também a continuar a fazer o bem.[29]

Se você é um crente genuíno em Jesus Cristo, e se trabalha para resolver o problema da pobreza em sua nação, mesmo que não receba imediatamente o louvor de seu povo, terá a alegria muito maior de saber que o fez "O que é agradável ao Senhor" (Ef 5:10). Ele o recompensará da maneira que achar melhor, tanto nesta vida (até certo ponto) quanto na vida por vir (com grande abundância). Você estará acumulando "tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem destrói, e onde os ladrões não arrombam nem roubam" (Mateus 6:20). Você terá a alegria de conhecer o favor de Deus em sua vida porque está fazendo coisas que agradam a ele.

Esse é o desafio que colocamos diante de você neste livro.

J. A prosperidade material é uma questão secundária

Finalmente, devemos deixar claro desde o início que estamos escrevendo este livro como cristãos evangélicos comprometidos, e um ponto de vista baseado na Bíblia afeta toda a nossa abordagem da questão da pobreza. A Bíblia dá avisos

---

[28] Collier, The Bottom Billion, tem avaliações sérias, mas realistas, dos desafios enfrentados por bons líderes que buscam transformar nações pobres onde a corrupção é generalizada: veja especialmente os capítulos 5, 6, 8 e 11.
[29] Para uma explicação adicional de um de nós sobre o que significa confiar em Cristo, veja o vídeo de Wayne Grudem, "What Is Salvation?" nohttp://scottsdalebible.com/sermons/the-turning-point.

frequentes de que o relacionamento de uma pessoa com Deus é muito mais importante do que a prosperidade material, e que a busca por riquezas materiais pode, de fato, muito facilmente ocupar o primeiro lugar na vida, em vez de um relacionamento com Deus.

Jesus foi muito direto: “Nenhum servo pode servir a dois senhores, porque ou odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Você não pode servir a Deus e ao dinheiro ”(Lucas 16:13). Ele também disse: "O que aproveita um homem se ele ganhar o mundo inteiro e se perder ou se perder?" (Lucas 9:25). E ele contou uma parábola sobre um homem rico que decidiu construir celeiros maiores para todas as suas riquezas, mas Deus disse a ele: “Tolo! Esta noite, sua alma é exigida de você, e as coisas que você preparou, de quem serão? " Então Jesus acrescentou: “Assim é aquele que junta tesouros para si e não é rico para com Deus” (Lucas 12: 20-21). Ele também disse neste contexto: “A vida de uma pessoa não consiste na abundância dos seus bens” (Lucas 12:15).

Os escritores cristãos Corbett e Fikkert alertam sabiamente que a atitude errada em relação aos bens materiais pode facilmente afetar os cristãos ocidentais e prejudicar nossos esforços para ajudar os pobres se não incluirmos um componente espiritual no ministério que fazemos. Eles apontam que os cristãos economicamente ricos no Ocidente muitas vezes têm uma "pobreza de ser", um "complexo de deus" e uma meramente "definição material de pobreza" que pode fazer com que eles causem mais mal do que bem ao tentar ajudar o pobre.[30]

Corbett e Fikkert também alertam que, para ajudarmos os pobres de maneira mais eficaz, tanto nós quanto eles precisamos de uma visão de mundo adequada e relacionamentos corretos com Deus, conosco, com os outros e com o resto da criação.[31] Eles dizem: “Temos a tendência de colocar nossa confiança em nós mesmos e na tecnologia para melhorar nossas vidas, esquecendo que é Deus o Criador e Sustentador de nós e das leis que fazem a tecnologia funcionar”.[32]

É por isso que a Bíblia dá um aviso de que aqueles que obtêm alguma medida de prosperidade financeira nesta vida não devem colocar seus corações e esperanças em sua riqueza, mas em Deus:

Quanto aos ricos da época atual, não lhes diga que sejam orgulhosos, nem que

[30] Corbett e Fikkert, When Helping Hurts, 65-67.
[31] Ibid., 84-89, discute essas relações em detalhes.
[32] Ibid., 95.

> ponham suas esperanças na incerteza das riquezas, mas em Deus, que ricamente nos dá tudo para desfrutarmos. Devem fazer o bem, ser ricos de boas obras, generosos e dispostos a partilhar, acumulando assim para si próprios tesouros como um bom fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem daquilo que é a verdadeira vida. (1 Tim. 6: 17-19)

Ao iniciarmos este livro, essa é nossa esperança para as nações do mundo. Esperamos que todas as nações adotem os princípios deste livro e comecem a experimentar um crescimento significativo na prosperidade material. Mas também esperamos que essa prosperidade material não aconteça às custas da perda dos relacionamentos interpessoais, da perda do amor pela família e da alienação de Deus. Certamente não queremos encorajar uma sociedade que adora e serve ao dinheiro, e então é destruída por essa ganância e idolatria.[33]Esperamos, em vez disso, que todas as nações do mundo, enquanto buscam o crescimento na prosperidade econômica, continuem a valorizar os relacionamentos com a família e amigos mais do que valorizam a riqueza, e que sejam nações que, em geral, realmente adoram e servem Deus, não dinheiro. "Não se pode servir a Deus e ao dinheiro" (Lucas 16:13).

[33] Paul Mills atribui alta prioridade à influência da política econômica nos relacionamentos: "O objetivo final da política econômica deve ser enriquecer a qualidade dos relacionamentos dentro de uma sociedade" (Jubilee Manifesto, ed. Michael Schluter e John Ashcroft [Leicester, Reino Unido : Inter-Varsity, 2005], 217).

O OBJETIVO

Produza mais bens e serviços

Para resolver o problema da pobreza em uma nação pobre, é importante ter o objetivo correto em mente. Para descobrir esse objetivo, devemos primeiro entender dois conceitos econômicos que determinam se um país é rico ou pobre: renda per capita e produto interno bruto.[34] Uma vez compreendidos esses conceitos, torna-se evidente que, se queremos resolver a pobreza, o objetivo correto é que uma nação produza continuamente mais bens e serviços por pessoa a cada ano.

A. O que torna um país rico ou pobre?

1. A medida padrão de riqueza e pobreza: renda per capita

A medida padrão para saber se um país é rico ou pobre (em termos econômicos) é chamada de "renda per capita" ("per capita" significa "por pessoa"). A renda per capita é calculada pela divisão do mercado total

[34]Estamos falando apenas de riqueza econômica e pobreza aqui. Conforme declaramos no final da Introdução, reconhecemos que a riqueza relacional e espiritual são mais valiosas do que a prosperidade econômica. E há outros tipos de riqueza, como riqueza moral, riqueza de sabedoria e riqueza cultural e artística, que não são o foco deste livro. Acreditamos que o relacionamento de uma pessoa com Deus tem prioridade sobre tudo o mais: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento" (Mt 22:37).

Ainda assim, nosso bem-estar material é importante para nós e também para Deus, e entendemos que o crescimento na prosperidade material é a melhor e, de fato, a única solução real para a pobreza mundial. Nosso livro inteiro, portanto, visa ajudar as nações a aumentar sua riqueza econômica como um meio de obediência a Deus.

valor de tudo o que é produzido em uma nação em um ano, pelo número de pessoas na nação.

Se classificarmos os países pela renda per capita, teremos uma ideia das diferenças nas condições econômicas entre os países ricos e pobres.

Por exemplo, algumas nações de "baixa renda" em 2012 foram a República Democrática do Congo (renda per capita de US $ 400, que é cerca de US $ 1 por dia por pessoa), Somália (US $ 600), Etiópia (US $ 1.200), Haiti (US $ 1.300), Uganda ($ 1.400), Nigéria ($ 2.700) e Paquistão ($ 2.900).[35]Esses são valores de renda média, que incluíram um pequeno número de pessoas de alta renda em cada país (cujos números de renda puxaram as "médias" para cima). Isso significa que mais da metade das pessoas nesses países estavam abaixo desses níveis médios de renda.

Os países de "renda média baixa" incluem Gana ($ 3.300), Índia ($ 3.900), Honduras ($ 4.600), Guatemala ($ 5.200), Ucrânia ($ 7.600) e El Salvador ($ 7.700). O próximo grupo, nações de "renda média alta", incluiu Albânia ($ 8.000), China ($ 9.100), Jamaica ($ 9.100), Peru ($ 10.700), Colômbia ($ 10.700), Brasil ($ 12.000), México ($ 15.300), Chile ($ 18.400) e Hungria ($ 19.800).

Finalmente, na categoria de "alta renda" estavam nações como Polônia ($ 21.000), Israel ($ 32.200), Coreia do Sul ($ 32.400), Japão ($ 36.200), Reino Unido ($ 36.700), Alemanha ($ 39.100), Canadá ($ 41.500) , Suécia ($ 41.700), Suíça ($ 45.300), Estados Unidos ($ 49.800) e Noruega ($ 55.300). (O mapa-múndi na capa deste livro usa um código de cores para indicar a renda per capita de cada país.)

A renda per capita não nos diz tudo o que precisamos saber sobre uma nação. Por exemplo, não mede coisas importantes que não são vendidas no mercado, como tempo de lazer, religião ou famílias fortes. Mas a renda per capita é a melhor medida numérica para saber se um país é rico ou pobre do ponto de vista econômico.

A renda per capita também não nos diz sobre a distribuição da renda - se um grande número de pessoas compartilha da riqueza da nação ou se ela está concentrada nas mãos de alguns poucos ricos. Aumentar a renda per capita não é uma solução adequada se apenas algumas pessoas ricas se beneficiam. Portanto, no material a seguir, discutimos vários passos que os países devem dar para evitar

[35]Esses números são baseados na paridade do poder de compra (PPC), e não nas taxas de câmbio oficiais. Os dados para países específicos foram retirados do CIA World Factbook, acessado em 7 de março de 2013,https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2004rank.html.

que uma pequena e rica elite controle toda a riqueza e o poder de uma nação, como acontece com muita frequência nos países pobres hoje. Recomendamos várias políticas e valores que permitem que um mercado genuinamente livre funcione e, assim, abram oportunidades permanentes para que qualquer pessoa pobre saia da pobreza e alcance uma renda adequada ou até mesmo a prosperidade (ver capítulo 4, seção D; capítulo 5, seções B, F e G; capítulo 6, seções B e C; todos os capítulos 7 e 8;

Mas aumentar a renda per capita é muito importante, pois enquanto permanecer baixa, o país continuará pobre. E uma renda per capita mais alta está fortemente correlacionada a alguns fatores inegavelmente importantes, como maior expectativa de vida, menor incidência de doenças, maior alfabetização e um ambiente mais saudável (por exemplo, ar e água limpos e saneamento eficaz).[36]

Se um país deseja subir na escala de "baixa renda" para "renda média" e "alta renda", o que deve fazer? Deve aumentar a quantidade total de bens e serviços que produz, o que significa que haverá mais para circular. Lembre-se de que a renda per capita é calculada dividindo-se o valor total de mercado de tudo o que é produzido em uma nação em um ano pelo número de pessoas na nação.

Para entender o que é necessário com mais detalhes, é necessário entender o conceito de produto interno bruto (PIB).

2. A medida padrão do que um país produz: produto interno bruto (PIB)

A medida econômica padrão do que a economia de uma nação produz é chamada de produto interno bruto (PIB). É "o valor de mercado de todos os bens e serviços finais produzidos dentro de um país em um determinado período de tempo".[37] O período de tempo normalmente usado é de um ano.

Esta definição inclui "bens e serviços". "Bens" incluem todos os sapatos, roupas, vegetais, bicicletas, livros, jornais, carros e todas as outras coisas materiais que são produzidas e depois vendidas no mercado. "Serviços" incluem coisas como aulas ministradas por professores, exames dados por médicos ou o trabalho de faxineiras remuneradas.

"Valor de mercado" significa que os bens e serviços contabilizados no PIB são vendidos legalmente nos mercados. Um pão assado e comido em casa não é

[36]Veja, por exemplo, a forte correlação entre renda per capita e expectativa de vida em Stephen Moore, Who's the Fairest of Them All? (Nova York: Encounter Books, 2012), no gráfico de 57.
[37] N. Gregory Mankiw, Principles of Economics (Orlando, FL: Dryden Press, 1998), 480.

contabilizado no PIB porque não é vendido no mercado. Mas os pães cozidos em uma casa e depois vendidos em público são contados, porque foram vendidos no mercado e um valor monetário pode ser atribuído a eles.

*O tamanho do PIB de uma nação é o principal fator que determina sua riqueza ou pobreza.*Isso ocorre porque a renda per capita é calculada dividindo-se o PIB pelo total da população. Se a população não muda muito de ano para ano, mas o PIB cresce, a renda per capita aumenta.[38]

Por exemplo, em 2011, Honduras teve um PIB de $ 36.100.000.000 (cerca de $ 36 bilhões)[39]com uma população de pouco mais de 8 milhões de pessoas. Se dividirmos $ 36 bilhões por 8 milhões, temos uma renda per capita (em números redondos) de cerca de $ 4.500.

Mas se Honduras pudesse de alguma forma dobrar seu PIB de $ 36 bilhões para $ 72 bilhões e ainda ter uma população de 8 milhões, sua renda per capita dobraria para cerca de $ 9.000 por pessoa ($ 72 bilhões divididos por 8 milhões de pessoas). A pessoa "média" em Honduras seria duas vezes mais rica do que antes. O aumento do PIB de uma nação é o que a move no caminho da pobreza para uma maior prosperidade.

3. O que aumentará o PIB de um país?

A questão mais importante, então, é esta: o que aumentará o PIB de um país?

A resposta é complexa, envolvendo até setenta e oito fatores, todos contribuindo para ou dificultando o crescimento do PIB. Responder a essa pergunta em detalhes é o objetivo do restante deste livro.

Mas podemos dizer resumidamente aqui que o PIB aumenta quando uma nação cria continuamente mais bens e serviços que têm valor suficiente para serem vendidos no mercado. Portanto, o foco dos esforços para superar a pobreza deve ser o aumento da produção de bens e serviços.

A meta correta para uma nação pobre, então, é se tornar uma nação que produza continuamente mais bens e serviços a cada ano. Se uma nação deseja vencer a pobreza, deve estar disposta a examinar suas políticas oficiais, leis, estruturas econômicas e valores e tradições culturais para ver se promovem ou

[38] Mais especificamente, enquanto o PIB crescer mais rápido do que a população, a renda per capita aumentará.
[39]Nesta ilustração, continuamos a usar números baseados na paridade do poder de compra (PPC); veja a nota 2 acima. O outro método de medição do PIB, o PIB "nominal" com base nas taxas de câmbio oficiais, dá um PIB para Honduras de $ 15.340.000.000. Nosso exemplo funciona independentemente da base usada para o cálculo.

restringem o aumento dos bens e serviços que a nação produz.

B. Outros objetivos que foram sugeridos

Ao falar a vários públicos sobre a solução para a pobreza, ouvimos muitas pessoas proporem outras metas para eliminá-la. Cada um deles será discutido mais detalhadamente em um capítulo posterior, mas podemos mencioná-los brevemente aqui:

(1) *Mais ajuda.* Algumas pessoas argumentam que os países ricos precisam dar grandes quantias de dinheiro adicional de ajuda para impulsionar as economias das nações pobres. Infelizmente, a ajuda não tem se mostrado útil para aumentar o PIB no longo prazo (veja a discussão sobre ajuda no próximo capítulo). Focar na ajuda como solução é focar no objetivo errado. O objetivo deve ser aumentar o PIB de uma nação.

(2) *Distribuição mais igualitária da riqueza.* Outros dizem que a solução para a pobreza é usar o poder do governo para redistribuir a riqueza dos ricos para os pobres. Eles argumentam que uma maior igualdade econômica é uma questão de justiça simples que os governos devem fazer cumprir. Certamente concordamos com o objetivo de ajudar os pobres a compartilhar mais da riqueza de uma nação e, em várias seções dos capítulos seguintes, discutiremos como isso pode acontecer por meio de soluções justas, abertas e baseadas no mercado.[40] O objetivo de todo este livro é encontrar maneiras sustentáveis e verdadeiramente viáveis de superar a pobreza. No entanto, algumas nações tentaram trazer mais igualdade econômica de maneiras economicamente prejudiciais, não por meio da abertura de mercados livres, mas por meio do uso bruto do poder do governo. Tornar a igualdade uma meta mais importante do que o crescimento econômico geral é um erro para um governo, porque meramente distribuir a mesma quantidade de riqueza de maneiras diferentes não muda a quantidade total de riqueza que uma nação produz a cada ano, que é a única maneira que qualquer nação cresceu da pobreza para a prosperidade.

Liberdade econômica e igualdade econômica forçada pelo governo são objetivos opostos, e quando o governo força a igualdade econômica (por

---

[40] Veja, por exemplo, as seções abaixo sobre como tornar mais fácil para pessoas pobres obterem direitos de propriedade claramente documentados (141-54), sobre como superar a opressão quando algumas famílias ricas controlam toda a riqueza e poder (75-77, 297- 307), sobre a proteção de oportunidades genuínas e facilidade de entrada em mercados livres (263-77), sobre a importância da educação e alfabetização generalizadas (253-56, 291-92) e muitas outras seções.

exemplo, por meio de pesados impostos sobre os ricos), isso pode diminuir os incentivos econômicos e prejudicar o PIB. Isso pode ser visto na história de cada nação governada pelo comunismo, seja a ex-União Soviética, Cuba, Coréia do Norte ou China antes de implementar muitas reformas de livre mercado. Milton Friedman disse com razão: "Uma sociedade que coloca a igualdade antes da liberdade não terá nada. Uma sociedade que coloca a liberdade antes da igualdade obterá um alto grau de ambas. "8 Uma nação deve produzir riqueza antes de poder distribuí-la ou desfrutá-la. O objetivo deve ser aumentar o PIB de uma nação.

(3) *Recursos naturais.*Alguns acreditam que as nações pobres precisam descobrir novos recursos naturais, talvez petróleo, metais preciosos ou terras raras. Essa solução tem algum mérito, pois quando os minerais são "produzidos" do solo, seu valor aumenta diretamente o PIB. Mas esse é um foco muito estreito, tanto porque algumas nações têm poucos recursos (portanto, esta solução não os ajuda) e porque algumas nações com quase nenhum recurso natural (Japão, Cingapura) se tornaram muito ricas. Além disso, a prosperidade de longo prazo de uma nação não pode ser preservada apenas pela riqueza de recursos. Como veremos mais adiante, muitos economistas consideram os recursos naturais uma maldição disfarçada, criando renda imediata, mas prejudicando as condições para a construção de instituições que gerem crescimento de longo prazo. O objetivo deve ser aumentar o PIB de uma nação.

(4) *Perdão de dívidas.*Outros dizem que as nações ricas precisam perdoar as dívidas impossivelmente altas contraídas pelas nações pobres, porque os custos de pagar esses empréstimos são um fardo paralisante. Infelizmente, essa sugestão é semelhante à proposta de que mais ajuda seja concedida aos países pobres, porque simplesmente transforma um empréstimo em um presente, que é mais ajuda. O perdão da dívida é, na melhor das hipóteses, um meio para um fim, não o fim em si. Só ajuda se uma nação produzir mais bens e serviços no longo prazo. O objetivo deve ser aumentar o PIB de uma nação.

(5) *Melhores termos de troca.*Outros ainda defendem a negociação de preços mais favoráveis para o comércio internacional entre nações ricas e pobres. Isso aumentaria o valor das exportações de um país (as exportações totais são[41] [42]adicionado ao PIB, já que um país produziu essas coisas) e diminuir o custo de suas importações (as importações são subtraídas do PIB, uma vez que uma nação

[8] Milton Friedman, "Created Equal," Part Five in the Free to Choose Video Palestras, acessado em janeiro
42 2013, www.freetochoose.tv.

não produziu essas coisas, mas comprou do exterior). Portanto, se alguns vendedores ou compradores em uma nação podem negociar termos de comércio mais favoráveis ao lidar com muitos milhares de compradores e vendedores em um mercado mundial, concordamos que isso traria algum benefício.

Mas nenhuma nação pobre tem probabilidade de, por conta própria, exercer muito efeito sobre os preços mundiais de seus produtos (como explicamos abaixo, 92-99).[43] [44] Focar a esperança e o esforço em algo que provavelmente não pode mudar não é uma estratégia sábia. O objetivo deve ser enfocar em algo que uma nação pode certamente mudar: produzir mais bens e serviços e, assim, aumentar seu PIB.

(6) *Restrinja as corporações multinacionais.* Outros acreditam que a solução é quebrar ou de alguma forma restringir o poder de grandes corporações multinacionais que estão se aproveitando injustamente das nações pobres. Mas aqueles que se concentram em corporações multinacionais raramente avaliam seu impacto geral real na produção de bens e serviços de uma nação (ver próximo capítulo, 99-106). O objetivo não deve ser prejudicar as empresas produtivas ou torná-las menos poderosas. O objetivo deve ser tornar cada pessoa e cada empresa no país mais produtiva e, assim, aumentar o PIB de um país.

(7) *Café de comércio justo.* Outros parecem pensar que a solução é persuadir os clientes da Starbucks a comprar café de "comércio justo" e então expandir os acordos de "comércio justo" para outros produtos e outras empresas. Esta é uma forma de abordagem de "melhores termos de troca", e nós a analisamos abaixo, mas podemos dizer aqui que a maioria dos economistas acredita que o movimento do comércio justo beneficia principalmente um pequeno número de produtores enquanto prejudica outros (veja abaixo, 92-95), e muito pouco do alto preço de varejo chega realmente aos próprios agricultores. Em qualquer caso, duvidamos que esse movimento consiga persuadir mais do que uma pequena parte do mercado mundial geral a pagar mais do que o preço mundial de uma mercadoria, que é determinado pela interação contínua de oferta e demanda. O efeito é limitado em escopo, então esta prática não tem um impacto realmente significativo em uma nação '

Como explicaremos a seguir, algumas dessas propostas fornecem alguma

---

[43] Além disso, fazemos objeções à maioria das tarifas e cotas impostas aos produtos que os países pobres procuram exportar para os países mais ricos (ver abaixo, 98-99).

[44] Também nos opomos à prática das nações ricas de fornecer subsídios acima do mercado para alguns produtos agrícolas e, em seguida, "despejá-los" nos mercados mundiais (ver abaixo, 97-98).

ajuda e outras são prejudiciais. Mas nenhum deles oferece uma solução global e sustentável para a pobreza. Isso só acontece com o aumento do PIB de uma nação.

C. O incrível processo de criação valor que não existia antes

Quando falamos em produzir mais bens e serviços, estamos nos referindo a um processo surpreendente pelo qual os seres humanos são capazes de melhorar sua própria situação econômica criando coisas valiosas que não existiam antes. Quando eles fazem isso, eles aumentam não apenas sua própria riqueza, mas também a riqueza de sua nação. Eles fazem isso não tirando algo de valor de outra pessoa (o que não aumentaria o PIB total), mas criando novos produtos ou serviços que ninguém jamais teve porque não existiam anteriormente.

1. Exemplos de criação de produtos de valor

Para dar um exemplo simples, pense em uma mulher em um país pobre que tem um pedaço de tecido de algodão que lhe custou $ 3. Se ela costurar em uma camisa que vende por US $ 13, ela criou um novo produto de valor. Ela fez uma camisa que não existia no mundo antes dela. Ela tornou o pedaço de tecido de algodão $ 10 mais valioso do que quando o comprou.

Ela também contribuiu com algo para o valor total de tudo o que sua nação produzirá naquele ano (o PIB). Se o valor total de tudo o que foi produzido em seu país naquele ano foi de $ 2.000.000.000 antes de ela fazer a camisa, então, depois que ela fez a camisa, o valor total de tudo que foi produzido foi de $ 2.000.000.010.[45] Ela moveu sua nação $ 10 ao longo do caminho em direção à prosperidade.

Este incrível processo de aumento do PIB pela criação de produtos de valor está no cerne dos meios pelos quais as nações podem crescer da pobreza para o aumento da prosperidade. Se esse processo criativo puder ser expandido para milhares de pessoas fazendo milhares de tipos de produtos, o valor total de tudo na nação aumentará dia após dia. Se uma nação puder aumentar o valor do que produz a cada ano, o PIB aumentará e a nação se tornará mais próspera a cada ano. Este é o processo que leva as nações da pobreza à prosperidade.

Também podemos notar neste ponto que o lucro de $ 10 que essa mulher obteve ao vender a camisa é uma medida do valor que ela agregou à economia. O

[45]Depois que ela usa o pano para fazer uma camisa, os $ 3 que ela pagou pelo pedaço de pano não são mais um "bem final" que pode ser contabilizado no PIB, então o PIB aumenta em $ 13 - 3 = $ 10.

comprador da camisa decidiu voluntariamente que a camisa valia $ 13 para ele. Portanto (em termos econômicos), vale $ 13. Mas o pano custou à mulher apenas $ 3. Seu lucro de $ 10 é importante porque mostra que um novo valor foi criado. Discutimos os lucros mais detalhadamente abaixo (ver 179-180), mas é importante observar aqui que o lucro dela não é imoral, mas é uma medida de valor moralmente positivo que foi agregado à nação.

Quando um padeiro usa US $ 3 em farinha e outros ingredientes para fazer um pão que ele vende por US $ 4, ele repentinamente acrescentou US $ 1 ao PIB. Quando um sapateiro usa peças de couro que custam US $ 5 para fazer um par de sapatos que vende por US $ 30, ele adiciona US $ 25 ao PIB.

Outro exemplo é um fazendeiro que cultiva uma safra de feijão no valor de $ 400. Quando o solo não tinha safra, não estava produzindo nada de valor. Ao cultivar a terra, o agricultor "cria" (com a ajuda de Deus, que dirige o clima) $ 400 em feijão que não existia no mundo antes de ele o cultivar e colher. Ele aumenta a prosperidade da nação em $ 400 (menos o custo da semente). E se, com sementes, fertilizantes e irrigação melhores, ele cultivar US $ 800 em grãos no ano seguinte, dobrará sua contribuição para o PIB do país.

Processos mais complexos podem transformar materiais simples em itens muito caros. Pense em óculos, por exemplo. O valor original do plástico bruto nas lentes pode ser cerca de 3 centavos e o valor original do metal na armação pode ser cerca de 5 centavos. Mas um par de óculos pode custar US $ 200 ou mais nos Estados Unidos hoje. Como podem 8 centavos em materiais terminar com um valor de $ 200? É porque seres humanos hábeis criam um produto de valor a partir dos recursos da terra, e assim o PIB cresce.

É fundamental manter esse processo criativo em mente ao tentar resolver o problema da pobreza nas nações pobres. Uma nação expandirá seu PIB não pegando produtos de outras nações, mas criando mais bens e serviços dentro da própria nação. Esta é a única solução permanente para a pobreza nas nações pobres.

2. Transferências de mercadorias de uma pessoa para outra não aumentam o PIB

Quando um homem que tem duas camisas dá uma camisa no valor de $ 13 a um homem que não tem nenhuma, esta é uma boa ação que ajuda genuinamente o pobre homem (ver Lucas 3:11). Mas não faz nada para aumentar o PIB. Nenhum novo produto foi criado, portanto, nenhum novo $ 13 de valor foi adicionado ao

PIB do país. A camisa acabou de ser movida de uma pessoa para outra.

3. Imprimir dinheiro não aumenta o PIB

Aumentar a produção de bens e serviços de uma nação também é diferente de simplesmente imprimir dinheiro, porque o dinheiro em si não é um "produto de valor". As pessoas não podem comer dinheiro ou usá-lo, cavalgá-lo, dirigir ou plantá-lo. Eles não podem colocá-lo sobre suas cabeças para protegê-los do sol e da chuva. Eles podem usar dinheiro para comprar outras coisas, é claro, mas isso ocorre porque o dinheiro é um meio de troca. Não é um produto de valor em si mesmo.[46]

Para entender essa diferença entre imprimir dinheiro e criar bens e serviços, pense em nosso exemplo da mulher que costurou um pedaço de tecido de algodão de $ 3 em uma camisa que vale $ 13. Ela aumentou o PIB da nação em $ 10, de $ 2.000.000.000 para $ 2.000.000.010.

Agora imagine que o governo daquele país pobre imprima repentinamente 3.000.000.000 de “dólares” adicionais em papel-moeda (na moeda daquele país). Agora, qual é o valor total de todos os produtos e serviços naquele país? Ainda é apenas $ 2.000.000.010. Há mais papel-moeda na nação, mas não há mais camisas, sapatos, feijões ou casas, não há mais produtos de valor que as pessoas possam vender ou comprar e usar para si mesmas. Imprimir dinheiro não aumenta o PIB nem melhora a riqueza de uma nação. Isso deve ser feito por meio da produção de mais bens e serviços.

Aqui está outro exemplo. Imagine que duzentas pessoas de um navio naufragado se encontrem encalhadas em uma ilha fértil, mas desabitada, e tenham que se sustentar. Eles se organizam e, depois de alguns dias, algumas pessoas estão construindo casas, outras pescando, outras plantando verduras, outras colhendo algodão para fazer tecido para fazer roupas e assim por diante. Todos eles estão produzindo bens e serviços úteis, portanto, estão aumentando o “PIB” total da ilha, mas ainda estão isolados do mundo exterior.

Agora imagine que alguém resgate uma copiadora e um gerador do navio danificado, imprima $ 100.000 em "Dólares da Ilha Perdida" e dê $ 500 desse dinheiro a cada pessoa para que as pessoas possam comprar e vender seus produtos e serviços com mais facilidade. Imprimir esse dinheiro torna o povo da

[46]Estamos simplificando demais aqui para esclarecer o ponto. Em outro sentido, o dinheiro é um "produto de valor" porque dá à sociedade um meio de troca comumente reconhecido (que economiza tempo na troca), atua como uma reserva de valor e fornece uma medida comumente reconhecida de valor e unidade de contabilidade.

ilha mais próspero? Não. Não dá mais comida, roupa ou abrigo a ninguém. Não produz mais bens e serviços. Não aumenta o PIB da ilha.

Claro, o dinheiro torna o comércio mais fácil do que apenas a troca, e isso agrega valor à sociedade porque economiza o tempo das pessoas e permite que elas se tornem mais produtivas, mas imprimir dinheiro por si só não torna a ilha mais próspera em termos de mercadorias e serviços que as pessoas têm. O dinheiro é um meio de troca e uma medida de valor, mas (neste exemplo simplificado) imprimir dinheiro não aumenta o valor das coisas na ilha.

4. Como uma nação pode criar mais bens e serviços?

Se mantivermos nosso foco na meta de produzir continuamente mais bens e serviços, a questão será: como uma nação pode aumentar o valor total dos produtos e serviços que produz? Por exemplo, como a mulher pode produzir mais camisas por semana? E como ela pode produzir camisetas de melhor qualidade que as pessoas valorizem mais e paguem mais para comprar? Muitos fatores contribuem para esse aumento (como ter uma máquina de costura, ter fácil acesso a mercados, ter treinamento especializado, ter um microcrédito para comprar mais materiais e melhores equipamentos, ter confiança de que ela pode manter e usar seus lucros, e assim por diante) Discutiremos esses fatores em detalhes nos capítulos subsequentes. Por enquanto, o ponto importante é manter nosso foco neste único objetivo: as nações podem passar da pobreza à prosperidade apenas criando continuamente mais bens e serviços.

D. Exemplos de nações que se tornaram prósperas ao produzir mais bens e serviços

Ao longo da história, os países que saíram da pobreza para a prosperidade aprenderam a produzir cada vez mais bens e serviços. Logo eles descobriram que não estavam mais produzindo produtos e serviços apenas para sua própria nação, mas também produtos e serviços valiosos que podiam exportar e vender para pessoas em outros países.

A história mostra que cada nação que é próspera hoje dobrou e, em seguida, dobrou seu PIB muitas vezes nos últimos anos. Embora cada nação tenha escolhido um caminho um tanto diferente, todas aumentaram o PIB por meio do aumento da produtividade.

1. Grã-Bretanha: manufatura de algodão e a Revolução Industrial

O principal exemplo da criação de mais bens por pessoa é a Grã-Bretanha, o berço

da Revolução Industrial (cerca de 1770-1870). Os inventores britânicos gradualmente descobriram como fazer máquinas que fariam algodão cru em fios e outras máquinas que teceriam fios de algodão em tecidos de algodão muitas vezes mais rápido e mais barato do que poderia ser feito por trabalhadores manuais, seja na Grã-Bretanha ou na Índia.[47]

No algodão, os britânicos encontraram um produto para o qual havia uma demanda aparentemente ilimitada em todo o mundo. Antes da fácil disponibilidade de tecido de algodão, as pessoas frequentemente usavam roupas íntimas de lã, que eram difíceis de limpar e pouco confortáveis, ou linho, que era caro, ou nenhuma roupa íntima, que não era higiênica. Roupas de algodão de todos os tipos eram mais legais de usar em climas quentes, mas mesmo em climas mais frios as pessoas queriam roupas íntimas de algodão assim que estivessem disponíveis.

O historiador econômico David S. Landes diz:

> O principal produto da nova tecnologia que conhecemos como Revolução Industrial foi o algodão barato e lavável e, junto com ele, o sabão produzido em massa feito de óleos vegetais. Pela primeira vez, o homem comum podia comprar roupas íntimas, antes conhecidas como linho para o corpo, porque era o tecido lavável que os abastados usavam junto à pele. . . . A higiene pessoal mudou drasticamente, de modo que os plebeus do final do século XIX e início do século XX frequentemente viviam mais limpos do que os reis e rainhas do século anterior.[48]

> Ao produzir imensas quantidades de algodão e outros produtos desejáveis (como aço e maquinários de alta qualidade), a Inglaterra se tornou a nação mais rica do mundo. A renda per capita na Inglaterra dobrou entre 1780 e 1860 e, depois, entre 1860 e 1990, multiplicou-se mais seis vezes![49]

2. Nações que cresceram mais prósperas hoje

A maioria das nações ricas hoje também se tornou mais próspera descobrindo como poderiam criar continuamente mais bens e serviços (esse é o objetivo principal que recomendamos neste capítulo). Por exemplo, o Japão, que não tem

[47] David S. Landes, The Wealth and Poverty of Nations: Por que alguns são tão ricos e alguns tão pobres (Nova York: WW Norton, 1999), 154, 190-94. Landes diz que o algodão era "uma commodity de demanda tão ampla e elástica que poderia impulsionar uma revolução industrial" (154).

[48] Ibid., Xviii.

[49] Ibid., 194.

recursos naturais significativos (exceto peixes), melhorou sua economia agrícola relativamente pobre do início de 1900 para a segunda maior economia do mundo (em PIB total) por várias décadas no final do século XX (é o terceiro hoje, atrás dos Estados Unidos e da China). O Japão ficou rico criando muitos produtos que foram exportados para o resto do mundo: carros (de melhor qualidade do que os feitos nos Estados Unidos), computadores, outros equipamentos eletrônicos como TVs e sistemas de som, máquinas-ferramentas, aço, navios, produtos químicos e outras coisas.

A China se transformou de uma nação muito pobre, mesmo no final da década de 1970, para a segunda maior economia do mundo. Isso foi feito tendo em mente o objetivo que defendemos neste capítulo: criar continuamente mais bens e serviços. A China se tornou o centro mundial para a produção de milhões de tipos de pequenos produtos de consumo manufaturados. É importante observar que esse crescimento só aconteceu depois que a China introduziu alguns componentes significativos de reforma de livre mercado em uma economia que era inteiramente comunista, sem permissão para a propriedade privada.[50]

Algumas partes da Índia aumentaram sua prosperidade fornecendo um serviço - atendimento telefônico para proprietários de computadores e outros produtos eletrônicos - que é procurado em todo o mundo. O pequeno país de Taiwan (aproximadamente do tamanho de Maryland) tem poucos recursos naturais, mas produz continuamente bens valiosos, como eletrônicos, produtos químicos, máquinas e têxteis. A Coreia do Sul, que estava entre os países mais pobres do mundo na década de 1950, hoje exporta grandes quantidades de semicondutores, telefones sem fio, carros, computadores, aço, navios e petroquímicos, e é o décimo segundo país mais rico do mundo em termos de renda "per capita.[51]

A Malásia deu passos significativos da pobreza à prosperidade privatizando alguns de seus bancos, empresas de mídia e automóveis e exportando produtos eletrônicos e de tecnologia da informação, bem como muitos produtos agrícolas. Embora 40% da população da Tailândia dedique-se à agricultura, o país se tornou um próspero setor manufatureiro, produzindo produtos de alta tecnologia, como circuitos integrados. O Chile se tornou o país mais rico da América Latina

[50]No entanto, existem preocupações significativas de que o sistema político "extrativista" da China não será capaz de sustentar seu crescimento econômico explosivo por muito tempo: ver Daron Acemoglu e James A. Robinson, Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity and Poverty (Nova York : Crown Publishers, 2012), 436-37.
[51]A Coreia do Sul é o décimo segundo mais rico com base em dados de paridade do poder de compra para a renda per capita.

privatizando seus negócios para criar incentivos e, em seguida, minerando cobre e produzindo uma ampla gama de produtos agrícolas, como uvas, maçãs, peras, cebolas, trigo, milho, aveia, pêssegos, alho, aspargos e feijão, grande parte para exportação para os Estados Unidos, China e Japão.

Hong Kong é outro exemplo notável. O economista Milton Friedman escreveu:

> Em 1960, a data mais antiga que consegui obter [estatísticas], a renda per capita média em Hong Kong era 28% da da Grã-Bretanha; em 1996, havia aumentado para 137% na Grã-Bretanha. Em suma, de 1960 a 1996, a renda per capita de Hong Kong aumentou de um quarto da Grã-Bretanha para mais de um terço maior do que a da Grã-Bretanha. É fácil afirmar esses números. É mais difícil perceber seu significado. Compare a Grã-Bretanha - o berço da Revolução Industrial, a superpotência econômica do século XIX em cujo império o sol nunca se pôs - com Hong Kong, uma faixa de terra, superlotada, sem recursos, exceto por um grande porto.[52]

Todas essas nações saíram da pobreza para aumentar a prosperidade por meio do mesmo processo: criar continuamente mais bens e serviços. Esses bens e serviços incluem tanto produtos feitos para consumo dentro do país (alimentos e produtos agrícolas, bem como serviços, são principalmente consumidos dentro de um país) e produtos produzidos para exportação (como muitos bens manufaturados e alguns produtos agrícolas).

E. Apoio bíblico para a criação de mais bens e serviços

Neste ponto, passamos da economia básica para os ensinos da Bíblia. Faremos isso em vários pontos ao longo deste livro. A Bíblia contém ensinamentos significativos que incentivam a criação de bens e serviços.

Um exemplo é a descrição de uma "esposa excelente" em Provérbios 31: 10-31: "Ela faz roupas de linho e as vende; ela entrega faixas ao comerciante "(v. 24). Ela fabrica produtos valiosos e com isso aumenta o PIB de Israel. Essa mulher é produtiva, pois "ela busca lã e linho e trabalha com mãos dispostas" (v. 13). Ela produz produtos agrícolas da terra, porque "com o fruto das suas mãos planta uma vinha" (v. 16). Ela vende produtos no mercado, porque "ela percebe que sua mercadoria dá lucro" (v. 18). (The Holman Christian Standard Bible

[52] Milton Friedman, "The Hong Kong Experiment", Hoover Digest, no. 3 (30 de julho de 1998), acessado em janeiro
3, 2013, http://www.hoover.org/publications/hoover-digest/article/7696.

traduz isso como, "Ela vê que seus lucros são bons"; esta também é uma tradução legítima porque o termo hebraico sakar pode se referir a lucro ou ganho de mercadorias.)

A ideia de criar produtos lucrativos e úteis da terra começou com a ordem de Deus a Adão e Eva: "Sede fecundos e multiplicai-vos e enchei a terra e subjugou-a, e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu e sobre todo ser vivente que se move sobre a terra "(Gênesis 1:28). A palavra hebraica traduzida como "subjugar" é kabash e implica que Adão e Eva deveriam tornar os recursos da terra úteis para seu próprio benefício e desfrute.

Isso significa que Deus pretendia que Adão e Eva explorassem a terra e aprendessem a criar produtos com os recursos abundantes que ele colocou nela. O propósito de Deus para Adão e Eva, ao seguirem esta ordem, era descobrir e desenvolver produtos agrícolas e animais domésticos, depois moradias e obras de artesanato e beleza e, por fim, edifícios, meios de transporte e invenções de vários tipos.[53]

Esse é o processo que acabou resultando na criação de computadores e telefones celulares, casas e edifícios de escritórios modernos e automóveis e aviões. Tudo isso é o que Deus queria que Adão e Eva e sua descendência produzissem quando lhes disse para "subjugar" a terra.

A ideia de que Adão e Eva fariam produtos úteis da terra também está implícita no versículo que diz que Deus "tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e guardar" (Gênesis 2:15). Enquanto Adão trabalhava no jardim e Eva ao lado dele, eles descobririam e desenvolveriam produtos úteis da terra.

A criação de tais bens e serviços a partir da terra é uma atividade exclusiva da raça humana. Não é encontrado no reino animal em nenhum grau significativo. Os pássaros constroem os mesmos tipos de ninhos que construíram por mil gerações, e os coelhos vivem nos mesmos tipos de tocas que sempre cavaram. Mas Deus criou os seres humanos com o desejo de inventar e criar novos bens e serviços, imitando a própria atividade criativa de Deus.

Essa capacidade de criar é parte do que significa que Deus nos fez "à sua imagem" (Gn 1:27). Ele nos criou para ser como ele e para imitá-lo de muitas maneiras. É por isso que Paulo pode dizer: "Sede imitadores de Deus, como filhos

[53] Darrow L. Miller e Stan Guthrie, Discipling Nations: The Power of Truth to Transform Cultures (Seattle: YWAM, 1998), 221-37, têm uma excelente discussão sobre a maravilha da criatividade humana como parte fundamental da administração responsável em obediência a Deus.

amados" (Ef 5: 1). Deus se agrada quando nos vê imitando sua criatividade, criando bens e serviços com os recursos da terra.

Portanto, o ideal de Deus para nós não é que vivamos em cavernas e mal sobrevivamos com uma dieta de subsistência de nozes e frutas vermelhas, mas sim que descobramos e desenvolvamos os recursos abundantes que ele colocou na terra para nosso benefício e desfrute. Paulo diz que Deus é aquele "que ricamente nos dá tudo para desfrutarmos" (1 Timóteo 6:17).

Outra razão pela qual Deus se agrada quando criamos bens e serviços é a ordem de Jesus: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22:39). A mulher que cria uma camisa que alguém usa e aprecia, o homem que cria um par de sapatos que alguém usa e gosta e o professor que genuinamente ajuda seus filhos a aprender podem fazer tudo isso com uma atitude de amor para com seus vizinhos - isto é , buscando trazer benefícios para outras pessoas. Desse modo, criar bens e serviços para os outros é uma forma de obedecer à ordem de Jesus de amar o próximo como a nós mesmos.

O próprio Jesus nos deu um exemplo dessa produtividade, pois trabalhou por cerca de quinze anos como "carpinteiro" (Marcos 6: 3). O apóstolo Paulo trabalhou como fabricante de tendas e se sustentou dessa forma (Atos 18: 3; 2 Tessalonicenses 3: 7-10). Pedro e alguns dos outros discípulos trabalharam como pescadores (Mt 4:18); eles não "criaram" peixes (só Deus pode fazer isso), mas os apanharam do mar e os levaram a um mercado onde eram novos produtos alimentares úteis para os outros comerem.

As epístolas de Paulo também diziam aos primeiros cristãos que eles deveriam trabalhar com as mãos, sugerindo que ele queria que eles criassem continuamente bens e serviços que fossem de valor para outras pessoas:

> Que o ladrão não roube mais, antes trabalhe, fazendo trabalho honesto com as próprias mãos, para que tenha o que repartir com os necessitados. (Ef 4:28)

> Deseje viver em silêncio, cuidar de seus próprios negócios e trabalhar com as mãos, conforme instruímos você. (1 Tes. 4:11)

> Pois mesmo quando estivéssemos com você, lhe daríamos este comando:
> *Se alguém não quer trabalhar, não coma*. (2 Tes. 3:10)

No novo céu e nova terra, parece que as nações da terra continuarão a produzir bens e serviços para os outros, talvez produtos que são exclusivos de

cada nação. Isso seguiria um padrão histórico bem estabelecido pelo qual os reis de várias nações enviariam produtos abundantes como tributo ou como presentes a outras nações (ver 2 Crônicas 9: 9, 10, 24, 28). Diz-se da nova Jerusalém: “os reis da terra trarão a ela sua glória. . . . Eles trarão a ela a glória e a honra das nações ”(Ap 21: 24-26).

F. Que bens e serviços seu país pode criar?

O desafio para cada nação pobre é este: que bens e serviços pode criar que outras pessoas queiram? E o que você pode fazer para aumentar a criação de tais bens e serviços por sua nação? Esses produtos incluem itens desejados por outras pessoas dentro de sua nação e produtos produzidos para exportação para outras nações.

A resposta correta a essas perguntas não é "Nada". Pode ser desanimador olhar para as nações ricas do mundo e ver os produtos complexos que elas produzem. Você pode pensar: “Nunca poderemos produzir automóveis melhores do que a Alemanha ou produtos eletrônicos melhores do que o Japão”, e então desistir. Não fazer nada é um erro.

Sempre haverá algo que cada país pode fazer que as pessoas dentro da nação e até mesmo as pessoas de outros países vão querer comprar. Isso é verdade por duas razões, que explicaremos com mais detalhes nos próximos capítulos: (1) O princípio da vantagem comparativa em economia diz que nenhuma pessoa e nenhum país pode fazer tudo, então sempre haverá algo que você pode produzir isso dará lucro. (2) Os seres humanos têm necessidades limitadas, mas eles têm desejos ilimitados, então eles sempre estarão buscando produtos adicionais (veja mais explicações abaixo, 173-74). Sempre há alguns bens ou serviços de valor que seu país pode criar de forma lucrativa.

A maioria dos países percebe que os muitos produtos tradicionais (como artes e ofícios) que produziram e venderam ao longo dos séculos não foram capazes de sustentar sua necessidade de crescimento econômico. Mesmo que as pessoas nesses países já saibam como fazer essas coisas, se esses produtos tradicionais fossem trazer o país da pobreza para a prosperidade, provavelmente já o teriam feito. Aparentemente, não havia demanda suficiente para esses produtos no mercado mundial. A demanda insuficiente sugere fortemente que você deve mudar o que está fazendo e buscar outras oportunidades. É hora de encontrar outros produtos pelos quais as pessoas de outros países paguem um bom preço.

O povo da Grã-Bretanha não havia trabalhado "tradicionalmente" em máquinas de tecelagem para produzir tecidos de algodão, porque tais máquinas não existiam anteriormente. Mas eles eventualmente mudaram de suas ocupações tradicionais e aprenderam a usar máquinas para fazer um produto que era procurado em todo o mundo.

O povo do Japão não havia trabalhado "tradicionalmente" em fábricas de automóveis produzindo produtos de alta precisão usando tecnologia moderna. Muitos deles eram agricultores rurais. Mas eles abandonaram suas ocupações tradicionais e aprenderam a trabalhar em fábricas de automóveis. A nação começou a prosperar. A mesma coisa aconteceu com a fabricação de eletrônicos no Japão, Taiwan e outros lugares. A questão não é o que um país tradicionalmente produz, mas que produto valioso ele pode fazer para o mercado local e mundial. Uma nação deve produzir o que os outros desejam se quiser passar da pobreza para a prosperidade.

No entanto, não estamos dizendo que os planejadores do governo devam tentar decidir quais produtos um país deve produzir. Eles simplesmente precisam criar as condições certas para que a inovação e o empreendedorismo aconteçam em um sistema de mercado livre. Empreendedores individuais, operando dentro do mercado livre, acabarão por encontrar produtos de sucesso, uma vez que as estruturas econômicas e jurídicas do país permitem que eles façam isso e os valores culturais o encorajam. Explicaremos isso com mais detalhes em nossa discussão sobre o mercado livre, onde "ninguém" decide o que é produzido (ver 163-67).

OBJETIVOS ERRADOS

Abordagens que não levarão à prosperidade

Muitos objetivos foram apresentados como soluções para a pobreza, como observamos anteriormente. Para mostrar melhor que o objetivo de produzir continuamente mais bens e serviços é o único caminho da pobreza para a prosperidade, agora examinaremos mais de perto alguns desses objetivos alternativos e demonstraremos como eles fracassam.

A. Dependência de doações de outras nações

1. Os resultados prejudiciais da dependência de ajuda externa

Nenhuma nação pobre na história enriqueceu dependendo de doações de outras nações. Daron Acemoglu, professor de economia do Massachusetts Institute of Technology, e James A. Robinson, economista e cientista político da Universidade de Harvard, escreveram recentemente em seu extenso estudo Why Nations Fail:

> A ideia de que os países ocidentais ricos devem fornecer grandes quantidades de "ajuda ao desenvolvimento" para resolver o problema da pobreza na África Subsaariana, Caribe, América Central e Sul da Ásia se baseia em um entendimento incorreto do que causa a pobreza. Países como o Afeganistão são pobres por causa de suas instituições extrativistas, que resultam na falta de direitos de propriedade, lei e ordem, ou

> sistemas jurídicos que funcionam bem e o domínio sufocante das elites nacionais e, mais frequentemente, das elites locais sobre a vida política e econômica. Os mesmos problemas institucionais significam que a ajuda externa será ineficaz, pois será saqueada e dificilmente será entregue aonde deveria. Na pior das hipóteses, ela apoiará os regimes que estão na própria raiz dos problemas dessas sociedades. . . .
>
> A ajuda externa não é um meio muito eficaz de lidar com o fracasso das nações ao redor do mundo hoje. Longe disso. Os países precisam de instituições econômicas e políticas inclusivas para sair do ciclo da pobreza. Normalmente, a ajuda externa pouco pode fazer a esse respeito e, certamente, não da maneira como está organizada atualmente.[54]

William Easterly, professor de economia da Universidade de Nova York e economista pesquisador sênior do Banco Mundial por dezesseis anos, escreve sobre o trágico fracasso de programas massivos de ajuda externa:

> [Em janeiro de 2005, Gordon Brown, o chanceler do Tesouro do Reino Unido,] fez um discurso compassivo sobre a tragédia da pobreza extrema que afeta bilhões de pessoas. . . . Ele pediu uma duplicação da ajuda externa. . . . Brown ficou em silêncio sobre a outra tragédia dos pobres do mundo. Esta é a tragédia em que o Ocidente gastou US $ 2,3 trilhões em ajuda externa nas últimas cinco décadas e ainda não conseguiu levar medicamentos de 12 centavos para crianças para prevenir metade de todas as mortes por malária. O Ocidente gastou US $ 2,3 trilhões e ainda não havia conseguido fornecer mosquiteiros de quatro dólares para as famílias pobres. O Ocidente gastou US $ 2,3 trilhões e ainda não havia conseguido três dólares para cada nova mãe para evitar cinco milhões de mortes. O Ocidente gastou US $ 2,3 trilhões e as crianças ainda carregam lenha e não vão à escola. Isto'[55]

Uma economista africana formada em Oxford, Dambisa Moyo, da Zâmbia, argumenta que a ajuda externa é na verdade a principal causa da pobreza contínua na África. Ela explica que a ajuda impediu a África de avançar em direção ao crescimento econômico:

---

[54]Daron Acemoglu e James A. Robinson, Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity and Poverty (Nova York: Crown Publishers, 2012), 452-54. Explicamos o que eles querem dizer com instituições "inclusivas" em uma seção posterior (310, nota 2).

[55] William Easterly, The White Man's Burden: Por que os esforços do Ocidente para ajudar o resto fizeram tanto mal e tão pouco bem (Nova York: Penguin, 2006), 4.

> Mas mais de US $ 1 trilhão em assistência ao desenvolvimento nas últimas décadas melhorou a situação dos africanos? Não. Na verdade, em todo o mundo os destinatários dessa ajuda estão em situação pior; muito pior. A ajuda ajudou a tornar os pobres mais pobres e o crescimento mais lento. . . . A noção de que a ajuda pode aliviar a pobreza sistêmica, e tem feito isso, é um mito. Milhões na África estão mais pobres hoje por causa da ajuda; a miséria e a pobreza não acabaram, mas aumentaram. A ajuda foi, e continua a ser, um desastre político, econômico e humanitário absoluto para a maior parte do mundo em desenvolvimento.[56]

Moyo continua explicando que ela não se opõe à "ajuda humanitária ou de emergência", que ajuda as pessoas afetadas por catástrofes, nem se opõe à ajuda "baseada na caridade", que é paga por organizações de caridade (presumivelmente grupos religiosos e agências humanitárias) Mas ela se opõe a "pagamentos de ajuda feitos diretamente aos governos", seja por meio de transferências de governo a governo ou por meio de agências como o Banco Mundial.[57]No que ela chama de "ajuda sistemática", Moyo inclui transferências de dinheiro e empréstimos a taxas de juros abaixo do mercado, porque, diz ela, "os formuladores de políticas em economias pobres podem vir a ver [esses empréstimos] como aproximadamente equivalentes a doações". Portanto, ela diz: "Para os propósitos deste livro, a ajuda é definida como a soma total dos empréstimos concessionais e doações".[58]

Moyo então traça a história da ajuda dada às nações africanas de 1940 até o presente e mostra por que, em geral, tem sido mais prejudicial do que útil. Isso é verdade se a ajuda foi dada para ajudar projetos industriais, para aliviar a pobreza, ou para encorajar a "estabilização e ajuste" econômicos (com condições de reforma econômica anexadas), e se foi contingente à reforma da corrupção do governo, ligada ao aumento das reformas democráticas em governos, ou foi "ajuda glamorosa" promovida por artistas famosos e líderes governamentais.[59]

Ela explica que "um dos problemas subjacentes da ajuda" é "que é fungível - que o dinheiro reservado para um propósito é facilmente desviado para outro",

---

[56] Dambisa Moyo, Dead Aid: Por que a ajuda não está funcionando e como há um caminho melhor para a África (Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2009), xix.

[57] Ibid., 7.

[58] Ibid., 8-9.

[59] Moyo traça a história desse tipo de ajuda nas páginas 10-28. Críticas semelhantes são feitas com o apoio de pesquisas mais detalhadas em William Easterly, The Elusive Quest for Growth: Economists 'Adventures and Misadventures in the Tropics (Cambridge, MA: The MIT Press, 2001), esp. camaradas. 2-7.

muitas vezes incluindo "bolsos privados, em vez do erário público". Mas, ela explica, “quando isso acontece, como tantas vezes acontece, nenhuma punição ou sanção real é jamais imposta. Portanto, mais concessões significam mais enxerto. ”[60]

Angus Deaton, o Professor Dwight D. Eisenhower de Economia e Assuntos Internacionais da Universidade de Princeton, escreve:

> O registro histórico nos diz que é possível crescer e eliminar a pobreza sem ajuda externa; todos os países agora ricos o fizeram. Também sabemos que alguns dos países pobres mais bem-sucedidos, como Índia e China, cresceram com muito pouca ajuda em relação ao seu tamanho, ou com ajuda ditada por suas próprias prioridades, e não por doadores. . . . A ajuda como a conhecemos não ajudou os países a crescer.[61]

Da mesma forma, o economista James Peron escreve:

> Por quase meio século, os países da África foram inundados de ajuda. Centenas de bilhões de dólares foram dados aos governos africanos. Mais bilhões foram emprestados a esses mesmos governos. Inúmeras toneladas de alimentos inundaram o continente e enxames de consultores, especialistas e administradores desceram para resolver os problemas da África. No entanto, o estado de desenvolvimento na África não é melhor hoje do que era quando tudo isso começou. A renda per capita para a maior parte da África está estagnada ou em declínio. . . .
>
> Um relatório do Banco Mundial admitiu que 75 por cento de seus projetos agrícolas africanos foram fracassados. . . .
>
> A ditadura marxista de Mengistu Haile Mariam da Etiópia foi uma grande beneficiária de fundos de doadores. . . . A ajuda humanitária foi intencionalmente mantida longe de algumas das áreas mais severamente afetadas porque convinha ao regime de Mengistu matar de fome seus oponentes. . . . O presidente Mobotu, do Zaire, conseguiu acumular uma fortuna em sua conta bancária na Suíça estimada em US $ 10 bilhões. . . . Os regimes autocráticos marxistas eram frequentemente fortemente financiados por governos europeus. . . . O Partido Socialista Italiano deu forte apoio financeiro ao governo marxista do senhor da guerra Said Barre, da Somália. . . . O New York Times relatou que quando o presidente Julius Nyerere da Tanzânia anunciou um programa marxista radical,

---

60 Moyo, Dead Aid, 46.

61 Angus Deaton, escrevendo em Abhijit Vinayak Banerjee et al., Making Aid Work (Cambridge, MA: The MIT Press, 2007), 56-57, ênfase adicionada.

> "muitos doadores ocidentais, particularmente na Escandinávia, deram apoio entusiástico a este experimento socialista,[62]

No entanto, o economista Paul Collier, embora reconheça que muita ajuda é prejudicial e não atinge seu objetivo, ainda pensa que em situações muito limitadas a ajuda é necessária e às vezes pode ser útil.[63] Ele especifica que essa ajuda não deve ser dada aos países já em desenvolvimento que recebem a maior parte da ajuda externa hoje, mas aos países em que residem as pessoas mais pobres do mundo ("o bilhão inferior"), e que deve ser dada com restrições muito bem definidas e supervisão muito mais eficaz.

Collier também reconhece que, em algumas situações, a ajuda externa pode tornar um golpe militar mais provável e pode, na verdade, prejudicar as reformas necessárias que devem ser feitas em uma nação.[64] Mesmo assim, Collier não vê a ajuda como o meio principal pelo qual as nações pobres podem sair da pobreza, mas sim como uma ajuda necessária para situações particularmente terríveis.

2. As razões pelas quais a ajuda externa é prejudicial

Por que a ajuda é tão prejudicial? Moyo explica que a ajuda estrangeira apóia governos corruptos - fornecendo-lhes dinheiro livremente utilizável:

> Esses governos corruptos interferem no estado de direito, no estabelecimento de instituições civis transparentes e na proteção das liberdades civis, tornando pouco atraente tanto o investimento doméstico quanto o estrangeiro nos países pobres. Maior opacidade e menos investimentos reduzem o crescimento econômico, o que leva a menos oportunidades de emprego e aumento dos níveis de pobreza. Em resposta à pobreza crescente, os doadores dão mais ajuda, o que dá continuidade à espiral decrescente da pobreza. Este é o ciclo vicioso da ajuda. O ciclo que sufoca o investimento desesperadamente necessário, infunde uma cultura de dependência e facilita a corrupção desenfreada e sistemática. . . . [Ele] perpetua o subdesenvolvimento e garante o fracasso econômico nos países mais pobres e dependentes de ajuda.[65]

Moyo acrescenta: “A ajuda apoia a busca de renda - isto é, o uso da

---

[62] James Peron, "The Sorry Record of Foreign Aid in Africa," in The Freeman, 51, no. 8 (agosto de 2001), acesso em 28 de agosto de 2012, www.thefreemanonline.org/features/the-sorry-record-of-foreign-aid-in-africa/.

[63] Ver Paul Collier, The Bottom Billion: Why the Poorest Countries Are Failing and What Can Be Done About It (Oxford: Oxford University Press, 2007), 99-123.

[64] Ibid., 104-5, 116.

[65] Moyo, *Dead Aid*, 49.

autoridade governamental para tirar e ganhar dinheiro sem uma maior produção de riqueza".[66] Ela cita o presidente de Ruanda, Paul Kagame, que explica: "Grande parte dessa ajuda foi gasta na criação e manutenção de regimes clientes de um tipo ou outro, com o mínimo de consideração pelos resultados de desenvolvimento em nosso continente".[67]

Por que, então, os governos ocidentais continuam a dar ajuda aos países pobres? Moyo calcula que hoje no mundo existem cerca de quinhentas mil pessoas que trabalham para agências humanitárias e "todas elas estão no negócio da ajuda humanitária. . . 7 dias por semana, 52 semanas por ano e década após década. Sua subsistência depende de ajuda, assim como a dos funcionários que a recebem. Para a maioria das organizações de desenvolvimento, os empréstimos bem-sucedidos são medidos quase inteiramente pelo tamanho da carteira de empréstimos do doador. "[68]

Ruth Levine, pesquisadora sênior do Center for Global Development, escreve sobre "uma dura verdade":

> Falta uma avaliação rigorosa do impacto da ajuda externa. Coletivamente, não temos a vontade de aprender sistematicamente com a experiência sobre o que funciona em programas de desenvolvimento. . . . As recompensas para as instituições e para os profissionais individuais dentro delas vêm do fazer, não da construção de evidências ou do aprendizado. . . . Francamente, existem desincentivos para descobrir a verdade. . . . A tentação de evitar a avaliação de impacto e se concentrar em produzir e disseminar histórias de sucesso é grande. A aversão em reconhecer resultados desfavoráveis está presente na maioria das burocracias.[69]

Abhijit Banerjee concorda: "A comunidade de dar (e usar) ajuda não demonstrou grande empatia por evidências".[70]

Ian Vasquez, diretor do Centro para Liberdade e Prosperidade Global do Cato Institute, tem poucas esperanças de mudança: "Será que mais dinheiro realmente vai melhorar o histórico desanimador de ajuda condicionada à mudança de política quando um grande problema (bem reconhecido pelos mutuários)

---

[66] Ibid., 52.
[67] Ibid., 27.
[68] Ibid., 54.
[69] Ruth Levine, escrevendo em Banerjee et al., *Fazendo a Ajuda Trabalhar*, 105-9.
[70] Banerjee, escrevendo em ibid., 114.

continua a será o desejo institucional das agências de ajuda de emprestar? "[71]

Moyo também escreve que "a ajuda externa fomenta o conflito. A perspectiva de tomar o poder e obter acesso a ajuda ilimitada, bem, é irresistível. . . . O propósito subjacente da rebelião é a captura do estado para obter vantagens financeiras, "e" a ajuda torna esse conflito mais provável ".[72] Ela explica que muitas das guerras civis na África nas últimas décadas foram basicamente conflitos pelo controle de grandes quantias de dinheiro de ajuda proveniente de outros países.

Além disso, pouco dessa ajuda realmente ajuda os pobres. Acemoglu e Robinson dizem:

> Muitos estudos estimam que apenas cerca de 10 ou no máximo 20 por cento da ajuda chega a atingir sua meta. . . . Ao longo das últimas cinco décadas, centenas de bilhões de dólares foram pagos a governos em todo o mundo como "ajuda ao desenvolvimento". Muito disso foi desperdiçado em despesas gerais e corrupção ... Pior, muito disso foi para ditadores como Mobutu.[73]

Moyo reconhece que alguém pode objetar dizendo que alguma ajuda foi bem-sucedida, como o Plano Marshall de 1948 a 1952, que foi fundamental para reconstruir a Europa Ocidental após a Segunda Guerra Mundial. Mas este não foi o desenvolvimento econômico de um país pobre. A Alemanha (como outros países da Europa Ocidental) foi uma nação rica com uma infraestrutura econômica desenvolvida, tradições e sistemas legais e imenso capital humano (trabalhadores qualificados) antes de ser destruído pela guerra. Ele só precisava de uma infusão maciça de dinheiro para reparar a destruição e voltar à condição anterior.[74]

3. Ensino bíblico sobre a dependência de doações de outros

Do ponto de vista da Bíblia, não é surpreendente que as nações não possam se tornar prósperas por meio da ajuda de outros países. Depender de doações não é

---

[71] Ian Vasquez, escrevendo em ibid., 52.
[72] Moyo, *Dead Aid*, 59.
[73] Acemoglu e Robinson, *Por que as nações falham*, 452. Eles acrescentam, no entanto, que se 10 por cento da ajuda chegar aos pobres, "ainda pode ser melhor do que nada" (ibid., 454). "Mobutu" é Mobutu Sese Seko, que foi presidente da República Democrática da o Congo (antigo Zaire) de 1965 a 1997, e acredita-se que tenha desviado mais de US $ 5 bilhões do país; ver The Guardian (UK), 26 de março de 2004, acessado em 12 de outubro de 2012,http://www.guardian.co.uk / world / 200 4 / mar / 2 6 / indonesia.philippines. Este artigo relatou: "Na época em que foi deposto em 1997, Mobutu havia roubado quase metade dos US $ 12 bilhões em ajuda financeira que o Zaire - agora a República Democrática do Congo - recebeu do FMI durante seu reinado de 32 anos, deixando seu país sobrecarregado com uma dívida incapacitante. "
[74] Moyo, *Dead Aid*, 35-37.

o ideal de Deus para a vida humana na Terra. O propósito de Deus desde o início foi que os seres humanos trabalhassem e criassem seus próprios bens e serviços, não apenas para receber doações.

Deus colocou Adão e Eva no jardim do Éden e disse-lhes para trabalhar e desenvolvê-lo: "Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra, subjugai-a e dominai" (Gn 1:28). Em seguida, lemos: "O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no Jardim do Éden para o cultivar e guardar" (2:15).

Na história de Israel, quando Deus prometeu várias bênçãos econômicas a seu povo, estava claro que essas bênçãos não viriam para israelitas inativos simplesmente vivendo de doações de outras pessoas; em vez disso, eles seriam abençoados quando seu trabalho trouxesse resultados frutíferos:

> Pois o Senhor, o seu Deus, está conduzindo você a uma boa terra, uma terra de riachos de água, de fontes e mananciais, que correm nos vales e colinas, uma terra de trigo e cevada, de vinhas, figueiras e romãs, uma terra de oliveiras e mel, uma terra na qual comerás pão sem escassez, na qual nada faltará, uma terra cujas pedras são de ferro, e de cujas colinas você poderá extrair cobre. E comereis e vos fartareis, e bendireis o Senhor vosso Deus pela boa terra que ele vos deu. (Deut. 8: 7-10)

Os israelitas teriam que colher o trigo e a cevada; eles teriam que cuidar e colher as vinhas e as figueiras; eles teriam que assar o pão; e eles teriam que cavar cobre do solo para fazer ferramentas e implementos. A bênção de Deus veio por meio de um trabalho produtivo que criou novos bens e serviços. Não veio pela dependência de doações.

Longe de receber continuamente doações de outros países, o povo de Israel deveria ser credor: "Emprestarás a muitas nações, mas não tomarás emprestado" (Deuteronômio 15: 6). (Observe as bênçãos semelhantes que foram prometidas para o trabalho do povo em Deuteronômio 28: 6, 11-12).

Mesmo os pobres em Israel não deveriam se tornar dependentes de doações de outros, pois eles tinham que trabalhar para coletar seu alimento das "respigas" que foram deixadas nos campos após a primeira colheita (ver Deuteronômio 24: 19-22) .

Outra provisão para os pobres em Israel era que outros deviam emprestar a eles sem cobrar juros (ver Ex. 22:25; Lev. 25:37; Deuteronômio 23:19; Prov. 28: 8; Ne. 5: 7- 10). Mas o fato de Deus falar de um empréstimo (mesmo sem juros) pressupunha que seria reembolsado, e não que o recebedor dependeria de doações

ano após ano.[75]

Ainda outra solução para a pobreza era a provisão de que uma pessoa pobre pudesse se tornar um servo contratado de uma pessoa mais rica por um período específico de tempo, após o qual suas dívidas seriam consideradas pagas e ele obteria sua liberdade (Lv 25: 39-43 ; Deuteronômio 15: 12-18; compare a história de Jacó servindo a Labão em Gênesis 29: 18-27). Os servos contratados automaticamente tinham suas dívidas saldadas no sétimo ano de sua servidão (ver Deuteronômio 15: 12-15) ou no ano do jubileu (Levítico 25:28, 40).

O ponto importante é este: não há pensamento na Bíblia de que os pobres se tornariam recipientes permanentes de presentes em dinheiro, ano após ano, ou se tornariam dependentes de tais presentes. As únicas exceções eram as pessoas que estavam completamente impossibilitadas de trabalhar devido a deficiências permanentes, como um mendigo cego (Marcos 10:46; Lucas 18:35) ou um mendigo coxo (Atos 3: 2-10).[76]

No Novo Testamento, Paulo repreendeu aqueles que estavam "ociosos" (1 Tes. 5:14; 2 Tes. 3: 7), estipulando: "Se alguém não quer trabalhar, não coma" (2 Tes. 3 : 10).

As expectativas da Bíblia de que as pessoas devem trabalhar para ganhar a vida não devem ser vistas como duras ou indelicadas. O fato de Deus ter dado trabalho a Adão e Eva antes que houvesse pecado no mundo (ver Gênesis 1:28; 2:15) indica que devemos ver o trabalho como uma bênção, um presente valioso de Deus. Embora Deus agora tenha adicionado uma dimensão de dor e dificuldade ao nosso trabalho por causa do pecado de Adão (veja Gn 3: 17-19), a capacidade de trabalhar e criar bens e serviços úteis ainda é vista como um dom positivo em todo o resto da Bíblia e algo que Deus ordena que seu povo faça para o seu bem (veja Êxodo 20: 9; Efésios 4:28).

4. "Sucesso conquistado" é mais importante do que dinheiro

A importância do trabalho produtivo para todos os seres humanos foi enfatizada em um livro recente de Arthur C. Brooks, ex-professor de negócios e políticas governamentais da Syracuse University. Como resultado de seus extensos estudos

---

[75] No entanto, consulte Deut. 15: 1-3 para pagamentos de dívidas temporariamente suspensos a cada sete anos. Para uma discussão desta passagem, ver E. Calvin Beisner, Prosperity and Poverty (Westchester, IL: Crossway, 1988), 58-62, argumentando que a liberação dos pagamentos era temporária, apenas para aquele ano, e não um cancelamento permanente, como no Ano do Jubileu.

[76] A tecnologia moderna permite até que muitas pessoas com deficiência física se sustentem por meio do trabalho de processamento de informações ou da criatividade intelectual. Um exemplo é Stephen Hawking, um físico renomado que está quase completamente paralisado e se comunica por meio de tecnologia de geração de fala.

sobre as causas da satisfação humana na vida, Brooks argumenta que o principal fator econômico que torna as pessoas felizes não é o dinheiro, mas o que ele chama de "sucesso conquistado", isto é, ter uma responsabilidade específica e, então, fazer um bom trabalho para cumprir essa responsabilidade. Brooks escreve: “O segredo do florescimento humano não é o dinheiro, mas o sucesso obtido na vida”.[77] Ele explica:

> Sucesso conquistado significa a capacidade de criar valor honestamente - não ganhando na loteria, não herdando uma fortuna, não pagando um cheque da previdência. Não significa nem mesmo ganhar dinheiro. O sucesso conquistado é a criação de valor em nossas vidas ou na vida de outras pessoas.[78]

Um exemplo disso que eu (Wayne Grudem) conheço envolveu um aluno meu recentemente no Seminário de Phoenix. Ele era um aluno excelente, obtendo nota máxima em suas aulas. Ele trabalhou para mim por dois anos e foi altamente responsável em todas as tarefas. Ele tinha um casamento estável e espero que ele se saia muito bem na carreira.

Quando o conheci, descobri que vários anos antes disso, sua vida estava em declínio total. Ele tinha um histórico de crimes e abuso de drogas e passou um tempo na prisão por tráfico de drogas. Mas depois que saiu da prisão, ele conseguiu um emprego em um restaurante de fast-food Wendy's. Um dia, seu gerente disse a ele: “Você está fazendo um bom trabalho em manter as batatas fritas quentes”.

Ele se lembra dessa observação como um momento decisivo em sua vida. De repente, ele percebeu que era capaz de fazer algo bem. Ele experimentou um toque de alegria pelo "sucesso obtido". Ele começou a pensar que, se trabalhasse muito, poderia eventualmente se tornar um gerente de turno, ou até mesmo o gerente do próprio restaurante. Não foi o dinheiro que lhe deu essa felicidade e sensação de satisfação, mas sim o "sucesso conquistado".

Não é de surpreender que Deus nos criou com a capacidade de criar bens e serviços e nos ordenou que trabalhássemos para fazer isso. E não é de surpreender que ele também nos criou para que tivéssemos uma grande sensação de felicidade quando seguimos seu plano, trabalhamos para criar bens e serviços e, então, alcançamos o sucesso conquistado.

---

[77] Arthur C. Brooks, The Battle: How the Fight between Free Enterprise and Big Government Will Shape America's Future (New York: Basic Books, 2010), 71.
[78] Ibid., 75.

Isso reforça a importância do objetivo principal: uma nação pobre não deve se concentrar em tentar obter mais ajuda de outros países, mas em como pode produzir mais bens e serviços e, portanto, ter um PIB maior.

B. Redistribuição da riqueza dos ricos para os pobres

Vários escritores cristãos que se preocupam com os pobres enfatizaram "reduzir as desigualdades" entre ricos e pobres. A solução deles tem sido trabalhar por uma maior "igualdade" porque "Deus odeia a desigualdade." Esta igualdade pode ser promovida, dizem-nos, por políticas “mais justas” que tiram mais dos ricos e dão mais aos pobres.

“Tirar dos ricos” pode simplesmente referir-se aos países ricos que dão mais ajuda ao desenvolvimento aos países pobres. Discutimos a futilidade dessa abordagem na seção anterior. Ela não resolve o problema da pobreza.

Mas essa busca por mais igualdade pode se referir a governos cobrando pesados impostos sobre os ricos e dando muito desse dinheiro aos pobres nos países pobres. Essa abordagem precisa de uma análise cuidadosa. O que aconteceria? Depende de cada nação.

1. Em algumas nações, as pessoas são ricas por causa do abuso do poder do governo

Há um pequeno grupo de pessoas ricas em cada país pobre do planeta. As maneiras pelas quais essas pessoas ricas se tornaram ricas variam de país para país.

Em países comunistas, como Cuba e Coréia do Norte (ou na Rússia, que ainda tem muitos vestígios de comunismo), algumas pessoas são "ricas" em termos de moradias, carros, privilégios de compras em lojas restritas, viagens e privilégios de férias muito melhores e outras proteções e benefícios. Eles recebem esses privilégios porque ocupam altos cargos no governo.

Da mesma forma, em muitas nações africanas, as pessoas ricas são aquelas que ocupam altos cargos no governo e se ajudaram a ganhar dinheiro do tesouro público, às vezes acumulando enormes fortunas que usaram para comprar casas no exterior ou armazenadas em contas em bancos suíços. Às vezes, parece às pessoas no país que a maioria das pessoas ricas são mentirosos, ladrões, extorsionários e até assassinos.

Em muitos países árabes ricos em petróleo, as famílias governantes e seus amigos têm acesso a grandes quantidades de riqueza do petróleo que gastam em

férias, iates, aviões, carros de luxo e casas palacianas.

Em alguns países da América Latina, algumas famílias ricas acumularam grandes quantidades de terras, dinheiro e poder com a ajuda de privilégios especiais e leis restritivas feitas por funcionários governamentais amigáveis. Em alguns casos, sua riqueza vem do comércio de drogas, roubo, suborno e extorsão. Essas poucas famílias ricas normalmente possuem quase todas as terras, têm monopólios protegidos pelo governo para os produtos de suas empresas e costumam violar a lei, sabendo que nunca serão condenados por seus amigos, que são os juízes poderosos. Essas famílias podem ser proprietárias das únicas empresas que recebem enormes contratos do governo. Se essa situação não mudar, os cidadãos pobres comuns não terão esperança. Eles nunca serão capazes de possuir terras, licenciar um negócio competitivo, obter um julgamento justo nos tribunais, ter seus contratos executados, ou ganhar um contrato com o governo. Às vezes, esse sistema é chamado de "capitalismo de compadrio" ou "capitalismo oligárquico".[79]

Em todos esses casos, existem males estruturais significativos na maneira como os governos funcionam. Esses males devem ser enfrentados antes que esses países possam sair da pobreza. (Abordaremos essas mudanças em detalhes nos capítulos subsequentes, especialmente os capítulos sobre as liberdades do sistema e o governo do sistema.) Além disso, aqueles que lucraram com a atividade criminosa devem ser processados e punidos por seus crimes.

No entanto, a solução para esses males estruturais não é simplesmente "tirar dos ricos e dar aos pobres". Fazer isso é abordar um sintoma do problema, e não a causa. A causa do problema não é a desigualdade de riqueza na nação; em vez disso, é o uso seletivo do poder do governo para proteger apenas alguns poucos ricos e impedir efetivamente que outros aumentem sua própria prosperidade por meio de trabalho árduo e parcimônia.

O motivo pelo qual apenas redistribuir a riqueza dos ricos para os pobres não resolve o problema da pobreza é que isso não atinge o objetivo principal: tornar-se uma nação que cria continuamente mais bens e serviços. A redistribuição da riqueza em si não cria novos bens e serviços em uma nação.

Imagine que o valor total de todos os bens em uma nação (todas as casas,

---

[79] Ver William J. Baumol, Robert E. Litan e Carl J. Schramm, Good Capitalism, Bad Capitalism, and the Economics of Growth and Prosperity (New Haven: Yale University Press, 2007), 71-79, para uma discussão sobre o quê eles chamam de "capitalismo oligárquico". Eles dizem que nessas sociedades, "o crescimento econômico não é um objetivo central do governo, cujo objetivo principal é, em vez disso, manter e melhorar a posição dos poucos oligárquicos (incluindo os próprios líderes do governo) que detêm a maioria dos recursos do país "(ibid., 71).

carros, roupas, caminhões, tratores, edifícios, gado e dinheiro) seja de $ 3 bilhões em 1º de janeiro, e os ricos têm quase toda essa riqueza e os pobres não tem quase nada. Agora, suponha que em 2 de janeiro o governo pegue metade da riqueza dos ricos e a distribua entre os pobres do país. O valor total de todas as mercadorias no país em 2 de janeiro ainda é de US $ 3 bilhões, porque nenhum novo produto de valor foi produzido.

É claro que as pessoas pobres podem comprar comida e roupas melhores por um tempo, e talvez até comprar carros ou pequenas casas. Mas se o sistema governamental que os prendeu na pobreza em primeiro lugar não for corrigido, a comida logo será comida, as roupas novas gastas, os carros quebrados e não haverá solução permanente. Isso ocorre porque o objetivo de produzir continuamente mais bens e serviços é esquecido nesta "solução". Mais uma vez, essa abordagem ataca apenas um sintoma, não a causa.

2. Em outras nações, as pessoas são ricas porque trabalharam corretamente e ganharam mais dinheiro

Definitivamente acreditamos que todos os governos, na medida em que podem, devem fornecer uma “rede de segurança” para que ninguém no país falte comida, roupas e abrigo. Tal provisão deve provir da receita tributária geral da nação, de modo que todos os que pagam impostos contribuam para esse bem social geral. A Bíblia diz que parte da responsabilidade do governante é mostrar “misericórdia para com os oprimidos” (Dan. 4:27) e servir o povo como “servo de Deus para o [seu] bem” (Rom. 13: 4). Esta é a ideia por trás da respiga lei em Deuteronômio 24: 19-22. É parte de cuidar dos “órfãos” de quem Deus cuida, mas que não têm ninguém para provê-los e protegê-los (Deuteronômio 10:18; 14:29; 24:17; Salmos 82: 3).

Por outro lado, a Bíblia não apóia a ideia de que os governos devam forçosamente tirar dos ricos simplesmente porque eles são ricos e dar aos pobres (além das necessidades básicas) simplesmente porque eles são pobres. Na verdade, as leis que Deus deu a Israel especificavam que os funcionários do governo (como juízes) não deviam mostrar favoritismo nem para com os ricos nem para com os pobres, mas simplesmente para fazer cumprir a lei de forma justa: "Nem serás parcial para com um pobre homem em seu processo. . . . Não perverterás a justiça devida aos teus pobres em seu processo "(Êxodo 23: 3, 6; ver também Deuteronômio 16: 19-20). Da mesma forma:" Não farás injustiça no tribunal. Não deves ser parcial aos pobres, ou submissa aos grandes, mas com

justiça julgarás o teu próximo ”(Lv 19:15).[80]

No Novo Testamento, nunca se disse que o papel do governo é igualar as diferenças entre ricos e pobres. Em vez disso, o governo "deve punir os que praticam o mal e louvar os que fazem o bem" (1 Pedro 2:14). O governo deve punir apenas aqueles que "praticam o mal" (Rom. 13: 4), sejam eles são ricos, pobres ou intermediários.

Tirar dos ricos simplesmente porque eles são ricos penaliza tanto os ricos que infringiram a lei quanto os ricos que não infringiram a lei. Isso é injusto, porque comete uma injustiça contra aqueles que ganharam seu dinheiro de maneira legal e justa: “Não é bom impor multa ao justo, nem ferir os nobres pela sua retidão” (Pv 17:26).

Jay Richards vê uma analogia entre pobreza e doença:

> Com razão, vemos a pobreza como um problema, assim como a doença é um problema. Mas o problema não é que algumas pessoas sejam ricas e outras pobres, assim como o problema da doença não é que algumas pessoas sejam saudáveis. O problema é simplesmente que algumas pessoas são pobres. . . . Se realmente queremos ajudar os pobres, precisamos tirar nossos olhos das armadilhas e focar no problema real - a pobreza - e sua única solução conhecida: a criação de riqueza.[81]

Em nenhum lugar a Bíblia ensina que é responsabilidade do governo tentar igualar a renda entre ricos e pobres. Esse não é um propósito legítimo do governo, de acordo com a Bíblia.

Nenhuma nação deve se concentrar em superar a pobreza e ganhar riqueza redistribuindo à força a riqueza dos ricos para os pobres. O objetivo deve ser a produção, não a redistribuição. A nação deve produzir continuamente mais bens e serviços para aumentar seu PIB.

C. Esgotamento dos recursos naturais

David S. Landes explica o erro fatal que a Espanha cometeu em meados dos anos 1500 ao colocar todas as suas esperanças de fortuna no ouro que poderia encontrar e extrair do Novo Mundo, especialmente da América Central. Logo depois que

---

[80] Para uma discussão mais aprofundada, consulte Wayne Grudem, Politics — Segundo a Bíblia (Grand Rapids: Zondervan, 2010), 278-84.

[81] Jay W. Richards, Money, Greed, and God: Why Capitalism Is the Solution and Not the Problem (New York: HarperOne, 2009), 110.

Cristóvão Colombo trouxe a notícia da descoberta da América em 1492, expedições espanholas começaram a explorar o Novo Mundo em busca de ouro. "Por um quarto de século os espanhóis navegaram pelo Caribe. . . . E sempre pediam ouro. "[82]

Finalmente, em 1519, Hernando Cortez conquistou o Império Asteca no México, e os espanhóis encontraram o ouro que tanto desejavam. Então, em 1532-1539, Francisco Pizarro capturou o Império Inca no Peru, e novamente os conquistadores encontraram quantidades fabulosas de ouro que poderiam ser levadas de volta para a Espanha.

Mas qual foi o resultado desta riqueza fabulosa? Landes escreve: "Em retrospectiva, a paixão espanhola pelo ouro foi um grande erro".[83]Ele explica: "A riqueza das índias ia cada vez menos para a indústria espanhola porque os espanhóis não precisavam mais fazer coisas; eles poderiam comprá-los. . . . Nem o tesouro americano foi para a agricultura espanhola; A Espanha poderia comprar comida. "[84]

O povo cada vez mais rico da Espanha quase não precisava ganhar nada ou aprender a ganhar a vida. Não havia necessidade de treinar artesãos qualificados, porque os ricos podiam comprar o melhor dos produtos feitos pelos melhores artesãos de qualquer outra nação. As pessoas não aprenderam bons hábitos de trabalho porque quase não precisaram trabalhar. Cada vez menos espanhóis viajavam para o exterior para construir e estabelecer negócios, porque não precisavam se preocupar com esse tipo de trabalho e, portanto, essas habilidades foram perdidas para as gerações seguintes.

O resultado foi trágico. Embora a Espanha fosse a nação mais rica e poderosa do planeta no século XVI, sua riqueza não estava destinada a durar. Landes explica:

> Espanha. . . tornou-se (permaneceu) pobre porque tinha muito dinheiro. As nações que realizaram o trabalho aprenderam e mantiveram bons hábitos, enquanto buscam novas maneiras de fazer o trabalho de maneira mais rápida e melhor. Os espanhóis, por outro lado, satisfaziam sua propensão para status, lazer e diversão. . . . Quando o grande afluxo de ouro terminou, em meados do século XVII, a Coroa Espanhola estava afundada em dívidas. . . . O país entrou em um

[82]David S. Landes, A Riqueza e Pobreza das Nações: Por que Alguns São Tão Ricos e Alguns Tão Pobres (Nova York: WW Norton, 1999), 101.
[83] Ibid., 114.
[84] Ibid., 172.

> longo declínio. Ao ler esta história, pode-se traçar uma moral: dinheiro fácil é ruim para você. Representa ganho de curto prazo que será pago em distorções imediatas e arrependimentos posteriores.[85]

Landes observa um paralelo moderno em nações do Oriente Médio que obtiveram riqueza fácil do petróleo. Ele diz:

> A melhor comparação é com a Espanha dos séculos dezesseis e dezessete, amaldiçoada pelas riquezas fáceis e conduzida pelo caminho da auto-indulgência e da preguiça. O mesmo acontece com os ricos em petróleo. . . . Esses países simplesmente não desenvolveram uma economia avançada. Como a Espanha de antigamente, eles compraram as habilidades e os serviços de outros em vez de aprenderem a fazer as coisas sozinhos.[86]

Landes vê uma situação semelhante nos primeiros dias da independência para muitas nações latino-americanas (no início do século XIX, em sua maior parte). Ele diz que muitos dos principais setores da economia dessas novas nações dependiam de commodities, como prata, cobre e produtos florestais, mas "pouco foi feito pela indústria e pouco foi feito na indústria. . . . Assim, as nações da América do Sul permaneceram, após a independência como antes, dependências econômicas das nações industriais avançadas. "[87]

William Bernstein concorda:

> Pode muito bem haver uma correlação inversa entre riqueza e dotação natural. Lance seu olhar para o Império Habsburgo, bem como para a Nigéria, Arábia Saudita e Zaire modernas, e é difícil não concluir que os recursos naturais abundantes são uma maldição. A produção de riqueza de empreendimentos comerciais nascidos da assunção de riscos e do suor encoraja instituições governamentais saudáveis e gera mais riqueza. A produção de riqueza a partir de um número limitado de buracos no solo, pertencentes ou controlados pelo governo, gera busca de renda e corrupção.[88]

Claro, a riqueza de recursos pode ser usada com sabedoria.[89] Por exemplo, a

---

[85] Ibid., 173.

[86] Ibid., 408-9. A esta observação, acrescentaríamos uma palavra de conselho da Bíblia: "A riqueza ganha apressadamente diminuirá, mas o que ajunta pouco a pouco aumentará" (Provérbios 13:11).

[87] Ibid., 314.

[88] William J. Bernstein, *O nascimento da abundância: como a prosperidade do mundo moderno foi criada* (Nova York: McGraw-Hill, 2004), 289-90.

[89] Mineiro, *The Bottom Billion,* 140-146, sugere algumas regras que poderiam entrar em uma "carta internacional" pela qual as nações ricas iriam aderir a certos princípios de clareza e responsabilidade quando exportassem recursos

Noruega, em sua maior parte, administrou bem suas vastas reservas de petróleo.[90] A Noruega tem altos níveis de alfabetização, excelentes escolas primárias e secundárias, terras claramente tituladas, direitos de propriedade protegidos e uma cultura de trabalho árduo e frugalidade. Com todos esses fatores positivos, a Noruega tem uma renda per capita muito alta (US $ 54.200).

Outro exemplo positivo é o Botswana. De acordo com Acemoglu e Robinson:

> Na independência, o Botswana era um dos países mais pobres do mundo; tinha um total de doze quilômetros de estrada asfaltada, vinte e dois cidadãos formados na universidade e cem no ensino médio. . . ainda assim, nos próximos quarenta e cinco anos, Botswana se tornaria um dos países de crescimento mais rápido do mundo.[91]

Sim, a descoberta de minas de diamante em Botswana ajudou, mas isso foi apenas parte da história:

> Instituições econômicas e políticas inclusivas [foram criadas] após a independência. Desde então, tem sido democrático, realiza eleições regulares e competitivas e nunca experimentou guerra civil ou intervenção militar. O governo criou instituições econômicas que garantem os direitos de propriedade, garantindo a estabilidade macroeconômica e incentivando o desenvolvimento de uma economia de mercado inclusiva.[92]

> Antes que a descoberta da mina de diamantes fosse anunciada, o rei Khama instituiu uma mudança na lei para que todos os direitos minerais do subsolo fossem investidos na nação, não na tribo. Isso garantiu que a riqueza de diamantes não criaria grandes desigualdades no Botswana.[93]

A riqueza de recursos, portanto, pode ajudar uma economia, mas é perigosa. Pode desviar os olhos de um país do objetivo principal que deve ser mantido em mente: a criação contínua de mais bens e serviços, mais produtos de valor. Se a riqueza de recursos ajuda a atingir esse objetivo, então é benéfico. Mas se distrair uma nação desse objetivo, e se fizer com que as pessoas não vejam a necessidade

---

de nações pobres (ou de qualquer nação).

[90] "De Herói a Valete," *O economista*, 25 a 31 de agosto de 2012, 40, acessado em 3 de janeiro de 2013, www.economist .com / node / 21560872.

[91] Acemoglu e Robinson, *Por que as nações falham*, 409.

[92] Ibid., 410.

[93] Ibid., 412.

de desenvolver habilidades e hábitos de trabalho cruciais, quando os recursos eventualmente se esgotam ou não são mais necessários, a pobreza surge no horizonte e os cidadãos cada vez mais foco na tarefa improdutiva de lutar pelo controle de uma base de recursos reduzida.

Nenhuma nação deve concentrar sua esperança de superar a pobreza no esgotamento dos recursos naturais. O objetivo deve ser tornar-se uma nação que cria continuamente mais bens do que apenas recursos extraídos, e também mais serviços.

D. Culpar a pobreza por fatores ou entidades externas

Às vezes, as pessoas pensam que as nações pobres são pobres por causa de coisas feitas por fatores e entidades externas, como colonialismo, grandes bancos, grandes corporações, nações ricas ou o sistema econômico mundial. O problema básico de culpar a pobreza por esses fatores externos é que isso não faz nada para resolver o problema. Não adianta criar novos bens e serviços em um país pobre. Culpar fatores ou entidades externas é olhar para trás, não para frente.

Mesmo que parte dessa culpa seja bem colocada (e concordamos que sim; veja abaixo), a questão ainda permanece: o que pode ser feito agora? Qual é a solução daqui para frente?

Além disso, esta pergunta deve ser respondida: Os fatores ou entidades de fora de uma nação pobre são realmente responsáveis pela pobreza dentro dessa nação? Nos capítulos subsequentes deste livro, descobriremos pelo menos setenta fatores nas nações pobres que determinam se elas permanecerão na pobreza ou crescerão em prosperidade ano após ano. Nosso argumento neste livro é que esses fatores internos nas nações pobres são as principais causas da pobreza remanescente. Portanto, mesmo que fatores ou entidades externas tenham tido algum efeito negativo nas nações pobres, eles ainda são as causas secundárias da pobreza hoje, não as principais. Tentaremos demonstrar esse ponto nas seções a seguir.

No entanto, existe um fator externo que pode empobrecer um país. Quando uma nação conquista e oprime outra, reduzindo-a à pobreza e à escravidão virtual, esta é a principal causa da pobreza naquela nação. Isso aconteceu com o povo de Israel quando os exércitos filisteus os subjugaram e escravizaram repetidas vezes:

> O povo de Israel fez o que era mau aos olhos do Senhor, e o Senhor os entregou nas mãos de Midiã por sete anos. E a mão de Midiã dominou Israel, e por causa

> de Midiã o povo de Israel fez para si os covis que estão nas montanhas e as cavernas e as fortalezas. Sempre que os israelitas plantavam safras, os midianitas, os amalequitas e o povo do Oriente se levantavam contra eles. Eles se acampariam contra eles e devorariam a produção da terra, até Gaza, e não deixariam nenhum sustento em Israel, nem ovelhas, bois ou jumentos. (Juízes 6: 1-4)

Uma opressão trágica semelhante foi sofrida pelos países da Europa Oriental após a Segunda Guerra Mundial, quando ficaram sob o domínio escravizador da ex-União Soviética e permaneceram presos na pobreza enquanto a Europa Ocidental experimentava grande prosperidade econômica.

Em tais casos, a pobreza é corretamente atribuída a uma entidade externa - isto é, à nação opressora. Nações empobrecidas pela conquista só podem sair da pobreza sendo de alguma forma libertadas de seus opressores.

Mas e quanto aos outros fatores e entidades mencionados acima como causas da pobreza nas nações pobres? Agora podemos examiná-los um de cada vez: colonialismo, bancos que emprestam dinheiro a países pobres, o sistema econômico mundial e os termos de comércio internacionais, e nações ricas e corporações multinacionais.

1. Colonialismo

Durante os séculos XVI a XX, algumas nações europeias poderosas governaram outros países (na África, Sudeste Asiático e América Latina) como "colônias" dependentes. Os principais países que se engajaram na colonização foram França, Holanda, Grã-Bretanha, Espanha, Portugal, Alemanha e Bélgica.

Esses países meramente saquearam a riqueza de suas colônias e assim as empobreceram? Devemos pensar que tal colonialismo foi uma das principais causas da pobreza que permanece nessas nações hoje, às vezes mais de cem anos depois de terem conquistado a independência? (O colonialismo também é às vezes chamado de "imperialismo" porque construiu "impérios" para as nações europeias.)

Não é de surpreender que o colonialismo não fosse apreciado em todos os lugares em que tinha influência. Especialmente na África, os colonialistas eram vistos como ocupantes e saqueadores de recursos naturais. Os anticolonialistas acreditavam que o colonialismo representava um sistema de pilhagem econômica e que era racista e explorador.

Os estudos acadêmicos sobre os efeitos do colonialismo chegaram a conclusões amplamente variadas. Mencionaremos primeiro alguns estudos que

são mais positivos, depois outros que são mais negativos. Todas as partes parecem concordar que, embora a história seja complexa, os resultados variam de acordo com as políticas específicas das diferentes nações europeias.

Landes, o historiador econômico de Harvard, diz que algumas ex-colônias prosperaram economicamente, como Canadá, Estados Unidos, Cingapura e Hong Kong (ex-colônias britânicas); Finlândia (uma antiga parte do Império Russo); e Noruega (anteriormente sob a Suécia). Ele também observa que a Coréia (do Sul) e Taiwan, que agora são prósperas, já foram colônias do Japão.[94]

Landes conclui que em todo o mundo as colônias passaram por sofrimentos, mas também aponta ganhos:

> Quase todos os imperialismos trouxeram sofrimento material e psicológico para o povo subjugado; mas também ganhos materiais, diretos e indiretos, pretendidos e não. Alguns desses ganhos resultaram da abertura e do comércio. . . . Os colonos normalmente construíam coisas úteis - estradas, ferrovias, instalações portuárias, edifícios, abastecimento de água, unidades de eliminação de resíduos e assim por diante. . . .
>
> Teriam mais dessas instalações sido construídas se esses países fossem livres? Sob os regimes pré-coloniais, improvável. . . . Pior, os regimes sucessores permitiram que o legado colonial se deteriorasse. As grandes exceções foram as sociedades pós-coloniais do Leste e Sudeste Asiático: Coréia do Sul, Taiwan, Cingapura.[95]

Os poderes coloniais variaram em seus efeitos sobre as colônias, principalmente porque variaram na forma como se relacionaram com as colônias e nas influências culturais que trouxeram para elas. A este respeito, Landes escreve:

> Algumas nações imperiais eram governantes melhores do que outras e suas colônias se saíram melhor após a independência. Este critério teria espanhóis e portugueses ruins, holandeses e franceses menos ruins e os britânicos menos ruins por causa de sua disposição e capacidade de investir em despesas sociais (ferrovias na Índia, por exemplo) e sua dependência das elites locais para administrar em o nome deles. Em 1900, a Índia tinha trinta e cinco vezes a quilometragem ferroviária da China nominalmente independente - uma saudação

[94] Landes, Wealth and Poverty, 436-37.
[95] Ibid., 434-35.

ao senso de império e dever da Grã-Bretanha.[96]

Os dois séculos de governo da Grã-Bretanha na Índia incluíram várias consequências benéficas e duradouras. A disseminação nacional da língua inglesa sem dúvida melhorou a comunicação entre as centenas de castas e tribos de diferentes línguas. Os britânicos também deixaram para trás um sistema educacional viável e um sistema de leis e contratos, dando à Índia o estado de direito e a ideia de direitos de propriedade protegidos. A extensa infraestrutura de estradas, ferrovias, portos, escolas, hospitais e outros grandes desenvolvimentos surgiu por causa da influência britânica.

Até o primeiro-ministro indiano, Manmohan Singh, lembrou alguns dos benefícios do colonialismo britânico em um discurso na Universidade de Oxford no início do século XXI:

> Hoje, com o equilíbrio e a perspectiva oferecidos pela passagem do tempo e o benefício de uma visão retrospectiva, é possível para um primeiro-ministro indiano afirmar que a experiência da Índia com a Grã-Bretanha também teve consequências benéficas. Nossas noções de estado de direito, de um governo constitucional, de uma imprensa livre, de um serviço civil progressista, de universidades modernas e laboratórios de pesquisa foram todas moldadas no cadinho onde uma civilização milenar encontrou o Império dominante da época.[97]

Aqui está a descrição recente de Niall Ferguson do colonialismo:

> Cada potência europeia tinha sua maneira distinta de lutar pela África. Os franceses preferiam ferrovias e centros de saúde. Os britânicos fizeram mais do que apenas cavar ouro e caçar vales felizes; eles também construíram escolas missionárias. Os belgas transformaram o Congo em um vasto estado escravista. Os portugueses fizeram o mínimo possível. Os alemães foram os retardatários da festa. Para eles, colonizar a África foi um experimento gigante para testar, entre outras coisas, uma teoria racial. De acordo com a teoria do "Darwinismo Social", os africanos eram biologicamente inferiores. . . . Os britânicos e os franceses pretendiam abolir a escravidão nas colônias durante o século XIX. Os alemães

[96] Ibid., 437.

[97] O Primeiro Ministro Dr. Manmohan Singh da Universidade de Oxford, 8 de julho de 2005, em um discurso sobre a aceitação de um título honorário. Uma transcrição desta palestra apareceu no The Hindu, a edição online do jornal nacional da Índia,http://www.hindu.com/nic/0046/pmspeech.htm.

não.[98]

Um dos mais respeitados especialistas do século XX nas consequências econômicas do colonialismo foi PT Bauer, professor de economia da London School of Economics. Seu resumo do impacto do domínio colonial britânico na África mostra resultados positivos e negativos. Ele resume os resultados positivos da seguinte forma:

> Antes do domínio colonial, as condições na Costa do Ouro [na África Ocidental] eram extremamente primitivas e a vida era curta e perigosa. A situação das pessoas melhorou irremediavelmente durante o período colonial. . . . Na Costa do Ouro, havia cerca de 3.000 crianças na escola no início dos anos 1900, enquanto em meados da década de 1950 havia mais de meio milhão. No início da década de 1890, na Costa do Ouro não havia ferrovias ou estradas, mas apenas alguns caminhos na selva. O transporte de mercadorias era feito por transporte humano ou canoa. Na década de 1930, havia ferrovias e estradas de madeira; as viagens rodoviárias exigiam menos horas do que exigiam dias em 1890. Na África Ocidental britânica, a segurança e a saúde públicas melhoraram irremediavelmente durante o período. Viagem pacífica tornou-se possível; escravidão, tráfico de escravos e fome foram praticamente eliminados,[99]

Bauer também reconhece consequências negativas: "A conquista colonial geralmente era acompanhada de derramamento de sangue".[100]E Bauer também reconhece pelo menos uma exportação terrivelmente destrutiva que os britânicos trouxeram para a África: a ideia socialista de que o governo deveria controlar a economia de uma nação. Por exemplo, os governos começaram a adotar medidas de "monopólio estatal de exportação de todas as principais safras".[101] Isso significava que os governos africanos podiam pagar aos agricultores locais "muito menos do que os preços do mercado mundial" por seus produtos agrícolas, depois vendê-los a preços elevados nos mercados mundiais e embolsar a diferença para eles próprios.[102]

Bauer atribui essa exportação de ideias socialistas à popularidade das teorias

---

[98] Niall Ferguson, Civilization: The West and the Rest (Nova York: Penguin, 2011), 176-177.
[99] PT Bauer, Equality, the Third World, and Economic Delusion (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1981), 163-65.
[100] Ibid., 170.
[101] Ibid., 173.
[102] Ibidem, 179; Bauer discute os monopólios de exportação estaduais que eram conhecidos como "conselhos de marketing" em 177-82.

socialistas entre os funcionários do governo britânico nas décadas de 1930 e 1940:

> O surgimento e a disseminação da crença de que o controle estatal da vida econômica era desejável em bases sociais, políticas e econômicas foi um fator importante por trás do surgimento de controles. Os mais influentes funcionários públicos britânicos encarregados dos assuntos africanos nas décadas de 1930 e 1940 compartilhavam dessa crença. Eles também acolheram políticas que aumentaram seu poder e status. Ao restringir a concorrência, as medidas muitas vezes beneficiaram influentes interesses privados, tanto expatriados como africanos. . . .
>
> Os principais efeitos do controle econômico estadual são familiares. . . eles politizam a vida e provocam tensões. Eles restringem o movimento de pessoas, ideias, mercadorias e recursos financeiros. Eles restringem o volume e a diversidade dos contatos externos, inibem a formação de capital produtivo e obstruem tanto a mudança econômica quanto o emprego eficaz de recursos humanos, financeiros e físicos. Eles separam a atividade econômica da demanda do consumidor. . . . Sua operação confere lucros e benefícios monopolísticos ou inesperados a algumas pessoas e inflige prejuízos a outras. . . . Grande parte do custo recai sobre os agricultores, que são desencorajados a produzir para o mercado quando seus termos de troca se deterioram. . . . Eles podem . . . reverter para a produção de subsistência.[103]

Se esse controle governamental da economia é tão prejudicial, por que ele persistiu? Bauer não tem dúvidas sobre o motivo:

> Os vários controles econômicos. . . não foram concebidos especificamente para beneficiar os africanos comuns, mas sempre foram úteis para os políticos e funcionários públicos que os impõem e administram. . . . Os colonialistas que partiam legaram uma bonança política e financeira aos novos políticos africanos.[104]

Acemoglu e Robinson expressam uma visão semelhante quando falam das "instituições extrativistas" que os governantes coloniais deixaram nos países pobres. Eles afirmam que as "instituições políticas extrativistas" são aquelas que "concentram o poder nas mãos de uma elite restrita e colocam poucas restrições sobre o exercício deste poder. "[105] O paralelo com as instituições políticas

---

103 Ibid., 174-75.

104 Ibid., 175, 183.

105 Acemoglu e Robinson, *Por que as nações falham*, 81.

extrativistas são as “instituições econômicas extrativistas”, que “são projetadas para extrair renda e riqueza de um subconjunto da sociedade para beneficiar um subconjunto diferente”.[106] Eles argumentam que a influência colonial deixou "instituições extrativistas" destrutivas que se perpetuaram nas colônias holandesas no sudeste da Ásia (250), na África em geral (250-73), na África do Sul em particular (259), na Índia (272-73) , em Serra Leoa (342) e em Gana, Quênia e Zâmbia (343).

William Easterly, em The White Man's Burden, argumenta:

> A velha sabedoria convencional estava correta - a era imperial anterior não facilitou o desenvolvimento econômico. Em vez disso, criou algumas das condições que geraram ocasiões para as intervenções malsucedidas de hoje: Estados falidos e governo ruim.

No entanto, ele continua:

> Isso não quer dizer que o Ocidente foi a única força motriz que criou maus governos no Resto - isso exageraria o impacto negativo do Ocidente. . . havia muito despotismo e política perversa antes que o Ocidente aparecesse. Nem é o Ocidente a única fonte de conquista imperial - lembre-se, digamos, dos astecas, dos muçulmanos e dos mongóis?[107]

Easterly explica que quando as nações europeias começaram a abandonar o domínio colonial e conceder independência às nações coloniais, mais erros foram cometidos:

> Primeiro, o Ocidente deu território a um grupo que outro grupo já acreditava possuir. Em segundo lugar, o Ocidente traçou limites dividindo um grupo étnico em duas ou mais partes entre as nações, frustrando as ambições nacionalistas desse grupo e criando problemas de minorias étnicas em duas ou mais nações resultantes. Terceiro, o Ocidente combinou em uma única nação dois ou mais grupos que eram inimigos históricos.[108]

A conclusão é que o colonialismo trouxe benefícios econômicos significativos para alguns países, mas menos benefícios para outros e efeitos

---

106 Ibid., 76.

107 Leste, *O fardo do homem branco*, 272. Ver também 278-83 para uma avaliação dos impactos positivos e negativos do colonialismo.

108 Ibid., 291.

destrutivos persistentes sobre o governo para muitos. Onde o colonialismo trouxe teorias socialistas ou "extrativistas" para o controle governamental das economias dos países pobres, o legado foi uma classe governante rica e corrupta vivendo acima da maioria da população, oprimida por seus próprios governos e presa na pobreza por gerações após geração.

Percebemos que os historiadores de hoje terão avaliações muito diferentes sobre os benefícios e as consequências prejudiciais do colonialismo europeu. Não é nosso propósito neste livro resolver essa questão. A questão crucial para hoje é: o que um país pobre pode fazer agora, olhando para frente?

Não nos parece, entretanto, que olhar para o passado e culpar o colonialismo ajude muito a resolver os problemas atuais, todos com causas complexas. A abordagem correta é olhar para frente e buscar soluções. Em particular, onde quer que permaneçam economias socialistas planejadas, dirigidas pelo governo e em grande parte não livres, onde quer que haja o que Acemoglu e Robinson chamam de "instituições extrativistas", a solução é buscar introduzir medidas crescentes de liberdade econômica genuína (ver capítulos 4, 5, 7, 8).

Finalmente, talvez haja cidadãos de antigas potências coloniais europeias lendo este livro, e talvez eles agora reconheçam algumas das consequências destrutivas que, intencionalmente ou não, foram infligidas às nações colonizadas por suas próprias nações. Há algo que eles possam fazer para ajudar a aliviar alguns dos danos, ainda hoje?

Um passo seria falar abertamente e encorajar suas próprias nações a mudar quaisquer tarifas de importação que ainda estejam impedindo as nações pobres de vender produtos em suas nações (ver 98-99). Outro passo seria encorajar seus países a interromper os programas de apoio aos preços agrícolas que deprimem os preços mundiais das safras (ver discussão em 97-98). Um terceiro passo seria que eles, individualmente ou como grupos, investissem no início de empresas com fins lucrativos que aumentarão os empregos e a produtividade econômica nas nações pobres (ver 185-86). Mas não achamos que eles deveriam encorajar mais ajuda de governo a governo de países ricos para países pobres, porque geralmente é mais prejudicial do que útil, como explicamos anteriormente (65-75).

2. Agências que emprestam dinheiro para países pobres

E as agências internacionais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, que concederam empréstimos aos países pobres? O custo de

reembolsar esses empréstimos é tão alto que constitui um fardo insuportável para essas nações pobres? Essas nações são pobres porque o custo do serviço desses empréstimos é muito alto?

O principal ponto a ser lembrado aqui é que esses empréstimos representam ativos que foram transferidos para os países pobres, não tomados deles, e quase todos os empréstimos foram feitos a taxas muito favoráveis, muito abaixo das taxas de mercado para empréstimos em mercados financeiros internacionais comuns. . Os empréstimos foram presumivelmente feitos para financiar projetos que seriam lucrativos e pagariam uma taxa de retorno substancial.

Bauer explica:

> As dívidas externas do Terceiro Mundo não são o resultado ou o reflexo da exploração. Eles representam os recursos fornecidos. . . . Dificuldades de serviço dessas dívidas não refletem exploração externa ou termos de troca desfavoráveis. São o resultado do desperdício de capital fornecido ou de políticas monetárias e fiscais inadequadas.[109]

A Bíblia é enfática ao dizer que os tomadores de empréstimo devem pagar suas dívidas:

> O ímpio pega emprestado, mas não paga, mas o justo é generoso e dá. (Salmos 37:21)

> *Pague a tudo o que é devido a eles*: impostos a quem os impostos são devidos, receitas a quem as receitas são devidas. . . . Não devamos nada a ninguém, exceto amar uns aos outros, pois quem ama o outro cumpre a lei. (Rom 13: 7-8)

Alguns cristãos têm feito campanha pelo "perdão da dívida" para as nações pobres. Este é realmente um apelo para que os empréstimos sejam cancelados sem que sejam declarados inadimplentes. Mas então outra pessoa tem que pagar por eles, geralmente os contribuintes das nações que fizeram os empréstimos. Portanto, o pedido de perdão da dívida é essencialmente um apelo para que mais ajuda externa seja concedida aos países altamente endividados, de modo que os argumentos apresentados acima a respeito da ajuda aplicam-se diretamente a esta questão.[110]

---

109 Bauer, Equality, 78.

110 Veja também a análise mais detalhada do perdão da dívida em Grudem, Politics, 451-56.

Easterly dedica um capítulo inteiro ao perdão da dívida em seu livro The Elusive Quest for Growth (123-37). Ele conclui:

> Nosso coração nos diz para perdoar dívidas para ajudar os pobres. Infelizmente, a cabeça contradiz o coração. O perdão da dívida concede ajuda aos beneficiários que provaram melhor sua capacidade de usar indevidamente essa ajuda. O alívio da dívida é inútil para países com comportamento governamental inalterado. A mesma má gestão de fundos que causou a alta dívida impedirá que a ajuda enviada através do alívio da dívida chegue aos realmente pobres.[111]

Uma vez que os empréstimos representam ativos que foram transferidos para um país pobre, eles não podem ser corretamente considerados a fonte da pobreza em tal nação. Algumas pessoas no país pobre ganharam enormes quantias de dinheiro com esses empréstimos, e aqueles que receberam os benefícios devem pagar os custos. O professor de economia de Princeton, Angus Deaton, diz: "De acordo com a Comunidade Européia, o valor total dos ativos roubados em contas externas individuais é equivalente à metade da dívida pendente da África".[112]

Se líderes corruptos que roubaram fortunas enormes de dinheiro emprestado estão agora cobrando impostos dos pobres de seu país para pagar o dinheiro roubado, então a culpa deve ser colocada diretamente sobre os ombros desses líderes. Eles estão tornando seu país pobre. Os empréstimos em si não tornaram o país pobre.

No entanto, e se o líder corrupto que roubou os fundos foi deposto e parece não haver maneira de recuperar o dinheiro roubado? Easterly pensa (e nós concordamos) que em certos casos muito limitados como este, o alívio da dívida pode ser justificado:

> Um programa de alívio da dívida pode fazer sentido se atender a duas condições. (1) É concedido onde houve uma mudança comprovada de um governo irresponsável para um governo com boas políticas; (2) é uma medida definitiva que nunca será repetida. . . . Pode ser que a dívida seja herdada de um governo ruim por um governo bom que realmente tentará ajudar os pobres. Poderíamos ver o cancelamento da dívida neste caso. . . . Um programa de alívio da dívida que falha em qualquer uma dessas duas condições resulta em mais recursos indo

---

111 Easterly, Elusive Quest, 136.

112 Deaton, escrevendo em Banerjee et al., Making Aid Work, 59.

para países com políticas ruins do que países pobres com políticas boas.[113]

3. O sistema econômico mundial e os termos de comércio internacionais

E o sistema econômico mundial? As nações ricas se unem e conspiram para pagar preços injustamente baixos aos agricultores dos países pobres por seus produtos agrícolas?

Esta sugestão comum mostra um mal-entendido sobre a forma como os preços dos produtos agrícolas são determinados. Discutiremos o café aqui, mas os mesmos argumentos se aplicam a centenas de outras safras.

a. Ninguém pode controlar os preços das commodities nos mercados mundiais

Primeiro, as nações não compram café, as empresas compram. Existem milhares de grandes e pequenas empresas no mundo que buscam comprar café para seus clientes. Isso inclui (nos Estados Unidos) as empresas que comercializam Starbucks, Seattle's Best, Nestlé, Maxwell House, Folgers, Dunkin Donuts, Yuban, Melitta e milhares de outras marcas de café. Estas não são nações, como Grã-Bretanha, França, Alemanha ou Estados Unidos. São empresas independentes e podem ser encontradas em quase todos os países do mundo.

Em segundo lugar, o preço do café é determinado principalmente por dois fatores - oferta e demanda. Quando os clientes ao redor do mundo bebem mais café, as empresas de café precisam comprar mais, o que significa que a quantidade demandada nos mercados de café aumenta. Isso empurra o preço para cima. Mas se as pessoas bebem menos café, a quantidade demandada diminui, e isso empurra o preço para baixo. Com muitos milhares de compradores em todo o mundo, nenhuma empresa ou nação pode determinar a demanda geral de café.

E quanto ao fornecimento? Se for um ano ruim para a safra de café, menos café é fornecido, o café é escasso e os compradores estão dispostos a pagar mais ou beber menos para não ficarem sem café. A menor quantidade ofertada empurra os preços para cima. Mas se houver uma safra abundante de café, então mais café será fornecido e haverá mais para vender do que as empresas planejavam comprar. Os vendedores precisam reduzir seus preços para vender seu café. Uma oferta maior reduz o preço do café.

---

113 Easterly, Elusive Quest, 136-37. No entanto, estando cientes de décadas de fracassos passados com a ajuda, os leitores podem ficar céticos quanto à possibilidade de tal situação como ele descreve realmente ocorrer.

Todos os anos, em todo o mundo, milhares e milhares de pequenos e grandes cafeicultores decidem quanto plantarão e quanto colherão para a colheita. (Eles precisam planejar com antecedência porque o cafeeiro cresce de três a cinco anos antes de produzir grãos de café.) Com tantos milhares de produtores, nenhuma empresa ou nação pode determinar o fornecimento geral de café.

Enquanto eu (Wayne Grudem) escrevo este capítulo, o preço mundial do café é de 210 centavos por libra (este é o preço "composto" entre várias variedades e mercados). Nas bolsas de café em várias cidades ao redor do mundo, 210 centavos por libra é o preço pelo qual a oferta e a demanda se cruzam. Os agricultores estão dispostos a vender seu café a esse preço (oferta) e as empresas de café estão dispostas a comprá-lo a esse preço (demanda). (Nesta discussão, mantemos outros fatores constantes e omitindo os custos de transação por uma questão de simplificação.).

Nesse sistema, com um mercado mundial e preços determinados por centenas de milhares de decisões individuais, não há como uma empresa ou nação rica dizer: “Queremos pagar aos cafeicultores um preço injustamente baixo, um preço injusto. Não achamos que eles deveriam receber 210 centavos de dólar por libra pelo café. Vamos pagar apenas 150 centavos por libra! "

Suponha que uma empresa poderosa, digamos, a Starbucks, decidisse que pagaria apenas 150 centavos por libra. Os compradores da Starbucks iam a bolsas de café em cidades ao redor do mundo e anunciavam: “Estamos oferecendo a compra de café a 150 centavos de dólar por libra!” O que aconteceria?

Os comerciantes riam deles para fora da sala. Ninguém venderia café aos compradores da Starbucks. Por que eles deveriam vender para a Starbucks a 150 centavos de dólar a libra, quando poderiam vender para qualquer outra pessoa no mundo por 210 centavos de dólar o libra? Se ninguém vendesse para a Starbucks por aquele preço, a Starbucks logo ficaria sem café e seus clientes se cansariam e iriam embora. A Starbucks sabe disso, então seus compradores não têm escolha a não ser oferecer 210 centavos por libra, o preço mundial do café. Portanto, nenhum indivíduo, nenhum governo e nenhuma empresa poderosa é capaz de “definir” o preço mundial dos produtos agrícolas.

Mas e quanto à campanha para encorajar as pessoas a comprar café de “comércio justo” que tem um preço mais alto? A promessa do movimento de comércio justo é que os cafeicultores de países pobres receberão um preço mais alto pelo café se ele for produzido em melhores condições de trabalho e com salários mais altos. Então, o café que é comercializado como “café de comércio

justo" é vendido a um preço mais alto aos consumidores em países ricos.

A princípio, um sistema tão simples parece ser uma maneira sensata de ajudar os cafeicultores pobres a ganhar mais dinheiro. Mas o consenso geral dos economistas é que não traz muitos benefícios e pode até causar danos.

O economista Victor Claar destaca: "O café de comércio justo representa aproximadamente apenas 1% dos mercados de café nos Estados Unidos e na Europa".[114]Mas Claar aponta um prejuízo econômico que advém de um aumento artificial do preço de algum café acima do que o mercado mundial suportará (ou seja, acima do preço estabelecido pela oferta e demanda mundiais). Pagar a alguns cafeicultores um preço mais alto do que o preço do mercado mundial pelo café os incentiva a cultivar mais café do que o mercado realmente exige. Claar escreve:

> Assim, embora haja muito café sendo cultivado em relação à demanda global em geral, também não há demanda suficiente para comprar, ao preço de comércio justo, todo o café cultivado como café de comércio justo. Em ambos os casos, simplesmente há café demais.[115]

A maior oferta de café então deprime o preço para outros cafeicultores que não fazem parte do movimento de comércio justo. (Isso é algo parecido com o que ocorre por causa dos subsídios agrícolas que os Estados Unidos pagam a certos agricultores, dando-lhes um preço acima do preço de mercado mundial por suas safras, e então terminando com safras excedentes que "jogam" no mercado mundial , deprimindo os preços agrícolas de outros países.)

Claar prossegue dizendo que aumentar artificialmente o preço do café apenas prolonga o problema do excesso de café no mercado mundial:

> Se o problema fundamental com o mercado de café é que os preços estão baixos porque há muito café, então parece que o movimento do comércio justo pode piorar as coisas em vez de melhorar, porque aumenta os incentivos para cultivar mais café.[116]

Um problema adicional é que, ao pagar um preço mais alto do que o preço do mercado mundial pelo café, o movimento do comércio justo incentiva os

---

114 Victor Claar, Comércio Justo? Your Prospects as a Poverty Solution (Grand Rapids: Poverty Cure, 2012), 39. Mesmo que o café de comércio justo representasse 3% ou 4% do mercado de café nos Estados Unidos e na Europa, isso não levaria em consideração o resto do mundo, portanto, é duvidoso que o café de comércio justo represente pelo menos 1% do mercado mundial.

115 Ibid., 40.

116 Ibid., 43-44.

agricultores a continuarem produzindo café quando estariam muito melhor mudando para culturas alternativas para as quais há mais demanda (mostra ele como a Costa Rica direcionou sua produção para novas exportações e aumentou significativamente o valor de suas exportações).[117]

Observamos anteriormente que Paul Collier é professor de economia na Universidade de Oxford e ex-diretor de pesquisa de desenvolvimento do Banco Mundial. Ele escreve sobre o café de comércio justo (mas os argumentos se aplicam a campanhas de "comércio justo" para outros produtos também):

> O prêmio de preço em produtos de comércio justo é uma forma de transferência de caridade e, evidentemente, não há nenhum dano nisso. Mas o problema com ele, em comparação com apenas dar às pessoas a ajuda de outras maneiras, é que incentiva os destinatários a continuar fazendo o que estão fazendo - produzindo café. . . . Eles recebem caridade enquanto continuarem produzindo as safras que os colocaram na pobreza.[118]

Concordamos com essas avaliações econômicas e, portanto, não podemos recomendar que as pessoas apoiem o movimento de "comércio justo". As contribuições de caridade para os pobres são feitas com mais eficiência por outros meios, e tais transferências de caridade nunca levarão a uma solução de longo prazo para a pobreza mundial.

b. Os governos dos países pobres às vezes impedem os agricultores de receber o preço mundial por suas safras. Os governos dos países pobres podem forçar os agricultores pobres desses países a aceitar preços injustamente baixos, muito abaixo do preço do mercado mundial, por meio de impostos, taxas, restrições de licenciamento, tarifas , cotas e outras distorções do mercado. Bauer explica como isso pode acontecer:

> Os preços mundiais do café e do cacau. . . são determinados pelas forças do mercado e não prescritos pelo Ocidente. Por outro lado, os agricultores em muitos dos países exportadores recebem muito menos do que os preços de mercado, porque estão sujeitos a impostos de exportação muito altos e taxas governamentais semelhantes.[119]

---

117 Ibidem, 53.
118 Mineiro, *The Bottom Billion*, 163.
119 Bauer, Equality, 68-69. Veja também 173, 177-82.

Bauer acrescenta que, após o fim do domínio colonial britânico, "a maior parte das exportações agrícolas das colônias britânicas na África, incluindo praticamente todas as exportações produzidas por africanos, foi administrada por monopólios de exportação estatais conhecidos como conselhos de marketing. . . . [Eles] se tornaram o instrumento mais importante de controle econômico estatal na África ".[120] As juntas de comercialização recebiam o preço mundial por uma safra, pegavam grande parte dela para si e pagavam aos fazendeiros locais um preço bem menor do que o que restava.

Embora muitos desses conselhos de marketing tenham sido abolidos, ainda é importante determinar em cada nação se há tarifas ou cotas impostas pelo governo ou monopólios de negociantes locais que significam que os produtores recebem muito menos do que o preço do mercado mundial por suas colheitas - e se funcionários do governo estão reduzindo os lucros dessas tarifas, cotas ou monopólios.

Por outro lado, se os produtores estão recebendo algo próximo ao preço do mercado mundial pelas safras, então não achamos que haja mais nada que uma nação pobre possa fazer para conseguir um preço mais alto. Se os produtores acham que o preço do mercado mundial não é suficiente para sua sobrevivência, eles têm que tomar a decisão de encontrar outra safra que seja mais lucrativa. Culpar algo que não pode ser mudado não ajuda uma nação a produzir mais bens e serviços de valor.

c. As nações ricas "despejam" o excesso de produtos agrícolas no mercado mundial, deprimindo erroneamente os preços mundiais. O "dumping de commodities" também impacta negativamente os preços que os produtores rurais recebem. Isso acontece quando os governos (geralmente em países mais ricos da Europa e dos Estados Unidos) pagam enormes subsídios aos agricultores em seus países, o que significa que muitos agricultores são pagos acima dos preços do mercado mundial por safras como trigo, amendoim, beterraba sacarina e muitos outras. O governo faz uma garantia de "preço de apoio", para que os agricultores cultivem mais de um produto (por exemplo, trigo) do que a demanda do mercado mundial. O governo então compra o trigo desses fazendeiros pelo preço prometido e o armazena em enormes silos de grãos. Isso acontece nos Estados Unidos, por exemplo, ano após ano.

---

120 Ibid., 177, ênfase adicionada.

O que fazer com esse excesso de trigo? O governo dos Estados Unidos pode dá-lo a outros países do mundo (caso em que destruiria o mercado de trigo cultivado localmente nesses países, porque os agricultores não podem competir com um preço zero) ou pode oferecê-lo à venda no mercado mundial a menos do que o preço do mercado mundial (neste caso, o grande influxo de oferta deprime o preço do mercado mundial do trigo, e novamente os agricultores dos países pobres recebem menos do que de outra forma).

Muitos economistas acreditam que este sistema de subsídios agrícolas é economicamente prejudicial e gostariam de vê-lo abolido. Nós concordamos. Quando as nações ricas "despejam" grandes quantidades de uma safra no mercado mundial, elas definitivamente prejudicam os agricultores dos países pobres. Também achamos que tais subsídios são economicamente prejudiciais para os países onde ocorrem. No entanto, há razões políticas pelas quais esses subsídios continuam em várias nações, sobre as quais um de nós escreveu em outros lugares.[121] Ambos argumentamos publicamente que esses subsídios deveriam ser abolidos.[122]

Mas a questão crucial para as nações pobres é esta: o que pode ser feito a respeito dessa prática?

Sinceramente, é improvável que qualquer nação ou grupo de nações pobres consiga impedir o despejo de produtos excedentes no mercado mundial em um futuro previsível. A prática só pode ser alterada pelos poderes políticos internos de cada país que faz isso, e isso pode ou não acontecer em breve. Certamente esperamos que sim. O único passo (por enquanto) que os países pobres podem dar parece ser adaptar-se às circunstâncias como elas são.

É importante ter em mente o objetivo principal: produzir mais bens e serviços. Se o mercado mundial de trigo for imprevisível, e se o cultivo de trigo se mostrar improvável que proporcione aos agricultores uma boa renda ano após ano, então a única solução (sem produzir muito mais trigo) é mudar para outras safras. Em outras palavras, as nações pobres podem se adaptar com sucesso ao dumping estrangeiro de commodities, cultivando outras safras ou produzindo outros produtos que não estão sujeitos a tal "dumping".

O ponto importante é que a pobreza não pode ser resolvida atribuindo-se a ela outros fatores ou entidades, mesmo as nações que despejam commodities

---

121 Veja a discussão sobre subsídios agrícolas em Grudem, Politics, 528-33.

122 Veja Barry Asmus e Donald B. Billings, *Encruzilhada: a grande experiência americana: a ascensão, o declínio e a restauração da liberdade e da economia de mercado*(Lanham, MD: University Press of America, 1984), 224-27 (sobre os apoios aos preços agrícolas); Grudem, Politics, 528-33.

subsidiadas no mercado mundial. Reconhecer essa prática como uma das causas da pobreza não ajuda em nada para resolver o problema (a menos que as nações que praticam o dumping mudem suas políticas como resultado, o que esperamos que algum dia façam). Pessoas em nações pobres podem olhar para frente e descobrir como podem criar continuamente mais produtos - outros produtos - de valor.

d. As nações ricas impõem injustamente tarifas e cotas prejudiciais aos produtos que importam de nações pobres

Achamos que, quando os países ricos impõem tarifas ou cotas restritivas sobre bens importados de países pobres, elas prejudicam injustamente esses países. Se um país latino-americano pode cultivar tomates mais barato do que os produtores nos Estados Unidos, os consumidores norte-americanos se beneficiam dos preços mais baixos e os produtores latino-americanos se beneficiam com uma renda maior. O governo dos Estados Unidos não deve impedir os produtores latino-americanos de obter esse benefício, obrigando-os a pagar altas tarifas quando trazem tomates para os Estados Unidos, apenas para proteger os produtores americanos de tomate. O livre comércio traz benefícios para ambas as nações.[123](Veja a discussão abaixo sobre vantagem comparativa, 169-72.) É importante que os cidadãos e líderes das nações ricas trabalhem para remover essas tarifas e cotas prejudiciais. Na verdade, as duas primeiras recomendações legislativas do relatório da Comissão HELP ao Congresso dos Estados Unidos em 2007 incluíram "Conceder acesso isento de impostos e cotas aos mercados dos Estados Unidos" para muitos países pobres, especialmente "aqueles países com um Produto Interno Bruto per capita (PIB) abaixo de $ 2.000. "[124]

No entanto, além de participar de negociações comerciais que podem levar anos para chegar a uma resolução, os países pobres não têm como remover essas tarifas. A abolição de qualquer tarifa requer o acordo do país que a impôs. No momento, é importante que as nações pobres se concentrem nas coisas que podem mudar por conta própria, especialmente o objetivo principal de produzir mais bens e serviços de valor.

---

123 Ron Sider, Rich Christians in an Age of Hunger (Nashville: Thomas Nelson, 2005), 143-47, 240-44, oferece estatísticas perturbadoras sobre os danos que tais tarifas impõem às nações pobres.

124 A ajuda (**H**elping to Enhanced the Livelihood of People Around the Globe) Relatório da Comissão sobre a Reforma da Assistência Externa (7 de dezembro de 2007), 24, acessado em 20 de março de 2013, http: //www.americanprogress .org / wp-content / uploads / issues / 2007/12 / pdf / beyond_assistence.pdf.

4. Nações ricas e corporações multinacionais

Finalmente, afirma-se que as nações ricas, ou talvez as grandes corporações multinacionais, tornaram os países pobres roubando suas riquezas. Esta é a afirmação de que as nações ricas se tornaram ricas tornando as nações pobres pobres. Há mérito nesta acusação?

a. As nações pobres eram pobres antes que as nações ricas se tornassem ricas

Primeiro, as nações que são pobres hoje não foram prósperas no passado.[125] Em segundo lugar, os países que são ricos hoje se tornaram ricos ao produzirem seus próprios bens e serviços. Em geral, eles não enriqueceram tornando as nações pobres pobres.[126] Terceiro, a evidência factual da história mostra que a acusação de que os países ricos em geral são responsáveis pela pobreza nos países pobres simplesmente não é verdadeira.

Até cerca de 1700, havia muito pouca diferença nas vidas das pessoas comuns nos países mais ricos e mais pobres do mundo. A maioria das pessoas trabalhou duro, obteve comida, roupas e abrigo suficientes para sobreviver e viu pouca mudança em seu padrão de vida século após século. Viver com menos de um dólar por dia era comum.

Mas por volta de 1770, a Revolução Industrial começou na Grã-Bretanha e logo se espalhou para outros países. Landes observa que a renda per capita britânica "dobrou entre 1780 e 1860, e depois se multiplicou por seis vezes entre 1860 e 1990".[127]Em suma, algumas nações produziram uma nova prosperidade tremenda e outras permaneceram pobres. Landes diz: "A Revolução Industrial tornou alguns países mais ricos e outros (relativamente) mais pobres; ou mais precisamente, alguns países fizeram uma revolução industrial e ficaram ricos; e

---

125 Alguém pode objetar que a China era relativamente rica no século XV. Sim, ou pelo menos algumas pessoas eram muito ricas, mas a China passou por séculos de atraso e pobreza antes de começar a se desenvolver rapidamente.

126 No entanto, reconhecemos que os exploradores espanhóis roubaram à força grandes quantidades de ouro dos impérios asteca e inca na América Latina no início do século XVI, e a Espanha ganhou grandes quantidades de riqueza no processo, o que acabou sendo destrutivo não apenas para os povos conquistados, mas também para a própria Espanha: ver 79-81. Exploradores espanhóis também escravizaram à força índios nativos na América Central e do Sul para trabalhar em suas minas, infligindo grande sofrimento, e eles deixaram um legado destrutivo que continua até hoje: veja os comentários de Acemoglu e Robinson,*Por que as nações falham*, 9-19, 114-15, 432-33. Essas ações não foram a causa inicial da pobreza, no entanto, porque as pessoas comuns na América Central e do Sul eram extremamente pobres antes mesmo da chegada dos espanhóis.

127 Landes, Wealth and Poverty, 194.

outros não e permaneceram pobres. ”[128]

b. Às vezes, as nações pobres vendem seus recursos naturais em vez de bens manufaturados

Reconhecemos que às vezes as nações pobres fazem acordos para vender alguns de seus recursos naturais (como petróleo e minerais) para grandes corporações em outros países. Se essas são transações voluntárias e as empresas pagam pelos recursos, essa prática não deve ser chamada de “roubo”, mas de “compra” de recursos. Como existe um mercado mundial de commodities, com muitas empresas competindo para comprar os recursos de uma nação pobre, qualquer empresa deve pagar o preço do mercado mundial ou o país buscará outro comprador que o faça. (Mas é possível que uma empresa suborne funcionários de um país pobre para obter um acordo abaixo do preço mundial; nesse caso, há irregularidades morais tanto por parte da empresa quanto por parte dos funcionários do governo.)

Como discutimos acima (ver 79-82), não achamos que o esgotamento dos recursos naturais de um país seja um bom caminho para aumentar o PIB e superar a pobreza. Mas, a menos que os recursos sejam saqueados como resultado de conquista militar ou suborno, é incorreto referir-se à transferência de recursos como roubo.

c. Os contatos econômicos com o Ocidente beneficiaram principalmente as nações pobres

Bauer explica os resultados das transações econômicas entre nações ricas e pobres:

> Longe de o Ocidente ter causado a pobreza no Terceiro Mundo, o contato com o Ocidente foi o principal agente do progresso material lá. . . o nível de realização material geralmente diminui à medida que nos afastamos dos focos de impacto ocidental. As pessoas mais pobres e atrasadas têm poucos ou nenhum contato externo; testemunhe os aborígenes, pigmeus e povos do deserto.[129]

> A prosperidade do Ocidente foi gerada por seus próprios povos e não foi tirada de outros.[130]

---

128 Ibid., 169.
129 Bauer, Equality, 70.
130 Ibid., 75.

> O Ocidente não causou a fome no Terceiro Mundo. Isso ocorreu em regiões atrasadas, praticamente sem comércio externo. [Esse atraso às vezes] reflete as políticas dos governantes que são hostis aos comerciantes. . . e muitas vezes à propriedade privada.
>
> Ao contrário das várias alegações e acusações. . . o nível mais alto de consumo no Ocidente não é alcançado privando os outros do que eles produziram. O consumo ocidental é mais do que pago pela produção ocidental.[131]

Bauer também aponta que a frequente acusação de que os países ricos "exploraram" as nações pobres do mundo começou com a ideologia marxista e se tornou uma afirmação padrão apresentada por estudiosos marxistas. Ele diz:

> A noção de exploração ocidental do Terceiro Mundo é padrão em publicações e declarações provenientes da União Soviética e de outros países comunistas. . . . [De acordo com] a ideologia marxista-leninista. . . qualquer retorno do capital privado implica exploração. . . . O principal pressuposto por trás da ideia da responsabilidade ocidental pela pobreza do Terceiro Mundo é que a prosperidade dos indivíduos e das sociedades geralmente reflete a exploração de outros. . . . De acordo com
>
> A ideologia marxista-leninista, o status colonial e o investimento estrangeiro são, por definição, evidências de exploração.[132]

Mas a conclusão de Bauer é exatamente o oposto. Ele escreve:

> Na verdade, o investimento privado estrangeiro e as atividades das empresas multinacionais ampliaram as oportunidades e aumentaram as receitas e receitas do governo no Terceiro Mundo. As referências ao colonialismo econômico e ao neo-colonialismo degradam a linguagem e distorcem a verdade.[133]

Devemos reconhecer que algumas interações econômicas entre nações ricas e pobres têm causado danos. Às vezes, ricas corporações multinacionais subornaram funcionários do governo em nações pobres para garantir privilégios de monopólio que oprimiram as pessoas comuns desses países e impediram o funcionamento dos mercados livres (discutiremos esse mal na próxima seção). Nesses casos, tanto as empresas que pagaram os subornos quanto os funcionários

---

131 Ibid., 82.
132 Ibid., 74-76.
133 Ibid., 76.

que os aceitaram compartilham da culpa moral. Mas vemos isso como o colapso dos mercados livres, não por culpa do próprio sistema de mercado. (E muitos países, como os Estados Unidos, tornam essas práticas ilegais para empresas americanas que fazem negócios em outros países.)

Em termos gerais, no entanto, Bauer não tem dúvidas de que a interação econômica entre as nações ricas e pobres tem sido imensamente benéfica para as nações pobres:

> De modo geral, é anômalo ou mesmo perverso sugerir que as relações comerciais externas são prejudiciais ao desenvolvimento ou aos padrões de vida das pessoas do Terceiro Mundo. Eles atuam como canais para o fluxo de recursos humanos e financeiros e para novas idéias, métodos e safras. Eles beneficiam as pessoas ao fornecer uma fonte grande e diversificada de importações e ao abrir mercados para as exportações.[134]

> As áreas mais pobres do Terceiro Mundo não têm comércio externo. Seu estado mostra que as causas do atraso são domésticas e que os contatos comerciais externos são benéficos. Mesmo que os termos de troca fossem desfavoráveis em algum critério ou outro, isso significaria apenas que as pessoas não se beneficiariam com o comércio exterior tanto quanto se os termos de troca fossem mais favoráveis. As pessoas se beneficiam da ampliação das oportunidades que o comércio externo representa.[135]

d. As empresas multinacionais pagam salários injustos nos países pobres?

E quanto à alegação de que grandes corporações multinacionais vêm aos países pobres e pagam salários injustamente baixos, tirando proveito dos trabalhadores desses países? Ao responder a esta pergunta, é importante distinguir entre um mercado de trabalho em um país que é totalmente livre e um mercado de trabalho que é limitado por leis e autorizações de contratação restritivas.

Assim como o governo de um país pobre pode restringir as exportações de café para que os agricultores locais recebam muito menos do que o preço mundial por seu produto (e os funcionários do governo embolsam a enorme diferença quando vendem o café no mercado mundial), o governo também pode manter os salários artificialmente baixos. Por exemplo, o governo pode dar permissão a

134 Ibid., 79.
135 Ibid., 76.

apenas uma empresa para construir uma fábrica e contratar trabalhadores em uma determinada região.

Suponha que funcionários do governo de um país pobre assinem um acordo lucrativo com a World Famous Running Shoes para construir uma fábrica de calçados em uma determinada área e, como parte do acordo, eles garantem (por causa do dinheiro que recebem) que negarão a todas as outras empresas autorizações para construir fábricas nessa área. A World Famous Running Shoes tem um controle monopolístico sobre a contratação de trabalhadores locais e pode pagar salários extremamente baixos e permitir condições de trabalho horríveis.

Nessa situação, grande parte da culpa deve ser atribuída aos funcionários do governo que estabeleceram e protegeram o monopólio do World Famous no mercado de trabalho local. Mas se as condições e o pagamento são desumanos, a World Famous compartilha da culpa. O Novo Testamento diz: "Senhores, tratem os seus servos com justiça e justiça, sabendo que também vocês têm um Mestre no céu" (Colossenses 4: 1).

Por outro lado, se não houver tais restrições impostas pelo governo à contratação, então qualquer empresa no mundo é livre para vir e contratar trabalhadores, e um elemento de competição entra no mercado de trabalho. Em seguida, os salários são definidos pelo preço de mercado prevalecente. Se a World Famous oferecer às pessoas apenas $ 1 por hora, então Saucony está livre para vir e oferecer às pessoas $ 1,50 por hora, e Jockey está livre para construir uma fábrica de camisas e oferecer às pessoas $ 1,75 por hora, e assim por diante. Com um mercado de trabalho livre, toda empresa que fabrica bens no mundo é livre para competir pelos trabalhadores locais.

Nesse mercado de trabalho, os trabalhadores locais são livres para trabalhar para qualquer empresa que quiserem e ninguém pode "estabelecer" o preço do trabalho; em vez disso, é regulado pela interação da oferta e da demanda no mercado livre. Se uma empresa oferece $ 1,50 por hora para quinhentos empregos e descobre que tem quinhentos candidatos qualificados, a oferta de trabalho certamente está atendendo à demanda, e $ 1,50 é um salário "justo" e "justo". É o preço pelo qual os trabalhadores estão dispostos a trabalhar nesse mercado de trabalho. Presumivelmente, eles decidiram que é muito melhor trabalhar por $ 1,50 por hora do que não trabalhar ou trabalhar na agricultura de subsistência.

A fábrica que paga $ 1,50 por hora torna esses trabalhadores pobres? Não. Isso os torna mais prósperos do que antes, e o aumento da prosperidade desses trabalhadores sem dúvida traz benefícios para o resto da economia.

Uma das vantagens econômicas que as nações pobres têm hoje é uma oferta de mão de obra barata. Os baixos custos de mão-de-obra tornam economicamente atraente para as empresas construir fábricas e investir em países pobres e, assim, ajudá-las a criar bens e serviços e avançar em direção à prosperidade.

Quando as pessoas objetam que as empresas não devem pagar salários tão baixos (sugerindo que algo como salários americanos ou europeus ocidentais seriam mais "justos"), elas não entendem que qualquer regulamento que exija que as empresas paguem salários mais altos em um país pobre tende a ser tirando a vantagem econômica daquele país, tornando mais difícil para aquele país competir no mercado mundial e atrair as fábricas e os investimentos necessários para o crescimento econômico.

e. A Bíblia não culpa os ricos em geral pela pobreza dos pobres

Concordamos que a Bíblia às vezes atribui a pobreza das pessoas e nações pobres aos governantes e países que oprimem os outros pelo poder militar. Ele também culpa pessoas ricas e poderosas que injustamente retêm

salários (ver Tiago 5: 4: "Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, que evitastes fraudulentamente, clama contra vós, e os gritos dos ceifeiros têm chegado aos ouvidos do Senhor dos Exércitos "). Mas nunca culpa pessoas ricas ou nações ricas em geral pela situação daqueles que vivem na pobreza.[83]

Na verdade, a Bíblia lista várias causas para a pobreza. Parte da pobreza é causada por guerras, crimes, doenças, acidentes ou desastres naturais. E alguma pobreza é causada por governos malignos que roubam seu povo, ou por pessoas ricas e poderosas que enganam os outros:

> O solo não cultivado dos pobres renderia muito alimento, mas é varrido pela injustiça. (Prov. 13:23)
>
> Quem oprime o pobre para aumentar sua própria riqueza. . . só vai chegar à pobreza. (Prov. 22:16; ver também Tiago 5: 4, citado acima)

Em outras ocasiões, a Bíblia vê a pobreza como resultado da preguiça ou muito amor para o prazer:

> Quanto tempo você vai ficar deitado aí, ó preguiçoso? Quando você vai acordar do seu sono? Um pouco de sono, um pouco de cochilo, um pouco de cruzar as mãos para descansar, e a pobreza virá sobre você como um ladrão, e a necessidade como um homem armado. (Prov. 6: 9-11)
>
> Em todo trabalho há lucro, mas a mera conversa só leva à pobreza. (Prov. 14:23)
>
> Quem ama os prazeres será pobre; quem ama o vinho e o azeite não enriquecerá. (Prov. 21:17)
>
> Quem trabalha em sua terra terá bastante pão, mas quem segue atividades sem valor terá muita pobreza. (Prov. 28:19)

Às vezes, Deus em sua soberania até traz pobreza para pessoas gananciosas e mesquinhas:

> Um dá livremente, mas fica ainda mais rico; outro retém o que deveria dar e apenas sofre carências. (Prov. 11:24)

[83]Ver Darrow L. Miller e Stan Guthrie, Discipling Nations: The Power of Truth to Transform Cultures (Seattle: YMAM, 1998), 57. Os autores dizem que a visão de que a pobreza é causada por ocidentais que consumir muito dos recursos do mundo é um ponto de vista "secular", não bíblico.

> Um homem mesquinho corre atrás de riquezas e não sabe que a pobreza virá sobre ele. (Prov. 28:22)

Mas o ponto importante aqui é que o simples fato de algumas pessoas serem ricas nunca é considerado uma causa da pobreza.

Afirmar que os países ricos são responsáveis pela pobreza dos países pobres, ou que a pobreza é o resultado de empresas ricas "explorando" países pobres, muitas vezes é contrário aos fatos e certamente é contraproducente. Não faz nada para aumentar a prosperidade de uma nação pobre. Não faz nada para ajudá-lo a criar mais bens e serviços.

Nenhuma nação pode esperar superar a pobreza e aumentar a prosperidade atribuindo a sua pobreza a fatores ou entidades externas. Esse foco na culpa não ajuda em nada para resolver o problema. O objetivo deve ser tornar-se uma nação que cria continuamente mais bens e serviços.

E. Conclusão: o que o objetivo não é

A produção de mais bens e serviços não acontece dependendo de doações de outros países; redistribuindo riqueza dos ricos para os pobres; ao esgotar os recursos naturais; ou culpando fatores e entidades fora da nação, seja colonialismo, bancos que emprestaram dinheiro, o sistema econômico mundial, nações ricas ou grandes corporações. Nenhuma das metas erradas levantadas neste capítulo moverá uma nação em direção ao que deveria ser sua meta econômica primária: produzir continuamente mais bens e serviços e, assim, aumentar seu PIB.

SISTEMAS ERRADOS

Sistemas econômicos que não levaram à prosperidade

Se um país decide passar da pobreza para a prosperidade cada vez maior, a próxima pergunta é: Que tipo de sistema econômico produz melhor aumentos regulares no produto interno bruto (PIB)? Em termos muito simples, a questão também pode ser formulada em termos de motivação e habilidade humanas: Que tipo de sistema econômico melhor motiva e permite que as pessoas criem mais bens e serviços de valor?

Precisamos enfatizar que o tipo certo de sistema econômico por si só não tira uma nação da pobreza. As causas da pobreza e da prosperidade são complexas e as explicações de uma única causa são sempre deficientes. Portanto, os líderes das nações pobres precisam considerar todos os fatores explicados nos capítulos 3 a 9. Alguns desses fatores (como direitos de propriedade e o estado de direito) são mais influentes do que outros, mas cada um deles tem algum efeito, para o bem ou para o mal, na economia de uma nação - e isso inclui ações governamentais, leis e crenças e valores culturais da nação (ver capítulos 7 a 9 abaixo).

David S. Landes, na conclusão de seu estudo sobre as causas da riqueza e da pobreza nas nações, escreve: “A análise econômica acalenta a ilusão de que uma boa razão deveria ser suficiente, mas o impedimento

minantes de processos complexos são invariavelmente plurais e inter-relacionados. Explicações monocausais não funcionam. ”[136]

Isso significa que a solução para a pobreza nunca pode ser meramente um mercado livre, propriedade privada, estado de direito, responsabilidade do governo, ausência de suborno e corrupção, uma boa ética de trabalho ou educação superior. Esses fatores, e muitos outros, fornecem algum benefício econômico para uma nação. Mas uma nação que deseja genuinamente escapar da pobreza procurará implementar o máximo possível das medidas que recomendamos nos próximos capítulos.

Ainda assim, o tipo certo de sistema econômico é crucial. Sem o sistema econômico correto, nenhuma nação pode encontrar uma solução duradoura para a pobreza. Um sistema econômico inadequado apenas agrava os problemas de corrupção, opressão, educação precária, serviços públicos deficientes e falta de oportunidades. Sem incentivos ninguém quer trabalhar e sem trabalho tudo está perdido.

Vamos argumentar (no próximo capítulo) que um sistema econômico de livre mercado é o melhor para tirar as nações da pobreza. Nesse capítulo, definimos um sistema de livre mercado como aquele em que a produção e o consumo econômicos são determinados pelas escolhas livres dos indivíduos, e não pelo governo, e esse processo é baseado na propriedade privada dos meios de produção (ver 131-32)

Mas alguém pode objetar: “E quanto a outros sistemas econômicos? Não existem outras opções que devem ser consideradas? ” Em resposta a essa pergunta, neste capítulo, revisamos oito outros sistemas econômicos que foram tentados em vários pontos da história humana, alguns dos quais persistem até hoje:

A. Caça e coleta
B. Agricultura de subsistência
C. Escravidão
D. Propriedade tribal
E. Feudalismo
F. Mercantilismo
G. Socialismo e comunismo
H. O estado de bem-estar e igualdade

Infelizmente, nenhum desses sistemas jamais abriu a porta para um

[136]David S. Landes, A Riqueza e Pobreza das Nações: Por que Alguns São Tão Ricos e Alguns Tão Pobres (Nova York: WW Norton, 1999), 517.

crescimento econômico realmente significativo ou redução permanente da pobreza.

A. Caça e coleta

Em muitas sociedades primitivas, as mulheres faziam a coleta, preparação e cozinha, enquanto os homens faziam a caça. As mulheres se concentraram nas frutas e vegetais e os homens nas proteínas. Foi uma das primeiras formas de especialização e comércio que manteve os seres humanos em atividade por milhares de anos, mas não houve um desenvolvimento econômico significativo.[137]

Essas tentativas primitivas de especialização nunca poderiam produzir padrões de vida cada vez maiores devido ao tempo envolvido na caça e na extração e processamento de alimentos de plantas e árvores.[138] Houve pouca inovação progressiva. Séculos se passaram com a maioria dos caçadores e coletores sobrevivendo em meros níveis de subsistência. Como tanto tempo e energia foram dedicados à obtenção de alimentos, "as mulheres não manteriam um excedente suficiente para se manterem férteis por mais do que alguns anos nobres".[139] A fome de alimentos e as epidemias de doenças tornaram a caça e a coleta um modo de vida muito precário.

Uma economia baseada na caça e coleta nunca poderia levar um país da pobreza à prosperidade.

B. Agricultura de subsistência

A agricultura de subsistência é um sistema econômico em que cada família cultiva alimentos suficientes para se alimentar. Durante grande parte da história do mundo, a agricultura de subsistência foi o meio mais comum de produção de alimentos. Também foi praticado nos primeiros anos da colonização do meio-oeste e oeste americanos e nas partes escassamente povoadas do Canadá e da Austrália. Ela persiste hoje em grandes áreas da África rural, Ásia e América Latina. Embora os agricultores de subsistência geralmente não morram de fome, eles geralmente permanecem pobres.

Um fazendeiro de subsistência preparava o solo com uma pedra ou graveto,

---

137 Este resumo é derivado do tratamento em Matt Ridley, The Rational Optimist: How Prosperity Evolves (New York: HarperCollins, 2010), 61-65.

138 Ibid., 29.

139 Ibid., 45.

preocupado constantemente com água e ervas daninhas, e colhia seu próprio trigo para fazer seu próprio pão. Foi um trabalho exaustivo. Cada tarefa consumia muito tempo e, muitas vezes, o fazendeiro e sua família estavam a apenas uma perda de safra da fome.

É surpreendente que muitos ambientalistas ainda acreditem que a agricultura de subsistência é comovente, orgânica e adequada. Essas pessoas sérias e bem-intencionadas acreditam que a segurança econômica de uma comunidade aumentaria se todas as pessoas cultivassem seus próprios alimentos e produzissem o necessário para suas vidas. Então, os mercados se tornariam irrelevantes e as famílias poderiam garantir sua própria sobrevivência. Se pelo menos isto fosse verdade.

Os agricultores de subsistência não dependiam apenas de sua própria força muscular para o cultivo e o transporte, mas também raramente participavam de mercados que os exporiam à especialização e ao comércio. Os dias passados na agricultura de subsistência sempre foram longos, de sol a sol, sem tempo para investir em relações comerciais ou ferramentas, ou, melhor ainda, criar ferramentas que produzissem outras ferramentas. O esforço sempre foi para a suficiência de hoje.

Especialistas em demografia estimam que a expectativa de vida do homem primitivo foi de meados aos 20 anos. Isso não mudou muito até muito recentemente. "A expectativa de vida global média ao nascer, em 1800 DC, era de apenas 28,5 anos. Dois séculos depois, em 2001, havia mais do que dobrado para 66,6 anos ".[140] graças às revoluções agrícola e industrial, que venceram totalmente a ideia da agricultura de subsistência.

A agricultura de subsistência tende a gerar outros problemas. O escritor econômico britânico Matt Ridley observa:

> Para onde quer que os antropólogos olhem, da Nova Guiné à Amazônia e à Ilha de Páscoa, eles encontram uma guerra crônica entre os agricultores de subsistência de hoje. Atacar preventivamente seus vizinhos para que eles não invadam você é um comportamento humano rotineiro. Como escreveu Paul Seabright: "Onde não há restrições institucionais a tal comportamento, o assassinato sistemático de indivíduos não aparentados é tão comum entre os seres humanos que, por pior que seja, não pode ser descrito como excepcional,

---

140 Niall Ferguson, Civilization: The West and the Rest (Nova York: Penguin, 2011), 146.

patológico ou perturbado. ”[141]

Os cristãos descreveriam essa conduta como sendo o resultado da natureza pecaminosa inerente do homem e, certamente, moralmente errada.

A agricultura de subsistência não permitia que as pessoas estivessem econômica ou moralmente melhores. Falhou economicamente porque as populações eram escassas, os mercados eram poucos e as pessoas estavam tão envolvidas com a preocupação diária com a comida que não podiam trabalhar em quase nada. A divisão do trabalho, a especialização e o comércio em grande escala ainda não eram compreendidos ou adotados.

No entanto, alguém hoje pode objetar: “Mas as pessoas que viviam da agricultura de subsistência não eram mais felizes do que as pessoas hoje? Suas vidas eram muito mais simples. Eles não tiveram que lidar com o estresse da vida moderna. Se as pessoas estão satisfeitas com a agricultura de subsistência, não devemos interferir em suas vidas. ”

Simplesmente não sabemos se as pessoas que viviam da agricultura de subsistência eram mais felizes. Temos a tendência de pintar um quadro idealizado em nossas mentes, esquecendo os curtos períodos de vida (muitas vezes menos de trinta anos), as doenças incapacitantes e mortes frequentes, a ansiedade de nunca saber se haveria o suficiente para comer no próximo mês, o cansaço do amanhecer. trabalho manual ao anoitecer por toda a vida, o desejo insatisfeito dos pais por uma vida melhor para seus filhos, o anseio pela opção de escolher outro estilo de vida, e assim por diante.

Se os indivíduos desejam escolher a agricultura de subsistência hoje, eles são livres para fazê-lo, mesmo dentro de uma nação rica, comprando um remoto pedaço de terra e cultivando seus próprios alimentos. Mas se nosso objetivo é ajudar nações inteiras a saírem da pobreza para uma maior prosperidade, então não devemos impor a elas a agricultura de subsistência que produz pobreza.

Além disso, achamos que a Bíblia incentiva os seres humanos não apenas a sobreviver, mas a florescer na Terra. Isso está implícito no ensino da Bíblia sobre mordomia, conforme explicamos abaixo (ver capítulo 6, 144-45).

A agricultura de subsistência também é uma solução inadequada para o desafio moral de alimentar os pobres do mundo. Economias baseadas apenas na agricultura de subsistência individual não seriam suficientes para alimentar mais

---

141 Matt Ridley, The Rational Optimist, 138.

do que uma pequena porção dos 7 bilhões de pessoas do mundo.

Em suma, uma economia baseada na agricultura de subsistência nunca pode levar um país da pobreza à prosperidade.[142]

C. Escravidão

Ninguém considera seriamente a escravidão como um sistema econômico legítimo hoje, mas nós a incluímos aqui porque ela foi altamente significativa para várias sociedades nos séculos anteriores. Até mesmo algumas sociedades primitivas de caça e coleta empregavam escravos.[143]

A escravidão é um sistema em que uma pessoa é obrigada a trabalhar por outra pessoa que tem a propriedade legal do trabalho do escravo por um determinado período de tempo ou do próprio escravo.

Civilizações antigas pensavam que a escravidão era normal. A glória do Egito foi literalmente construída nas costas de trabalhadores escravos. A escravidão chinesa na Dinastia Chang não foi questionada. Atenas nos séculos V e VI aC praticava a escravidão que continuou nos impérios grego e romano há dois mil anos. "Tanto a escravidão quanto o alistamento prolongado estavam profundamente arraigados no sistema romano para serem seriamente questionados. . . . Os gregos também sancionaram a escravidão. "[144]

Sheldon M. Stern, curador da Biblioteca e Museu John F. Kennedy, afirma:

> [O] comércio de escravos islâmicos prosperou desde o século VIII e. . . milhões de africanos foram capturados para venda ao Egito, Arábia, Mesopotâmia e Império Otomano.[145]
>
> Pelo menos 90% dos escravos no comércio atlântico da África para as Américas foram vendidos no Caribe ou na América do Sul. As colônias britânicas que se tornaram os Estados Unidos importaram não mais do que 8%. Só o Brasil importou mais de seis vezes o número de africanos vendidos nas colônias britânicas-americanas e não aboliu a escravidão até um quarto de século após a

---

142 Alguém pode objetar que esses dois primeiros sistemas foram a base sobre a qual os sistemas subsequentes foram fundados, então eles de fato levaram ao crescimento econômico. Mas essa objeção perde o ponto. Esses sistemas tiveram que ser abandonados porque não produziram crescimento. Somente depois que foram substituídos por sistemas melhores, ocorreu um crescimento econômico genuíno.

143 Ridley, The Rational Optimist, 92.

144 William J. Bernstein, The Birth of Plenty: How the Prosperity of the Modern World was Created (New York: McGraw-Hill, 2004), 66.

145 Sheldon M. Stern, "The Atlantic Slave Trade — The Full Story", Academic Questions (Summer 2005), 17, citando Giles Milton, White Gold: The Extraordinary Story of Thomas Pellow e Islam's One Million White Slaves (Nova York: Farrar, Straus e Giroux, 2004).

emancipação nos Estados Unidos.[146]

De acordo com M. Stanton Evans:

> A servidão era tão comum no mundo antigo, de fato, que quase ninguém pensava em questioná-la. . . . Embora não saibamos o número exato de escravos na Ática na época de Péricles, não há dúvida de que era grande - e que a economia do dia-a-dia dependia disso. Tocqueville cita uma estimativa de 20.000 homens livres contra mais de 300.000 escravos, embora isso pareça excessivo.[147]

Existem duas razões principais pelas quais a escravidão deve ser rejeitada como um sistema adequado para o crescimento econômico. Em primeiro lugar, há uma razão moral: a escravidão é desumanizante e não reconhece a plena dignidade de cada ser humano como alguém criado "à imagem de Deus" (Gn 1:27). Sua crueldade e abuso não respeitam o valor da liberdade humana e o direito divinamente concedido à "liberdade" que pertence a cada pessoa.

A Bíblia enfatiza a importância da liberdade humana, pois Deus libertou o povo judeu da "escravidão" no Egito (Êxodo 20: 2) e prometeu ao seu povo ainda maior liberdade em uma era mais maravilhosa que viria (Isa. 61: 1) . Paulo encoraja os escravos no Império Romano a obterem sua liberdade, se possível (1 Cor. 7:21) e enfatiza a liberdade como uma parte crucial da vida do cristão (Gál. 5: 1).

Em segundo lugar, há razões econômicas consideráveis para rejeitar a escravidão. A escravidão era lucrativa até certo ponto para um proprietário de escravos (ele estava obtendo o benefício do trabalho das pessoas muito abaixo do nível dos salários de "livre mercado"), mas os benefícios não atingiam toda a população, especialmente não para os escravos. Além disso, os sistemas econômicos evoluíram ao ponto em que a produtividade mecânica era mais econômica do que o músculo humano. Os benefícios para os proprietários de escravos tornaram-se cada vez mais difíceis de justificar.

Pela própria natureza da escravidão, sua lucratividade é sempre limitada. Pessoas forçadas a trabalhar contra sua vontade nunca farão seu melhor trabalho ou se esforçarão ao máximo. Eles fazem apenas o suficiente para sobreviver e evitar serem punidos. A produtividade e a criatividade inovadoras não podem ser

---

[146] Stern, "The Atlantic Slave Trade", 17, citando Seymore Drescher e Stanley L. Engerman, eds., A Historical Guide to World Slavery (Oxford: Oxford University Press, 1998), 374.

[147] M. Stanton Evans, The Theme Is Freedom: Religion, Politics, and the American Tradition (Washington: Regnery, 1994), 138-39.

exigidas e, portanto, o avanço tecnológico nas sociedades escravistas é mínimo. Sem liberdade econômica e pessoal, o resultado é a pobreza nacional, e não a prosperidade.

O movimento para acabar com a escravidão, começando com grandes quantidades de escritos antiescravistas e autocríticas no Ocidente, foi iniciado principalmente por cristãos, e eles certamente estavam certos em assumir essa causa. Os esforços persistentes da igreja para mitigar e acabar com a escravidão foram relatados por Harold Berman em seu livro Law and Revolution.[148] Centenas de quacres em 1783 apresentaram ao Parlamento britânico petições pedindo a eliminação da escravidão, e indivíduos ricos como Josiah Wedgwood (um comerciante) e William Wilberforce (um parlamentar cristão evangélico e filho de um comerciante) financiaram e lideraram os movimento escravista antes e depois de 1800 na Grã-Bretanha.[149] Cerca de dois terços dos líderes abolicionistas nos Estados Unidos na década de 1830 eram clérigos cristãos.[150]

Tragicamente, houve relatos de escravidão contínua mesmo nas últimas décadas em vários países.[151]A escravidão é um sistema profundamente imoral que deve ser rejeitado em todos os aspectos. Os argumentos morais e econômicos sugerem fortemente que uma economia baseada na escravidão nunca pode trazer um país da pobreza para uma prosperidade genuína e duradoura.

D. Propriedade tribal

A propriedade tribal é um sistema em que todas as terras pertencem à tribo ou comunidade social, não a indivíduos. Muitos lugares na África, Ásia e América do Norte e do Sul praticaram a propriedade tribal. Ainda hoje é um sistema econômico comum para muitos dos países da África Subsaariana e é o sistema econômico dominante nas reservas indígenas americanas.

Parece uma boa ideia: todos nós temos tudo juntos. Mas, ao longo dos séculos, a propriedade tribal aprisionou suas vítimas na pobreza perpétua. Como um sistema tão amplamente usado pode se mostrar tão inepto?

A falta de propriedade privada, discutida no próximo capítulo, é o principal

---

148 Harold Berman, Law and Revolution: The Formation of the Western Legal Tradition (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983).

149 Ridley, The Rational Optimist, 105

150 Ver Wayne Grudem, Política - Segundo a Bíblia (Grand Rapids: Zondervan, 2010), 50, citando Alvin Schmidt, How Christianity Changed the World (Grand Rapids: Zondervan, 2004), 279.

151 Jim Powell, *O triunfo da liberdade* (New York: Free Press, 2000), xiv, citando Milton Meltzer, Slavery: A World History (Cambridge, MA: Da Capo Press, 1993).

problema. Quando nenhum proprietário em particular tem responsabilidade pela propriedade, há pouco incentivo individual para melhorá-la ou administrá-la. Simplificando, as pessoas precisam ser capazes de possuir coisas. Quando os negócios de todos se tornam negócios de ninguém, a propriedade comum é negligenciada e a empresa de propriedade tribal se deteriora como se tivesse sido atingida por uma praga. A propriedade tribal elimina incentivos individuais e reduz os membros da tribo a atividades econômicas primitivas e pesados deveres tribais. Quando a responsabilidade pessoal é amplamente compartilhada, a responsabilidade pessoal é perdida e o crescimento reduzido.

Essa falta de direitos de propriedade pessoal é altamente significativa porque uma chave crucial para o crescimento econômico é permitir que os indivíduos obtenham a propriedade de propriedade claramente documentada. Isso é melhor demonstrado pelo economista peruano Hernando de Soto, que mostra que quando os indivíduos possuem um pedaço de terra que pertence a eles e a ninguém mais, eles cuidam, melhoram e desenvolvem.[152]

A propriedade também permite que uma pessoa use o valor de sua propriedade como base para pedir dinheiro emprestado para iniciar um negócio ou fazer outros investimentos. Quando a propriedade é possuída e a posse é documentada, uma economia tem o potencial de crescer e se libertar das garras da pobreza. As pessoas encontram empregos e oportunidades significativas para proporcionar uma vida melhor a seus filhos e netos.

Como explicaremos mais detalhadamente no próximo capítulo, a própria Bíblia regularmente assume e reforça um sistema no qual a propriedade pertence a indivíduos, não a um governo, uma tribo ou, em algum sentido vago, a uma "sociedade" como um todo. Na Bíblia, a propriedade pertence aos indivíduos (ver 142-44).

Os defensores da propriedade tribal geralmente falam de autossuficiência, bravata e coragem, todas coisas boas. Mas o "eu" que eles querem dizer é um eu tribal, que continuamente tira a ênfase dos indivíduos enquanto enfatiza a comunidade mais ampla. O coração de todos deve bater como um e todos devem trabalhar para o benefício da tribo. Como as liberdades econômicas pessoais têm baixa prioridade, os hábitos importantes de poupança, investimento, frugalidade e propriedade são marginalizados.

---

[152]Hernando de Soto, The Mystery of Capital: Why Capitalism Triumphs in the West and Fails Everywhere Else (Nova York: Basic Books, 2000). Discutimos a pesquisa de Soto no capítulo 4, 149-54.

Aristóteles disse: “A propriedade que é comum ao maior número de proprietários recebe a menor atenção; os homens se preocupam mais com suas posses privadas e menos com o que possuem em comum, ou apenas na medida em que cai para sua própria parte individual. ”[153]

É exatamente por isso que há pichações nas paredes dos banheiros públicos, mas não em nossas casas. Isso explica o sobrepastoreio de grama em domínio público e por que os búfalos quase se extinguiram, mas as vacas Hereford se multiplicaram. A responsabilidade de todos se torna responsabilidade de ninguém; isso é o que Garrett Hardin chamou de “A Tragédia dos Comuns”.[154]

Desde que a estrutura tribal conceda ao chefe poder executivo e judiciário, qualquer progresso em direção ao império da lei e a um judiciário independente é altamente improvável.

As consequências inevitáveis de ter recursos em comum - a proposição de que todos na “tribo” são donos das florestas, terras, oceanos e vida selvagem - são prontamente evidentes. Os resultados são exaustão ineficiente dos recursos, deterioração do meio ambiente e conflito social entre aqueles que competem pelo uso dos recursos. Embora possa parecer emocionalmente agradável acreditar que a terra, os oceanos e a vida selvagem pertencem a todos como um patrimônio comum, as consequências econômicas são tipicamente trágicas (ver Fotografia 1 na página 192).

Embora abandonar a propriedade tribal e instituir a propriedade privada sejam necessários para o crescimento econômico em países que mantêm a propriedade tribal, os líderes de cada geração, infelizmente, parecem resistir a essa mudança fundamental, e a tribo continua presa em uma armadilha de pobreza autoinfligida, terminando como agricultores de subsistência (ou, nos Estados Unidos, trabalhando em cassinos por baixos salários). Os direitos do governo federal nos Estados Unidos continuam a encorajar esse modo de vida ineficaz e destrutivo.

O resultado inevitável da propriedade comum é o oposto do que todos desejam, pois o veredicto da história econômica mundial permanece o mesmo: uma economia baseada na propriedade tribal da propriedade nunca pode levar um país da pobreza à prosperidade.

---

153 Aristóteles, Política, trad. H. Rackham, Loeb Classical Library (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1932), 2.1.10, 76-77.

154 Garrett Hardin, "The Tragedy of the Commons", Science 162, no. 3859 (1968): 1243-48.

E. Feudalismo

As sociedades feudais floresceram em grande parte da Europa do século IX ao XV, durando mais em alguns países do Leste Europeu e em alguns países asiáticos, como o Japão. Em um sistema feudal, os "servos" eram fazendeiros arrendatários que faziam um acordo formal com o "senhor" de uma grande propriedade para dar-lhe parte de seu trabalho a cada ano para suas safras, bem como alguns "impostos" de suas próprias safras , em troca do direito de viver na terra e cultivar uma parte dela como sua. Embora os servos estivessem vinculados à terra, eles não tinham direitos de propriedade sobre ela.[155]

No início do segundo milênio, entretanto, o dinheiro substituiu cada vez mais a troca, produzindo uma nova mobilidade social junto com o aumento da produtividade na agricultura e um aumento no comércio. Agora, um camponês poderia vender seu trabalho ao melhor lance. A relação servo / senhor começou a se dissolver à medida que os servos descobriam novos empregadores que lhes forneciam uma maneira de escapar do baixo salário e da quase escravidão do sistema feudal. De acordo com Dudley Dillard, “este crescimento do comércio foi o principal dissolvente do sistema feudal e da servidão, apesar do fato de que o feudalismo existiu lado a lado com o comércio durante todo o período medieval”.[156] Basicamente, a nova mobilidade social encorajou os servos a se tornarem homens livres.

À medida que o status feudal de obrigação recíproca em um sistema econômico imutável de tradição começou a cair, a expressão da natureza aquisitiva das pessoas começou a aumentar. A oportunidade de melhorar sua condição material e status na vida finalmente se tornou uma aspiração humana natural.

Uma mudança tecnológica importante que também contribuiu para o colapso do sistema feudal foi a transição de um sistema de rotação de culturas de dois campos para um de três campos. Com essa inovação, um agricultor dividiu sua terra em três partes. Ele plantou cada terço com a safra A em uma temporada, a safra B na segunda safra e a deixou em pousio na terceira safra (em vez de deixar cada metade em pousio a cada dois anos, como em um sistema de rotação de dois campos). Agora, um agricultor poderia colher não 50 por cento, mas 67 por cento

---

155 Para mais discussão, veja Douglass C. North e Robert Paul Thomas, The Rise of the Western World: A New Economic History (Cambridge: Cambridge University Press, 1976), 9.

156 Dudley Dillard, Desenvolvimento Econômico da Comunidade do Atlântico Norte: Introdução Histórica à Economia Moderna (Inglewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1967), 59.

de suas terras a cada ano. Tal como acontece com as multiculturas modernas, a eficiência agrícola aumentou dramaticamente à medida que o comércio foi adotado e a riqueza cresceu. Dillard escreve:

> O corpo jurídico praticado nas feiras ficou conhecido como o "comerciante da lei", que forma a base do direito comercial moderno, incluindo o direito dos contratos, títulos negociáveis, agenciamento, venda e leilão. Este era o "direito internacional privado da Idade Média". Os comerciantes tornaram-se personagens privilegiados, isentos do direito comum e canônico da época.[157]

Como a produção e distribuição de bens econômicos para mais do que mera subsistência começou, a troca de propriedade por lucro tornou-se comum. Agora as cidades cresceriam, mais bens poderiam ser trocados e o padrão de vida - US $ 2 por dia sob o feudalismo - dobraria e depois dobraria novamente. As economias em crescimento produziram uma classe média de comerciantes e lojistas na Grã-Bretanha, Holanda e Norte da Europa, que se ocuparam com comércio, manufatura e finanças. O crescimento econômico, devido a direitos de propriedade mais bem definidos e ao crescimento populacional, tornou-se a ordem do dia. Tudo começou na Europa e depois se espalhou por toda a civilização ocidental, onde o domínio global duraria mais de quinhentos anos.

Todas essas mudanças mostraram que o feudalismo é um sistema estagnado que foi cada vez mais minado pela melhoria das oportunidades econômicas fora do sistema feudal. Mais uma vez, o veredicto econômico foi o mesmo: uma economia baseada no feudalismo nunca poderia produzir o crescimento necessário para a prosperidade.[158]

F. Mercantilismo

Após o declínio do feudalismo, um sistema econômico chamado mercantilismo foi dominante em toda a Europa durante a maior parte dos séculos XVII e XVIII. Seu principal objetivo era o acúmulo de ouro e prata em uma nação, exportando mais e importando menos. A ideia por trás do mercantilismo era que, assim como a riqueza de uma família pode ser medida pela quantidade de dinheiro que ela possui, a riqueza de uma nação poderia ser medida pela quantidade de ouro e

---

157 Ibid., 19.

158 Para leituras adicionais sobre feudalismo e mercantilismo, consulte North and Thomas, *A ascensão do mundo ocidental*; Eli Heckscher, Mercantilism, 2 vols. (Nova York: Macmillan, 1955); Dillard, Desenvolvimento Econômico da Comunidade do Atlântico Norte.

prata que ela acumulou. Laura LaHaye explica:

> O mercantilismo é o nacionalismo econômico com o propósito de construir um estado rico e poderoso. Adam Smith cunhou o termo "sistema mercantil" para descrever o sistema de economia política que buscava enriquecer o país restringindo as importações e incentivando as exportações. Esse sistema dominou o pensamento e as políticas econômicas da Europa Ocidental do século XVI ao final do século XVIII. O objetivo dessas políticas era, supostamente, alcançar uma balança comercial "favorável" que traria ouro e prata para o país e também manter o emprego doméstico.[159]

Sob o mercantilismo, as empresas de manufatura e mineração eram enfatizadas de modo a produzir produtos para exportação, e freqüentemente colônias e companhias de navegação eram estabelecidas para trazer mais dinheiro e bens para a nação.[160] Os governos da Europa o adotaram, assim como os exportadores de negócios. Murray Rothbard conclui que realmente foi uma conspiração contra os consumidores e a favor dos comerciantes subsidiados, com o objetivo de enriquecer governos e penalizar concorrentes. Os governos tinham o poder de aprovar leis para beneficiar os produtores monopolistas e extrair impostos consideráveis para fazer o favor.[161]

Adam Smith colocou desta forma:

> O consumo é o único fim e propósito de toda a produção; e o interesse do produtor deve ser atendido, somente na medida em que seja necessário para promover o do consumidor. . . . Mas no sistema mercantil, o interesse do consumidor é quase constantemente sacrificado ao do produtor; e parece considerar a produção, e não o consumo, o fim último e o objetivo de toda indústria e comércio.[162]

Jacob Viner, professor de economia da Universidade de Chicago e Princeton na primeira metade do século XX, escreveu:

> As leis e proclamações. . . foram o produto de interesses conflitantes de vários

---

[159] Laura LaHaye, "Mercantilism", em The Concise Encyclopedia of Economics, ed. David R. Henderson (Indianapolis: Liberty Fund, 2008), 340.

[160] Ver Murray Rothbard, "Mercantilism: A Lesson for Our Times?" The Freeman 13, no. 11 (novembro de 1963).

[161] Ibid.

[162] Adam Smith, An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations, ed. Edwin Cannan (1776; repr., New York: Modern Library, 1994), 715.

> graus de respeitabilidade. Cada grupo, econômico, social ou religioso, pressionava constantemente por uma legislação em conformidade com seu interesse especial. As necessidades fiscais da coroa sempre foram uma influência importante e geralmente determinante no curso da legislação comercial.[163]

Em outras palavras, os governos concederam favores e privilégios especiais e foram pagos por isso com impostos. Mas isso apenas tornou os governos e seus interesses especiais favorecidos mais poderosos.

A fraqueza do mercantilismo era que, enquanto uma nação estava ocupada acumulando dinheiro, o objetivo mais importante de fornecer mais e melhores bens e serviços para o povo era negligenciado. Assim como um avarento recluso pode ter um milhão de dólares em dinheiro, mas usar roupas esfarrapadas e viver em uma cabana surrada, o dinheiro em si não enriquece verdadeiramente uma nação. As pessoas comem, bebem e dormem com bens e serviços, não ouro.

À medida que o mercantilismo se espalhou, mercadores e guildas de trabalho formaram grupos de interesses especiais para restringir a competição e jogar o sistema. Enquanto desejavam competição pelos outros e monopólio para si próprios, os mercantilistas (mercadores) buscaram e receberam proteção governamental. Favorecendo práticas comerciais restritivas e cartas de monopólio concedidas pelo governo para seus interesses específicos, eles se concentraram nas exportações e no ouro. “Em troca do pagamento de taxas e impostos para sustentar os exércitos dos estados-nação, as classes mercantis induziram os governos a adotar políticas que protegessem seus interesses comerciais contra a concorrência estrangeira”.[164]

Os países europeus, em particular, adotaram extensas regulamentações de exportação e importação, todas com o objetivo de melhorar sua balança de pagamentos e acumular dinheiro. “Em meados do século XVII, então, a Grã-Bretanha estava pronta para impor um sistema geral de restrição mercantil aos colonos. Os atos mercantis mais gerais são aqueles conhecidos como Atos de Navegação. . . [que foram] passados ao longo dos anos de 1651 a 1663. "[165]Os regulamentos governamentais também controlariam os salários, regulamentariam a qualidade dos bens, supervisionariam as práticas de contratação e demissão de diferentes ocupações e especificariam as condições de emprego. Embora o

---

163 Jacob Viner, Studies in the Theory of International Trade (Nova York: Harper and Brothers, 1937), 58-59.

164 LaHaye, "Mercantilism", 340.

165 Clarence B. Carson, "The Founding of the American Republic: 6. The Mercantile Impasse," *The Freeman*22, não. 1 (janeiro de 1972).

empreendedorismo e os mercados estivessem lentamente ganhando ascendência, o estado controlava a maior parte do poder econômico.

Não surpreendentemente, os principais países europeus tentaram excluir os mercadores e comerciantes de outros países de seus próprios impérios coloniais. Concorrentes potenciais tiveram o acesso negado para que aqueles com cartas de monopólio se beneficiassem. Não era um bom momento para o comércio livre ou para a liberdade econômica.

No entanto, protestos começaram a crescer contra esse tipo de proteção governamental e, na década de 1860, a Grã-Bretanha finalmente removeu os últimos vestígios da era mercantil. "Regulamentações industriais, monopólios e tarifas foram abolidos, e a emigração e as exportações de máquinas foram liberadas. Em grande parte por causa de suas políticas de livre comércio, a Grã-Bretanha se tornou a potência econômica dominante na Europa. "[166]

Visto que o mercantilismo não busca os melhores interesses econômicos do povo de uma nação, ele nunca poderia trazer um país da pobreza para a prosperidade.

G. Socialismo e comunismo

O século XX testemunhou várias experiências com o socialismo marxista (Alemanha, partes da América do Sul, África) e o comunismo soviético / sino-soviético (União Soviética, Europa Oriental, China). Ambos os sistemas estavam empenhados em abolir a propriedade privada, a crença em Deus e a desigualdade. Como esses dois sistemas econômicos são semelhantes em muitos aspectos, vamos examiná-los juntos.

O socialismo é um sistema econômico no qual o governo possui os meios de produção (as empresas e fazendas), e os bens são quase inteiramente produzidos e distribuídos pela direção do governo. O comunismo é um sistema econômico no qual o governo possui não apenas os meios de produção, mas também todas as outras propriedades, incluindo o trabalho das pessoas; além disso, o comunismo é um sistema político que afirma que o socialismo genuíno deve ser provocado por uma revolução violenta como um passo em direção a uma eventual sociedade utópica sem classes e sem dinheiro. Em países como a União Soviética e a China, violentas revoluções comunistas foram seguidas por reinados de assassinato em massa e terror para manter a submissão da população, o que foi

---

166 LaHaye, "Mercantilism", 341.

considerado necessário até que a população pudesse finalmente perceber os benefícios do sistema comunista.

O movimento comunista de Karl Marx foi inaugurado com a publicação de um pequeno panfleto intitulado The Communist Manifesto (Londres, 1848), no qual ele e Friedrich Engels resumiam a proposição fundamental do comunismo e da estrutura marxista. Eles apresentaram suas ideias desta forma:

> Toda a história foi uma história de lutas de classes, de lutas entre explorados e exploradores, entre classes dominadas e dominantes em vários estágios de desenvolvimento social; . . . esta luta, no entanto, atingiu agora um estágio em que a classe explorada e oprimida (o proletariado) não pode mais se emancipar da classe que a explora e oprime (a burguesia), sem ao mesmo tempo libertar para sempre toda a sociedade de exploração, opressão e lutas de classes.[167]

A ideia era que nações rivais e classes econômicas rivais se enfrentavam em uma luta histórica e fundamental pela supremacia. O coletivismo, o autoritarismo e o planejamento governamental de comando e controle estariam todos interconectados e se reforçariam mutuamente, e trabalhariam juntos como uma força libertadora. Os gananciosos tomadores de lucro "capitalistas" seriam finalmente derrotados.

A essência do sistema marxista era o conceito de mais-valia,[168] a proposição de que o trabalhador é enganado porque não recebe o valor total de seu trabalho, e que juros, aluguel e lucro são simplesmente formas de roubo daquilo que realmente pertence ao trabalho.

Marx afirmou que o valor de uma mercadoria podia ser medido pelas horas de trabalho nela investidas.[169]Se um item levasse duas vezes mais horas para ser produzido do que outro, valeria o dobro. Seu apelo para abolir a propriedade (da qual os proprietários obtinham lucro quando os trabalhadores iam trabalhar em suas fábricas) veio de sua teoria mal concebida de que o valor de um produto era determinado pela quantidade de trabalho nele colocado. Ele pensava que o dono de uma fábrica ou fazenda não merecia obter nenhum lucro simplesmente por causa de sua propriedade. Marx não entendia que o valor é determinado subjetivamente pelas preferências dos compradores, não simplesmente pelas

---

167 Friedrich Engels, prefácio da edição alemã de 1883 de Karl Marx e Friedrich Engels, The Communist Manifesto, em The Marx-Engels Reader, ed. Robert C. Tucker (Nova York: WW Norton, 1972), 334.

168 Karl Marx, "The Critique of Capitalism", em, 232-49.

169 Ver Karl Marx, Das Capital (Washington: Regnery, 2000), partes 1-2.

horas de trabalho investidas, e que os proprietários de propriedades merecem lucrar com seu investimento de tempo, esforço, planejamento e risco.

A teoria de Marx iniciou políticas que inevitavelmente partiam do mais produtivo para subsidiar o menos produtivo. Embora a teoria seja comprovadamente falsa, ela prevaleceu em muitos países no final do século XIX e durante a maior parte do século XX.

A teoria marxista também deu ao governo o papel principal de produzir igualdade de condições materiais. Apenas os planejadores do governo comunista poderiam ocupar os altos escalões da sociedade para administrar a tarefa hercúlea de planejar uma economia inteira de acordo com as habilidades e necessidades, e fazer com que tudo parecesse igual. Para que o governo tivesse poder, seria necessária coerção e, sim, seriam quebrados ovos para fazer a omelete. Mas mesmo Marx não poderia ter previsto quantos ovos.

Em seu livro posterior de três volumes, Das Kapital (Hamburgo, 1867), Marx e Engels tentaram enumerar os princípios básicos do comunismo - valor, exploração e luta de classes - e mostrar como uma ordem comunista funcionaria. Eles afirmavam que a história estava se movendo inevitavelmente em direção a um "proletariado" cada vez maior (classe trabalhadora oprimida) em que, de acordo com Das Kapital, "junto com o número cada vez menor dos magnatas do capital, que usurpam e monopolizam todas as vantagens do processo de transformação, cresce a miséria em massa, opressão, escravidão, degradação, exploração. "[170]

Eventualmente, o proletariado assumiria e uma nova ordem econômica (comunista) emergiria, sem opressão por uma classe da outra.[171] Neste novo estado, as riquezas da nação seriam finalmente utilizadas para o bem de todos, “de cada um segundo a sua capacidade, a cada um segundo as suas necessidades”.[172]

As pessoas sob o comunismo não teriam mais a liberdade de decidir se trabalhariam ou não, pois todos seriam obrigados a trabalhar. Mas o problema (experimentado agora por todos os países comunistas) é que as pessoas sob o

---

170 Ibid., 355.

171 As revoluções comunistas nunca ocorreram onde Marx disse que aconteceriam, nas economias capitalistas desenvolvidas. Eles ocorreram apenas em economias principalmente subdesenvolvidas (Rússia, China, Cuba, Coréia do Norte e alguns países africanos). A suposição de Marx de que os empregadores (a burguesia) e os trabalhadores (o proletariado) eram inimigos era falsa, pois nas economias desenvolvidas modernas eles geralmente trabalham juntos para o bem comum das empresas.

172 Karl Marx, *Crítica do Programa Gotha* (Rockville, MD: Wildside Press, 2008), 27.

comunismo não têm incentivo para trabalhar mais ou ser mais inovadoras, porque não podem ficar com os frutos de seu trabalho extra. A produtividade cai inevitavelmente. Abolir a propriedade privada destrói os incentivos.

No entanto, Marx não viu isso. Ele acreditava que a propriedade privada danificava a natureza humana e, se a propriedade privada pudesse ser abolida, as pessoas trabalhariam naturalmente para o bem de todos. Ele escreveu: "A teoria dos comunistas pode ser resumida em uma única frase: Abolição da propriedade privada".[173]

As mesmas objeções que levantamos na seção sobre propriedade tribal também se aplicam aqui. Os ensinos da Bíblia apoiam claramente um sistema de propriedade privada, refletido na ordem "Não furtarás" (Êxodo 20:15), bem como em várias leis que regulamentavam a propriedade de propriedades. (Sobre a alegação incorreta de que a igreja primitiva praticava uma forma primitiva de comunismo, veja abaixo, 143-44.)

Mais de um século antes de Marx, John Locke observou sabiamente: "Por mais terra que um homem cultive, plante, melhore, cultive e da qual possa usar o produto, tanto será sua propriedade. Ele com seu trabalho, por assim dizer, isola-o do comum. "[174] Então, em dezenas de parágrafos, Locke passou a descrever os direitos do homem à sua propriedade.

Não é surpreendente que as previsões de Marx de uma sociedade comunal não se materializassem e a revolta dos trabalhadores oprimidos seguida por uma utopia comunista não tenha acontecido. Mas não é porque a União Soviética do século XX não tentou realizá-los. A URSS foi o primeiro país a aplicar os princípios marxistas e um plano comunista racional para operar todo um sistema econômico.

"Gos" é uma abreviatura da palavra russa para governo. Assim, na União Soviética, "Gosplan" determinou o plano; "Gosten" definiu preços; "Gosnab" alocados suprimentos; e "Gostude" definiu atribuições de trabalho e salários. Planejadores governamentais inteligentes e experientes mesclaram planos econômicos locais em planos econômicos regionais, que, por sua vez, foram mesclados a um plano econômico nacional.

Essa estrutura elaborada explica: (1) por que a economia soviética era tão

---

173 Karl Marx e Friedrich Engels, The Communist Manifesto (Nova York: Monthly Review Press, 1968), 27.

174 John Locke, Concerning Civil Government, em Locke, Berkeley, Hume, Great Books of the Western World, Vol. 35, ed. Robert Maynard Hutchins e Mortimer J. Adler (Londres: Oxford University Press, 1952), 51.

complicada que não conseguia funcionar com eficiência (um crítico poderia dizer que era uma grande rede); e (2) por que os planejadores soviéticos tiveram que reescrever planos de cinco anos anualmente. Por que não funcionou? Porque, mais uma vez, quando todo mundo possui algo, ninguém possui. Os fazendeiros têm o péssimo hábito de não trabalhar muito quando não são donos das terras que cultivam. Além disso, a Gosplan não era boa em prever a demanda pelos produtos que forçava os trabalhadores a produzir.

A experiência soviética, assim como a da República Popular da China, Cuba, Coréia do Norte e Camboja, mostrou que a esperada "ditadura do proletariado" sempre significou a ditadura tirânica dos líderes do partido sobre As massas. Não houve uma história de sucesso no mundo real sob a bandeira comunista. O poder do Estado é absoluto, o poder do governo é arbitrário e as liberdades humanas mais elementares são negadas ao cidadão médio.

Pior ainda, o número de mortos de regimes comunistas autoritários e totalitários foi impressionante. "Medido por padrões básicos como respeito pela vida humana e liberdade pessoal, nossa era foi a mais bárbara da história do planeta. Mais de 100 milhões de pessoas foram exterminadas pelos poderes totalitários, com outros milhões presos em campos de escravos ou sujeitos a outra repressão organizada. "[175]

Jay W. Richards relata em algumas páginas os horríveis males impostos sob o comunismo na União Soviética sob Vladimir Lenin e Joseph Stalin, na China sob Mao Tse-tung e no Camboja sob Pol Pot.[176] Em seguida, ele resume como os regimes comunistas mataram de 85 milhões a 100 milhões de seu próprio povo no século XX:

China	65 milhões
URSS	20 milhões
Coreia do Norte	2 milhões
Camboja	2 milhões
Nações africanas	1,7 milhões
Afeganistão	1.5 milhões
Vietnã	1 milhão
Nações do leste europeu	1 milhão
Nações latino-americanas	150.000

[175] Evan M. Stanton, The Theme Is Freedom: Religion, Politics, and the American Tradition (Washington: Regnery, 1994), 5.

[176] Ver Jay W. Richards, Money, Greed, and God: Why Capitalism Is the Solution and Not the Problem (New York: HarperOne, 2009), 11-19.

O Internacional cerca de movimento comunista

E o socialismo? Uma vez que o elemento econômico essencial da propriedade governamental dos meios de produção é o mesmo, o socialismo desenvolvido enfrenta os mesmos obstáculos que o comunismo: falta de incentivos suficientes, perda de produtividade humana, perda de propriedade privada de negócios e uma perda correspondente de liberdades humanas e econômicas para ser produtivo. Em vez de os consumidores decidirem livremente quais produtos são os melhores e o que deve ser produzido, os funcionários do governo tomam todas essas decisões. O socialismo, portanto, diminui a liberdade humana, a escolha e a oportunidade de se destacar. Não importa o plano, ele não foi e não pode funcionar.

O filósofo político Michael Novak critica esses "ismos" destrutivos, escrevendo em seu livro histórico The Spirit of Democratic Capitalism:

> O socialismo foi desde o início uma força mítica. Os socialistas adotaram a bandeira vermelha como um dispositivo de simplificação dramática, contrastando deliberadamente sua única cor (primeiro preto, depois vermelho) com o tricolor convencional das revoluções democráticas existentes. Eles desejavam representar uma ideia universal simples que transcende qualquer nação. A cor vermelha brilhava ameaçadoramente à luz de tochas, Victor Hugo observou, significando fogo, perigo, luta e uma universalidade de sangue compartilhado.[178]

O fracasso total da União Soviética e da China em fazer o comunismo funcionar forçou os defensores marxista-leninistas a recuar na proposição não comprovada de que o comunismo ainda é “inevitável” e que seu sonho utópico ainda será construído algum dia. No entanto, um século de promessas que resultou apenas em desumanização horrível e fracassos econômicos nos leva a concluir que uma economia baseada no socialismo ou no comunismo nunca pode trazer um país da pobreza para a prosperidade.

Mas existe uma “terceira via” entre o socialismo e o mercado livre? Alguns propuseram isso no moderno estado de bem-estar social.

---

[177] Ibid., 21; Richards cita essas estatísticas de The Black Book of Communism (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999), 4.

[178] Michael Novak, The Spirit of Democratic Capitalism (Nova York: Simon and Schuster, 1982), 319, citando James H. Billington, Fire in the Minds f Men (Nova York: Basic Books, 1980), 203-4.

H. O estado de bem-estar e igualdade

Muitos governos europeus agora oferecem amplos benefícios aos seus cidadãos, do berço ao túmulo. O continente agora está povoado de pessoas que acreditam que seus governos lhes devem uma lista de "direitos humanos": educação, empregos seguros, férias longas, aposentadorias precoces, pensões generosas, moradia subsidiada e assistência médica gratuita. Eles construíram o que muitos acreditam que ser os melhores estados de bem-estar do mundo. Mas qual foi a causa? E pode continuar?

Devemos reconhecer que a riqueza dos países europeus foi criada sob estruturas muito semelhantes aos sistemas de livre mercado, não sob o moderno Estado de bem-estar. O norte da Europa tornou-se próspero durante a Revolução Industrial (por volta de 1770-1870) e no século que se seguiu, e o moderno estado de bem-estar só surgiu na prosperidade que se seguiu à Segunda Guerra Mundial (terminou em 1945). Os governos então descobriram que poderiam implementar a propriedade estatal e / ou subsídios maciços para assistência médica, moradia, educação, seguro-desemprego, férias longas obrigatórias e aposentadorias antecipadas.

Como o estado de bem-estar social garante às pessoas empregos para toda a vida e em grande parte as protege das forças do mercado e das mudanças, ele tem produzido cada vez mais um continente de realizadores iguais, crescimento econômico lento e uma mentalidade de direitos. O historiador britânico Niall Ferguson, em seu livro Civilization: The West and the Rest, diz: “Os europeus de hoje são os ociosos do mundo”.[179]Em média, eles trabalham menos do que a maioria das pessoas em qualquer continente, desfrutam de educação prolongada e aposentadoria precoce, têm dias de trabalho mais curtos e férias mais longas e são muito mais propensos a entrar em greve. Ferguson também escreve:

> Os europeus não apenas trabalham menos; eles também oram menos - e acreditam menos. Houve um tempo em que a Europa podia se referir com justiça a si mesma como "Cristandade". Os europeus construíram os edifícios mais lindos do continente para acomodar seus atos de adoração ... Como peregrinos, missionários e conquistadores, eles navegaram para os quatro cantos da terra, com a intenção de converter os pagãos à verdadeira fé. Agora são os europeus

179 Ferguson, Civilization, 265.

que são os pagãos.[180]

Quando a realidade dos direitos superou a riqueza que estava sendo criada, a Europa finalmente atingiu um muro. De acordo com o especialista financeiro e autor John Mauldin e o co-autor Jonathan Tepper:

> Estamos chegando ao fim de um superciclo da dívida de 60 anos. Não apenas os consumidores, mas os bancos tomaram emprestado (e não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o mundo desenvolvido) como se não houvesse amanhã. . . . Os bancos europeus ainda permanecem altamente alavancados. . . . Por que a Grécia é importante? Porque grande parte de suas dívidas está nos livros dos bancos europeus. No valor de centenas de bilhões de dólares. . . . Mas esses bancos europeus? Quando essa dívida se tornar inadimplente, e assim será, eles reagirão um ao outro exatamente como fizeram em 2008. A confiança irá evaporar. . . . Existem outros países na Europa, como Espanha e Portugal, que são quase tão ruins quanto a Grécia.[181]

Por quanto tempo a liberdade econômica pode sobreviver à fúria das massas e à perda potencial da segurança econômica que agora é considerada um direito humano básico? Os Estados de bem-estar da União Europeia, com sua tentativa de dividir a diferença entre o capitalismo de livre mercado e o socialismo dirigido pelo governo, parecem ter seguido seu curso.

Mas, neste momento, grande parte do continente continua em negação. Como a dívida, os déficits e os direitos sociais não financiados não desaparecerão, dezenas de países da União Europeia estão enfrentando uma ruptura da zona do euro ou uma união fiscal em todo o continente que restringe ou elimina o estado de bem-estar e os grandes sindicatos trabalhistas, mas também coletiviza a política fiscal e os governos.

Os economistas reconhecem que sua disciplina consiste em aproveitar o poder dos incentivos. Seus insights úteis incluem: "Quando você recompensa uma atividade econômica, você obtém mais dela; quando você penaliza, você ganha menos. " "Impostos são importantes." "Os incentivos são importantes." "Você não pode gastar seu dinheiro para sair de uma crise de dívida ou taxar seu caminho para a prosperidade." A Europa deve decidir. Muitas de suas políticas

---

180 Ibidem, 266.

181 John Mauldin e Jonathan Tepper, Endgame: The End of the Debt Supercycle e How It Changes Everything (Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2011), 40-42.

até este ponto desconsideraram essas verdades econômicas básicas.

Os principais pilares dos Estados de bem-estar europeus já não são viáveis. Um país poderia legislar direitos significativos quando a demografia de sua população era jovem, mas agora, com as populações envelhecendo rapidamente e menos trabalhadores (os "fabricantes") apoiando cada vez mais aposentados (os "tomadores"), esses direitos generosos para saúde e aposentadoria estão se tornando impossíveis.

A menos que altos déficits e dívidas sejam controlados, é inevitável que os custos de empréstimos disparados e os rebaixamentos do racionamento de crédito sejam inevitáveis. A flexibilidade do trabalho na Europa precisa de uma correção séria. Os empregadores devem ter a liberdade de contratar e demitir à medida que as condições econômicas mudam; a proteção do sindicato para dezenas de profissões não é mais acessível. Custos de mão de obra competitivos e produtividade crescente são necessários para competir em uma economia global.

O papel da Alemanha é fundamental. Não se pode esperar que financie os Estados de bem-estar social existentes na Europa, mas também não pode acreditar que a Europa possa sair de seu buraco financeiro sem a ajuda alemã e econômica. No entanto, logo chegará um limite. A Alemanha não pode continuar a ter grandes superávits comerciais enquanto o resto da Europa tem déficits comerciais. Ajustes graduais devem ser feitos em todos os lugares. Agora parece que os políticos europeus irão lidar com as graves falhas da União Europeia em sua longa marcha para a recuperação ou experimentar a dor potencial da falência e da desvalorização.

I. Uma solução melhor: o sistema de mercado livre

O sistema econômico final a ser considerado é um sistema de mercado livre. Um sistema de livre mercado é aquele em que a produção e o consumo econômicos são determinados pelas escolhas livres dos indivíduos e não dos governos, e esse processo é baseado na propriedade privada dos meios de produção. Em termos muito simples e práticos, um sistema de mercado livre significa que as pessoas, e não o governo, são donas das fazendas, negócios e propriedades de uma nação (“os meios de produção”).

“Fundamentalmente”, diz o Prêmio Nobel Milton Friedman, “existem apenas duas maneiras de coordenar as atividades econômicas de milhões. Uma é a direção central que envolve o uso da coerção - a técnica do exército e do estado totalitário moderno. A outra é a cooperação voluntária de indivíduos - a técnica

do mercado. "[182]

Descreveremos esse sistema de livre mercado no próximo capítulo.

[182] Milton Friedman, Capitalism and Freedom: A Leading Economist's View on the Proper Role of Competitive Capitalism (Chicago: University of Chicago Press, 1962), 13.

O SISTEMA ECONÔMICO

O Mercado Livre

Explicamos no último capítulo que muitos sistemas econômicos anteriores não produziram prosperidade humana. Caça e coleta, agricultura de subsistência, propriedade tribal, feudalismo, mercantilismo e socialismo e comunismo terminaram em fracasso. O estado de bem-estar moderno ainda vive da prosperidade anterior, mas está descobrindo rapidamente que a receita tributária atual está muito aquém das obrigações prometidas. O estado de direito está diminuindo.

Esses sistemas negligenciaram muitos (e às vezes todos) os fatores mais importantes para o crescimento econômico: o estado de direito, a propriedade privada, a especialização e o livre comércio, a liberdade econômica e os incentivos necessários para criar riqueza e a esperança de recompensa.

Neste capítulo, discutiremos várias vantagens do mercado livre. Mas primeiro, o que é um sistema de mercado livre?

A. O sistema de livre mercado definido

1. Definição

No capítulo anterior, definimos um sistema de mercado livre desta forma:

> Um sistema de mercado livre é aquele em que a produção econômica e o consumo são determinados pelas escolhas livres dos indivíduos, em vez

> do que pelos governos, e esse processo é baseado na propriedade privada dos meios de produção.

Nesta definição, a frase "meios de produção" refere-se a todos os fatores não humanos que entram na fabricação de bens e serviços, como fábricas, equipamentos, terras agrícolas e minas. Em termos muito simples, em um sistema de livre mercado , as pessoas, e não o governo, são as proprietárias das fazendas e dos negócios. Além disso, as pessoas "são donas" de si mesmas no sentido de que têm liberdade para escolher onde trabalhar. O governo não decide onde eles trabalham (como na escravidão ou no comunismo).

Ao chamar isso de "sistema de livre mercado", também pretendemos distingui-lo de várias formas indesejáveis de "capitalismo" que realmente não são sistemas de livre mercado, como "capitalismo de estado" e "capitalismo oligárquico" (explicado no capítulo 6 , 211-15).

Mas o que, então, é o "mercado" parte de um sistema de livre mercado? Podemos definir um mercado livre? O economista Murray Rothbard oferece esta definição: "'Mercado livre' é um termo resumido para uma série de trocas que ocorrem em sociedade. Cada intercâmbio é realizado como um acordo voluntário entre duas pessoas ou entre grupos de pessoas representadas por agentes. "[183] Ele acrescenta que esta "matriz de trocas" tem mais complexidade: "O mercado, então, não é simplesmente uma matriz; é uma rede de trocas altamente complexa e interativa ... O mercado livre e o sistema de preços livres produzem bens a partir de em todo o mundo à disposição dos consumidores. "[184]

Escrevendo da perspectiva de um teólogo cristão, um de nós (Wayne Grudem) em outro lugar explica o mercado livre de uma maneira semelhante, mas vendo-o como um processo divinamente ordenado que é construído na natureza humana e enfatizando os resultados benéficos de todo o processo de trocas voluntárias:

> O mercado livre é um processo maravilhoso dado por Deus nas sociedades humanas, por meio do qual os bens e serviços produzidos pela sociedade (oferta) se ajustam continuamente para corresponder exatamente aos bens e serviços desejados pela sociedade (demanda) em cada período de tempo, e por meio do qual a sociedade atribui um valor mensurável a cada bem e serviço em cada

---

[183]Murray N. Rothbard, "Free Market", em The Concise Encyclopedia of Economics, ed. David R. Henderson (Indianapolis: Liberty Fund, 2008), 200.
[184] Ibid., 200-201.

> período de tempo, inteiramente por meio das escolhas livres de cada indivíduo na sociedade, e não por meio do controle do governo.[185]

Outro escritor, Jay W. Richards, também vê a mão providencial de Deus no mercado livre:

> Em vez de desprezar a ordem do mercado, os cristãos deveriam vê-la como a maneira de Deus governar providencialmente as ações de bilhões de agentes livres em um mundo decaído. . . . O mercado é, como [FA] Hayek disse, "provavelmente a estrutura mais complexa do universo". Ele merece nossa admiração. . . um exemplo impressionante da providência de Deus sobre um mundo decaído.[186]

O funcionamento de tal mercado livre é importante para o ponto principal deste livro, que os países que desejam sair da pobreza para a prosperidade devem produzir mais bens e serviços de valor. Mas como os governos podem fazer com que seu povo produza mais? Algumas nações tentaram forçar a produtividade por meio da escravidão, mas não funcionou. As nações que adotaram o socialismo e o comunismo também tentaram o planejamento governamental e a compulsão para fazer as pessoas trabalharem, mas suas economias fracassaram miseravelmente.

A genialidade de um sistema de livre mercado é que ele não tenta obrigar as pessoas a trabalhar. Em vez disso, deixa as pessoas livres para escolher trabalhar e recompensa esse trabalho, permitindo que as pessoas fiquem com os frutos de seu trabalho. Em um mercado livre, nenhum funcionário do governo precisa forçar as pessoas a trabalhar. O governo simplesmente tem que sair do caminho e deixar o mercado livre funcionar sozinho (com algumas restrições adequadas ao crime; consulte a próxima seção).

A razão pela qual a liberdade de mercado produz prosperidade foi explicada em 1776 por Adam Smith:

> A segurança que as leis da Grã-Bretanha dão a todo homem de que ele gozará

---

[185] Esta definição foi retirada de Wayne Grudem, Politics — Segundo a Bíblia (Grand Rapids: Zondervan, 2010), 276, ênfase no original.

[186] Jay W. Richards, Money, Greed, and God: Why Capitalism Is the Solution and Not the Problem (New York: HarperOne, 2009), 214-15. E. Calvin Beisner usa longas citações dos escritos anteriores de Adam Smith para argumentar que pela frase "mão invisível" Smith estava se referindo à providência divina: veja "Stewardship in a Free Market" em Morality and the Marketplace, ed. Michael Bauman (Hillsdale, MI: Hillsdale College Press, 1994), 26-29.

> dos frutos de seu próprio trabalho é suficiente para fazer qualquer país florescer. . . . O esforço natural de cada indivíduo para melhorar sua própria condição, quando sofrido para exercer-se com liberdade e segurança, é um princípio tão poderoso que está sozinho e sem qualquer ajuda. . . capaz de levar a sociedade à riqueza e prosperidade.[187]

A declaração freqüentemente repetida de Smith foi demonstrada repetidas vezes na história subsequente. No mundo de hoje, existe uma forte correlação entre liberdade econômica e prosperidade. Os países que têm os níveis mais altos de liberdade econômica (que podem ser calculados estatisticamente usando pelo menos dez fatores diferentes) também têm as rendas per capita mais altas. Isso pode ser visto quando representamos os países do mundo em um gráfico que compara sua liberdade econômica com sua renda per capita média (veja a Figura 1 na página 192).

O restante deste capítulo e o próximo irão explicar como o mercado livre produz resultados tão surpreendentes - ou, melhor, como as pessoas livres em um mercado livre produzem resultados tão surpreendentes.

2. A regra da lei

O estado de direito é importante para um sistema de mercado livre. Impede que ladrões e outros criminosos tirem a liberdade econômica das pessoas, tomando suas propriedades por meio de fraude, engano ou força. Um sistema de livre mercado deve ter leis para prevenir o crime. Ninguém que defende um sistema de mercado livre acredita que a palavra livre significa que deveria haver anarquia. Na verdade, algumas leis são necessárias para proteger a ideia de um mercado livre, porque a ideia de trocas livres e voluntárias é violada quando as pessoas roubam, enganam ou enganam outras, ou quando as pessoas não têm as informações de que precisam para informar decisões. (Explicamos o estado de direito mais detalhadamente no capítulo 7, 225-26; ver também 154-55.)

Portanto, uma compreensão adequada de um mercado livre inclui leis contra roubo, fraude, violação de contratos e venda de produtos defeituosos e perigosos. Um país pode ter tais leis e permanecer um sistema de livre mercado porque as decisões sobre o que produzir e consumir são deixadas para os indivíduos, não para o governo.

---

[187]Adam Smith, An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations, ed. Edwin Cannan (1776; repr., New York: Modern Library, 1994), 581.

3. Todas as economias são "misturadas"?

De vez em quando, quando mencionamos o mercado livre em nossos seminários, alguém na audiência objeta: "Não existe um sistema de mercado livre hoje, porque todas as economias têm uma mistura de propriedade privada e propriedade e controle do governo. Portanto, o que você realmente está defendendo é uma economia mista, e quase todas as nações têm economias mistas hoje. "A discussão então se torna confusa porque a renomeação implica que diferentes sistemas econômicos são basicamente os mesmos.

Então, faz algum sentido falar sobre um "sistema de mercado livre"? Achamos que faz sentido, porque existem diferenças reais entre os sistemas econômicos de país para país. Claro, a maioria das nações com economias de mercado livre alguns elementos de propriedade ou controle do governo sobre a produção, mas isso não os torna de forma alguma países socialistas. Por exemplo, nos Estados Unidos, o governo tem quase-propriedade do serviço postal massivamente subsidiado por impostos, mas este é o exceção, não a regra.A maioria das decisões sobre produção e consumo nos Estados Unidos ainda são tomadas por indivíduos e empresas privadas, não pelo governo.

Na verdade, as economias nacionais do mundo podem ser organizadas numericamente ao longo de uma escala de "livre" a "não livre". Uma dessas classificações foi publicada anualmente nos últimos dezoito anos pela Heritage Foundation e pelo The Wall Street Journal. O volume atual é denominado Índice de Liberdade Econômica de 2012.[188] Para determinar o quão livre é uma economia, a cada ano os pesquisadores pontuam 179 países de acordo com dez fatores agrupados em quatro categorias:

A. Estado de Direito
    1. Direitos de propriedade
    2. Livre da corrupção
B. Governo limitado
    3. Liberdade fiscal
    4. Gastos públicos
C. Eficiência regulatória
    5. Liberdade de negócios

[188]Terry Miller, Kim R. Holmes e Edwin Feulner, eds., 2012 Index of Economic Freedom (Washington, DC: Heritage Foundation / Nova York: The Wall Street Journal, 2012). O índice também está disponível em www. Heritage.org/index/default. Outra fonte excelente sobre este tópico é James Gwartney, Robert Lawson e Joshua Hall, Economic Freedom of the World: Relatório Anual de 2012 (Vancouver, BC: Fraser Institute, 2012). Também está disponível emwww.freetheworld.org.

6. Liberdade de trabalho
7. Liberdade monetária

D. Mercados abertos

8. Liberdade comercial
9. Liberdade de investimento
10. Liberdade financeira

Cada país é classificado em uma escala de liberdade econômica de 0 a 100, acompanhada por uma breve análise de acordo com os dez fatores. No Índice de Liberdade Econômica de 2012, Hong Kong teve a pontuação mais alta (89.9) , então Cingapura (87,5), Austrália, (83,1), Nova Zelândia, (82,1) e Suíça (81,1). Esses cinco são considerados "gratuitos" por esta publicação (veja o interior da capa).

Os pesquisadores então listaram vinte e três países que são "em sua maioria livres", incluindo Canadá (79,9), Chile (78,3), Maurício (77,0), Irlanda (76.9) , os Estados Unidos (76,3) e dezoito outros. Para os fins de nosso estudo, esses vinte e oito principais países podem ser considerados como tendo sistemas de livre mercado ou principalmente sistemas de livre mercado.

Infelizmente, oitenta e oito países ainda estão na extremidade inferior da escala: sessenta países são classificados como "em sua maioria não livres" e, abaixo deles, outros vinte e oito são classificados como "reprimidos". Esses países pontuam mal em todas as dez categorias de liberdade econômica. Esses países não têm sistemas de mercado livre. Os dez mais baixos são Guiné Equatorial (42,8 de 100), Irã (42,3), República Democrática do Congo (41,1), Mianmar (38,7), Venezuela (38,1), Eritreia (36,2), Líbia (35,9), Cuba (28,3), Zimbábue (26,3) e Coreia do Norte (1).

4. Estamos realmente falando sobre capitalismo?

Algumas pessoas se referem a um sistema de mercado livre como um sistema "capitalista". Se a palavra capitalismo é entendida como referindo-se a um sistema de livre mercado como descrevemos aqui, então certamente apoiamos tal descrição. No entanto, não costumamos usar o termo capitalismo neste livro porque, ao falar para audiência após audiência, descobrimos que o termo capitalismo pode significar muitas coisas diferentes para pessoas diferentes - às vezes muitas coisas positivas e às vezes algumas coisas negativas.[189]Não nos

[189]Robert Hessen diz que capitalismo é "um termo depreciativo cunhado pelos socialistas em meados do século XIX" e que é "um termo impróprio para 'individualismo econômico'" ("Capitalismo", em The Concise Encyclopedia of Economics, 57).

parece sensato referirmo-nos ao sistema que propomos com um termo que, na mente de muitos leitores, significa várias coisas que não pretendemos. Quando oradores e ouvintes significam coisas diferentes por um termo-chave, a clareza na análise e discussão é prejudicada. A clareza da definição é importante. Em qualquer caso, o termo capitalismo não transmite a ideia essencial de um sistema de mercado livre, que é que as decisões sobre produção e consumo econômicos são feitas por escolhas livres dos indivíduos, não pelo governo.

Ainda assim, usamos o capitalismo de vez em quando, especialmente na interação com citações de outros escritores, e nos encontramos de acordo com as excelentes defesas do capitalismo genuíno que foram publicadas por escritores como Milton Friedman,[190] Michael Novak,[191] Jay W. Richards,[192] Steve Forbes e Elizabeth Ames,[193] e Austin Hill e Scott Rae.[194]

Às vezes, um sistema de livre mercado também é chamado de "sistema de livre empresa". Este termo tem conotações principalmente positivas, mas escolhemos o termo "sistema de livre mercado" porque a "livre empresa" coloca muito foco nos negócios (o que as pessoas pense em quando ouvem o termo empresa) com exclusão das escolhas econômicas pessoais feitas por milhões de pessoas que não se consideram no mundo dos negócios ou em qualquer tipo de "empresa".

Nem todas as pessoas ligadas à ajuda externa hoje concordam com nossa recomendação de que um sistema de mercado livre (o que alguns chamam de "capitalismo") é a solução para a pobreza nas nações pobres. Em particular, muitas pessoas que trabalham em ONGs (organizações não governamentais estabelecidas para ajudar os pobres de várias maneiras) têm uma visão de mundo que os impede de ver os benefícios de um sistema de livre mercado. O respeitado economista do desenvolvimento Paul Collier escreve sem rodeios:

> Quando eu passo a mensagem para o público de uma ONG, eles ficam inquietos por um motivo diferente. Muitos deles não querem acreditar que para a maioria do mundo em desenvolvimento o capitalismo global está funcionando. Eles odeiam o capitalismo e não querem que funcione. A notícia de que não está funcionando para o bilhão de baixo não é boa o suficiente: eles querem acreditar

---

190 Milton Friedman, Capitalism and Freedom: A Leading Economist's View on the Proper Role of Competitive Capitalism (Chicago: University of Chicago Press, 1962).

191 Michael Novak, The Spirit of Democratic Capitalism (Nova York: Simon and Schuster, 1982).

192 Richards, dinheiro, ganância e Deus.

193 Steve Forbes e Elizabeth Ames, How Capitalism Will Save Us: Why Free People and Free Markets Are the Best Answer in Today's Economy (New York: Crown Business, 2009).

194 Austin Hill e Scott Rae, The Virtues of Capitalism: A Moral Case for Free Markets (Chicago: Northfield, 2010).

> que não funciona em lugar nenhum. . . . A esquerda precisa abandonar a autoflagelação do Ocidente e as noções idealizadas de países em desenvolvimento. A pobreza não é romântica. Os países do bilhão de baixo não existem para experiências pioneiras de socialismo; eles precisam ser ajudados ao longo do caminho já trilhado de construir economias de mercado. As instituições financeiras internacionais não fazem parte de uma conspiração contra os países pobres; eles representam esforços sitiados para ajudar.[195]

Collier explica, por exemplo, como a Christian Aid, uma instituição de caridade influente na Grã-Bretanha, usou a obscura pesquisa de alguém que nunca publicou um artigo acadêmico sobre comércio e que estava estudando em uma instituição marxista sólida para apoiar um apelo profundamente prejudicial à manutenção altas barreiras comerciais em nações pobres e para rebaixar grosseiramente o "capitalismo" como uma força de opressão para os pobres.[196]

Por que organizações como a Christian Aid promovem conselhos tão prejudiciais? Collier diz: "Enquanto escrevo, é muito cedo para dizer qual é a situação - cristãos confusos, marxistas infiltrados ou executivos de marketing corporativo".[197]

5. O sucesso econômico dos sistemas de mercado livre

O sistema de livre mercado provou ser um sistema econômico produtivo? Sim, tem sido muito mais bem-sucedido do que qualquer um dos outros sistemas discutidos acima. Na verdade, com exceção de algumas nações ricas em petróleo do Oriente Médio, todas as nações com alta renda per capita hoje se tornaram ricas por meio de várias formas de sistema de livre mercado. (A renda per capita da China em 2012 ainda era de apenas US $ 9.100, o que a coloca no meio da faixa de renda. É a nº 118 em renda per capita entre os 228 países do mundo. E o notável crescimento econômico da China foi o resultado da introdução de elementos significativos de reforma econômica em uma direção de mercado livre.)[198]

Nenhum outro sistema econômico trouxe qualquer país da pobreza à prosperidade. Um sistema de livre mercado é o único tipo que oferece uma

---

195 Paul Collier, The Bottom Billion: Por que os países mais pobres estão falhando e o que pode ser feito sobre isso (Oxford: Oxford University Press, 2007), 190-91, ênfase adicionada.

196 Ibid., 157-59.

197 Ibid., 159.

198 The World Factbook, acessado em 7 de março de 2013, https://www.cia.gov/library/publications/the-world -factbook / rankorder / 2004rank.html.

alternativa viável e uma força contrária resiliente aos ismos e sistemas falhados discutidos no capítulo anterior.

6. Apoio bíblico para a liberdade humana em sistemas econômicos

Em um capítulo posterior, discutimos o apoio bíblico para a ideia de que os governos devem proteger a liberdade humana (ver 189-90), mas aqui podemos dizer brevemente que o apoio para a ideia de liberdade no mercado vem de várias correntes de pensamento:

(1) *O ensino sobre propriedade privada na Bíblia*. A propriedade é vista como pertencendo não ao governo ou à sociedade como um todo, mas a indivíduos (ver Ex. 20:15; Lev. 25:10; Deuteronômio 19:14; 1 Sam. 8: 10-18; 1 Reis 21 ; e a discussão posteriormente neste capítulo, 142-44);

(2) *O conceito bíblico de responsabilidade pessoal de mordomia para com Deus pela propriedade que possuímos (Salmos 24: 1 e veja abaixo, 144-45).* Essa mordomia pode ser exercida apenas quando os indivíduos são livres para escolher como usar sua propriedade;

(3) *O ensino bíblico de que todos os seres humanos são criados à imagem de Deus (Gênesis 1: 26-27; 9: 6; Tiago 3: 9),*e, portanto, deve ter direitos iguais perante a lei. A visão oposta é que um pequeno grupo de governantes tem direitos superiores para ditar as decisões econômicas de todos os outros;

(4) *O ensino bíblico de um papel limitado para o governo*. O governo deve punir os malfeitores, recompensar aqueles que fazem o bem e manter a ordem na sociedade. Não há ensino bíblico de que o governo tem o direito de administrar as decisões econômicas de uma nação (veja Rm 13: 1-6; 1 Pedro 2: 13-14 sobre as responsabilidades do estado).

(5) *A ausência de qualquer suporte bíblico claro para a ideia de que o governo deve controlar a economia de uma nação e não deve permitir a liberdade econômica*. Na verdade, o governo não precisa de nenhum mandado especial para deixar as pessoas em paz e deixar a economia em paz (exceto para punir a atividade criminosa).

Não queremos que os líderes governamentais pensem que de alguma forma precisam "criar" um mercado livre. Se o governo ficar fora do caminho e simplesmente impedir que as pessoas se machuquem injustamente, a liberdade econômica simplesmente acontece. Nesse sentido, a liberdade já existe onde as pessoas começam a fazer trocas voluntárias umas com as outras, o que ocorre em toda a sociedade humana. Os governos não precisam criar mercados livres. Mas os governos precisam proteger os mercados livres de várias maneiras, como explicamos nos capítulos a seguir.

B. A maravilha de um lápis: o mercado livre, sem um diretor humano, faz produtos complexos que ninguém sabe fazer

Um mercado livre precisa de um planejador central para saber quais produtos fazer? A resposta é não. Ninguém possui experiência suficiente para planejar todas as facetas de um sistema econômico livre. Na verdade, não existe uma pessoa no planeta que saiba fazer nem mesmo um simples lápis, mas os lápis são fabricados com grande sucesso. Isso é ilustrado na história I, Pencil, de Leonard Read, o falecido ex-presidente da Foundation for Economic Education.17

"Nem uma única pessoa sabe como me fazer", diz o lápis. Isso poderia ser verdade? Comparado a uma casa, um carro ou um computador, um lápis parece tão fácil de fazer. Mas então Read (falando por meio do "lápis" como se fosse uma pessoa) passa a contar todas as coisas que entram na feitura de um lápis. Primeiro, a madeira vem de uma árvore de cedro de grão reto que cresce em certas florestas. Cortar a árvore e transportar as toras até o tapume da ferrovia requer serras, cordas, caminhões e inúmeras outras peças de maquinário. Milhares de pessoas e centenas de habilidades são necessárias para fazer apenas a parte "madeira" de um lápis. A mineração de minério, a fabricação de aço e seu eventual refinamento em motosserras, machados e motores são apenas o começo. O cânhamo é cultivado e levado em todas as etapas de produção que dão origem a uma corda forte. Até mesmo os acampamentos madeireiros,

Pense em todas as habilidades necessárias para trazer as toras para o

[17] Leonard Read, I, Pencil: My Family Tree conforme disse a Leonard E. Read (Irving on the Hudson, Nova York: The
Foundation for Economic Education, 2006), 3-9.

fábrica e todos os caminhões que os transportam de um lugar para outro. Pense em todo o trabalho de marcenaria envolvido na conversão das toras em ripas. Grandes quantidades de maquinário e conhecimento são necessários apenas para proteger a madeira para um lápis. Mas isso é apenas parte do que você vê.

O "chumbo" de um lápis não é chumbo. Começa como grafite extraído do Sri Lanka, que passa por muitos processos complicados antes de terminar no centro de um lápis. O pedaço de metal - o ferrolho - perto do topo do lápis é o latão. Pense em toda a energia e tecnologia necessárias para extrair o zinco e o cobre e, em seguida, em todas as habilidades envolvidas na fabricação da folha de latão brilhante a partir desses produtos da natureza.

O que chamamos de borracha é conhecido no comércio como "tampão". Nós pensamos nisso como borracha, mas a borracha serve apenas para fins de ligação. O apagamento é, na verdade, feito por "factice", um produto semelhante a borracha feito de óleo de colza reagente da Indonésia com cloreto de enxofre.

Você sabe minerar grafite? Você é engenheiro químico? Você sabe como fazer tinta amarela e explodi-la hidraulicamente com uma pistola? Você sabe como operar uma serraria, uma fundição, uma máquina madeireira Caterpillar ou uma máquina de moldagem por injeção? Nenhum de nós sabe fazer todas essas tarefas. Mas todos nós, como economia mundial combinada, o fazemos. Depois de tudo isso e muito mais, o lápis diz: “Alguém deseja contestar minha afirmação anterior de que nenhuma pessoa na face da terra sabe como me fazer?” 18 Eu, Pencil nos deixa maravilhados com o que pode ser realizado apesar da ausência de um mentor.

A aparentemente "mão invisível" de um mercado livre, em que todos tentam fazer pelo menos uma coisa bem, produz a coordenação, a harmonia e os recursos para fazer exatamente o que as pessoas desejam. Quando todas as pessoas se especializam no que fazem de melhor e trocam seus esforços, os mercados funcionam de forma eficaz, silenciosa e profunda.

C. A base econômica de um mercado livre: propriedade privada

É amplamente reconhecido que a propriedade privada é a base de um sistema econômico de livre mercado, em distinção do comunismo (que não tem propriedade privada de nenhuma propriedade) ou do socialismo

[18] Ibid., 6.

(que não tem propriedade privada dos meios de produção). Mas qual é a justificativa para a crença na propriedade privada?

Encontramos uma justificativa para a propriedade privada nos ensinos da Bíblia sobre esse assunto. Encontramos outras justificativas em estudos econômicos recentes que demonstraram como a propriedade privada da propriedade é crucial para o desenvolvimento econômico bem-sucedido.

1. A justificativa da propriedade privada da Bíblia

Nos Dez Mandamentos, o oitavo mandamento, "Não furtarás" (Êxodo 20:15), assume que há algo para roubar - algo que pertence a outra pessoa e não a mim. Não devo roubar seu boi ou burro - ou seu carro, celular ou iPad - porque essas coisas pertencem a você e não a mim. Portanto, o comando "Você não deve roubar" pressupõe a propriedade privada da propriedade.[199]

Outras passagens do Antigo Testamento mostram que Deus se preocupava em proteger a propriedade privada da propriedade. A propriedade deveria ser propriedade de indivíduos, não do governo ou da sociedade como um todo. Por exemplo, Deus disse ao povo de Israel que quando chegasse o Ano do Jubileu: "Será um jubileu para vós quando cada um de vós voltar à sua propriedade e cada um de vós voltar ao seu clã" (Lv 25:10)

Muitas outras leis definiam punições por roubo e restituições adequadas por danos aos animais de fazenda ou campos agrícolas de outra pessoa (ver, por exemplo, Ex. 21: 28-36; 22: 1-15; Dt. 22: 1-4; 23: 24-25). Essas eram propriedades que pertenciam a pessoas individuais, e os israelitas deviam honrar os direitos dessas pessoas às suas propriedades.

Outro mandamento protegia os limites da propriedade: "Não moverás o marco do teu próximo, que os homens da antiguidade colocaram, na herança que terás na terra que o Senhor teu Deus te dá para a possuíres" (Deuteronômio 19:14) Mover um ponto de referência era mover os limites de um pedaço de terra e, assim, roubar a terra que pertencia a um vizinho (compare Provérbios 22:28; 23:10).[200]

---

[199] Este parágrafo e os dezessete parágrafos seguintes foram adaptados de Barry Asmus e Wayne Grudem, "Os direitos de propriedade inerentes ao oitavo mandamento são essenciais para o florescimento humano", em Business Ethics Today: Stealing, ed. Philip J. Clements (Filadélfia: Center for Christian Business Ethics Today, 2011), 119-34. Veja as notas 20 e 22 para fontes anteriores de algumas seções.

[200] Os dois parágrafos anteriores foram adaptados de Grudem, Política - Segundo a Bíblia, 262.

O Antigo Testamento também mostra a consciência de que os governos podem usar erroneamente seu imenso poder para desconsiderar os direitos de propriedade e roubar o que não deveriam ter. A pedido da ímpia Rainha Jezabel, o rei Acabe roubou injustamente a vinha de Nabote e mandou matá-lo no processo (1 Reis 21).

O profeta Samuel advertiu o povo de Israel sobre os males de um rei que "tomaria" e "tomaria" e "tomaria":

> Então Samuel contou todas as palavras do Senhor ao povo que estava pedindo um rei dele. Ele disse: "Estes serão os caminhos do rei que reinará sobre vocês: ele pegará seus filhos e os designará para seus carros e para serem seus cavaleiros e correrem adiante de seus carros. E ele designará para si comandantes de milhares e comandantes de cinquenta, e alguns para arar sua terra e colher sua colheita, e para fazer seus implementos de guerra e o equipamento de seus carros. Ele levará suas filhas para serem perfumistas, cozinheiras e padeiras. Ele pegará o melhor de seus campos, vinhas e olivais e os dará aos seus servos. Ele tomará o décimo dos vossos grãos e das vossas vinhas e os dará aos seus oficiais e aos seus servos. Ele levará seus servos e servas e o melhor de seus jovens e suas jumentas, e colocá-los em seu trabalho. Ele tomará o décimo de seus rebanhos, e vocês serão seus escravos. E naquele dia clamarás por causa do teu rei, que escolheste para ti, mas o Senhor não te responderá naquele dia. "(1 Sam. 8: 10-18)

Deus mais tarde falou por meio do profeta Ezequiel, proibindo exatamente esse tipo de confisco de propriedade por um governante:

> O príncipe não tomará parte da herança do povo, lançando-o fora de sua propriedade. Ele dará a seus filhos a herança de sua propriedade, de modo que nenhum do meu povo será disperso de sua propriedade. (Ezequiel 46:18) 21

Às vezes, as pessoas afirmam que a igreja primitiva praticava uma forma de "comunismo primitivo" porque é dito no livro de Atos: "Todos os que creram estavam juntos e tinham todas as coisas em comum" (Atos 2:44). Mas esta situação era muito diferente do comunismo, porque (1) a doação era voluntária e não obrigada por um governo, e (2) as pessoas ainda tinham posses pessoais e propriedades, como vemos pelo fato de que continuaram a se reunir em " suas

[21] Para uma discussão mais aprofundada sobre propriedade privada, ver ibid., 137-39, 261-68.

casas ”(Atos 2:46), e que muitos outros cristãos depois dessa época possuíam casas (ver Atos 12:12; 17: 5; 18: 7; 20:20; 21: 8, 16; Rom. 16: 5 ; 1 Coríntios 16:19; Colossenses 4:15; Filem. 2; 2 João 10). Pedro chegou a dizer a Ananias e Safira que eles não tinham que se sentir obrigados a vender a casa e dar o dinheiro, porque era deles (ver Atos 5: 4) .22

2. A propriedade privada implica uma obrigação para uma gestão responsável

A própria propriedade privada implica algumas responsabilidades de administração. Se os seres humanos estivessem sozinhos no universo, sem prestar contas a nenhum Deus, então as pessoas poderiam presumir que a propriedade privada da propriedade não implicava obrigações. Por outro lado, as pessoas podem presumir que a “sociedade” ou o governo devem tirar a propriedade, para que as pessoas não a usem para fins egoístas. Esta é a visão das sociedades comunistas.

Mas se o próprio Deus ordenou: “Não roubarás”, e se nesse mandamento o próprio Deus estabelece a legitimidade da propriedade privada, isso nos leva a pensar que provavelmente Deus nos confiou a propriedade para um propósito. Esta é certamente a perspectiva da Bíblia. Em termos bíblicos, nossa propriedade de propriedade não é absoluta, mas somos “mordomos” que terão que prestar contas de nossa administração. Isso porque, em última análise, “pertence ao Senhor e toda a sua plenitude, o mundo e todos os que nele habitam” (Salmo 24: 1).

Agora temos uma compreensão maior da sabedoria de Deus no oitavo mandamento. “Não roubarás” implica, no contexto de todo o Antigo Testamento, um sistema de propriedade privada da propriedade. E a propriedade privada da propriedade, que é dada por Deus, implica na administração responsável e na prestação de contas pelo uso dessa propriedade. Quando percebo que Deus ordena que outros não roubem minha terra, meu boi, meu burro, meu carro ou meu laptop, percebo que também tenho a responsabilidade de como essas coisas são usadas. Eu fui confiado com estes

[22]O parágrafo anterior foi adotado da Bíblia de Estudo ESV, Wayne Grudem, gen. ed. (Wheaton: Crossway, 2009), nota sobre Atos 2:44, 2085.

coisas pelo Deus que criou o universo, e devo agir como um mordomo fiel para administrar o que ele me confiou.

3. Os governos violam os princípios bíblicos e impedem o desenvolvimento econômico ao impedir que as pessoas possuam propriedades

E se um governo retirar o direito à propriedade? Então, não sou mais livre para agir como mordomo ao decidir como essa propriedade deve ser usada, pois não posso mais controlar o uso dessa propriedade. Da mesma forma, se um governo impõe restrições pesadas sobre como posso usar minha propriedade, minha capacidade de exercer a mordomia também diminui.

Devemos reconhecer desde o início que os governos têm autoridade adequada para cobrar impostos para funções governamentais legítimas. Paulo diz que porque a autoridade civil é "serva de Deus para o seu bem,. . . você também paga impostos, pois as autoridades são ministros de Deus cuidando exatamente disso. Pague a tudo o que é devido a eles: impostos a quem os impostos são devidos. . . "(Rom. 13: 4, 6-7). As funções legítimas do governo incluem encorajar o bem e punir o mal, e estabelecer a ordem na sociedade, pois Pedro diz que os governadores são enviados" para punir os que praticam o mal e para louvar os que praticam bom "(1 Pedro 2:14).

No entanto, muitas vezes na história os governos foram muito além dessas funções legítimas. Não podemos definir aqui em detalhes os limites exatos do poder legítimo de tributação do governo, mas podemos apontar vários exemplos de governos que reduziram ou aboliram a propriedade privada de tal forma que destruíram o florescimento humano em suas nações. Isso porque, para que as pessoas exerçam a mordomia plenamente, elas devem ter liberdade para usar suas propriedades da maneira que acharem melhor. Mas se o governo possui, controla ou regula excessivamente todas as propriedades, as pessoas não têm mais liberdade de usar suas propriedades como acharem melhor e de serem recompensadas por seus esforços. A realização humana é assim sufocada e a verdadeira excelência humana ocorre raramente, ou nunca.

4. Evidências históricas dos danos econômicos que ocorrem quando os governos impedem a propriedade privada

Não é difícil encontrar exemplos de governos que prejudicaram gravemente o desenvolvimento econômico ao negar às pessoas o direito de possuir

propriedade:

a. Paises comunistas

Os países comunistas regularmente e por convicção proíbem a propriedade privada de terras. Karl Marx e Friedrich Engels disseram: "A teoria dos comunistas pode ser resumida em uma única frase: abolição da propriedade privada".[201]

Países comunistas como Coréia do Norte, China, Cuba e a ex-União Soviética proibiram a propriedade privada de propriedades como terrenos e edifícios. Portanto, não é surpresa que essas nações tenham uniformemente aprisionado seu povo em uma pobreza terrível. O notável crescimento econômico da China começou apenas quando ela instituiu mudanças econômicas significativas em uma direção de livre mercado sob Deng Xiaoping, a partir de 1978.

b. Propriedade tribal

Em algumas nações, todas as propriedades pertencem a uma tribo, não a indivíduos. Toda nação que possui propriedade tribal de propriedade é pobre e sempre permanecerá pobre. Isso ocorre porque a propriedade tribal da propriedade impede a propriedade privada e, portanto, retira os incentivos necessários para o desenvolvimento econômico humano.

Nos Estados Unidos, a propriedade tribal de terras caracteriza a maioria das reservas onde muitos nativos americanos (também chamados de "índios americanos") vivem (ver acima, 114-16). Existem cerca de 310 reservas indígenas no país, representando cerca de 2,3% da área total do país. Mas as situações econômicas e educacionais nessas reservas são terríveis, com cerca de um terço dos nativos americanos vivendo abaixo da linha da pobreza. Existem poucos empregos e as taxas de desemprego são frequentemente mais do que o dobro da média nacional. O alcoolismo e o abuso de drogas são abundantes. A falta de propriedade privada aprisiona os nativos americanos na pobreza e no desespero econômico, e os afasta da sociedade próspera que os cerca (ver Fotografia 1 na página 192).[202]

Os costumes tribais na África também podem prevenir eficazmente a

---

[201] Karl Marx e Friedrich Engels, Manifesto Comunista (1848; repr. New York: Monthly Review Press, 1968), 27.

[202] Felizmente, algum progresso está sendo feito, especialmente no Canadá, no estabelecimento de direitos de propriedade privada em terras americanas nativas. Veja, por exemplo, Terry Anderson, "The Right to Own Property on Reservations," PERC Reports 30, no. 2 (verão / outono de 2012): 4.

propriedade privada, ou pelo menos o acúmulo de qualquer quantidade significativa de propriedade. O etnólogo David Maranz escreve que em muitos países da África Subsaariana:

> Um fator importante no uso do dinheiro pelas pessoas é a expectativa de que amigos e parentes lhes peçam um "empréstimo". . . [então] as despesas precisam ser feitas sem demora. Se isso não for feito, o dinheiro parecerá estar disponível para empréstimo.[203]
>
> Nem todos os africanos seguem os princípios financeiros normais e aceitos de compartilhamento que a sociedade dita, mas as pessoas que não o fazem pagam um preço social muito alto: são evitadas e marginalizadas por amigos e parentes.[204]
>
> Pessoas que possuem muitas posses ou um "excedente" de dinheiro são pré-julgadas como egoístas egoístas e insensíveis às necessidades dos outros.[205]

Essa expectativa social de que as posses devem ser compartilhadas de forma igualitária impede as pessoas de acumular qualquer capital para construir ou expandir negócios. As pressões sociais dessa tradição podem se tornar tão fortes que as pessoas têm efetivamente negado o direito de decidir como sua propriedade será usada. Maranz explica:

> A pessoa que solicita uma coisa ou dinheiro de um amigo ou parente tem um papel dominante em determinar se sua necessidade é maior do que a do doador potencial e, conseqüentemente, se o doador potencial deve ou não doar. . . . Se o dono não cede ao pedido de algo, uma recusa pode muito bem resultar em uma chicotada verbal imediata, na qual a pessoa recusada chama o outro de egoísmo com raiva. . . . É virtualmente o direito de uma pessoa autodefinida mais pobre receber o que é pedido de um parente ou amigo próximo, se o que é pedido parece ser "doável". Já ouvi muitos africanos reclamarem disso, mas todos disseram que são impotentes para impedir, condenar abertamente ou desafiar o sistema.[206]

A falta de respeito pelos direitos de propriedade privada também se estende

---

203 David Maranz, African Friends and Money Matters (Dallas: SIL International, 2001), 18.
204 Ibid., 27.
205 Ibid., 37.
206 Ibidem, 33-34.

a posses menores. Maranz explica que, em grande parte da África Subsaariana:

> Empréstimos de bens ou coisas equivalem a presentes. Geralmente, o credor deve solicitar a devolução de um item emprestado se houver qualquer probabilidade de ele ser devolvido. . . . Os artigos emprestados podem ser: livros, gravadores, bolsas de transporte, artigos de vestuário, ferramentas, pratos e outros itens semelhantes. Parece haver uma forte sensação de que se a pessoa acredita que precisa de uma coisa mais do que você, você deve isso a ela e não deve esperar por isso de volta. A necessidade maior é definida por aquele sem a coisa.[207]

c. Outros exemplos

Existem muitos outros exemplos de nações que impediram a propriedade privada de propriedades.

Na Índia, antes do advento do domínio britânico em 1757, os príncipes mongóis locais tinham autoridade regional inquestionável e basicamente tiravam do povo tudo o que eles queriam. Esse sistema evitou efetivamente a propriedade privada da propriedade e, portanto, prejudicou enormemente o florescimento humano por séculos.[208]

Na China, por muitos séculos, o imperador tinha governo absoluto e tirava tudo o que queria do povo.[209]Mais uma vez, essa prática impedia um sistema viável de propriedade privada da propriedade e, portanto, impedia o florescimento humano. Na verdade, manteve um grande número de chineses em situação de pobreza miserável.

David S. Landes aponta para "a falta de terras de graça" (que as pessoas comuns poderiam comprar) na Argentina como "um dos piores legados do regime colonial". Embora a Argentina tivesse imensos recursos naturais, incluindo ricas terras agrícolas, não conseguiu se desenvolver economicamente porque "vastos domínios foram doados, atribuídos à Igreja e a homens de respeito e poder, e as sobras foram agarradas durante os problemas que se seguiram ao revolução [de 1810]. "[210]

---

207 Ibid., 160.

208 David S. Landes, *A riqueza e a pobreza das nações: por que alguns são tão ricos e outros tão pobres*(Nova York: WW Norton, 1999), 156-57. As instituições extrativistas que Daron Acemoglu e James A. Robinson discutem (absolutismo no caso da Coréia do Norte) são formas de restrição à propriedade privada. Ver Acemoglu e Robinson, Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity and Poverty (Nova York: Crown Publishers, 2012), 79-83.

209 Landes, *Riqueza e pobreza*, 31, 35-36.

210 Ibid., 324.

Problemas semelhantes têm atormentado grande parte do resto da América Latina, onde algumas famílias ricas controlam essencialmente todas as terras, e o processo legal para comprar e registrar uma propriedade é

 tão complexo que efetivamente se tornou impossível para a vasta maioria da população. Isso foi amplamente documentado pelo economista peruano Hernando de Soto.[211]

Da mesma forma, sob o sistema feudal na Europa Oriental por vários séculos, alguns senhores ricos possuíam todas as propriedades, prendendo todos os outros na pobreza. A falta de meios de fácil acesso para obter a propriedade de propriedades significava que o florescimento humano foi efetivamente evitado por séculos.

Outra maneira pela qual os governos evitam que as pessoas possuam propriedades é deixando de resolver reivindicações de propriedade conflitantes que freqüentemente ocorrem após guerras civis ou mudanças de governo. Isso ainda é um problema, por exemplo, na Albânia dos dias modernos.[212] Collier aponta que depois de uma guerra civil ou outro conflito, as nações precisam "resolver rapidamente as reivindicações de propriedade conflitantes e confusas".[213]

5. A importância dos títulos legais de propriedade

Em um livro amplamente aclamado, Hernando de Soto explica por que a propriedade documentada é tão importante. Ele diz que a maioria das pessoas pobres do mundo "têm casas, mas não títulos; colheitas, mas não ações; negócios, mas não estatutos de incorporação. "[214] Sem títulos, escrituras e artigos de incorporação, as pessoas não têm chance de pedir dinheiro emprestado com base no valor de suas propriedades, acumular riqueza e crescer em prosperidade.

Tal sistema, mesmo que às vezes seja chamado de "capitalismo", está morto, e certamente não é em nenhum sentido um sistema de "livre mercado". A pobreza é inevitável. Quando indivíduos e empresas não possuem endereços verificáveis ou direitos de propriedade documentados e protegidos, seus ativos tornam-se inúteis. Eles não podem usar as pequenas casas em que vivem ou a terra que ocupam como base para pedir dinheiro emprestado e começar um pequeno negócio. Somente quando as pessoas têm títulos legais podem pedir emprestado, investir e expandir o valor de sua propriedade.

---

211 Ver Hernando de Soto, The Mystery of Capital: Why Capitalism Triumphs in the West and Fails Everywhere Else (Nova York: Basic Books, 2000).

212 "A Albânia ainda carece de um sistema claro de direitos de propriedade, especialmente para a posse da terra. A segurança dos direitos à terra continua sendo um problema nas áreas costeiras onde há potencial para o desenvolvimento do turismo "(Miller, Holmes e Feulner, 2012 Index of Economic Freedom, 82).

213 Collier, The Bottom Billion, 152.

214 De Soto, Mystery of Capital, 7.

Sim, os três bilhões de pobres do mundo têm alguma economia, de acordo com de Soto. Na verdade, o valor total dos bens imóveis detidos, mas não de propriedade legal, pelos pobres do Terceiro Mundo e das antigas nações comunistas é de pelo menos US $ 9,3 trilhões.[215]Essa quantia surpreendente é igual a mais de 10% da produção econômica anual de todo o mundo (US $ 70 trilhões de PIB em 2011).

O problema é a necessidade de direitos de propriedade documentados publicamente, para que as pessoas tenham proteção legal para seus bens. Sem títulos de propriedade de suas casas e outros bens, e impedidos por seus governos locais de obtê-los, os pobres continuam posseiros. Sem títulos legais de propriedade, eles não têm valor confirmado publicamente para adicionar segurança à sua situação econômica. A pobreza torna-se permanente, uma vez que seus ativos não oferecem capacidade de contração de empréstimos. Dificilmente se pode hipotecar o que não é oficialmente proprietário ou convencer uma companhia elétrica a fornecer energia para um endereço não verificável. Transformar ativos em capital líquido é, portanto, um obstáculo intransponível para essas pessoas pobres, um obstáculo que os ocidentais não enfrentam.[216]

De Soto explica o problema desta forma:

> No Ocidente, por outro lado, cada parcela de terreno, cada edifício, cada peça de equipamento ou estoque de estoque é representado em um documento de propriedade que é o sinal visível de um vasto processo oculto que conecta todos esses ativos ao resto do economia. Graças a esse processo representacional, os ativos podem levar uma vida invisível e paralela ao lado de sua existência material. Eles podem ser usados como garantia de crédito. A fonte de recursos mais importante para novos negócios nos Estados Unidos é a hipoteca da casa do empresário. Esses ativos também podem fornecer um link para o histórico de crédito do proprietário, um endereço responsável pela cobrança de dívidas e impostos, a base para a criação de serviços públicos confiáveis e universais, e uma base para a criação de títulos (como títulos lastreados em hipotecas) que podem então ser redescontados e vendidos em mercados secundários. Por meio desse processo, o Ocidente injeta vida nos ativos e os faz gerar capital. O Terceiro Mundo e as nações ex-comunistas não têm esse processo representacional. . . . Sem representação, [os bens dos pobres]

---

[215]Ibid., 35. Ver também CK Prahalad, The Fortune at the Bottom of the Pyramid (Upper Saddle River, NJ: Wharton, 2005).

[216] De Soto, Mystery of Capital, 35.

 são capitais mortos. Os pobres habitantes dessas nações - cinco sextos da humanidade - têm coisas, mas carecem do processo para representar sua propriedade e criar capital.[217]

6. Regras do governo que tornam a propriedade de propriedade impossível

Mas suponha que você seja uma pessoa pobre que de alguma forma obtém o título de algumas terras, o que lhe dá uma base legal para pedir dinheiro emprestado para iniciar um pequeno negócio. Você ainda pode não receber nenhum dinheiro. O empréstimo de dinheiro exige o preenchimento de vários formulários do governo e a obtenção de permissões e autorizações de agências governamentais. Pode-se esperar um tratamento ruim. Mas isso é apenas o começo. Você deve provar que preenche várias qualificações para pagar um empréstimo. Esse procedimento sozinho pode levar semanas, até meses. Em seguida, você deve mostrar os registros fiscais, pelo menos três anos de renda auferida, registros de crédito (ah, você não pediu emprestado antes?), Uma carteira de motorista e qualquer outra coisa em que os funcionários do governo possam pensar.

A maldade do processo assemelha-se a uma pessoa alegando inocência enquanto todos presumem que ela é culpada. Mesmo quando você for aprovado, os oficiais ainda podem recusar sua inscrição, a menos que você esteja disposto a pagar um suborno. É humilhante e embaraçoso e quebra a maioria das pessoas. Em países livres, todo o processo de obtenção de um título legal para uma empresa leva apenas alguns dias ou semanas. Em países que não são gratuitos, o processo pode levar anos ou mesmo décadas.

A equipe de pesquisa chefiada por de Soto tentou abrir uma pequena oficina de confecções (com um trabalhador) nos arredores de Lima, Peru. Os membros da equipe trabalharam no processo de registro seis horas por dia, e demorou 289 dias! O custo foi de US $ 1.231, ou trinta e um vezes o salário mínimo mensal (aproximadamente três anos de salário). De Soto escreve: “Para obter autorização legal para construir uma casa em terras estatais levou seis anos e onze meses, exigindo 207 etapas administrativas em cinquenta e dois escritórios do governo. . . . Para obter um título legal para aquele pedaço de terra, foram necessárias 728 etapas. ”[218]

---

[217] Ibid., 6—7.

[218] Ibid., 20.

De acordo com De Soto:

> [O procedimento para formalizar a propriedade urbana nas Filipinas] pode exigir 168 etapas, envolvendo 53 agências públicas e privadas e levando de 13 a 25 anos. . . . No Egito, a pessoa que deseja adquirir e registrar legalmente um lote em terras desérticas de propriedade do Estado deve passar por pelo menos 77 procedimentos burocráticos em 31 agências públicas e privadas. . . . Isso pode levar de cinco a quatorze anos. . . . Tempo total para ganhar terras legais no Haiti: dezenove anos. . . . No entanto, mesmo essa longa provação não garantirá que a propriedade permaneça legal.[219]

Os países em desenvolvimento criam um labirinto de procedimentos que consome tanto tempo quanto dinheiro que a maioria dos cidadãos opta por se esconder e negociar na economia informal e ilegal. Eles não querem quebrar as regras, mas as regras as quebram.[220]

De Soto escreve:

> Imagine um país onde ninguém pode identificar quem possui o quê, os endereços não podem ser facilmente verificados, as pessoas não podem pagar suas dívidas, os recursos não podem ser convenientemente transformados em dinheiro, a propriedade não pode ser dividida em ações, as descrições dos ativos não são padronizadas e não podem ser facilmente comparáveis, e as regras que regem a propriedade variam de bairro para bairro ou mesmo de rua para rua. Você acabou de se colocar na vida de um país em desenvolvimento ou de uma ex-nação comunista.[221]

Quando este tipo de "capitalismo" falso não pode funcionar (falso, pois certamente não é um sistema de "livre mercado"), as pessoas continuam batendo no cavalo morto de uma "terceira via" (entre o capitalismo e o socialismo) até tristemente, eles aprendem que a terceira via é uma viagem ao terceiro mundo. Enquanto isso, a maioria dos adultos do planeta está presa no pântano da incapacidade de possuir, registrar ou securitizar uma propriedade.

7. Estabelecer um caminho fácil para a propriedade documentada

Como as nações desenvolvidas estabeleceram seus sistemas de direitos de propriedade documentados? De Soto passou anos pesquisando a história deste

---

[219] Ibid., 20-21.
[220] Ibid., 20-27.
[221] Ibid., 15.

 e concluiu que em todas as nações que têm direitos de propriedade pública e legais bem estabelecidos e facilmente obtidos, "essa revolução da propriedade sempre foi uma vitória política. Em todos os países, foi o resultado de alguns homens iluminados que decidiram que a lei oficial não fazia sentido se uma parte considerável da população vivesse fora dela. "[222] Por exemplo, nos Estados Unidos, os governos locais aceitaram o fato de que melhorar um pedaço de solo era suficiente para estabelecer os direitos de propriedade, de modo que os invasores puderam comprar terras a preços definidos pelos júris locais. Essa disposição legal inovadora foi chamada de preferência.[223] Surpreendentemente, em vez de as leis virem primeiro e os pioneiros se estabelecerem depois, os pioneiros se estabeleceram primeiro e depois a lei foi estabelecida.

O imenso benefício econômico é resumido sob o termo colateralização. O termo garantia significa usar um terreno (ou terreno e uma casa ou outro ativo) como garantia ("garantia") de um empréstimo. Quando alguém possui um terreno, ele pode garantir esse terreno - pedir dinheiro emprestado igual a uma parte do valor do terreno.

Quando a parte ocidental dos Estados Unidos estava sendo colonizada, a legalização e a proteção dos direitos de propriedade efetivamente produziram colateralização e, assim, desbloquearam os arranjos legais adicionais de propriedade para fazer o sistema de livre mercado funcionar.

Em um nível pessoal, ambos os meus avós (Barry Asmus) se beneficiaram com essa lei, conforme descrito em meu livro O melhor ainda está por vir.[224]

Os países em desenvolvimento podem escolher fazer o mesmo hoje. Uma vez que as leis apropriadas e o acesso aos títulos estejam em vigor, os invasores podem fazer o sistema funcionar para eles. É apenas uma questão de adequar a lei ao que as pessoas já estão fazendo. (De Soto explica esse processo com muito mais detalhes.)

Estabelecer acesso fácil e rápido a direitos de propriedade claramente documentados é de extrema importância para qualquer país que busca sair da pobreza em direção ao aumento da prosperidade. Abhijit Banerjee, professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, escreve: "Há uma extrema

---

222 Ibid., 106.

223 Um tratamento da questão complexa e altamente disputada dos conflitos entre colonos brancos e nativos americanos sobre direitos de propriedade está além do escopo deste livro.

224 Barry Asmus, *O melhor está por vir* (Phoenix: Ameripress, 2001), 129-31.

relação forte e positiva entre a segurança da propriedade privada em um país e sua renda per capita. ”[225]

Leis fundiárias como essas, com direitos de propriedade documentados, devem ser duplicadas nos países em desenvolvimento. Este é o fundamento básico necessário para que os mercados livres funcionem. A dificuldade de aquisição e titulação de propriedade deve ser facilitada. Escritórios de escrituração ineficientes, sobrecarregados e repletos de suborno devem ser reformados para que seja fácil e barato para as pessoas obterem títulos legais de propriedade claros. Os governos devem proteger os direitos de propriedade em vez de bloqueá-los ou mesmo confiscá-los.

D. A base legal para um mercado livre: o estado de direito

Para que um sistema de mercado livre funcione, todos na nação devem estar sujeitos ao Estado de Direito. Isso significa que todas as pessoas do país, incluindo os mais altos funcionários do governo, são responsáveis pelas leis e serão punidas se as violarem.

O exemplo clássico disso na história da nação de Israel é a história de Davi e Bate-Seba. Davi era o rei, a pessoa mais poderosa de Israel. Mas ele violou a lei que Deus deu à nação ao cometer adultério com uma mulher chamada Bate-Seba e depois providenciou para que o marido de Bate-Seba, Urias, fosse morto em batalha (2 Samuel 11). Depois, Deus enviou o profeta Natã a Davi. Natã contou a Davi uma parábola sobre um homem rico que cometeu um grande erro contra um homem pobre, e Davi ficou indignado. Então Natã disse a Davi: “Você é o homem!” (2 Sam. 12: 7). Ele passou a dizer a Davi como Deus o puniria por seus pecados (2 Sam. 12: 8-15).

Aqui um princípio foi estabelecido: nem mesmo o rei está acima da lei que Deus deu à nação. Para que o rei seja lembrado desse fato, Deus decretou que ele “escreverá para si mesmo uma cópia desta lei. . . e ele a lerá todos os dias de sua vida ”(Deuteronômio 17: 18-19).

Como explicamos anteriormente (134-35), a própria ideia de um sistema de mercado livre traz consigo a necessidade de algumas leis para prevenir o crime. Se as pessoas vão ser capazes de fazer escolhas econômicas voluntárias e bem informadas, então deve haver leis contra roubar e enganar os outros (pois essas não são trocas livres ou voluntárias). Deve haver também

---

[225] Abhijit Vinayak Banerjee, escrevendo em Abhijit Vinayak Banerjee et al., Making Aid Work (Cambridge, MA: The MIT Press, 2007), 133.

 ser leis contra fraude, violação de contratos e causar danos a terceiros com a venda de produtos defeituosos e perigosos. Todos na nação devem estar sujeitos a essas leis.

Quando alguns funcionários do governo e seus amigos estão acima da lei, é um tremendo desestímulo ao crescimento econômico. Por que você iria querer construir um negócio quando sabe que, se tiver sucesso, o governador local pode impor multas arbitrárias e levá-lo à falência - ou o país pode simplesmente confiscar ("nacionalizar") o seu negócio? Ou quando o seu maior cliente acaba sendo o sobrinho do juiz, quem pode repentinamente se recusar a pagar por qualquer um dos grandes pedidos que ele recebeu de você, sem medo de repercussões? Quando algumas pessoas podem violar a lei impunemente, uma enorme incerteza é introduzida no clima de negócios e as pessoas não querem correr riscos. Isso, por sua vez, tende a paralisar qualquer crescimento da produção de bens e serviços no país. Um sistema de livre mercado não pode funcionar efetivamente separado do império da lei em uma nação. (Discutimos o estado de direito mais detalhadamente no capítulo 7, 225-26.)

E. Dois fatores econômicos cruciais para um mercado livre

Se uma nação estabelece um caminho simples e claro para a propriedade privada da propriedade, e se estabelece o estado de direito, duas outras políticas econômicas são cruciais para um sistema de livre mercado funcionar efetivamente: (1) uma moeda estável, e (2) baixas taxas de imposto. Isso ocorre porque uma moeda estável garante que os preços no mercado dêem sinais precisos sobre o valor, a oferta e a demanda, e as baixas taxas de impostos garantem que as pessoas sejam genuinamente livres para decidir como usar seu dinheiro por si mesmas, em vez de uma agência governamental que tomou seu dinheiro decidindo isso por eles.

1. O governo deve estabelecer uma moeda estável

A economia de livre mercado que descrevemos, baseada na propriedade privada e na troca voluntária, pode ser vista como um grande leilão de compradores e vendedores respondendo a uma vasta gama de preços. Todos obtêm o que desejam quando trocam dinheiro por um bem ou serviço. Isso significa que os preços são o sistema de sinalização. Mas como os preços serão medidos? Em que tipo de dinheiro ou moeda?

É um fato notável que os preços de mercado, se puderem ser medidos e comparados de forma justa, produzem ações tanto de indivíduos egoístas quanto altruístas que beneficiam a todos. Embora um empresário possa ter a intenção de promover apenas seu interesse próprio esclarecido (ou mesmo não esclarecido!) E ganho pessoal, o efeito secundário de uma troca voluntária é um benefício significativo para o comprador. O acordo de um vendedor e um comprador sobre um preço é voluntário e, portanto, ambos devem pensar que é mutuamente benéfico. Mas é a moeda usada que fornece um meio de troca mutuamente entendido e permite que o vendedor e o comprador avaliem se o negócio é bom para eles. Para que o sistema funcione corretamente, a moeda utilizada em uma transação deve ter um valor conhecido e estável.

Mais eficiente do que a troca, um sistema de moeda - seja peles, pedras, conchas, contas, cobre ou papel fiduciário - reduz o custo de todas as nossas trocas porque fornece um denominador comum no qual todos os bens e serviços podem ser convertidos. O papel-moeda que é verdadeiramente lastreado em ouro (ou às vezes prata) sempre funcionou bem, porque os indivíduos estão confiantes de que podem trocar sua moeda por um valor equivalente em ouro, se assim o desejarem.

Quando o dinheiro consiste em papel impresso que não é lastreado em ouro (ou um metal valioso semelhante), ele é chamado de moeda fiduciária. (O termo fiat é uma forma verbal latina que significa "deixe ser feito" e comunica a ideia de que o papel-moeda tem valor porque o governo declara que tem valor.) A moeda fiduciária é vulnerável, no entanto, porque tem valor apenas contanto que as pessoas confiem no governo o suficiente para pensar que ele tem valor. É mais fácil rebaixar uma moeda fiduciária que o governo meramente diz ser valiosa do que uma moeda lastreada em ouro.

O dinheiro só tem poder porque pode ser usado para comprar algo; portanto, seu valor é medido em termos do que ele pode comprar. O dinheiro nos permite fazer trocas, mesmo as de longa duração. Isso nos dá uma maneira de armazenar o poder de compra para uso futuro. Ele também atua como uma unidade de conta que controla todos os custos e receitas, informando-nos o que precisamos saber agora e para períodos futuros. Sem dinheiro, a troca seria difícil. Definitivamente se qualifica como uma das melhores invenções sociais de todos os tempos.

Mas a contribuição produtiva do dinheiro para a troca é di-

diretamente relacionado à estabilidade de seu valor. Os pedaços de papel que o governo autoriza como dinheiro têm valor porque todos pensam que têm valor. Se você destruir essa crença, estará destruindo o valor do dinheiro.

Subjacente a cada papel-moeda estão a indústria, a engenhosidade, os recursos e a capacidade econômica dos cidadãos de uma nação. Nesse sentido, o dinheiro está ligado a uma economia tanto quanto a linguagem está ligada à comunicação. Sem definições, as palavras podem significar qualquer coisa. O mesmo ocorre com o dinheiro. Se o dinheiro não tiver um valor estável e previsível, o sistema de sinalização de preços entra em colapso.

A perda do poder de compra do dinheiro por meio da inflação, por exemplo, torna mais onerosa para os credores e tomadores realizar as trocas, pois a incerteza altera continuamente o significado da troca acordada. Poupança e investimento também apresentam riscos adicionais sob a inflação, e as transações de dimensão temporal (como pagar uma casa ou um automóvel ao longo do tempo) são repletas de perigos adicionais porque o valor real do preço acordado muda constantemente. Quando o valor do dinheiro é instável, tudo o que é econômico - oferta, demanda, lucros / perdas, especialização, comércio, produção, cooperação social - fica menos claro e menos eficiente, e isso causa incerteza e confusão na tomada de decisões.

Milton Friedman explica como isso acontece:

> A inflação ocorre quando a quantidade de dinheiro aumenta consideravelmente mais rapidamente do que o produto, e quanto mais rápido o aumento na quantidade de dinheiro por unidade de produto, maior é a taxa de inflação. Provavelmente não há outra proposição em economia tão bem estabelecida quanto esta.48

Quando um governo aumenta a oferta de moeda mais rápido do que a produtividade da economia, muito dinheiro perseguindo poucos bens produz inflação. (Na verdade, o que "infla" primeiro é a oferta de moeda.) A inflação é um aumento contínuo no nível geral de preços - e, portanto, é uma queda no poder de compra geral de uma unidade monetária. A inflação faz com que o sistema de sinalização de um sistema de mercado reflita imprecisamente as intenções do comprador e do vendedor. "É como um país

[48] Milton e Rose Friedman, Livre para escolher: uma declaração pessoal (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1980), 254.

onde ninguém fala a verdade. "[226] Da mesma forma, é uma doença que quase destrói nações: por exemplo, Rússia e Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, e China, Chile e Argentina após a Segunda Guerra Mundial.[227]

A inflação dá a ilusão de que temos mais dinheiro do que realmente temos - nunca percebemos a rapidez com que os preços estão subindo. Quando as pessoas sabem que seu poder de compra futuro está sendo reduzido, os credores aumentam as taxas de juros, reduzem os períodos de empréstimo e eliminam as hipotecas fixas. Em suma, o crédito fica menos disponível. Todo mundo perde, exceto o governo.

Centenas de anos de história econômica indicam que os preços e o estoque de dinheiro mudaram juntos. Como os governos controlam a oferta de moeda, suas políticas são as principais causas da inflação. Eles aumentam a oferta monetária porque é mais fácil pagar dívidas governamentais massivas com dinheiro mais barato criado por meio de sua impressão. Se as alternativas dos formuladores de políticas forem (1) não pagar a dívida do governo, (2) desvalorizar sua moeda, (3) declarar falência nacional (todas as quais são muito dolorosas) ou (4) inflar a moeda do país , é de se admirar que eles sempre escolham a inflação?

O famoso economista britânico John Maynard Keynes disse: "Não há meio mais seguro de derrubar a base existente da sociedade do que corromper a moeda. Por um processo contínuo de inflação, os governos podem confiscar, secretamente e sem ser observado, uma parte importante da riqueza de seus cidadãos. "[228]

Da mesma forma, Friedman escreve: "A inflação distorce os sinais de preços, prejudica a economia de mercado e é uma forma de tributação que pode ser imposta sem legislação".[229]

2. O governo deve manter taxas de impostos relativamente baixas

São os empresários e trabalhadores que buscam ser mais produtivos em mercados livres que produzem prosperidade. Isso significa que as taxas de imposto são importantes. As pessoas produzem, inovam e criam mais quando podem ficar com

---

226 Walter B. Wriston, Risk and Other Four Letter Words (New York: Harper and Row, 1986), 106.
227 Milton e Rose Friedman, Free to Choose, 253.
228 John Maynard Keynes, Economic Consequences of the Peace (Nova York: Harcourt, Brace e Howe, 1920), 235.
229 Friedman e Friedman, Free to Choose, 225.

mais do que ganham. Quando as pessoas não conseguem guardar muito

quanto ganham, eles tendem a não tentar ganhar muito. Se os esforços econômicos são penalizados com altos impostos, os esforços diminuem, as oportunidades de emprego diminuem, o número de intercâmbios econômicos diminui e as taxas de crescimento econômico diminuem.

Alvin Rabushka, da Universidade de Stanford, reconstruiu as taxas de impostos e crescimento de 54 países em desenvolvimento ao longo de um período de trinta anos na segunda metade do século XX.53 Seus dados mostraram que taxas de impostos mais baixas geralmente estavam associadas a taxas de crescimento mais rápidas. A taxa média de crescimento da renda per capita para os oito países classificados como "impostos baixos" foi de 3,7% ao ano. (Essa taxa dobraria a renda per capita em vinte anos.)

Em contraste, os oito países com as taxas de impostos mais altas tiveram taxas de crescimento anual de apenas 0,7%, menos de um quinto da taxa de crescimento média para os oito países com as taxas de impostos mais baixas. (Essa taxa levaria cem anos para dobrar a renda per capita!) Rabushka diz que uma boa política econômica, incluindo política tributária, promove o crescimento econômico e que a chave em qualquer sistema de tributação direta é manter baixas taxas de impostos.

O Rabushka também oferece aos países em desenvolvimento uma fórmula concreta de como estruturar um código tributário. O sistema tributário deve 1) gerar receita suficiente para um governo limitado, 2) ser justo e neutro, 3) ser revisado de tempos em tempos, 4) ser simples e fácil, e 5) ser usado para atingir objetivos não fiscais apenas em condições excepcionais. 54

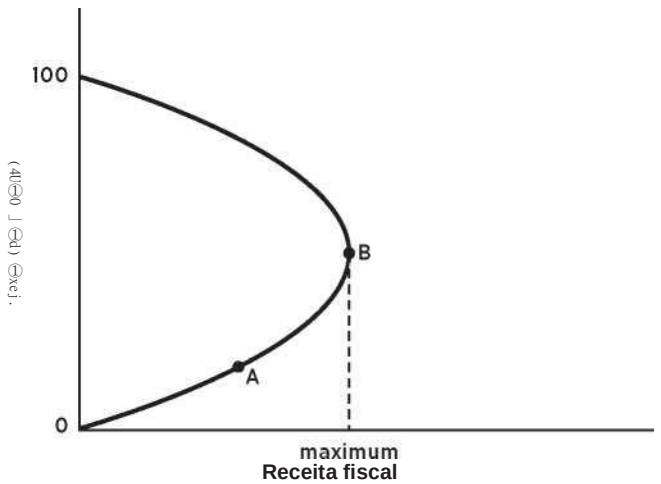
Infelizmente, os países em desenvolvimento da Ásia, África e América do Sul freqüentemente cobram altas taxas para aumentar a receita para financiar projetos dirigidos pelo governo. Isso é o oposto do que eles precisam fazer se quiserem promover o crescimento econômico.

A história econômica é clara: as altas taxas de impostos retardam o progresso, reduzem o investimento de capital e freiam o crescimento econômico. Quando os governos tributam excessivamente o trabalho, a produção, a poupança e o investimento e subsidiam o lazer e o consumo, não é de surpreender que recebamos menos dos quatro primeiros itens e mais dos dois últimos.

Os países em desenvolvimento devem estar especialmente atentos ao Laffer

[53]Alvin Rabushka, "Taxation, Economic Growth, and Liberty," Cato Journal 7, no. 1 (primavera / verão 1987), acessado em 3 de janeiro de 2013, www.cato.org/pubs/journal/cj7n1/cj7nl-8.pdf.
[54]Ibid .; veja esp. 131, 136, 141.

Curva. Batizada com o nome de seu originador, Arthur Laffer, a curva mostra a relação entre as alíquotas e a receita tributária.



A Curva Laffer

A curva reflete o fato de que as receitas fiscais (o dinheiro realmente arrecadado pelo governo) são baixas para taxas de impostos muito altas e muito baixas. Além de algum ponto A, um aumento nas alíquotas de impostos pode, na verdade, causar uma queda nas receitas fiscais (ou seja, quando um governo aumenta os impostos, ele arrecada menos dinheiro).

James Gwartney e Richard L. Stroup explicam como isso funciona:

> Obviamente, as receitas fiscais seriam zero se a alíquota fosse zero. O que não é tão óbvio é que a receita tributária também seria zero (ou pelo menos muito próxima de zero) se as alíquotas tributárias fossem de 100%. Confrontando uma taxa de imposto de 100%, a maioria dos indivíduos iria pescar ou encontraria outra coisa para fazer em vez de se envolver em atividade produtiva que é tributada, uma vez que a taxa de imposto de 100% removeria completamente a recompensa material derivada da obtenção de renda tributável. A produção no setor tributado seria interrompida e, sem produção, as receitas fiscais cairiam para zero.

> À medida que as taxas de impostos são reduzidas de 100 por cento, o incentivo para trabalhar e obter renda tributável aumenta, a renda se expande e as receitas fiscais aumentam. Da mesma forma, à medida que as taxas de impostos aumentam de zero, as receitas fiscais aumentam. Claramente, em alguma taxa maior que zero, mas menor que 100 por cento, as receitas fiscais serão maximizadas (ponto B [no gráfico]). Isso não significa que a taxa de imposto que maximiza a receita seja ideal. Na verdade, à medida que se aproxima o ponto máximo de receita (B), aumentos relativamente grandes da alíquota de imposto serão necessários para expandir a receita tributária. Nessa faixa, o excesso de carga tributária será substancial.[230]

Também não deve ser assumido que o ponto máximo de receita é 50 por cento. A maioria dos economistas argumenta que a taxa de imposto deveria estar mais próxima de 15% a 20%, mais próxima do ponto A.[231]

Outra complicação surge em muitos países: as pessoas não pagam impostos. Em alguns países, a evasão fiscal é amplamente praticada e as leis fiscais não são aplicadas de forma eficaz. Mas, nesses países, a solução não é continuar aumentando as taxas de impostos para níveis cada vez mais altos, mas reduzi-los a níveis razoáveis e, em seguida, fazer cumprir as leis. Alíquotas mais baixas de impostos são um incentivo para uma conformidade tributária mais ampla. Onde as pessoas desobedecem regularmente à lei e ignoram suas obrigações fiscais com impunidade, os pastores e líderes da igreja podem influenciar a sociedade para um maior cumprimento dos impostos, pois a Bíblia ensina:

> Por isso você também paga impostos, pois as autoridades são ministros de Deus, cuidando exatamente disso. Pague a tudo o que é devido a eles: impostos a quem os impostos são devidos, receita a quem a receita é devida, a quem se deve respeito, honra a quem se deve honra. (Rom. 13: 6-7)

A história fornece evidências para a validade da Curva de Laffer. O século XX viu três grandes reduções de impostos nos Estados Unidos: os cortes de impostos de Calvin Coolidge em meados da década de 1920 (criando os “loucos anos 20”); os cortes de impostos de John F. Kennedy no início dos anos 1960 ("o

---

230 James Gwartney e Richard L. Stroup, Economics: Private and Public Choice (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1987), 115-116.

231 Reconhecemos que nem todos os economistas concordam com essa recomendação, mas sustentamos que é importante porque o que importa para a produtividade de uma economia são os incentivos para trabalhar, economizar, investir e assumir riscos. Todos esses são afetados negativamente por taxas de impostos mais altas e positivamente por taxas de impostos mais baixas. Alíquotas de imposto relativamente baixas são um fator importante para o crescimento econômico.

país está andando de novo") e os cortes de impostos de Ronald Reagan no início dos anos 1980 ("manhã na América" e o início de uma expansão econômica que durou 25 anos) Cada um desses cortes de impostos estimulou o crescimento, criou empregos, aumentou o PIB per capita e ajudou a equilibrar o orçamento nacional.[232]

Para ser mais específico, quando Reagan conseguiu reduzir as alíquotas de impostos de 70% para 28%, o resultado foi a duplicação das receitas fiscais de $ 500 bilhões em 1980 para $ 1 trilhão em 1988, incluindo uma enorme expansão da economia.

Os governos devem reconhecer que o esforço de trabalho (e, portanto, a produção nacional) é muito sensível às taxas de impostos. O Wall Street Journal observou: "Cada grande corte de imposto de renda de taxa marginal dos últimos 50 anos - 1964, 1981, 1986 e 2003 - foi seguido por um aumento inesperadamente grande nas receitas fiscais."[233]

F. Seu país tem um sistema de mercado livre?

Concluímos agora uma visão geral básica dos fundamentos de um sistema de mercado livre. Neste ponto, os leitores podem estar se perguntando: “Meu país tem um sistema de mercado livre?”

Se você quiser saber, é fácil verificar a edição mais recente do Índice de Liberdade Econômica para ver onde seu país se classifica em grau de liberdade entre os países do mundo, como explicamos acima (ver 135-36).[234]Uma breve análise é fornecida para cada país. O índice Economic Freedom of the World também é uma excelente fonte.[235]

---

[232] Resumido de Arthur Laffer, "The Laffer Curve: Past, Present, and Future," *The Heritage Foundation Backgrounder* 176 (1 de junho de 2004): 1—16.

[233] “O conto de fadas de Romney Hood,” *Wall Street Journal*, Seção Review and Outlook, 8 de agosto de 2012, A14.

[234] As classificações também estão disponíveis em http://www.heritage.org/index/.

[235] James Gwartney, Robert Lawson e Joshua Hall, *Liberdade econômica do mundo: Relatório anual de 2012* (Vancouver, BC: Fraser Institute, 2012). Disponível online emhttp://www.freetheworld.com/release.html.

A MECÂNICA DO SISTEMA

Como funciona um mercado livre?

Como funciona um sistema de mercado livre? Quem decide o que é produzido, quanto e com que qualidade? Como o sistema garante que os bens produzidos sejam o que as pessoas desejam? Neste capítulo, procuraremos responder a essas perguntas ao examinarmos sete características de um sistema de livre mercado.

A. "Ninguém" decide o quê, como e para quem uma economia nacional irá produzir

O Prêmio Nobel de Economia Milton Friedman respondeu de forma muito simples à questão de quem decide o que é produzido: ninguém.[236]

Friedman explica que esse fato pode ser percebido até na produção de um simples lápis de grafite. Depois de resumir a história do I, Pencil que mencionamos acima (140-41), ele escreve:

> Ninguém sentado em um escritório central deu ordens a essas milhares de pessoas. Nenhum policial militar cumpriu as ordens que não foram dadas. Essas pessoas vivem em muitos países, falam línguas diferentes, praticam

[236] Milton Friedman e Rose Friedman, Free to Choose: A Personal Statement (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1980), 13.

> religiões diferentes podem até se odiar - mas nenhuma dessas diferenças os impediu de cooperar para produzir um lápis.[237]

Esse processo é ainda mais notável quando percebemos que o conhecimento econômico não existe de forma concentrada. Na verdade, quanto mais complexo o sistema, menos suscetível à direção individual, porque ninguém pode conhecer todos os fatos relevantes. Porque o conhecimento econômico está em peças dispersas, incompletas e até contraditórias, somente a sabedoria de muitos pode possuí-lo. Essa sabedoria é dispensada por meio de milhões de bolsas gratuitas no mercado. “Ninguém” decide de maneira geral o que uma economia produz.

Os milhares de pessoas envolvidas na produção de cada pedaço de um lápis realizam suas tarefas individuais não porque querem um lápis ou mesmo sabem para que serve um lápis. Eles simplesmente veem seu trabalho como uma forma de obter os bens e serviços que desejam.

Cada vez que você compra um lápis, você troca um pouco de seu dinheiro pelos milhares de pequenos serviços que multidões contribuíram para produzi-lo. Todas as trocas na produção e distribuição de um produto criam um mosaico de unidade e coerência em que o interesse próprio tende a ser cooperativo, economicamente benéfico e produtivo.[238]

O mistério do mercado é que ele é um processo extremamente complicado que emerge espontaneamente do interesse próprio esclarecido de bilhões de pessoas que se especializam, trocam e produzem riqueza. O mercado é um organismo complexo semelhante ao cérebro que evolui ao longo de décadas. A imensa exigência de que alguém planeje, gerencie e liste conscientemente todos os recursos disponíveis, formule todas as tarefas a serem realizadas e responda a todas as perguntas de "Quem?" "O que?" "Por que?" e quando?" está literalmente além da capacidade de qualquer ser humano ou de qualquer grupo designado de planejadores centrais. Em vez disso, é dirigido pelo que Adam Smith chamou de "mão invisível":

> Como todo indivíduo. . . não pretende promover o interesse público, nem sabe o quanto o está promovendo. . . ao dirigir [seu trabalho] de forma que sua produção seja do maior valor, ele pretende

---

237 Ibid., 13.
238 Ibid., 13-18.

> apenas para seu próprio ganho, e ele é neste, como em muitos outros casos, conduzido por uma mão invisível para promover um fim que não fazia parte de sua intenção. . . . Ao buscar seu próprio interesse, ele freqüentemente promove o da sociedade de forma mais eficaz do que quando ele realmente pretende promovê-lo.4

Do ponto de vista da fé cristã, podemos acrescentar que o milagre da criatividade humana pode ser melhor compreendido à luz do fato de que o homem foi criado à imagem de Deus. Tanto individualmente quanto como sociedade humana corporativamente, somos capazes de criar notáveis produtos de valor a partir dos recursos da terra. O surpreendente funcionamento da chamada "mão invisível", dos mercados e da criatividade são algumas das muitas expressões de nossa semelhança com nosso Criador, habilidades concedidas por um Deus soberano enchendo a sociedade com evidências de sua graça comum.

A criatividade humana honra a Deus apenas como um débil reflexo de sua infinita sabedoria e poder em seu ato de criação: "No princípio, Deus criou os céus e a terra" (Gênesis 1: 1). Então, "Deus criou o homem à sua imagem" (v. 27). Depois disso, ele disse a Adão e Eva para "subjugar" a terra, o que implicava na responsabilidade de fazer produtos úteis com os recursos naturais da terra - para criar produtos de valor para os seres humanos. Ao criar tais produtos, eles agiram como "imitadores de Deus, como filhos amados" (Ef 5: 1).

Porque Deus se agrada de tal criatividade humana, ele nomeou artesãos habilidosos para trabalhar na confecção da mobília do tabernáculo: "Bezalel e Ooliabe e todo artesão em quem o Senhor colocou habilidade e inteligência para saber como fazer qualquer trabalho na construção de o santuário funcionará de acordo com tudo o que o Senhor ordenou "(Êxodo 36: 1).

Da esposa piedosa, que "faz roupas de linho e as vende" (Provérbios 31:24); a Jesus, que trabalhou como "carpinteiro" (Marcos 6: 3); a Áquila, Priscila e o apóstolo Paulo, que trabalharam como "fazedores de tendas" (Atos 18: 3); para o cristão a quem Paulo ordenou que não roubasse, mas fizesse "trabalho honesto com as próprias mãos" (Ef 4:28), Deus aprova aqueles que criam bens úteis com os recursos da terra.

George Gilder escreve sobre o que ele vê como uma origem divina por trás da criatividade humana:

[4]Adam Smith, An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations, ed. Edwin Cannan (1776; Novo York: Modern Library, 1994), 485, ênfase adicionada.

> Como as economias são governadas por pensamentos, elas refletem não as leis da matéria, mas as leis da mente. Uma lei crucial da mente é que a crença precede o conhecimento.[239]

> O pensamento criativo não é um processo indutivo no qual um cientista acumula evidências de forma neutra e "objetiva" até que uma teoria se torne visível nele. Em vez disso, a teoria vem primeiro e determina quais evidências podem ser vistas.[240]

> Imaginação, intuição e hipótese são apenas os primeiros passos do aprendizado. . . . O pensamento criativo requer um ato de fé. O crente deve confiar em sua intuição, nas criações espontâneas de sua mente, o suficiente para persegui-las laboriosamente até o ponto de experimentação e conhecimento. . . . É amor e fé que infundem ideias com vida e fogo. . . . Mas a essência do universo é a consciência criativa gerando continuamente nova energia e pensamento.[241]

Muitas das descobertas intelectuais, científicas e econômicas mais significativas dos últimos três séculos foram, na verdade, impulsionadas pelas crenças cristãs. Niall Ferguson, em seu livro de 2011 Civilization: The West and the Rest, cita um colega da Academia Chinesa de Ciências Sociais dizendo:

> Fomos solicitados a investigar o que explicava o. . . preeminência do Ocidente em todo o mundo. . . . No início, pensamos que era porque você tinha armas mais poderosas do que nós. Então pensamos que era porque você tinha o melhor sistema político. Em seguida, nos concentramos em seu sistema econômico. Mas nos últimos vinte anos, percebemos que o coração da sua cultura [os Estados Unidos] é a sua religião: o cristianismo. É por isso que o Ocidente foi tão poderoso. O fundamento moral cristão da vida social e cultural foi o que tornou possível o surgimento do capitalismo e, em seguida, a transição bem-sucedida para a política democrática. Não temos dúvidas sobre isso.[242]

---

[239] George Gilder, Wealth and Poverty (Nova York: Basic Books, 1981), 261.
[240] Ibid., 262, citando John E. Sawyer, "Entrepreneurial Error and Economic Growth," Explorations in Entrepreneurial History, vol. 4 (maio de 1952), 199—200.
[241] Dourador, *Riqueza e pobreza*, 262, 263.
[242] Niall Ferguson, *Civilização: O Ocidente e o Resto* (Nova York: Penguin, 2011), 287, citando David Aikman, The Beijing Factor: How Christianity Is Transforming China and Changing the Global Balance of Power (Oxford: Monarch, 2003), 5.

Embora alguns possam discordar, acreditamos que o que este estudioso chinês está dizendo é basicamente verdade.

O sistema de livre mercado permite que a criatividade floresça e produza grande valor por meio de decisões humanas livres, não por meio da direção e controle do governo. Um sistema de livre mercado é uma ordem espontânea que surge da liberdade natural. É também um circuito de ideias sem fim.

Embora a riqueza possa residir em alguns recursos, nem todos os recursos são riqueza. Gilder nos lembra:

> O mercado, ao gerar as "notícias" - seu jogo incessante de preços e ideias - passa sua varinha pelo mundo das posses humanas, conferindo ganhos de capital à medida que algumas coisas se tornam lucrativas sob uma nova luz de tempo e conhecimento e lançando sombras gigantescas de perda sobre obras de riqueza iminentes do passado. . . . As qualidades de pensamento e espírito em uma economia podem ofuscar todas as quantidades de capital e contratos de trabalho. . . . O trabalho, de fato, é a raiz da riqueza, até mesmo do gênio que reside principalmente no suor.9

Os empresários demonstram continuamente que a fé e a imaginação são os bens de capital mais importantes em uma economia em mudança e que a riqueza é um produto menos do dinheiro do que da mente para criar, produzir, investir e, na expressão frequentemente repetida do economista austríaco Joseph Schumpeter, para destruir criativamente (para fechar negócios que não estão funcionando).

B. A especialização é a chave para uma maior prosperidade

1. Os benefícios da especialização

Todos os países desejam usar a terra, o trabalho e o capital de forma produtiva. A questão é: como as pessoas podem se tornar mais produtivas? Como as pessoas que já trabalham muito podem produzir mais bens de maior valor enquanto trabalham o mesmo número de horas? A resposta é especialização, seguida de troca (ou comércio) mutuamente benéfica.

Adam Smith, em seu livro de 1776 Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações, observou que a produção de uma fábrica de alfinetes é muito maior quando todos se especializam em uma tarefa específica. A divisão do trabalho ajuda as pessoas a se tornarem competentes em realizar tarefas

[9] Gilder, Riqueza e Pobreza, 51.

pequenas, mas essenciais

[9] Gilder, Riqueza e Pobreza, 51.

funções. Quando todos atuam como especialistas, é produzido mais do que se cada um fizesse o produto final do início ao fim. (Fazer alfinetes pode nos parecer um exemplo trivial, mas antes dos grampeadores - inventados e patenteados apenas em 1866 - as pessoas costumavam usar alfinetes para prender papéis em empresas. A maioria das pessoas também fazia suas próprias roupas em casa, usando alfinetes no processo , então os alfinetes eram uma parte crucial de uma economia.)

Aqui está a famosa descrição de Smith da divisão de trabalho em uma fábrica de alfinetes.

> Para dar um exemplo, portanto, de uma manufatura muito insignificante; mas um no qual a divisão do trabalho foi muitas vezes notada, o ofício do fabricante de alfinetes; um trabalhador não educado para este negócio (que a divisão do trabalho rendeu um comércio distinto), nem familiarizado com o uso das máquinas nele empregadas (a cuja invenção a mesma divisão do trabalho provavelmente deu ocasião), dificilmente poderia , talvez, com sua maior diligência, fizesse um alfinete por dia, e certamente não poderia fazer vinte. Mas da maneira como esse negócio é agora conduzido, não apenas todo o trabalho é um ofício peculiar, mas é dividido em vários ramos, dos quais a maior parte são também ofícios peculiares. Um homem puxa o fio, outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto o aponta, um quinto tritura no topo para receber a cabeça; fazer a cabeça requer duas ou três operações distintas; calçá-lo é um negócio peculiar, branquear os alfinetes é outra; é mesmo um ofício por si só colocá-los no papel; e o importante negócio de fazer um alfinete é, dessa maneira, dividido em cerca de dezoito operações distintas, que, em algumas manufaturas, são todas realizadas por mãos distintas, embora em outras o mesmo homem às vezes execute duas ou três delas. Eu vi uma pequena manufatura desse tipo, onde apenas dez homens eram empregados, e onde alguns deles consequentemente realizavam duas ou três operações distintas. Embora fossem muito pobres e, portanto, acomodados de maneira indiferente ao maquinário necessário, eles podiam, quando se esforçavam, fazer entre eles cerca de cinco quilos de alfinetes por dia. Existem em uma libra mais de quatro mil alfinetes de tamanho médio. Essas dez pessoas, portanto, podiam fazer entre elas mais de quarenta e oito mil alfinetes por dia. Cada pessoa, portanto, fazendo a décima parte de quarenta e oito mil alfinetes, pode ser considerada como fazendo quatro mil e oitocentos alfinetes em um dia. Mas se todos eles tivessem trabalhado separada e independentemente, e sem nenhum deles tendo sido educado para este negócio peculiar, eles certamente não poderiam ter ganhado vinte, talvez nem um alfinete por dia; isto é, certamente, não a duzentos e quarenta, talvez não a quatro mil

> oitocentas parte do que eles são atualmente capazes de realizar, em conseqüência de uma divisão e combinação adequadas de suas diferentes operações. Em todas as outras artes e manufaturas,[243]

A especialização incentiva a inovação porque força as pessoas a investir tempo criando ferramentas que criam ferramentas. Ele estimula a produtividade porque mais é feito em menos tempo. Menos pesca com vara e mais pesca com rede é sempre produtivo. Plantar, colher, debulhar e assar grãos tornou-se mais eficiente quando os indivíduos se concentraram em aspectos específicos do processo de produção multifacetado. Em suma, a autossuficiência é ineficiente, enquanto a especialização sempre produz mais.[244]

Matt Ridley nos lembra em The Rational Optimist que elevar os padrões de vida sempre envolveu mais especialização e mais comércio. Ele usa um exemplo de um século anterior que deve ter surpreendido os consumidores:

> Ninguém na China pode soprar vidro; ninguém na Europa pode enrolar seda. Graças ao intermediário na Índia, no entanto, o europeu pode usar seda e os chineses podem usar vidro. O europeu pode zombar da lenda ridícula de que o adorável tecido é feito de casulos de lagartas; e os chineses podem rir da fábula risível de que essa cerâmica transparente é feita de areia. Mas ambos estão em melhor situação, assim como o intermediário indiano. Todos os três adquiriram o trabalho de outros. . . e elevou o padrão de vida em ambas as extremidades.[245]

2. A especialização funciona porque todos tem alguma vantagem comparativa

Os economistas discordam em muitas questões, mas todos concordam que o melhor caminho para o sucesso de uma nação é se especializar com base na vantagem comparativa e, então, negociar com os outros. Em nossos assuntos pessoais, todos nós fazemos isso. Em uma economia moderna desenvolvida, permitimos que outros cultivem a maior parte de nossos alimentos, cortem nosso cabelo, construam nossas casas, forneçam assistência médica, fabricemos nossos

---

243 Smith, Riqueza das Nações, Livro I, cap. 1, 4-5.

244 O perigo que vem com a especialização, que deve ser evitada, é que as pessoas podem ficar isoladas em suas próprias especialidades estreitas e perder de vista sua responsabilidade também de contribuir para o bem maior da sociedade, de se relacionar de uma maneira genuína com pessoas fora de sua especialidades e também, em última instância, para honrar a Deus em seu trabalho especializado. As universidades também podem se tornar centros de especializações minuciosas, com muito poucas pessoas pensando que pode haver um tipo maior de conhecimento unificado e unificador.

245 Matt Ridley, *O otimista racional: como a prosperidade evolui* (Nova York: HarperCollins, 2010), 175.

carros e até mesmo façamos nossa lavagem a seco. O bom senso nos diz para nos especializarmos e comercializarmos, e quanto mais fazemos, melhor para todos nós nos tornamos.

Smith proclama este tema:

> É a máxima de todo mestre de família prudente nunca tentar fazer em casa o que lhe custará mais fazer do que comprar. . . . Se um país estrangeiro pode nos fornecer uma mercadoria mais barata do que nós mesmos podemos produzi-la, é melhor comprá-la com alguma parte da produção de nossa própria indústria, empregada de forma que tenhamos alguma vantagem.[246]

Se a Espanha, a Coreia do Sul ou a China, por exemplo, podem produzir sapatos melhores e mais baratos do que o seu país, compre-os. Deixe que todos façam o que fazem de melhor. As nações apenas prejudicam a si mesmas por não se especializarem e comercializarem.

Mas e se outro país puder tornar tudo melhor e mais barato que o seu? Você ainda se especializa e comercializa? sim. A lei da vantagem comparativa é uma verdade indiscutível que poderia fazer mais para reduzir a pobreza do que qualquer lei feita pelo homem. Vale a pena explicar com um exemplo simples.

Suponha que haja um médico que pode digitar 120 palavras por minuto.[247] Ele está tentando decidir se contrata uma secretária que digita apenas sessenta palavras por minuto. Se o médico faz a digitação, leva quatro horas. Se for contratada uma secretária, o trabalho dura oito horas.

Sim, o médico tem uma vantagem absoluta nas habilidades de digitação em comparação com o funcionário em potencial. Ele é "melhor em tudo" porque é melhor no tratamento de pacientes e melhor na digitação. É como uma nação que é "melhor em fazer tudo" do que outra nação. Mas a vantagem absoluta não é a questão importante. A questão é: quem tem vantagem comparativa?

O tempo do médico vale $ 100 por hora quando ele está trabalhando como um

---

[246] Smith, Riqueza das Nações, Livro IV, cap. 2, 485-486.

[247] Friedman e Friedman, Free to Choose, 45; esta ideia é mencionada pelos Friedman, mas expandida com nossos detalhes para fins de ilustração.

 médico, enquanto o tempo do digitador vale $ 15 por hora como digitador. Mesmo que o médico seja duas vezes mais rápido na digitação do que a pessoa que está prestes a contratar, quando comparamos o que lhe custa fazer a digitação com o que lhe custa pagar à secretária, fazer a digitação não lhe dá uma vantagem comparativa .

Se o médico digitar os documentos de que precisa, o trabalho custará $ 400, que é a renda que ele perde digitando em vez de trabalhar como médico (4 x $ 100 = $ 400). Em termos econômicos, $ 400 é o seu "custo de oportunidade" de quatro horas de tempo perdido como médico - a "oportunidade" perdida de ganhar $ 400.

Alternativamente, se ele contratar o datilógrafo, o custo de digitação dos documentos é de apenas $ 120 (oito horas de serviço de digitação a $ 15 por hora). Obviamente, é uma escolha sábia fazer a digitação por $ 120 em vez de $ 400. A vantagem comparativa do médico está na prática da medicina. Ele ganha contratando o datilógrafo e dedicando seu tempo à especialização em sua área de vantagem comparativa. O digitador também tem uma vantagem comparativa ao digitar (a US $ 15 por hora) em vez de, digamos, vendas no varejo (a US $ 10 por hora). Todos se tornam melhores ao se especializar e, então, comercializar (vender) seus produtos e serviços.

Além disso, a sociedade está melhor. Em vez de digitar por quatro horas, o médico produz para a sociedade quatro horas a mais de trabalho médico, avaliado em US $ 100 por hora, ou US $ 400 a mais de valor. Quando ele não digitou quatro horas, a sociedade perdeu apenas 4 x $ 15, ou $ 60 de valor. Portanto, a sociedade ainda está $ 340 em melhor situação ($ 400 ganhos - $ 60 perdidos). Mas a secretária acrescentou oito horas de trabalho, ou 8 x $ 15 = $ 120, menos os 8 x $ 10 por hora que ela não trabalhava em vendas no varejo. Ela acrescentou $ 40 a mais de trabalho à sociedade. Juntos, ao se especializarem, eles agregaram $ 340 + $ 40 = $ 380 de valor para a sociedade.

Nomeie um trabalho. Nomeie uma pessoa. É sempre vantajoso para uma pessoa especializar-se no que ela faz de melhor, mesmo que outra pessoa, em algum lugar, possa fazer melhor. A outra pessoa (ou o outro país) não pode fazer tudo ao mesmo tempo. O outro país também tem que se especializar em alguma coisa. Um país pobre pode não ter uma vantagem absoluta na fabricação de qualquer produto, mas sempre tem uma vantagem comparativa na fabricação de alguns produtos.15

[15]Donald J. Boudreaux, "Comparative Advantage", em The Concise Encyclopedia of Economics, ed. David R. Henderson (Indianapolis: Liberty Fund, 2008), 69-71.

A ideia de especialização e comércio, provavelmente um dos três conceitos mais importantes em toda a economia, é absolutamente necessária para que uma nação melhore seu padrão de vida.

Este princípio é tão importante porque atualmente dois bilhões de pessoas no planeta estão ganhando menos de US $ 2 por dia. A maioria não possui títulos de propriedade e pratica agricultura de subsistência. O século XXI pode ser diferente para eles? sim. Pessoas de todo o mundo podem tirar proveito da especialização e dos ganhos do comércio, em grande parte por causa de invenções que diminuem o tamanho do mundo, como telefones celulares e a Internet, que abriram mais acesso aos mercados mundiais. É uma questão de muitas pessoas em uma nação examinarem as razões pelas quais sua economia está funcionando e como se beneficiar da divisão do trabalho, especializando-se e comercializando por meio de trocas voluntárias. Quando as pessoas decidem se especializar e, em seguida, negociar (ou comprar e vender), isso lubrifica as rodas da economia, abrindo oportunidades e ajudando a economia a funcionar adequadamente.

3. A especialização em uma nação muda com o tempo

À medida que uma nação se torna mais eficiente em sua especialização, seu crescente superávit pode então ser negociado por trocas ganha / ganha, o que novamente melhora o padrão de vida.

A maioria dos países pobres começa com a agricultura, passa para a manufatura simples, depois para a manufatura mais complexa e, finalmente, para os serviços, bens de consumo e informações de todos os setores. Quando um país pobre começa a produzir produtos mais complexos, os países mais desenvolvidos que estavam fabricando esses produtos precisam migrar para outros produtos.

Por exemplo, após a Segunda Guerra Mundial, o Japão começou a produzir pequenos brinquedos e outros produtos manufaturados simples. Mais tarde, produziu automóveis, e o fez melhor e com mais eficiência do que os Estados Unidos. Muitos trabalhadores americanos da indústria automobilística tiveram de ser treinados novamente para empregos em construção, aquecimento e ar condicionado, tecnologia da informação, vendas e serviços de telefones celulares, restaurantes, saúde e muitos outros campos. Conforme observado acima, Joseph Schumpeter chama esse processo de "destruição criativa",[248]

[248]Ver W. Michael Cox e Richard Alm, "Creative Destruction", em The Concise Encyclopedia of Economics, ed. David R. Henderson (Indianapolis: Liberty Fund, 1980), 101-4.

 observando que a dor e o ganho do livre mercado estão intimamente ligados, e que novas idéias não podem ser instituídas sem acabar com a velha ordem.

O mundo ficará sem novos produtos e novas oportunidades de trabalho? Não, porque os seres humanos têm necessidades limitadas (comida, roupas e abrigo), mas desejos ilimitados. O aumento do padrão de vida em todo o mundo ocorre em parte porque as pessoas continuamente inventam novos produtos que desejam, produtos que ninguém conhecia antes de serem inventados: Pense, nos últimos cem anos, na invenção de automóveis, aviões, aviões condicionamento, telefones, televisores, computadores, motos de neve, telefones celulares, iPods, iPads, café Starbucks, água engarrafada e FedEx e UPS. Em outros cinquenta anos, teremos uma lista totalmente diferente. (Concordamos que alguns desses novos desejos refletem ganância injusta, enquanto outros são moralmente saudáveis, mas a ideia básica de desejar produtos novos e melhores não é errada em si mesma.

Sempre haverá algo novo para inventar, algo novo para produzir. No início, os países altamente desenvolvidos começarão a produzir essas novas invenções. Quando isso acontece, a teoria da vantagem comparativa nos diz que para fazer isso eles terão que sair da produção de alguns produtos mais antigos (talvez têxteis, pequenos utensílios domésticos manufaturados ou algumas culturas alimentares), e isso abre novas áreas de vantagem comparativa para os países menos desenvolvidos.

Tudo isso acontecerá repetidamente em um sistema de livre mercado, sem planejamento central ou direção do governo. Atender às necessidades ilimitadas da humanidade acontece espontaneamente nos mercados livres porque eles permitem que as pessoas e as nações tenham liberdade para se concentrarem no que fazem de melhor. No entanto, esse processo dificilmente acontece, ou nunca, nas economias comunistas ou socialistas (exceto quando elas permitem alguma medida de princípios de livre mercado). Atender às necessidades ilimitadas da humanidade é o que os mercados livres fazem de melhor. (É importante ressaltar que a verdade dos desejos ilimitados da humanidade também implica, em um mercado livre competitivo, que sempre haverá alguns empregos para aqueles que os desejam - se o governo não interferir no funcionamento do mercado livre.)

À medida que o mundo se torna mais interligado e os mercados livres empresariais operam de forma mais ampla, inovação para descobrir novos produtos,

novos serviços e novos mercados emergem cada vez mais. É por isso que a especialização em nações individuais muda constantemente.

C. O notável sistema de sinalização do mercado livre

O mercado livre também faz outra coisa muito bem: sinaliza aos trabalhadores quais tarefas precisam ser feitas e às empresas quais produtos precisam ser feitos.[249]Ele faz isso sem uma câmara de compensação central para obter informações, nenhum relatório nacional de hora em hora sobre cada produto que foi comprado e nenhum planejador do governo dizendo às fábricas o que fazer. O mercado faz isso espontaneamente por meio de um sistema de sinalização incrível: "O sistema de preços transmite apenas as informações importantes e apenas para as pessoas que precisam saber."[250]

E se o mundo tivesse uma tecnologia futurística de Star Wars que pudesse nos dar instantaneamente as informações de que precisamos para tomar decisões econômicas ou negócios mutuamente benéficos? E se essa tecnologia também pudesse registrar inúmeras preferências pessoais e, em seguida, usar essas informações para determinar milagrosamente o valor de mercado de cada um dos milhões de itens? E se essa tecnologia também pudesse calcular a oferta e a demanda de milhões de produtos e pessoas, dizendo às pessoas o que fazer, onde trabalhar, o que produzir e como? E se também pudesse sinalizar preços, salários, taxas de juros, lucros, perdas, e outras informações importantes de que os humanos precisam para fazer boas escolhas? E se pudesse registrar literalmente bilhões de opiniões por minuto e produzir sinais ininterruptos de que todas as nações e todos os idiomas compreenderiam e agiriam de acordo? E se pudesse realizar o serviço adicional de determinar como a terra, o trabalho e o capital poderiam ser usados da melhor maneira para produzir exatamente o que as pessoas desejam, exatamente quando desejam? E se, viajando à velocidade da luz, esses sinais pudessem coordenar as ações de todos os participantes do mundo e produzir um processo profundamente cooperativo em que todos se beneficiam, o comércio prospera e a criatividade floresce?

Você pode pensar que isso só poderia acontecer em um sonho utópico. Mas o mercado livre é um sistema assim, embora ninguém o controle.

---

[249]Para obter uma descrição mais detalhada da função de sinalização dos preços em um mercado livre, consulte Barry Asmus e Donald B. Billings, "The Price System and Economic Coordination" e "Entrepreneurship and the Competitive Process", em Crossroads: The Great American Experiment: The Rise, Decline, and Restoration of Freedom and the Market Economy (Lanham, MD: University Press of America, 1984), 202-6.
[250] Friedman e Friedman, Free to Choose, 15.

 Considere o seguinte: há sessenta mil itens em uma loja moderna de ferragens e madeira e há quarenta e cinco mil itens em um grande supermercado de alimentos e, sempre que o estoque em mãos diminui, esses produtos chegam pontualmente, quando e onde forem necessários, todos os dias (incluindo lápis). Mas não há muito, pois se surgir um excedente, a loja deve baixar os preços para liberar o excedente, e esse preço mais baixo diz ao gerente para não comprar tanto na próxima vez. Cada item requer um toque humano - invenção, produção, marketing, distribuição - e cada item requer habilidades de gerenciamento para garantir que o produto certo chegue na hora certa. Isso é possível? Quem dirige tudo? Qualquer pessoa que visse uma loja como esta pela primeira vez provavelmente ficaria sem acreditar, calculando sua impossibilidade e imaginando como tal milagre poderia acontecer. No entanto, isso acontece em dezenas de milhares dessas lojas em todo o mundo todos os dias.

Friedrich A. Hayek, ganhador do Prêmio Nobel de Economia, escreveu um artigo relativamente curto, mas profundo, em 1945, intitulado "O Uso do Conhecimento na Sociedade". Nessa peça, ele resumiu as condições necessárias para um sistema econômico eficiente e socialmente benéfico:

> O caráter peculiar do problema de uma ordem econômica racional é determinado precisamente pelo fato de que o conhecimento das circunstâncias das quais devemos fazer uso nunca existe de forma concentrada ou integrada, mas apenas como pedaços dispersos de conhecimento incompleto e frequentemente contraditório que todos os indivíduos separados possuem. . . . É antes um problema de como garantir o melhor uso dos recursos conhecidos por qualquer um dos membros da sociedade, para fins cuja importância relativa apenas esses indivíduos conhecem. Ou, em poucas palavras, é um problema de utilização de um conhecimento não dado a ninguém em sua totalidade.19

Então, as pessoas podem obter tal conhecimento, que ninguém possui? Sim, diz Hayek. Surge espontaneamente por meio do sistema de preços competitivos do mercado livre.

Israel Kirzner escreve em seu livro Competição e Empreendedorismo que qualquer pessoa que proponha sistemas diferentes do mercado livre "com calma

[19]Friedrich A. Hayek, "The Use of Knowledge in Society," American Economic Review 35, no. 4 (setembro 1945): 519-20.

assume que a tarefa social criticamente importante de disponibilizar todos os bits de informação dispersos para aqueles que tomam decisões já foi realizada. "[251]Em outras palavras, os planejadores de sistema pensam que o conhecimento da escassez relativa, gostos do consumidor, custos de produção e as tecnologias mais recentes está disponível de forma imediata e barata para qualquer pessoa. No entanto, isso é incorreto, pois ignoramos amplamente o que gostaríamos de saber.

Essa falta de informações econômicas necessárias é uma questão de extrema importância para o panorama de nações aparentemente condenadas à pobreza. E é o sistema de preços competitivo que oferece a melhor oportunidade para maximizar a quantidade e a qualidade da informação que acabaria por levar à erradicação da pobreza.

Experimente qualquer tipo de socialismo de comando e controle que você quiser - nós garantimos que não funciona de forma eficiente ou a longo prazo: "Uma sociedade que escolhe entre o capitalismo e o socialismo não escolhe entre dois sistemas sociais; ele escolhe entre a cooperação social e a desintegração da sociedade. "[252]Os sistemas socialistas nunca podem gerar o tipo de informação de oferta e demanda que permite que indivíduos e empresas tenham sucesso. Mas o sistema de preços dos mercados livres fornece essas informações instantaneamente, continuamente, em todas as nações e em todo o mundo.

Os governos podem saber como dirigir exércitos e vencer guerras, mas os desejos complicados e ilimitados de uma sociedade de consumo são infinitamente mais difíceis de determinar. É por isso que as nações hoje estão lentamente percebendo que a estrutura econômica crucial deve ser um mercado livre de baixo para cima e não um sistema de comando e controle de cima para baixo. Hayek disse que o problema da utilização do conhecimento que não é dado a ninguém em sua totalidade torna o planejamento racional de uma economia impossível. O mercado livre é necessário para produzir, transmitir e disponibilizar todo o conhecimento necessário para resultados benéficos. As respostas estão nas ações do mercado, não nos sonhos e esquemas dos planejadores.

Alguns chamaram esse sistema de "mágica" do mercado. Sim, o mercado é um maravilhoso instrumento de comunicação e um transmissor de opiniões como um computador, além de um determinante de valor. Isto é

---

251 Israel Kirzner, Competition and Entrepreneurship (Chicago: University of Chicago Press, 1973), 214.

252 Ludwig Von Mises, Human Action: A Treatise on Economics (Chicago: Henry Regnery, 1966), 680.

 incrível. Mas o processo de mercado não é realmente mágico. É muito mais inteligente do que isso, porque ninguém projeta, administra ou controla o mercado. O mercado simplesmente acontece. Assim como podemos dizer, "a gravidade é", quer possamos explicar ou não, "o mercado é". Não precisa ser criado por um projeto humano consciente. Onde quer que o ser humano exista, tenha liberdade de escolha e deseje melhorar sua própria condição, o mercado existe.

A economia de mercado e seu sistema de preços são presentes para o mundo. As pessoas não criaram intencionalmente um conjunto complexo de trocas e sinais de preços. Seu único objetivo era simplesmente melhorar sua vida. O mercado livre foi o resultado.

Nesse ponto, podemos explorar com mais detalhes o que faz o sistema de sinalização do mercado funcionar de maneira tão eficaz. A resposta são os preços.

D. Os preços são uma incrível fonte mundial de informações econômicas instantâneas

A principal virtude de um mercado em funcionamento é dispersar e aplicar informações socialmente úteis. Preços e competição, como veremos, fazem isso. Os compradores preferem comprar na baixa e os vendedores preferem vender na alta. Os preços que são sinalizados pelo mercado determinam suas escolhas.

A oferta e a demanda determinam os preços dos bens e serviços, bem como os salários, as taxas de juros, os lucros e as perdas. O mercado é a arena em que todas essas decisões de interação são feitas. O sistema de preços do mercado é um processo contínuo com uma tendência geral para a coordenação. É um processo de descoberta e correção de erros por meio de múltiplas trocas, induzindo os tomadores de decisão a produzir e vender apenas o que o cliente deseja.

O mercado está constantemente sinalizando “faça mais”, “faça menos” ou “faça diferente”, porque a oferta e a demanda nunca são constantes. O mercado é um processo de descoberta constante que gera grandes quantidades de informações sobre novos produtos, melhorias de produtos e as tecnologias mais recentes. Em todas essas áreas, os preços são necessários antes que os compradores e vendedores possam tomar decisões.

A função essencial das mudanças nos preços relativos é fornecer novas informações sobre a escassez relativa, disponibilidade de recursos, preferências do consumidor, tecnologia e o fluxo constante de uma centena de outros fatores.

tors continuamente produzindo circunstâncias alteradas. O sistema de preços é o único sistema confiável e eficiente que pode "acompanhar" toda essa complexidade. Os preços de mercado geram informações sobre mudanças nos gostos pessoais, na disponibilidade relativa de diferentes matérias-primas e na despesa comparativa de capital e trabalho. Além disso, eles sinalizam as reações dos participantes do mercado a essas mudanças. Por exemplo, um aumento nos preços da gasolina induz pelo menos alguns consumidores a reduzir a quantidade de veículos que dirigem. Os preços mais altos também sinalizam aos produtores que aumentem seus esforços e ofereçam mais. Os preços mais baixos, por outro lado, levam a aumentos na quantidade de gasolina comprada e na quantidade de veículos que dirigem, enquanto dizem aos produtores para fornecer menos.

De acordo com Israel Kirzner, "A atividade desses empresários puros (atores econômicos) pode então explicar como os preços e as quantidades e qualidades de insumos e produtos mudam." 22

O mercado também atua como uma janela para o futuro, permitindo que os indivíduos registrem suas expectativas sobre a relativa escassez de amanhã. Se uma geada destruir parte de uma safra de café colombiana, o preço da futura entrega de café no mercado de commodities de Chicago sobe imediatamente.

Os preços são a linguagem da economia de mercado. Eles são o somatório de uma vasta quantidade de conhecimento e informações não conhecidas pela maioria dos participantes do mercado. À medida que o preço da bauxita sobe, um produtor de alumínio pode não saber por quê. No entanto, é claro que o custo real de um material importante aumentou e os planos de produção precisam ser alterados. Nada transmite informações mais rápido do que preços.

Os preços transmitem informações objetivas sobre as atitudes subjetivas e os sentimentos de compradores e vendedores. À medida que os preços relativos mudam, as opções são alteradas e as decisões são tomadas. Os benefícios e custos percebidos são continuamente afetados pelas circunstâncias em mudança, incluindo muitas variáveis importantes que nunca são constantes. Em outras palavras, ninguém no mundo sabe como fazer um mercado funcionar, nem mesmo uma coisa simples como um lápis. Mas ainda acontece, porque enormes complicações são simplificadas quando a descentralização e os preços assumem o controle. Dessa forma, os preços servem como uma fonte mundial incrível de informações econômicas instantâneas.

[22] Kirzner, Competição e Empreendedorismo, 42.

E. Lucros e perdas são as luzes verde e vermelha do sistema, pelas quais os clientes sinalizam "vá" ou "pare"

Dois outros componentes de sinalização de um sistema de mercado livre são lucros e perdas. Lucros e perdas indicam aos empreendedores se suas ideias estão dando certo ou falhando. Portanto, se os empreendedores representam o motor do processo competitivo de mercado, os lucros e as perdas são os sinais verdes e vermelhos, sinalizando "vá" ou "pare".

Mesmo em um mercado livre, nosso conhecimento é imperfeito e incompleto. Na ausência de uma coordenação perfeita dos planos independentes dos tomadores de decisão, as oportunidades de melhoria em produtos e serviços estão sempre presentes. Os lucros são um excelente incentivo para essa melhoria.

Por outro lado, as perdas podem parar tudo, obrigando um modelo de negócio a ser reavaliado e outra opção a ser tentada. Os empreendedores inventam, criam, imaginam o futuro, produzem coisas, alimentam pessoas, salvam vidas e aumentam o bem-estar de outras pessoas arriscando seu tempo e dinheiro. Se suas idéias não funcionarem, eles podem perder tudo. Uma vez que as perdas se instalam, o processo deve mudar ou ser encerrado.

Reconhecer o que o consumidor deseja e calcular os custos de disponibilizá-lo, ao mesmo tempo em que obtém lucro, não é tarefa fácil. Os lucros são as recompensas, as perdas são a dor. Mesmo as boas ideias podem não se alinhar adequadamente com o que as pessoas desejam e, portanto, podem ocorrer perdas. No entanto, as perdas são tão importantes quanto os lucros. Limpando um sistema econômico, as perdas removem o que os consumidores não querem e sinalizam para os produtores mudarem, melhorarem ou fracassarem. As empresas devem estar constantemente atentas às preferências dos consumidores. O sistema de lucros e perdas encoraja as empresas a lançar seu pão nas águas da incerteza, na esperança de que possa retornar com recompensas. Mas isso é arriscado, porque o sistema exige que os empreendedores dêem primeiro e recebam depois, talvez. Arriscar tempo e dinheiro pessoal com a esperança de lucratividade direciona todo o processo.

Mas se a esperança de obter e manter um lucro razoável for retirada (por meio de taxas de impostos mais altas, por exemplo), menos pessoas correrão riscos e a economia irá falhar.

O lucro empresarial é o incentivo que permite às pessoas acreditar com bastante confiança que as forças do mercado funcionam. As pessoas sempre

acho certo? Não, existem muitos erros e custos imprevistos. Na verdade, muitas pessoas falham e precisam tentar novamente. Mas, a longo prazo, aqueles que obtêm sucesso produzem continuamente bens e serviços que os consumidores valorizam e, portanto, aumentam o PIB de uma nação.

F. A competição leva à cooperação interpessoal, melhores produtos, mais opções e preços mais baixos

Falamos sobre vários fatores na mecânica de como os mercados livres funcionam: (1) tomada de decisão descentralizada ("ninguém" decide), (2) especialização e comércio, (3) o sistema de sinalização do mercado, (4) preços como a linguagem do sistema de sinalização e (5) lucros e perdas como as luzes verdes e vermelhas do sistema. Mas há ainda outro fator: (6) competição e cooperação voluntária.

Incluímos competição e cooperação juntas porque elas ocorrem naturalmente juntas e se reforçam mutuamente. Primeiro, pense em como a competição acontece. Vimos isso repetidamente no mercado de telefonia celular nos últimos vinte anos. As empresas competiram para fazer um telefone celular melhor: menor. Mais fino. Isqueiro. Mais confiável. Mais robusto. Mais instintivo de usar. Mais recursos. Uma câmera melhor. Melhores aplicativos. Maior vida útil da bateria. Melhor conectividade com a Internet.

No início, todos queriam um Palm Pilot, depois um Blackberry, um iPhone, um Android ou qualquer outra coisa. E assim por diante.

Nenhum planejador do governo central poderia fazer isso acontecer: "A marca característica da história econômica sob o capitalismo é o progresso econômico incessante, um aumento constante na quantidade de bens de capital disponíveis e uma tendência contínua de melhoria nos padrões gerais de vida." [23]

Esse tipo de competição de mercado é o pai da inovação e uma força constante para fazer o progresso acontecer. A competição trabalha para reduzir custos e preços e para examinar todas as abordagens rivais para melhorias.

Mas por que combinamos competição e cooperação? É porque dizer que eles são mutuamente exclusivos é como dizer que a mão que dedilha e a mão que arco do violinista são adversárias. Será que a competição de fato incentiva e até exige cooperação? sim. Isso ocorre porque ninguém pode ter sucesso no mercado hoje, ou seja, ninguém pode ser

[23] Von Mises, Human Action, 565.

verdadeiramente competitivo - sem a cooperação voluntária de muitas outras pessoas. Para produtos como o iPhone, a cooperação necessária se estende não apenas ao notável trabalho em equipe dentro da própria Apple, mas também à cooperação de centenas de outros fornecedores de peças, anunciantes, vendedores, funcionários em redes telefônicas e até mesmo pessoas em muitos outros países . A necessidade de competir e produzir um produto melhor leva notavelmente as pessoas a decidirem cooperar com muitas outras pessoas, ou seu produto não poderia ser produzido.

Para um exemplo mais simples, pense em uma mulher que tem vários filhos para alimentar e ganha seu dinheiro tecendo cestos. Alguém deve fornecer o bambu e outro o barbante. Alguém deve fazer cartazes e anunciar seu negócio. Alguém deve fornecer a ela um espaço no mercado local ou concordar em vender suas cestas por uma comissão. Ela também pode precisar de uma babá ou ajudante durante certas partes do dia. Se ela puder pagar, ela compra alguns alimentos que outros produziram, cozinharam e transportaram para seus filhos e para ela. O que mais eles precisam? Medicamento? Água? Proteção? A questão é que todos, não importa quão pequena seja sua contribuição para a economia geral, ainda precisam da cooperação de muitos outros. Para competir com outros fornecedores por sua participação no mercado de cestas básicas, até mesmo essa pobre mulher precisa cooperar com muitos outros.

O progresso e a melhoria ocorrem naturalmente quando a competição e a cooperação trabalham juntas. O resultado é um melhor serviço, melhor qualidade e melhores produtos fornecidos de forma mais rápida e barata para os clientes que aprovam. Quando se trata de serviço e qualidade, para muitos produtos não há "linha de chegada" e "bom o suficiente" nunca é bom o suficiente por muito tempo. Quando se trata de clientes, o empresário não consegue parar de pensar neles. Todos devem estar constantemente alertas sobre o que os clientes desejam, quando, como e onde desejam. É preciso um esforço inacreditável para tornar os clientes a primeira prioridade. Somente o mercado livre faz tudo isso e muito mais, por meio das escolhas voluntárias dos indivíduos que participam do mercado.

Imagine os milhões de bits de know-how que devem ser reunidos para atender a apenas um cliente. O complexo processo de cooperação humana que ocorre em uma transação que leva à posse do consumidor é, de alguma forma, misterioso e impressionante. Em um sentido muito real, pro

produtores e consumidores não são inimigos, porque precisam uns dos outros. Ambos se saem melhor quando cooperam.

Cooperação e competição geram exemplos incontáveis de resultados socialmente benéficos. Os consumidores mostram suas preferências por meio de suas compras, enquanto o caráter voluntário da troca no mercado garante que ambas as partes se beneficiem. Quando o consumidor escolhe uma loja ou um prestador de serviço em vez de outro, essa decisão dá sinais tanto para o comprador quanto para o vendedor, e ainda dá um aviso importante para quem não está fazendo a venda para baixar seu preço, prestar um serviço mais rápido ou fazer algo melhor competir. O consumidor é novamente o vencedor.

À medida que os clientes descobrem o que é melhor e mais barato, e os produtores descobrem como podem reduzir custos e tornar seu produto mais atraente para o comprador, o resultado final é uma gama maior de opções e oportunidades maiores para todos. Em um mercado livre, o interesse próprio esclarecido produz trocas contínuas que excedem em muito as deliberações de qualquer pessoa. O mercado é uma "ordem de nível superior" que ultrapassa o conhecimento de qualquer um de nós: "Os concorrentes visam a excelência e a preeminência nas realizações dentro de um sistema de cooperação mútua. A função da competição é atribuir a cada membro dos sistemas sociais a posição na qual ele pode melhor servir a toda a sociedade e todos os seus membros. "24

G. Empreendedorismo: muitos tentam, poucos têm sucesso, mas todos os benefícios da sociedade

Passamos agora ao componente final do mercado livre, mas este não é um processo, mas uma pessoa: o empresário.

A importância do empresário para fazer o sistema de livre mercado funcionar tem se tornado cada vez mais evidente à medida que a inovação se torna tão necessária. Quando uma nação começa a se desenvolver, ela pode colher os frutos mais baixos para produzir crescimento. A urbanização, os baixos custos de mão-de-obra para a manufatura e a produção de bens para exportação serviram bem aos países em desenvolvimento. Mas os indivíduos e as empresas devem inovar para chegar ao próximo estágio, e os empreendedores são a chave para a inovação.

A competição produz naturalmente um processo de descoberta empresarial, puxando e estimulando os mercados em novas direções. Alerta para o

[24] Ibidem, 117.

Capítulo 5: A Mecânica do Sistema Embora as mudanças sempre ocorram, os empreendedores devem obter lucros inovando e transformando problemas em oportunidades. Eles devem criar novos produtos ou serviços, calcular as melhores maneiras de utilizar os recursos e fornecê-los e buscar constantemente novas e melhores técnicas produtivas. São empreendedores que raramente temem o fracasso, mas veem novas maneiras de fazer as coisas quebrando os moldes: construtores, criadores, sonhadores, realizadores, oportunistas e futuros construtores. Os empreendedores tentam ler os sinais do mercado, antecipar as demandas dos consumidores anteriormente não desenvolvidas e, então, correr riscos, geralmente com seu próprio dinheiro.

Às vezes, os empreendedores enriquecem, às vezes suas ideias fracassam e, muitas vezes, eles precisam começar tudo de novo. Empreendedores de sucesso precisam ser proativos. "Progresso econômico, em uma sociedade capitalista, significa turbulência", segundo Joseph Schumpeter (nascido na Áustria-Hungria em 1883 e professor de economia em Harvard de 1932 a 1950).[253] Ele disse que o empreendedorismo sempre envolve um processo de "destruição criativa" em que novas e melhores ideias substituem as antigas.

Esse é, no geral, um bom processo que traz benefícios continuamente para a sociedade como um todo. Quando os empreendedores começam a se esforçar para criar um produto melhor do que os outros, "Competição. . . arranca o progresso, tão rápido quanto ele é feito, das mãos do indivíduo e o coloca à disposição de toda a humanidade. "[254]

Mas a "destruição criativa" logo obriga aqueles que estão de cima para baixo, se não fora, porque seus produtos antes dominantes tornam-se obsoletos (veja os Palm Pilots). Não é de admirar que tantas forças se coloquem contra qualquer coisa nova. À medida que novos setores atraem recursos dos existentes e novas empresas ameaçam as já estabelecidas, as realidades econômicas e políticas são freqüentemente revertidas. Uma vez que tanto o poder político quanto o econômico foram radicalmente alterados, as instituições existentes lutam pelo status quo. "Eu amo mudar, mas não me mude", parece ser o credo de todos. As pessoas que perderão por causa das mudanças em uma economia dinâmica geralmente querem leis que as protejam da mudança. Mas proteger todos os membros de uma sociedade de quaisquer perdas sufoca as inovações e mudanças necessárias para criar uma nova riqueza em uma sociedade.

---

[253] Joseph A. Schumpeter, Capitalism, Socialism, and Democracy (Londres: Taylor & Francis e-Library, 2003), 31-32.

[254] Frederic Bastiat, Economic Harmonies (Irvington-on-Hudson, NY: Foundation for Economic Education, 1997), 289.

A história mostra repetidamente não apenas o declínio de grandes ideias, empresas e impérios, mas também a pressão constante por mudanças. Pisque e as oportunidades vão embora, passando por aqueles que esperaram muito. No entanto, existem oportunidades não realizadas para quem continua procurando. Dado que os humanos possuem desejos ilimitados (ver discussão acima, 173-74), cada pessoa pode ser encorajada a usar seus dons pessoais para atender a novas possibilidades e necessidades não satisfeitas. O processo competitivo pode ser acompanhado por qualquer pessoa que queira trabalhar, porque sempre há trabalho a fazer.

H. Resumo de como funciona um sistema de mercado livre

No capítulo anterior, discutimos quatro fundamentos necessários para um sistema de mercado livre: (1) propriedade privada de propriedade com fácil documentação legal de propriedade, (2) o estado de direito, (3) uma moeda estável, e (4) impostos baixos.

Neste capítulo, discutimos brevemente os sete componentes-chave no funcionamento de um sistema de mercado livre: (1) tomada de decisão descentralizada ("ninguém" decide o que é feito); (2) especialização e comércio, pelo qual as pessoas multiplicam sua produtividade; (3) o sistema de sinalização do mercado, que indica uma oferta e demanda em constante mudança; (4) preços como a linguagem do sistema de sinalização; (5) lucros e perdas como luzes verdes e vermelhas que sinalizam o sucesso ou o fracasso das empresas; (6) competição e cooperação voluntária como a dimensão interpessoal que leva à melhoria contínua; e (7) a assunção de riscos dos empreendedores que impulsionam a inovação.

É assim que funciona um sistema de livre mercado. Sem um diretor ou planejador central, ele ainda permite que uma grande quantidade de riqueza seja criada e os benefícios sejam amplamente distribuídos em todas as nações onde pode funcionar. Nenhum outro sistema incentiva todos a competir e cooperar, e dá às pessoas tanta liberdade econômica para escolher e produzir, aumentando assim a prosperidade. Lentamente, mas com segurança, os países ao redor do mundo estão vendo a natureza ganha-ganha de um sistema de mercado livre.

I. Como pessoas ricas em nações ricas podem ajudar genuinamente as nações pobres

Se nossa análise anterior estiver correta, então a única solução permanente para a pobreza em qualquer nação pobre é aumentar seu PIB em

 produzir mais bens e serviços de valor. E o único sistema econômico na história que trouxe com sucesso tal aumento de prosperidade é o sistema de livre mercado.

O que podemos dizer, então, a uma pessoa rica em um país rico que deseja ajudar os pobres e promover uma solução permanente e sustentável nos países pobres? Existem várias etapas práticas que essa pessoa pode realizar.

Um passo muito prático seria uma pessoa rica investir em negócios com fins lucrativos em países pobres, especialmente países que estão começando a se mover na direção do mercado livre com um Estado de Direito mais eficaz. Como indicamos nos últimos capítulos, o PIB crescerá quando os empresários arriscarem seu dinheiro para tentar produzir algum produto ou serviço. A única maneira de saber se aquele produto ou serviço está realmente atendendo a uma necessidade é ver se os clientes irão comprá-lo - e os lucros são os “sinais verdes” que sinalizarão a aprovação do cliente para o produto. Um novo negócio que está realmente tendo lucro em um país pobre ajuda o país pobre (1) fazendo produtos que aumentam o PIB, (2) fazendo produtos que atendam às necessidades das pessoas e (3) fornecendo empregos que permitem aos pobres sustentar eles mesmos. (Veja nossa discussão sobre liberdade para iniciar um negócio, 269-71.)

Além disso, investir em um negócio que dá lucro trata com a maior dignidade as pessoas daquele país, tanto os funcionários que criam produtos de valor quanto os clientes que os compram. Ele permite que os funcionários experimentem a alegria do sucesso obtido (ver 193-95). Também evita o paternalismo (ver 27-28) e a dependência.

Embora muitas organizações tenham promovido microempréstimos (normalmente abaixo de US $ 250) para iniciar negócios individuais, também estamos cientes de casos encorajadores em que os cristãos decidiram investir em negócios com fins lucrativos na faixa de "pequenas e médias empresas" (PMEs), onde $ 25.000 a $ 1 milhão são necessários para iniciar um negócio. Esses negócios são cruciais para um maior crescimento econômico em países pobres, mas são mais difíceis de lançar devido aos altos custos iniciais e de devida diligência e ao desafio de fornecer um modelo razoável de risco / retorno para os investidores.

Uma pessoa rica também pode apoiar:

- Programas educacionais em países pobres que promovem mercados livres (como explicamos nos capítulos 4-6) e promover os tipos de gov

políticas mentais e crenças culturais que explicaremos a seguir (capítulos 7 a 9).

- Programas de distribuição de literatura que promovem as mesmas políticas.
- Seminários em países pobres que treinam pastores nas crenças e valores culturais que delineamos no capítulo 9.
- Programas de assistência financeira para permitir que futuros líderes em países pobres viajem ao exterior para estudar em instituições que promovem a economia de livre mercado, políticas governamentais sólidas e crenças culturais benéficas.

Mas os leitores devem ter em mente que todas as atividades que mencionamos nesta lista promovem a teoria e o conhecimento abstrato mais do que promovem diretamente o crescimento econômico necessário. Investir em negócios com fins lucrativos promove diretamente o crescimento econômico, e aqueles que trabalham para fazer com que esses negócios tenham sucesso aprenderão lições da vida real que nunca poderiam ser aprendidas em nenhum livro ou em qualquer sala de aula.

As pessoas ricas também deveriam doar dinheiro para instituições de caridade que fornecem coisas como alimentos, água potável, saneamento e cuidados médicos para os países pobres? Sim, essas coisas também são benéficas no curto prazo e, especialmente, em situações de crise, como mencionamos anteriormente (67). Mas os doadores devem evitar instituições de caridade cujas políticas promovam dependência em vez de produtividade (ver 27-28, 65-75). E mesmo instituições de caridade benéficas por si mesmas não trarão uma solução permanente. Isso acontecerá apenas apoiando o investimento privado e as atividades educacionais que mencionamos aqui, de modo que todo o sistema econômico, o sistema governamental e o sistema de crenças de uma nação pobre possam ser transformados.

AS VANTAGENS MORAIS DE

O SISTEMA

Um mercado livre que promove as virtudes morais

Embora algumas pessoas tenham levantado objeções morais aos sistemas de livre mercado, achamos importante mencionar uma perspectiva alternativa: existem muitas vantagens morais nos mercados livres.

Ao dizer isso, devemos nos prevenir contra um possível mal-entendido. Nas páginas a seguir, listaremos várias virtudes morais que são incentivadas pelos sistemas de livre mercado. Mas não acreditamos que o livre mercado faça pessoas moralmente perfeitas!

Como cristãos, acreditamos que existe uma inclinação pecaminosa para fazer o mal no coração de cada pessoa na terra (bem como, pela "graça comum" de Deus, uma inclinação oposta para fazer o bem). Cremos que "todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rom. 3:23), e que, exceto Jesus Cristo, nenhuma pessoa sem pecado andou na terra desde a época de Adão e Eva.

Portanto, todo sistema econômico na terra tem pessoas pecadoras, pessoas que fazem coisas moralmente erradas. Existem pessoas que mentem, trapaceiam e roubam, e esperam escapar impunes. Além disso, em todas as sociedades

existem algumas pessoas muito más cujas escolhas erradas repetidas têm aprofundado e fortalecido o domínio do pecado em seus corações.

Nem estamos dizendo que os mercados livres são a cura para todos os defeitos humanos concebíveis. Eles não eliminam a estupidez, obliteram o egoísmo, erradicam a ganância ou controlam o comportamento das empresas para a satisfação de todos. Seres humanos imperfeitos nunca poderiam criar um sistema perfeito.

A questão, então, não é: "Os sistemas de livre mercado ainda contêm algumas pessoas más?" Claro que sim. A pergunta apropriada é: "Um sistema de mercado livre tende a desencorajar e punir o comportamento errado e tende a encorajar e recompensar o comportamento virtuoso, e ele faz essas coisas melhor do que outros sistemas econômicos?" Acreditamos que sim, e é isso que explicamos no restante deste capítulo. Listamos o que consideramos dezesseis vantagens dos mercados livres em quatro categorias e fechamos o capítulo examinando cinco objeções morais a esses sistemas.

A. Promover a liberdade pessoal

1. Promover a liberdade de escolha para ações morais

Um sistema de livre mercado é consistente com certos princípios morais fundamentais - que devemos respeitar a dignidade e individualidade de cada pessoa, que os governos não devem manipular as pessoas como objetos, mas reconhecer os direitos e valores de cada pessoa, e que as decisões econômicas devem ser dirigidas por meios de persuasão e troca voluntária em vez de coerção e força. Essas ideias são resumidas pelo conceito de liberdade individual.

Os mercados livres prosperam com base no princípio de não agressão que protege a liberdade humana. A exigência de que as transações no setor privado da economia sejam voluntárias garante que, se esse sistema estiver funcionando adequadamente, a autonomia moral e física das pessoas estará protegida de ataques violentos de terceiros. A força é inadmissível nas relações interpessoais humanas em um sistema de mercados livres, porque o mercado livre depende de pessoas que fazem trocas voluntárias.

O economista FA Hayek disse isso em seu livro clássico The Road to Serfdom: “O individualismo, em contraste com o socialismo e todas as outras formas de totalitarismo, é baseado no respeito do cristianismo pelo indivíduo e na crença de que é desejável que os homens devam seja livre

 para desenvolver seus próprios dons e inclinações individuais. ”1 Todos devem ser capazes de fazer escolhas livres de intimidação e coerção externas. O sistema de livre mercado, no qual apenas a troca voluntária e mútua é permitida, promove assim a liberdade de escolha.

A Bíblia dá grande valor à liberdade humana e às escolhas voluntárias. Deus deu a Adão e Eva uma escolha no jardim do Éden antes que houvesse pecado no mundo: “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres certamente morrerás ”(Gn 2:17). Outras passagens enfatizam a importância dessa liberdade de escolha:

> “Eu coloquei diante de vocês a vida e a morte, a bênção e a maldição. Portanto *escolha vida*, para que você e sua prole possam viver. ” (Deut. 30:19)
>
> “Escolha hoje a quem você servirá.” (Josué 24:15)
>
> O Espírito e a Noiva dizem: “Venha”. E quem ouvir diga: "Venha". E venha aquele que tem sede; que aquele que deseja tome a água da vida sem preço. (Rev. 22:17)

No Antigo Testamento, escravidão e opressão (os opostos da liberdade) são sempre vistos de forma negativa. Na verdade, os Dez Mandamentos começam com a declaração de Deus: “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da escravidão” (Êxodo 20: 2).

Mais tarde, quando o povo de Israel se voltou contra o Senhor, ele os entregou às mãos de opressores que os escravizaram e tiraram sua liberdade (ver Deuteronômio 28: 28-29, 33; Juízes 2: 16-23). A perda da liberdade era uma maldição, não uma bênção.

É por isso que uma bênção que Deus prometeu foi que viria um libertador que libertaria o povo da opressão de seus inimigos, pois ele viria “para proclamar liberdade aos cativos” (Is 61: 1).

Em toda a Bíblia, desde o início de Gênesis até o último capítulo de Apocalipse, Deus honra e protege a liberdade humana e a escolha humana. Este é um componente essencial de nossa humanidade e, em última análise, é um reflexo claro de nossa criação à imagem de Deus

[1]Friedrich A. Hayek, The Road to Serfdom (Chicago: The University of Chicago Press, 1944; repr., Washington: Heritage Foundation, 1994), 6.

(Gênesis 1:27) e nosso desejo de imitar a Deus (Ef 5: 1), que tem absoluta liberdade para fazer o que quiser, desde que seja consistente com sua própria natureza justa e santa.

A liberdade de escolha é importante para a construção de outras virtudes em uma nação, virtudes que juntas constituem o caráter de uma pessoa. Sim, quanto mais opções temos, mais oportunidades existem para escolher erroneamente. Mas ser privado de escolha não constrói caráter; escolher acertadamente entre muitas opções sim. Pontualidade, cortesia, veracidade, confiança e eficiência produtiva são fortalecidas quando seus opostos são opções. O mesmo ocorre com outras virtudes que são encorajadas e desenvolvidas em um sistema de mercado livre. Essas virtudes melhoram a qualidade das relações pessoais e aumentam o respeito pelas outras pessoas na sociedade.[255]

2. Promover a liberdade para atividades abstratas ou espirituais

Infelizmente, pessoas que não são materialmente orientadas - por exemplo, aquelas que podem querer seguir uma vida de muita contemplação ou oração pessoal, de ministério a outros ou de criatividade artística - são vistas como retardatárias nas economias estatistas planejadas pelo governo, e eles poderia ser preso ou mesmo morto por se recusar a realizar trabalhos exigidos pelo governo. Mas eles são livres para seguir essas vidas sem medo da penalidade do governo em um sistema de livre mercado.

Mark Zupan, reitor e professor de economia e políticas públicas da William E. Simon School of Business da Universidade de Rochester, observa que somente em uma ordem de propriedade privada descentralizada e pluralista os direitos inalienáveis de todos podem ser garantidos.[256] Isso inclui o direito de exercer atividades não materiais.

Robert Sirico, em seu livro pensativo Defending the Free Market, mostra como as buscas materiais e não materiais estão naturalmente interconectadas:

> A propriedade privada demonstra a interpenetração entre nossos corpos físicos e nossa capacidade de transcendência. Envolvemos a natureza com o trabalho que

[255]Mark A. Zupan, "The Virtues of Free Markets", Cato Journal 31, no. 2 (Primavera / Verão 2011): 171-94, menciona uma lista muito mais longa de virtudes morais positivas que são incentivadas pelos mercados livres: integridade, confiança, moralidade, cooperação, comportamento ético, legalidade, honrar a palavra, honrar contratos informais, gerar prosperidade, pontualidade, comportamento civil, fidelidade, relações ganha-ganha, filantropia voluntária, mentalidade cívica, bem-estar social, harmonia social, inveja e ressentimento mínimos, liberdade de escolha, opções expandidas e menos egoísmo.

[256] Ibid., 177.

> nossa razão planeja e dirige - e produzimos algo que não existia anteriormente. Não apenas outra represa de castores exatamente igual às que os castores vêm construindo há milênios, mas uma Catedral de Chartres, uma Mona Lisa ou uma lâmpada elétrica, uma vacina contra a varíola, uma revolução na agricultura que tira milhões de pessoas da extrema pobreza ou, mais modestamente, um jardim ou pomar que alimenta uma família e expressa a cuidadosa administração da terra por um determinado jardineiro.
>
> Essas coisas são possíveis porque não nos relacionamos apenas com o mundo material de maneira imediata ou temporária. A relação dos seres humanos não é apenas uma relação de consumo. É também uma questão de razão e criatividade - e é essa relação que torna possível a instituição da propriedade privada. "O direito à propriedade privada" não é meramente o controle sobre um objeto físico, como meu cachorro Teófilo pode possuir um osso. Em vez disso, o direito à propriedade está vinculado à capacidade de uma pessoa de aplicar seu intelecto à matéria e às idéias, de olhar para o futuro, de planejar e administrar o uso dessa posse. Assim como outros direitos humanos fundamentais não são criados pelo Estado, mas são possuídos em virtude da existência e da natureza de uma pessoa, também o direito à propriedade privada é mais reconhecido do que concedido pelo governo. . . .[257]

Portanto, a liberdade de usar a renda que ganhamos, a propriedade que possuímos e nosso tempo e esforço para nos concentrar em atividades abstratas e espirituais é uma vantagem moral de um sistema de mercado livre.

B. Promoção de virtudes pessoais

3. Promover a integridade pessoal e dizer a verdade

Zupan escreve que as virtudes dos mercados livres produzem uma moralidade subjacente. Ele argumenta que, devido à natureza repetida das trocas, os mercados livres criam - ou pelo menos fornecem incentivos para - integridade e outras virtudes cooperativas.[258]

Quando trocas futuras são esperadas, os indivíduos estão mais dispostos a fazer as coisas certas hoje. Os mercados livres, diz ele, devem ser elogiados por fomentar a integridade e o comportamento cooperativo por meio da promoção de intercâmbios mutuamente benéficos em andamento. Integridade, neste caso,

---

[257] Robert Sirico, Defending the Free Market: The Moral Case for a Free Economy (Washington: Regnery, 2012), 31.

[258] Zupan, "The Virtues of Free Markets", 177.

de acordo com Zupan, não se trata de bom ou mau, ou do que deveria ser ou não, mas de dizer a verdade. Você ou mantém sua palavra ou não, e usando essa definição, ele mostra que os mercados livres, em comparação com outros sistemas econômicos, promovem mais plenamente a prática da integridade e outras virtudes desejáveis.

Não é surpreendente que os mercados livres tendam a revelar a verdade, especialmente para empresas estabelecidas em uma população relativamente estável. A própria natureza das trocas voluntárias repetidas, mesmo frequentes, reforça a veracidade. (Você provavelmente não vai voltar para um dono da mercearia que mentiu para você sobre o frescor do pão ou do leite, ou um mecânico de automóveis que mentiu para você sobre um conserto que ele fez.) Mentir destrói o comércio.[259]

Os níveis avassaladores de corrupção vistos nas economias de mercado não-livre em todo o mundo se comparam desfavoravelmente com a maior honestidade das economias de mercado livre e de propriedade privada, onde ocorrem repetidas trocas. Por exemplo, a Índia ainda se classifica como "principalmente sem liberdade" no Índice de Liberdade Econômica de 2012 (54,6 pontos em 100): "Apesar do alto crescimento econômico da Índia, as bases para o desenvolvimento econômico de longo prazo permanecem frágeis na ausência de um sistema jurídico que funcione de forma eficiente estrutura. A corrupção, endêmica em toda a economia, está se tornando ainda mais séria ".[260]

O Índice de Liberdade Econômica de 2012[261] classifica "livre da corrupção" em 179 países ao redor do mundo.[262]Os países que se classificam na extremidade mais baixa da escala de isenção de corrupção (com uma pontuação horrível de 14-25 em 100) incluem muitas economias não-livres e controladas pelo governo, como Mianmar (14 em 100), Uzbequistão (16), Venezuela (20), Rússia (21), República Democrática do Congo (20) e Zimbábue (24). Em contraste, as nações com classificação mais alta em liberdade contra a corrupção são todas as economias de livre mercado, como Dinamarca (93), Nova Zelândia (93),

---

259 No entanto, nos casos em que é difícil para os consumidores obter informações adequadas para tomar uma decisão, existe um papel adequado para a regulamentação governamental (por exemplo, regulamentar as condições sanitárias nas instalações de produção de alimentos, que os consumidores não poderiam investigar pessoalmente).

260 Terry Miller, Kim R. Holmes e Edwin Feulner, eds., 2012 Index of Economic Freedom (Washington: Heritage Foundation / Nova York: The Wall Street Journal, 2012), 225.

261 Ibid., 8-12.

262 As informações sobre corrupção são derivadas principalmente do Índice de Percepção de Corrupção publicado periodicamente pela Transparency International; ver Miller, Holmes e Feulner, 2012 Index of Economic Freedom, 456-457.

Cingapura (93), Canadá (89), Holanda (88), Austrália (87), Suíça (87) e Hong Kong (84). Lá

 podem ser alguns países com mercados livres e corrupção significativa devido a vários fatores culturais ou legais, mas o padrão geral é claro: países com maior liberdade econômica tendem a ter níveis mais baixos de corrupção percebida.

4. Promovendo responsabilidade

Procedimentos de livre mercado e direitos de propriedade bem definidos também promovem a responsabilidade pelas ações de alguém. As únicas trocas que as pessoas desejam em tal sistema são aquelas de soma positiva, nas quais elas se beneficiam da troca voluntária. Quando ambas as partes descobrirem que estão em melhor situação, farão trocas repetidas porque a responsabilidade pelo produto de cada um é a norma.

A ausência de mercados livres e direitos de propriedade, por outro lado, freqüentemente incentiva a desonestidade, o roubo ou o uso da mão pesada do governo para extrair coercivamente a riqueza de seu legítimo proprietário. A redistribuição governamental torna-se um roubo legalizado, dando a outras pessoas a propriedade adquirida por direito. Quando o governo distribui favores, mais esforço é despendido na redistribuição da riqueza do que na sua produção, e as soluções políticas (força) expulsam as de mercado (resolução pacífica). Quando as pessoas são responsabilizadas pelas interações pessoais voluntárias do mercado livre, normalmente são mais responsáveis.

5. Promover o sucesso conquistado

Como mencionamos no capítulo 2, pesquisas recentes confirmaram o que muitas pessoas já sabiam por experiência e instinto: o principal fator econômico para fazer as pessoas felizes não é o dinheiro, mas o "sucesso conquistado" (ver 74-75). Este é o termo usado pelo presidente do American Enterprise Institute, Arthur C. Brooks, para descrever a alegria e a satisfação que vêm de ter uma responsabilidade específica e, então, de fazer um bom trabalho para cumprir essa responsabilidade. Brooks escreve: "O segredo do florescimento humano não é o dinheiro, mas o sucesso obtido na vida." 10

Incluímos a oportunidade de obter "sucesso conquistado" como uma questão moral porque é consistente com o ensino da Bíblia sobre a responsabilidade dos seres humanos de trabalhar e ser produtivos. Mesmo antes

[10] Arthur C. Brooks, The Battle: How the Fight between Free Enterprise and Big Government Will Shape's America's
Futuro (Nova York: Basic Books, 2010), 71.

havia pecado no mundo, Deus colocou Adão no jardim do Éden "para cultivá-lo e guardá-lo" (Gn 2:15), demonstrando assim a bondade moral do trabalho produtivo e sua necessidade de cumprir o propósito de Deus para nós aqui em terra. Mais tarde, no Antigo Testamento, o livro de Eclesiastes fala muitas vezes sobre a alegria no trabalho, como nesta passagem:

> Não há nada melhor para uma pessoa do que comer e beber e se divertir em seu trabalho. Também isto, eu vi, vem das mãos de Deus, pois além daquele que pode comer ou quem pode ter prazer? (Ecl. 2: 24-25).

No Novo Testamento, Paulo disse à igreja de Tessalônica: "Com labuta e trabalho trabalhamos noite e dia", e isso era "para vos dar em nós mesmos um exemplo a imitar" (2 Tes. 3: 8-9). Em seguida, acrescentou: "Se alguém não quiser trabalhar, não coma" (v. 10; ver também 1 Tes. 4: 11-12; Êx. 20: 9).

Portanto, a Bíblia vê o trabalho produtivo como moralmente bom, e até mesmo ordena que os cristãos devem "trabalhar de coração para o Senhor, e não para os homens" (Colossenses 3:23, ensinando que a maior motivação de uma pessoa para fazer um bom trabalho é agradar a Deus)

Quando esse ponto de vista é afirmado por uma sociedade, trabalhar em um emprego regular é visto como uma fonte legítima de realização e dignidade pessoal. Além disso, a cultura em geral pressupõe que pessoas honradas se esforçarão para se tornar trabalhadores diligentes, fiéis e alegres, e farão um pouco mais do que o necessário, porque consideram o trabalho produtivo um bem moral. Outro motivo para esperar um trabalho fiel e diligente surge quando as pessoas realmente acreditam que Deus ficará satisfeito se se empenharem pela excelência em seu trabalho. Uma sociedade que oferece maiores oportunidades de alcançar esse sentimento de "sucesso conquistado", portanto, tem uma vantagem moral.

Johan Norberg, em seu livro In Defense of Global Capitalism, enfatizou esta vantagem de um sistema de livre mercado:

> O crescimento da prosperidade mundial não é um "milagre" ou qualquer um dos outros termos mistificadores que costumamos aplicar aos países que tiveram sucesso econômica e socialmente. Escolas não são construídas, nem são geradas rendas, por pura sorte, como um raio vindo do azul. Essas coisas acontecem quando as pessoas começam a pensar em novas linhas e trabalham duro para concretizar suas ideias. Mas as pessoas fazem isso em todos os lugares, e há

> não há razão para que certas pessoas em certos lugares durante certos períodos da história sejam intrinsecamente mais inteligentes ou mais capazes do que outras. O que faz a diferença é se o ambiente permite e incentiva ideias e trabalho ou, em vez disso, coloca obstáculos em seu caminho. Isso depende se as pessoas são livres para explorar seu caminho à frente, possuir propriedades, investir a longo prazo, concluir acordos privados e negociar com terceiros. Em suma, depende se os países têm capitalismo ou não.11

Portanto, outra vantagem moral de um sistema de mercado livre é que ele permite a todos a liberdade de experimentar várias idéias e ocupações, com a maioria acabando acabando em um trabalho que desempenham bem. Isso contrasta com uma economia coletivista controlada pelo Estado que atribui empregos, regula salários e reprime a iniciativa individual. Permitir a liberdade de escolha ocupacional individual também proporciona uma maior sensação de sucesso conquistado, o que é um grande fator na satisfação humana com a vida.

Uma consideração relacionada é que um mercado livre incentiva o bom trabalho ao permitir que as pessoas se orgulhem da qualidade de seu trabalho, em vez de apenas cumprir uma cota atribuída pelo governo para o número de unidades produzidas. Um mercado livre promove e recompensa a satisfação em um trabalho bem feito.

6. Moderar o egoísmo e a ganância e usá-los para o bem

Embora alguns digam que os mercados livres promovem o egoísmo e a ganância, achamos que outra perspectiva sobre essa questão é útil. Por causa da maneira como os mercados livres funcionam, eles também exercem uma força moderadora sobre a ganância, se não em todos, pelo menos em muitas pessoas bem-sucedidas. (Discutiremos a diferença entre a ganância, que é errada, e o interesse próprio comum, que muitas vezes é moralmente certo, em uma seção posterior: ver 208-9.)

Onde quer que um sistema de livre mercado (sob o império da lei) possa funcionar, a vida, a saúde, a liberdade e a prosperidade são melhoradas porque inúmeros indivíduos parecem ser capazes de pegar uma ideia, agir sobre ela e começar a produzir algo (talvez começando um pequeno negócio). As ideias que têm mais sucesso são aquelas que melhor atendem às necessidades

[11] Johan Norberg, In Defense of Global Capitalism (Washington: Cato Institute, 2003), 64, ênfase adicionada. O que Norberg chama de "capitalismo" é semelhante ao que estamos chamando de "sistema de mercado livre" (veja nosso
discussão acima, 136-38).

de outros. Portanto, empresários de sucesso geralmente são aqueles que, ao longo da vida, se acostumaram habitualmente a reconhecer e atender às necessidades e desejos dos outros.

O egoísmo míope, na verdade, impossibilita o florescimento de uma empresa. Para desenvolver um negócio bem-sucedido, os indivíduos devem renunciar aos gastos presentes consigo mesmos, poupando, exercendo autocontrole e investindo com sabedoria. Sem poupança e sem formação de capital, o negócio não cresce.

Não pretendemos que o livre mercado elimine o egoísmo humano. Mas um sistema de livre mercado pode canalizar o egoísmo para atividades de trabalho e investimento que realmente trazem bem para outras pessoas. Assim, o egoísmo míope inicial de alguém pode ser modificado com o tempo para um interesse próprio esclarecido de longo prazo e, portanto, é voltado para fins benéficos para a sociedade. Quanto àqueles que não são gananciosos e egoístas, mas simplesmente querem trabalhar e investir por causa do interesse próprio saudável e normal (não ganância) e um desejo adequado de sustentar suas famílias, o mercado livre também canaliza seu trabalho em uma direção produtiva .

Finalmente, mesmo para aquelas pessoas que não pensam em ganhar dinheiro e cujo único propósito é apenas servir aos outros por meio de invenções novas e úteis (como aplicativos para smartphones), o mercado livre muitas vezes oferece uma recompensa financeira que libera mais de seu tempo e permite que eles continuem inventando e criando.

Novamente, repetimos que o livre mercado não livrará o mundo do egoísmo, da ganância ou de outros defeitos da natureza humana. Mas o funcionamento real de um sistema de livre mercado modera e direciona essas tendências em uma direção socialmente benéfica mais do que qualquer outro sistema econômico.

7. Promover o uso racional do meio ambiente

Uma sociedade de livre mercado com uma combinação de propriedade privada da maioria das terras e recursos, e propriedade pública de alguns parques nacionais e estaduais designados, parece mais adequada para a preservação dos recursos e uso racional do meio ambiente. Discutimos isso mais detalhadamente no capítulo 7, onde observamos que uma sociedade produtiva deve proteger o meio ambiente da destruição (ver 250-52), e no capítulo 8, onde observamos que o governo também deve proteger a capacidade das pessoas de usar os recursos da terra com sabedoria (veja 280-84). Em contraste, socialista

as sociedades costumam ser as mais destrutivas para o meio ambiente (ver 250-52).

8. Restringir o materialismo e promover a caridade pessoal

É estranho que as pessoas que favorecem as economias controladas pelo Estado critiquem as economias de livre mercado como materialistas. São os países socialistas que colocam quase toda sua ênfase econômica na produção de bens materiais, enquanto as economias de livre mercado apoiam voluntariamente centenas de milhares de organizações e pessoas que vestem os nus e alimentam os famintos. Muitas pessoas trabalham como pastores, membros da equipe da igreja, missionários ou funcionários de organizações de caridade sem fins lucrativos.

Caridade para os pobres, doações educacionais, doações para pesquisas médicas e outros tipos de doações privadas tiveram um crescimento significativo nos últimos duzentos e cinquenta anos, durante o período mais explosivo da economia de mercado. Isto é porque:

> O capitalismo honra e promove a caridade e a virtude. A verdadeira caridade não pode ser obrigada. Universidades, hospitais, agências sociais são mais satisfatórios e mais divertidos quando derivam de apoio voluntário. Dinheiro tomado à força e concedido por fórmula não é um presente. . . . O capitalismo honra a liberdade e a dignidade de cada pessoa. . . . Ele é considerado um cidadão livre sob Deus e sob a lei - capaz de fazer suas próprias escolhas.12

Em contraste, o socialismo desencoraja e (pelo excessivo confisco governamental do dinheiro das pessoas) torna mais difícil quaisquer contribuições individuais para causas de caridade. Cada vez mais, toda a energia da sociedade é forçada a se concentrar na produção material sob a direção do Estado.

Desse modo, o socialismo não é apenas mais materialista do que um sistema de livre mercado, mas também tem uma influência moral geralmente prejudicial. Claire Berlinski, em seu importante livro sobre Margaret Thatcher, resumiu a visão de Thatcher de que as economias controladas pelo Estado uniformemente exercem uma influência moral corruptora sobre seu povo:

[12] Perry E. Gresham, "Think Twice Before You Disparage Capitalism", em The Freeman 27: 3 (março de 1977), acessado em 5 de outubro de 2012, http://www.thefreemanonline.org/features/think-twice-before-you-disparage-capitalismo/.

> Em todas as suas encarnações, onde e como fosse aplicado - [o socialismo] era moralmente corruptor. [Ele] transformou bons cidadãos em maus; transformou nações fortes em fracas; promoveu o vício e desencorajou a virtude; e . . . transformou homens e mulheres antes trabalhadores e autossuficientes em mocassins queixosos, fracos e flácidos. O socialismo não era uma boa ideia mal aplicada; era uma ideia inerentemente perversa. Esta foi a única contribuição de Thatcher para o debate. Foi um ponto que ela enfatizou repetidas vezes: "No final, o verdadeiro caso contra o socialismo não é sua ineficiência econômica, embora haja evidências disso em todos os lados. Muito mais fundamental é sua imoralidade básica. " . . .
>
> Para um mundo ocidental preocupado com a culpa, declínio e decadência, a mensagem de Thatcher tem uma ressonância particularmente significativa. Não é segredo que muitos de nós ainda nos perguntamos se o capitalismo é o caminho certo. É o único caminho certo, diz Thatcher, e o único que os homens e mulheres virtuosos - não a ganância, mas a virtude - devem seguir.[263]

C. Promoção de virtudes interpessoais

Em certo sentido, as vantagens listadas nesta categoria poderiam ser incluídas com as "virtudes pessoais" listadas na seção anterior. Mas achamos útil ter essa categoria separada de virtudes que tem mais efeito sobre as outras pessoas do que sobre nós mesmos.[264]

9. Atendendo às necessidades dos outros

Muitos estudiosos nos lembram que um mercado livre competitivo foi o primeiro sistema social na história da humanidade a direcionar o desejo do homem para o fornecimento pacífico de maiores quantidades de bens e serviços para seus semelhantes.[265]Hayek explicou claramente a eficácia do mercado livre em seu livro de 1944, The Road to Serfdom. Outros bons livros se seguiram, mas o livro de Milton Friedman, Capitalism and Freedom, de 1962, produziu um

---

[263] Claire Berlinski, There Is No Alternative: Why Margaret Thatcher Matters (Nova York: Basic Books, 2008), 7-8, 13. Vimos pela primeira vez esta declaração sobre Thatcher em Dennis Prager, Still the Best Hope (Nova York: HarperCollins, 2012), 417.

[264] Há alguma sobreposição entre as categorias porque as virtudes pessoais também influenciam outras pessoas, e as virtudes interpessoais fluem do próprio caráter de uma pessoa. É uma distinção de ênfase, não uma distinção absoluta, e quais virtudes vão em que lista não faz diferença para nosso argumento.

[265] Ver, por exemplo, Robert Axelrod, The Evolution of Cooperation (Nova York: Basic Books, 1984); JR Clark e Dwight R. Lee, "Markets and Morality", Cato Journal 31, no. 2 (inverno de 2011); Milton Friedman, Capitalism and Freedom: A Leading Economist's View on the Proper Role of Competitive Capitalism (Chicago: University of Chicago Press, 1962); Charles A. Murray, Em Busca da Felicidade e Bom Governo (Nova York: Simon e Schuster, 1989); Matt Ridley, The Rational Optimist: How Prosperity Evolves (Nova York: Harper Collins, 2010).

Capítulo 6: As Vantagens Morais do Sistema 199 uma verdadeira enxurrada de livros acadêmicos, ensaios e outros materiais sobre as implicações benéficas dos mercados livres. Frank Knight, Henry Simons, James Buchanan, Gordon Tullock, George Stigler, Yale Brozen, Harold Demsetz, Murray Weidenbaum, Thomas Sowell e George Gilder são apenas alguns dos que contribuíram para compreender e instituir a ordem do mercado livre. A maioria menciona que a classe trabalhadora e os pobres são seus principais beneficiários, pois, geração após geração, os pobres aproveitam as oportunidades disponíveis em um sistema de livre mercado para sair da pobreza.

10. Priorizando os desejos dos outros

Oferecer aos clientes os produtos que eles desejam a preços mais baixos naturalmente torna o negócio mais lucrativo. A maioria das empresas responde ao consumidor porque reconhece que, em termos de determinação das vendas de produtos, o consumidor reina. A IBM declarou este ponto de vista em um anúncio de 2012 intitulado "Bem-vindo à Era do Cliente Executivo-Chefe":

> Em um planeta mais inteligente, vimos como a análise preditiva pode ajudar a transformar tudo, desde como lutamos contra o crime até como melhoramos coisas como saúde, segurança alimentar e redes de serviços públicos. . . . A proliferação de novos dispositivos móveis. . . [está nos ajudando] a entender [os consumidores] não apenas como segmentos ou alvos, mas como indivíduos reais. E essas pessoas esperam mais das marcas com as quais fazem negócios - não apenas serviço, mas serviço hiperpersonalizado. . . que pode dar aos clientes o que eles desejam, quando desejam.[266]

Por sua própria natureza, a concorrência leva uma empresa a melhorar tudo o que puder para satisfazer um cliente. Jay W. Richards afirma corretamente: "A lógica da competição em um mercado não é destruir inimigos. Trata-se de servir os consumidores melhor do que seus concorrentes. "[267]

A alternativa para atender aos desejos de outras pessoas por meio da troca voluntária é tentar controlar suas vidas por meio do uso da força,

---

[266] Anúncio da IBM, "Bem-vindo à Era do Cliente Executivo-Chefe", no The Wall Street Journal, 6 de junho de 2012, A16.

[267] Jay W. Richards, Money, Greed, and God: Why Capitalism Is the Solution and Not the Problem (New York: HarperOne, 2009), 81.

governo, invariavelmente produzindo padrões de vida mais baixos e a subjugação de muitos por poucos privilegiados.

11. Tratar os outros com humanidade

A moralidade e a justiça do sistema de livre mercado não podem ser totalmente apreciadas até que suas alternativas sejam observadas e avaliadas. O economista britânico Arthur Shenfield nos lembra: "É um fato histórico claro que o tratamento do homem pelo homem se tornou visivelmente mais humano lado a lado com a ascensão do capitalismo".[268]

O autor britânico Matt Ridley escreve de forma semelhante:

> A crueldade inimaginável era comum no mundo pré-comercial: a execução era um esporte para espectadores, a mutilação uma punição rotineira, o sacrifício humano uma tragédia fútil e a tortura de animais um entretenimento popular. O século XIX, quando o capitalismo industrial atraiu tantas pessoas à dependência do mercado, foi uma época em que a escravidão, o trabalho infantil e os passatempos como arremesso de raposa e briga de galo tornaram-se inaceitáveis. O final do século XX, quando a vida se tornou ainda mais comercializada, foi uma época em que o racismo, o sexismo e o abuso sexual de crianças se tornaram inaceitáveis. Nesse meio tempo, quando o capitalismo deu lugar a várias formas de totalitarismo dirigido pelo Estado e seus pálidos imitadores, tais virtudes foram perceptíveis por seu recuo - enquanto a fé e a coragem reviviam.[269]

E quanto à violência? Países com experiência considerável com mercados livres e comercialização também descobriram que "a violência aleatória chega ao noticiário precisamente porque é muito rara; a gentileza rotineira não é notícia precisamente porque é muito comum. "[270]

12. Ajudando verdadeiramente os pobres

Visto que os sistemas de livre mercado são economicamente os mais produtivos, eles também são os sistemas que trazem a ajuda mais genuína e de longo prazo aos pobres. Outros sistemas econômicos podem ter programas de bem-estar de curto prazo para os pobres, mas o melhor tipo de ajuda não é o bem-estar, mas empregos produtivos e duradouros nos quais os pobres podem se sustentar e

---

268 Arthur Shenfield, "Capitalismo sob os testes de ética", Imprimis 10, no. 12 (dezembro de 1981): 4.
269 Ridley, The Rational Optimist, 104.
270 Ibid.

começar a sair da pobreza.

Por exemplo, 98 por cento das pessoas mais pobres dos Estados Unidos (os 20 por cento mais pobres dos que ganhavam) em 1975 mudaram para faixas de renda mais altas em 1991. Entre aqueles que estavam nos 20 por cento mais pobres dos Estados Unidos, 78 por cento haviam mudado para colchetes mais altos.[271] (Discutimos essa mobilidade de renda com mais detalhes em 297-300.) Em uma economia produtiva e em crescimento, há empregos disponíveis e muitas pessoas pobres são capazes não apenas de começar a se sustentar e progredir economicamente, mas também de ter a satisfação de conseguir um emprego e se sair bem, a felicidade que vem do "sucesso conquistado".

Qualquer que seja o nível de preocupação com os pobres por parte dos indivíduos que vivem em sistemas econômicos diferentes, o mercado livre ainda parece ser a forma mais humana que a humanidade encontrou para lidar com os problemas econômicos da escassez. Sempre que as barreiras ao exercício da livre escolha pessoal são removidas e as liberdades econômicas são concedidas, a prosperidade começa a ocorrer. Quando mais bens são produzidos e mais empregos disponíveis, pessoas em todos os níveis da sociedade, desde ricos até pobres, são ajudadas. Também é importante observar que muito poucas pessoas passam fome nesse sistema.

13. Promover "virtudes menores", como pontualidade, cortesia, organização e um trabalho bem executado

Os extensos estudos de Lawrence Harrison sobre culturas propensas ao progresso (aquelas que têm maior desenvolvimento econômico) e culturas resistentes ao progresso (aquelas que são mais pobres) mostraram que as culturas produtivas e propensas ao progresso tendem a dar maior valor ao que ele chama de "menor virtudes ":" Trabalho bem executado, arrumação, cortesia, pontualidade. "[272]

Isso faz sentido, uma vez que entendemos que os mercados livres dependem de trocas voluntárias. Se eu tivesse uma pequena empresa de encanamento e quisesse que um cliente me contratasse mais de uma vez, ficaria motivado para fazer meu melhor trabalho ("um trabalho bem feito"), para deixar a pia fixa da cozinha do cliente arrumada e limpa ("arrumação"), tratá-lo com polidez e respeito ("cortesia"), e aparecer em sua casa quando eu disser que faria ("pontualidade"). Eu também gostaria que os encanadores que trabalham para

---

[271] "Income Mobility 1975-91", em Stephen Moore e Julian Simon, *Está cada vez melhor: as maiores tendências dos últimos 100 anos* (Washington: Cato Institute, 2000), 79.

[272] Lawrence E. Harrison, *A verdade liberal central: como a política pode mudar uma cultura e salvá-la de si mesma* (Oxford: Oxford University Press, 2006), 36.

mim mostrassem os mesmos padrões elevados.

Harrison é perspicaz quando chama essas "virtudes menores". Eles não chegam ao nível de abster-se de assassinar, roubar ou cometer adultério, por exemplo, nem negligenciar um deles é uma ofensa criminal, mas eles ainda são importantes. Eles refletem a maneira como gostaríamos que os outros nos tratassem, então refletem a Regra de Ouro: "Tudo o que você deseja que outros façam a você, faça também a eles, porque esta é a Lei e os Profetas" (Mt 7:12) Essas virtudes mostram uma preocupação genuína com os interesses dos outros, portanto, são uma forma de obedecer à ordem de Jesus: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22:39). Um sistema de livre mercado incentiva essas virtudes.

Além dessas virtudes específicas, os mercados livres tendem a reforçar hábitos gerais de respeito pelas convicções e preferências dos outros. Uma das grandes vantagens de um sistema social caracterizado pela cooperação por meio de trocas mutuamente benéficas é que as liberdades do sistema fornecem a oportunidade e o escopo para simpatia, beneficência, compartilhamento e até tolerância de pessoas com quem temos grandes divergências. Na verdade, é muito mais provável que os sentimentos de amizade e cooperação sejam os efeitos de um sistema de cooperação social contratual, e não a causa. Visto que cada indivíduo é único, é difícil para qualquer um saber o que leva ou não à realização do outro. O mercado livre tende a favorecer aqueles que respeitam a santidade da liberdade de escolha de outras pessoas.

D. Promoção de virtudes sociais

14. Promover uma sociedade pacífica e harmoniosa

A harmonia social que resulta de uma ordem de mercado deve ser de grande interesse para aqueles que se preocupam com questões morais. Dinesh D'Souza oferece a cidade de Nova York como exemplo:

> Vemos a evidência em Nova York, que apresenta uma visão incrível para o mundo. As batalhas tribais e religiosas, como as que vemos no Líbano, Mogadíscio, Caxemira e Belfast, não acontecem aqui. Em restaurantes de Nova York, secretárias brancas e afro-americanas almoçam juntas.

> Em Silicon Alley, americanos de ascendência judia e palestina colaboram em soluções de comércio eletrônico e jogam raquetebol depois do trabalho. Hindus e muçulmanos, sérvios e croatas, turcos e armênios, irlandeses católicos e protestantes britânicos, todos parecem ter esquecido suas diferenças ancestrais e se juntado ao vasto e variado desfile dos nova-iorquinos.23

Adam Smith foi um dos primeiros a ver como o mercado livre impessoal e não discriminatório parecia proteger a todos. Edward Coleson escreve:

> Smith descobriu, para seu espanto, que o verdadeiro autointeresse de longo prazo de cada indivíduo era compatível com o bem-estar de todos os outros, que o que era bom para um era melhor para todos. . . . Como disse Smith, o empresário ao buscar seu próprio interesse é "conduzido por uma mão invisível" para promover o bem-estar geral, "um fim que não fazia parte de sua intenção". . . . O que é bom para o agricultor é bom para o consumidor, o que é bom para o trabalho é bom para a gestão, o que é bom para a Rússia, China Vermelha, Cuba e outros vizinhos mais amigáveis é bom para os Estados Unidos e vice-versa.24

But isn't the free market competitive and overly ambitious? Yes, the free market does encourage strong competition. But, remarkably, it also encourages strong cooperation and social harmony.

It is enlightening to contrast the differences between market solutions and political solutions concerning two potentially contentious issues. P. J. Hill, professor emeritus of economics at Wheaton College and senior fellow at the Property and Environment Research Center (PERC) in Bozeman, Montana, explains why arguments over creationism versus evolution are so heated, but not arguments over meat-eating versus vegetarianism:

> Sempre houve conflitos sobre o ensino das origens da humanidade. Os conselhos escolares, que devem tomar decisões coletivas, geralmente têm que decidir ensinar que os seres humanos foram criados ou que evoluíram. Essas decisões são repletas de conflitos. Pessoas que discordam de uma decisão do conselho marcham, escrevem cartas para o jornal, fazem lobby, contratam advogados e, em geral, ficam bastante cansadas. Isso é quase inevitável quando questões altamente emocionais estão envolvidas, uma vez que qualquer decisão coletiva (política), incluindo uma tomada por maioria de votos, provavelmente será contrária aos desejos da minoria. Assim, os tomadores de decisão estão em uma

[23] Dinesh D'Souza, What's So Great About America (Nova York: Penguin, 2002), 93.
[24] Edward Coleson, "Capitalism and Morality", em The Morality of Capitalism, ed. Mark W. Hendrickson (Irving-on-Hudson, NY: Foundation for Economic Education, 1996), 20.

situação sem saída. Se o conselho permitir que o criacionismo seja ensinado, os evolucionistas ficarão irados. Se eles decidirem ensinar evolução, os criacionistas ficarão indignados.

Em contraste, considere a decisão de ser vegetariano ou carnívoro. Existem indivíduos que pensam tão fortemente sobre essas questões quanto aqueles envolvidos no debate sobre as origens da humanidade. No entanto, há poucas chances de que uma decisão sobre dieta gere controvérsia pública. A dieta alimentar não é determinada por um processo de tomada de decisão coletiva. A questão é: deixe-o no mercado do setor privado e as pessoas interagirão pacificamente sobre ele. A pessoa que acredita que evitar carne é mais saudável ou moralmente correto pode seguir essa dieta sem discutir com o comedor de carne. Os defensores de uma dieta à base de carne podem encontrar produtores e donos de mercearias ansiosos para satisfazer seus desejos. Na verdade, vegetarianos e comedores de carne podem fazer compras nas mesmas lojas, empurrando seus carrinhos uns contra os outros sem conflito.

A harmonia social que resulta de uma ordem de mercado deve ser de grande interesse para aqueles que se preocupam com questões morais. Pessoas de culturas, valores e visões de mundo muito diferentes podem viver juntas sem rancor sob um sistema de direitos e mercados privados. Uma ordem de mercado requer apenas um acordo mínimo sobre objetivos pessoais ou estados finais sociais.25

Sociedades pacíficas, justas, responsáveis e harmoniosas, todas decorrentes dos direitos de propriedade e de um sistema de livre mercado sob a lei? Notável.

Aqui está mais uma história sobre a eficácia dos direitos de propriedade - neste caso, entre crianças. Você já viu duas crianças brigando por causa de um brinquedo? Essas disputas eram comuns na casa de Katherine Hussman Klemp. Mas no Guia dos pais da Vila Sésamo, ela conta como criou a paz entre seus oito filhos ao atribuir direitos de propriedade aos brinquedos.

Quando era uma jovem mãe, Klemp costumava trazer jogos e brinquedos para casa nas vendas de garagem. “Raramente combinei um item em particular com um

[25] PJ Hill, "Markets and Morality", em Hendrickson, The Morality of Capitalism, 97.

 grande criança ", diz ela. "Após reflexão, pude ver como a imprecisão da propriedade facilmente levou a discussões. Se tudo pertencesse a todos, então cada criança sentia que tinha o direito de usar qualquer coisa. "

Para resolver o problema, Klemp introduziu duas regras simples. Primeiro, ela nunca traria nada para a casa sem atribuir a propriedade clara a um filho. O proprietário teria autoridade final sobre o uso da propriedade. Em segundo lugar, o proprietário não seria obrigado a compartilhar. Antes que as regras estivessem em vigor, Klemp lembra: "Eu suspeitava que grande parte do drama geralmente se concentrava menos em quem ficava com o item em disputa e mais em quem a mamãe ficaria do lado". Agora, os direitos de propriedade, não os pais, resolveriam as discussões.

Em vez de ensinar o egoísmo, a introdução dos direitos de propriedade na verdade promoveu o compartilhamento. As crianças estavam seguras de sua propriedade e sabiam que sempre poderiam receber seus brinquedos de volta. Klemp acrescenta: "'Compartilhar' aumenta sua auto-estima para se verem como pessoas generosas."

Seus filhos não apenas valorizam seus próprios direitos de propriedade, mas também respeitam a propriedade de outras pessoas. "Raramente nossos filhos usam as coisas uns dos outros sem pedir primeiro, e eles respeitam um 'Não' quando recebem um. Melhor de tudo, quando alguém que tem todo o direito de dizer 'Não' a um pedido diz 'Sim', o mutuário vê o presente como ele é e diz 'Obrigado' com mais frequência do que não ", diz Klemp.26

Visto que os direitos de propriedade privada são direitos humanos, toda pessoa tem o direito de usar sua propriedade ou trocá-la. Qualquer restrição à propriedade privada aumenta a probabilidade de desacordo. Os direitos de propriedade privada não apenas protegem a liberdade individual, mas como os exemplos do Dr. Hill e da Sra. Klemp apontam, todos os humanos, jovens ou velhos, se beneficiam quando todos sabem quem possui o quê, e a propriedade pública e as decisões coletivas são minimizadas. A história econômica também mostra que, sem direitos de propriedade, os direitos humanos se deterioram e muitas vezes são perdidos. A perda da liberdade econômica afeta seriamente todos os outros direitos que os indivíduos desejam.

15. Promover uma sociedade justa

"Outra razão pela qual um sistema baseado em direitos de propriedade privada

[26] Janet Beales Kaidantzis, "Property Rights for 'Sesame Street'", resumido de The Sesame Street *Guia dos pais*, em The Concise Encyclopedia of Economics (Indianapolis: Liberty Fund, 2008), 424.

incentiva a harmonia social", diz Hill, "é que responsabiliza as pessoas por

[26] Janet Beales Kaidantzis, "Property Rights for 'Sesame Street'", resumido de The Sesame Street *Guia dos pais*, em The Concise Encyclopedia of Economics (Indianapolis: Liberty Fund, 2008), 424.

o que eles fazem aos outros. Sob um regime de propriedade privada, uma pessoa que fere a outra ou danifica a propriedade de outra é responsável pelos danos e os tribunais executam sua responsabilidade. O mero conhecimento de que o dano deve ser pago leva as pessoas a agirem com cuidado e responsabilidade. Quando as pessoas são responsáveis por suas ações, a liberdade individual pode ser permitida. "27 Essa ideia é consistente com o que mencionamos anteriormente sobre um sistema de livre mercado que exige o estado de direito a fim de restringir e punir as transgressões que prejudicam outras pessoas (ver 134 -35).

Essa consciência de responsabilidade é consistente com a proteção da propriedade privada encontrada na Bíblia. Pessoas que danificaram a propriedade de terceiros, seja tirando algo de um vizinho ou permitindo que um animal a devastasse ou uma fogueira para queimar os grãos de um vizinho, tinham que pagar ao vizinho e, se o dano fosse intencional, tinham que pagar um adicional penalidade (Ex. 22: 1-6). Esse respeito pela propriedade dos outros reflete a consciência do valor igual de cada pessoa perante Deus, com base na criação igual à imagem de Deus (Gênesis 1: 26-27; 9: 6; Tiago 3: 9).

16. Promover uma sociedade produtiva

Se os sistemas de livre mercado resultam em maior produtividade econômica para as nações, isso também deve ser visto como uma vantagem moral. As sociedades produtivas não apenas têm mais recursos para ajudar os pobres, mas também têm mais recursos para o benefício de todos nessas sociedades.

Alguém pode objetar que já temos bens materiais suficientes. Por que devemos nos esforçar continuamente para produzir mais? Não é um tipo errado de materialismo? Respondemos a esta objeção abaixo, na seção “Objeção: não precisamos de mais 'coisas'” (215-21). A resposta curta é esta: não precisamos de mais “coisas” para sobreviver, mas precisamos delas para o florescimento humano, que é a intenção de Deus para nós na terra.

O aumento da riqueza é um acréscimo líquido ao PIB de um país e, portanto, ao bem-estar econômico dessa sociedade. A virtude moral de um sistema econômico de maior produtividade certamente deve ser comparada à pobreza, fome e degradação de um sistema que não produz.

[27] Hill, "Markets and Morality", em Hendrickson, The Morality of Capitalism, 98, citando "Markets and Morality ", em The Freeman, 39, no. 2 (fevereiro de 1989).

E. Objeções morais

1. Objeção: mercados livres não funcionam

À luz da notável produtividade das economias de livre mercado nos últimos dois séculos, é um tanto surpreendente para nós que as pessoas ainda levantem a objeção de que os mercados livres não funcionam. Por exemplo, até o presidente Barack Obama, em um discurso no Kansas em 6 de dezembro de 2011, disse:

> O mercado vai cuidar de tudo, dizem. . . . Mas aqui está o problema: não funciona. Isso nunca funcionou. Não funcionou quando foi tentado na década anterior à Grande Depressão. Não foi isso que levou aos incríveis booms do pós-guerra dos anos 50 e 60. E não funcionou quando tentamos durante a última década. Quer dizer, entenda, não é como se não tivéssemos tentado essa teoria.[28]

Nós discordamos. Nem o presidente dos Estados Unidos, o presidente da Venezuela, um brilhante produtor de cinema como Steven Spielberg, nem qualquer um dos milhares de críticos do mercado livre antes ou depois do colapso financeiro de 2008 propuseram um sistema mais decente, moral e edificante . Comparado à perfeição, o mercado livre é fácil de criticar. Utopia é sempre uma ideia melhor. Mas, em comparação com qualquer exemplo do mundo real já experimentado no passado, suas virtudes de maior produtividade econômica, de tirar as massas da pobreza, de promover comportamento virtuoso e de frequente benevolência pessoal são insuperáveis.

Por outro lado, somos lembrados do fato histórico de que outros sistemas além da liberdade econômica atropelam a liberdade, geram regimes políticos totalitários e zombam da eficiência econômica. Apesar da evidência de que o socialismo, em todas as suas manifestações, leva à intervenção do governo em ações privadas e muitas vezes à ditadura implacável, a esperança de um estado de bem-estar ou uma "terceira via" continua viva. As suspeitas do presidente Obama sobre os mercados livres não são novas, mas devem ser contestadas. Se a pobreza deve ser superada e a preciosidade dos seres humanos que vivem como agentes morais livres, o sistema de livre mercado que agora está sendo experimentado com sucesso por países em todos os continentes precisa ser moralmente defendido.

[28]James R. Oheson, "An Audacious Promise: The Moral Case for Capitalism," Manhattan Institute, no. 12 (Maio de 2012), 1.

2. Objeção: mercados livres dependem da ganância

Muitas vezes ouvimos as pessoas objetarem que os sistemas econômicos de livre mercado são "baseados na ganância". Duvidamos que aqueles que fazem tal objeção tenham pensado seriamente neste assunto, porque eles não conseguem fazer uma distinção crucial entre "ganância" e o eu comum interesse. É verdade que, em um mercado ordenado, é melhor as pessoas apelarem para o interesse próprio de outra pessoa do que para a bondade dessa pessoa, mas isso não é necessariamente uma coisa ruim. Smith disse assim: “Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas de sua consideração pelos seus próprios interesses”.[273]

Richards explica o interesse próprio da seguinte forma:

> Cada vez que você respira, lava as mãos, ingere fibras, toma vitaminas, chega no trabalho, olha para os dois lados antes de atravessar a rua, deita na cama, toma banho, paga suas contas, vai ao médico, caça para pechinchas, leia um livro e ore pelo perdão de Deus, você está buscando seu próprio interesse. . . . Na verdade, o interesse próprio adequado é a base da Regra de Ouro. . . . "Em tudo, faça aos outros o que você gostaria que fizessem a você."[274]

O economista britânico Brian Griffiths escreve de forma perspicaz:

> Do ponto de vista cristão, portanto, o interesse próprio é uma característica do homem criado à imagem de Deus, dono de uma vontade e de uma mente, capaz de tomar decisões e responsável por elas. Não é uma consequência da Queda. O egoísmo é a consequência da Queda e é a distorção do interesse próprio quando o objetivo principal de nossas vidas não é o serviço a Deus, mas a satisfação de nosso próprio ego.[275]

Observe que o interesse próprio e a ganância não são a mesma coisa. O interesse próprio é inevitável. O interesse próprio pode até levar alguém a dar generosamente para as necessidades dos outros, porque dar traz consigo sua própria recompensa - Jesus disse: “Mais bem-aventurado é dar do que receber” (Atos 20:35).

A ganância, por outro lado, é egoísmo excessivo. Está faltando

---

273 Adam Smith, An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations, ed. Edwin Cannan (1776; repr., New York: Modern Library, 1994), 15.

274 Richards, Money, Greed, and God, 121. Darrow L. Miller e Stan Guthrie, Discipling Nations: The Power of Truth to Transform Cultures (Seattle: YWAM, 1998), 253-54, também distinguem corretamente o interesse próprio (que é bíblico) da ganância injusta (que não é).

275 Brian Griffiths, The Creation of Wealth (Londres: Hodder and Stoughton, 1984), 69.

 mais do que você legitimamente merece ou deixando de cuidar das necessidades dos outros, assim como de você mesmo. Mas a ganância não pode ser evitada pelas leis humanas, pois é uma atitude interna. Ele só pode ser reduzido com uma mudança de coração vinda de dentro da pessoa.

Quando a ganância se manifesta por meio de violações dos direitos de terceiros, é mais provável que um sistema de livre mercado limite seus efeitos prejudiciais por meio das reações dos consumidores (que logo se recusarão a comprar de um comerciante que percebam ser ganancioso) e por meio das proteções fornecidos pelo estado de direito e proteções legais dos direitos dos outros.

Algum sistema econômico já eliminou a ganância de todas as pessoas em uma sociedade? Não. Então, o que devemos fazer? Por que não favorecer um sistema que utiliza o interesse próprio saudável das pessoas e até mesmo sua ganância pecaminosa de uma forma socialmente benéfica, recompensando aqueles que melhor atendem às necessidades dos outros? Isso é o que faz um sistema de livre mercado.

Em vez de desprezar o interesse próprio e os bens e serviços incontáveis do mercado livre, desejamos que as pessoas vejam o papel do interesse próprio em um sistema de mercado livre como o método providencial de Deus para guiar as ações de bilhões de humanos falíveis para decisões e escolhas que beneficiam toda a humanidade.

Em cada venda, compra ou troca potencial, se a investigação inicial terminar em uma troca voluntária, todos se beneficiam. Uma troca voluntária atende não apenas às nossas próprias preocupações, mas também às dos outros, portanto, esses ganhos mútuos representam uma situação em que todos ganham. Como vimos, o comércio com outros agrega valor mesmo quando nada de novo é produzido e, portanto, quanto mais parceiros comerciais, mais riqueza produzida. A liberdade econômica de se especializar, comercializar, possuir e produzir é poderosa porque é impulsionada por interesses próprios esclarecidos e não por um planejador nacional.

Reconhecidamente, não é fácil compreender a natureza notavelmente benéfica dos sistemas de livre mercado e apreciar a natureza de uma estrutura de preços relativos competitivamente determinada. Ainda assim, os mercados livres, nem criados nem planejados por mortais, e evoluindo ao longo de muitos séculos, produziram aumentos fantásticos no padrão de vida onde foram autorizados a operar. Como disse o economista Thomas Sowell: "Individualmente, sabemos tão pateticamente pouco, mas socialmente usamos uma gama e complexidade de

conhecimento que confundiria um

computador. "32 O sistema econômico de mercados livres empresariais torna tudo isso possível.

3. Objeção: mercados livres resultam em desigualdade

Outra objeção às vezes levantada contra os mercados livres é que eles resultam em desigualdade econômica injusta, que algumas pessoas se tornam muito ricas, enquanto muitas outras permanecem pobres.

Em resposta, devemos distinguir vários tipos de igualdade. Um grande benefício de um sistema de mercado livre é que ele protege melhor dois tipos cruciais de igualdade: (1) igualdade perante a lei e (2) oportunidades iguais de tentar ter sucesso e melhorar sua situação na vida. Esses entendimentos de igualdade são implicações do ensino bíblico de que todo ser humano é criado à imagem de Deus (Gênesis 1: 26-27; 9: 6; Tiago 3: 9).

Mas (3) a igualdade econômica é uma questão diferente. Os indivíduos têm diferentes conjuntos de habilidades, níveis de disposição para trabalhar duro, inteligência, desejos, preferências e até sorte (ou melhor, do ponto de vista cristão, providência divina). Por causa disso, é impossível criar igualdade econômica completa, e os esforços para fazê-lo são destrutivos e causam estragos.

Na verdade, nenhuma sociedade ou sistema econômico jamais produziu igualdade econômica estrita entre sua população, e aqueles que tentaram com mais força (a União Soviética, Cuba e China sob Mao Tse-tung) produziram nada além de derramamento de sangue e a tirania de governos opressores . Entre as massas da população, havia igualdade na miséria, mas entre os líderes de elite ainda havia um vasto privilégio, com melhores férias, casas e carros. Nenhum sistema pode garantir resultados iguais.

As pessoas geralmente reconhecem que nem toda desigualdade econômica é errada. Você pode cantar como Luciano Pavarotti, jogar futebol como os irmãos Manning, jogar tênis como as irmãs Williams ou criar uma empresa de software como Bill Gates ou uma empresa de computadores como Steve Jobs? É um fato da vida que as pessoas são desiguais em suas habilidades, interesses e motivações. Bill Gates realmente vale bilhões de dólares? Ou essa é a pergunta errada? Será que não há nada inerentemente errado com alguma desigualdade?

Devemos ser gratos por haver alguns que ganham quantias maiores, economizam quantias maiores e investem quantias maiores do que nós. Caso contrário, a produtividade econômica e o crescimento seriam desanimadores, e

[32] Thomas Sowell, Knowledge and Decisions (Nova York: Basic Books, 1980), 3.

todos nós seríamos muito mais pobres do que somos agora. A desigualdade de talento, beleza e sorte pode ser infeliz, mas não é a inveja que nos diz que eles estão sempre errados ou injustos?

Infelizmente, legislar igualdade econômica não funciona porque transfere o capital do investimento e empregos para transferências e direitos não adquiridos nas economias desenvolvidas, e para relações improdutivas de soma zero nas economias em desenvolvimento. A tentativa de legislar igualdade econômica geralmente dá mais poder à classe política dominante, que mantém o acesso a todos os privilégios que a sociedade oferece.

Mas devemos acrescentar que alguma desigualdade econômica é muito errada. Já mencionamos um padrão comum em países pobres, onde elites pequenas e poderosas manipulam leis, propriedade e licenças de negócios para manter a vasta maioria presa na pobreza (75-77). Esses casos não são representativos de um sistema de mercado livre, pois anulam os elementos cruciais de igualdade perante a lei e oportunidades iguais de tentar ter sucesso e melhorar sua situação de vida.

4. Objeção: em alguns países, os mercados livres se tornam "capitalismo ruim"

O século XX forneceu provas abundantes de que o comunismo da União Soviética, China e Coréia do Norte, e o socialismo marxista praticado em muitos países da África Subsaariana, não funcionou. Mais e mais países estão navegando em direção ao mercado livre, às vezes chamando-o de "capitalismo". Mas o termo capitalismo pode ser enganoso. Infelizmente, alguns dos sistemas que passam por “capitalismo” são, na verdade, economias altamente controladas e não são mercados livres.

William J. Baumol, Robert E. Litan e o livro de Carl J. Schramm Good Capitalism, Bad Capitalism, and the Economics of Growth and Prosperity[33] discute dois tipos de capitalismo que eles definem como mau (nenhum dos quais seria qualificado como um “ mercado livre ”em nosso entendimento). Primeiro, eles listam o capitalismo orientado pelo Estado, em que um governo tenta orientar

[33]William J. Baumol, Robert E. Litan e Carl J. Schramm, Good Capitalism, Bad Capitalism e the *Economia do crescimento e prosperidade* (New Haven: Yale University Press, 2007), 60-92.

no mercado, na maioria das vezes apoiando indústrias específicas e até mesmo empresas individuais que desejam se tornar vencedoras. Como exemplos, eles mencionam China, Rússia, Japão, outros países do Sudeste Asiático e, até certo ponto, a Índia.

Eles fornecem muitos motivos pelos quais essa abordagem não funciona a longo prazo. Embora inicialmente possa produzir números econômicos atraentes, as difíceis questões do planejamento de uma indústria - como "Quem?" "O quê?" "Por quê?" E "Quando?" - não podem ser respondidas por controladores governamentais de cima para baixo, e as tentativas de fazê-lo geralmente terminam em ineficiência, até mesmo no caos.

Depois que os frutos mais fáceis de serem colhidos, como trabalhadores de manufatura de baixo custo que produzem produtos para exportação, os problemas se multiplicam à medida que as questões econômicas ficam mais difíceis. Como exemplos, Baumol e seus co-autores citam o seguinte: o investimento excessivo em setores improdutivos continua, mas ninguém puxa o plugue; o país é incapaz de apresentar a inovação necessária para competir com sucesso em uma economia global; o sistema se mostra suscetível à corrupção contínua e crescente; e os planejadores relutam em canalizar recursos de atividades de baixo rendimento para empreendimentos potencialmente mais gratificantes.[276] O capitalismo de estado, na opinião dos autores, não funciona a longo prazo e suas desvantagens superam em muito as vantagens.[277]

O segundo tipo de capitalismo ruim que eles descrevem é o capitalismo oligárquico, sob o qual a maior parte do poder e da riqueza de uma nação é detida por alguns indivíduos e famílias. As políticas governamentais são projetadas principalmente para promover alguns proprietários de terras muito ricos e corretores de poder.

Baumol, Litan e Schramm dizem que o capitalismo oligárquico é comum na América Latina, bem como em muitas das nações que fizeram parte da ex-União Soviética, em grande parte do Oriente Médio árabe e agora em algumas partes da África.

Para apoiar seu argumento, eles se referem ao coeficiente de Gini, que

---

276 Ibid., 62-71.

277 Não consideramos nossa própria nação inocente a esse respeito. Por exemplo, achamos lamentável que muitas das políticas seguidas pela administração do presidente Obama de 2008 a 2012 representaram esse tipo de capitalismo de estado, com o governo escolhendo vencedores e perdedores no setor privado e tentando controlar segmentos da economia, como o de energia (despejando milhões de dólares na energia eólica e solar, mas bloqueando o petróleo e o carvão), automóveis (essencialmente salvando a General Motors da falência) e grande parte do setor bancário (com milhares de novos regulamentos), enquanto transformam todo o setor de saúde em um empresa governamental (Affordable Care Act).

 é uma medida estatística padrão da desigualdade de renda dentro de uma nação.[278] Quanto maior o número de Gini, maior a desigualdade. O coeficiente de Gini é assustadoramente alto em muitos países latino-americanos. Considerando que a maioria das nações prósperas hoje tem um coeficiente de Gini entre 25 e 40, a pontuação de muitos países latino-americanos está na casa dos 40 ou até na década de 50, indicando enormes disparidades entre uma minoria muito rica, mas pequena, e uma maioria muito pobre naqueles nações. Esses países não têm igualdade significativa perante a lei ou igualdade de oportunidades. Aqui estão algumas das pontuações:

Chile[279] 57.1Colombia 57,6El Salvador 53,2Guatemala 59,9Honduras 55,0México 54,6Panama 56,4Peru 49,8Venezuela 49,1[280]

Este tipo de chamado "capitalismo" não é um capitalismo de livre mercado genuíno porque gera líderes corruptos que conseguem preservar a riqueza e a renda de uns poucos de dentro. Isso inevitavelmente produz uma ampla economia de mercado negro "informal", na qual o intercâmbio econômico é corrupto, secreto e funciona apenas para aqueles que determinam a política.[281]

Daron Acemoglu e James A. Robinson, em seu livro de 2012 Por que as nações falham: as origens do poder, prosperidade e pobreza, não usam as categorias de "capitalismo guiado pelo estado" e "capitalismo oligárquico", mas ambos os tipos, especialmente o primeiro, são semelhantes ao que eles chamam de

[278] Não queremos dizer que o coeficiente de Gini é a única medida legítima de justiça em uma sociedade. Como explicamos acima (210-11), acreditamos que alguma desigualdade econômica é inevitável se uma economia recompensar as pessoas de forma justa pelo valor de seus esforços e habilidades. Portanto, um coeficiente de Gini muito baixo pode indicar que uma sociedade está penalizando injustamente seus trabalhadores mais produtivos, e algumas nações ricas podem ter um coeficiente de Gini relativamente alto, enquanto as pessoas de baixa renda ainda são ricas para os padrões mundiais. Mas os coeficientes de Gini mais altos mostrados aqui para os países mais pobres da América Latina nos parecem indicar fatores sistêmicos que prenderam erroneamente a maioria das pessoas em um nível de renda muito baixo.

[279] Observamos anteriormente que o Chile ocupa uma posição elevada em uma escala de liberdade econômica. O Chile também foi o país de crescimento mais rápido e mais pró-mercado livre da América Latina (ver 46, 58, 136). Embora o Chile ainda mantenha uma pontuação alta em liberdade econômica geral, seu atual coeficiente de Gini alto indica que as grandes diferenças de renda entre os muito ricos e os muito pobres ainda não foram superadas.

[280] Baumol et al., Good Capitalism, 72-73.

[281] Ibid., 71-79.

economia guiada por instituições “autoritárias”. Acemoglu e Robinson dizem:

> As recomendações atuais de políticas que incentivam o "crescimento autoritário" com base na experiência de crescimento bem-sucedida da China nas últimas décadas ... são enganosas e ... improvável que se traduzam em desenvolvimento econômico sustentado.[282]

> O crescimento sob instituições políticas autoritárias e extrativistas na China, embora provavelmente continue por um tempo ainda, não se traduzirá em crescimento sustentado, apoiado por instituições econômicas verdadeiramente inclusivas e destruição criativa.[283]

> O crescimento autoritário não é desejável nem viável a longo prazo e, portanto, não deve receber o endosso da comunidade internacional como modelo para as nações da América Latina, Ásia e África Subsaariana.[284]

Em suma, eles dizem que um país não pode criar uma saída da pobreza por meio do governo escolhendo vencedores e perdedores. Esses autores argumentam que as tentativas dos formuladores de políticas e burocratas de retificar as ineficiências de um país (políticas econômicas ruins, por exemplo) podem sair pela culatra precisamente porque os responsáveis não estão lutando com as causas institucionais da pobreza.[285]

Um bom exemplo, argumentam Acemoglu e Robinson, é a marca oficial do capitalismo de estado da China, que é crucialmente dependente da autoridade do governo para controlar a mídia. Um comentarista chinês disse que há três requisitos para fazer esse tipo de capitalismo funcionar: o partido deve controlar as forças armadas; o partido deve controlar todos os quadros e comitês políticos e econômicos; e o partido deve controlar as notícias.[286]

Esse modelo distorcido de capitalismo pode ser de grande interesse para o Partido Comunista, mas não atrai a juventude conhecedora da Internet ou as centenas de milhões de cidadãos pobres. A maioria do povo chinês não percebeu o crescimento econômico e está se tornando inquieto, resistente e propenso a revoluções.

Em contraste, em países que distribuem amplamente o poder político, que têm o estado de direito e governo limitado e que se envolvem em uma economia

---

282 Daron Acemoglu e James A. Robinson, Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity and Poverty (Nova York: Crown, 2012), 437.
283 Ibid., 445.
284 Ibid., 446.
285 Ibid., 437-50.
286 Ibid., 462.

empreendedora com mercados genuinamente livres, onde pequenas e grandes empresas são proativas e inovadoras, o século XXI será emocionante, de fato. Quando o poder econômico está amplamente difundido e milhões de pessoas podem desempenhar um papel no mercado livre de bens e serviços, a pobreza tem poucas chances de sobreviver.

5. Objeção: não precisamos de mais "coisas"

Finalmente, algumas pessoas podem objetar que toda essa ênfase na produtividade econômica dos mercados livres é em si moralmente questionável. Coloca muita ênfase na prosperidade e riqueza. Parece "não espiritual", especialmente do ponto de vista dos valores cristãos e dos ensinamentos de Jesus, que disse: "Bem-aventurados os pobres, porque vosso é o reino de Deus" (Lucas 6:20).

Temos três coisas a dizer como resposta:

Primeiro, devemos reafirmar aqui o que afirmamos no início deste livro: não acreditamos que a riqueza material deva jamais se tornar nosso objetivo mais elevado, nem a prosperidade material jamais proporciona felicidade duradoura ou gratificante comunhão com Deus. Isso é ensinado repetidamente na Bíblia:

> Quem ama o dinheiro não se contenta com dinheiro, nem quem ama a riqueza com sua renda; isso também é vaidade. (Ecl. 5:10)

> Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou o que o homem dará em troca de sua alma? (Mat. 16:26)

> Você não pode servir a Deus e ao dinheiro. (Lucas 16:13)

Em segundo lugar, este livro trata de um tópico muito específico: estamos buscando uma solução para a pobreza econômica em muitas nações. A única maneira de milhões de pessoas pobres nessas nações escaparem da pobreza é por meio da produção de mais bens e serviços de valor. Isso significa que é fundamental entender que tipo de sistema econômico

é mais produtivo. A pobreza só pode ser resolvida quando as nações adotam sistemas econômicos produtivos. Quando uma sociedade passa da pobreza para o aumento da prosperidade, ela oferece imensas vantagens para os pobres, os impotentes e os despossuídos dessa sociedade. Não ousamos abandonar essa esperança por medo de um maior materialismo.

Acemoglu e Robinson nos lembram das incríveis diferenças nas vidas das pessoas nos países ricos e nos muito pobres:

> Nos países ricos, os indivíduos são mais saudáveis, vivem mais e têm muito mais educação. Eles também têm acesso a uma variedade de comodidades e opções na vida, de férias a carreiras profissionais, com as quais as pessoas em países pobres só podem sonhar. As pessoas nos países ricos também dirigem em estradas sem buracos e têm banheiros, eletricidade e água encanada em suas casas. Eles também costumam ter governos que não os prendem ou assediam arbitrariamente; pelo contrário, os governos fornecem serviços, incluindo educação, saúde, estradas e lei e ordem. Também é notável o fato de que os cidadãos votam nas eleições e têm alguma voz na direção política que seus países tomam. As grandes diferenças na desigualdade mundial são evidentes para todos, mesmo para os que vivem em países pobres.45

Terceiro, Deus deseja que os seres humanos não apenas sobrevivam na terra, mas também floresçam. De acordo com a Bíblia, em última análise, tudo na terra pertence a Deus: "A terra pertence ao Senhor e toda a sua plenitude, o mundo e todos os que nele habitam" (Salmo 24: 1). Nós possuímos o que Deus nos confiou como "mordomos" daquilo que em última análise é dele. Isso significa que somos responsáveis por ele pela maneira como usamos nossos bens.

Essa ideia de mordomia também está implícita nos Dez Mandamentos. Se o próprio Deus ordenou: "Não furtarás" (Êxodo 20:15), isso implica que Deus está interessado em proteger minha administração do que ele me confiou.

Como observamos anteriormente, o fato de Deus ordenar a outros que não roubem minha terra, meu boi, meu burro, meu carro ou meu laptop mostra que tenho uma responsabilidade individual pelo modo como essas coisas são usadas. O Deus que criou o universo confiou-me essas coisas e devo agir como um mordomo fiel para administrá-las.

Mas a mordomia implica ainda mais.46 Se Deus me confia algo, então ele espera que eu faça algo com isso, algo que valha a pena, algo que ele considere

[45] Ibid., 40-41.

valioso. Isso ficou evidente desde o início, quando Deus colocou Adão e Eva na terra. Ele disse:

> "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. E que eles tenham domínio sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu e sobre o gado e sobre toda a terra e sobre todos os seres rastejantes que rastejam sobre a terra. "
>
> Assim Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.
>
> E Deus os abençoou. E Deus disse a eles: "Sejam fecundos e multipliquem-se e encham a terra e a subjuguem e tenham domínio. . . sobre cada coisa viva que se move na terra. " (Gênesis 1: 26-28)

A palavra hebraica traduzida por "subjugar" (hebraico kabash) significa tornar a terra útil para o benefício e desfrute dos seres humanos. Desta forma, Deus estava confiando a Adão e Eva, e por conseqüência toda a raça humana, a administração da terra. Ele queria que eles criassem produtos úteis da terra, para seu benefício e prazer. Isso significa que Deus queria que eles progredissem muito além da agricultura de subsistência.

A ordem de subjugar e ter domínio "sobre toda a terra" implica que Deus queria que Adão e Eva descobrissem, criassem e inventassem produtos da terra - a princípio, talvez, estruturas simples para viver e armazenar alimentos e, mais tarde, formas mais complexas de transporte, como carrinhos e vagões, e eventualmente casas modernas, prédios de escritórios e fábricas, bem como carros e aviões - toda a gama de produtos úteis que podem ser feitos da terra.

A mordomia implica uma expectativa de realização humana. Quando Deus nos confia algo, ele espera que façamos algo que valha a pena. (Isso é claramente ensinado mais tarde por Jesus na parábola dos talentos, Mt 25: 14-30.)

[46] O restante desta seção foi extraído de "Os direitos de propriedade inerentes ao oitavo mandamento são Essential for Human Flourishing ", de Barry Asmus e Wayne Grudem, em Business Ethics Today: Stealing, ed. Philip J. Clements (Filadélfia: Center for Christian Business Ethics Today, 2011), 119-34.

Portanto, o oitavo mandamento - "Não furtarás" (Êxodo 20:15) - compreendido na plenitude de suas implicações, dá tanto a oportunidade de realização humana (por nos confiar a propriedade) quanto a expectativa de realização humana (por tornando-nos mordomos responsáveis).

O que queremos dizer com realização humana? A extensão da atividade humana é vasta; inclui as ciências físicas, tecnologia, indústria, comércio, artes e todas as ciências sociais e os relacionamentos que encontramos na família, comunidade, nação e igreja. A atividade humana também inclui gerar e criar filhos, com todos os desafios exclusivos de cada filho. Todas essas são áreas da atividade humana nas quais nos foi confiada uma mordomia.

Além disso, o impulso humano para compreender e criar a partir do mundo é ilimitado. Coelhos e esquilos, pássaros e veados se contentam em viver no mesmo tipo de casa e comer os mesmos tipos de comida por milhares de gerações. Mas os seres humanos têm um desejo inato de explorar, descobrir, compreender, inventar, criar, produzir - e então desfrutar dos produtos que podem ser feitos da terra. Este impulso humano inato de subjugar a Terra nunca foi satisfeito em toda a história da humanidade. Isso ocorre porque Deus nos criou não apenas para sobreviver na terra, mas para florescer.

Deus nos criou com necessidades muito limitadas (comida, roupas, abrigo) para nossa sobrevivência física, mas também nos criou com desejos ilimitados. Achamos que isso é uma coisa boa, parte da criação original de Deus (embora possa ser distorcida pelo pecado - veja abaixo).

Por muitos séculos, os seres humanos não sabiam que queriam telefones celulares, porque tais coisas não existiam. (Na verdade, os dois autores do livro viveram muito felizes sem telefones celulares por mais de quarenta anos de nossas vidas). Mas agora percebemos que os queremos e estamos dispostos a gastar dinheiro para comprá-los. Quando eu (Wayne Grudem) estava crescendo como uma criança em Wisconsin, não sabia que queria sorvete de cereja Garcia ou iogurte de framboesa de romã congelado, porque esses produtos não existiam. A única sorveteria na cidade da minha infância vendia baunilha, chocolate e morango, e que delícia eles eram! Agora as pessoas querem dezenas de variedades.

O mesmo é verdade para lâmpadas elétricas, garrafas plásticas de água, fornos a gás, condicionadores de ar, geladeiras, máquinas de lavar e secar,

Capítulo 6: As vantagens morais do sistema 219 antibióticos, automóveis, computadores e viagens de avião. Por milhares de anos, os seres humanos não sabiam que queriam essas coisas, porque ninguém sabia que elas poderiam ser feitas.

Mas hoje, nessas e em inúmeras outras áreas, as realizações humanas continuam a progredir e, assim, os seres humanos dão cada vez mais evidências da glória de nossa criação à imagem de Deus. Com essas invenções, demonstramos criatividade, sabedoria, conhecimento, habilidade no uso de recursos, cuidado com os outros que estão distantes (por meio do uso de telefone ou e-mail) e muitas outras qualidades divinas.

Reconhecemos, certamente, que cada situação da vida acarreta tentações únicas. A abundante produtividade das economias ricas modernas oferece fortes tentações para pecados como ganância, materialismo e insensibilidade às necessidades dos outros. Deus advertiu o povo de Israel por meio de Moisés que quando ele os abençoasse com prosperidade material, haveria tentações maiores de se orgulhar e esquecer de Deus e de seus mandamentos (ver Deuteronômio 8: 11-18, citado abaixo).

Existem também outras tentações que acompanham a prosperidade moderna. A maior mobilidade de trabalho que vem com a prosperidade traz consigo a tentação de negligenciar ou romper laços importantes de interação familiar e comunitária e de viver vidas isoladas nas quais é mais fácil violar padrões morais há muito estabelecidos. A atração de salários cada vez mais altos pode levar a uma mentalidade workaholic que distorce todas as outras partes da vida. A abundância de coisas materiais pode fazer com que as pessoas se sintam autossuficientes, insensíveis à necessidade de Deus. E as tentações da riqueza podem desviar o coração das pessoas de Deus. O apóstolo Paulo disse: "Os que desejam ser ricos caem em tentação, no laço, em muitos desejos insensatos e nocivos que levam as pessoas à ruína e à destruição" (1 Timóteo 6: 9). Da mesma forma, Jesus disse: "Não se pode servir a Deus e ao dinheiro" (Lucas 16:13). O aumento da riqueza pode facilmente levar ao desperdício, gastos excessivos em luxos e bugigangas espalhafatosas, enquanto negligencia as necessidades desesperadas dos que vivem na pobreza. O apóstolo Tiago foi implacável em sua condenação dos ricos auto-indulgentes:

> Venha agora, rico, chore e uive pelas misérias que estão vindo sobre você. Suas riquezas apodreceram e suas vestes estão comidas pelas traças. Seu ouro e prata foram corroídos, e a corrosão deles será uma evidência contra você e comerá sua carne como fogo. Você guardou

> tesouro nos últimos dias. . . . Você viveu na terra com luxo e auto-indulgência. Você engordou seus corações no dia da matança. (Tiago 5: 1-5)

Além disso, quando uma sociedade rica oferece liberdade de oportunidade para as pessoas, algumas pessoas optam por usar mal essa liberdade, de maneiras que prejudicam os outros e desonram a Deus.

No entanto, é importante lembrar que esses males não são causados pelo aumento da prosperidade, mas são tentações que vêm junto com a prosperidade e precisam ser evitados. Eles são melhor combatidos não pelo retorno à pobreza (o que não é a intenção de Deus para os seres humanos), mas por fortes exemplos morais e ensino na cultura. Isso é algo que as igrejas estão especialmente bem equipadas para fazer.

Com relação às tentações que vêm com as bênçãos da prosperidade, Deus não disse ao povo de Israel que eles deveriam procurar retornar à pobreza, mas os avisou para guardar seus corações:

> Cuida para que não te esqueças do Senhor teu Deus, não guardando os seus mandamentos, as suas regras e os seus estatutos, que hoje te ordeno, para que não quando tiveres comido e te saciado, edificado boas casas e nelas habitado e os rebanhos se multiplicam, sua prata e seu ouro se multiplicam e tudo o que você tem se multiplica; então, exalte-se o seu coração, e você se esqueça do Senhor, seu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da escravidão, que te guiou através do grande e terrível deserto, com suas serpentes de fogo e escorpiões e terra sedenta onde não havia água, que te tirou água da rocha dura, que te alimentou no deserto com maná que seus pais não conheciam, para que ele possa humilhá-lo e testá-lo, para lhe fazer o bem no final. Cuidado para não dizer em seu coração, "Meu poder e a força da minha mão me deram essa riqueza." Você deve se lembrar do Senhor seu Deus, pois é ele quem lhe dá poder para obter riquezas. (Deut. 8: 11-18)

Então, por que precisamos de mais "coisas"? Porque o aumento da produtividade e da prosperidade não são em si maus. Eles são moralmente bons e fornecem outra maneira de glorificar a Deus.

Plantas e animais mostram uma medida da glória de Deus meramente sobrevivendo e repetindo as mesmas atividades por milhares de anos, enquanto

os seres humanos glorificam a Deus alcançando muito mais do que a mera sobrevivência. Nós o glorificamos entendendo e governando a criação, e então produzindo mais e mais produtos maravilhosos para nosso desfrute, com ações de graças a Deus. Ele é aquele que "ricamente nos dá tudo para desfrutarmos" (1 Timóteo 6:17). Além disso, "tudo que foi criado por Deus é bom, e nada deve ser rejeitado se for recebido com ações de graças, pois é santificado pela palavra de Deus e pela oração (1Tm 4: 4-5). O mandamento "Não furtarás", junto com todos os ensinos da Bíblia sobre mordomia, implica que Deus nos criou não apenas para sobreviver, mas para realizar muito e florescer na terra.

Deus nos dá essas várias responsabilidades de mordomia para que, por meio delas, tenhamos potencial ilimitado para glorificá-lo por meio da descoberta, criação, produção, distribuição e uso de recursos materiais e intelectuais potencialmente ilimitados. Todas essas coisas são boas (embora possam ser distorcidas e mal utilizadas pelo pecado), e é certo que as busquemos, com gratidão ao nosso sábio Criador por fazer uma terra tão excelente e cheia de recursos e nos dar a sabedoria para desenvolver seus recursos e florescer enquanto vivemos disso.

O GOVERNO DO SISTEMA

Líderes que usam seu poder para o benefício do povo como um todo

Até este ponto, argumentamos que um país pobre que deseja sair da pobreza em direção a uma maior prosperidade deve adotar o objetivo certo (produzir mais bens e serviços) e o sistema econômico certo (um mercado livre). Agora nos voltamos para outro tópico igualmente importante: deve haver o tipo certo de governo.

O principal princípio que esperamos estabelecer em relação ao governo é este: se um país vai sair da pobreza para uma prosperidade cada vez maior, seus líderes devem usar o poder do governo para o benefício do povo como um todo, e não para si próprios, suas famílias , e seus amigos.

O apóstolo Paulo enfatiza isso no Novo Testamento quando explica que a autoridade civil “é serva de Deus para o vosso bem” (Rom. 13: 4). A intenção de Deus é que os funcionários do governo trabalhem para fazer “o bem” às pessoas sob sua autoridade, em vez de ter como objetivo enriquecer durante o mandato ou usar o poder do governo simplesmente para aumentar seu próprio poder.

Infelizmente, a ideia de que os governantes podem simplesmente "tirar" dinheiro do tesouro do governo para seu próprio benefício e para o benefício de

amigos é um valor cultural profundamente enraizado em algumas sociedades pobres. O que chamaríamos de "corrupção" é amplamente aceito apenas como "a forma como o governo funciona".

O Dr. David Maranz, um etnólogo que viveu por mais de 25 anos em vários países da África Subsaariana, descreve o que observou em muitas dessas nações:

> Uma das principais funções do governo é fornecer dinheiro e outros recursos aos membros da sociedade que estão no poder ou têm um relacionamento próximo com aqueles que estão no poder. Este papel não oficial do governo é amplamente observado na África. Muitos dos conflitos, as guerras e o apego dos líderes ao poder são um resultado direto dessa prática. . . . A pressão é imensa, vinda de cima e de baixo, sobre os indivíduos no governo e nas empresas para que usem seus cargos em benefício direto deles próprios e de seus familiares.[287]

> Espera-se que os líderes da sociedade (religiosos, políticos e empresariais) sejam pessoas. . . que distribuem recursos e, de outras maneiras, fornecem aos seus seguidores quando eles precisam.[288]

O historiador econômico David S. Landes vê que tal corrupção governamental é uma das principais causas da pobreza na maior parte da África Subsaariana:

> Os governos produzidos por. . . o governo do homem forte tem se mostrado uniformemente inepto, com uma exceção parcial para a pilhagem. Na África, as pessoas mais ricas são chefes de Estado e seus ministros. A burocracia foi inflada para fornecer empregos para capangas; a economia, pressionada por seu superávit. Grande parte (a maioria?) Da ajuda externa termina em contas numeradas no exterior.3

Essa corrupção de funcionários do governo não se limita à África. Landes dá muitos outros exemplos ao longo da história econômica. Por exemplo, durante séculos na China, o imperador governou sobre tudo e tomou o que quis. Quando os europeus ocidentais descobriram os relógios mecânicos, eles provaram ser uma

---

287 David Maranz, African Friends and Money Matters (Dallas: SIL International, 2001), 112-14.

288 Ibid., 132.

[3]David S. Landes, The Wealth and Poverty of Nations: Por que alguns são tão ricos e alguns tão pobres (Nova York:
WW Norton, 1999), 504.

grande bênção para aumentar a produtividade

[3]David S. Landes, The Wealth and Poverty of Nations: Por que alguns são tão ricos e alguns tão pobres (Nova York:
WW Norton, 1999), 504.

 e ajudando as pessoas a usarem o tempo com sabedoria. Mas quando os relógios mecânicos ocidentais foram trazidos para a China, eles foram simplesmente considerados como instrumentos para entreter o imperador e outros funcionários favorecidos, em vez de ferramentas a serem usadas para o benefício da população em geral.[4] Já mencionamos, da história , comportamento egoísta semelhante por parte dos príncipes mongóis na Índia, conquistadores espanhóis na América Central e do Sul e senhores feudais na Europa Oriental (ver 148). Reis poderosos na Grã-Bretanha, França e no Sacro Império Romano usaram seu poder para enriquecer suas famílias por muitas gerações.

O valor cultural de que os governantes têm o direito de pegar o dinheiro das pessoas (como receita de impostos) e usá-lo para si mesmos é uma violação da visão bíblica da propriedade. Como explicamos em um capítulo anterior (ver 142-144), a própria Bíblia regularmente assume e reforça um sistema em que a propriedade pertence a pessoas individuais, não aos governantes, ao governo, a uma tribo ou à "sociedade" como um todo em algum sentido vago.

No restante deste capítulo, descrevemos dezessete características específicas de um governo que funciona para o bem do povo e não para o benefício dos governantes. (No próximo capítulo, listaremos outras 21 liberdades que o governo deve proteger.)

A. Proteções contra corrupção no governo

1. Estado de direito: todas as pessoas são igualmente responsáveis perante as leis A salvaguarda mais básica contra a corrupção no governo é um sistema que responsabiliza todos os cidadãos do país, incluindo os mais altos funcionários do governo, perante a lei. Esta é a garantia mais básica de que os líderes usarão seu poder em benefício do povo como um todo. Mesmo que o presidente ou o rei violem a lei, ele será levado a julgamento e, se for considerado culpado, será punido. Além disso, o estado de direito significa que os indivíduos pobres e sem poder receberão o tratamento justo da lei.

O estado de direito, idealmente, não significa apenas que existe um conjunto arbitrário de leis. Também inclui a ideia de que a lei tem autoridade moral. Isso ocorre porque as leis são derivadas de princípios superiores

[4] Ibid., 336, 339.

de justiça e imparcialidade, para que todas as pessoas sejam tratadas com igualdade perante a lei.[289]

Como vimos anteriormente (154-55), o exemplo clássico disso na história bíblica de Israel é a história de Davi e Bate-Seba (2 Samuel 11-12). Até mesmo o rei Davi foi responsabilizado perante as leis de Deus que ele violou.

Essa ideia do império da lei foi cada vez mais mantida na Grã-Bretanha e no norte da Europa em geral durante a Revolução Industrial, e o crescente respeito por esse princípio foi uma das chaves para o notável desenvolvimento econômico do norte da Europa. Tanto estadistas quanto clérigos britânicos imprimiram na teoria constitucional britânica a ideia de que "o rei está sob Deus - e sob a lei. Essa era a essência do ensino cristão sobre o estado. "[290]

Um bom exemplo recente de o mais alto funcionário sujeito à lei aconteceu em Honduras em 2009. O presidente Manuel Zelaya tentou mudar a constituição da nação para que pudesse permanecer no cargo por outro mandato (ou mais). Mas a constituição especificava que o limite do mandato do presidente não poderia ser alterado. Portanto, a Suprema Corte de Honduras ordenou que ele fosse destituído do cargo, e os militares assim o fizeram. Em uma eleição subsequente, seu partido foi derrotado. Mesmo o presidente não estava acima da lei.[291]

Mas se os funcionários do governo são capazes de violar a lei sem punição, então não há restrições externas ao uso de seu poder. Nesses casos, muitos funcionários se tornarão corruptos, usando o poder do governo não para fazer cumprir a justiça de maneira justa, mas para obter privilégios e riquezas para si próprios, seus parentes e amigos.

Existem numerosos exemplos de países onde certas autoridades estiveram ou estão acima da lei, incluindo as nações comunistas da União Soviética, Cuba e Coréia do Norte; Iraque sob a ex-ditadura de Saddam Hussein; e vários países da África Subsaariana.

---

[289] Acreditamos que a exigência de tratar as pessoas com justiça e imparcialidade está ancorada na ideia de a criação igual de todas as pessoas à imagem de Deus. Essa ideia de igualdade por criação (ou seja, a ideia que todas as pessoas são iguais porque foram criadas iguais por Deus) era amplamente acreditado na sociedade colonial americana; ver Thomas Kidd, God of Liberty: A Religious History of the American Revolution (Nova York: Basic Books, 2010), 131-46. Os fundadores dos Estados Unidos proclamaram uma verdade "evidente" de que "todos os homens são criados iguais" e, portanto, foram dados "por seu Criador" certos "direitos inalienáveis", incluindo os direitos à "vida, liberdade e a busca da felicidade "(Declaração de Independência, parágrafo 2).

[6]M. Stanton Evans, The Theme Is Freedom: Religion, Politics, and the American Tradition (Washington: Regnery, 1994), 32.

[7] Veja detalhes em Wayne Grudem, Politics — Segundo a Bíblia (Grand Rapids: Zondervan, 2010), 445-48.

2. Sistema judiciário justo: os tribunais não mostram favoritismo ou parcialidade, mas aplicam a justiça de forma imparcial

Os tribunais são o meio principal para garantir que todas as pessoas de uma nação estejam sujeitas ao Estado de Direito. Mas se os juízes são corruptos e usam seu poder para favorecer certas pessoas (como funcionários do governo ou amigos ricos e poderosos), então o investimento empresarial é desencorajado (devido ao risco de que um parente de um juiz possa defraudar o proprietário de uma empresa sem medo de punição) e a economia é impedida de produzir mais bens e serviços. Portanto, um sistema judiciário justo é importante para garantir que os líderes usem seu poder em benefício do povo como um todo.

A Bíblia enfatiza fortemente que os juízes devem ser justos e não perverter a justiça:

> Nomearás juízes e oficiais em todas as vossas cidades que o Senhor vosso Deus vos está a dar, de acordo com as vossas tribos, e eles julgarão o povo com um juízo justo. Você não deve perverter a justiça. Não deves mostrar parcialidade e não aceitarás suborno, porque o suborno cega os olhos dos sábios e subverte a causa dos justos. Justiça, e somente justiça, você seguirá, para que você possa viver e herdar a terra que o Senhor seu Deus está lhe dando. (Deuteronômio 16: 18-20)

Os juízes não deviam mostrar favoritismo para com os pobres: "nem serás parcial para com o pobre no seu processo" (Êxodo 23: 3). No entanto, também não deviam mostrar favoritismo para com os ricos e, assim, agir com preconceito contra os pobres: "Não perverterás a justiça devida aos teus pobres no seu processo" (v. 6).

3. Ausência de suborno e corrupção em repartições governamentais

Repetidamente na Bíblia, os oficiais são advertidos contra aceitar subornos: "E não aceitarás suborno, porque o suborno cega os clarividentes e subverte a causa dos que têm razão" (Êxodo 23: 8; ver também Salmos 26:10; 82: 2; Provérbios 15:27; 17:23; 24:23; Isa. 33:15; Ezequiel 22:12).

Se uma nação vai passar da pobreza para a prosperidade, os funcionários do governo devem ser razoavelmente compensados por seus serviços, mas as leis devem impedir que eles se tornem ricos por meio de "presentes" ou promessas recebidas durante seu mandato. A corrupção (especialmente usando cargos governamentais para ganhos privados) em um país com tais leis será rara e,

quando for descoberta, será publicamente exposta e rapidamente punida. Esta é outra salvaguarda para assegurar que os líderes não usem o poder para ganho pessoal, mas para o benefício do povo como um todo.

Por outro lado, quando as nações estão presas à pobreza, quase sempre acontece que funcionários do governo e seus parentes e amigos se tornam cada vez mais ricos devido ao poder de seus cargos. A corrupção se espalhará e, quando for descoberta, será encoberta e punida levianamente, se for o caso. Nesses casos, os funcionários do governo mostrarão favoritismo a algumas pessoas e mostrarão preconceito contra outras. O nepotismo será comum.

Landes aponta como tal corrupção impedia continuamente o desenvolvimento econômico na Europa Oriental (onde senhores feudais e nobres podiam tomar propriedades e violar os direitos legais das pessoas à vontade),[292] na Índia pré-britânica (onde os príncipes Mogul podiam tirar o que quisessem do povo),[293] e em muitas sociedades africanas (onde o homem forte ou chefe tribal poderia confiscar o que quisesse).[294]Corrupção semelhante é comum em países comunistas em geral (a ex-União Soviética, Coréia do Norte ou Cuba, por exemplo) e em muitos países islâmicos (onde famílias governantes ricas controlam as riquezas do petróleo e todos os demais estão sujeitos aos seus caprichos). Não estamos dizendo que os sistemas de livre mercado são completamente livres de suborno e corrupção, mas a resposta da sociedade a isso é substancialmente diferente (veja abaixo, 358-59).

Essa corrupção é uma das principais razões pelas quais as nações pobres continuam presas na pobreza hoje. O economista Paul Collier escreve: "Por que a má governança é tão persistente em alguns ambientes? Uma razão evidente é que nem todos perdem com isso. Os próprios líderes dos países mais pobres do mundo estão entre os super-ricos globais. Eles gostam das coisas do jeito que estão. "[295]

O oposto de tais sistemas corruptos é encontrado em nações onde os funcionários do governo são justos e imparciais e não aceitam subornos. Esta

---

292 Landes, Wealth and Poverty, 251-53.
293 Ibid., 156-57.
294 Ibid., 504-5.
295 Paul Collier, The Bottom Billion: Why the Poorest Countries Are Failing and What Can Be Done About It (Oxford: Oxford University Press, 2007), 66. Collier cita o exemplo trágico de Madagascar, onde o presidente, almirante Didier Ratsiraka, reagiu a uma derrota eleitoral pelo bloqueio do porto, destruindo a economia da nação (83-84).

 incentiva qualquer pessoa que queira investir dinheiro e tempo na esperança de que uma fazenda ou fábrica cresça e prospere. Nesse país, os contratos são certamente cumpridos e o roubo, o vandalismo e outras transgressões são regularmente punidos. O Antigo Testamento advertiu contra um oficial poderoso, como um rei, que se tornava rico durante o cargo: "E não o fará. . . adquirir para si prata e ouro em excesso "(Deuteronômio 17:17). Infelizmente, uma trágica violação dessa lei foi vista no reinado do Rei Salomão. O rei acumulou quantidades fabulosas de ouro para si mesmo e construiu grandes casas e um trono espetacular (1 Reis 10: 14-20).

Em contraste, a narrativa do Antigo Testamento apresenta Samuel como um exemplo de um bom governante que não aceitava subornos e não mostrava parcialidade. No final do reinado de Samuel como juiz sobre Israel, ele se apresentou ao povo e proclamou sua liberdade da corrupção:

> "Aqui estou; testifique contra mim perante o Senhor e perante o seu ungido. De quem eu peguei o boi? Ou de quem eu peguei o burro? Ou quem defraudei? A quem oprimi? Ou de quem recebi suborno para cegar com isso os meus olhos? Testifique contra mim e eu o restaurarei para você. " Eles disseram: "Você não nos defraudou, nem nos oprimiu, nem tirou nada das mãos de ninguém". (1 Sam. 12: 3-4)

Samuel é um exemplo de líder bíblico. Conforme observado acima (223), o Novo Testamento ensina que um oficial do governo deve servir a Deus para o bem do povo, não a si mesmo: ele "é o servo de Deus para o seu bem" (Rom. 13: 4).

Paulo também escreveu a Timóteo, que havia recebido autoridade sobre a igreja em Éfeso: "Eu te ordeno que guardes estas regras sem preconceitos, nada fazendo por parcialidade" (1 Timóteo 5:21). No governo da igreja, os líderes devem ser justos e imparciais, sem mostrar favoritismo. Certamente isso também deveria ser verdade para os funcionários do governo.

4. Poder adequado do governo

As nações pobres às vezes enfrentam o problema de governos fracos e instáveis. Os governos devem ter poder suficiente para manter sua própria estabilidade e evitar o crime e o desprezo de sua autoridade, se suas nações quiserem progredir em direção à prosperidade. Isso permitirá que usem efetivamente seu poder para o benefício do povo como um todo.

Itália, Espanha e Portugal no século XIX foram "atormentados por instabilidade política",[296] e o desenvolvimento econômico foi atrofiado como resultado. Da mesma forma, a América Latina no século XIX experimentou todos os problemas de governo instável e ineficaz, como repetidas "conspirações, cabalas, golpes e contragolpes - com tudo o que isso implica em insegurança, mau governo, corrupção e retardo econômico".[297]

Daron Acemoglu e James A. Robinson enfatizam que a "falta de centralização" em um governo, que o deixa muito fraco para controlar a nação, leva à desordem e à pobreza prolongada. Eles dizem: "As instituições políticas e econômicas inclusivas [que levam ao crescimento econômico] precisam de algum grau de centralização política para que o estado possa fazer cumprir a lei e a ordem, defender os direitos de propriedade e estimular a atividade econômica quando necessário, investindo em serviços públicos" Mas eles relatam que várias nações africanas e algumas fora da África não conseguiram atingir essa centralização de autoridade efetiva: "Afeganistão, Haiti, Nepal e Somália. . . têm estados que são incapazes de manter a ordem mais rudimentar, e os incentivos econômicos são quase destruídos. "14

A Bíblia reconhece o mal que resulta quando não há um governo eficaz e prevalece a anarquia. A história de Israel, conforme registrada nos Juízes 17-21, mostra o que acontece quando não há governo efetivo, pois "naqueles dias não havia rei em Israel. Cada um fazia o que parecia bem aos seus olhos "(Juízes 17: 6; cf. 18: 1; 19: 1; 21:25). Esta porção das Escrituras contém histórias sobre os mais horríveis tipos de pecado e corrupção enquanto o mal se desenrolava.

5. Poder limitado do governo

Por outro lado, se uma nação deseja passar da pobreza para a prosperidade, o poder de seu governo deve ser limitado o suficiente para que não tire muita liberdade do povo. Isto é verdade por duas razões.

Primeiro, sempre há uma troca entre o poder do governo e a liberdade individual. Quando o poder do governo aumenta,

---

296 Landes, Wealth and Poverty, 249.

297 Ibid., 313.

[14]Daron Acemoglu e James A. Robinson, Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity and Poverty (Nova York: Crown Publishers, 2012), 243-44; ver também 115, 253.

 deve diminuir. Esses governos poderosos tomam cada vez mais decisões pelas pessoas. Esses tipos de governo são opressores e destroem os incentivos para o crescimento econômico.

No entanto, quando o poder do governo é menor, a liberdade individual é maior. E quando as pessoas são livres, elas podem experimentar milhares de maneiras diferentes de aumentar a produtividade econômica. Eles podem tentar um novo método de cultivo (na esperança de cultivar mais e melhores safras). Eles podem inventar novos produtos (na esperança de ganhar recompensas com suas invenções). Eles podem construir pequenas lojas para assar pão ou fabricar roupas. Eles podem iniciar negócios de carpintaria ou oficinas de conserto de automóveis. Maior liberdade em uma sociedade incentiva cada vez mais essa atividade.

Em segundo lugar, um poder maior tende a ter uma influência corruptora sobre os funcionários do governo porque eles acham que podem se safar com mais e mais transgressões. Landes se refere à corrupção governamental como "tirania" quando diz que sociedades economicamente produtivas "garantem direitos de liberdade pessoal - protegem-nos contra os abusos da tirania e da desordem privada". [298] Ele acrescenta que essas sociedades “fornecem um governo moderado, eficiente e não-honrado”.[299] Ele então cita Adam Smith, escrevendo em 1776 sobre o mau uso do poder governamental: “As grandes nações nunca são empobrecidas pelo setor privado, embora às vezes o sejam por causa da prodigalidade pública e da má conduta. No todo ou quase todo, a receita pública é, na maioria dos países, empregada na manutenção de mãos improdutivas. ”[300]

Landes observa vários exemplos históricos de governos excessivos impedindo as economias de crescer. Esses são exemplos notórios de líderes usando seu poder não para beneficiar o povo como um todo, mas para beneficiar a si próprios e a seus amigos. Um exemplo é a China, que teve muitas invenções iniciais, mas permaneceu na pobreza abjeta por muitos séculos. Parte da explicação é “a ausência de um mercado livre e direitos de propriedade institucionalizados. O estado chinês estava sempre interferindo na iniciativa privada - assumindo atividades lucrativas, proibindo outras, manipulando preços,

---

298 Landes, Riqueza e Pobreza, 218.

299 Ibid., Ênfase adicionada.

300 Ibid., 519-20, citando Adam Smith, Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações, Livro II, cap. 3

exigindo subornos, reduzindo o enriquecimento privado. ”[301]

[301] Ibid., 56.

O governo da China tinha monopólios de itens necessários, como sal, ferro, chá, álcool, educação e comércio exterior. Havia regulamentos sobre o tipo e a cor das roupas que as pessoas podiam usar, o tamanho das casas que podiam construir e a música e os festivais dos quais podiam participar. O desânimo silencioso venceu o cotidiano, tanto que Landes diz: "Enfim, ninguém estava tentando. Por que tentar?"[302]

Na Rússia, os czares todo-poderosos controlavam toda a vida e, assim, mantiveram a nação na pobreza. Do século dezesseis ao século dezoito, enquanto a Europa Ocidental se movia constantemente em direção a uma maior liberdade, a Rússia reduziu seus camponeses à "condição de quase escravos". O resultado foi que "a Rússia se tornou uma enorme prisão e, com exceção de alguns meses em 1917 e nos poucos anos desde 1990, permaneceu uma prisão desde então."[303]

Em muitas nações africanas, os chefes tribais exerciam um governo quase ilimitado. Na África, "o legado foi governado por um homem forte, a personificação autocrática da vontade popular, portanto, um assassino da democracia".[304] No entanto, houve exceções notáveis, como a tradição participativa e representativa do governo em Botswana.[305]

Como o poder do governo pode ser limitado para permitir que o crescimento econômico ocorra? Os funcionários do governo devem ser efetivamente responsáveis pela vontade do povo.

Embora muitas nações hoje tenham estruturas saudáveis que limitam os poderes de seus governos, aquele que conhecemos melhor é os Estados Unidos, portanto, incluímos uma breve discussão sobre sua limitação de poderes neste ponto. Parte da razão pela qual os Estados Unidos têm resistido como uma democracia representativa por tanto tempo é que existem muitas disposições na Constituição destinadas a limitar o poder do governo e proteger o povo do governo. Alguns deles são:

(1) *Liberdade de expressão, liberdade de imprensa, liberdade de religião e liberdade de reunião*. Estas disposições constitucionais garantem que o diálogo político aberto e as críticas ao governo são direitos garantidos e não estão sujeitos a sanções legais:

> O Congresso não fará nenhuma lei respeitando o estabelecimento da religião, ou proibindo o seu livre exercício; ou restringir a liberdade de expressão ou de imprensa; ou o direito do povo de se reunir pacificamente e de fazer uma petição

---

302 Ibid., 57.
303 Ibid., 240.
304 Ibid., 504.
305 Veja a discussão em Acemoglu e Robinson, *Por que as nações falham*, 404-14.

ao governo pedindo a reparação de suas queixas. (Primeira Emenda)

(2) *A liberdade de petição ao governo para reparação de queixas*. Isso significa que ninguém pode ser punido por simplesmente pedir ao governo que corrija algum erro cometido contra um cidadão (Primeira Emenda).

(3) *O direito de portar armas*. Esta disposição significa que nenhum tirano pode assumir os poderes do governo central em Washington, DC e, assim, obter o controle de todas as armas do país, pois os cidadãos têm o direito de possuir armas, até mesmo para se defenderem de um governante tirânico em potencial: "Uma Milícia bem regulamentada, sendo necessária à segurança de um Estado livre, o direito do povo de portar e portar armas, não pode ser infringido" (Segunda Emenda).

(4) *Limites de mandato para o cargo de presidente*. Este artigo da Constituição fornece outra salvaguarda contra o abuso de poder por um tirano. O limite de dois mandatos de quatro anos para presidentes foi inserido na Constituição pela Vigésima Segunda Emenda (ratificada em 1951).

(5) *Eleição regular de membros do Congresso*. Os membros da Câmara dos Representantes devem se candidatar à reeleição a cada dois anos, o que os torna mais responsáveis perante o povo. Além disso, todos os projetos de lei de receita (envolvendo níveis de tributação) devem se originar na Câmara dos Representantes, que é mais responsável perante o povo por causa de seus mandatos de dois anos, e não no Senado. Os senadores também são responsáveis, mas com menos frequência, pois devem se candidatar à reeleição a cada seis anos. (Voltaremos à ideia de eleições regulares na seção 7 abaixo, sobre a responsabilidade do governo para com o povo.)

Outro conjunto de proteções contra o poder excessivo do governo se enquadra na categoria da separação de poderes no governo, que discutiremos na próxima seção.

Outras nações têm disposições semelhantes. Tais limitações no poder do governo fornecem uma proteção imensa contra que funcionários do governo se tornem corruptos ou a nação seja tomada por um tirano opressor ou poderoso exército nacional.

6. Separação de poderes no governo

Um dos meios mais eficazes de limitar o poder do governo e proteger contra a corrupção é uma estrutura governamental na qual o poder é separado entre vários ramos. De acordo com Stephen Haber, Douglass North e Barry Weingast, da Hoover Institution da Stanford University:

> Não existe uma receita simples para limitar o governo. No entanto, dois princípios são claros. Primeiro, um país deve criar mecanismos e incentivos para que diferentes ramos e níveis de governo imponham sanções uns aos outros se excederem a autoridade concedida a eles pela lei. Em segundo lugar, essas sanções não podem ser impostas de forma arbitrária ou ad hoc: os próprios mecanismos de sanção devem ser limitados pela lei. Isso não quer dizer que as sanções não possam ser severas (na verdade, se não forem severas, não são sanções credíveis).
>
> Existem essencialmente duas maneiras de criar esses mecanismos de sanção e incentivos. Um é um sistema de freios e contrapesos que limita um governo central forte. Em um sistema como esse, a competição política entre atores em diferentes ramos do governo fornece incentivos para que os atores policiem as ações uns dos outros. . . . Uma segunda forma de limitar o governo é o federalismo, em que diferentes níveis de governo se limitam uns aos outros.[23]

Eles observam que os Estados Unidos representam uma combinação incomum de ambos os métodos de limitação do poder do governo.

A Constituição dos Estados Unidos determina uma separação de poderes destinada a impedir que qualquer ramo se torne muito poderoso e, portanto, se torne excessivamente corrupto. A separação de poderes estabelecida na Constituição inclui as seguintes disposições:

(1) *Uma separação tripla de poderes em nível nacional*. O poder é dividido entre três ramos do governo: (a) o poder legislativo, que faz as leis, (b) o poder executivo, que faz cumprir as leis, e (c) o poder judiciário, que interpreta e decide a aplicação correta das leis.

(2) *Uma separação de poderes entre o governo nacional e os governos estaduais (originalmente treze, agora cinquenta estados)*. Todos os poderes não expressamente

[23]Stephen Haber, Douglass C. North e Barry R. Weingast, "The Poverty Trap", Hoover Digest, no. 4 (2002): 77-78.

 dado ao governo nacional permanecem com os governos estaduais: “Os poderes não delegados aos Estados Unidos pela Constituição, nem proibidos por ela aos Estados, são reservados aos Estados respectivamente, ou a o povo ”(Décima Emenda).

(3) *A proibição das forças militares nacionais de realizar qualquer trabalho de aplicação da lei dentro do país*. Além disso, o poder policial dentro da nação está muito dividido. O FBI funciona em todo o país, mas sua jurisdição é limitada a certos tipos de crimes federais, não crimes contra as leis estaduais e locais. As forças policiais locais estão sujeitas apenas às prefeituras que as empregam. Os xerifes do condado são responsáveis apenas perante seus condados individuais. A polícia estadual presta contas apenas a estados individuais. Desta forma, nenhum indivíduo pode assumir o comando do exército, como em alguns países, e imediatamente obter o controle de toda a nação, porque o exército nacional não tem autoridade sobre a polícia estadual e local, nem o governo nacional.

Na Bíblia, várias passagens apóiam as idéias de limitação do poder governamental e separação de poderes em uma autoridade governante.24 As narrativas do Antigo Testamento dão muitos exemplos de reis que tiveram poder irrestrito e abusaram dele. Saul repetidamente colocava seus próprios interesses acima dos do povo. Davi abusou de sua autoridade real em seu pecado com Bate-Seba (veja 2 Samuel 11). Salomão acumulou erroneamente “700 esposas, princesas e 300 concubinas. E suas esposas lhe rejeitaram o coração ”(1 Rei 11: 3-4). Além disso, ele tinha prata e ouro em excesso, embora isso fosse proibido (1 Reis 10: 14-20; Deuteronômio 17:17). Durante a monarquia dividida, a maioria dos reis abusou de seu poder e fez o mal (ver 1-2 Reis; 1-2 Crônicas).

A Bíblia também contém vários exemplos positivos de vários tipos de poder dividido, refletindo a sabedoria de Deus em proteger contra o abuso de poder por uma pessoa. No Antigo Testamento, o rei tinha alguns controles sobre seu poder por causa da existência dos ofícios de profeta e sacerdote e dos chefes de tribos, clãs e famílias (embora o rei freqüentemente os desconsiderasse).

[24] Este parágrafo e o próximo foram retirados de Grudem, Politics, 102.

No Novo Testamento, é digno de nota que Jesus não chamou um apóstolo com autoridade sobre a igreja, mas doze apóstolos (veja Mat. 10: 1-4; Atos 1: 15-26). Embora Pedro a princípio tenha servido como porta-voz dos apóstolos (ver Atos 2:14; 3:12; 15: 7), mais tarde Tiago parece ter assumido esse papel (ver Atos 15:13; 21:18; Gálatas 1:19 ; 2: 9, 12). Além disso, o Concílio de Jerusalém tomou sua decisão com base não apenas na autoridade dos apóstolos, mas em uma decisão que "pareceu boa aos apóstolos e aos presbíteros, com toda a igreja" (Atos 15:22). Finalmente, cada indicação do Novo Testamento da forma de governo que as igrejas locais seguiam mostra que elas não eram governadas por um único presbítero, mas por uma pluralidade de presbíteros (ver Tito 1: 5; Tiago 5:14; isso era uma imitação da pluralidade de anciãos em Israel no Antigo Testamento).

7. Responsabilidade do governo para com o povo

Um último tipo de "separação de poderes" estava implícito em nossa seção sobre poderes limitados no governo, mas é tão importante que listemos separadamente aqui: o governo deve ser responsável pela vontade do povo na nação. Eleições regulares e justas, acesso livre a informações sobre ações e gastos do governo e limites de mandato para os cargos mais poderosos ajudam a garantir tal responsabilidade. Este é o método mais eficaz e duradouro para garantir que os funcionários do governo usem seu poder para o benefício do povo como um todo, e não para o benefício deles próprios, de seus parentes e amigos.

Acemoglu e Robinson argumentam que as nações têm sucesso economicamente apenas quando têm instituições políticas "inclusivas", ou seja, "instituições que distribuem amplamente o poder na sociedade e o sujeitam a restrições".[306]Em contraste, eles dizem sem rodeios que a razão da pobreza nas nações pobres é a transgressão intencional da parte dos líderes: "Os países pobres são pobres porque aqueles que têm poder fazem escolhas que criam pobreza. Eles erram, não por engano ou ignorância, mas de propósito. "[307]

Vários exemplos nas Escrituras indicam que o governo parece funcionar melhor com o consentimento daqueles que são governados. Até

---

306 Acemoglu e Robinson, Why Nations Fail, 80. Eles também dizem que, em uma instituição inclusiva, esse poder deve ser suficientemente centralizado para que os líderes possam governar com eficácia.

307 Ibid., 68.

 embora Moisés tivesse sido nomeado por Deus, ele buscou o consentimento dos anciãos e do povo de Israel (Êxodo 4: 29-31), como fez Samuel quando se apresentou diante de todo o povo em seu papel como juiz (1 Sam. 7: 5-6), e Saul depois de ter sido ungido como rei (ver 1 Sam. 10:24).

Quando Davi se tornou rei de Judá, ele obteve o consentimento público de todo o povo: "Os homens de Judá vieram, e ali ungiram Davi rei da casa de Judá" (2 Sam. 2: 4). Quando o sacerdote Zadoque ungiu Salomão como rei, "todo o povo disse: 'Viva o rei Salomão!'" (1 Reis 1:39; ver também 12: 1).

No Novo Testamento, os apóstolos pediram o consentimento da congregação na escolha de líderes para supervisionar a distribuição de alimentos aos necessitados: "Portanto, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria , a quem designaremos para esta função "(Atos 6: 3).

Em contraste, há exemplos negativos nas Escrituras de tiranos que não obtiveram o consentimento do povo, mas governaram duramente em oposição aos desejos do povo. "Então o rei [Roboão] não deu ouvidos ao povo" (1 Reis 12:15), e como resultado, as dez tribos do norte se rebelaram contra ele: "E quando todo o Israel viu que o rei não os ouvia, o povo respondeu ao rei: 'Que porção temos nós de Davi? . . . Às tuas tendas, ó Israel! '"(V. 16). Israel foi dividido em reinos do norte e do sul daquele dia em diante.

De maneira semelhante, o Antigo Testamento contém vários exemplos de governantes opressores que sujeitaram o povo de Israel à escravidão e que certamente não governaram com o consentimento daqueles sobre os quais reinavam, incluindo o Faraó do Egito (Ex. 3: 9-10), os filisteus que governaram duramente sobre Israel durante o tempo dos juízes (Juízes 14: 4), e Nabucodonosor e os outros reis estrangeiros que conquistaram e por fim levaram o povo para o exílio (2 Reis 25: 1-21). Todos esses eventos são vistos de forma negativa na narrativa bíblica.

Portanto, argumentos bíblicos substanciais podem ser dados em apoio à ideia de alguma forma de governo escolhida pelo próprio povo (isto é, em termos gerais, uma democracia). Esse tipo de governo parece ser preferível a todas as outras formas de governo, como ditadura, monarquia hereditária ou governo hereditário ou autoperpetuante

[27] Este parágrafo e os sete parágrafos seguintes foram adaptados de Grudem, Politics, 107-8.

aristocracia. (Várias nações hoje, como o Reino Unido e a Noruega, mantiveram monarquias que funcionam em grande parte de forma cerimonial e simbólica, mas ainda são democracias porque o verdadeiro poder de governo está nas mãos dos representantes eleitos do povo.)

No início da história das colônias americanas, os peregrinos instituíram uma forma de autogoverno quando estabeleceram o Pacto do Mayflower em 1620. Eles o fizeram com um forte conhecimento bíblico influenciado por muitas dessas passagens das Escrituras. Eles também tinham memórias vivas da opressão pela monarquia na Inglaterra. O Mayflower Compact determinou um governo com o consentimento dos governados, e isso estabeleceu um padrão para as colônias subsequentes e para os próprios Estados Unidos nos anos posteriores. Os peregrinos declararam que estavam formando um "corpo político civil" que promulgaria "leis" para o bem geral da colônia, "às quais prometemos toda a devida submissão e obediência".[308] Foi uma submissão voluntária a um governo que eles próprios criaram. Não foi imposto a eles de fora por um rei ou alguma outra força conquistadora. Eles estabeleceram um governo que funcionaria com o consentimento dos governados - o princípio básico de uma democracia.

Esses mesmos princípios encontraram expressão mais completa na Declaração de Independência de 1776:

> Consideramos que essas verdades são evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, que são dotados por seu Criador com certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade. Que para garantir esses direitos, governos são instituídos entre os homens, derivando seus justos poderes do consentimento dos governados.[309]

O raciocínio era: (1) os direitos à vida, à liberdade e à busca da felicidade são dados às pessoas por Deus (não pelos governos); (2) os governos são estabelecidos para proteger esses direitos que as pessoas já possuem; e, (3) portanto, um governo não tem poder legítimo sobre sua própria autoridade, mas apenas o poder que o povo concorda em conceder para proteger seus direitos.

---

[308] Mayflower Compact, veja http://mayflowerhistory.com/mayflower-compact.

[309] Declaração de Independência, veja http://www.archives.gov/exhibits/charters/declaration_transcript.html, ênfase adicionada.

Este princípio de responsabilidade do governo para com o povo, embutido na própria fundação dos Estados Unidos no primeiro dia de sua existência, explica muito da prosperidade subsequente dos Estados Unidos. Com base em sua extensa pesquisa sobre o desenvolvimento econômico das nações, Acemoglu e Robinson dizem:

> Os Estados Unidos sim. . . muito mais ricos hoje do que [os países pobres] devido à maneira como suas instituições, tanto econômicas quanto políticas, moldam os incentivos de empresas, indivíduos e políticos. . . são as instituições políticas de uma nação que determinam a capacidade dos cidadãos de controlar os políticos e influenciar o modo como eles se comportam. Isso, por sua vez, determina se os políticos são agentes dos cidadãos. . . ou são capazes de abusar do poder que lhes foi confiado. . . para acumular suas próprias fortunas.30

Quando os funcionários do governo de uma nação são regularmente considerados responsáveis perante o povo, eles trabalharão de forma mais eficaz para fazer o bem à nação e estabelecer políticas que trarão a nação da pobreza para uma maior prosperidade. É mais provável que governem pelo bem do povo como um todo. Essa responsabilidade é implementada por meio de eleições regulares, justas e abertas, e também por meio da liberdade genuína de imprensa e das leis de liberdade de informação (para que as ações do governo sejam divulgadas ao público em geral, com raras exceções para proteger a segurança nacional).

B. Proteções que o governo deve fornecer

Uma nação que está continuamente aumentando sua produção de bens e serviços deve reconhecer que sempre haverá pessoas más que tentarão infringir a lei e tirar vantagem dos outros. Também haverá desastres naturais que podem causar danos econômicos. Portanto, um bom governo deve fornecer proteção aos seus cidadãos contra vários tipos de danos, a fim de promover o crescimento econômico.

8. Proteção contra o crime

Quando existe um notório distrito de alta criminalidade em qualquer cidade do mundo, muito poucas empresas legítimas se localizam lá, e é quase impossível

[30] Acemoglu e Robinson, Why Nations Fail, 42.

para persuadir novas lojas de varejo ou novas fábricas a se instalarem lá. É muito caro para uma empresa se localizar em uma área de alta criminalidade. Os proprietários de empresas não querem correr o risco de perder seu investimento por causa de vandalismo, roubo ou assaltos contra seus funcionários.

O que é verdade sobre as cidades também é verdade sobre as nações. Quando uma nação tem um alto índice de atividade criminosa, porque não é detida e punida pelo governo, nenhuma empresa estrangeira quer investir naquele país. Os cidadãos do país também não estão dispostos a abrir novas fábricas e lojas, porque têm medo legítimo de que seus ganhos sejam simplesmente perdidos para a atividade criminosa (ou para as tentativas de se proteger dela). Para dar um exemplo extremo hoje, quem iria querer investir em qualquer negócio na Somália, com sua anarquia persistente e a presença de bandos de piratas bem armados que continuamente atacam os navios que passam por suas águas costeiras?

Em contraste, um dos fatores que contribuíram para o surpreendente crescimento econômico dos países escandinavos ao longo do século XIX foi a atmosfera de "ordem pública" e a percepção de que o povo escandinavo estava entre os "mais pacíficos" da Europa.[310]

Landes diz que uma economia idealmente produtiva garantirá os direitos de liberdade pessoal contra o abuso da "tirania e da desordem privada (crime e corrupção)".[311]

A Bíblia ensina que a prevenção do crime é uma responsabilidade primária dos governos civis. As autoridades civis são enviadas "para punir os que praticam o mal e para louvar os que fazem o bem" (1 Pedro 2:14). Quando um oficial do governo pune o crime, ele está agindo como "servo de Deus" e como "um vingador que executa a ira de Deus sobre o transgressor" (Rom. 13: 4).

Portanto, o Antigo Testamento afirma em vários lugares que os governantes devem fazer cumprir a justiça contra os malfeitores e proteger aqueles que são muito fracos para se protegerem do crime:

> Faça justiça aos fracos e aos órfãos;
> manter o direito dos aflitos e destituídos.
> Resgatar os fracos e necessitados;
> livrai-os das mãos dos ímpios. (Salmos 82: 3-4)

Mas se grande parte do crime em uma nação ficar impune, o mal simplesmente aumentará e haverá mais e mais crimes naquela nação, criando um

---

310 Landes, *Riqueza e pobreza*, 248.
311 Ibid., 218.

ambiente que é cada vez mais hostil ao crescimento econômico:

> Visto que a sentença contra uma má ação não é executada rapidamente, o coração dos filhos do homem está totalmente pronto para praticar o mal. (Ecl. 8:11)

É por isso que é importante em todas as nações que os culpados sejam punidos e que os inocentes sejam libertados. Deus está cuidando dos assuntos de cada nação, e sua raiva é despertada quando os inocentes são punidos ou os culpados são libertados:

> Aquele que justifica os ímpios e aquele que condena os justos são, ambos, uma abominação para o Senhor. (Prov. 17:15)

De maneira semelhante, Isaías fala sobre as tendências do mal dentro de uma nação: "Ai daqueles. . . que absolvem o culpado por um suborno, e privam o inocente de seu direito! " (Isa. 5: 22-23).

9. Proteção contra doenças

Epidemias de doenças são grandes tragédias em muitas nações pobres. Especialmente na África, HIV / AIDS,[312] cólera,[313]malária, dengue, meningite e outras doenças causam doenças debilitantes e até a morte. Essas tragédias também têm implicações econômicas, pois pessoas doentes e moribundas não podem fazer um trabalho produtivo para ajudar no crescimento econômico, mas muitas vezes precisam de cuidados demorados.

Mas essas epidemias de doenças não são a causa da pobreza nessas nações, mas sim o resultado. Acemoglu e Robinson escrevem:

> Obviamente, as doenças tropicais causam muito sofrimento e altas taxas de mortalidade infantil na África, mas não são a razão pela qual a África é pobre. A doença é em grande parte uma consequência da pobreza e da incapacidade ou recusa dos governos de tomar as medidas de saúde pública necessárias para

[312]De acordo com um relatório das Nações Unidas de 2010, dos 33,3 milhões de casos de HIV / AIDS em todo o mundo, a África Subsaariana foi responsável por 22,5 milhões. Mortes relacionadas à AIDS nesta região resultaram em 14,8 milhões de órfãos (Nações Unidas, Relatório do UNAIDS sobre a Epidemia Global de AIDS 2010, 180-207, acessado em 16 de outubro de 2012,http://www.unaids.org/globalreport/Global_report.htm)

[313] Dos trinta e três países que relataram mortes por cólera em 2011, as nações africanas foram responsáveis por vinte e dois deles e 53 por cento das mortes globais. A República Dominicana e o Haiti foram responsáveis por 41 por cento das mortes em todo o mundo (Organização Mundial da Saúde, "Weekly Epidemiological Record" (agosto de 2012): 289, acessado em 16 de outubro de 2012,http://www.who.int/wer/2012/wer8731_32.pdf.

erradicá-la.[314]

Por que os países ricos não têm epidemias de doenças como as dos países pobres? É porque essas nações gastaram dinheiro suficiente para garantir água potável, descarte sanitário de esgoto e lixo, regulamentação saudável do processamento e venda de alimentos, vacinação infantil generalizada contra doenças comuns, controle eficaz da poluição do ar, drenagem de pântanos e erradicação de doenças transmissíveis mosquitos,[315]e educação de saúde eficaz para a população em geral. Essas nações puderam arcar com essas medidas em decorrência do crescimento econômico.

Com respeito à AIDS em particular, uma educação de saúde precisa dentro de uma nação é crucial. É trágico que ainda se acredite em mitos absolutamente falsos (como a mentira odiosa de que fazer sexo com uma virgem cura a AIDS). O fato de a AIDS ser transmitida quase exclusivamente por relações sexuais (tanto heterossexuais quanto homossexuais) com uma pessoa infectada deve ser mais amplamente relatado nas nações pobres.[316] Tanto os governos quanto as igrejas deveriam promover a abstinência sexual fora do casamento, pois se a relação sexual acontecesse apenas dentro do casamento, a epidemia de AIDS chegaria ao fim em uma nação.

10. Proteção contra violações de contratos

Landes diz que uma sociedade economicamente produtiva buscará "fazer valer os direitos do contrato, explícitos e implícitos".[317]

Um contrato é um acordo legalmente vinculativo que descreve a intenção de realizar alguma ação futura, como pagar uma taxa, entregar alguns bens ou serviços ou realizar um trabalho. Por exemplo, eu (Wayne Grudem) recentemente assinei um contrato para lecionar por uma semana em uma faculdade na cidade de Nova York. O cumprimento do contrato era importante para ambas as partes. O colégio contou comigo para chegar na hora certa e fazer as palestras como havia

---

314 Acemoglu e Robinson, Why Nations Fail, 51.

315 As nações ricas não distribuem redes mosquiteiras. Eles simplesmente borrifam os habitats dos mosquitos com inseticida e matam os mosquitos. Então ninguém pega malária.

316 A AIDS também pode ser transmitida por meio de transfusões de sangue contaminado ou reutilização de agulhas para medicamentos por diferentes usuários. A AIDS é contraída dessas formas em provavelmente menos de 5% dos casos em todo o mundo. Medidas preventivas também devem ser tomadas nessas áreas, mas isso não deve obscurecer o fato de que, se a disseminação da AIDS por meio das relações sexuais fora do casamento acabasse, a epidemia de AIDS cessaria quase por completo.

317 Landes, Riqueza e Pobreza, 218.

prometido fazer. O colégio prometeu fornecer a minha esposa, Margaret, e a mim um lugar para morarmos durante a semana e me pagar uma certa quantia. Se eu não tivesse aparecido, a faculdade teria alguns alunos muito frustrados e algumas salas de aula vazias e não utilizadas. Mas no final da semana, se a faculdade não tivesse me pago, eu teria me sentido trapaceado. (Eles me pagaram!)

Todas as empresas dependem do cumprimento de contratos para sobreviver. Um fabricante de automóveis assina um contrato com uma empresa de pneus para entregar um determinado número de pneus em uma determinada data. Se os pneus não chegarem a tempo, os carros não podem ser finalizados e o fabricante sofre prejuízo. Um construtor constrói uma casa exatamente como foi encomendado pelo cliente e, então, ele depende do cliente para pagar o preço combinado.

Os governos devem fazer cumprir esses contratos, ou pessoas sem escrúpulos farão pedidos e não pagarão por eles, ou receberão o pagamento pelos produtos e não os entregarão. Se as pessoas conseguirem se safar violando contratos, isso criará um ambiente muito hostil para as empresas e transações comerciais, e isso prejudicará o crescimento econômico.

O suporte bíblico para a ideia de cumprimento de contratos encontra-se nos Dez Mandamentos, que dizem: "Não furtarás" e "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo" (Ex. 20: 15-16). Esses mandamentos implicam na obrigação de cumprir a palavra e as promessas.

11. Proteção contra violações de patentes e direitos autorais

Quando eu (Wayne Grudem) era um jovem professor, não era fácil para minha família viver com a renda que recebia. Todo verão, eu tinha duas opções: eu poderia dar aulas durante a escola de verão e ganhar um dinheiro extra imediatamente (o ensino da escola de verão não fazia parte de nossos contratos normais), ou poderia escolher não dar aulas na escola de verão, mas ficar em casa e tentar escrever livros, que eu esperava que acabassem gerando dinheiro dos royalties assim que fossem impressos. Por muitos anos, trabalhei escrevendo livros e, eventualmente, alguns desses livros começaram a gerar uma renda significativa, o que então me liberou para trabalhar em ainda mais projetos de escrita.

Tudo isso só foi possível porque os Estados Unidos protegem patentes e direitos autorais. Como autor, cada vez que escrevia um livro, criava um novo produto (por exemplo, meu livro Teologia Sistemática) e, quando o governo dos Estados Unidos aprovou meus direitos autorais desse livro, declarou que eu era o

proprietário da propriedade intelectual que eu havia criado naquele livro. Esse processo é semelhante àquele pelo qual um fazendeiro cultiva um caminhão de maçãs e as leva ao mercado. As maçãs são sua propriedade e ele tem o direito de vendê-las e obter uma renda com elas. Embora eu não tenha cultivado maçãs, criei um livro que exigiu vários anos de meu trabalho, e as leis de direitos autorais dizem que eu tinha o direito de proteger essa propriedade intelectual e de vendê-la para quem quisesse.

A questão é esta: se meu país não tivesse proteções de direitos autorais eficazes, eu nunca teria sentado em minha mesa no porão de minha casa, hora após hora, dia após dia, ano após ano, trabalhando para produzir algo que qualquer um pudesse pegar e use sem me pagar um centavo. Eu teria apenas lecionado na escola de verão ano após ano e ganhado dinheiro imediato, porque tinha a responsabilidade de trabalhar para sustentar minha família. Se não houvesse leis de direitos autorais e eu tivesse apenas sentado no porão semana após semana tentando escrever um livro grátis sem esperança de recompensa financeira, minha esposa logo teria me dito: "Wayne, você precisa conseguir um emprego!"

O mesmo ocorre com artistas que pintam pinturas, compositores que escrevem canções, diretores de cinema que produzem filmes ou inventores que inventam dispositivos e obtêm patentes para eles. Todos os anos, milhares de pessoas tentam fazer essas coisas e muitas têm sucesso até certo ponto, enquanto algumas criam produtos de tremendo sucesso que são apreciados por milhões de pessoas. Se uma nação quer sair da pobreza e aumentar a prosperidade, ela deve proteger e fazer cumprir patentes e direitos autorais para que as pessoas tenham incentivos positivos para experimentar, criar e inventar novos produtos.

Mas se uma nação decidir não proteger patentes e direitos autorais (por exemplo, a China moderna), isso incentiva as pessoas a roubar. Nesses países, as empresas imitadoras reproduzem invenções a baixo custo e não enfrentam multas ou punições. Obras de literatura, música, arte e drama são copiadas e distribuídas gratuitamente por qualquer pessoa que o deseje. Aqueles que fazem e distribuem essas cópias não estão roubando maçãs dos fazendeiros locais, mas estão roubando propriedades intelectuais que

 são o produto de muito mais trabalho do que montes de maçãs, e eles não estão pagando as pessoas que os criaram. A Bíblia diz: "Não furtarás" (Êxodo 20:15).

A importância de estimular a inovação e a invenção em uma economia não pode ser superestimada, e a necessidade de tal invenção nunca chegará ao fim. "A Revolução Industrial não teria começado na Grã-Bretanha e se espalhado para o resto do Ocidente sem o desenvolvimento de uma sociedade de consumo dinâmica caracterizada por uma demanda quase infinitamente elástica por roupas baratas."[318] Mas as invenções de equipamentos de fabricação supriram essa necessidade; foi "a inovação tecnológica que estimulou o lado da oferta, e o lado da demanda da Revolução Industrial foi impulsionado pelo apetite aparentemente insaciável que os seres humanos têm por roupas".[319]

Quando uma nação não protege patentes e direitos autorais, a maioria de seu povo verdadeiramente criativo acabará se mudando para outros países (se for possível). Os que ficarem criarão muito pouco material novo artístico, musical, científico, literário ou de outro tipo. Por causa de seu brilhantismo em um campo ou outro, às vezes eles criam pequenos corpos de trabalho de qualidade mediana. Mas, sem esperança de serem recompensados por seu trabalho de forma significativa, poucos deles produzirão material de valor duradouro, e a nação ficará mais pobre como resultado.

Uma nação também pode sufocar a inovação e a invenção por meio de controles de preços que evitam que os inventores obtenham lucros significativos com suas invenções. Este processo efetivamente anula o valor das patentes.

Esse tipo de controle de preços ocorre com frequência na indústria farmacêutica. Depois que um novo medicamento foi inventado, pode custar a uma empresa apenas 10 centavos por comprimido produzi-lo em grandes quantidades. Mas a empresa pode ter gasto centenas de milhões de dólares testando produtos que não funcionaram, financiando testes e laboratórios de pesquisa caros e pagando os salários de cientistas que trabalharam muitos anos antes de inventarem este medicamento:

> Da próxima vez que você ouvir falar de um medicamento que gera bilhões de dólares para seu fabricante, considere o seguinte: atualmente, lançar um novo medicamento no mercado leva cerca de 14 anos, a um custo de cerca de US $ 1,3

---

[318] Niall Ferguson, Civilization: The West and the Rest (Nova York: Penguin, 2011), 198.
[319] Ibid., 201.

bilhão. Para cada droga

> que chega ao mercado, mais de 50 outros programas de pesquisa falham. Depois de tudo isso, apenas dois em cada dez medicamentos recém-aprovados serão lucrativos. Esses lucros devem financiar não apenas todos os programas de pesquisa que fracassaram, mas também todos os medicamentos que são lançados, mas geram prejuízos.[320]

Se o governo de uma nação se recusar a permitir que esse produto seja vendido no país, a menos que a empresa concorde em vendê-lo por não mais que 11 centavos ou 12 centavos a pílula, a empresa não será capaz de recuperar sua pesquisa e desenvolvimento custos ou para obter lucro com a invenção. Assim, a longo prazo, a pesquisa farmacêutica tende a murchar e morrer naquele país.

Esse processo aconteceu com tanta frequência na maioria dos países ocidentais que agora um número desproporcional de novos medicamentos é descoberto em apenas alguns países, incluindo os Estados Unidos e a Suíça, que resistiram à imposição de controles de preços. Esses países ainda permitem que as empresas tenham alguma esperança razoável de ganho determinado pelo mercado com suas invenções de medicamentos. Muitos outros governos, mesmo aqueles em economias ricas e modernizadas, como França e Canadá, instituíram regulamentos de preços que são tão restritivos que esgotaram a maior parte da pesquisa farmacêutica em seus países.[321] Além disso, a pesquisa patrocinada pelo governo e a pesquisa universitária também não parecem fornecer a resposta, porque mais de 90 por cento dos novos medicamentos introduzidos no mercado vêm de empresas privadas.[322]

12. Proteção contra invasão estrangeira

Uma das responsabilidades mais básicas de um governo é proteger os cidadãos de ataques. Se qualquer nação vai passar da pobreza à prosperidade, ela deve defender efetivamente seu povo contra invasões e conquistas estrangeiras. Se uma nação é invadida e conquistada por uma potência estrangeira, sua riqueza é saqueada e seu crescimento econômico prejudicado.

Na Bíblia, essa responsabilidade fica evidente quando os apóstolos declaram que os oficiais do governo devem "punir os que fazem o mal e louvar os que

---

320 Josh Bloom, “Should Patents on Pharmaceuticals Be Extended to Encourage Innovation? Sim: a inovação exige isso ”, Wall Street Journal, 23 de janeiro de 2012, acessado em 16 de outubro de 2012,- http://online.wsj.com /article/SB10001424052970204542404577156993191655000.html.

321 Richard W. Rahn, "Price Controls Can Be Lethal", Washington Times, 28 de outubro de 2003, acessado em 6 de janeiro de 2013, http://www.washingtontimes.com/news/2003/oct/28/20031028-083515-6228r/?page=all.

322 Sidney Taurel, “Hands Off My Industry,” Wall Street Journal, 3 de novembro de 2003.

fazem o bem" (1 Pedro 2:14), e eles devem ser um "terror" para o mal conduta e realizar “a ira de Deus sobre o transgressor” (Rom. 13: 3-4).

No Antigo Testamento, quando o povo de Israel “fez o que era mau aos olhos do Senhor” (Juízes 6: 1; ver também 2: 11-15), ele permitiu que fossem conquistados por outras nações. Por exemplo:

> Sempre que os israelitas plantavam safras, os midianitas, os amalequitas e o povo do Oriente se levantavam contra eles. Eles se acampariam contra eles e devorariam a produção da terra, até Gaza, e não deixariam nenhum sustento em Israel, nem ovelhas, bois ou jumentos. Pois eles subiriam com seus rebanhos e suas tendas; eles viriam como gafanhotos em número - eles e seus camelos não podiam ser contados - de modo que devastaram a terra ao entrar. E Israel foi rebaixado por causa de Midiã. E o povo de Israel clamou por ajuda ao Senhor. (Juí. 6: 3-6)

Em contraste, quando Deus abençoou o povo, ele os libertou de seus opressores e os capacitou a derrotar seus inimigos. Isso aconteceu, por exemplo, quando Davi derrotou Golias, o soldado gigante do exército dos filisteus, que atacava Israel repetidamente (1 Samuel 17).

O resultado da bênção do Senhor sobre os reinos de Davi e Salomão foi que “Judá e Israel viveram em segurança, desde Dã até Berseba, cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, todos os dias de Salomão” (1 Reis 4 : 25). Deus deu habilidade e poder aos soldados que defendiam Israel, para que Davi pudesse dizer: “Ele treina as minhas mãos para a guerra, para que os meus braços dobrem um arco de bronze” (Salmo 18:34). Na verdade, Deus deseja que os cristãos orem para que seus funcionários do governo sejam capazes de funcionar efetivamente em cargos de modo que os cidadãos cristãos (na verdade, todos os cidadãos) dentro de uma nação sejam protegidos e assim “possam levar uma vida pacífica e tranquila, piedosa e digna em todos os sentidos ”(1 Tim. 2: 2).

A conquista militar e a destruição econômica ocorreram em muitas das nações da Europa quando foram invadidas pelos exércitos de Adolf Hitler no início de 1938. Para a maioria dos países do Leste Europeu, a opressão continuou depois que foram conquistados pelas forças soviéticas, que permaneceram após o fim da guerra em 1945 e os manteve na pobreza até a dissolução da União Soviética em 1991. Ainda hoje, mais de vinte anos depois, os países do Leste Europeu como Polônia, República Tcheca, Hungria, Romênia, Kosovo, Bulgária, Macedônia, Sérvia e outros são ainda lutando para superar os efeitos econômicos prejudiciais desses anos de dominação estrangeira. Outro exemplo é a destruição

de grande parte da Armênia pelo Império Otomano em 1915-1916.

Em muitos casos, tragicamente, as nações menores são simplesmente incapazes de se defender contra agressores mais poderosos. Foi o que aconteceu quando os exércitos de Hitler invadiram a Europa. Séculos antes, era verdade quanto à conquista dos astecas no México pelos exércitos espanhóis sob Cortez em 1519-1521 e dos incas no Peru pelas forças sob Pizarro em 1532-1533.[323] Acemoglu e Robinson argumentam que o legado destrutivo de tais conquistas e as instituições extrativistas que estabeleceram ainda permanecem na América Latina.[324]

13. Evitar guerras de conquista e guerras civis

Por outro lado, se uma nação vai passar da pobreza à prosperidade, o governo não deve lançar guerras destrutivas de conquista ou vingança contra outras nações. Landes observa: "A guerra é o uso que mais desperdiça: ela destrói em vez de construir; não conhece razão ou restrições; e a inevitável irregularidade e escassez de recursos levam à irracionalidade implacável, que simplesmente aumenta os custos. "[325] Guerras de conquista ou vingança geralmente trazem destruição não apenas para a nação conquistada, mas também para a nação invasora.

O ex-dissidente soviético Natan Sharansky relata que uma tática frequente de ditadores opressores é a criação de "inimigos externos" reais ou imaginários para que a nação permaneça em constante estado de "emergência", o que ajuda o governante a permanecer no poder. Ele diz: "Os governantes não democráticos consideram a ameaça de guerra um dispositivo particularmente atraente para justificar a repressão necessária para controlar seus súditos e permanecer no poder".[326]

Ele observa que os governos de Cuba, Coréia do Norte e Iraque (sob Saddam Hussein) "consideram a inculcação do ódio contra estranhos como algo crítico para seu governo". Além disso, "ao travar uma guerra ideológica contra o Ocidente, o regime soviético foi capaz de encontrar um inimigo que ajudaria a estabilizar seu governo por quase 70 anos".[327] Portanto, Sharansky diz: "A mecânica da tirania torna as não-democracias inerentemente beligerantes. Na verdade, para evitar o colapso interno, as sociedades do medo devem manter um estado perpétuo de conflito. "[328]Entre outros exemplos, Sharansky menciona a

---

323 Os astecas e incas tinham exércitos maiores, mas os soldados espanhóis tinham armas.
324 Acemoglu e Robinson, Why Nations Fail, 9-19, 114-15, 432-33.
325 Landes, Wealth and Poverty, 171.
326 Natan Sharansky, The Case for Democracy (New York: Public Affairs, 2004), 83.
327 Ibid., 84.
328 Ibid., 88, ênfase no original.

Coreia do Norte e sua contínua beligerância em relação à Coreia do Sul. Além disso, ele acredita que os líderes das nações árabes hostis que cercam Israel consideram benéfico perpetuar um estado de hostilidade em relação ao Estado judeu como meio de permanecer no poder.[329]

Outros exemplos de conflitos que provaram ser prejudiciais para o agressor incluem a guerra horrivelmente destrutiva que o Sudão está travando contra a nova nação do Sudão do Sul (incluindo anos de conflito que precederam sua separação) e a guerra entre a Etiópia e a Eritreia (1998-2000) durante uma disputa de fronteira ainda não resolvida.

As guerras civis internas também podem destruir nações, como aconteceu com tanta frequência na África. Acemoglu e Robinson observam que em nações com "instituições extrativistas" (instituições políticas e econômicas que são "projetadas para extrair renda e riqueza de um subconjunto da sociedade para beneficiar um subconjunto diferente"),[330] há um grande incentivo para travar uma guerra civil a fim de assumir o poder governamental:

> Porque quem controla o estado se torna o beneficiário desse poder excessivo e da riqueza que ele gera, as instituições extrativistas criam incentivos para lutas internas. . . [as guerras são travadas] para capturar o poder e enriquecer um grupo às custas do resto.
>
> Em Angola, Burundi, Chade, Costa do Marfim, República Democrática do Congo, Etiópia, Libéria, Moçambique, Nigéria, República do Congo, Brazzaville, Ruanda, Somália, Sudão. . . Uganda e. . . Serra Leoa . . . esses conflitos se transformariam em guerras civis sangrentas e criariam ruína econômica e sofrimento humano sem paralelo - além de causar a falência do Estado.[331]

Collier também descreve o conflito pelo controle do governo como uma "armadilha de conflito" destrutiva que mantém muitas nações pobres na pobreza.[332]

14. Proteção contra a destruição do meio ambiente

Uma nação economicamente produtiva deve proteger seus recursos naturais da destruição humana descuidada. Um exemplo de tal destruição ocorreu quando o Lago Erie ficou tão poluído com esgoto e resíduos industriais que nas décadas de

---

329 Ibid., 90-95.
330 Acemoglu e Robinson, *Por que as nações falham,* 76
331 Ibid., 344.
332 Collier, The Bottom Billion, 17-37.

1960 e 1970, seções inteiras dele estavam essencialmente "mortas", sem peixes comestíveis remanescentes e incêndios ocasionais irrompendo nos poluentes em cima de os cursos d'água que alimentavam o lago.[333] Mas em uma economia de mercado com responsabilidade governamental para com o povo, salvaguardas ambientais mais rígidas em vigor desde o início da década de 1970 acabaram restaurando o lago a muito de seu status anterior como um lar para uma vida marinha abundante.[334]

Sobre a destruição do meio ambiente nas economias socialistas, PJ Hill escreveu há vinte anos:

> Com o colapso da União Soviética e a chegada da democracia à Europa Oriental, as informações fluíram com muito mais liberdade e a extensão da ruptura ecológica se tornou mais amplamente conhecida.
>
> Descobriu-se que crianças da região da Alta Silésia, na Polônia, têm cinco vezes mais chumbo no sangue do que crianças de cidades da Europa Ocidental. Metade das crianças dessa área sofre de doenças relacionadas com a poluição.
>
> A pior poluição do ar está no corredor industrial da parte sul da Alemanha Oriental, no norte da Tchecoslováquia e no sul da Polônia.
>
> Em Leuna, no que antes era a Alemanha Oriental, em determinado momento 60% da população sofre de doenças respiratórias. Quatro em cada cinco crianças em Espenhain desenvolvem bronquite crônica ou doenças cardíacas aos sete anos de idade. Em Telpice, uma cidade no noroeste da Tchecoslováquia, a poluição do ar mantém as crianças dentro de casa por cerca de um terço do inverno.
>
> A poluição da água também tem sido um problema significativo em vários países do Leste Europeu. A água potável na Hungria está seriamente contaminada com arsênico. O tratamento de esgoto é inexistente ou muito primitivo em muitas cidades grandes. A agricultura búlgara sofre com a poluição por metais pesados através da água de irrigação de muitas de suas melhores regiões agrícolas.
>
> Por mais deploráveis que sejam as condições na Europa Oriental, a situação na ex-União Soviética é um pouco melhor. A poluição do ar e da água também é abundante ali.[335]

Embora muitos desses danos tenham sido limpos desde que a liberdade chegou à Europa Oriental, o trágico registro da destruição trazida pela economia

---

[333] "America's Sewage System and the Price of Optimism", Time, 1 de agosto de 1969, acessado em 16 de outubro de 2012, http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,901182,00.html.

[334] Joseph C. Makarewicz e Paul Bertram, "Evidence for the Restoration of the Lake Erie Ecosystem", BioScience 41 (janeiro de 1991): 216-23, acessado em 16 de outubro de 2012,http://www.epa.gov/greatlakes /monitoring/publications/articles/restore_lake_erie.pdf.

[335] PJ Hill, "Environmental Problems under Socialism," Cato Journal 12, no. 2 (outono de 1992): 321-34.

socialista / comunista é inegável.

Dois exemplos particularmente horríveis de destruição ambiental vieram da própria ex-União Soviética. O Mar de Aral no Cazaquistão e no Uzbequistão (diretamente a leste do Mar Cáspio) já foi o quarto maior corpo de água doce da Terra. Mas o governo soviético desviou os rios que o alimentavam para uso em projetos industriais e agrícolas, e o Mar de Aral começou a secar. Landes escreve que é "hoje um buraco moribundo - metade da superfície original, um terço de seu volume, cheirando a produtos químicos, peixes mortos, ar quente e envenenado. As crianças da região morrem jovens, uma em cada dez no primeiro ano. Décadas de planos insolentes, pressa e desperdício, toneladas de pesticidas, herbicidas e fertilizantes. . . permitiu que a União Soviética cultivasse muito algodão. . . ao mesmo tempo em que reverte os ganhos na expectativa de vida e mostra o caminho para trás ".[336]

O segundo exemplo é o horrível colapso dos reatores de energia atômica em Chernobyl (na Ucrânia, ao norte de Kiev) em 1986: "O fogo queimou fora de controle por cinco dias e espalhou mais de 50 toneladas de veneno radioativo na Rússia Branca (Bielo-Rússia) , os estados bálticos e partes da Escandinávia - muito mais do que as bombas de Hiroshima e Nagasaki juntas. " Além disso, a tarefa de limpeza "foi aparentemente malfeita: o núcleo não foi completamente asfixiado; 'a situação' não se estabilizou. A área ao redor da fábrica se tornou um lugar de medo. "[337]O problema era um projeto defeituoso na própria planta, com proteções de segurança inadequadas. Mas isso não é surpreendente. Landes diz: "A economia de comando socialista foi manchada com incompetência, credulidade, estupidez e indiferença.

---

336 Landes, Riqueza e Pobreza, 497.

337 Ibid., 497-98.

referência ao bem-estar público [bem-estar]. ” Surpreendentemente, Landes conclui dizendo: “Uma dúzia de usinas nucleares no modelo de Chernobyl ainda estão em operação”. 59

Outras maneiras de destruir o meio ambiente que foram encontradas em muitas nações incluem poluir o ar, derrubar florestas sem replantar e erodir ou esgotar o solo fértil.

Economistas usam o termo “tragédia dos comuns” para se referir a uma situação em que muitos indivíduos têm o direito de usar um recurso que é comum a todos, mas ninguém tem a responsabilidade de cuidar dele. Por exemplo, em uma pequena comunidade agrícola, se todos puderem permitir que seu gado pastoreie no gramado central, cada um deles terá um incentivo para colocar mais e mais gado naquele lote, levando ao sobrepastoreio. Então, a área logo se torna inadequada para qualquer gado pastar. Se ninguém tiver a responsabilidade de cuidar da pastagem, essa tragédia provavelmente ocorrerá. Este é um argumento para outras soluções, ou mais propriedade privada de pastagens (de modo que cada agricultor cuide de sua própria terra) ou leis que regulam o acesso a alguns recursos (como água de rio para irrigação).

A Bíblia ensina que Deus deu aos seres humanos a responsabilidade de uma gestão sábia do meio ambiente. Quando Deus criou Adão e Eva, disse-lhes: “Sejam fecundos e multipliquem-se, encham a terra e subjugem-na, e tenham domínio sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu e sobre todos os seres viventes que se movem no terra ”(Gênesis 1:28). A responsabilidade de “subjugar” a terra e “ter domínio” sobre ela inclui a obrigação de usar os recursos da terra com sabedoria e com o cuidado adequado para as necessidades das gerações futuras, bem como as nossas. Essa ideia é reforçada no Salmo 8, que fala de Deus dando ao homem domínio sobre a terra:

> Você deu a ele domínio sobre as obras de suas mãos;
> você colocou todas as coisas sob seus pés,
> todas as ovelhas e bois,
> e também os animais do campo,
> as aves do céu e os peixes do mar, tudo o que passa pelos caminhos dos mares.
> (Salmos 8: 6-8)

[59] Ibidem, 498.

C. Coisas que o governo deve promover

Um governo não só precisa proteger seu povo de certas coisas, mas também deve promover ativamente várias coisas. O Novo Testamento indica que um oficial do governo "é servo de Deus para o seu bem" (Rom. 13: 4), e o governo deve "louvar os que fazem o bem" (1 Pedro 2:14), o que implica encorajar e promover coisas que são boas para a sociedade como um todo. Nesta seção, consideramos três áreas nas quais o governo pode promover e encorajar coisas que tragam grandes benefícios econômicos: educação, casamento e família e igreja.

15. Educação universal obrigatória

Nações economicamente produtivas exigem educação universal de todas as crianças da sociedade. Pessoas educadas trazem benefícios não apenas para si mesmas, mas também para a sociedade em geral, o que constitui um bom motivo para o governo exigir algum nível de realização educacional. O progresso econômico está intimamente ligado aos níveis de alfabetização em uma economia e ao alcance de outros tipos de educação (como treinamento vocacional) suficientes para permitir que as pessoas ganhem a vida e contribuam positivamente para a sociedade.

Em contraste, em nações que permanecem na pobreza, a educação é muitas vezes limitada a certos grupos favorecidos, e é muito difícil para outras pessoas fora desses grupos (como minorias raciais, étnicas ou religiosas; mulheres; e pessoas pobres em geral) obtê-la . Portanto, os países pobres costumam ter um analfabetismo generalizado que se concentra principalmente entre as mulheres, certos grupos étnicos e religiosos ou certas castas mais baixas.

Em relação aos benefícios econômicos gerais da educação, Landes observa que os países escandinavos, que eram "desesperadamente pobres no século XVIII", de repente começaram a experimentar um crescimento econômico espetacular, mais do que triplicando suas rendas per capita de 1830 a 1913. Um dos motivos foi que “Os países escandinavos, parceiros iguais na comunidade intelectual e científica da Europa, gozavam de altos níveis de alfabetização e ofereciam educação de primeira classe em níveis superiores.” 60

Isso também se aplicava ao norte da Europa protestante em geral. Prot-

[60] Ibid., 248.

estantes colocavam “ênfase na instrução e na alfabetização, tanto para meninas quanto para meninos”. Uma crença teológica explica o porquê:

> Este é um subproduto da leitura da Bíblia. Esperava-se que os bons protestantes lessem as sagradas escrituras por conta própria. (Em contraste, os católicos eram catequizados, mas não precisavam ler, e eram explicitamente desencorajados a ler a Bíblia.) O resultado: maior alfabetização e um maior número de candidatos à escolaridade avançada; também maior garantia de continuidade da alfabetização de geração em geração. As mães alfabetizadas são importantes.[338]

Essa ênfase protestante na educação dos filhos não é surpreendente, porque a Bíblia enfatiza a responsabilidade dos pais em educar seus filhos. Imediatamente após Moisés dar ao povo de Israel o maior mandamento, ele os encorajou a educar a próxima geração:

> Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração. Você deve ensiná-los diligentemente a seus filhos, e deve falar deles quando você se sentar em sua casa e quando você andar pelo caminho, e quando você se deitar e quando você se levantar. (Deut. 6: 5-7)

Esperava-se que todo o povo de Israel imitasse o homem piedoso do Salmo 1, que “se deleita. . . na lei do Senhor e na sua lei medita de dia e de noite ”(Salmos 1: 2).

A ênfase protestante na educação levou a um rápido crescimento econômico no norte da Europa protestante, enquanto os países católicos romanos do sul da Europa ficaram muito para trás no desenvolvimento econômico: “O contraste entre o Mediterrâneo e o norte da Europa é inegavelmente grande. Por volta de 1900, por exemplo, quando apenas 3% da população da Grã-Bretanha era analfabeta, a cifra da Itália era de 48%, da Espanha 56%, de Portugal 78% ”.[339]

Da mesma forma, a Rússia sob os czares não conseguiu se desenvolver economicamente para acompanhar o ritmo da Europa Ocidental, e um dos motivos foi "uma população mal-educada e em grande parte analfabeta com manchas de brilho intelectual e científico"[340]

Nas nações muçulmanas do Oriente Médio, “as taxas de analfabetismo são

---

338 Ibid., 178, ênfase no original.

339 Ibid., 250. No entanto, os católicos romanos promovem a educação em muitos países hoje.

340 Ibid., 268.

escandalosamente altas e muito mais altas para as mulheres do que para os homens".[341] Por exemplo, mesmo em 1990, 43% da população da Argélia era analfabeta e 55% das mulheres.[342] As únicas nações muçulmanas do Oriente Médio que são ricas têm muito petróleo e poucas pessoas (como a Arábia Saudita e o Kuwait).[343] Isso ocorre porque a imensa riqueza gerada a partir das reservas de petróleo freqüentemente permanece nas mãos de poderosas elites governantes, enquanto a maioria da população permanece presa na pobreza.

Da mesma forma, há resistência à educação universal em algumas partes da cultura hindu. Darrow L. Miller e Stan Guthrie observam que um trabalhador de desenvolvimento que deseja ensinar as pessoas pobres na Índia a ler e escrever pode enfrentar uma objeção da cultura hindu: "No sistema hindu, encorajar os pobres a aprender é pedir-lhes que pecem. "[344]

A educação escolar tecnológica e comercial também é crucial para o progresso educacional de uma nação. Esse treinamento vocacional deve estar amplamente disponível para que o país tenha um suprimento abundante de eletricistas, encanadores, soldadores, carpinteiros, técnicos de raio-X, técnicos de laboratório, secretárias, operadores de equipamentos pesados e assim por diante.

Finalmente, o conhecimento de uma língua estrangeira é importante. Devido ao aumento das oportunidades globais nos negócios, os alunos que não falam vários idiomas têm suas oportunidades econômicas limitadas. Portanto, parece que o conhecimento prático de uma língua mundial é cada vez mais importante para a escolaridade das crianças em todos os países. Em países onde o inglês não é o idioma principal, nações prósperas hoje geralmente exigem fluência em inglês para crianças em todo o país, porque o inglês é agora a língua mundial de negócios e intercâmbio científico. (A proficiência em inglês agora é exigida ou fortemente encorajada e amplamente disponível, por exemplo, nos sistemas educacionais em países prósperos como Noruega, Suécia, Dinamarca, Holanda e Alemanha, bem como nos países rapidamente
países em crescimento da Índia e China, e em vários dos países em crescimento na Europa Oriental.)

Por outro lado, as nações que não exigem fluência em inglês em seus sistemas educacionais garantem que cada geração sucessiva de crianças cresça e

---

341 Ibid., 410-11.
342 Ibid., 508.
343 Ibid., 410-11.
344 Darrow L. Miller e Stan Guthrie, *Discipulando Nações: O Poder da Verdade para Transformar Culturas* (Seattle: JOCUM, 1998), 68.

se encontre linguisticamente incapaz de participar facilmente das interações comerciais, tecnológicas e científicas que ocorrem a cada dia nos países economicamente mais avançados. Países do mundo. As oportunidades para que essas crianças saiam da pobreza e ajudem a tirar suas nações da pobreza são severamente restringidas. Infelizmente, muitos países latino-americanos ainda não exigem que seus filhos tenham um amplo treinamento em inglês (talvez devido a uma resistência nacionalista em se tornarem "como os Estados Unidos"). Este também é o caso de muitos países muçulmanos e da Rússia.

16. Leis que oferecem proteção e incentivos econômicos positivos para estruturas familiares estáveis

O tipo de família mais propício ao desenvolvimento econômico é aquele que tem pai e mãe. Estudos mostram que nos Estados Unidos, onde há (infelizmente) desagregação familiar generalizada e divórcio desenfreado, as crianças que moram com seus próprios pais casados têm desempenho educacional significativamente mais alto e são muito mais propensas a desfrutar de um melhor padrão de vida na idade adulta vidas. Em outras palavras, uma criança crescendo em uma família com um pai e uma mãe presentes tem muito menos probabilidade de acabar na pobreza.[345]

Um dos fatores mais importantes para prever a situação de pobreza nos Estados Unidos é se uma criança cresce em uma casa com apenas um dos pais:

> A pobreza infantil é uma preocupação nacional constante, mas poucos estão cientes de sua causa principal: a ausência de pais casados em casa. De acordo com o Censo dos EUA, a taxa de pobreza para pais solteiros com filhos nos Estados Unidos em 2009 era de 37,1%. A taxa de casais com filhos foi de 6,8%. Ser criado em uma família casada reduziu a probabilidade de uma criança viver na pobreza em cerca de 82 por cento.[346]

Esta é uma área em que muitos países pobres já se saem muito melhor do que muitos países ricos. É trágico que em muitos países ricos (como os Estados Unidos), o divórcio seja mais comum e os filhos nascem cada vez mais fora do casamento. Os países mais pobres que ainda têm estruturas familiares estáveis

---

345 Veja Grudem, Política, 224.

346 Robert Rector, "Marriage: America's Greatest Weapon Against Child Poverty", *Relatório Especial da Heritage Foundation*, 5 de setembro de 2012, parágrafo 2, acessado em 16 de outubro de 2012, http://www.heritage.org/research / reports / 2012/09 / casamento-americas-maior-arma-contra-pobreza infantil # _ftn1.

devem considerar isso um bem valioso e devem procurar proteger a família contra as influências culturais que a destruiriam.

Também reconhecemos que em muitos países pobres a razão pela qual as crianças crescem com apenas um dos pais ou sem pais não é por causa do divórcio, mas porque milhares de pais morreram de doenças, especialmente AIDS, e outros milhares foram mortos em guerras. Essa é outra razão pela qual, como dissemos nas seções anteriores, os governos devem proteger seu povo contra doenças, invasões e guerras de conquista desnecessárias, se possível.

Obviamente, as sociedades devem fornecer vários tipos de assistência às crianças que crescem sem pais ou com pais solteiros. Mas uma das melhores salvaguardas contra a pobreza na próxima geração é que os filhos sejam criados em lares com dois pais.

Se uma nação deseja passar da pobreza para uma maior prosperidade, portanto, deve procurar adotar leis que forneçam incentivos positivos (como benefícios fiscais e outros benefícios legais) para se casar e permanecer casado. Especialmente em nações onde não estão nascendo filhos suficientes (como a China), os governos também deveriam oferecer incentivos para casar e criar filhos, uma vez que os filhos são os trabalhadores produtivos da próxima geração.

Em contraste, não achamos que as nações devam reconhecer ou promover relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo como um tipo de "casamento", porque tais relacionamentos não trazem os mesmos benefícios para a sociedade, nem geram e nutrem adequadamente a futura geração de filhos.[347]Assim, essas relações entre pessoas do mesmo sexo geralmente contribuem para a erosão e redução da força de trabalho na próxima geração. Achamos que encorajar tais relacionamentos, no longo prazo, é economicamente prejudicial para uma nação. E tais relacionamentos também são contrários aos padrões morais da Bíblia.[348]

17. Leis que protegem a liberdade de religião para todos os grupos religiosos e oferecem alguns benefícios às religiões em geral Os Estados Unidos e muitas outras nações decidiram instituir leis que dão algumas proteções e benefícios às igrejas e às atividades religiosas em geral. Isso ocorre porque essas sociedades concluíram que as religiões geralmente ensinam bons valores morais aos cidadãos, e isso traz benefícios para essas sociedades, incluindo benefícios econômicos. Discutiremos isso mais detalhadamente nos capítulos 8 e 9, mas

---

347 Veja Mark Regnerus, "Quão diferentes são os filhos adultos de pais que têm relacionamentos do mesmo sexo? Findings from the New Family Structures Study, "Social Science Research 41 (2012): 752-70, acessado em 2 de outubro de 2012,http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0049089X12000610.

348 Para uma discussão mais aprofundada, consulte Grudem, Política, 213-38.

neste ponto é importante observar que uma economia obtém benefícios econômicos dos bons hábitos morais (como honestidade, manter a palavra, não roubar, diligência no trabalho e parcimônia) que são ensinados por igrejas, templos e muitas organizações religiosas. Mas a negação da liberdade de religião (como na Inquisição na Espanha, Portugal e Itália,

D. Conclusão

O ponto principal deste capítulo é que estabelecer um sistema econômico de livre mercado não é suficiente por si só para trazer um país da pobreza para uma maior prosperidade. O governo da nação também deve proteger contra a corrupção no governo; proteger seus cidadãos contra forças e pessoas que os prejudicariam; e promover a educação universal, estruturas familiares estáveis e liberdade religiosa.

De todas essas maneiras, os líderes de um país devem usar o poder do governo para o benefício do povo como um todo, e não para eles próprios, suas famílias e seus amigos. Isso é o que o apóstolo Paulo quis dizer quando disse aos cristãos em Roma que a autoridade civil "é serva de Deus para o vosso bem" (Rom. 13: 4).

A LIBERDADE DO SISTEMA

Liberdades essenciais para o crescimento econômico

No capítulo anterior, descrevemos o tipo de governo mais propício ao desenvolvimento econômico em uma nação que busca sair da pobreza em direção ao aumento da prosperidade. Este é um governo no qual os líderes usam o poder para o benefício do povo como um todo, e não para eles próprios e seus amigos. Para promover esse tipo de governo, descrevemos salvaguardas contra a corrupção (estado de direito, um sistema judicial justo, ausência de suborno e corrupção, poder limitado do governo e poderes divididos do governo). Também listamos várias maneiras pelas quais os governos devem proteger as pessoas de serem prejudicadas por outros que se aproveitariam delas (proteção contra o crime, violação de contratos, violação de patentes e direitos autorais, invasão estrangeira, guerras inúteis de conquista ou vingança e destruição de o ambiente). Finalmente,

Resta uma grande área de preocupação que não discutimos em detalhes - uma condição que deve ser protegida pelo governo. Esse fator é pelo menos tão importante quanto qualquer um dos que discutimos no capítulo anterior e influencia todos eles. É a condição geral de “liberdade”.

A. A importância da liberdade para o crescimento econômico

A menos que o governo estabeleça e garanta liberdades econômicas e políticas cruciais, nenhuma sociedade pode passar da pobreza à prosperidade.[349] O povo de uma nação deve ter liberdade substancial para experimentar diferentes métodos de produção econômica e atividade comercial, de modo que possam encontrar os métodos mais eficazes para si e para sua nação. Mas eles não estarão dispostos a arriscar seu trabalho árduo e recursos, a menos que saibam que a sociedade lhes dará a liberdade para ter sucesso (ou fracassar) em seus esforços e a liberdade de desfrutar dos frutos de seu trabalho. Essas liberdades permitem que o mercado livre funcione com eficácia e produza um crescimento econômico contínuo.

Adam Smith falou em 1776 da importância absolutamente crucial das leis que garantem que cada trabalhador possa desfrutar "dos frutos de seu próprio trabalho". Aqui está a explicação de Smith para a prosperidade da Grã-Bretanha, que se aplica a qualquer nação:

> Essa segurança, que as leis da Grã-Bretanha dão a todo homem de que ele gozará dos frutos de seu próprio trabalho, é por si só suficiente para fazer qualquer país florescer.[350]

Smith continua explicando que quando as pessoas têm a liberdade de desfrutar dos frutos de seu trabalho, elas naturalmente trabalham de forma a aumentar o bem-estar econômico de uma nação:

> O esforço natural de cada indivíduo para melhorar sua própria condição, quando sofrido para exercer-se com liberdade e segurança, é um princípio tão poderoso, que só ele, e sem qualquer assistência, não só é capaz de levar a sociedade à riqueza e à prosperidade mas de superar uma centena de obstruções impertinentes com as quais a loucura das leis humanas muitas vezes atrapalha suas operações; embora o efeito dessas obstruções seja sempre mais ou menos invadir sua liberdade ou diminuir sua segurança. Na Grã-Bretanha, a indústria é perfeitamente segura; e embora esteja longe de ser perfeitamente livre, é tão ou mais livre do que em qualquer outra parte da Europa.[351]

---

[349] Este capítulo poderia ter feito parte do capítulo 7, pois fornece uma descrição mais detalhada do tipo de governo necessário para que uma nação passe da pobreza à prosperidade. Mas a lista de liberdades que o governo precisa proteger tornou-se tão longa que achamos útil dedicar um capítulo separado a essas liberdades.

[350] Adam Smith, An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations, ed. Edwin Cannan (1776; repr., New York: Modern Library, 1994), 581.

[351] Ibid.

David S. Landes aponta a liberdade como um aspecto crucial do notável crescimento e prosperidade na Grã-Bretanha nos séculos XVII e XVIII. Ele diz que a Grã-Bretanha "chegou mais perto primeiro deste novo tipo de ordem social" que constituiria uma "sociedade ideal de crescimento e desenvolvimento", e então ele diz que "uma área-chave de mudança" foi "o aumento da liberdade e segurança das pessoas."[352]

Estudos recentes como o índice de Liberdade Econômica do Mundo e os mais recentes dos volumes anuais do Índice de Liberdade Econômica corroboram essas observações históricas, porque mostram uma forte correlação entre a quantidade de liberdade econômica em uma nação e a prosperidade econômica de aquele país.[353]

Vários argumentos da Bíblia apóiam a ideia de que os governos devem proteger a liberdade humana.[354] A primeira consideração é o fato de que a escravidão e a opressão são sempre vistas de forma negativa nas Escrituras,[355] enquanto a liberdade é vista positivamente.

Quando Deus deu os Dez Mandamentos ao povo de Israel, ele começou dizendo: “Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito, da casa da escravidão” (Êxodo 20: 2). Quando o povo de Israel se voltou contra o Senhor, ele os entregou nas mãos de opressores que os escravizaram e tiraram sua liberdade (ver Deuteronômio 28: 28-29, 33; Juízes 2: 16-23). A perda da liberdade foi um julgamento, não uma bênção. É por isso que uma bênção prometida pela profecia messiânica em Isaías 61 é que um libertador libertaria o povo da opressão de seus inimigos, pois ele viria “para proclamar a liberdade aos cativos” (v. 1).

A liberdade individual também é valorizada na Bíblia, pois embora as pessoas às vezes se vendessem à servidão contratada como uma solução para a pobreza extrema, o Ano do Jubileu, ocorrendo uma vez a cada cinquenta anos, libertaria aqueles que haviam sido escravizados: "E vocês devem consagrar o quinquagésimo ano e proclamar a liberdade em toda a terra a todos os seus

---

[352]David S. Landes, The Wealth and Poverty of Nations: Por que alguns são tão ricos e alguns tão pobres (Nova York: WW Norton, 1999), 219.

[353] Terry Miller, Kim R. Holmes e Edwin Feulner, eds., 2012 Index of Economic Freedom (Washington: Heritage Foundation / Nova York: The Wall Street Journal, 2012). O índice também está disponível emwww.heritage.org / index / default. Para o segundo volume, vejawww.freetheworld.com/release.html.

[354] Os doze parágrafos a seguir foram extraídos de Wayne Grudem, Politics — Segundo a Bíblia (Grand Rapids: Zondervan, 2010), 91-93.

[355] Mesmo quando alguns tipos de escravidão eram permitidos (como em Levítico 25: 39-46), ela era regulamentada, e a escravidão era vista como uma situação indesejável da qual as pessoas normalmente desejariam obter a liberdade.

habitantes. Será um jubileu para vocês, quando cada um de vocês voltará para sua propriedade e cada um de vocês voltará para seu clã ”(Lv 25:10).

A liberdade de escolha individual é vista de maneira favorável repetidas vezes nas Escrituras. É um componente da personalidade humana plena e, em última análise, é um reflexo do atributo da “vontade” do próprio Deus, sua capacidade de aprovar e realizar várias ações como lhe agrada. Portanto, não temos apenas o teste de Deus para Adão e Eva no jardim do Éden (eles tinham liberdade para escolher obedecer ou não), mas também declarações como esta:

> Eu coloquei diante de você a vida e a morte, a bênção e a maldição. Portanto, escolha a vida, para que você e sua descendência possam viver. (Deut. 30:19)
>
> *Escolher*hoje a quem você servirá. (Josué 24:15)
>
> *Venha até mim*, todos os que trabalham e estão sobrecarregados, e eu vos aliviarei. (Mat. 11:28)
>
> O Espírito e a Noiva dizem: “Venha”. E quem ouvir diga: "Venha". E venha aquele que tem sede; que aquele que deseja tome a água da vida sem preço. (Rev. 22:17)

Do início de Gênesis ao último capítulo do Apocalipse, a Bíblia honra e protege a liberdade e escolha humanas. A liberdade é um componente essencial de nossa humanidade. Qualquer governo que negue significativamente a liberdade das pessoas exerce uma influência terrivelmente desumanizante sobre seu povo.

Ao fundar os Estados Unidos, os autores da Declaração de Independência compreenderam a importância da liberdade, pois afirmaram no início não apenas que "todos os homens são criados iguais", mas também "que são dotados por seu Criador de certos direitos inalienáveis, que entre eles estão Vida, Liberdade e a busca da Felicidade ”(grifo nosso). O direito inalienável à "liberdade" foi listado ao lado do direito inalienável à "vida". A frase seguinte declarou que era o propósito do governo proteger direitos como a vida e a liberdade: “Para garantir esses direitos, os governos são instituídos entre os homens, derivando seus justos poderes do consentimento dos governados.” 8 Os fundadores

[8] Declaração de independência, consulte http://www.archives.gov/exhibits/charters/declaration_transcript .html, ênfase adicionada.

considerava a proteção da liberdade humana uma das funções mais importantes e básicas do governo.

Da mesma forma, a primeira frase da Constituição dos Estados Unidos declarou que um dos propósitos mais básicos do novo governo era "garantir as Bênçãos da Liberdade para nós mesmos e nossa posteridade" .9 O governo dos Estados Unidos foi estabelecido para estabelecer e proteger liberdade humana (ou liberdade), e essa proteção é um dos fatores mais importantes que levaram ao notável crescimento econômico da nação após sua fundação.

B. Os tipos de liberdade que o governo deve proteger Embora "liberdade" seja uma categoria ampla e um tanto imprecisa, podemos listar 21 liberdades específicas (ou 21 aspectos da liberdade em geral) que devem ser protegidos pelo governo de uma nação que deseja sair da pobreza em direção ao aumento da prosperidade .

1. Liberdade de possuir propriedade

Discutimos essa liberdade com alguns detalhes nos capítulos 3 e 4 (114-16 e 141-54), mas a mencionamos aqui novamente porque é a primeira e mais básica liberdade econômica que um governo deve garantir. A Bíblia regularmente assume e reforça um sistema no qual a propriedade pertence aos indivíduos, não ao governo, a uma tribo ou, em algum sentido vago, à “sociedade” como um todo.

Se uma nação quer sair da pobreza e aumentar a prosperidade, ela deve estabelecer e proteger um sistema no qual as pessoas tenham liberdade para comprar e possuir propriedades sem obstáculos excessivos do governo. (Isso também implica a liberdade de vender propriedades sem interferência excessiva.)

2. Liberdade para comprar e vender

O crescimento econômico chega a uma nação quando os indivíduos são livres para comprar e vender bens e serviços em um mercado livre. Se as regras do governo dizem que apenas certas elites privilegiadas podem comprar certos bens ou se as leis colocam barreiras impossíveis no caminho daqueles que desejam vender seus

[9] Constituição dos Estados Unidos da América, consulte http://www.archives.gov/exhibits/charters/constitution_transcript.html, ênfase adicionada.

bens, então o crescimento econômico é impedido. Se não há mercado para os produtos, não há produção e, portanto, não há crescimento econômico.

Como mencionamos anteriormente, o sistema de juntas de comercialização agrícola que existia anteriormente em vários países africanos impedia que todos, exceto os agentes licenciados pelo governo, comprassem safras de agricultores e as vendessem a compradores estrangeiros (ver discussão no capítulo 2, 87-88 , 96). O incentivo para qualquer um tentar fazer melhor foi removido e o crescimento econômico foi reprimido.

A mesma coisa acontece hoje se apenas uma empresa, ou apenas um intermediário, tiver o monopólio de compra de produtos dos agricultores em uma determinada área.[356]

3. Liberdade para viajar e transportar mercadorias em qualquer lugar do país

Para que as pessoas e as empresas contribuam para uma economia em crescimento, elas precisam de fácil acesso a grandes mercados, que devem ser pelo menos tão grandes quanto toda a nação. Uma das principais razões pelas quais a Grã-Bretanha prosperou tão notavelmente durante a Revolução Industrial foi a facilidade de transporte e o acesso aberto a toda a nação como um grande mercado:

> Novas estradas e canais com auto-estradas, destinados principalmente a servir a indústria e a mineração, abriram caminho para recursos valiosos, vinculados a produção aos mercados, facilitando a divisão do trabalho. . . . Em nenhum outro lugar as estradas e canais eram tipicamente obra de empresas privadas, portanto, sensíveis às necessidades (ao invés de prestígio e interesses militares) e lucrativos para os usuários.[357]

Os comerciantes podiam levar seus produtos sem obstáculos para qualquer lugar da Grã-Bretanha, de modo que tinham acesso gratuito ao maior mercado nacional da Europa.[358]

Em contraste, o transporte de mercadorias era difícil e caro na Alemanha. Enquanto a Alemanha tinha uma grande rede de rios que deveria fornecer

---

[356]No entanto, a disponibilidade imediata de telefones celulares e acesso à Internet está desafiando esses monopólios, uma vez que os produtores agora podem obter informações instantâneas sobre os preços do mercado mundial.

[357] Landes, *Riqueza e pobreza*, 214-15.

[358] Ibid., 246.

transporte fácil e barato, os mercadores encontraram barreiras fluviais frequentes onde tiranos locais "inspecionavam" mercadorias e

 pedágios, mas não oferece nenhum benefício em troca. Os pedágios do rio eram tão problemáticos e caros que "os caminhões eram frequentemente obrigados a usar as estradas, por mais pobres e lentas que fossem, mesmo para mercadorias a granel de baixo valor por peso". Todo o sistema "foi projetado para incentivar o suborno, incluindo rodadas de comida e bebida para os meninos, o que não ajudava o próximo barco a passar".[359] É claro que logo os pedágios também foram cobrados nas estradas, desacelerando o crescimento industrial e trazendo benefícios apenas para os tiranos locais que cobravam esses pedágios, às custas de compradores e vendedores no resto do país.

Surpreendentemente, a Alemanha não aboliu esses pedágios de forma eficaz até 1834. Na França, as barreiras alfandegárias nas entradas das cidades não desapareceram até a chegada do automóvel no início do século XX.[360]

Tragicamente, tais bloqueios de estradas e extorsão de dinheiro persistem em vários países africanos hoje. Robert Guest, o editor africano do The Economist, conseguiu permissão para acompanhar o motorista de um grande caminhão que transportava trinta mil garrafas de cerveja da fábrica da Guinness em Douala, o porto que é o maior centro comercial dos Camarões, até Bertoua, a pequena cidade a quinhentos quilômetros (trezentas milhas) de distância. Em um país com um sistema de rodovias aberto e desenvolvido, tal viagem levaria cinco ou seis horas. Nos Camarões, deveria levar 18 horas (1% dias), incluindo uma parada para descanso durante a noite. Mas Guest explica que a viagem durou quatro dias e, quando o caminhão chegou, "carregava apenas dois terços de sua carga original".

Por que a viagem demorou tanto? O convidado explica:

> Fomos parados em bloqueios de estradas 47 vezes. Geralmente, consistiam em uma pilha de pneus ou dois tambores de óleo no meio da estrada, além de uma prancha com pregos arrebentados que poderiam ser puxados para o lado quando os policiais de serviço estivessem convencidos de que o caminhão não infringiu nenhuma lei e deveria ter permissão para passar. . . . Em todos os outros bloqueios de estradas, eles realizaram "verificações de segurança". . . . Em alguns bloqueios de estradas, a polícia examinou nossos papéis palavra por palavra, na esperança de encontrar um erro.

---

359 Ibid., 245-46.
360 Ibid., 246-47.

> A explicação mais contundente de por que os camaroneses têm de suportar tudo isso veio do policial do bloqueio de estrada número 31, que inventou uma nova lei sobre o transporte de passageiros em caminhões. . . . Quando lhe foi perguntado que a lei que citava não existia de fato, deu um tapinha no coldre e respondeu: "Você tem uma arma? Não. Eu tenho uma arma, então conheço as regras. "[361]

Além disso, muitas das estradas estavam em péssimas condições, obstruídas por destroços que não haviam sido removidos e, em um lugar, uma ponte estava destruída, forçando o motorista a tomar uma rota alternativa. Em uma parada, o caminhão foi detido por três horas e meia e, em outra, o motorista e o Visitante tiveram que esperar vinte e cinco horas antes de serem autorizados a se mover novamente.[362]

Enquanto eu (Wayne Grudem) lia esta história, tentei imaginar o que aconteceria em um país industrializado moderno se um chefe de polícia local decidisse estabelecer um "posto de controle" em uma grande rodovia e extorquir subornos antes de permitir que os caminhões continuassem. Em cerca de dez minutos, ele seria preso por policiais e colocado na prisão.

Qualquer nação que queira passar da pobreza para a prosperidade deve compreender os danos que essas barreiras à atividade comercial causam à economia de uma nação. Cada cliente que finalmente conseguiu comprar uma daquelas garrafas de cerveja em Bertoua, Camarões, teve que pagar um preço muito mais alto do que o necessário, porque os altos custos de transporte tornaram o preço que a Guinness teve de cobrar mais alto.

Isso é verdade não apenas para a cerveja, mas para todos os produtos de consumo que precisam ser trazidos de qualquer outro lugar do país para aquela cidade. As únicas pessoas que se beneficiam são os tiranos locais que cobram propina nos postos de controle. Mas os tiranos que comandam os postos de controle também sofrem com os preços mais altos porque tudo o que compram está sujeito aos mesmos custos de transporte exorbitantes.

Além disso, esses tiranos insignificantes não produzem nenhum benefício econômico útil para os Camarões porque não estão empregados em trabalho produtivo de qualquer tipo. Eles podem estar fazendo agricultura, construindo casas ou estradas, ou aprendendo alguma habilidade profissional. Em vez disso, eles passam a vida se tornando especialistas em roubo. Enquanto isso, o motorista

---

361 Robert Guest, The Shackled Continent: Africa's Past, Present, and Future (Londres: Macmillan, 2004), 172-75.

362 Ibid., 175-76.

do caminhão de cerveja, que poderia estar fazendo outras entregas ou trabalhando em um segundo emprego nas horas vagas, foi forçado a fazer absolutamente nenhum trabalho para produzir mais bens e serviços para a nação enquanto esperava por vinte anos. cinco horas em uma parada até que o homem que poderia dar permissão para ele continuar seja encontrado.

Se um país vai produzir continuamente mais bens e serviços de valor e sair da pobreza para a prosperidade, deve garantir a liberdade de comércio interno. O governo nacional deve ter força e coragem suficientes para abolir todas as tarifas internas e extorsões. Todas as pessoas do país devem ter liberdade para viajar e transportar mercadorias para qualquer lugar, sem taxas ou penalidades.

4. Liberdade para se mudar para qualquer lugar do país

Se os trabalhadores são livres para se deslocar para qualquer lugar e aceitar empregos diferentes, eles têm alguma capacidade de barganhar por salários mais altos e, assim, melhorar seu status. Isso não foi possível, por exemplo, para a maioria das pessoas na Rússia dos séculos XVI a XVIII, porque os senhores agrícolas que possuíam grandes propriedades eram capazes de "fixar seus trabalhadores no solo" por meio de uma espécie de servidão que reduzia o trabalhador "a status de quase escravo ", de modo que“ a Rússia na verdade se tornou uma enorme prisão ".[363]O governo e a aristocracia cooperaram para manter esse sistema em vigor. Mas as consequências para a economia da Rússia foram desastrosas e, em última análise, o sistema falhou porque "o trabalho não livre não funcionaria bem ou honestamente".[364]

Em contraste, as nações que tiveram um rápido desenvolvimento econômico, como a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e os países escandinavos, deram às pessoas total liberdade para viajar e se mudar para assumir diferentes empregos em qualquer lugar dentro desses países.

5. Liberdade de comércio com outras nações

Assim como a liberdade de comprar e vender, a liberdade de viajar e transportar bens e a liberdade de realocar são importantes dentro das fronteiras de um país, a liberdade de comércio com pessoas de outros países é vital quando uma nação busca sair da pobreza para uma maior prosperidade . Isso ocorre porque quanto maior o número de potenciais parceiros comerciais, mais oportunidades de

363 Landes, Wealth and Poverty, 240.
364 Ibidem, 241.

mercado existem para obter melhores tipos de vantagem comparativa. O comércio é mais benéfico com países que produzem produtos muito diferentes dos seus.

Um dos principais contribuintes para mais de três séculos de pobreza no Japão foi seu isolamento autoimposto do comércio exterior. Em 1616, o Japão proibiu todos os navios mercantes estrangeiros (exceto chineses) de todos os portos japoneses, exceto dois (Nagasaki e Hirado). A partir de 1633, todos os navios japoneses precisaram de permissão oficial para deixar o país (isso em uma nação insular). Em 1636, todos os navios japoneses estavam confinados ao Japão e, a partir de 1637, "nenhum japonês foi autorizado a deixar o país por qualquer meio - sem saída. Além do mais, sem retorno, sob pena de morte. "[365]

Portanto, enquanto grande parte do resto do mundo experimentava um notável crescimento econômico dos séculos XVII ao XIX, o Japão permaneceu isolado. Embora o povo japonês tivesse o benefício de uma cultura que valorizava muito o trabalho e a economia, a nação não estava aberta a produtos e idéias estrangeiras até que uma frota de dezessete navios britânicos, americanos, franceses e holandeses com 305 canhões explodiu caminho para o porto de Shimonoseki em 1864, após o qual o comércio com outras nações e o desenvolvimento industrial baseado no conhecimento de métodos estrangeiros começaram a expandir e enriquecer a nação.[366]

O livre comércio é tão próximo de uma máquina de movimento perpétuo quanto qualquer ideia econômica do homem. O comércio produz ganhos econômicos; ganhos econômicos produzem rendas mais altas; rendas mais altas permitem que as pessoas comprem mais bens e serviços, o que leva a uma produção ainda mais eficiente, o que leva a cada vez mais comércio. O círculo cada vez maior de riqueza causa mais divisão de trabalho, mais especialização, mais produtividade e mais benefícios de troca e comércio mútuos. Nações e pessoas enriquecem quando negociam livremente.

Cotas e tarifas sobre o comércio, entretanto, trazem exatamente o oposto. Eles sempre aumentam o preço que os clientes devem pagar pelos produtos. Embora as cotas sobre os produtos possam economizar alguns empregos locais, os custos mais altos para os consumidores geralmente superam em muito o valor que o trabalhador ganhador.

Cotas e tarifas protecionistas impõem custos enormes à sociedade, mas os lobbies trabalhistas estão frequentemente interessados apenas em como essas políticas os beneficiam. Os interesses estreitos do produtor são quase sempre mais poderosos

365 Ibid., 355-56.
366 Ibid., 373.

do que os interesses gerais do consumidor.

Niall Ferguson ilustra esse contraste citando exemplos históricos da Grã-Bretanha e do Japão:

> Enquanto os ingleses se voltaram agressivamente para fora, lançando as bases do que pode ser justamente chamado de "anglobalização", os japoneses tomaram o caminho oposto, com a política de reclusão estrita do xogunato Tokugawa (sakoku) após 1640. Todas as formas de contato com o mundo exterior foram proscrito. Como resultado, o Japão perdeu inteiramente os benefícios associados a um nível de rápido crescimento do comércio global e da migração. Os resultados foram surpreendentes. No final do século XVIII, mais de 25% da dieta dos trabalhadores agrícolas ingleses consistia em produtos de origem animal; sua contraparte japonesa vivia com uma ingestão monótona de 95% de cereais, principalmente arroz. Essa divergência nutricional explica a lacuna acentuada de estatura que se desenvolveu depois de 1600. A altura média dos condenados ingleses no século XVIII era de 5 pés e 7 polegadas.[367]

O economista Paul Collier, com base em sua experiência de muitos anos como economista e diretor de pesquisa de desenvolvimento do Banco Mundial, escreve que a reforma da política comercial é um dos passos mais urgentes que países ricos e pobres podem tomar para ajudar no desenvolvimento econômico. dos países pobres. Especificamente, ele diz que os países pobres devem reduzir suas tarifas protecionistas que forçam seus cidadãos a pagar preços altos por produtos importados simplesmente para proteger empresas domésticas ineficientes (cujos proprietários costumam ser amigos de funcionários do governo). Além disso, os países ricos precisam fazer “reduções não correspondidas” nas barreiras comerciais para ajudar genuinamente os países muito pobres.[368]

6. Liberdade para começar negócios

Se o objetivo de uma nação é criar continuamente mais bens e serviços, e assim passar da pobreza para a prosperidade, ela deve perguntar: "Quem cria o

---

367 Niall Ferguson, Civilization: The West and the Rest (Nova York: Penguin, 2011), 45-46.

368 Paul Collier, *O bilhão inferior: por que os países mais pobres estão falhando e o que pode ser feito a respeito* (Oxford: Oxford University Press, 2007), 170-72.

a maioria dos novos produtos de valor? " A maioria desses produtos não é criada por atividades governamentais, por igrejas e organizações de caridade ou por clubes de jardinagem comunitários, ligas de boliche ou equipes esportivas. O tipo de organização que cria muito mais produtos de valor do que todas essas outras fontes combinadas é um negócio.

As empresas produzem, distribuem e vendem bens no valor de trilhões de dólares em todo o mundo todos os anos. E as empresas fornecem a grande maioria dos empregos que pagam as pessoas por seu trabalho e, portanto, fornecem um mercado no qual os produtos podem ser vendidos. Portanto, é extremamente importante para uma sociedade tornar mais fácil para as pessoas iniciarem negócios. Uma nova empresa pode tentar produzir um produto em que ninguém pensou antes (como uma lâmpada elétrica, um telefone, um computador pessoal doméstico ou um telefone celular). Ou uma nova empresa pode tentar produzir um produto melhor do que o que está no mercado, ou produzi-lo mais barato. Dessa forma, os novos negócios promovem a concorrência e a empresa que fabrica o melhor produto pelo menor custo terá mais sucesso. Todos os consumidores da sociedade se beneficiam disso,

Portanto, se um país pretende sair da pobreza para uma maior prosperidade, é importante que os indivíduos da sociedade tenham liberdade para iniciar negócios, se assim o desejarem. Em uma economia em crescimento, o governo tornará mais fácil para qualquer pessoa iniciar e desenvolver um negócio legalmente documentado, e poucos ou nenhum monopólio será permitido.

Em contraste, se um governo colocar uma barreira indevidamente alta para iniciar negócios em muitos setores (talvez porque os negócios que já existem são propriedade de amigos ricos de funcionários do governo), então a competição será sufocada e o crescimento econômico será prejudicado. Os governos podem impedir efetivamente o início de novos negócios, seja ao impor procedimentos restritivos para obter licenças de operação ou fechando os olhos para o roubo e a violência cometidos contra novos negócios por criminosos que são secretamente financiados por empresas estabelecidas.

Daron Acemoglu e James A. Robinson relatam como o governo mexicano protege o monopólio das telecomunicações do bilionário Carlos Slim.23 Eles escrevem:

> Se você é um empresário mexicano, as barreiras de entrada desempenharão um papel crucial em todas as fases de sua carreira. Essas barreiras incluem licenças caras que você precisa obter, burocracia que precisa ser ultrapassada, políticos e

[23] Daron Acemoglu e James A. Robinson, Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity and Poverty (Nova York: Crown Publishers, 2012), 39-40.

> governantes que ficarão no seu caminho e a dificuldade de obter financiamento de um setor financeiro, muitas vezes em conluio com os operadores históricos que você está tentando competir contra. Essas barreiras podem ser. . . intransponível, mantendo você fora de áreas lucrativas.24

Uma liberdade relacionada e igualmente importante que o governo deve proteger é a liberdade para as pessoas fecharem empresas e abandonarem indústrias se as empresas não estiverem ganhando dinheiro. Se as regulamentações governamentais impedirem significativamente uma empresa de demitir funcionários ou fechar o negócio, menos pessoas se atreverão a tentar abrir um negócio. A possibilidade de um grande endividamento de longo prazo é muito grande.

O economista peruano Hernando de Soto explica que restrições governamentais excessivas tornam quase impossível abrir empresas em vários países pobres (ver exemplo acima, 151-52).

7. Livre de regulamentação governamental excessiva

Se um país deseja passar da pobreza para uma maior prosperidade, o peso das regulamentações governamentais sobre as empresas deve ser mantido relativamente pequeno.

O controle das empresas pelo governo é extremamente sufocante em sistemas planejados, como as economias comunista e socialista. Problemas semelhantes eram evidentes nas juntas de comercialização que controlavam a venda de produtos agrícolas em vários países africanos (conforme explicamos no capítulo 3, 87-88, 96).

Regulamentação governamental excessiva foi observada recentemente nos Estados Unidos, onde uma agência do estado da Louisiana enviou uma ordem de cessar e desistir a um mosteiro, a Abadia de São José. A fim de levantar um pouco de dinheiro para cobrir suas despesas, os monges estavam fazendo caixões de madeira simples e os vendendo. A agência estatal notificou os monges de que a abadia precisava primeiro se tornar um estabelecimento funerário licenciado, "o que significa que os monges de São José teriam que contratar um agente funerário, instalar equipamento de embalsamamento e construir uma funerária

[24] Ibid., 39.

mesmo que eles não tenham planos de embalsamar o falecido ou realizar funerais de verdade. ”[369] Em vez disso, os monges decidiram processar o estado e ganharam o caso em 20 de março de 2013.

Em 2010, um relatório da Heritage Foundation estimou o custo total da regulamentação governamental na economia dos Estados Unidos em espantosos US $ 1,75 trilhão por ano (em uma economia com PIB de US $ 15 trilhões).[370]

8. Livre de exigências de suborno

Em muitos países pobres, os funcionários do governo podem exigir subornos para conceder licenças, aprovar inspeções de saúde e segurança ou dar permissão às empresas para operar em certas áreas. Um suborno pode ser dado a um policial ou juiz para persuadi-lo a ignorar uma ofensa - ou para impor penalidades falsas a um concorrente! Em transações comerciais, um vendedor pode oferecer um suborno para persuadir o responsável pela tomada de decisões em outra empresa a comprar o produto de sua empresa em vez do produto de outra empresa. Os funcionários da alfândega podem solicitar suborno antes de permitir a importação ou exportação de uma remessa de mercadorias. Ou um inspetor do governo pode forçar uma fábrica a interromper sua produção, supostamente porque violou algum regulamento obscuro de saúde ou segurança, até que ele receba um suborno.

Quando tais práticas são permitidas em uma economia, elas formam uma rede invisível e onipresente que continuamente arrasta a economia e torna cada produto mais caro. Essas práticas colocam desvantagens injustas em empresas honestas que não pagam subornos. Eles também impõem custos improdutivos às empresas que pagam subornos. Eles encorajam o desrespeito rotineiro dos regulamentos de saúde e segurança porque as empresas sabem que podem subornar os inspetores e passar nas inspeções, mesmo que não cumpram os padrões exigidos. Eles desencorajam a melhoria do produto porque as empresas sabem que, mesmo que produzam produtos de baixa qualidade, ainda podem vendê-los subornando agentes de compras do governo ou de outras empresas. Eles desencorajam reduções no custo das mercadorias porque as vendas das

---

[369] Claire Suddath, “It's Illegal for Monks to Sell Caskets in Louisiana,” Bloomberg Businessweek, 1 de junho, 2012, acessado em 2 de outubro de 2012, http: // www.businessweek.com / articles / 201 2-0 6 -01 / its-ilegal-for -monks-to-sell-caixões-em-louisiana.

[370] James Gattuso, "Red Tape Rises Again: Cost of Regulation Reaches $ 1,75 trillion", acessado em 3 de janeiro de 2013, http://blog.heritage.org/2010/09/22/red-tape-rises-again-cost-of-regulation-reaches-1-75-trillion/.

empresas não são determinadas pelo trabalho.

 é difícil produzir produtos a preços melhores, mas subornando as pessoas para que aceitem produtos mais caros da mesma qualidade.

Quem se beneficia quando os subornos são tolerados? Como na situação dos ladrões locais que operam nos "postos de controle" nas estradas africanas, as únicas pessoas que se beneficiam economicamente de um sistema nacional de suborno são os funcionários que recebem o dinheiro do suborno. Eles se tornam mais ricos, enquanto o custo de fazer negócios para todas as empresas no país aumenta e os preços que todos pagam são mais altos do que seriam de outra forma. Portanto, todo mundo que compra qualquer produto no país está pagando preços mais altos porque em vários pontos o produto foi "facilitado ao longo do caminho" pelo dinheiro do suborno. Mais uma vez, é uma situação em que poucos e poderosos ganham benefícios, enquanto o resto da sociedade perde.

Mas mesmo as pessoas que recebem suborno não lucram tanto quanto imaginam, porque também têm que viver em uma sociedade onde o preço de tudo é mais alto e a qualidade é menor devido ao suborno desenfreado. Eles também pagam preços mais altos por produtos de qualidade inferior. Portanto, tolerar o suborno é uma maneira poderosa de uma nação permanecer presa à pobreza. É exatamente o oposto do que deveria fazer para escapar da pobreza e avançar em direção a uma maior prosperidade.

A Bíblia condena muito claramente o suborno:

> E não aceitarás suborno, pois o suborno cega os clarividentes e subverte a causa dos que têm razão. (Ex. 23: 8)

> Você não deve perverter a justiça. Não deves mostrar parcialidade e não aceitarás suborno, porque o suborno cega os olhos dos sábios e subverte a causa dos justos. Justiça, e somente justiça, você seguirá, para que você possa viver e herdar a terra que o Senhor seu Deus está lhe dando. (Deuteronômio 16: 19-20; ver também Deuteronômio 10:17; 1 Sam. 12: 3; Prov. 17:23; Ecl. 7: 7)

Qual é a solução? As leis contra o suborno podem ter algum efeito, desde que sejam aplicadas em todo o país. Mas esta é uma área em que milhares de decisões individuais são tomadas todas as semanas em todo o país. Cada pessoa deve se perguntar: "Aceitarei esse suborno ou não?" e "Vou pagar este suborno ou não?"

Às vezes, na história de Israel, a sociedade se tornou muito corrupta: “Seus príncipes são rebeldes e companheiros de ladrões. Todo mundo adora suborno e corre atrás de presentes ”(Isaías 1:23). Talvez seja por isso que a Bíblia às vezes enfatiza a importância dos funcionários que “odeiam” subornos:

> Além disso, procure homens capazes de todas as pessoas, homens que temem a Deus, que são confiáveis e odeiam o suborno, e coloque tais homens sobre o povo como chefes de milhares, de centenas, de cinquenta e de dez. (Ex. 18:21)
>
> Quem é ávido por ganhos injustos perturba sua própria casa, mas aquele que odeia o suborno viverá. (Prov. 15:27)

Se os funcionários do governo perceberem que cada suborno que eles aceitam contribui para a corrupção econômica da nação, e cada caso em que eles se recusam a exigir um suborno contribui para o benefício econômico e a purificação da nação, o suborno tem mais probabilidade de essencialmente desaparecer. As pessoas precisam entender que aceitar subornos é realmente roubar - é pegar o que não lhes pertence - e que mesmo que os subornos pareçam ser oferecidos "gratuitamente", eles não são realmente presentes, porque se o suborno não fosse permitido no sistema, ninguém estaria oferecendo suborno.

David R. Henderson explica o conceito econômico geral por trás de tal comportamento:

> “Busca de aluguel” é um dos insights mais importantes nos últimos cinquenta anos da economia e, infelizmente, um dos mais inadequadamente rotulados. . . . A ideia é simples, mas poderosa. Diz-se que as pessoas buscam aluguéis quando tentam obter benefícios para si mesmas por meio da arena política. Em geral, obtêm subsídio por um produto que produzem ou por pertencerem a uma determinada classe de pessoas, obtendo uma tarifa sobre um produto que produzem ou obtendo uma regulamentação especial que prejudica seus concorrentes. Eles [economistas] usam o termo para descrever o lobby popular do governo para dar-lhes privilégios especiais. Um termo muito melhor é “busca de privilégios”. 27

Em geral, o suborno é muito mais disseminado nos países economicamente pobres e muito menos comum nos países ricos hoje. Para ex-

[27]David R. Henderson, “Rent Creating,” in The Concise Encyclopedia of Economics, ed. David R. Henderson (Indianapolis: Liberty Fund, 2008) 445.

amplo, na Indonésia, o ex-tesoureiro do Partido Democrata da Indonésia foi condenado por suborno nos Jogos do Sudeste Asiático.[371] Miranda Swaray Goeltom, ex-funcionária do banco central, foi considerada culpada de suborno em 2012.[372] Embora a Indonésia tenha pontuações fortes em várias áreas de liberdade econômica, de acordo com o Índice de Liberdade Econômica de 2012, "a corrupção continua generalizada".[373] A corrupção e o suborno continuam a superar todos os outros fatores no Índice de Liberdade Econômica como problemas mundiais que devem ser superados (consulte a Figura 2 na página 192).

Existem algumas exceções. As nações muçulmanas ricas em petróleo enriqueceram apesar do dreno que o suborno exerce sobre suas economias. E o suborno é considerado comum na China e em alguns outros países asiáticos que estão crescendo economicamente devido a muitos outros fatores positivos. Mas em todos esses casos, o suborno ainda exerce uma influência negativa sobre o crescimento econômico. Esses países teriam se desenvolvido ainda mais rapidamente se o suborno não existisse.

Isso não quer dizer que não haja suborno nos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, França, Alemanha e outras nações prósperas. Mas é para dizer que toda a cultura em cada uma dessas nações concorda que o suborno é mau, e se um funcionário do governo for descoberto aceitando um suborno, ele é imediatamente destituído do cargo e geralmente enviado para a prisão. Isso é muito diferente da situação em muitas nações inundadas de suborno, onde todos sabem que o suborno está acontecendo, mas ninguém faz nada a respeito e as leis contra ele não são aplicadas. Em todas as nações, as regras de transparência para transações governamentais e as leis de "liberdade de informação" que garantem o acesso à maioria dos registros governamentais podem ajudar a aliviar o problema do suborno.

9. Liberdade para uma pessoa trabalhar em qualquer emprego

Se uma sociedade deseja crescer da pobreza para uma maior prosperidade, isso dará aos trabalhadores liberdade para se envolver em qualquer ocupação ou

---

[371] BBC News, "Indonesia's Muhammad Nazaruddin Guilty of Corruption", 20 de abril de 2012, acessado em 3 de janeiro de 2013, http://www.bbc.co.uk/news/world-asia-17781379.

[372] iPolitics, "Ex-funcionário de banco da Indonésia considerado culpado de suborno", 27 de setembro de 2012, acessado em 3 de janeiro de 2013, http://www.ipolitics.ca/2012/09/27/ex-indonesia-bank-official-found-guilty-of-bribery/.

[373] Miller et al., 2012 Index of Economic Freedom, 228.

negócio que decidam seguir. As nações prósperas não têm barreiras restritivas à prática de qualquer artesanato ou ocupação, exceto conforme necessário para proteger a qualidade do trabalho.

Em contraste, se uma nação permite a existência de guildas altamente restritivas que limitam o acesso a certos ofícios ou ocupações, principalmente com o propósito de preservar uma alta renda para aqueles que já estão na guilda, isso está permitindo um obstáculo ao seu crescimento econômico.

Douglass North, que dividiu o Prêmio Nobel de Economia de 1993 com Robert Fogel, demonstrou que "a Inglaterra e a Holanda se industrializaram mais rapidamente porque o sistema de guildas, que impôs restrições à entrada e às práticas de trabalho em várias ocupações, era mais fraco nesses dois países do que em outros países europeus. "[374]

Da mesma forma, o economista francês Anne-Robert-Jacques Turgot (1727-1781), em suas Reflexões sobre a produção e distribuição da riqueza, argumentou contra a "intervenção governamental no setor econômico". Mais tarde, enquanto ele estava em um alto cargo econômico do governo:

> Turgot aboliu o sistema de guildas remanescente da época medieval. O sistema de guilda, assim como o licenciamento ocupacional hoje, impedia os trabalhadores de entrar em certas ocupações sem permissão. . . . Luís XVI não gostou das reformas de Turgot e o dispensou em 1776. Alguns historiadores afirmam que, se as reformas de Turgot tivessem sido mantidas, a Revolução Francesa não teria estourado treze anos depois.[375]

Landes explica que o desenvolvimento econômico em países europeus como Alemanha, França e Itália foi prejudicado por um "legado medieval" de "organização da indústria em guildas ou corporações". Estes logo se tornaram "monopólios coletivos" que controlavam a entrada em várias ocupações por meio de aprendizagens obrigatórias e restrições ao número de pessoas que podiam ser consideradas "mestres" nas ocupações.[376] A abolição de tais guildas finalmente veio em 1859 (na Áustria) e 1870 (na Alemanha).

É claro que certas ocupações exigem, com razão, que os trabalhadores atinjam altos níveis de competência para proteger os cidadãos da sociedade contra

---

374 Isso é explicado no artigo "Douglass C. North," em Concise Encyclopedia of Economics, 575.
375 Ibid., 599.
376 Landes, Wealth and Poverty, 242-45.

práticas ilícitas. É apropriado que médicos, dentistas, veterinários,

Os advogados e contadores devem demonstrar amplo conhecimento e habilidade antes de serem autorizados a exercer suas profissões. Muitas outras profissões têm requisitos semelhantes, embora menos difíceis, e conselhos reconhecidos que as certificam.

Mas cada sociedade deve perguntar, em relação a cada guilda ou associação profissional, se os padrões atuais são necessários para garantir a qualidade do trabalho para o bem da sociedade como um todo ou servem apenas para preservar altos rendimentos para quem já está na ocupação, evitando a concorrência daqueles que deveriam ser autorizados a entrar.

10. Liberdade para os trabalhadores serem recompensados por seu trabalho

Se os trabalhadores são forçados a trabalhar como escravos ou em condições de quase escravidão, eles não trabalharão de boa vontade ou bem. Além disso, se os trabalhadores não tiverem escolha real entre os empregadores em uma região, eles receberão salários injustamente baixos porque não há competição por seu trabalho, e eles ficarão ressentidos e desanimados. A criatividade e as melhorias inovadoras na produção vão acabar. A produtividade econômica por trabalhador será menor do que se eles fossem tratados com justiça.

Esse foi o caso, por exemplo, nas plantações feudais na Europa Oriental, onde os servos eram essencialmente amarrados ao solo (ver discussão acima, 116-18). Outro exemplo é o Egito no início do século XIX. Os egípcios cultivavam o melhor algodão do mundo, mas as fábricas dependiam de trabalho forçado, "mal alimentado e alojado, muito abusado por superiores tirânicos". Por causa dessa quase escravidão, os egípcios simplesmente não podiam competir com as fábricas britânicas, que pagavam salários muito mais altos. “Apesar (ou por causa) dos salários absurdamente baixos, os custos egípcios eram mais altos; e apesar de toda a finura da matéria-prima, a qualidade do produto final era inferior. ”[377]

Os países hoje precisam proteger a liberdade dos trabalhadores para serem recompensados por seu trabalho de uma forma que os motive a querer fazer o melhor no trabalho. George Gilder destaca: “São as forças psicológicas que, acima de tudo, moldam o desempenho da economia com os recursos e a tecnologia dados. É a ambição e a determinação que fomentam os impulsos de crescimento, iniciativa e progresso. ”[378]

---

377 Ibid., 404, 406-7.

378 George Gilder, Wealth and Poverty (Nova York: Basic Books, 1981), 247.

Os incentivos são importantes. O pagamento e as condições de trabalho são importantes. Esta é outra razão pela qual a liberdade econômica é importante.

11. Liberdade para os empregadores contratarem e despedirem

As empresas só podem permanecer competitivas se conseguirem manter seus custos baixos, sem desperdiçar dinheiro em despesas desnecessárias e improdutivas. Portanto, eles precisam ter a capacidade de demitir ou demitir alguns funcionários em momentos de lentidão. Um restaurante que precisa de quatro cozinheiros e dez garçons durante a movimentada temporada turística de verão pode precisar de apenas um cozinheiro e três garçons durante o inverno. Se tiver de pagar os quatro cozinheiros e os dez garçons ao longo do ano, mesmo quando não houver trabalho para eles fazerem, o negócio não será mais lucrativo e provavelmente irá à falência. O mesmo ocorre com toda fábrica ou negócio, quer enfrente flutuações sazonais na demanda ou os ciclos de longo prazo de expansão e contração que são sempre inerentes ao ciclo de negócios em todo o mundo.

O que é verdade para um restaurante é verdade para as economias em geral. As nações podem fazer leis que obriguem os empregadores a reter trabalhadores improdutivos (ou sindicatos fortes podem forçar as fábricas a concordar com tais regras), mas todo o processo de pagar trabalhadores que não têm trabalho produtivo para fazer e, assim, pagar as pessoas por nenhuma produtividade econômica drena recursos da produção econômica útil e atrapalha, em vez de ajudar, as nações a saírem da pobreza para uma maior prosperidade.

Pode-se pensar que as regras que dificultam a dispensa ou demissão de trabalhadores protegem os trabalhadores de períodos difíceis de desemprego. Na verdade, é o oposto. As regras contra a demissão geralmente resultam em taxas mais altas de desemprego estrutural no longo prazo. Landes diz que na França, que garante aos trabalhadores férias remuneradas e aposentadoria antecipada, os empregadores "demoram a contratar, porque cada aluguel está carregado de custos associados e responsabilidades potenciais. O efeito: uma alta taxa de desemprego que atinge especialmente os jovens. "36 A França tem uma economia forte, mas não é tão próspera como seria sem esses obstáculos.

Quando os trabalhadores são demitidos ou demitidos, eles simplesmente ficam sem pagamento e caem na pobreza? Normalmente não - pelo menos não em um mercado livre

[36] Landes, Riqueza e Pobreza, 470.

economia que está funcionando de forma eficaz e que garante as liberdades que descrevemos neste capítulo. Algumas pessoas que são demitidas encontram emprego em outras empresas. Outros abrem seus próprios pequenos negócios, talvez indo trabalhar como pintores ou trabalhadores manuais de consertos domésticos, ou abrindo creches para crianças ou serviços de limpeza doméstica. Outros vão à escola para obter treinamento em outras indústrias em crescimento.

Na medida em que é possível, o governo deve fornecer alguns benefícios de desemprego para aqueles que precisam de ajuda por um período de transição limitado até que possam encontrar novos empregos. Isso custa algo à nação, mas é muito preferível a manter os funcionários na folha de pagamento de uma empresa quando não há trabalho para eles fazerem. O importante é ter em mente o objetivo principal. A fim de sair da pobreza para uma maior prosperidade, a nação deve produzir continuamente mais bens e serviços de valor. Nenhuma nação jamais se tornará produtiva pagando às pessoas para não fazerem nada.

Mais uma vez, a questão que uma nação deve enfrentar é se ela acredita que o mercado livre ou a ampla regulamentação governamental sobre as empresas conduzem ao máximo crescimento econômico. Se uma nação realmente deseja crescer da pobreza para a prosperidade, produzindo mais bens e serviços de valor, então permitirá que o mercado livre funcione. O livre mercado irá efetivamente direcionar os trabalhadores para os lugares onde eles podem ser mais produtivos para a economia e, no longo prazo, onde serão mais bem recompensados por seu trabalho.

12. Liberdade para os empregadores contratarem e promoverem funcionários com base no mérito

Uma empresa que tem funcionários mais habilidosos, confiáveis e que trabalham duro é mais produtiva do que outra que tem funcionários não qualificados, indignos de confiança e preguiçosos. Para obter melhores funcionários, uma empresa deve contratar e promover com base no mérito (ou seja, competência e desempenho), não nas relações familiares, amizades ou mera antiguidade.[37]

Landes diz que uma sociedade idealmente produtiva seria aquela que "escolhesse pessoas para empregos por competência e mérito relativo", e que

[37] No entanto, pode haver casos em que um relacionamento familiar ou amizade seja a base para uma relação anterior
conhecimento da competência ou confiabilidade de uma pessoa. Mas esses são fatores que podem ser incluídos em mérito.

"Promovido e rebaixado com base no desempenho".[379] Em contraste, David Maranz aponta que muitas vezes na África:

> Dar preferência ao emprego de parentes em vez de não parentes é uma expressão normal de responsabilidade e solidariedade familiar. . . . Em muitos países africanos, talvez na maioria, o nepotismo também é oficialmente considerado um mal e prejudicial ao funcionamento adequado do governo e do comércio, mas na prática tem sido difícil de erradicar. . . . Isso é especialmente verdadeiro quando se espera que parentes em posições elevadas sustentem seu próprio sustento, e onde não fazer isso é visto como uma traição ao grupo da pessoa em posição elevada. . . . As pessoas envolvidas consideram o nepotismo mais ético do que a falta de sustento da família.[380]

Maranz cita outro pesquisador sobre desenvolvimento econômico dizendo:

> Gestores cuja principal preocupação é a produção de trabalho de qualidade tendem a ser isolados e desorganizados. Se eles não atendem às demandas de pessoas que ocupam cargos de posição superior ou de patronos de nível superior, eles criam problemas para si mesmos ao fazerem o que consideram um bom trabalho. . . . Na maioria das vezes, o mérito não é meramente ignorado, mas penalizado. Pessoas que buscam o bem-estar público ao invés do bem-estar de patronos e clientes (parentes e amigos) criam inimigos e permanecem empobrecidos, mesmo quando ocupam cargos governamentais muito elevados, porque eliminam a possibilidade de aumentar significativamente seu baixo salário oficial.[381]

A solução para os países que buscam crescer economicamente é estabelecer políticas que permitam aos empregadores contratar e promover funcionários com base no mérito e não em outros fatores.

13. Liberdade para utilizar recursos de energia

Embora a destruição do meio ambiente possa impedir as pessoas de fazer uso dos recursos naturais (consulte o capítulo anterior, 250-52), o mesmo dano econômico pode ocorrer quando um governo impõe restrições excessivas ao uso dos recursos. Uma vez que Gênesis 1:28 é composto de Deus

---

379 Landes, *Riqueza e pobreza*, 217.

380 David Maranz, *Amigos africanos e questões financeiras* (Dallas: SIL International, 2001), 114-15.

381 Ibid., Citando W. Penn Hanwerker, "Corrupção Fiscal e a Economia Moral da Aquisição de Recursos", em Barry L. Isaac, ed.,*Pesquisa em Antropologia Econômica* (Greenwich, CT: JAI Press, 1987), 332.

 aos seres humanos para “subjugar” a terra e “ter domínio” sobre suas criaturas, precisamos ser capazes de acessar os recursos da terra para torná-los úteis para a humanidade.

Mas recentemente, em países mais desenvolvidos, como os Estados Unidos, os governos nacionais e estaduais têm colocado restrições cada vez mais severas ao uso de alguns recursos. Por exemplo, grandes quantidades de petróleo estão disponíveis nos Estados Unidos, mas não podem ser exploradas por causa das leis governamentais que proíbem o acesso a eles (incluem reservas de petróleo offshore perto de muitos estados, recursos em vastas áreas de terras de propriedade do governo no Oeste americano e muitos recursos adicionais no Alasca).

Assim como as políticas ambientais que são muito frouxas permitem a destruição descuidada do meio ambiente, as políticas ambientais que são muito rígidas proíbem o uso sábio do meio ambiente, e essas restrições também impedem o crescimento econômico de uma nação.

A liberdade de utilização dos recursos da terra é particularmente importante no caso dos recursos energéticos, uma vez que a energia é um fator importante em quase toda a produção de bens e serviços. Os recursos de energia permitem que os seres humanos façam muito mais trabalho do que se usassem apenas seu próprio poder ou o poder animal. Um homem dirigindo um trator movido a diesel pode arar dezenas de acres no tempo que levaria um homem guiando um cavalo para arar apenas parte de um acre. Um homem dirigindo um semirreboque ou locomotiva pode transportar milhares de vezes o peso de mercadorias que podem ser rebocadas por um homem com um carrinho de mão, uma bicicleta ou uma carroça puxada por cavalos e pode viajar centenas de quilômetros com mais segurança e longe menos tempo. A gasolina ou diesel à base de óleo possibilita todas essas tarefas.

Matt Ridley conta como tudo isso aconteceu historicamente:

> A história da energia é simples. Era uma vez todo o trabalho feito por pessoas para elas mesmas, usando seus próprios músculos. Então chegou um momento em que algumas pessoas pediam a outras pessoas para fazer o trabalho por elas, e o resultado eram pirâmides e lazer para alguns, trabalho enfadonho e exaustão para muitos. Em seguida, houve uma progressão gradual de uma fonte de energia para outra: humano, animal, água, vento, combustível fóssil. Em cada caso, a quantidade de trabalho que um homem poderia fazer por outro era ampliada pelo animal ou pela máquina. . . . O euro

> o início da Idade Média foi a idade do boi. . . . Com a invenção da coleira, os bois deram lugar aos cavalos, que podem arar quase duas vezes a velocidade de um boi, dobrando assim a produtividade de um homem e permitindo que cada fazendeiro alimente mais pessoas ou gaste mais tempo consumindo outras pessoas ' trabalhos. . . .
>
> Por sua vez, bois e cavalos logo foram substituídos por força inanimada. . . . Por volta de 1300, havia sessenta e oito moinhos de água em uma única milha do Sena, em Paris, e outros flutuando em barcaças. . . .
>
> O moinho de vento apareceu pela primeira vez no século XII e se espalhou rapidamente pelos Países Baixos, onde a energia hidráulica não era uma opção. . . . Gradualmente, de forma irregular, cada vez mais os bens que as pessoas fabricavam eram feitos com energia fóssil. . . . Os combustíveis fósseis não podem explicar o início da revolução industrial. Mas eles explicam por que não acabou. Assim que os combustíveis fósseis se juntaram, o crescimento econômico realmente decolou.[382]

Mesmo no nível doméstico, os recursos de energia economizam grande quantidade de tempo e esforço humano. Uma mãe ocupada pode carregar e ligar uma máquina de lavar, transferir as roupas para a secadora e retirá-las em um total de talvez cinco minutos de tempo real de trabalho, enquanto lavar, esfregar, enxaguar e pendurar essas roupas para secar pode levar uma hora ou mais manualmente. Uma máquina de lavar louça elétrica economiza bastante tempo e esforço todos os dias. Um forno a gás permite que as pessoas aqueçam suas casas sem cortar lenha ou remover carvão com pá.

Todo o tempo economizado por esses dispositivos mecânicos é então liberado para outros usos. Esse tempo extra contribui para uma maior produtividade econômica em um país? Certamente que sim, porque boa parte desse tempo extra é utilizado em outras atividades economicamente produtivas que não poderiam ser feitas sem as máquinas movidas a energia, ou no lazer, que também tem valor.

Fontes de energia como energia hídrica, carvão, petróleo e gás natural (e eólica e solar, se algum dia se tornarem economicamente competitivas sem subsídios) tornam uma nação economicamente mais produtiva. Quanto mais energia disponível para uso, mais produtiva uma nação pode se tornar. Portanto, se uma nação deseja passar da pobreza para uma maior

---

382 Matt Ridley, The Rational Optimist: How Prosperity Evolves (New York: HarperCollins, 2010), 214-16. O economista e neurologista William J. Bernstein dedica um capítulo inteiro de seu livro The Birth of Plenty à fascinante história do poder da energia, velocidade e luz, e seu enorme impacto na atividade e produtividade humanas; ver Bernstein, The Birth of Plenty: How the Prosperity of the Modern World Was Created (Nova York: McGraw-Hill, 2004), 161-88.

prosperidade produzindo continuamente mais bens e serviços de valor, ele deve buscar maximizar os recursos de energia que estão disponíveis para as pessoas no país usarem.[383]

Em contraste, se os recursos energéticos de uma nação não estão disponíveis porque estão egoisticamente presos nas mãos de proprietários de monopólios; se eles estão localizados em terras do governo e o governo se recusa a permitir que alguém os extraia; ou se o governo proíbe as pessoas de extrair recursos de suas próprias propriedades, a produtividade econômica da nação é prejudicada na medida em que os recursos são acumulados, e a nação é mais pobre do que seria se as pessoas tivessem liberdade para comprar e utilizar esses recursos no mercado livre.

Discutimos isso no capítulo 1 (59-61), mas vale a pena repetir que Deus deu aos seres humanos a administração da Terra e espera que eles usem seus recursos em seu benefício. Ele disse a Adão e Eva para "subjugar" a terra e "ter domínio" sobre suas criaturas (Gênesis 1:28). O salmista diz: "Tu [Deus] deu-lhe [ao homem] domínio sobre as obras das tuas mãos; tu puseste todas as coisas debaixo de seus pés "(Salmos 8: 6). Portanto, pensamos que é certo usar os recursos energéticos que se encontram na terra para nosso benefício, e fazê-lo com ações de graças a Deus. Estamos convencidos de que Deus nos deu uma terra imensamente abundante, cheia de ricos depósitos de suprimentos de energia de diferentes tipos, e esses recursos de energia, muitos dos quais podem substituir uns aos outros, dificilmente se esgotarão (ver discussão 339-40)

Essas considerações se aplicam não apenas aos recursos energéticos, é claro, mas a todos os recursos naturais da terra, incluindo terra, água, floresta, minerais e outros recursos. Portanto, nossas preocupações nesta seção se aplicam a mais do que recursos de energia. Mas, no momento, são os recursos de energia que enfrentam as restrições de uso mais significativas. E os recursos energéticos são singularmente importantes para o desenvolvimento econômico.

Landes diz: "Todas as revoluções econômicas [industriais] têm em seu cerne um aumento do fornecimento de energia, porque isso alimenta e muda todos os aspectos da atividade humana."[384]

---

[383]Talvez a explicação mais completa das implicações econômicas e geopolíticas modernas da energia seja agora Daniel Yergin, The Quest: Energy, Security and the Remaking of the Modern World (Nova York: Penguin, 2011).

[384] Landes, Riqueza e Pobreza, 40.

Falando especificamente da Grã-Bretanha, Landes diz que duas das mudanças fundamentais que possibilitaram a Revolução Industrial foram (1) "a substituição de máquinas - rápidas, regulares, precisas, incansáveis - pela habilidade e esforço humanos" e (2) "a substituição de inanimados para fontes animadas de energia, em particular, a invenção de motores para converter calor em trabalho, abrindo assim um suprimento quase ilimitado de energia. "[385]

Se qualquer nação deseja crescer da pobreza em direção a uma maior produtividade e prosperidade econômica, deve permitir ao povo da nação a liberdade de adquirir e utilizar grandes quantidades de recursos energéticos.[386]

14. Liberdade para mudar e modernizar

Se alguma nação vai passar da pobreza para uma maior prosperidade, produzindo continuamente mais bens e serviços de valor, então algumas mudanças devem ser feitas. A nação simplesmente não pode continuar fazendo o que tem feito, ou obterá os mesmos resultados. Ele permanecerá preso à pobreza. Portanto, as pessoas que têm novas idéias sobre como aumentar a produtividade econômica devem ter a liberdade de experimentar diferentes métodos e produtos. Eles devem ter a liberdade de tentar mudar as velhas formas de produção de pobreza e adotar novas formas de trabalho e produção.

Landes diz que uma economia idealmente produtiva e em crescimento sabe como "criar, adaptar e dominar novas técnicas na fronteira tecnológica". Valoriza "novo em relação ao velho" e "mudança e risco em relação à segurança".[387]

A aversão cultural à mudança foi uma das razões pelas quais a China, apesar de sua notável história inicial de invenções significativas, definhou na pobreza por séculos. Landes escreve: "O estrangeiro tornou-se

---

385 Ibid., 186.

386 Infelizmente, alguns países ricos estão se movendo exatamente na direção oposta. Quando vemos a Alemanha decidindo desligar todos os seus reatores nucleares (uma fantástica fonte de energia) (BBC, "Germany: Nuclear power plants to close by 2022", 30 de maio de 2011, acessado em 16 de outubro de 2012,http://www.bbc.co.uk/ news / world-europe-13592208); quando vemos os Estados Unidos se recusando a permitir que seus cidadãos tenham acesso a vastas reservas de petróleo dentro do país e no mar; quando vemos o presidente Obama bloqueando a construção do oleoduto Keystone; ou quando vemos a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (EPA) emitir restrições absurdas sobre traços de emissões de mercúrio que forçarão o fechamento de um grande número de usinas elétricas movidas a carvão nos Estados Unidos (embora os próprios documentos da EPA relatem que não benefícios para a saúde discerníveis virão dos novos regulamentos), então essas nações tomaram medidas tolas que impedirão seu desenvolvimento econômico futuro e as deixarão menos prósperas do que seriam de outra forma. E eles serão menos capazes de contribuir de forma benéfica para o suprimento mundial de bens e serviços econômicos.

387 Landes, *Riqueza e pobreza*, 217-18.

 um foco de medo e ódio, a suposta fonte de dificuldade. ” A mecanização das fábricas foi equiparada a “opressão” e resistiu até boa parte do século XX, ao passo que se instalou em muitas fábricas europeias de 1770 em diante. Enquanto a ciência e a tecnologia européias avançavam década após década, a “aversão à mudança” chinesa foi observada por sucessivas gerações de visitantes na China. Um visitante britânico observou: “Eles acham que tudo é excelente e que as propostas de melhoria seriam supérfluas, senão censuráveis”.[388]

Em muitas nações dominadas por religiões tribais hoje, há resistência à mudança devido a superstições e tradições antigas. E em muitas nações muçulmanas, uma atitude fatalista faz com que as pessoas não tenham esperança de que a mudança possa tornar algo melhor.

Em relação ao desenvolvimento econômico dolorosamente lento da América Latina nos últimos duzentos anos de independência política, Landes diz que o "padrão de desenvolvimento interrompido" foi um reflexo da "resistência tenaz aos velhos métodos e interesses adquiridos". O progresso era frequentemente prejudicado por "elites poderosas e reacionárias inadequadas e hostis a um mundo industrial".[389]

Ele também explica que, na Índia, os métodos de produção não podiam passar do trabalho manual para as máquinas porque muitas tradições culturais teriam que mudar. Isso "teria acarretado uma mudança nas habilidades manuais cultivadas desde a infância, vinculadas à identidade de casta e à divisão do trabalho por sexo e idade". Parece que mesmo os hábitos de trabalho manual não podem ser mudados. Os engenheiros britânicos que construíram as ferrovias na Índia presumiram que a terra e as rochas seriam movidas pelo trabalho manual, mas pensaram que os trabalhadores poderiam pelo menos usar carrinhos de mão. “De jeito nenhum: os índios estavam acostumados a mover cargas pesadas em uma cesta sobre a cabeça e se recusavam a mudar.”[390]

15. Liberdade de acesso a conhecimentos úteis (liberdade de informação) Se qualquer nação vai sair da pobreza e crescer em direção a uma maior prosperidade, deve permitir que novos conhecimentos se espalhem livremente por meio

---

388 Ibid., 342, 345.
389 Ibid., 492-93.
390 Ibid., 229.

fora da sociedade. Imagine o que aconteceria a qualquer país moderno hoje se seus cidadãos não tivessem acesso a computadores ou não tivessem as habilidades para usá-los. Imagine se um país não tivesse celular ou não permitisse que sua população os usasse. Sem essas ferramentas, seria impossível produzir continuamente mais bens e serviços de valor em uma escala moderna e, portanto, seria impossível avançar em direção a uma maior prosperidade.

Infelizmente, ao longo da história, muitas nações não permitiram essa liberdade de informação. Eles não conseguiram dar a seu povo acesso a conhecimentos úteis sobre novas invenções e desenvolvimentos tecnológicos, por isso, às vezes, ficaram atrás das nações em desenvolvimento por séculos.

Johannes Gutenberg inventou a impressão de tipos móveis na Alemanha em 1439 e publicou sua famosa Bíblia em 1452-1455. De repente, os livros não precisavam mais ser copiados lentamente à mão, mas podiam ser rapidamente produzidos aos milhares, e o conhecimento das descobertas científicas e tecnológicas poderia explodir em todo o mundo. Na religião, esse desenvolvimento lançou as bases para a rápida disseminação da Reforma Protestante, começando com a publicação de suas 95 teses por Martinho Lutero em 1517. Na ciência e na tecnologia, isso significava que relatórios de descobertas podiam ser impressos e transmitidos a qualquer pessoa em o mundo que era capaz de ler.

Infelizmente, algumas sociedades e culturas se opuseram à imprensa e não a permitiram em seus países. “O maior erro do Islã. . . foi a recusa da imprensa, que foi vista como um instrumento potencial de sacrilégio e heresia. Nada fez mais para isolar os muçulmanos da corrente principal de conhecimento. ” Essa oposição à liberdade de informação acelerou o declínio constante do Império Otomano.[391]

O mesmo aconteceu na Índia. Surpreendentemente, a primeira impressora não foi instalada na Índia até o início do século XIX.[392]

Embora os chineses tenham inventado a impressão no século IX, eles usaram principalmente a impressão em bloco em vez de tipos móveis. Na China, "muitas publicações dependiam da iniciativa do governo, e o mandarinato confucionista desencorajava a dissidência e novas idéias".[393]

O mesmo acontecia com o conhecimento do tempo, cada vez mais pos-

391 Ibidem, 401-2; 52
392 Gucharan Das, *Índia não consolidada* (Nova York: Alfred Knopf, 2001), 73.
393 Landes, *Riqueza e pobreza*, 51.

 sível para todos pelo desenvolvimento do relógio mecânico. Antes, as pessoas mediam o tempo com relógios de sol, que eram inúteis à noite ou em dias nublados. Mas por volta de 1275, relógios mecânicos começaram a aparecer na Inglaterra e na Itália (desenvolvidos por inventores desconhecidos). Quando eles melhoraram em confiabilidade e precisão, todas as cidades e vilarejos queriam um relógio em suas praças. De repente, reuniões podem ser planejadas, lojas podem abrir e fechar em horários previsíveis e os trabalhadores podem iniciar e terminar seus turnos nos horários combinados. A produtividade pode ser medida com precisão e as pessoas podem buscar novos métodos para aumentar a quantidade de produtos que são feitos por unidade de tempo.

Mas os chineses não viam o conhecimento do tempo como algo a ser disseminado entre as pessoas comuns. Eles também não viram as melhorias nos relógios como uma prioridade. "Na época em que o missionário jesuíta Matteo Ricci trouxe relógios europeus para a China no final do século XVI, eles eram tão superiores aos seus homólogos orientais que foram recebidos com consternação."[394] Da mesma forma, os muçulmanos "gostavam muito de relógios e relógios ocidentais", mas não os usavam para criar "um senso público de tempo", porque não queriam estabelecer relógios públicos e, assim, diminuir a autoridade de suas chamadas públicas de oração .[395]

Os anos que se seguiram à invenção da imprensa em 1439 foram péssimos, impedindo a disseminação do conhecimento no resto do mundo. Colombo descobriu o Novo Mundo em 1492, e muitas outras viagens e descobertas se seguiram. Vasco da Gama navegou pela primeira vez de Portugal para a Índia e de volta em 1497-1499. Fernando Magalhães liderou a primeira expedição a navegar inteiramente ao redor do mundo em 1519-1522 (embora ele tenha morrido nas Filipinas antes que seus navios pudessem retornar a Portugal).

O inglês William Harvey publicou sua evidência de que o sangue circula no corpo (em vez de permanecer estacionário e simplesmente ser resfriado pelas ações do coração e dos pulmões) em Frankfurt, Alemanha, em 1628. Sir Isaac Newton publicou seu Principia Mathematica, com seu universal leis da gravitação e três leis do movimento, na Inglaterra em 1687. Durante a vida de Newton, ele também publicou suas descobertas inovadoras da natureza da luz e da cor, e do uso de

394 Ferguson, Civilization, 41.
395 Landes, Riqueza e Pobreza, 51.

cálculo (também descoberto por Gottfried Leibniz). Uma descoberta levou a outra à medida que o conhecimento se espalhava como um incêndio. Não era um bom momento para resistir às novas tecnologias de divulgação de informações.

Infelizmente, os países católicos romanos do sul da Europa cometeram erros caros ao excluir muitas fontes de conhecimento durante a Inquisição. Na verdade, a exclusão sistemática de outras religiões já existia antes do início da Reforma em 1517, porque de 1492 a 1506, tanto a Espanha quanto Portugal expulsaram todos os judeus, incluindo aqueles que trouxeram conhecimentos astronômicos e matemáticos que permitiram a Portugal se tornar mestre da mares. Então, a Inquisição portuguesa começou na década de 1540 e logo expulsou judeus e protestantes, com todo o seu conhecimento, do país. Landes descreve o resultado: "[Aqueles que partiram] levaram consigo dinheiro, know-how comercial, conexões, conhecimento e - ainda mais sério - aquelas qualidades incomensuráveis de curiosidade e dissidência que são o fermento do pensamento. . . . Em 1513, Portugal precisava de astrônomos; na década de 1520, a liderança científica havia desaparecido. " Portugal excluiu as ideias de Harvey (sobre circulação sanguínea), Copérnico e Galileu (sobre astronomia) e Newton - todas as suas ideias "perigosas" foram "banidas pelos jesuítas até 1746." [396] Os estudantes portugueses não podiam estudar no estrangeiro e havia um controlo estrito sobre a importação de livros. Como resultado, "por volta de 1600, ainda mais por volta de 1700, Portugal havia se tornado um país atrasado e fraco".[397]

Na Espanha, a pena de morte foi instituída em 1558 pelo crime de importação de livros estrangeiros sem autorização. Nenhum aluno tinha permissão para estudar no exterior, exceto em três cidades católicas "seguras" na Itália. Landes conclui: "Portanto, a Ibéria e, de fato, a Europa mediterrânea como um todo perderam o trem da chamada revolução científica." Ele observa que o historiador britânico Hugh Trevor-Roper argumentou que "essa reação reacionária e anti-protestante, mais do que o próprio protestantismo, selou o destino do sul da Europa pelos próximos 300 anos".[398]

A América Latina sofreu os mesmos erros. A Espanha exportou sua exclusão de conhecimento para o Novo Mundo, de modo que protestantes e judeus foram sistematicamente excluídos. "Em todos os lugares nas colônias espanholas. . .

---

396 Ibid., 133-134.
397 Ibid., 134-136.
398 Ibid., 181, citando um artigo de 1961 apresentado em uma conferência acadêmica de historiadores.

Inquisição perseguiu a heresia. . . . Tudo isso provou ser ótimo para a pureza, mas ruim para os negócios, conhecimento e know-how. ”[399]

O notável crescimento econômico da Europa durante e após a Revolução Industrial foi em grande medida o resultado da "crescente autonomia da investigação intelectual" e "do desenvolvimento da unidade na desunião na forma de um método comum, implicitamente adversário" para provar conclusões científicas .[400]Ou seja, inventores e cientistas discutiram pessoalmente e por meio de artigos científicos até que finalmente chegaram a um resultado correto. Landes cita um escritor do século XVII, que observou: “Sabe-se que magia e adivinhação não são ciência porque seus praticantes não discutem entre si”.[401]

Quando James Watt finalmente descobriu como fazer uma máquina a vapor confiável e economicamente eficiente entre 1763 e 1775, ele fez uso do conhecimento de cientistas e inventores que trabalharam para resolver esse problema durante os 150 anos anteriores. Sua máquina a vapor tornou-se o burro de carga que forneceu a força essencial para a Revolução Industrial, mas ele se baseou em “conhecimentos e ideias acumuladas” que estavam disponíveis devido ao livre acesso ao conhecimento na sociedade britânica.[402]

Em contraste, foi trágico para o Japão banir todos os cristãos da nação em 1612, banir todos os navios mercantes estrangeiros de todos os portos, exceto dois, em 1616, e proibir todos de deixar o país em 1637.

Na China, como o imperador tinha controle totalitário sobre todas as áreas da vida, a nação não tinha instituições para desenvolver o conhecimento por meio do uso de fatos, razões e argumentos. “A China carecia de instituições para encontrar e aprender - escolas, academias, sociedades eruditas, desafios e competições.”[403]O confucionismo carregava um "desprezo fácil pela pesquisa científica", que considerava "superficial". Portanto, os cientistas e intelectuais chineses “não tinham como saber quando estavam certos”.[404]Um missionário que viajou pela China de 1839 a 1851 escreveu: “Inquestionavelmente, em nenhum outro país se encontra uma profundidade de pobreza tão desastrosa como no Império Celestial. Não passa um ano

399 Ibid., 311. Os líderes católicos romanos de hoje geralmente concordam que a Inquisição foi um erro.
400 Ibid., 201.
401 Ibid., 203.
402 Ibid., 206.
403 Ibidem, 343.
404 Ibidem, 343-44.

que um número incrível de pessoas não perece de fome em alguma parte da China. ”64

Não é surpreendente que a liberdade de disseminar e acessar novos conhecimentos tenha se consolidado com mais firmeza nos países protestantes do norte da Europa e da América do Norte. Seguindo Lutero, o protestantismo enfatizou “o sacerdócio do crente”, de modo que os cristãos individualmente foram encorajados a ler a Bíblia e pensar sobre ela e interpretá-la por si mesmos. As pessoas não deveriam mais ser ensinadas apenas pelos sacerdotes e a Bíblia não deveria mais ser confinada à língua acadêmica do latim.

Essa ênfase é consistente com o padrão de evangelismo que foi modelado por Jesus, que proclamou seu ensino abertamente em lugares públicos durante todo o seu ministério e não confinou suas discussões apenas aos círculos altamente educados dos rabinos em Jerusalém. Da mesma forma, depois que Jesus voltou ao céu, seus apóstolos proclamaram o evangelho abertamente e se envolveram em discussões e discussões públicas dia após dia, enquanto iam de cidade em cidade por todo o Império Romano (ver Atos 2:14; 3:12; 5:21, 25, 42; 8: 5-6; 9: 28-29; 13: 5, 14-16, 44; 14: 1-3, 14; 17: 2-3, 10-11, 22; 18: 4- 5, 19; 19: 8-10; 21:40; 24:10, 25; 26: 1; 28:23, 30-31).

A igreja primitiva tomou uma decisão crucial em relação às leis cerimoniais judaicas “depois de muito debate” (Atos 15: 7). Paulo escreveu: “Pela declaração aberta da verdade, queremos nos recomendar à consciência de todos à vista de Deus” (2 Coríntios 4: 2). E Tiago escreveu que “a sabedoria do alto” é “primeiro pura, depois pacífica, mansa, aberta à razão, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sincera” (Tiago 3:17). A liberdade de informação e o pleno acesso a novos conhecimentos são características do evangelho cristão, e foram apropriadamente características dos países afetados pela Reforma Protestante na Europa.

Hoje, se algum país vai crescer da pobreza para uma maior prosperidade, não deve cometer os mesmos erros que muitos países cometeram anteriormente. Deve permitir às pessoas um acesso aberto e fácil ao conhecimento e a capacidade de inovar e publicar novas ideias sem medo de penalizações.

Em certo sentido, os países em desenvolvimento têm sorte no mundo de hoje. O crescimento econômico depende do conhecimento, know-how e tecnologia. A disseminação desse conhecimento é uma questão fundamental, e muitos países em desenvolvimento estão em processo de atingir essa meta. Enquanto isso, o

[64] Ibid., 346.

custo da disseminação do conhecimento está caindo notavelmente. Tecnologia e know-how falam por meio do comércio, de parcerias com países desenvolvidos e do desenvolvimento contínuo da Internet. Cada país varia em educação, atitudes e vontade de importar tecnologia e know-how, mas devido ao acesso muito mais fácil à informação hoje, os países em desenvolvimento podem pular processos que antes levavam décadas ou mesmo séculos para se desenvolver, e conhecimento instantaneamente. Michael Spence explica:

> O crescimento de alta velocidade no período pós-guerra no mundo em desenvolvimento é possibilitado pela transferência de conhecimento e pela redução das barreiras e impedimentos ao fluxo de bens, serviços e capital em uma economia global. A velocidade é explicada pelo tamanho do diferencial de conhecimento e a rápida transferência de conhecimento através das fronteiras.[405]

O acesso a conhecimentos úteis desempenhou um papel significativo no recente crescimento econômico da China. No final da década de 1970, o líder chinês Deng Xiaoping começou a abandonar alguns dos princípios-chave do comunismo e a permitir algumas empresas privadas no setor agrícola. Os incentivos para produzir melhoraram dramaticamente, e a China estava caminhando para três décadas de crescimento econômico. Mas os chineses tiveram que aprender como funcionava uma economia de mercado. Dezenas de milhares de chineses a cada ano eram treinados em escolas estrangeiras, principalmente nos Estados Unidos. Quando esses alunos voltaram para a China, a economia começou a se beneficiar. O novo conhecimento e treinamento, e o aprimoramento das comunicações por meio da Internet, logo transformaram a China em um ambiente de aprendizado de alta velocidade.

16. Liberdade para todas as pessoas serem educadas

Se uma força de trabalho qualificada é importante para ajudar uma nação a se tornar mais economicamente produtiva, então cada pessoa na nação deve ter

---

405 Michael Spence, The Next Convergence: The Future of Economic Growth in a Multispeed World (Nova York: Farrar, Straus, & Giroux, 2011), 62.

acesso a pelo menos habilidades educacionais básicas, como leitura e matemática. Só então cada pessoa tem a oportunidade de dar uma contribuição positiva para a produção econômica do país.

Visto que é impossível prever onde surgirão crianças com grande inteligência e criatividade, tal educação deve estar disponível para meninos e meninas, e para crianças de todas as origens raciais e religiosas. Do contrário, as contribuições importantes que alguma criança de um grupo minoritário poderia ter feito perdem-se da economia para sempre, e ela não pode passar tão rapidamente da pobreza para uma maior prosperidade. (Discutimos a necessidade de uma nação exigir educação universal no capítulo 7, 253-56.)

17. Liberdade tanto para mulheres quanto para homens

Se uma nação realmente deseja sair da pobreza em direção a uma maior prosperidade, ela deve garantir que todas as liberdades que discutimos até este ponto neste capítulo estejam disponíveis tanto para mulheres quanto para homens.

Os ensinos da Bíblia honram e valorizam tanto as mulheres quanto os homens. O primeiro capítulo da Bíblia diz que "Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou "(Gênesis 1:27). Homens e mulheres compartilham o status mais privilegiado de todas as criaturas no universo, o de serem feitos "à imagem de Deus" (isso significa que eles são mais semelhantes a Deus do que todas as outras criaturas e que representam Deus na terra).

Além disso, a representação da "esposa ideal" em Provérbios 31 mostra que ela é alguém que se envolve em várias atividades comerciais no mercado público: "Ela considera um campo e o compra; com o fruto de suas mãos ela planta uma vinha. . . . Ela percebe que sua mercadoria é lucrativa. . . ela faz roupas de linho e as vende; ela entrega faixas ao comerciante "(vv. 16, 18, 24; veja também Gal. 3:28). Isso significa que as mulheres devem ter as mesmas oportunidades que os homens de manter empregos, receber educação, ser treinadas para a carreira, herdar e possuir propriedades ou negócios.

No entanto, devemos enfatizar o importante papel das mães na criação e educação dos filhos. Entendemos que isso é uma responsabilidade dada por Deus, uma responsabilidade que esperamos que muitas mulheres escolham seguir em tempo integral enquanto têm filhos em casa e são capazes de fazê-lo.

Mas mesmo em séculos anteriores e em sociedades agrícolas, as mulheres freqüentemente contribuíam para o trabalho da fazenda de várias maneiras

enquanto criavam seus filhos. Na verdade, as mulheres também ensinaram seus filhos a trabalhar. Hoje, o transporte e a tecnologia modernos significam que muitas mães têm a oportunidade de trabalhar em casa ou em meio período, se assim decidirem.

Curiosamente, embora o Japão do século XIX fosse uma sociedade muito tradicional, com as mulheres tendo quase toda a responsabilidade de cuidar de suas famílias e de criar os filhos, as mulheres ainda tinham um papel ativo em "garantir a frugalidade, engajar-se na agricultura e na indústria e construir prosperidade . "[406] A partir de 1870, todas as meninas, bem como todos os meninos, foram obrigados a frequentar a escola primária e se alfabetizar, e em 1910, 97,4% das meninas elegíveis frequentavam a escola. As mulheres tinham o mesmo acesso completo que os homens aos locais públicos,[407] muito diferente das sociedades muçulmanas tradicionais.

Para recapitular o que especificamos acima, a liberdade econômica para as mulheres deve incluir a liberdade de iniciar e possuir negócios; possuir propriedade; para herdar; para comprar e vender e negociar contratos; viajar e mudar-se para qualquer parte do país (desde que isso seja compatível com as responsabilidades familiares); para inventar e lucrar com a invenção; e ter livre acesso a conhecimentos e informações úteis.

Landes observa que as nações muçulmanas do Oriente Médio continuam hoje a não se desenvolver economicamente à parte da influência da riqueza do petróleo. Um dos motivos é que "as taxas de analfabetismo são escandalosamente altas e muito mais altas para as mulheres do que para os homens". A sociedade muçulmana "atribui às mulheres um lugar inferior". Ele adiciona:

> As implicações econômicas da discriminação de gênero são mais sérias. Negar as mulheres é privar um país de trabalho e talento, mas - pior ainda - minar o impulso de realizações de meninos e homens. . . . Em geral, a melhor pista para o potencial de crescimento e desenvolvimento de uma nação é o status e o papel das mulheres. Essa é a maior desvantagem das sociedades muçulmanas do Oriente Médio hoje, a falha que mais as afasta da modernidade.[408]

---

406 Landes, Riqueza e Pobreza, 418.
407 Ibid., 418-19.
408 Ibid., 410-14, ênfase adicionada.

18. Liberdade para pessoas de todas as raças e todas as origens nacionais, religiosas e étnicas

O que dissemos na seção anterior sobre a importância de permitir que as mulheres contribuam plena e verdadeiramente com a força de trabalho também se aplica a pessoas de várias origens raciais, nacionais, religiosas e étnicas. Na verdade, liberdade para mulheres e liberdade para pessoas de todos os tipos de origens são simplesmente dois aspectos específicos de permitir que o mercado livre funcione adequadamente e aloque de forma mais eficaz os recursos econômicos para seus usos mais produtivos.

A Bíblia afirma fortemente a igualdade de todas as pessoas como criaturas feitas à imagem de Deus e o erro moral da discriminação com base em distinções raciais, nacionais ou étnicas. A narrativa histórica em Gênesis começa com a criação de Adão e Eva, os pais de toda a raça humana. O apóstolo Paulo ensinou que Deus "fez de um só homem todas as nações da humanidade para viver em toda a face da terra" (Atos 17:26). Se todos nós descendemos desses pais, então com base em que podemos discriminar qualquer outro ser humano?

Paulo também escreveu que não deveria haver discriminação racial, porque em Cristo "não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher, porque todos sois um em Cristo Jesus" (Gl 3: 28). A imagem do futuro revelada no livro do Apocalipse mostra "uma grande multidão que ninguém poderia contar, de todas as nações, de todas as tribos e povos e línguas, em pé diante do trono" de Deus e adorando (Ap 7: 9) .

Linda Gorman destaca como um mercado genuinamente livre combate a discriminação: "Muitas pessoas acreditam que apenas a intervenção do governo evita a discriminação galopante no setor privado. A teoria econômica prevê o oposto: os mecanismos de mercado impõem penalidades inevitáveis sobre os lucros sempre que empresários com fins lucrativos discriminam os indivíduos por qualquer motivo que não seja a produtividade. "69

A não discriminação foi outra característica pela qual a Grã-Bretanha lucrou muito quando pessoas indesejadas fugiram de outros países e trouxeram consigo habilidades econômicas desenvolvidas. Os tecelões vieram com habilidades do sul da Holanda, e os agricultores trouxeram agricultura mais produtiva

[69] Linda Gorman, "Discrimination", em Henderson, The Concise Encyclopedia of Economics, 116.

 métodos agrícolas. Os judeus da Espanha e de outras áreas onde foram perseguidos vieram com vasto conhecimento e experiência em questões financeiras. Os protestantes huguenotes vieram da França, trazendo grandes habilidades como mercadores, artesãos, comerciantes e administradores de questões financeiras.[409] Ferguson conta como os colonizadores espanhóis e britânicos na América do Norte e do Sul diferiam a esse respeito:

> Nossa história começa com dois navios. Em um deles, desembarcando no norte do Equador em 1532, estavam menos de 200 espanhóis acompanhando o homem que já reivindicou o título de "Governador do Peru". A ambição deles era conquistar o Império Inca para o rei da Espanha e garantir para eles uma grande parte de sua reputada riqueza em metais preciosos.
>
> O outro navio, o Carolina, chegou ao Novo Mundo 138 anos depois, em 1670, em uma ilha na costa do que hoje é a Carolina do Sul. Entre os que estavam a bordo estavam criados cuja modesta ambição era encontrar uma vida melhor do que a pobreza opressora que haviam deixado para trás na Inglaterra.
>
> Os dois navios simbolizaram esta história de duas Américas. Em um, conquistadores; por outro servos contratados. Um grupo sonhava com uma pilhagem instantânea - com montanhas de ouro maia à disposição. Os outros sabiam que teriam anos de labuta pela frente, mas também que seriam recompensados com um dos ativos mais atraentes do mundo - as melhores terras da América do Norte - além de uma participação no processo legislativo. Imobiliário mais representação: esse era o sonho norte-americano.[410]

Os Estados Unidos permitiram que um grande número de pessoas imigrasse em meados do século XIX e no início do século XX. Durante alguns anos neste período, mais de um milhão de imigrantes entraram na América. Quando a população dos Estados Unidos passou de 10 milhões para 94 milhões de pessoas entre 1821 e 1914, 32 milhões deles eram imigrantes, e muitos deles nos últimos anos eram filhos, netos e bisnetos de imigrantes que vieram antes naquele período.[411] Muitos dos imigrantes nos Estados Unidos eram alfabetizados, alguns eram fazendeiros altamente produtivos e muitos eram artesãos treinados.

Em contraste, os países católicos romanos da América Latina excluíram os europeus do norte e a maioria dos norte-americanos e, portanto,

---

409 Landes, Riqueza e Pobreza, 223.
410 Ferguson, Civilization, 98-99.
411 Landes, Wealth and Poverty, 321.

excluiu muitos dos trabalhadores talentosos de que necessitavam para o desenvolvimento econômico.[412] Ainda em 1900, na Itália, Espanha e Portugal, "as perseguições religiosas de antigamente - massacres, caçadas, expulsões, conversões forçadas e fechamento intelectual autoimposto - provaram ser uma espécie de pecado original. Seus efeitos não se dissipariam até o século XX. . . e nem sempre mesmo assim. "[413]

Os países balcânicos da Europa Oriental permitiam pessoas de outras nações, mas, por causa de um tipo de preconceito étnico e nacional, havia grande ressentimento em relação aos gregos, judeus, armênios e alemães que vieram para essas nações, trabalharam duro e se tornaram ricos . Quando as nações balcânicas se tornaram independentes, "os nativos fizeram o possível para expulsar os estrangeiros, ou seja, para expulsar os elementos mais ativos da economia. . . . Os Bálcãs continuam pobres hoje. Na ausência de metecos [trabalhadores estrangeiros], eles guerreiam uns com os outros e atribuem a sua miséria à exploração por economias mais ricas na Europa Ocidental. "[414]

A Argélia é outro exemplo. Quando conquistou a independência da França em 1962, mais de um milhão de europeus viviam entre mais de 10 milhões de argelinos nativos. Depois da independência, até mesmo os europeus que queriam ficar "foram levados em seu caminho por insultos, ameaças, violência, apreensão de propriedades confiscadas em primeiro lugar". Mas eles formaram grande parte da espinha dorsal da economia argelina:

> Os bem-sucedidos possuíam as melhores terras, cultivavam o vinho e o trigo que eram as grandes exportações, cuidavam do frete, administravam os bancos, faziam a economia andar. . . . A perda desses recursos humanos foi um golpe esmagador. Com o passar dos anos, a economia argelina desacelerou e até mesmo o petróleo e o gás não conseguiram conter a maré.[415]

Landes, escrevendo em 1999, diz que "nos últimos anos, o país vacilou e infeccionou. Quase três quartos dos jovens de dezessete a vinte e três anos de idade estão desempregados. " A infraestrutura industrial deteriorou-se e a Argélia "não consegue mais se alimentar. Por isso, importa quantidades crescentes de alimentos. "[416]

---

412 Ibid., 317, 324, 329.
413 Ibid., 250. (Mas veja a nota 58 acima.)
414 Ibid., 252.
415 Ibid., 440-41.
416 Ibid., 507-9.

A liberdade para pessoas de todas as raças e de todas as origens nacionais, religiosas e étnicas é crucial para o desenvolvimento econômico de qualquer país.

19. Liberdade para ascender em status social e econômico Múltiplas oportunidades para o sucesso econômico individual devem estar disponíveis em uma sociedade. Em uma sociedade idealmente produtiva, de acordo com Landes, as pessoas "subiriam e cairiam à medida que fizessem algo ou nada de si mesmas. . . . Não seria uma sociedade de partes iguais, porque os talentos não são iguais; mas tenderia a uma distribuição de renda mais uniforme do que a encontrada com privilégios e favores. Teria uma classe média relativamente grande. "[417]

Durante os anos-chave de seu desenvolvimento econômico, a Grã-Bretanha teve uma classe média grande e relativamente próspera, e os Estados Unidos eram uma sociedade de muitos pequenos proprietários de terras e trabalhadores relativamente bem pagos. O senso de igualdade do povo americano "gerou auto-estima, ambição, disposição para entrar e competir no mercado, um espírito de individualismo e contencioso".[418]

Em contraste, havia pouca mobilidade social ou econômica em várias outras nações. A barreira à mobilidade em terras alemãs era "a divisão da sociedade em grupos de status. . . de vocação e privilégio reservados. . . senhores. . . servos e inquilinos. . . soldados. . . comerciantes. . . jornaleiros [para o artesanato industrial]. " Estratificação social e econômica semelhante ocorreu entre grupos na Índia e no Japão.[419] Uma vez que uma pessoa fazia parte de um grupo, seu status social e econômico era determinado, e era difícil, senão impossível, se libertar e mudar para outro grupo.

O crescimento econômico é sufocado por estruturas e tradições que impedem a mobilidade social e econômica. Benjamin Friedman explica:

> Economias estagnadas não geram apoio à mobilidade econômica ou à abertura de oportunidades. Em suma, eles discriminam. Sair na frente está quase sempre ligado a entrar na política, a ter acesso ao tesouro nacional, ou a tirar o que os outros têm. Quando as perspectivas de crescimento estão ausentes, qualquer pessoa com a menor evidência de riqueza ou acumulação de capital é vista com suspeita. Medidas positivas para promover a mobilidade econômica estão ausentes e a discriminação com base no nascimento é a norma. Questões como abertura e tolerância são, em primeiro lugar, uma questão de consagrar o

417 Ibid., 218.
418 Ibid., 221 (na Grã-Bretanha) e 297 (nos Estados Unidos).
419 Ibid., 239.

> princípio básico da igualdade de oportunidades, o que, por sua vez, oferece a perspectiva de uma verdadeira mobilidade econômica e social.[420]

Os países também podem sufocar o crescimento econômico permitindo que a riqueza seja concentrada nas mãos de algumas famílias especialmente privilegiadas e poderosas, enquanto a vasta maioria das pessoas está presa na pobreza. Na Rússia e em outros países eslavos, "a servidão persistiu em sua pior forma" muito depois da Revolução Industrial no norte da Europa. "Tanta riqueza" foi mantida "nas mãos de uma nobreza perdulário", mas os camponeses pobres tinham tão pouco que não poderiam nem mesmo fornecer a demanda adequada para a compra de bens de consumo comuns se tais bens tivessem sido produzidos.[421] A Rússia sob os czares tinha "uma aristocracia privilegiada e autoindulgente que resistia com desprezo à modernização".[422]

Muitos países recém-independentes na América Latina tiveram problemas semelhantes, com muito poucas pessoas ricas no topo e massas presas na pobreza: "No topo, um pequeno grupo de patifes, bem ensinados por seus antigos senhores coloniais, saqueava livremente. Abaixo, as massas se agacharam e se agacharam. "[423] Landes resume o que acontece nessas situações, em detrimento de ricos e pobres:

> Onde a sociedade é dividida entre poucos proprietários de terras privilegiados e uma grande massa de trabalhadores pobres, dependentes, talvez não-livres - na verdade, entre uma escola para a preguiça (ou auto-indulgência) contra um pântano de desânimo - qual o incentivo [sic] para mudar e melhorar? No topo, uma indiferença elevada; abaixo, a resignação do desespero.[424]

Em todos os casos em que uma vasta riqueza está nas mãos de poucos privilegiados e todos os outros estão presos na pobreza, o mercado livre não tem permissão para operar. Certas pessoas ricas estão acima da lei. Crimes podem ser cometidos e contratos quebrados sem medo de punição.

Os monopólios são tolerados ou mesmo executados pelo governo. Obter uma licença para dirigir um negócio ou obter propriedade documentada de uma

---

420 Benjamin Friedman, The Moral Consequences of Economic Growth (New York: First Vintage Books, 2005), 86, 95.
421 Landes, Wealth and Poverty, 251.
422 Ibid., 268.
423 Ibid., 313.
424 Ibid., 296.

propriedade é tão difícil que é essencialmente impossível para as pessoas comuns.

Esses não são os fracassos do mercado livre, mas sim os fracassos de um governo em proteger o mercado livre e permitir que todos concorram de forma justa nele. Onde um governo permite que o mercado livre opere, a engenhosidade humana comum e a ambição proporcionam cada vez mais competição e diversidade no mercado. Mais e mais pessoas descobrem que podem avançar rapidamente para níveis mais altos de renda e status na sociedade simplesmente com trabalho árduo e habilidade no que fazem. O mercado livre, se realmente tiver permissão para funcionar, fornece essa liberdade social e econômica para crescer geração após geração.

A mobilidade econômica nos Estados Unidos ainda é uma parte significativa de sua economia forte hoje: "Oitenta por cento dos milionários da América são ricos de primeira geração", Thomas Stanley e William Danko relataram vários anos atrás.[425] Além disso, a maioria deles não herdou sua riqueza, porque menos de 20 por cento dos milionários herdaram 10 por cento ou mais de sua riqueza, e menos de 25 por cento deles já receberam um presente de $ 10.000 ou mais dos pais ou outros parentes.[426]

Muitos dos "pobres" não permanecem, em sua maioria, pobres geração após geração, ou mesmo ano após ano, mas muitos avançam para níveis econômicos mais elevados. Nem os "ricos" necessariamente permanecem ricos ano após ano, geração após geração.

Muitas pessoas que são pobres em um ano, na verdade, começam a se tornar mais ricas no ano seguinte.[427]Se dividirmos a população dos Estados Unidos em cinco grupos, com 20 por cento das pessoas em cada grupo (cinco quintis), e estudar o que aconteceu a cada grupo de 1975 a 1991 (dezesseis anos), descobriremos que 98 por cento dos grupos mais baixos grupo de renda mudou para um grupo superior! No próximo grupo de renda mais baixa, 78% mudaram para um grupo de renda mais alta, enquanto 58% dos do terceiro grupo mudaram para um grupo de renda mais alta. Por outro lado, 31% dos que estavam no grupo de renda mais alta mudaram para um grupo mais baixo, assim como 24% dos que estavam no segundo grupo mais alto (veja a Figura 3 na página 192).

Esses padrões também foram observados em estudos mais recentes. Um estudo sobre mobilidade de renda para 1996-2005 descobriu que para aqueles nas faixas de renda mais baixas, a renda média antes dos impostos aumentou 77,2%,

---

425 Thomas Stanley e William Danko, The Millionaire Next Door (Nova York: Pocket Books, 1996), 3.

426 Ibid., 16.

427 Os quatro parágrafos a seguir foram extraídos de Grudem, Politics, 302-304.

em comparação com 67,8% no período anterior.[428] Outro estudo do Departamento do Tesouro descobriu que cerca de metade dos contribuintes que começaram no quintil inferior em 1996 mudaram para uma faixa de impostos mais alta em 2005. O estudo também descobriu que entre aqueles com as rendas mais altas em 1996 - o topo 1/100 de 1 por cento - apenas 25 por cento permaneceram neste grupo em 2005. Além disso, sua renda real mediana caiu durante este período também.[429] A mobilidade de renda geralmente funciona nos dois sentidos: para cima e para baixo.

Um exemplo de tal movimento seria uma estudante pobre da faculdade de medicina que mal consegue se sustentar, mas que então se forma e passa do status de "baixa renda" para "renda moderada / alta" em um ano, e logo depois para "alta renda " status. Algo semelhante acontece, em geral, com estudantes universitários pobres que ganham uma pequena quantia em empregos de meio período na faculdade, mas depois se formam e começam a subir na carreira. Isso também acontece com famílias pobres de imigrantes que inicialmente estão aprendendo o idioma e em busca de oportunidades de negócios, nas quais logo começam a ter sucesso.[430]Essa mudança de “baixa renda” para “alta renda” também acontece com empreendedores de “baixa renda” que recebem salários muito baixos e vivem principalmente da poupança por dois ou três anos enquanto iniciam negócios; eles aparecem como “os pobres” nos gráficos de distribuição de renda nacional, mas quando seus negócios vão bem, eles rapidamente se juntam às classes de renda média ou média alta. Portanto, quando as pessoas falam sobre “os pobres” e “os ricos”, devemos lembrar que existem pessoas diferentes nos grupos ao longo do tempo.

Em outras palavras, várias medidas mostram que houve uma tremenda mobilidade de renda ao longo do tempo nos Estados Unidos (embora isso tenha diminuído um pouco nos últimos anos com uma economia relativamente estagnada e alto desemprego persistente). Esse tipo de mobilidade econômica livre é crucial para as nações que desejam sair da pobreza em direção a uma maior prosperidade.

20. Liberdade para enriquecer por meios legais

Se um país vai crescer da pobreza em direção ao aumento da prosperidade, ele deve proteger a liberdade de qualquer pessoa na sociedade não apenas de se

---

428 “Mobilidade de Renda nos Estados Unidos: Novas Evidências de Dados de Imposto de Renda”, *National Tax Journal* 62, não. 2 (junho de 2009): 315.

429 “Mobilidade de Renda nos Estados Unidos: 1996-2005,” um relatório do Departamento do Tesouro dos EUA (13 de novembro de 2007), 2.

430 Para inúmeros exemplos, consulte Stanley e Danko, *The Millionaire Next Door*, especialmente 16-25.

mover para um nível de renda mais alto, mas de acumular e reter até mesmo grandes quantidades de riqueza, desde que o façam por meios e atividades legais. É o oposto da situação que mencionamos na seção anterior, em que a riqueza de uma nação está concentrada nas mãos de algumas famílias privilegiadas e ninguém mais tem a oportunidade de enriquecer. Em vez disso, estamos falando de uma sociedade que promove oportunidades para qualquer pessoa que trabalhe duro e tenha habilidade para aumentar sua condição econômica tanto quanto possível.

Mais uma vez, os líderes governamentais devem ter em mente a única coisa que tirará sua nação da pobreza em direção ao aumento da prosperidade: produzir continuamente mais bens e serviços de valor. Para que isso aconteça, cada pessoa no país deve de alguma forma estar motivada a contribuir com o que puder para o aumento da atividade econômica produtiva.

O que motiva mais efetivamente as pessoas a fazerem suas melhores contribuições para uma economia mais produtiva? Eles são mais motivados pela esperança de ganhar mais e melhorar suas posições na vida, bem como as de suas famílias. Nada mais fornece a motivação necessária - não apela ao patriotismo, não desafia o amor ao próximo, não apela para fazer mais para ajudar os pobres, não inveja os ricos e, certamente, não faz trabalho forçado em sistemas de escravidão ou totalitarismo. Nada motiva uma pessoa tão bem quanto seu interesse próprio; ou seja, a esperança de ganhar mais dinheiro e melhorar sua própria condição.

Mas se as pessoas vão ser motivadas pela esperança de ganhar mais dinheiro, elas devem ser capazes de ver evidências reais de que isso é possível. Eles devem ser capazes de olhar ao redor e ver exemplos de pessoas que começaram pobres e depois se tornaram ricas ou, pelo menos, moderadamente abastadas. As pessoas devem ser capazes de ver que uma medida de sucesso financeiro é possível com bons hábitos de trabalho, honestidade, economia e perseverança.[431]

Se as pessoas sabem que vivem em um país onde ninguém é capaz de melhorar as condições econômicas de sua família, como um país comunista, onde os salários são fixados pelo governo, então ninguém tenta. Da mesma forma, se as pessoas vivem em um país onde funcionários do governo poderosos e algumas famílias ricas mantiveram toda a riqueza para si mesmas por gerações, e onde os pobres realmente não têm oportunidade de trabalhar duro e ter sucesso economicamente, então, novamente, eles não tentam.

---

[431] Stanley e Danko, The Millionaire Next Door, está repleto de exemplos, bem como numerosos estudos sobre os estilos de vida surpreendentemente frugais e modestos da maioria dos milionários americanos.

Um exemplo trágico de sistemas econômicos e culturais que prendem as pessoas na pobreza, impedindo que alguém progrida, é visto em grande parte da África Subsaariana. Maranz, um especialista em África, explica:

> É uma regra geral que as pessoas esperam que o dinheiro e as mercadorias sejam usados ou gastos assim que estiverem disponíveis. Se o possuidor não tem necessidade imediata de gastar ou usar um recurso, certamente tem parentes e amigos. Ter recursos e não usá-los é acumular, o que é considerado anti-social.[432]

Para ser justo, devemos notar que Maranz vê com simpatia o motivo de tais costumes: garantir que todos sobreviverão, especialmente em circunstâncias severas de seca ou fome. Ele escreve no início de seu livro:

> Qual é a consideração econômica mais fundamental na maioria das sociedades africanas? Acredito que a resposta seja aproximadamente esta: a distribuição de recursos econômicos para que todas as pessoas tenham suas necessidades mínimas atendidas, ou pelo menos possam sobreviver. Esta distribuição é o sistema de segurança social africano. . . . Os africanos alcançam o objetivo principal de seu sistema econômico? Sim, eles o alcançam incrivelmente bem. . . . [Mesmo em economias desoladas, com 50% de desemprego] as pessoas continuam a comer, estão vestidas e alojadas e sobrevivem. Aqueles que têm poucos recursos compartilham com parentes e amigos íntimos. Não há motins. Parece-me que as pessoas vivem suas vidas com pelo menos tanto contentamento quanto os ocidentais vivem em seus países de origem. Claro, todos eles esperam dias melhores, mas enquanto isso, eles aproveitam ao máximo suas situações.[433]

Portanto, não estamos dizendo que esses costumes não serviram para nada. Mas estamos dizendo que hoje são um entrave significativo ao crescimento econômico, porque impedem que alguém progrida.

---

432 Maranz, African Friends, 16.
433 Ibid., 4, ênfase no original.

economicamente. Na verdade, o próprio Maranz afirma que o resultado desses costumes é um "nivelamento" contínuo da sociedade para que ninguém seja capaz de ultrapassar os outros:

> As regras não escritas que governam o empréstimo e a partilha de dinheiro e bens, e a extrema pressão social sobre os indivíduos para se conformarem a essas regras ou enfrentar sanções, servem como mecanismos niveladores para evitar que as pessoas fiquem à frente das outras. . . . Extrema pressão social é exercida sobre aqueles que têm recursos para compartilhá-los com os membros da sociedade que têm menos. O efeito é impedir que alguém progrida e basicamente atua como um freio ao desenvolvimento econômico.95

Qual é o resultado de acreditar na mentira de que a igualdade econômica é mais importante do que o crescimento econômico (subjugação progressiva da terra, Gn 1:28), propriedade ("não roubarás", "não cobiçarás"), ou recebendo uma recompensa justa pelo seu trabalho? É uma armadilha na pobreza.

A necessidade de as pessoas verem exemplos de outros que passaram da pobreza à riqueza significa que é muito destrutivo para uma sociedade continuamente difamar "os ricos", retratá-los como maus e promover a inveja e o ódio contra eles. (A ideia de que a riqueza vem da exploração de outros em vez da criação de novo valor é uma ideia marxista, não um ponto de vista cristão.) Essa retórica da guerra de classes tende a desencorajar as pessoas mais pobres de tentarem ter sucesso nos negócios e enriquecer por meio de trabalho árduo e perseverança (para quem quer ser odiado por todos?). Se uma sociedade se concentra na inveja ou no ódio dos ricos, isso prejudica significativamente sua produtividade econômica.

Cada vez que uma nação sai da pobreza em direção ao aumento da prosperidade, algumas pessoas se sairão melhor economicamente do que outras. As pessoas têm diferentes dons e habilidades, diferentes níveis de ambição, diferentes hábitos de trabalho e diferentes níveis de inteligência em várias áreas. Muitas pessoas se tornarão moderadamente prósperas porque fazem um bom trabalho no fornecimento de produtos úteis de valor para a economia. O governo - e os costumes da sociedade - deve permitir que eles guardem os frutos de seu trabalho, porque é isso que os motiva a continuar a fazer contribuições valiosas para a economia. Na verdade, em

[95] Ibid., 150.

sociedades livres, a maioria das pessoas que se tornam moderadamente ricas têm ocupações bastante "comuns".

Então, haverá muito poucas pessoas que se tornarão espetacularmente bem-sucedidas. Freqüentemente, são pessoas que inventam novos produtos ou novas maneiras de produzi-los em massa. Na história dos Estados Unidos, essas foram as pessoas que descobriram como construir uma linha de montagem para produzir automóveis em massa para famílias comuns (Henry Ford), como construir uma vasta rede de ferrovias (Cornelius Vanderbilt) ou como para construir enormes usinas siderúrgicas (Andrew Carnegie, fundador da US Steel). Eles incluíram aqueles que desenvolveram computadores domésticos e uma nova geração de telefones celulares (Steve Jobs, fundador da Apple), um sistema operacional de computador que é usado em todos os países do mundo (Bill Gates, fundador da Microsoft) e uma empresa de marketing na Internet que entrega milhares de produtos rapidamente para qualquer casa (Jeff Bezos, fundador da Amazon.com).

O ponto importante para o desenvolvimento econômico dos Estados Unidos não é que cada um desses homens ganhou milhões de dólares. É que cada um desses líderes empresariais contribuiu com uma grande quantidade de produtividade econômica para sua nação e, em muitos casos, para o mundo inteiro. Essas pessoas e outras como elas permitiram que os Estados Unidos produzissem continuamente mais produtos e serviços de valor além de qualquer coisa que pudesse ser imaginada a partir dos esforços de uma pessoa. Eles tiveram sucesso, e a economia de seu país cresceu significativamente como resultado de seus esforços.

Esse tipo de coisa acontece apenas em uma nação que permite às pessoas oportunidades ilimitadas de ganhar dinheiro na esperança de ficar com uma grande quantia. As pessoas que podem ganhar esses milhões de dólares são muito raras, mas proporcionam uma produtividade econômica imensa para a sociedade como um todo.

Frederick Catherwood diz corretamente: “O ensino da Bíblia parece ser que não é o valor da riqueza de um homem que importa; o que importa é o método pelo qual ele o adquire, como ele o usa e sua atitude mental em relação a ele.96

Se uma nação permite a liberdade de qualquer pessoa acumular muita riqueza dessa forma, ela incentiva multidões a tentar. Alguns fracassam, muitos se saem moderadamente bem e apenas alguns poucos se tornam verdadeiramente ricos. Mas os milhões que se saem moderadamente bem formam a espinha dorsal de um

[96] HFR Catherwood, The Christian in Industrial Society (Londres: Tyndale Press, 1964), 9.

economia saudável, e aqueles que se tornam extremamente ricos fornecem benefícios significativos para essa economia.

Se a oportunidade de trabalhar duro, ter sucesso e se tornar rico for removida por políticas governamentais (como taxas extremamente altas de impostos sobre "os ricos", ou julgamentos arbitrários e tendenciosos e prisões de pessoas ricas de alto perfil, como na Rússia ou na China), dificilmente alguém tentará enriquecer com a construção de um negócio produtivo, o que impedirá a nação inteira de muito do crescimento econômico que poderia ter experimentado.

Portanto, se uma nação vai crescer da pobreza para aumentar a prosperidade, ela não deve confiscar a riqueza por meio de impostos punitivos sobre os ricos, por meio de altos impostos sobre herança, por meio de decisões judiciais injustas contra os ricos, ou por meio de ostracismo social ou condenações morais de prosperidade.

Mas e se as pessoas vivessem em um país onde quase todos os ricos ganharam sua riqueza por meios imorais, como tráfico de drogas, roubo ou corrupção política? Nesses casos, a sociedade precisa de alguma forma encontrar força suficiente para punir esses criminosos pelas coisas más que fizeram - não os punindo pela riqueza em si, mas pelos meios errados que usaram para obter essa riqueza. Em seguida, ele precisa abrir e proteger oportunidades genuínas para que qualquer pessoa fique rica por meios legais e moralmente corretos. Se as únicas pessoas ricas de uma nação forem conhecidas por enriquecerem por meio de suborno, roubo ou corrupção, nenhuma pessoa honesta acreditará que há esperança de aumentar sua própria riqueza.

Pastores e outros líderes espirituais em uma nação têm um papel importante aqui. Eles precisam falar contra os ricos que usaram a mentira, a trapaça, o roubo ou a promoção da imoralidade para se tornarem ricos. Eles também precisam falar contra a penalização injusta do governo ou o ostracismo social dos ricos. Mas se seus sermões contêm críticas habituais até mesmo aos ricos que ganharam seu dinheiro de maneiras moralmente boas e legalmente corretas, eles prejudicarão o crescimento econômico de sua nação ao desencorajar as pessoas de sempre procurarem trabalhar duro e se sairem muito bem economicamente.

A Bíblia não diz que é errado alguém dizer: “Hoje ou amanhã iremos a tal e tal cidade e passaremos um ano

ali, negocie e tenha lucro ", mas, sim, que é errado dizer isso com orgulho sem reconhecer que isso só pode acontecer" se o Senhor quiser "(ver Tiago 4:13, 15). O livro de Tiago tem algumas palavras duras de condenação para os ricos (ver 5: 1-6), mas essas são pessoas que injustamente acumularam luxos excessivos para si mesmas (vv. 2-3), retiveram indevidamente os salários (v. 4), e que "vivem na terra no luxo e na auto-indulgência" e até mesmo condenaram e assassinaram injustamente os justos (vv. 5-6). Tiago não está se referindo a todas as pessoas ricas, mas a pessoas ricas egoístas, gananciosas, desonestas, injustas e auto-indulgentes que não se importam com os outros e não agem com retidão.

Além disso, há este aviso do Antigo Testamento: "Não se canse para ficar rico; seja sábio o suficiente para se conter "(Prov. 23: 4, net) .97

Isso está relacionado a uma passagem do Novo Testamento que adverte contra o desejo de ser rico:

> Mas aqueles que desejam ser ricos caem em tentação, em uma armadilha, em muitos desejos insensatos e prejudiciais que mergulham as pessoas na ruína e na destruição. Pois o amor ao dinheiro é a raiz de todos os tipos de males. É por meio desse desejo que alguns se afastaram da fé e sofreram muitas dores. (1 Tim. 6: 9-10)

Aqui devemos distinguir entre, por um lado, o "desejo de ser rico" e o "amor ao dinheiro" de que Paulo está falando, e, por outro lado, o desejo de trabalhar duro, fazer bem e melhorar. situação econômica, que a Bíblia nunca condena.

Sempre há muitas pessoas cujo objetivo não é a riqueza, mas indo bem em seus empregos ou negócios e ganhando uma vida decente, e que são continuamente promovidas no trabalho ou inventam produtos que vendem muito bem e, de repente, descobrem que estão se tornando mais ricas do que qualquer coisa eles esperavam ou até procuravam. Em uma economia de livre mercado, isso acontece com bastante frequência.

Além disso, sempre há muitas pessoas em uma sociedade que não sabem nada sobre os ensinamentos da Bíblia e pensam que não há nada

[97]A tradução ESV dá um sentido semelhante: "Não trabalhe para adquirir riquezas; ser criterioso o suficiente para desistir ", desde que seja entendido que" labuta "representa a palavra hebraica yaga ', que significa" labuta, cresça, ou se canse ", e implica trabalhar duro até o ponto de grande cansaço.

está errado em querer ser rico. Eles, de fato, têm como objetivo tornar-se ricos. Mas um dos aspectos surpreendentes de um sistema de mercado livre é que ele freqüentemente usa as imensas energias que essas pessoas dedicam para se tornarem ricas para o bem econômico da sociedade como um todo. Para obter mais lucro, essas pessoas trabalham para criar novos bens e serviços valiosos que trazem grande benefício para a sociedade.

Se uma sociedade não permite às pessoas a liberdade de se tornarem ricas por meios legais, ela perde muitos dos benefícios que essas pessoas teriam trazido para a economia. Eles não trabalham tanto ou produzem quase tanto, ou então se mudam para outros países, onde podem usar suas habilidades para se tornarem ricos, e os outros países obtêm os benefícios de sua produtividade econômica.

21. Liberdade de religião

Essa liberdade estava implícita nas seções 15 e 18 acima (e consulte também o capítulo 7, 258), mas a declaramos explicitamente aqui. O fanatismo religioso e a intolerância no passado levaram à exclusão de habilidades e conhecimentos valiosos em muitos países e prejudicaram significativamente o desenvolvimento econômico. Para evitar tais perdas de conhecimento e habilidade, é importante que uma nação estabeleça e proteja a liberdade para todos os pontos de vista religiosos.

Várias nações muçulmanas hoje continuam a exercer extrema exclusão de outras religiões e, como resultado, sofrem consequências econômicas negativas. Nações comunistas como a Coréia do Norte e a ex-União Soviética excluíram a religião em geral e, portanto, experimentaram a perda econômica resultante da exclusão de pessoas de várias convicções religiosas da participação produtiva na economia.

C. Conclusão

Se os líderes de uma nação decidirem proteger as vinte e uma liberdades delineadas neste capítulo, essas liberdades irão liberar a tremenda produtividade econômica do povo da nação, e ela começará a produzir mais e mais bens e serviços de valor. Ao fazer isso, ele começará a dar grandes passos em sua jornada da pobreza em direção à prosperidade cada vez maior.

OS VALORES DE O SISTEMA

Crenças culturais que estimularão o crescimento econômico

Como qualquer nação pode esperar fazer as mudanças econômicas e políticas que descrevemos nos capítulos anteriores?

A maneira mais eficaz de fazer isso, e a única maneira que trará mudanças de longo prazo para uma nação, é persuadir as pessoas a mudar quaisquer crenças e tradições culturais que estejam impedindo o desenvolvimento econômico. Se essas crenças e tradições puderem ser substituídas por novas que promovam o crescimento econômico, a nação mudará.

Esses valores culturais são, portanto, os assuntos mais estratégicos que discutimos neste livro, porque, em última análise, determinarão todos os outros fatores. Os valores culturais de uma nação determinam que tipo de sistema econômico ela adota, que tipos de leis e políticas o governo promulga, se a corrupção é tolerada, se as liberdades são protegidas e que tipos de metas os indivíduos estabelecem para suas vidas pessoais. É importante, portanto, compreender exatamente que tipos de valores culturais levam uma nação a apoiar os tipos de sistemas econômicos e governamentais que descrevemos nos capítulos anteriores.

Daron Acemoglu e James A. Robinson, em seu livro freqüentemente perspicaz, Why Nations Fail, descartam a ideia de que os valores culturais

têm muita influência no desenvolvimento econômico de uma nação. Eles escrevem:

> A hipótese da cultura é útil para compreender a desigualdade mundial? Sim e não. Sim, no sentido de que as normas sociais, que estão relacionadas à cultura, são importantes e podem ser difíceis de mudar, e às vezes também sustentam diferenças institucionais, a explicação deste livro para a desigualdade mundial. Mas principalmente não, porque aqueles aspectos da cultura freqüentemente enfatizados - religião, ética nacional, valores africanos ou latinos - simplesmente não são importantes para entender como chegamos aqui e por que as desigualdades do mundo persistem. Outros aspectos, como até que ponto as pessoas confiam umas nas outras ou são capazes de cooperar, são importantes, mas são principalmente um resultado de instituições, não uma causa independente.[434]

Nossa resposta a Acemoglu e Robinson é dizer, primeiro, que concordamos que as instituições econômicas e políticas têm um impacto enorme no desenvolvimento econômico de uma nação. É por isso que dedicamos os capítulos 3, 4, 5 e 6 para discutir o tipo de sistema econômico necessário, e os capítulos 7 e 8 para o tipo de sistema governamental necessário para uma sociedade economicamente produtiva. Na verdade, as instituições econômicas e políticas que Acemoglu e Robinson recomendam como “inclusivas” têm muitas das características que recomendamos nestes capítulos.[435]

No entanto, nossa segunda resposta é que Acemoglu e Robinson minimizam erroneamente ou até mesmo descartam o papel dos valores culturais tanto em permitir que as nações adotem as instituições inclusivas criadoras de riqueza que eles recomendam quanto em ajudar as pessoas que vivem sob essas instituições a funcionarem de forma mais produtiva economicamente maneiras. Não é uma rua de mão única. Sim, as instituições modificam os valores culturais, mas os valores culturais também criam e modificam as instituições.

Esta lacuna na análise de Acemoglu e Robinson é evidente quando tentam

---

[434]Daron Acemoglu e James A. Robinson, Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity and Poverty (Nova York: Crown Publishers, 2012), 57.

[435]Veja a descrição de instituições inclusivas nas páginas 73-83. As instituições econômicas inclusivas "permitem e encorajam a participação da grande massa de pessoas em atividades econômicas que fazem o melhor uso de seus talentos e habilidades", e também têm "propriedade privada segura, um sistema legal imparcial" e outros recursos que permitem o livre intercâmbio e facilidade de entrada em negócios e carreiras (74-75). Eles dizem que as instituições políticas inclusivas têm poder centralizado suficiente para governar com eficácia e também “distribuir amplamente o poder na sociedade e sujeitá-lo a restrições” (80-81).

explicar por que certos países adotaram as instituições inclusivas que recomendam e outros não. Ao propor uma solução para as nações pobres, eles escrevem: "A solução para o fracasso econômico e político das nações hoje é transformar suas instituições extrativistas em inclusivas. . . . Isso não é fácil."[436]

Eles então dizem que a transformação das instituições em uma nação requer "a presença de amplas coalizões liderando a luta contra o regime existente", mas não explicam o que motivará essas amplas coalizões a se formarem ou a agirem. Em outro lugar, eles dizem que as nações que estabeleceram instituições inclusivas com sucesso "conseguiram empoderar um segmento bastante amplo da sociedade", mas não dizem como isso aconteceu. Na verdade, eles dizem: "A resposta honesta, claro, é que não há receita para construir tais instituições".[437]

Quando eles realmente analisam como as nações tiveram sucesso em pontos anteriores da história no estabelecimento de instituições inclusivas, sua explicação parece se resumir a mera sorte, ou o que eles às vezes chamam de "contingência" (que tomamos como outra palavra para sorte inexplicável). Em outras ocasiões, eles dizem que as mudanças aconteceram por causa do que eles chamam de "deriva institucional", mas acrescentam que é impossível prever se uma instituição irá sofrer um desvio. Eles escrevem (todas as ênfases adicionadas):

> Duas sociedades semelhantes também irão lentamente se separar institucionalmente. . . . A deriva institucional não tem um caminho predeterminado.[438]
>
> [Na Revolução Gloriosa de 1688 na Inglaterra, que levou a instituições inclusivas,] todo o caminho que conduziu a essa revolução política esteve à mercê de eventos contingentes.[439]
>
> Na Índia, a deriva institucional funcionou de maneira diferente e levou ao desenvolvimento de um sistema de castas hereditário excepcionalmente rígido que limitou o funcionamento dos mercados e a alocação de mão-de-obra entre as ocupações.[440]

---

436 Acemoglu e Robinson, Why Nations Fail, 402.
437 Ibid., 458, 460.
438 Ibidem, 108-9.
439 Ibidem, 110.
440 Ibid., 118. Acemoglu e Robinson deixam de mencionar quaisquer crenças religiosas ou valores

> Afortunadas reviravoltas de contingência [foram parcialmente responsáveis pelo fortalecimento das instituições inclusivas na Inglaterra].[441]

> [França, Japão, Estados Unidos e Austrália] ficaram à frente dos demais. . . . Muitos desafios às instituições inclusivas foram superados, ora por causa da dinâmica do círculo virtuoso [isto é, instituições inclusivas perpetuando instituições inclusivas], ora graças ao percurso contingente da história.[442]

> Ainda assim, nada disso [isto é, a história anterior a 1688 na Inglaterra] tornou inevitável um regime verdadeiramente pluralista, e seu surgimento foi em parte uma conseqüência da trajetória contingente da história. . . . O caminho das grandes mudanças institucionais foi, como sempre, não menos contingente do que o resultado de outros conflitos políticos. . . . Nesse caso, portanto, a contingência e uma ampla coalizão foram fatores decisivos que sustentam o surgimento do pluralismo e das instituições inclusivas.[443]

> [Na Revolução Gloriosa da Inglaterra de 1688], a sorte estava do lado do Parlamento contra Jaime II.[444]

> As coisas poderiam ter acontecido de maneira muito diferente em Botsuana, especialmente se não tivesse sido a sorte de ter líderes como Seretse Khama ou Quett Masire.[445]

> Não menos importante, o percurso contingente da história trabalhou a favor do Botswana. Foi uma sorte especial porque Seretse Khama e Quett Masire não eram Siaka Stevens [ditador em Serra Leoa] e Robert Mugabe [ditador no Zimbábue].[446]

> Além disso, um pouco de sorte é fundamental, porque a história sempre se desenrola de forma contingente.[447]

> Não havia necessidade histórica de que o Peru acabasse muito mais pobre do que a Europa Ocidental ou os Estados Unidos. . . . O ponto de inflexão foi a forma como essa área foi colonizada e como isso contrastou com a colonização da

culturais do hinduísmo que possam ter levado a esse sistema de castas.

441 Ibid., 122.
442 Ibid., 123.
443 Ibid., 211-12.
444 Ibid., 403.
445 Ibid., 410-11.
446 Ibid., 413.
447 Ibid., 427.

> América do Norte. Isso resultou não de um processo historicamente predeterminado, mas como o resultado contingente de vários desenvolvimentos institucionais essenciais durante momentos críticos.[448]

> Naturalmente, o poder preditivo de uma teoria em que pequenas diferenças e contingências desempenham papéis importantes será limitado.[449]

> Se tal processo irá. . . abrir a porta para um maior empoderamento e, em última instância, para uma reforma política durável [na China] dependerá. . . na história das instituições econômicas e políticas, nas muitas pequenas diferenças que importam e na própria trajetória contingente da história.[450]

Um dos eventos históricos mais importantes que Acemoglu e Robinson discutem é a Revolução Gloriosa na Inglaterra em 1688, quando líderes protestantes no Parlamento convidaram Guilherme de Orange para invadir a Inglaterra e se tornar rei. Quando Guilherme chegou com um exército holandês de quinze mil homens, o rei Jaime II nem mesmo ofereceu resistência. Nos eventos que se seguiram, William (que se tornou o Rei William III da Inglaterra) concordou com o Parlamento em muitas mudanças:

> A Revolução Gloriosa limitou o poder do rei e do executivo e transferiu para o Parlamento o poder de determinar as instituições econômicas. Ao mesmo tempo, abriu o sistema político a um amplo segmento da sociedade. . . . A Revolução Gloriosa foi a base para a criação de uma sociedade pluralista. . . . Criou o primeiro conjunto de instituições políticas inclusivas do mundo.[451]

Mas Acemoglu e Robinson nem sequer mencionam que Guilherme de Orange foi educado na Holanda sob o ensino protestante desde a infância, especialmente na teologia reformada calvinista.[452]

A mesma falha em mencionar o forte treinamento protestante na formação de um líder significativo ocorre na discussão de Acemoglu e Robinson sobre Botswana. Eles relatam que a maior parte do continente da África "experimentou

---

448 Ibid., 432-33. Acemoglu e Robinson nem sequer mencionam a possibilidade de que valores culturais diferentes derivados de diferenças entre a Espanha católica romana (que colonizou o Peru) e a Grã-Bretanha protestante (que colonizou os Estados Unidos) tenham algo a ver com o "resultado contingente" desses eventos históricos.

449 Ibid., 434.

450 Ibid., 462. Esta é a última frase do livro.

451 Ibid., 102.

452 Ver Acemoglu e Robinson, 190, onde nenhuma menção ao treinamento calvinista protestante de William é encontrada. As mudanças instituídas na Revolução Gloriosa são detalhadas nas páginas 102-5 e 191-97.

um longo círculo vicioso de persistência e recriação de instituições políticas e econômicas extrativistas", mas então eles dizem: "Botswana é a exceção". Eles atribuem isso principalmente a Seretse Khama, que se tornou rei de Botswana em um momento decisivo. Eles dizem: "Khama era um homem extraordinário, desinteressado em riqueza pessoal e dedicado à construção de seu país".[453]

Khama tomou uma decisão crucial que afetou a história de Botswana quando os diamantes foram descobertos:

> A primeira grande descoberta de diamante foi sob a terra Ngwato, a terra natal tradicional de Seretse Khama. Antes de a descoberta ser anunciada, Khama instigou uma mudança na lei para que todos os direitos minerais do subsolo fossem investidos na nação, não na tribo. Isso garantiu que a riqueza de diamantes não criaria grandes desigualdades no Botswana.[454]

O resultado de tal liderança esclarecida é que Botswana se tornou "um dos países de crescimento mais rápido no mundo. Hoje, Botswana tem a maior renda per capita da África Subsaariana. "[455]

Mas Acemoglu e Robinson falham em mencionar a sólida formação educacional de Khama nas escolas cristãs protestantes. Eles pensam que tal treinamento em valores morais bíblicos não teve qualquer papel na formação do caráter moral de um líder tão notável?

A historiadora Susan Williams escreve que Khama "frequentou as principais escolas para africanos na África do Sul: Adams College, uma escola missionária perto de Durban; o Lovedale College, administrado por missionários, em Alice, no Cabo Oriental; e Tiger Kloof em Vryburg, que era. . . dirigido pela London Missionary Society. "[456]

Em um artigo publicado nos Estados Unidos em 1951, Khama escreveu:

> Tenho toda a intenção de voltar ao meu país com minha esposa ao meu lado. Pois, como a Rute da Bíblia, muitas vezes encontramos nossa força e nosso conforto nesta passagem das Escrituras: "Rogai-me que não te deixes, nem voltes depois de ti, porque para onde fores irei e onde alojar me hospedarei . Teu povo será meu povo e Teu Deus meu Deus. "[457]

---

453 Ibid., 116-17.
454 Ibid., 412.
455 Ibid., 409.
456 Susan Williams, *Barra de cores: O triunfo de Seretse Khama e sua nação* (Londres: Penguin, 2006), 4.
457 Seretse Khama, "Why I Gave Up My Throne for Love", *Ébano*6, não. 8 (junho de 1951): 43.

Na verdade, a herança cristã de Khama pode ser rastreada até seu avô, Khama III, que foi rei de Bechuanaland (hoje Botswana) de 1875 a 1923. No início de sua vida, Khama III tornou-se cristão e decidiu promover a fé cristã ajudando o estabelecimento de muitas igrejas e escolas em todo o país, especialmente pela London Missionary Society. Dickson Mungazi escreve:

> [Khama III] adotou o Cristianismo como base para uma nova vida para seu povo. . . . Por muitos anos, a educação dos africanos esteve totalmente nas mãos dos missionários. Tanto os africanos quanto os missionários achavam que ambos tinham uma coisa em comum: o desejo de iniciar uma mudança destinada a acelerar o ritmo de avanço africano.[458]

Mas, como no caso de William de Orange, Acemoglu e Robinson deixam de mencionar a formação cristã no treinamento de Khama.

Finalmente, Acemoglu e Robinson, em sua tentativa de mostrar que as instituições inclusivas são a única razão pela qual as nações têm sucesso economicamente, deixam de mencionar, ou mencionam apenas de passagem, muitos dos fatores que nomeamos neste livro como importantes para o desenvolvimento econômico. Isso inclui uma moeda estável, impostos baixos, um sistema de mercado livre (embora isso possa ser a implicação do que eles chamam de instituições econômicas inclusivas), separação de poderes no governo, um sistema judiciário justo, ausência de suborno, proteção de patentes e direitos autorais , proteção contra invasão estrangeira, prevenção de guerras de conquista, proteção contra a destruição do meio ambiente, liberdade de usar recursos, educação universal, famílias estáveis e liberdade para adquirir riqueza e enriquecer por meios legais. Eles também deixam de discutir a importância econômica de valores como a fé em Deus; prestação de contas a Deus; crença de que Deus aprova a produtividade e que é moralmente correta; restrições morais contra roubo, mentira e discriminação; a crença de que o tempo é valioso e que a mudança é possível; bem como muitas outras crenças que mencionamos no restante deste capítulo.

Mudar crenças culturais profundamente arraigadas nunca é fácil. Na verdade, é a mais difícil de todas as soluções que discutimos neste livro. Valores que estão embutidos na história, tradições, costumes, música, literatura, padrões de

---

458 Dickson Mungazi, We Shall Not Fail: Values in the National Leadership of Seretse Khama, Nelson Mandela e Julius Nyerere (Trenton, NJ: Africa World Press, 2005), 46-47; veja também 36-37.

linguagem, instituições religiosas, crenças, sistemas educacionais e hábitos dos pais de uma nação representam centenas, senão milhares, de anos de inculturação.

No entanto, isso não significa que as crenças e valores nunca possam ser mudados. Na verdade, Lawrence E. Harrison, da Tufts University, resume as conclusões esperançosas de cerca de sessenta acadêmicos envolvidos no projeto de pesquisa Culture Matters no livro The Central Liberal Truth: How Politics Can Change a Culture and Save it from own. Harrison fornece extensos resumos de maneiras eficazes pelas quais os líderes dentro das nações trouxeram mudanças culturais em várias nações, mudanças que não só ajudaram a melhorar a prosperidade material dessas nações, mas também sua qualidade de vida.

Harrison reconhece que algumas de suas recomendações mais específicas são controversas, mas ele acredita que "a maioria das pessoas do mundo certamente concordaria com as seguintes afirmações" (derivadas da Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas de 1948):

1. A vida é melhor do que a morte.
2. A saúde é melhor do que a doença.
3. A liberdade é melhor do que a escravidão.
4. A prosperidade é melhor do que a pobreza.
5. A educação é melhor do que a ignorância.
6. Justiça é melhor do que injustiça.[459]

Embora mudar os valores culturais seja difícil, é o lugar onde as organizações religiosas - especialmente, de nossa perspectiva, igrejas cristãs e organizações que enfatizam o ensino cristão - podem ter uma grande influência para o bem de uma nação. Na verdade, o ensino cristão muitas vezes transformou culturas de maneiras muito positivas no passado.

Os pastores, especialmente, podem contribuir ensinando valores culturais cristãos de forma a promover melhores padrões morais dentro de uma nação e também contribuir para ajudar a economia de uma nação. [460] (Veja mais comentários sobre pastores em 32, 161, 186, 305, 366-67.)

A história do desenvolvimento econômico também indica a importância da

---

459 Lawrence E. Harrison, The Central Liberal Truth: Como a política pode mudar uma cultura e salvá-la de si mesma (Oxford: Oxford University Press, 2006), 9.

460 Darrow L. Miller e Stan Guthrie, Discipling Nations: The Power of Truth to Transform Cultures (Seattle: JOCUM, 1998), 246, resumem as diferenças entre animismo, teísmo e secularismo em relação aos valores culturais que têm implicações econômicas. Um capítulo inteiro (243-56) explica como essas diferenças afetam a visão de alguém do trabalho produtivo na sociedade e, em um sentido mais amplo, todo o livro discute as maneiras pelas quais os valores culturais derivados da Bíblia levam a atividades econômicas que produzem generosidade e prosperidade (veja a discussão sobre a "ética do desenvolvimento" em 169-77 e a definição em 287).

cultura. Na conclusão de seu estudo massivo de desenvolvimento econômico em várias nações do mundo, David S. Landes conclui: "Se aprendemos alguma coisa com a história do desenvolvimento econômico, é que a cultura faz toda a diferença".[461]

Para dar um exemplo entre muitos, Landes observa a falta de desenvolvimento econômico (exceto para a riqueza do petróleo) nas nações do Oriente Médio. Para ele, o motivo dessa falta de desenvolvimento está "na cultura, que (1) não gera uma força de trabalho informada e capacitada; (2) continua a desconfiar ou rejeitar novas técnicas e idéias que vêm do Ocidente inimigo (Cristandade); (3) não respeita o conhecimento que os membros conseguem alcançar, seja para estudar no exterior ou por sorte em casa. "[462]

Neste capítulo, discutimos as crenças culturais em treze categorias amplas. Cada categoria contém crenças culturais que contribuem positivamente para o desenvolvimento econômico. Se essas crenças forem rejeitadas, o desenvolvimento econômico será prejudicado em algum grau.

Algumas das seções deste capítulo retornam aos temas mencionados anteriormente no livro. Por exemplo, nos capítulos 3, 4 e 8, mencionamos a importância econômica da propriedade privada. Mas neste capítulo, enfatizamos a necessidade de uma sociedade acreditar que a propriedade privada da propriedade é moralmente correta e, portanto, discutimos os ensinamentos da Bíblia sobre a propriedade privada. O material sobre propriedade privada neste capítulo destina-se a informar o valor cultural de respeitar a propriedade privada da propriedade, e que o valor cultural é o ingrediente necessário para estabelecer e manter um sistema que protege a propriedade privada em uma nação.

Da mesma forma, neste capítulo, discutimos a crença de que o propósito do governo é servir à nação e trazer benefícios para o povo como um todo. Se essa crença for profundamente arraigada, ela fornece a proteção mais forte contra a corrupção do governo, que ocorre quando as pessoas usam suas posições governamentais para ganho pessoal e não para o bem da nação como um todo.

Este capítulo não lista todos os valores que são importantes para uma sociedade. Não listamos generosidade, hospitalidade e bondade, por exemplo, mas a Bíblia certamente considera isso importante. E muitos países pobres se

---

[461] David S. Landes, A Riqueza e Pobreza das Nações: Por que Alguns São Tão Ricos e Alguns Tão Pobres (Nova York: WW Norton, 1999), 516.

[462] Ibid., 410.

destacam nesses valores mais do que algumas sociedades ocidentais ricas. Neste capítulo, entretanto, nosso propósito é discutir os valores culturais que estão mais diretamente relacionados às etapas específicas em direção à prosperidade econômica que discutimos nos capítulos anteriores. Este capítulo, portanto, descreve os valores profundamente arraigados que permitirão a um país adotar e manter as soluções discutidas até este ponto neste livro.

A. Crenças sobre questões religiosas

1. A sociedade acredita que existe um Deus que responsabiliza todas as pessoas por suas ações Quando uma cultura nacional inclui uma crença generalizada de que existe um Deus que responsabiliza todas as pessoas por suas ações, ela tende a produzir indivíduos que agem com honestidade, cuidam dos outros, cumprem suas promessas, trabalham diligentemente e se preocupam com a qualidade de seus trabalhos.

Por outro lado, se a cultura mantém a ideia de que não há Deus e, portanto, nenhuma responsabilidade moral final (como, por exemplo, nas nações comunistas), há mais desonestidade, mais egoísmo e uma tendência maior para a falta de confiança, falta de confiabilidade quanto aos compromissos e descuido no trabalho. Roubo e suborno são mais comuns, assim como considerável corrupção no governo, no sistema legal, nas universidades, empresas, na imprensa e até nas igrejas.

A Bíblia especifica que todas as pessoas um dia serão responsáveis perante o Deus que criou o mundo. O apóstolo Paulo disse a uma reunião de filósofos gregos pagãos em Atenas que Deus "fixou um dia em que julgará o mundo com justiça por um homem a quem ele designou; e disso ele deu garantia a todos, ressuscitando-o dentre os mortos "(Atos 17:31). Da mesma forma, o apóstolo Pedro escreveu a muitas igrejas na Ásia Menor sobre os incrédulos que os tratavam com hostilidade: "Eles se surpreendem quando não se juntam a eles na mesma torrente de libertinagem, e eles difamam você; mas darão conta daquele que está pronto para julgar os vivos e os mortos "(1 Pedro 4: 4-5).

Paulo observou que quando uma sociedade se torna mais corrupta, com crescente alienação de Deus, as pessoas parecem transbordar de má conduta (veja Rom. 3: 10-17). O ponto culminante de sua descrição de tal sociedade é que "não há temor de Deus diante de seus olhos" (Rom. 3:18). O mal desenfreado é o resultado da falta de fé em Deus e da responsabilidade para com ele.

A crença em Deus é um valor cultural em que muitas sociedades africanas e

latino-americanas são mais fortes do que muitas sociedades ocidentais ricas.

2. A sociedade acredita que Deus aprova vários traços de caráter relacionados ao trabalho e à produtividade

Em 1904-05, o sociólogo alemão Max Weber publicou um ensaio influente que mais tarde se tornou um livro chamado A ética protestante e o espírito do capitalismo.[463] Weber argumentou que certos traços de caráter inculcados pelo protestantismo foram responsáveis pelo notável desenvolvimento econômico das nações do norte da Europa e dos Estados Unidos.

Mais recentemente, Landes concluiu que, apesar de muitas críticas acadêmicas a Weber, ele estava essencialmente correto. Em certo ponto de seu livro The Wealth and Poverty of Nations: Por que alguns são tão ricos e alguns tão pobres, Landes diz, com respeito à ideia de que a cultura faz toda a diferença no desenvolvimento econômico, "Aqui Max Weber estava certo".[464]

Nas palavras de Landes, "O cerne da questão estava, de fato, na formação de um novo tipo de homem - racional, ordenado, diligente, produtivo. Essas virtudes, embora não fossem novas, dificilmente eram comuns. O protestantismo os generalizou entre seus adeptos ".[465]

Landes menciona duas características especiais dos protestantes:

> O primeiro foi a ênfase na instrução e na alfabetização, tanto para meninas quanto para meninos. Este foi um subproduto da leitura da Bíblia. Esperava-se que os bons protestantes lessem as sagradas escrituras por conta própria. . . . A segunda foi a importância atribuída ao tempo. . . . Naquela época e lugar (norte da Europa, séculos dezesseis a dezoito), a religião encorajou o aparecimento em números de um tipo de personalidade que tinha sido excepcional

---

463 Publicado em inglês como Max Weber, The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism, trad. Talcott Parsons (1930; repr., Los Angeles: Roxbury, 1996.

464 Landes, Wealth and Poverty, 516. Ver também a análise perceptiva da teoria de Weber por HFR Catherwood, The Christian in Industrial Society (Londres: Tyndale Press, 1964), 114-26.

465 Ibid., 177.

> e adventício antes; e . . . este tipo criou uma nova economia (um novo modo de produção) que conhecemos como capitalismo (industrial).[466]

Landes também diz: "O que Weber quer dizer é que o protestantismo produziu um novo tipo de empresário, um tipo diferente de pessoa, que almejava viver e trabalhar de uma certa maneira. Era assim que importava, e a riqueza era, na melhor das hipóteses, um subproduto ".[467]

Muitos dos aspectos dessa abordagem "protestante" do trabalho e da produtividade serão explicados nas páginas a seguir. Mas, neste ponto, podemos mencionar vários fatores. Inclui buscar o trabalho como um chamado de Deus; ser capaz de ler; e ser honesto e diligente no trabalho, porque trabalha "como para o Senhor e não para os homens" (Colossenses 3:23). Além disso, os trabalhadores devem ser econômicos em tempo e dinheiro (que têm como mordomia que lhes foi confiada por Deus). Eles devem ver a criação e produção de bens da terra como um chamado de Deus (de acordo com Gn 1:28), e algo que eles podem fazer com alegria e ação de graças. Eles não devem ser supersticiosos, mas perceber que Deus fez um mundo ordeiro que está sujeito à investigação racional.

Não deveria ser surpresa que a crença de que Deus aprova tais coisas, uma vez que se espalhe por toda a sociedade, leve a um maior crescimento econômico de uma nação. Não é surpreendente, portanto, que Harrison compilou uma tabela notável de várias nações categorizadas de acordo com as origens religiosas dominantes que influenciaram suas culturas no passado. Mostra que os países com origens principalmente protestantes influenciando seus valores culturais têm as pontuações mais altas em termos de produto interno bruto per capita (PIB).

Contexto religioso para a cultura das nações	Protestante	judeu	católico ortodoxo	romano
PIB per capita				
	$ 29.784			
	$ 19.320	$ 9.358		
	$ 7.045			

[466] Ibid., 178.
[467] Ibid., 175.

confucionista	$ 6.691
budista	$ 4.813
islâmico	$ 3.142
hindu	$ 2,39035

Neste ponto, também precisamos deixar claro que quando falamos sobre a fé em Deus e certos padrões morais, definitivamente não estamos afirmando o "evangelho da saúde e riqueza". Este é um ensinamento em alguns círculos cristãos que se você tiver fé suficiente, Deus o recompensará com prosperidade material. Steve Corbett e Brian Fikkert criticam acertadamente esta visão:

> Em sua essência, o evangelho de saúde e riqueza ensina que Deus recompensa níveis crescentes de fé com maiores quantidades de riqueza. Quando afirmado desta forma, o evangelho da saúde e riqueza é fácil de rejeitar em uma série de bases bíblicas. Veja o caso de Jó, por exemplo. Ele tinha uma fé enorme e vivia uma vida piedosa, mas foi da riqueza à pobreza porque era justo e Deus queria provar isso a Satanás. . . .
>
> Os pobres podem ser pobres devido às injustiças cometidas contra eles. . . . [Durante uma visita à enorme favela de Kibera em Nairóbi, Quênia,] eu estava. . . espantado em ver as pessoas. . . que eram ao mesmo tempo tão fortes espiritualmente e tão devastadoramente pobres. Bem ali nas entranhas do inferno estava esta igreja queniana, cheia de gigantes espirituais que lutavam apenas para comer todos os dias. Isso me chocou. Em algum nível, supus implicitamente que minha superioridade econômica anda de mãos dadas com minha superioridade espiritual. Isso nada mais é do que a mentira do evangelho da saúde e da riqueza: a maturidade espiritual leva à prosperidade financeira.[468]

O que estamos dizendo ao longo deste livro é que a obediência aos ensinamentos bíblicos na conduta do governo e dos sistemas econômicos de uma nação leva ao aumento da prosperidade, e que a crença nos valores bíblicos também contribui para a prosperidade na vida de indivíduos e nações. Mas a pobreza é o resultado de muitos fatores. Os pobres individuais podem ser espiritualmente maduros e ainda materialmente pobres por causa das injustiças cometidas contra eles, por causa de tragédias ou infortúnios pessoais,

---

[468] Steve Corbett e Brian Fikkert, When Helping Hurts: How to Alleviate Poverty Without Hurting the Poor— and Yourself (Chicago: Moody, 2009), 69-70.

ou por causa dos sistemas destrutivos, leis e políticas da nação em que vivem.

B. Crenças sobre padrões morais

3. A sociedade valoriza a veracidade

A maioria das transações comerciais depende da confiança. Um empresário tem que confiar que um fornecedor entregará um produto na data que ele especificou e que o produto terá a qualidade e as especificações acordadas. O fornecedor tem que confiar que o comprador pagará pelo produto quando ele prometeu fazê-lo. Quando compradores e vendedores têm o hábito de dizer a verdade e cumprir sua palavra, as transações comerciais ocorrem sem problemas e a economia funciona com eficiência. Quando uma empresa está construindo um produto altamente complexo (como um avião ou automóvel), pode haver centenas ou até milhares de fornecedores e trabalhadores dos quais a empresa depende para fazer um produto de qualidade em tempo hábil.

Mas se uma cultura tolera mentir e quebrar a palavra, todo o sistema econômico começa a entrar em colapso. Os produtos não são entregues no prazo. As peças necessárias vêm nos tamanhos errados ou não atendem aos padrões de qualidade. Faturas e relatórios contábeis são falsificados para que as empresas não tenham mais uma imagem precisa de seus estoques ou custos de mercadorias. Procedimentos adicionais de perda de tempo devem ser incorporados para verificar e verificar novamente a precisão de cada relatório. A produtividade econômica começa uma espiral descendente rápida. Portanto, não é surpreendente que William Easterly relate que culturas com altos níveis de confiança têm renda per capita mais alta, e culturas com níveis mais baixos de confiança têm renda per capita significativamente mais baixa.

A Bíblia se opõe a tal colapso na cultura, defendendo um alto padrão de veracidade no discurso. Diz: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Êxodo 20:16) e: “Não mintes uns aos outros” (Colossenses 3: 9). Uma sociedade que honra esses mandamentos valoriza e espera veracidade.

[37] William Easterly, The White Man's Burden: Por que os esforços do Ocidente para ajudar o resto têm feito tanto mal e
Tão pouco bom (Nova York: Penguin, 2006), 79-81.

Por outro lado, se uma sociedade abandona esses padrões, ela ficará cada vez mais cheia de mentiras, enganos e calúnias. Haverá pouca vergonha em mentir e escapar impune. Em algumas culturas, aqueles que podem mentir com sucesso e enganar os outros são honrados em vez de desprezados. Esses valores culturais causam desrespeito pela verdade em uma sociedade e se tornam um obstáculo significativo ao desenvolvimento econômico.

David Maranz aponta muitas maneiras pelas quais os requisitos de veracidade e honestidade no discurso são comumente desconsiderados em muitas sociedades africanas:

> Os africanos encontram segurança em arranjos, planos e palavras ambíguos. . . . A seguir estão as áreas onde a ambigüidade é freqüentemente vista. . . permitindo a renegociação de acordos à luz de fatos alterados, ou uma base esperada para reivindicar um acordo melhor. . . . Não mantendo registros financeiros exatos ou precisos. . . . Os horários de chegada ou início das reuniões ou encontros são indefinidamente posteriores aos horários anunciados.[469]

Maranz também diz que se as pessoas são pagas antes de um trabalho ser concluído, muitas vezes não conseguem concluí-lo, o que os ocidentais consideram uma falha em cumprir a palavra:

> Um contrato ou uma conta paga integralmente antes da conclusão do serviço é perda de dinheiro, com poucas exceções. Um ocidental contratou um homem para cortar algumas árvores em seu quintal. Depois que eles estabeleceram um preço, o podador de árvores foi pago integralmente. O ocidental nunca mais viu o homem. Uma experiência semelhante aconteceu com um empreiteiro de azulejos.[470]

Maranz dá outro exemplo:

> Você faz um acordo com um pintor para pintar sua casa. Ele pintará a casa por um determinado valor, com o custo da pintura e de outros materiais separados. Ele começa a pintar, com um adiantamento do preço do contrato, mas depois para. Os dias passam e ele não aparece. . . . Você pergunta a ele por que o trabalho não foi concluído. Ele então informa que houve um engano. O preço que você deu a ele era muito baixo e ele não pode continuar a menos que você aumente o

---

469 David Maranz, African Friends and Money Matters (Dallas: SIL International, 2001), 88.
470 Ibid., 177.

valor que vai pagar.[471]

Ao descrever uma sociedade economicamente produtiva ideal, Landes explica o que significa valorizar a honestidade: "Essa sociedade ideal também seria honesta. Essa honestidade seria imposta por lei, mas, idealmente, a lei não seria necessária. As pessoas acreditariam que a honestidade é certa (também que compensa) e viveriam e agiriam de acordo. "[472]

4. A sociedade respeita a propriedade privada da propriedade

Já discutimos a importância crucial da propriedade privada para o desenvolvimento econômico (ver 114-16 e 141-54). Aqui queremos enfatizar que honrar e respeitar a propriedade privada deve ser um valor cultural que é reforçado de geração em geração.

Este é um valor ensinado claramente na Bíblia. A Bíblia não apenas ordena: "Não furtarás" (Êxodo 20:15), mas também proíbe até mesmo o desejo de roubar, pois diz: "Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, ou o seu servo, ou a sua serva, ou o seu boi, ou a sua jumenta, ou qualquer coisa que seja do teu vizinho "(Êxodo 20:17).

Não se deve roubar de ninguém, rico ou pobre. No antigo Israel, havia leis detalhadas sobre penalidades a serem impostas se alguém roubasse um boi ou uma ovelha (ver Ex. 22: 1), arruinasse a safra de um vizinho (Ex. 22: 5) ou iniciasse um incêndio que destruísse a de outra pessoa grãos armazenados (Êxodo 22: 6; veja também Deuteronômio 22: 1-4).

Maranz relata várias maneiras pelas quais a propriedade não é respeitada e o roubo é uma forma de comportamento aceitável em muitas partes da cultura africana. Por exemplo:

> A precisão deve ser evitada na contabilidade, pois mostra a falta de um espírito generoso. Precisão e rigor na contabilidade mostram falta de generosidade. Não é confiável. Não é o que um amigo faz. Além disso, é estranho, ameaçador e indica uma falta de compreensão das necessidades das pessoas comuns.[473]

---

[471] Ibid., 185.
[472] Landes, Riqueza e Pobreza, 218.
[473] Maranz, African Friends, 38.

Outro exemplo é o não pagamento dos empréstimos. Maranz diz:

> Mesmo os bancos muitas vezes vão à falência porque os indivíduos e os governos não pagam seus empréstimos, que na verdade são incobráveis. . . . Praticamente ninguém paga um empréstimo voluntariamente, mesmo que uma nota promissória ou outro documento tenha sido assinado. Eu acho que há também um conceito subjacente de que um banco está lá para fornecer e emprestar dinheiro - seus cofres estão cheios de dinheiro, ele tem muito mais dinheiro do que eu e, portanto, não é um pouco absurdo pensar que estou dando dinheiro para um banco? Um banco e pessoas com recursos existem para serem doadores, não recebedores.[474]

A perspectiva da Bíblia é diferente: "O ímpio toma emprestado, mas não paga" (Salmo 37:21).

Maranz observa que mesmo quando o dinheiro é roubado e as pessoas sabem quem o roubou, muitas vezes há uma relutância em responsabilizar o culpado:

> Uma igreja precisava de bancos. Um ocidental fez uma doação, mas foi informado algum tempo depois que o dinheiro havia desaparecido, o tesouro da igreja tendo sido limpo pelo tesoureiro da igreja. Os anciãos da igreja também informaram ao doador que o tesoureiro acabara de comprar um novo toca-fitas de rádio. O doador sugeriu que vendessem o toca-fitas e colocassem o dinheiro de volta no tesouro da igreja. Os anciãos exclamaram: "Você não tiraria um toca-fitas de um homem pobre, não é?"[475]

Essa aceitação cultural do desrespeito à propriedade privada tem consequências econômicas negativas. Isso tende a destruir os incentivos para trabalhar mais e ganhar mais, porque o que uma pessoa ganha ou compra pode ser subitamente tirado dela por alguém que pensa que ela "precisa" mais. Também tende a impedir que alguém empreste dinheiro a terceiros - não há certeza de que será reembolsado. Além disso, desencoraja o emprego porque o empregador não pode confiar que um funcionário lidará honestamente com os fundos que lhe são confiados. Portanto, o empregador tem que realizar muitas

---

[474]Ibid., 152. Mas observe também os comentários de Maranz que citamos em uma seção anterior, no sentido de que a principal consideração econômica em muitas sociedades africanas é que todas as pessoas podem ter suas necessidades mínimas satisfeitas (ver 302).

[475] Ibidem, 111.

transações de rotina e tarefas quando seu tempo poderia ser mais bem gasto em atividades mais produtivas.

5. A sociedade honra outros valores morais

Embora a veracidade e o não roubo sejam os dois padrões morais mais cruciais com respeito à produtividade econômica, outros valores morais ensinados na Bíblia também têm um papel importante. Nossos principais exemplos serão tirados dos Dez Mandamentos em Êxodo 20: 1-17.

A Bíblia ensina que os filhos devem honrar seus pais, pois diz nos Dez Mandamentos: "Honra a teu pai e a tua mãe" (Êxodo 20:12), e Paulo escreve: "Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, por isso está certo "(Efésios 6: 1). Isso é economicamente significativo porque crianças respeitosas e obedientes provavelmente terão mais sucesso na escola, desenvolverão hábitos de trabalho geralmente melhores e serão mais produtivas por toda a vida. Este valor também afeta as gerações futuras, porque uma estrutura familiar estável será propícia à transmissão dos valores de uma cultura de uma geração para a outra. Além disso, o respeito pelos pais geralmente produzirá respeito pelos governos, leis, professores e empregadores, todos beneficiando a produtividade econômica.

Honrar os pais é um valor cultural em que muitas sociedades africanas, asiáticas e latino-americanas são mais fortes do que muitas sociedades ocidentais ricas.

A Bíblia também diz: "Não matarás" (Êxodo 20:13). O assassinato é, obviamente, terrivelmente destrutivo, pois tira a contribuição produtiva que a vítima poderia ter feito para a economia e para outras pessoas. Além disso, uma alta taxa de homicídios em uma sociedade obriga as pessoas a gastar seu valioso tempo e recursos se protegendo contra danos. Eles estarão menos propensos a assumir riscos nos negócios e menos confiantes de que poderão desfrutar dos frutos de seu trabalho, mesmo se seus negócios forem bem-sucedidos. Em sociedades onde o assassinato é galopante, os empresários podem pensar que mais sucesso os torna mais propensos a se tornarem vítimas. Tudo isso é prejudicial para a economia.

E as leis relativas ao aborto? A ordem: "Não matarás", quando entendida em conexão com outras passagens da Bíblia (ver Gênesis 25: 22-23; Êxodo 21: 22-25; Salmos 51: 5; 139: 13; Lucas 1 : 4144), indica que a vida de uma criança por nascer (ou pré-nascida) não deve ser considerada como um aborto.45 Do ponto de vista econômico, um aborto

[45] Para obter mais informações sobre o ensino bíblico sobre o aborto no que se refere às leis de uma nação, consulte
Wayne Grudem, Politics — Segundo a Bíblia (Grand Rapids: Zondervan, 2010), 157-78.

tira a produtividade econômica que o feto poderia ter contribuído para a nação quando ele ou ela crescesse até a idade adulta. Uma alta taxa de aborto pode levar a um declínio significativo na população de uma nação, de modo que eventualmente não haverá trabalhadores mais jovens o suficiente para sustentar os aposentados mais velhos, criando uma enorme pressão sobre a economia. A Europa Ocidental, o Japão, a Rússia e a China pagarão um alto preço por produzirem muito poucos filhos nas últimas gerações.

Outro padrão moral encontrado nos Dez Mandamentos é: "Não cometerás adultério" (Êxodo 20:14). Do ponto de vista econômico, uma sociedade que honra a fidelidade no casamento e desaprova a intimidade sexual fora do casamento tende a ter casamentos e famílias mais estáveis. Os casamentos estáveis, por sua vez, geralmente levam a um desempenho educacional e econômico mais alto para os filhos quando eles crescem.[476] Os casamentos estáveis também geralmente levam a uma maior produtividade econômica e estabilidade para os indivíduos nesses casamentos.[477] E a fidelidade sexual protege contra a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis.

Honrar a pureza sexual e a fidelidade no casamento é um valor cultural em que alguns países pobres se consideram mais fortes do que muitas sociedades ocidentais ricas por causa da aprovação prevalente da imoralidade sexual na mídia dominante, entretenimento e culturas educacionais em muitas sociedades ricas.

O último dos Dez Mandamentos é: "Não cobiçarás" (Êxodo 20:17). Em uma sociedade cheia de inveja e cobiça, as pessoas gastam muito de sua energia emocional procurando maneiras de tirar coisas de outras pessoas ou se

---

[476]Veja Mary Parke, "Os pais casados são realmente melhores para os filhos?" Center for Law and Social Policy (maio de 2003): 1-7, acessado em 17 de março de 2013,http://www.clasp.org/admin/site/publications_archive/files/0128.pdf; Robert I. Lerman, "Marriage and the Economic Well-Being of Families with Children: A Review of the Literature," um relatório para o Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos http: //www.urban.org/publications/410541.html; Robert I. Lerman, "How Do Marriage, Cohabitation, and Single Parenthood Affect the Material Hardships of Families With Children?" um relatório para o Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA,http://www.urban.org/publications/410539.html; Robert I. Lerman, "Married and Unmarried Parenthood and Economic Well-Being: A Dynamic Analysis of a Recent Cohort", um relatório para o Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA,http: //www.urban.org / publicações / 410540.html; W. Bradford Wilcox, Why Marriage Matters: Twenty-One Conclusions from the Social Sciences (Nova York: Institute for American Values, 2002); Judith S. Wallerstein e Sandra Blakeslee, Second Chances: Men, Women, & Children a Decade After Divorce (Nova York: Ticknor & Fields [Houghton Mifflin], 1989), 148-49; 156-57.

[477] Ver Linda J. Waite e Maggie Gallagher, The Case for Marriage: Why Married People Are Happier, Healthier, and Better Off Financially (New York: Doubleday, 2000), citado em Jeffrey H. Larson, "The Verdict on Cohabitation vs. , "Casamento e Famílias, janeiro de 2001, http://marriageandfamilies.byu.edu/issues/2001/Janeiro/cohabitation.aspx. Veja também os extensos dados sobre os benefícios econômicos dos casamentos estáveis citados em Grudem, Politics, 224-26.

ressentindo do que as outras pessoas têm. Isso não é economicamente produtivo. Por outro lado, em uma sociedade menos cobiçosa, as pessoas gastarão mais energia buscando o progresso econômico pessoal, com pouca consideração pelo que as outras pessoas têm. Isso resulta em maior produtividade econômica, porque os esforços das pessoas são direcionados para melhorar sua própria situação, em vez de destruir a situação dos outros.

Além desses valores morais extraídos diretamente dos Dez Mandamentos, mencionamos anteriormente que os mercados livres tendem a promover o que Harrison chama de "virtudes menores" (ver 201–202). Esses valores também devem ser honrados por todas as sociedades. Eles têm valor econômico, pois, como diz Harrison: "Um trabalho bem feito, a arrumação, a cortesia e a pontualidade são lubrificantes tanto do sistema econômico quanto do político-social. As virtudes menores podem se traduzir em dados econômicos sólidos: a pontualidade é praticada em todos os 15 principais países nas classificações de competitividade do Fórum Econômico Mundial. "[478] Em contraste, ele cita o The Economist dizendo: "Pontualidade não é uma vantagem comparativa latino-americana", e observa uma estimativa de que "atrasos custam ao Equador mais de US $ 700 milhões por ano - mais de 4% do PIB".[479]

Maranz escreve que muitas vezes observou nas culturas africanas "um espírito de apenas sobreviver", o que se choca com a importância da cortesia e de um trabalho bem feito:

> O espírito de apenas sobreviver é bastante difundido. Está em evidência com pedreiros, carpinteiros, eletricistas e outros comerciantes que não vêm trabalhar nem mesmo com as ferramentas básicas de que precisam para fazer um trabalho adequadamente. . . . Em grande parte, é uma atitude mental. . . . As estradas muitas vezes ficam quase tão bloqueadas que dois veículos não conseguem passar. . . . Quando um veículo quebra, muitas vezes é reparado bem no meio da estrada ou da rua onde parou, com outros veículos passando com dificuldade. Às vezes, o tráfego é armazenado em blocos. Nenhuma tentativa é feita nem mesmo para empurrar o veículo para fora do meio da rua. Os reparos nos veículos são minimamente feitos, apenas o suficiente para sobreviver por um curto período de tempo, em vez de fazer um reparo que durará indefinidamente. Mesmo as pessoas instruídas normalmente não prestam atenção à pontuação e ortografia adequada,

---

478 Harrison, *Verdade Central Liberal*, 42.

479 Ibid.

> As lembranças em muitos mercados turísticos são mal feitas, revelando uma falta de orgulho no artesanato fino. . . . Embora os exemplos possam ser insignificantes em si mesmos, eles revelam características das culturas que são profundas e significativas. . . . Talvez a experiência tenha ensinado aos indivíduos e à sociedade que o futuro é tão incerto que a melhor estratégia na vida é aproveitar as vantagens do momento, sem se preocupar com o futuro. Quaisquer que sejam as razões, a sociedade como um todo perde.[480]

Qualquer economia que busque crescer da pobreza para uma maior prosperidade honrará regularmente os valores morais de respeito pelos pais e outras autoridades; proteção e respeito pela vida humana; respeito pela pureza sexual e fidelidade; desaprovação da cobiça; e honrar as "virtudes menores" de orgulho em um trabalho bem executado, arrumação, cortesia e pontualidade.

C. Crenças sobre a natureza humana

6. A sociedade acredita que existe o bem e o mal em cada coração humano

A crença de que existe uma tendência para fazer o bem e uma tendência para fazer o mal no coração de cada pessoa reforça um senso de responsabilidade moral e individual em uma sociedade.

Se uma sociedade acredita que cada pessoa tem tendências para o bem e para o mal, então ela verá como responsabilidade da pessoa decidir fazer o bem e decidir não fazer o mal. Isso significa que as pessoas que decidem ser honestas, trabalhar duro e ser produtivas devem ser recompensadas. Mas as pessoas que decidem fazer coisas prejudiciais e más aos outros devem ser punidas pelo mal que causam.

Em contraste, se uma cultura acredita que cada pessoa é basicamente boa, ela considerará as más escolhas que ela faz como culpa de fatores externos que a impediram. Menos responsabilidade e menos responsabilidade individual serão inevitavelmente o resultado dessa crença.

A Bíblia ensina claramente que existe uma tendência para o pecado ou o mal no coração de cada pessoa, pois ela diz: "Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Rom. 3:23).

Mas também reconhece que mesmo as pessoas que não têm a lei escrita de

---

480 Maranz, African Friends, 183-84.

Deus (isto é, a Bíblia) ainda são capazes "por natureza" de "fazer o que a lei requer", e quando isso acontece "eles mostram que a obra de a lei está escrita em seus corações, enquanto sua consciência também dá testemunho "(Rom. 2: 14-15). Em termos teológicos, isso é chamado de "graça comum", que é o favor imerecido que Deus dá a todo ser humano, quer se acredite nele ou não. Cada pessoa tem uma consciência e um senso moral de certo e errado. Esse senso moral pode não ser perfeito, mas as pessoas muitas vezes "fazem o que a lei exige", e suas ações frequentemente se conformam, pelo menos externamente, à lei moral de Deus. Por causa dessa graça comum e do conhecimento do certo e do errado que as pessoas possuem, Paulo diz que "todo o mundo" será "considerado responsável perante Deus" (Rom.

7. A sociedade acredita que os indivíduos são responsáveis por suas próprias ações

Esta crença cultural decorre da anterior. Se as pessoas têm a capacidade de fazer escolhas boas ou más, então aqueles que fazem boas escolhas devem ser recompensados pelas formas normais de funcionamento de uma sociedade. Aqueles que produzem bons produtos e trazem benefícios a outros devem receber algum benefício de seu trabalho. Por outro lado, as pessoas que fazem escolhas erradas e fazem muito pouco do que é de valor para os outros não devem ser recompensadas da mesma forma (embora certamente devam ser cuidadas para que não faltem alimentos essenciais, roupas, abrigo e oportunidades para formação profissional adicional).

Além disso, a crença na responsabilidade e prestação de contas individuais significa que as pessoas que fazem investimentos tolos em negócios ou produzem produtos de baixa qualidade e baixo valor devem ter a possibilidade de falhar economicamente, porque devem arcar com as consequências legítimas de seu trabalho deficiente.

Em contraste com uma sociedade que valoriza a responsabilidade individual e a prestação de contas, uma sociedade presa na pobreza muitas vezes pensará que aqueles que têm sucesso são simplesmente sortudos, que aqueles que fracassam economicamente são vítimas da má sorte ou do destino e que aqueles que cometem erros graves são vítimas de um sistema ruim. A responsabilidade moral é minimizada.

8. A sociedade valoriza muito a liberdade individual

Embora os governos devam ter leis contra o crime a fim de evitar que as pessoas prejudiquem umas às outras (ver discussão acima, 134-35), eles também devem fornecer proteção significativa às liberdades humanas, conforme explicamos no capítulo 8. Quando as pessoas têm permissão para viver em liberdade substancial, a economia recebe um grande impulso. À medida que as pessoas tentam inúmeras maneiras de fabricar produtos úteis e atender aos clientes, o sucesso obtido beneficia a todos.

Mas se as liberdades humanas vão ser efetivamente protegidas em uma sociedade, então a cultura deve amar a liberdade individual e colocar um alto valor nela.

O oposto do amor pela liberdade é um anseio da sociedade por segurança e que o governo regule e controle toda a vida. Os governos de países sob estrita lei islâmica tendem a controlar quase todos os aspectos da vida das pessoas. Isso prejudica a liberdade individual e, portanto, reduz a prosperidade econômica. Países comunistas como a Coréia do Norte e Cuba, e até certo ponto a China (e certamente a ex-União Soviética), legislam controle minucioso sobre a educação das pessoas, empregos, níveis de renda, habitação e muitos outros detalhes de suas vidas. Como resultado, essas nações sofrem economicamente. (O crescimento econômico da China começou apenas quando ela deixou de lado algumas políticas comunistas e instituiu algumas reformas de livre mercado.)

A Bíblia freqüentemente retrata os males da "escravidão" ou do controle governamental de todas as formas de vida. Na verdade, os Dez Mandamentos começam com o lembrete de Deus ao povo de Israel: "Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito, da casa da escravidão" (Êxodo 20: 2). O Ano do Jubileu era uma ocasião em que o povo de Israel iria "proclamar liberdade em toda a terra a todos os seus habitantes" (Lv 25:10). Jesus anunciou que tinha vindo para "proclamar a liberdade aos cativos. . . para pôr em liberdade aqueles que são oprimidos (Lucas 4:18).

A capacidade de viver em liberdade, de fazer escolhas livres e ser responsável por elas, é um componente essencial da humanidade genuína como Deus planejou. É importante que as culturas valorizem e protejam a liberdade humana e que ensinem seu valor às gerações mais jovens. O presidente Ronald Reagan disse:

> A liberdade nunca está a mais de uma geração da extinção. Não o passamos para nossos filhos em sua corrente sanguínea. Deve ser lutado, protegido e transmitido para que façam o mesmo, ou um dia passaremos nossos anos de crepúsculo contando a nossos filhos e aos filhos de nossos filhos como era antes nos Estados Unidos quando os homens eram livres.[51]

9. A sociedade se opõe à discriminação contra pessoas com base em raça, gênero ou religião

Como explicamos no capítulo 8, é importante para uma sociedade economicamente produtiva garantir a liberdade de educação de todos os cidadãos; liberdade para mulheres e homens de trabalhar e possuir negócios e propriedades; e liberdade para que pessoas de todas as origens raciais, nacionais, religiosas e étnicas participem plenamente da economia e tenham todos os direitos que a sociedade oferece. Muitas vezes as nações têm discriminado com base na raça, sexo ou religião, normalmente produzindo consequências prejudiciais para o desenvolvimento econômico.

No entanto, se a não discriminação realmente vai funcionar em uma nação, é importante que seja mantida não apenas pelas leis, mas também pelas crenças culturais do povo. Neste ponto, os ensinos da Bíblia sobre a igualdade de todas as pessoas perante Deus são importantes. A Bíblia mostra que todos os seres humanos descendem de Adão e Eva, nossos primeiros pais, conforme indicado em Gênesis 1-2. Portanto, todo ser humano compartilha da posição exaltada de ser "à imagem de Deus" (veja Gênesis 1: 26-27; 5: 1; 9: 6; Tiago 3: 9). Isso significa que ninguém deve ser considerado superior ou inferior aos outros por causa de sua origem racial, sexo ou religião.

D. Crenças sobre a família

Discutimos no capítulo 7 a importância das leis que dão proteção e incentivos econômicos para estruturas familiares estáveis, promovendo a ideia do casamento como uma união de um homem e uma mulher, dando incentivos para os casais permanecerem casados e ter filhos, e encorajando, como tanto quanto possível, que as crianças sejam criadas em lares com ambos os pais

[51] Ronald Reagan, "Encroaching Control," discurso na Câmara de Comércio em Phoenix, AZ, em março 30, 1961 (cópia do manuscrito digitado original do discurso obtido na Biblioteca Ronald Reagan, Simi Valley, CA).

Capítulo 9: Os valores do sistema 333 e uma mãe presente (consulte as páginas 256-57). Todos esses fatores contribuem positivamente para o desenvolvimento econômico de uma nação. Nesta seção, queremos chamar a atenção para os valores culturais que devem ser adotados a fim de apoiar tais políticas.

10. A sociedade honra o casamento entre um homem e uma mulher

Apresentamos razões em um capítulo anterior para mostrar que há benefícios econômicos significativos para uma sociedade que incentiva o casamento entre um homem e uma mulher, particularmente as vantagens educacionais e comportamentais para os filhos criados em tais famílias (ver 256-57).

O ensino bíblico sobre o casamento incentiva esse importante valor. Desde o início, quando Deus criou Adão e Eva, disse-lhes que juntos deveriam ter filhos: "Frutificai, multiplicai-vos, enchei a terra e subjugou-a" (Gn 1:28).

Mas Adão e Eva eram realmente um casal? Sim, porque os primeiros capítulos de Gênesis os chamam de "o homem e sua esposa" (Gênesis 2:25). Na verdade, esse mesmo capítulo de Gênesis vê a relação entre Adão e Eva como o padrão para todos os casamentos a seguir na terra, porque imediatamente após Deus trazer Eva a Adão, o narrador bíblico diz: "Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e apegar-se à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne "(Gn 2:24). Este versículo retrata um padrão em que um homem sai da casa da qual fez parte e estabelece uma nova casa. Jesus citou essa passagem quando ensinou sobre o casamento em geral em Mateus 19: 3-6.

Além disso, a Bíblia deixa claro que a fidelidade sexual ao parceiro é um componente essencial do casamento, pois o adultério é normalmente visto como pecado. A ordem: "Não cometerás adultério" (Êxodo 20:14), é encontrada nos Dez Mandamentos, e é reafirmada várias vezes no Novo Testamento (ver Mateus 19:18; Rom. 2:22; 13 : 9; Tiago 2:11) .52

A promoção da fidelidade sexual também ajudará a neutralizar a incidência generalizada de AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis,

[52]Para uma discussão mais aprofundada do ensino da Bíblia sobre casamento e moralidade sexual, veja Grudem, *Política*, 213-27.

que são tão prejudiciais em muitos países pobres, especialmente na África (ver discussão em 241-42).

11. A sociedade valoriza a permanência do casamento e tem uma baixa taxa de divórcio

Explicamos no capítulo 7 como o divórcio desenfreado e um grande número de famílias com apenas um dos pais são economicamente prejudiciais para a sociedade. Os filhos de famílias monoparentais têm maior probabilidade de crescer com baixo desempenho educacional e econômico do que seus pais (ver 256). Para muitos países pobres, o casamento já é uma força. Eles têm taxas de divórcio muito mais baixas do que muitos países ricos, e suas culturas valorizam muito a permanência no casamento. Encorajamos essas sociedades a manter essa ênfase e a não seguir as visões equivocadas dos países ricos a esse respeito.

Os ensinamentos da Bíblia incentivam os pais a pensar no casamento como um relacionamento para toda a vida e no divórcio como um passo a ser dado apenas nas circunstâncias mais extremas (como imoralidade sexual de um dos cônjuges ou abandono que não pode ser reconciliado). Jesus disse: "Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem" (Mt 19: 6; ver também v. 9) .53

Em vez de permitir divórcios fáceis, portanto, uma sociedade que busca sair da pobreza para aumentar a prosperidade deve promover a permanência do casamento como uma tradição valorizada e honrada na cultura.

Além disso, a sociedade deve valorizar as crianças (ver Salmos 127: 3; Mal. 2:15; 1 Timóteo 5:14). As crianças são importantes para a produtividade contínua de uma nação. Se uma nação não tiver pelo menos filhos suficientes para substituir a geração atual, a população acabará diminuindo e o pequeno número de trabalhadores mais jovens será inadequado para sustentar o número crescente de aposentados mais velhos. Uma nação atrapalha seu crescimento econômico e eventualmente declina economicamente se não tiver filhos suficientes. O Japão já está descobrindo isso, assim como várias nações europeias (como a Itália). A política chinesa de "um filho por família" também falha em reconhecer essa verdade.

Promover a permanência no casamento é um valor cultural em que

[53] Para uma discussão mais aprofundada do ensino bíblico sobre o divórcio, ver Grudem, Política, 219-20.

Alguns países pobres são mais fortes do que muitas sociedades ocidentais ricas, com suas taxas de divórcio galopantes.

E. Crenças sobre a terra

12. A sociedade acredita que os seres humanos são mais importantes do que todas as outras criaturas da terra

Jesus foi claro em seu ensino sobre a importância dos seres humanos em comparação aos animais. Ele disse: "Quanto mais vale um homem do que uma ovelha!" (Mat. 12:12). Ele também disse: “Olhe para os pássaros do ar. . . . Você não tem mais valor do que eles? ” (Mat. 6:26). E ele disse: “Vós sois mais valiosos do que muitos pardais” (Mt 10:31).

Essas declarações não significam que os seres humanos devam ser cruéis com os animais ou destruí-los de maneira irresponsável e irresponsável. A Bíblia também diz: “O justo considera a vida do seu animal” (Provérbios 12:10). Mas eles significam que não devemos permitir que projetos de desenvolvimento importantes e economicamente benéficos sejam impedidos ou interrompidos simplesmente porque podem perturbar as casas de algumas tartarugas, caracóis ou peixes, como costuma acontecer nos Estados Unidos e em outros países desenvolvidos.54

A abordagem correta é pesar os custos e benefícios de um projeto de desenvolvimento. Se isso vai ajudar os seres humanos, mas prejudicar alguma parte da natureza, algum valor deve ser atribuído tanto ao benefício quanto ao custo, e então uma decisão pode ser tomada. Freqüentemente, uma abordagem baseada no mercado é útil, perguntando tanto àqueles que desejam preservar uma área intocada quanto àqueles que desejam desenvolvê-la quanto estão dispostos a pagar para que sua preferência seja implementada. Não é uma abordagem adequada simplesmente dizer que nunca devemos interferir com algum animal ou planta. Deus nos considera muito mais valiosos do que eles e nos deu “domínio” (Gênesis 1:26; Salmos 8: 6) sobre toda a terra, tanto para preservá-la quanto para usar seus recursos com sabedoria.

Em contraste, se uma cultura acredita que a terra é mais importante do que os seres humanos, ou que todos os seres vivos são tão importantes quanto os seres humanos, então o desenvolvimento econômico será prejudicado e a pobreza perpetuada. Isso aconteceu, por exemplo, na Índia no passado

[54] Veja exemplos em Grudem, Politics, 326-29.

anos, quando enormes porções da produção de grãos a cada ano eram destruídas por causa das crenças hindus que proibiam a matança de ratos que destruíam os grãos armazenados.[481] Outro obstáculo significativo à produtividade é a crença em algumas religiões nativas americanas de que o homem é o servo da terra, e não seu senhor.

13. A sociedade acredita que a terra está aqui para o uso e benefício dos seres humanos

A Bíblia mostra que Deus colocou os seres humanos na terra com a intenção de que a desenvolvessem e tornassem úteis seus recursos. Bem no início da criação, Deus disse a Adão e Eva: "Sejam fecundos e multipliquem-se e encham a terra e a subjuguem e tenham domínio. . . sobre todo ser vivente que se move sobre a terra "(Gênesis 1:28). Ele também lhes disse como deveriam cuidar do jardim do Éden em particular; eles deviam "trabalhar e guardar" (Gênesis 2:15).

Esta responsabilidade de "subjugar" a terra e "ter domínio" sobre ela implica que Deus esperava que Adão e Eva, e seus descendentes, explorassem e desenvolvessem os recursos da terra de tal forma que trouxessem benefícios para si mesmos e para outros seres humanos.[482] (A palavra hebraica kabash significa "subjugar, dominar, trazer à servidão ou escravidão", e é usada mais tarde, por exemplo, em conexão com a subjugação da terra de Canaã para que servisse e provesse para o povo de Israel; cf. Números 32:22, 29; Josué 18: 1).

A responsabilidade de desenvolver a terra e desfrutar de seus recursos continuou após o pecado de Adão e Eva, pois mesmo então Deus disse a eles: "Comereis das plantas do campo" (Gênesis 3:18). Isso foi confirmado ainda mais quando Deus disse a Noé depois do dilúvio: "Todo o que se move, que vive, vos servirá de alimento" (Gênesis 9: 3).

Da mesma forma, muitos anos depois, Davi escreveu no Salmo 8:

> O que é o homem que você está atento a ele. . . ?
> *Você deu a ele domínio* sobre as obras de suas mãos;
> você colocou todas as coisas sob seus pés,

---

[481] Em 1976, a revista Time ainda podia relatar: "Acredita-se que os ratos da Índia comem ou destroem quase metade dos grãos consumidos na Índia - 100 milhões de toneladas. . . . Daí a necessidade de mais cobras [que matam os ratos]. Curiosamente, ambos os animais são considerados sagrados - e, portanto, invioláveis em algumas regiões "(" War on Rats, "Time [31 de maio de 1976]: 15).

[482] Os próximos seis parágrafos foram retirados de Grudem, Politics, 325-26.

todas as ovelhas e bois,
e também os animais do campo,
as aves do céu e os peixes do mar, tudo o que passa pelos caminhos dos mares.
(Salmos 8: 4-8)

No Novo Testamento, Paulo sugere que comer carne (uma forma de subjugar o reino animal) é moralmente correto, e ninguém deve julgar outra pessoa por fazer isso (veja Rom. 14: 2-3; 1 Cor. 8: 7-13; 1 Tim. 4: 4; também Marcos 7:19, que diz que Jesus "declarou limpos todos os alimentos").

Mais uma vez, devemos enfatizar que essas ordens de subjugar a terra e ter domínio sobre ela não significam que devemos usar a terra de forma destrutiva ou esbanjadora, ou intencionalmente tratar os animais com crueldade. Em vez disso, "todo o justo considera a vida do seu animal" (Provérbios 12:10). Deus também disse ao povo de Israel para tomar cuidado para proteger as árvores frutíferas durante um tempo de guerra (ver Deuteronômio 20: 19-20). Além disso, a ordem: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22:39), implica na responsabilidade de pensar nas necessidades de outros seres humanos, mesmo aqueles que virão nas gerações futuras. Portanto, devemos usar os recursos da terra com sabedoria, como bons administradores, não desperdiçando ou abusivamente. Mas devemos fazer isso com entusiasmo, com o conhecimento de que a Terra foi criada por Deus para nosso benefício. A Terra'

Essa crença cultural é crucial para o desenvolvimento econômico. Landes observa que, na Revolução Industrial, um dos fatores-chave foi "a subordinação judaico-cristã da natureza ao homem". Ele escreve:

> Este é um afastamento acentuado das crenças e práticas animistas amplamente difundidas que viam algo do divino em cada árvore e riacho. . . . Os ecologistas de hoje podem pensar que essas crenças animistas são preferíveis ao que as substituiu, mas ninguém estava ouvindo os adoradores pagãos da natureza na Europa cristã.57

14. A sociedade acredita que o desenvolvimento econômico é uma coisa boa e mostra a excelência do planeta

Às vezes, uma cultura promove crenças que se opõem ao desenvolvimento econômico, como a ideia "espiritual" de que fabricar mais produtos

[57] Landes, Wealth and Poverty, 58-59.

da terra é mero "materialismo" ou promove erroneamente "ganância". Às vezes, as pessoas pensam que o desenvolvimento econômico é errado porque têm ideias religiosas animistas e têm medo de perturbar os espíritos religiosos que acreditam estar habitando a terra, o solo, as plantas e os animais. Um medo semelhante é expresso por ambientalistas modernos, que argumentam que os projetos de desenvolvimento podem perturbar o equilíbrio ecológico de uma região ou podem esgotar um recurso natural importante.

Mas uma cultura economicamente produtiva que está saindo da pobreza para uma maior prosperidade terá uma visão diferente. Ela acreditará que o desenvolvimento sábio dos recursos da Terra para benefício humano é uma coisa boa e que demonstra a excelência da Terra e de todos os seus recursos.

Esta segunda visão é certamente a perspectiva da Bíblia. Claro, a Bíblia afirma que "a terra é do Senhor e sua plenitude" (Salmos 24: 1), mas também diz que ele nos deu como mordomos e espera que desenvolvamos seus recursos: "Sê fecunda e multiplica e enche a terra e a subjuga e domina "(Gênesis 1:28). Além disso, "os céus são os céus do Senhor, mas a terra ele deu aos filhos dos homens" (Salmos 115: 16).

Portanto, o que Paulo diz sobre vários tipos de alimentos (que vêm da terra) também pode ser aplicado a outros produtos feitos da terra: "Porque tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser rejeitado se for recebido com ações de graças , pois é santificado pela palavra de Deus e pela oração "(1 Tim. 4: 4-5).

Isso significa que uma cultura produtiva, que segue os valores bíblicos, receberá com alegria o desenvolvimento de novos produtos (como computadores e telefones celulares), melhores safras, novos materiais para fazer roupas duráveis, ou casas e outras construções de melhor qualidade. . Uma economia em crescimento não atrapalhará e criticará, mas incentivará o desenvolvimento desses e de muitos milhares de outros produtos da terra.

Em geral, quando uma cultura acredita que o desenvolvimento econômico é uma coisa boa, as pessoas dessa cultura verão o desenvolvimento econômico com alegria e com aprovação moral. Esse valor, então, fornecerá à sociedade um tremendo incentivo para o crescimento econômico e para sair da pobreza em direção ao aumento da prosperidade.

15. A sociedade acredita que os recursos da terra nunca se esgotarão

Se uma cultura teme que em breve a terra fique sem terras produtivas para cultivar alimentos ou outros recursos, como árvores, água ou petróleo e gás natural, ela ficará paralisada pelo medo de desenvolver essas coisas, e esse medo dificultará

seu desenvolvimento econômico.

Na verdade, é altamente improvável que quaisquer recursos sejam usados em um futuro previsível (como um de nós argumentou em outro lugar com referência a extensos estudos dos recursos da Terra).[483] Uma razão para essa conclusão é que continuamos descobrindo novas e enormes reservas de recursos e inventando maneiras mais criativas de acessá-los (como o aumento fenomenal das quantidades conhecidas de petróleo e gás natural dos EUA disponíveis para desenvolvimento nos últimos cinquenta anos).[484]

Outra razão pela qual é improvável que os recursos se esgotem é que a engenhosidade humana nos dá a capacidade de desenvolver substitutos se algum recurso particular se tornar mais escasso. Por exemplo, em países onde o abastecimento de água doce é limitado, a dessalinização da água do mar tornou-se cada vez mais econômica e amplamente utilizada. Embora a dessalinização ainda seja um pouco mais cara do que usar água doce, o custo não é proibitivo. Para dar outro exemplo, quando o preço do petróleo aumenta, torna-se mais econômico substituir o gás natural, a energia nuclear ou outras fontes de energia.

As notáveis descobertas de novas fontes e grandes suprimentos de energia não são surpreendentes à luz dos ensinamentos da Bíblia, que nos lembram que, quando Deus criou a terra, ele viu que "era muito bom" (Gênesis 1:31). Ele queria que os seres humanos desenvolvessem seus recursos e os tornassem úteis (ver Gênesis 1:28). O Novo Testamento diz que Deus "ricamente nos dá tudo para desfrutarmos" (1 Timóteo 6:17).

Dada a abundância da terra e a notável engenhosidade humana que desenvolve substitutos sempre que um recurso se torna escasso, não é errado pensar que os recursos da terra, para todos os fins práticos, nunca se esgotarão.

16. A sociedade acredita que a Terra é ordeira e sujeita a investigação racional

Se uma sociedade acredita que a terra é controlada por espíritos invisíveis ou que os eventos estão sujeitos a um destino imprevisível e incontrolável, ela terá pouco

---

[483] Veja Grudem, Politics, 320-86.

[484] Ver E. Calvin Beisner, Where Garden Meets Wilderness: Evangelical Entry into the Environmental Debate (Grand Rapids: Eerdmans and Acton Institute, 1997), 63-64. Ver também Julian Simon, The Ultimate Resource 2 (Princeton: Princeton University Press, 1996), esp. capítulo 11, "Quando ficaremos sem petróleo? Nunca!" 162-81; Julian Simon, ed., The State of Humanity (Oxford, UK e Cambridge, MA: Blackwell, 1995), 280-293; Bjorn Lomborg, The Skeptical Environmentalist (Cambridge: Cambridge University Press, 2001), 118-36. Esses livros também fornecem visões gerais úteis sobre o estado dos recursos naturais de maneira mais geral na Terra.

incentivo para investigar a terra e desenvolver novos produtos a partir de seus recursos.

Mas se uma sociedade acredita que a terra é ordeira e previsível e, portanto, sujeita a investigação racional, isso fornecerá um incentivo positivo para algumas pessoas trabalharem em invenções em grande escala e para milhões de outras "mexer" com pequenas melhorias no forma como os produtos são feitos e processados. Essa cultura de inventividade levará a um maior desenvolvimento econômico à medida que um país passa da pobreza à prosperidade.[485]

Isso é consistente com uma cosmovisão cristã, que é ilustrada no Salmo 111: 2: "Grandes são as obras do Senhor, estudadas por todos os que nelas se deleitam." Este versículo (que foi inscrito em latim sobre a arcada do principal laboratório científico da Universidade de Cambridge, na Inglaterra por muitos anos) indica a crença de que Deus se agrada quando os seres humanos estudam e investigam os recursos da terra, aprendem com eles e, portanto, os desenvolvem de maneiras que são úteis para a humanidade.

Landes diz que a Revolução Industrial começou primeiro na Grã-Bretanha e depois se espalhou para grande parte do norte da Europa por causa de um amplo acordo sobre como o conhecimento intelectual progrediria: (1) a investigação intelectual seria "autônoma" (livre de superstições e dogmas da igreja); (2) tomaria forma em um "método adversarial" reconhecido, pelo qual as descobertas poderiam ser provadas e compreendidas; e (3) as pessoas apoiariam a "rotinização" dos métodos de pesquisa e a disseminação do conhecimento.[486]

Landes observa, em contraste, que no mundo islâmico, o conhecimento médico, por exemplo, ficou cada vez mais atrás do que estava acontecendo no norte da Europa. Isso porque os cientistas em países muçulmanos não queriam ler e aprender com a pesquisa científica europeia, mas continuaram lendo os mesmos livros científicos muçulmanos indefinidamente.[487]

17. A sociedade acredita que a terra é um lugar de oportunidades Se uma sociedade acredita que desenvolver os recursos da terra é moralmente correto e de fato é aprovado por Deus (como evidenciado por Gênesis 1:28; Salmos 8: 6-

---

485 Miller e Guthrie, Discipling Nations, 95-119, têm uma discussão muito útil da visão cristã de que Deus é racional e, portanto, deseja que investiguemos o mundo com o uso de nossas mentes racionais. Miller e Guthrie contrastam essa ideia com visões não-cristãs que não levam a uma ênfase semelhante no desenvolvimento e criação de produtos úteis da terra.

486 Ver Landes, Wealth and Poverty, 201-6.

487 Ver ibid., 203, 550n10.

9; 24: 1), então as pessoas pensarão no mundo como um lugar de oportunidade, onde trabalho árduo e inventividade levarão a novas descobertas de usos benéficos dos recursos da terra.

Em contraste, em algumas sociedades primitivas, o mundo é visto principalmente como um lugar de perigo. As pessoas não estão dispostas a correr riscos porque algo ruim pode acontecer. Nesses lugares, o desenvolvimento econômico é visto com medo e até mesmo com condenação moral, porque a mudança tem mais probabilidade de trazer resultados prejudiciais do que úteis.

F. Crenças sobre o tempo e a mudança

18. A sociedade acredita que o tempo é linear e, portanto, há esperança de melhoria na vida dos seres humanos e das nações A esperança é um fator importante no progresso de uma cultura da pobreza para a prosperidade. Se uma cultura vê o tempo como linear (isto é, que a história avança em uma espécie de "linha" para que o progresso possa ser feito), ela tem esperança de melhoria. Uma visão linear do tempo aumenta a esperança de que vidas individuais, bem como nações inteiras e suas economias, possam ser melhoradas.

Por outro lado, se uma cultura acredita que o tempo é circular e repetitivo (de modo que as mesmas coisas acontecem repetidas vezes, ano após ano, sem progresso), ela tende a pensar que não há esperança para a vida em geral ou para a nação melhorar. As coisas que aconteceram no passado simplesmente ocorrerão novamente.[488]

[488] Miller e Guthrie, Discipling Nations, 272-79, têm uma discussão muito útil de uma visão cristã do tempo em contraste com as visões animistas e seculares do tempo.

Toda a estrutura da Bíblia defende uma abordagem linear da história. A Bíblia começa com um início na criação (no livro de Gênesis) e avança para uma conclusão que prediz um julgamento final e um futuro glorioso (no livro de Apocalipse).

Jesus também sugeriu uma visão linear do tempo em que os propósitos de Deus progridem em direção a uma meta e sua influência na terra aumenta. Por exemplo, ele contou uma parábola de um grão de mostarda que cresceu e se tornou uma grande árvore:

> Ele colocou outra parábola diante deles, dizendo: "O reino dos céus é como um grão de mostarda que um homem colheu e semeou em seu campo. É a menor de todas as sementes, mas quando cresce é maior do que todas as plantas do jardim e se torna uma árvore, de modo que os pássaros do céu vêm e fazem ninhos em seus galhos ". (Mat. 13: 31-32)

O apóstolo Paulo também ensinou que a história está avançando em direção à culminação em um julgamento final. Ele disse aos filósofos gregos pagãos em Atenas que Deus "fixou um dia em que julgará o mundo com justiça por um homem a quem designou" (Atos 17:31).

Landes diz que a visão linear do tempo foi um dos fatores cruciais que levaram à alegria de descobrir novas e melhores maneiras de fazer as coisas e ao cultivo generalizado da invenção. Ele resume a visão europeia do tempo da seguinte forma:

> [Uma razão para a alegria européia na invenção e descoberta foi] o senso judaico-cristão do tempo linear. Outras sociedades consideraram o tempo cíclico, retornando aos estágios anteriores e começando de novo. O tempo linear é progressivo ou regressivo, passando para coisas melhores ou diminuindo de algum estado anterior mais feliz. Para os europeus em nosso período, a visão progressista prevaleceu.64

19. A sociedade acredita que o tempo é um recurso valioso e deve ser usado com sabedoria

Esta crença cultural está relacionada com a anterior. Se a história avança e as circunstâncias tornam-se melhores ou piores, então as pessoas naturalmente sentem a responsabilidade de usar seu tempo de maneira positiva, esperando

[64] Landes, Wealth and Poverty, 59.

para tornar suas circunstâncias melhores. Isso é consistente com o ensino do Novo Testamento: “Olha, então, como você anda, não como insensato, mas como sábio, fazendo o melhor uso do tempo, porque os dias são maus” (Ef 5: 15-16).

Em contraste, as sociedades improdutivas que permanecem na pobreza muitas vezes vêem o tempo não como algo valioso, mas como algo a ser suportado, ou como algo a ser usado para buscar prazer e conforto imediatos.

Landes diz que os protestantes do norte da Europa valorizam muito mais o uso do tempo do que outras partes do mundo. O uso de relógios "estava muito mais avançado na Grã-Bretanha e na Holanda do que nos países católicos".[489] Isso fez com que esses países fossem mais produtivos.

O alto valor dado ao tempo e à economia de tempo foi mais evidente na Grã-Bretanha:

> Os britânicos foram no século XVIII os maiores produtores e consumidores mundiais de guardiões do tempo, tanto no campo quanto na cidade. . . . Os serviços de coaching refletiam essa sensibilidade temporal: horários ao minuto, amplamente divulgados; horários de chegada e transferências calculados de perto; motoristas verificados por relógios lacrados; velocidade sobre conforto; muitos cavalos mortos.[490]

20. A sociedade manifesta um desejo generalizado de melhorar a vida - fazer melhor, inovar e se tornar mais produtivo Esse desejo de melhorar e fazer as coisas melhor do que antes se reflete em algum grau no Novo Testamento. Paulo escreve: “Quem semeia pouco, pouco colherá, e quem semeia com fartura, também colherá abundantemente” (2 Coríntios 9: 6). Certamente, o comando básico de “subjugar” a terra (Gênesis 1:28) implica no desejo de aprender mais e mais sobre ela, de inovar, de inventar e de melhorar os produtos que estão sendo feitos. Como observamos acima, Landes vê esse desejo de inventar e melhorar como um fator importante na Revolução Industrial no norte da Europa.

Por outro lado, o desejo cultural de melhorar de vida estava, em grande parte, ausente em um país como a Índia, que nunca se desenvolveu

---

489 Ibid., 178.
490 Ibid., 224.

economicamente como o norte da Europa. "Ninguém parece ter tido um interesse apaixonado em simplificar e facilitar as tarefas. Tanto o trabalhador quanto o empregador viam o trabalho duro como o destino do trabalhador - e conforme apropriado. "[491]

21. A sociedade está aberta a mudanças e as pessoas, portanto, trabalham para resolver problemas e tornar as coisas melhores

Esse valor cultural está relacionado aos três anteriores. Se o tempo é linear e há esperança de melhoria na vida; se o tempo é um recurso valioso e deve ser usado com sabedoria; e se as pessoas desejam melhorar, haverá uma abertura natural para a mudança e a esperança de que os problemas possam ser resolvidos para que a vida possa ser melhorada. Em uma cultura com essa crença, as pessoas estarão ansiosas por trabalhar para melhorar as coisas e correrão riscos para resolver problemas porque têm esperança de que o esforço humano pode mudar a história de uma família, uma fábrica, uma cidade ou até mesmo uma nação.

Em contraste, uma sociedade que tem medo de mudanças ou novas idéias, e simplesmente se apega a tradições ou hábitos culturais que podem ser prejudiciais ou podem prejudicar a produtividade, encontrará o progresso econômico difícil de alcançar. As pessoas em tal sociedade não trabalharão pela mudança, mas simplesmente reclamarão das circunstâncias, mas evitarão correr riscos. Isso ocorre porque eles têm pouca esperança de bons resultados e experimentam frequentemente o desespero em relação à vida. Essas crenças são mais comuns em sociedades tribais que resistem a mudar suas tradições ou em nações muçulmanas, onde uma atitude fatalista em relação à vida se instalou.

Na Grã-Bretanha, diz Landes, a Revolução Industrial dependeu de três tipos de inovação que resultaram do fato de as pessoas estarem abertas a mudanças e trabalhando para melhorar a maneira como as coisas eram feitas: (1) a substituição de habilidades e esforços humanos por máquinas; (2) a substituição de fontes inanimadas de energia (especialmente carvão) por energia humana e animal; e (3) o uso de novas e abundantes matérias-primas na fabricação. [492] O rápido crescimento da indústria do algodão, a principal força que impulsionou a Revolução Industrial na Grã-Bretanha, foi resultado do aprendizado e ensino constantes de novos processos de manufatura.[493]

---

491 Ibid., 227.
492 Ibid., 186.
493 Ibidem, 207.

Em termos mais gerais, Landes diz que um ideal produtivo

"valorizaria o novo em relação ao antigo. . . mudança e risco em relação à segurança. "[494] Essa visão foi abraçada na Europa e ainda mais nos Estados Unidos, onde as inovações trazidas por novas máquinas e o desenvolvimento de processos de rotina nas fábricas foram ainda mais pronunciadas do que na Europa.[495]

Em contraste, durante séculos, enquanto a ciência e a tecnologia européia e americana avançavam, a China permaneceu resistente a qualquer mudança. Landes cita vários visitantes da China dizendo que os chineses "gostam mais da peça mais defeituosa da antiguidade do que da mais perfeita das modernas" (ver citações semelhantes em uma seção anterior, 284-85). Os visitantes também relataram que "qualquer homem de gênio fica paralisado imediatamente pelo pensamento de que seus esforços lhe renderão punições em vez de recompensas". [496] Portanto, a China "caiu em um torpor tecnológico e científico".[497]

G. Crenças sobre trabalho e produtividade econômica

22. A sociedade homenageia o trabalho produtivo

Uma visão positiva do trabalho produtivo é um valor essencial se uma sociedade deseja progredir da pobreza para uma maior prosperidade. É importante que as pessoas pensem em uma vida "ideal" como uma vida de produtividade alegre que beneficia a si mesmas e aos outros. Uma cultura produtiva valoriza e honra as pessoas que continuam a trabalhar, desde que tenham vontade e sejam capazes de fazê-lo, porque, enquanto as pessoas estão trabalhando, elas estão agregando produtividade à sociedade. Em vez de aceitar a falsa ideia de que o número de empregos em uma sociedade é fixo, a sociedade acreditará que o potencial para a criação de novos empregos é ilimitado devido à criatividade humana e à inventividade em encontrar novas maneiras de fazer produtos e serviços úteis para outras pessoas (veja a discussão, 173-74).

Por outro lado, em uma sociedade que está presa à pobreza, as pessoas verão o trabalho como um mal necessário, como um decreto do destino (como em algumas sociedades muçulmanas), ou mesmo como a "punição justa" que lhes é devida por injustiça

494 Ibid., 218.
495 Ibidem, 303.
496 Ibid., 342.
497 Ibid., 342

ações feitas em vidas anteriores (como em grande parte do hinduísmo). Em uma sociedade pobre que não está aumentando sua produtividade, as pessoas pensarão na vida "ideal" como uma vida tranquila, na qual a pessoa simplesmente se diverte com seus amigos e nunca tem que trabalhar em um emprego produtivo. Em tal sociedade, as pessoas acreditarão erroneamente que o número de empregos na economia é fixo, o que significa que os trabalhadores ainda produtivos serão incentivados a se aposentar mais cedo para que "outros possam ter seus empregos".

A Bíblia dá grande valor ao trabalho produtivo. O livro de Provérbios diz: "A mão negligente causa pobreza, mas a mão dos diligentes enriquece" (Provérbios 10: 4). Da mesma forma, Paulo disse aos cristãos tessalonicenses "que trabalhem com as mãos, conforme instruímos. . . e não depender de ninguém "(1 Tes. 4: 11-12). Eles deviam até mesmo "manter-se longe de qualquer irmão que andasse em preguiça" (2 Tessalonicenses 3: 6) e imitar o exemplo de Paulo de trabalhar "noite e dia" (v. 8). Ele até disse: "Se alguém não quer trabalhar, não coma" (v. 10).

A história econômica mostra a importância da visão que uma sociedade tem do trabalho. Mencionamos anteriormente que Landes enfatiza "o respeito judaico-cristão pelo trabalho manual" como outra chave para o sucesso da Revolução Industrial no norte da Europa. A ênfase no trabalho árduo na "Ética Protestante" levou a uma sociedade em que se esperava que as pessoas fossem "racionais, ordenadas, diligentes, produtivas" em seu trabalho normal.[498]

Os historiadores argumentaram que as sociedades protestantes não estavam sozinhas no desenvolvimento de uma maior valorização do trabalho e da produtividade.[499] Não deveria nos surpreender que algumas outras culturas também valorizassem essas virtudes, uma vez que, pela graça comum, as pessoas geralmente têm um senso interior dado por Deus de que é certo ser produtivo e tentar melhorar sua própria condição.

Por exemplo, embora o Japão não tivesse uma ética protestante, "seus empresários adotaram uma ética de trabalho semelhante", especialmente por causa de uma ideia budista de que "por meio do trabalho somos capazes de obter o estado de Buda [salvação]".[500] Landes também menciona os "valores de trabalho" e "senso de propósito" que foram encontrados nas culturas da Coréia do Sul e Taiwan. Isso foi parte da razão para o notável crescimento econômico desses

---

498 Ibid., 175-77.

499 Veja Dierdre McCloskey, *Dignidade Burguesa* (Chicago: University of Chicago Press, 2010).

500 Landes, *Riqueza e pobreza*, 363, citando um estudo de 1982 por Shichihei Yamamoto; ver também 383, 391.

países a partir de 1950.[501]

[501] Ibid., 437.

Em um país que valoriza o trabalho produtivo, a qualidade do trabalho também fará diferença. Uma sociedade produtiva naturalmente dará maior honra ao trabalho de qualidade superior. Uma das razões para o surpreendente desenvolvimento econômico do Japão foi que os japoneses se tornaram líderes mundiais na fabricação de automóveis, equipamentos fotográficos, robótica e outros produtos eletrônicos da mais alta qualidade. As fábricas no Japão instituíram "os controles de qualidade mais eficazes do mundo",[502] valorizando assim a mais alta qualidade de trabalho.

Bons hábitos de trabalho também são importantes. Eles serão inculcados e reforçados pela sociedade. Os trabalhadores terão orgulho de ser diligentes, econômicos, honestos, pontuais, corteses, fiéis no desempenho do trabalho, respeitosos com a autoridade, alegres e orgulhosos de sua alta qualidade de trabalho.

Existem vários bons exemplos históricos. Uma das razões para a notável recuperação econômica da Alemanha após a Segunda Guerra Mundial foi "a energia e os hábitos de trabalho dos alemães derrotados", que reconstruíram sua economia com "trabalho, educação, determinação".[503]

Da mesma forma, os quatro "tigres asiáticos" do Sudeste Asiático que tiveram um crescimento econômico notável nos últimos anos (Taiwan, Coréia do Sul, Cingapura e Hong Kong) tinham como seu principal ativo "uma ética de trabalho que rende bons produtos por baixos salários. "[504] Além disso, os chineses que imigraram para esses países e outros no Sudeste Asiático (como Malásia, Tailândia e Indonésia) "nutrem uma ética de trabalho que deixaria um calvinista weberiano com inveja" e fornecem energia econômica significativa para todas essas economias .[505]

Não é surpreendente que a Bíblia elogie os trabalhadores que têm bons hábitos de trabalho, em vez dos pobres: Paulo escreve:

> Servos servos, obedeçam em tudo aqueles que são seus senhores terrenos, não por meio do serviço visual, como para agradar as pessoas, mas com sinceridade de coração, temendo ao Senhor. Faça o que fizer, trabalhe de todo o coração, como para o Senhor e não para os homens, sabendo que do Senhor receberá a

---

502 Ibidem, 472; veja também 485.
503 Ibid., 471.
504 Ibid., 475.
505 Ibid., 477.

herança como galardão. Você está servindo ao Senhor Cristo. Para

> o transgressor será pago pelo erro que cometeu, e lá
> não há parcialidade. (Colossenses 3: 22-25; veja também Efésios 6: 5-8)

Paulo também quer que os empregados "sejam agradáveis, não argumentativos, não furtadores, mas mostrando toda boa fé, para que em tudo eles possam adornar a doutrina de Deus nosso Salvador" (Tito 2: 9-10).

Por outro lado, em um país que está preso à pobreza, a honra será dada a pessoas que podem "brincar com o sistema" e serem pagas mesmo sendo preguiçosas, esbanjadoras, desonestas, infiéis a compromissos, frequentemente atrasadas, desrespeitosas, arrogantes, descontente e descuidado em seu trabalho.

23. A sociedade homenageia pessoas, empresas, invenções e carreiras economicamente produtivas

Uma sociedade usa vários meios para homenagear certas pessoas, empresas, invenções e carreiras. Por exemplo, as "histórias de heróis" que as crianças ouvem podem apresentar um ou outro tipo de pessoa, ou um tipo de carreira ou outro, como bons exemplos a imitar ou maus exemplos a evitar. Filmes e programas de televisão em uma cultura fazem a mesma coisa, assim como a música popular. A instrução moral que as crianças recebem nas escolas e igrejas oferece outra maneira de homenagear várias pessoas e carreiras. Os professores nas escolas podem ter um grande impacto sobre os tipos de pessoas e carreiras que os alunos consideram honrosos, e os tipos de literatura e estudos históricos que as crianças lêem nas escolas também têm um impacto significativo. Além disso,

Se um país pretende sair da pobreza para uma maior prosperidade, sua cultura deve homenagear as pessoas economicamente produtivas que criam desenvolvimento econômico para diferentes segmentos da economia. Deve homenagear os empreendedores que constroem pequenas ou grandes empresas que fornecem empregos para muitas pessoas e produzem bens ou serviços valiosos para as pessoas da sociedade. Deve homenagear os inventores e inovadores e as coisas que eles criam. Por fim, a cultura deve homenagear carreiras que produzam bens e serviços com valor econômico.

Em contraste, uma sociedade que está presa na pobreza colocará pouco

 ou nenhum valor para as pessoas e carreiras que criam e produzem bens e serviços. Por meio de filmes, música, literatura, discursos políticos e instrução em escolas e igrejas, a sociedade homenageará aqueles que recebem algo de graça, seja por sorte, sendo pagos sem trabalhar muito, ganhando muito dinheiro e produzindo pouco valor, ou dependendo de doações do governo. Pode até homenagear, por meio de sua literatura, filmes e programação de televisão, aqueles que vivem de roubo e extorsão. Tal sociedade verá as pessoas economicamente produtivas com desdém, culpa, vergonha ou inveja.

Em uma escala mais ampla, quando as pessoas em tal sociedade falam de sua esperança de progresso econômico no país, elas se concentrarão principalmente em obter subsídios do governo ou ajuda de outras nações. A esperança de progresso também pode estar focada nas tentativas de redistribuir a renda dos ricos para os pobres em uma sociedade, em vez de oportunidades para os pobres ganharem dinheiro e se tornarem ricos.

Várias passagens da Bíblia honram aqueles que são economicamente produtivos. A parábola de Jesus sobre os talentos, por exemplo, homenageia o servo cujos cinco talentos geraram mais cinco talentos e o servo cujos dois talentos geraram dois talentos a mais (ver Mt 25: 20-22).

No Antigo Testamento, as promessas de bênçãos de Deus para o povo de Israel, se fossem obedientes, incluíam abundante produtividade agrícola (ver Deuteronômio 28: 1-14). Em Provérbios 31, a esposa ideal é retratada como aquela cuja mercadoria é "lucrativa" (Provérbios 31:18). Em contraste, o "preguiçoso" de má reputação em Provérbios é aquele que é preguiçoso e produz muito pouco valor (6: 9; 13: 4; 20: 4).

Mais uma vez, de acordo com esse padrão bíblico, a história econômica aponta para a influência da Ética Protestante no Norte da Europa, uma parte da qual foi a honra concedida àqueles que eram economicamente produtivos e bem-sucedidos no mundo dos negócios.[506]

Em contraste, os valores culturais na Índia valorizavam muito a perpetuação da velha tradição de trabalho manual duro para a maioria das castas mais baixas. Como resultado, ninguém deu muito valor às inovações que teriam tornado o trabalho mais fácil ou teriam introduzido máquinas para substituir o esforço humano e animal.[507]

---

506 Ver ibid., 175-78; ver também, na Grã-Bretanha, 234-35.

507 Veja ibid., 225-30.

Um dos motivos para o surpreendente aumento de produtividade nos Estados Unidos foi a disposição de valorizar a mudança e a inovação, bem como a padronização dos métodos de fabricação e especificações dos bens produzidos, de modo que toda uma sociedade concentrou grande parte de seus esforços na melhoria dos métodos de produção e encorajando a inovação contínua e mudança para máquinas cada vez melhores.[508]

Uma sociedade produtiva que homenageia pessoas, empresas e carreiras economicamente produtivas não se concentrará na pergunta: "Quanto mais a pessoa A tem do que a pessoa B?" (pois tal pergunta produz inveja e ressentimento). Em vez disso, ele se concentrará nas perguntas: "Quanto a pessoa A contribuiu para o bem-estar econômico da sociedade?" e, "A pessoa A ganhou seu dinheiro por meios legais?" A ênfase em uma sociedade produtiva será na produtividade, não na igualdade.

24. Os proprietários de negócios e trabalhadores da sociedade veem suas empresas principalmente como um meio de fornecer aos clientes coisas de valor, pelas quais eles serão pagos de acordo com esse valor

Se a produtividade vai aumentar em uma sociedade, e se as empresas individuais vão ter sucesso no longo prazo, então os proprietários de negócios e trabalhadores têm que fornecer produtos que os clientes acreditem genuinamente ser valiosos para eles. Preço, qualidade e serviço devem ser as áreas de foco contínuo. Isso só pode acontecer quando proprietários e trabalhadores estão constantemente focados em fornecer produtos de valor genuíno para seus clientes.

Esta, é claro, é a atitude que resulta se as pessoas genuinamente internalizam a "Regra de Ouro" que Jesus ensinou: "Então, tudo o que você deseja que os outros façam a você, faça também a eles, pois esta é a Lei e os Profetas" (Matt. 7:12). Essa também é a atitude que resulta da obediência ao mandamento de Jesus: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22:39).

Em contraste, uma sociedade que está presa na pobreza revelará uma atitude muito diferente entre proprietários de negócios e funcionários. Os proprietários verão seus negócios principalmente como meios de obter dinheiro das pessoas, por qualquer método possível, mesmo que isso signifique vender produtos baratos, defeituosos e de qualidade inferior. Os trabalhadores verão seu objetivo principal

[508] Ver ibid., 297-305.

 como sendo pago, em vez de produzir um trabalho que agregue valor genuíno a suas empresas e clientes. Esse "egoísmo" míope prejudicará a produtividade econômica.

25. A sociedade valoriza muito economizando em contraste com gastos

Um dos fatores significativos na Ética Protestante que tanto contribuiu para o desenvolvimento econômico na Grã-Bretanha, no norte da Europa e nos Estados Unidos foi a ênfase na economia e na frugalidade, juntamente com o ensino de que não se deve gastar dinheiro excessivamente consigo mesmo. A crença na economia e na frugalidade levará a taxas mais altas de doação e também a taxas mais altas de poupança.[509]

Mas a Bíblia ensina que é certo as pessoas economizarem uma quantia razoável de dinheiro para o futuro? Esta ideia pode ser apoiada pelo ensino de que as pessoas devem trabalhar para se sustentarem e não dependerem de outros para apoiá-las (veja 1 Tes. 4: 11-12; 2 Tes. 3: 6-12). Mas se quase todas as pessoas envelhecerem a ponto de serem fisicamente incapazes de trabalhar e se sustentar, então é sábio para elas juntarem algumas economias para esse tempo futuro, de modo que não se tornem dependentes de suas famílias e de outras velhice.

H. Crenças sobre compra e venda

26. A sociedade acredita que os ganhos mútuos vêm de trocas voluntárias e, portanto, um negócio é "bom" se trouxer benefícios tanto para o comprador quanto para o vendedor

Se uma sociedade vai crescer da pobreza em direção a maior produtividade e prosperidade, então é importante que as pessoas entendam a incrível criação de valor que ocorre como resultado da compra e venda voluntária no mercado. A sociedade deve perceber que comprar e vender normalmente não são situações de exploração de uma pessoa por outra, mas sim transações em que todos ganham, nas quais tanto o comprador quanto o vendedor ficam em melhor situação do que antes.

A venda de um pão é um exemplo simples. Se custar ao padeiro $ 3 em materiais para fazer um pão e ele vender para mim por $ 4,

---

509 Veja ibid., 175.

ambos pensamos que estamos melhor após a venda. Acho que estou melhor porque queria o pão mais do que meus $ 4. Caso contrário, eu não teria trocado o dinheiro pelo pão. Mas o padeiro acha que está melhor porque ele queria meus $ 4 mais do que aquele pão (que envelheceria no dia seguinte). Caso contrário, ele não teria trocado o pão pelo dinheiro. Eu estou melhor e ele está melhor.

Essa é a maravilha das trocas voluntárias em um mercado livre. Uma sociedade que entende esse conceito simples terá uma visão positiva das transações de negócios e as pessoas vão gostar de fazer negócios umas com as outras porque ambas as partes ficam em melhor situação. Compradores e vendedores ficarão felizes não apenas pelo valor que derivam de uma transação, mas também pelo fato de darem algum valor, de que a transação comercial é um "bom negócio" também para a outra pessoa. Outro benefício dessa atitude cultural é que as empresas valorizarão as relações comerciais de longo prazo com seus clientes.

Da mesma forma, essa perspectiva ganha-ganha se aplica às relações entre empregador e empregado. Os empregadores reconhecerão que seus negócios ficarão melhores depois que os funcionários fizerem um bom dia de trabalho. Eles podem ficar felizes por isso. Mas os funcionários também reconhecerão que estão em melhor situação depois de serem pagos por um dia de trabalho, porque terão mais dinheiro do que antes. A maioria dos empregadores e funcionários, então, pode pensar em seu relacionamento como uma relação em que todos ganham.

Acreditamos que a Bíblia apóia esse ponto de vista onde todos ganham. Compradores e vendedores, empregadores e funcionários, podem pensar que cumprem a Regra de Ouro por meio de seus relacionamentos comerciais. As transações comerciais podem ser consideradas uma forma de amar o próximo como a si mesmo.86

Em contraste, se uma sociedade não tiver esse tipo de atitude, a suspeita e a desconfiança irão proliferar. A sociedade acreditará que as empresas geralmente "ganham" e os clientes e funcionários geralmente "perdem" nas trocas voluntárias no mercado. Além disso, as pessoas discutem sem parar antes de fazer acordos comerciais, porque suspeitam que os negócios geralmente têm um "vencedor" e um "perdedor"

[86] Veja uma discussão sobre esse ponto de vista em Wayne Grudem, Business for the Glory of God (Wheaton: Crossway,
2003).

de dois vencedores. Em tal sociedade, as empresas darão pouco valor ao desenvolvimento de relacionamentos comerciais de longo prazo ou relacionamentos de longo prazo com os funcionários, e os clientes e funcionários simplesmente procurarão todas as oportunidades de fraudar negócios ou de serem pagos sem fazer um trabalho de alta qualidade que seja dignos do pagamento que estão recebendo.

Uma das razões pelas quais a China estagnou economicamente por vários séculos foi que, a partir da década de 1430, uma forma de confucionismo passou a dominar: "Mandarins que desprezavam e não confiavam no comércio". 87 Como era então, assim é hoje: uma atitude de hostilidade em direção aos negócios tende a prejudicar a produtividade econômica e a manter uma nação presa à pobreza.

I. Crenças sobre conhecimento e educação

27. A sociedade valoriza o conhecimento de qualquer fonte e o torna amplamente disponível

Nas sociedades produtivas, o conhecimento útil proveniente de pessoas de qualquer nacional, religioso ou grupo étnico é considerado valioso e amplamente disseminado pela sociedade. Por exemplo, no norte da Europa durante a Revolução Industrial, o conhecimento sobre novas máquinas e fontes de energia (como a máquina a vapor) se espalhou rapidamente de uma nação para outra. Mas os países católicos romanos do sul da Europa não confiavam em muitas das descobertas vindas dos países "protestantes" e, portanto, durante a Inquisição, eles proibiram a importação de livros que não foram aprovados primeiro pelas autoridades da Igreja Católica Romana. De forma similar,

A Bíblia dá muito valor à aquisição de conhecimento: "O temor do Senhor é o princípio do conhecimento; os tolos desprezam a sabedoria e a instrução "(Prov. 1: 7). Um pouco mais tarde, em Provérbios, lemos que a Sabedoria diz: "Aceite a minha instrução em vez de prata, e o conhecimento em vez de ouro escolhido" (8:10).

[87] Landes, Wealth and Poverty, 95.

Jesus ensina que o Diabo desconsidera a verdade: ele “nada tem a ver com a verdade, porque nele não há verdade” (João 8:44).

Em uma sociedade economicamente produtiva ideal, o conhecimento será importante. A sociedade saberá como “operar, administrar e construir os instrumentos de produção” e também como “criar, adaptar e dominar novas técnicas na fronteira tecnológica”. Além disso, a sociedade será “capaz de transmitir esse conhecimento e know-how aos jovens”.[510] (Discutimos o valor da educação universal obrigatória das crianças no capítulo 7, 253-56.)

Em contraste, infelizmente, as sociedades islâmicas do Oriente Médio têm uma atitude cultural em relação ao conhecimento e à educação que continua a atrapalhar o desenvolvimento econômico. A cultura "continua a desconfiar ou rejeitar novas técnicas e ideias que vêm do Ocidente inimigo (Cristandade)."[511]

28. A sociedade valoriza uma força de trabalho altamente treinada

Este valor cultural decorre do anterior. À medida que uma economia cresce em direção à maior prosperidade, os produtos de maior valor freqüentemente serão aqueles tecnologicamente complexos, como equipamentos médicos e científicos, dispositivos eletrônicos, sistemas de transporte complexos, programas de computador e serviços financeiros. Para essas indústrias, o conhecimento eventualmente se tornará a chave para um desenvolvimento econômico ainda maior.

Landes traça várias maneiras pelas quais o crescimento do conhecimento técnico e científico trouxe onda após onda de desenvolvimento econômico para a Grã-Bretanha e depois para outros países europeus, como a Alemanha, que imitou e, em algumas áreas, ultrapassou a Grã-Bretanha em conhecimento.[512] Artesãos e trabalhadores tecnológicos altamente treinados e qualificados mostraram-se cada vez mais valiosos na produção industrial.

Em contraste, as nações da América do Sul não atraíram ou mantiveram trabalhadores altamente treinados e qualificados em número suficiente durante os séculos XVIII a XX. Por exemplo, a Argentina tinha abundância de terras produtivas e bom clima, mas carecia de artesãos qualificados, ferramentas e capacidade de desenvolver a produção industrial.[513] E por causa do domínio da Igreja Católica Romana em latim

---

510 Ibid., 217.
511 Ibid., 410-11.
512 Veja ibid., 276-85.
513 Ibid., 315-16.

Os países americanos, por muitos anos, a maioria dos europeus do norte e norte-americanos (principalmente protestantes e alguns judeus) foram excluídos, e seus conhecimentos e habilidades também foram excluídos.[514]

29. A sociedade assume que deve haver uma base racional para o conhecimento e canais reconhecidos para divulgar e testar o conhecimento

Se uma sociedade vai escapar da pobreza e crescer em direção à prosperidade, ela deve superar velhas superstições, folclore e mitologia sobre o mundo natural. Deve adotar um método amplamente aceito para chegar a conclusões sobre a natureza.

Na Revolução Industrial na Grã-Bretanha e no resto da Europa do Norte, um fator importante foi a aceitação generalizada do método científico, que ganhou conhecimento por meio de experimentos intencionais que poderiam ser repetidos por outros e, portanto, verificados ou refutados. As descobertas sobre a natureza foram amplamente divulgadas em periódicos estabelecidos, e novas teorias podiam ser contestadas e testadas repetidamente.[515]

A aceitação de tal processo racional e verificável para conhecer o mundo é importante para as nações pobres de hoje, se elas quiserem superar os métodos tradicionais de agricultura, por exemplo, ou adaptar novas ferramentas e maquinários nas fábricas. Mas muitas nações resistem a essa base racional de conhecimento.

Por exemplo, o Haiti mantém uma crença generalizada no vodu como a força controladora da natureza e como uma forma de fazer com que pessoas e objetos façam coisas.[516] Da mesma forma, em séculos anteriores, muitas nações islâmicas rejeitaram rotineiramente relatos de descobertas em ciência ou tecnologia que vieram de fora do mundo islâmico, e até proibiram ou destruíram livros que vieram de outras fontes, garantindo assim que estagnariam economicamente e permaneceriam em grande parte presos na pobreza.[517]

A China enfrentou obstáculos semelhantes. Embora os chineses fossem responsáveis por uma longa lista de invenções que deveriam ter contribuído para séculos de desenvolvimento econômico, a China não tinha meios estabelecidos

---

514 Ibid., 317. Os países latino-americanos hoje admitem pessoas de todas as origens religiosas.
515 Ibid., 200-10.
516 Harrison, Central Liberal Truth, 29-31.
517 Veja Landes, Riqueza e Pobreza, 54.

de

testando e transmitindo novos conhecimentos para outras áreas do país e para as gerações sucessivas. O problema era um governo totalitário, monopolizando o conhecimento simplesmente com o propósito de manter seu controle do poder. Como resultado, ninguém teve qualquer incentivo para desenvolver e promover novos métodos de fabricação ou novas máquinas. O governo controlava tudo e impedia que as pessoas comuns avançassem economicamente de forma significativa.[518]

Da mesma forma, uma razão pela qual a Índia falhou por tanto tempo em avançar economicamente foi a falta de uma base racional acordada para o conhecimento e para a disseminação e teste de relatórios de descobertas e informações. Na Índia, no século XVIII, "não houve nenhum progresso marcante no conhecimento científico por muitos séculos, e o aparato intelectual para uma difusão e registro sistemático das habilidades herdadas estava seriamente defeituoso".[519]

J. Crenças sobre humildade e o valor de aprender com os outros

30. A sociedade demonstra uma disposição humilde de aprender com outras pessoas, outras nações e membros de outras religiões

Uma das tragédias da história do desenvolvimento econômico é que muitas nações, por uma razão ou outra, sistematicamente excluíram conhecimentos que poderiam ter aprendido de outras nações que fizeram novas descobertas.

Por exemplo, como explicamos anteriormente, a Espanha e Portugal, durante o período da Inquisição, cometeram um grande erro - eles excluíram o conhecimento que poderiam ter aprendido de nações que não eram católicas romanas, e especialmente de inventores e cientistas protestantes e judeus (ver 286-90).

A China cometeu um erro semelhante. Em 1551, o país considerou crime ir para o mar qualquer um na China em um navio multimastrea, fechando assim a nação para a possibilidade de aprender com as notáveis descobertas e avanços na manufatura que estavam por ocorrer na Europa. Este fechamento da nação, infelizmente, "os colocou, complacentes e teimosos, contra as lições e novidades que os viajantes europeus

---

518 Ver ibid., 55-57.

519 Ibid., 229, citando KN Chaudhuri, The Trading World of Asia and the English East India Company 1660-1760 (Cambridge: Cambridge University Press, 1978), 273-74.

 logo estaria trazendo. ” Embora os europeus estivessem viajando para a China, durante séculos não houve “nenhum navio chinês nos portos da Europa. . . . O primeiro desses navios. . . visitou Londres para a Grande Exposição de 1851. ” Quando os chineses finalmente viajaram, “foram para se mostrar, não para ver e aprender; para conceder sua presença, não para ficar. . . . Eles eram o que eram e não precisavam mudar ”.[520] O norte da Europa estava muito distante da China em crescimento econômico porque, “ao contrário da China, a Europa era um aprendiz” e estava ansiosa para adotar o conhecimento de qualquer país onde ele pudesse ser encontrado.[521]

Felizmente para a China, essas atitudes anteriores mudaram no final do século XX, e hoje a China está adotando avidamente (lamentavelmente, até roubando!) Ideias e tecnologia de outras nações.

O Japão oferece talvez o exemplo mais notável de desenvolvimento econômico significativo devido à disposição de aprender com outras nações. Quando os europeus vieram inicialmente ao Japão em meados do século dezesseis, eles "receberam uma saudação muito mais calorosa do que na China" e "quando os japoneses encontraram os europeus, eles aprenderam seus costumes". [522] Infelizmente, em 1612, o imperador japonês Tokugawa Ieyasu baniu a religião cristã e centenas de milhares foram condenados à morte. Logo, o Japão se fechou à influência externa, o que prejudicou significativamente seu desenvolvimento econômico. [523] O crescimento econômico estagnou até a Restauração Meiji em 1867-1868.

Após a Segunda Guerra Mundial, o Japão mais uma vez começou a prosperar, aprendendo humildemente e depois imitando os melhores processos de manufatura a partir de exemplos europeus e americanos. Os japoneses aprenderam a fazer automóveis melhores do que os americanos e a fazer produtos de alta tecnologia melhores, como câmeras e máquinas e instrumentos de precisão. Eles aprenderam essas coisas enviando representantes "para visitar as terras ocidentais e aprender humildemente observando e perguntando, fotografando e gravando".[524] Logo eles estavam fazendo quase tudo melhor do que aqueles que estavam imitando.

---

[520] Landes, Wealth and Poverty, 96. Ver também 335-49.
[521] Ibid., 348.
[522] Ibid., 351-53.
[523] Ibid., 355-56.
[524] Ibidem, 472.

K. Crenças sobre o governo

31. A sociedade acredita que o objetivo do governo é servir a nação e trazer benefícios para o povo como um todo Essa crença cultural é extremamente importante. O que uma cultura acredita sobre o propósito do governo afeta tudo o mais que dizemos neste livro sobre as leis e políticas que um governo deve promulgar, porque determina se os funcionários do governo tomam decisões para o bem da nação ou para seu próprio benefício pessoal.

Se os valores culturais de uma sociedade encorajam as pessoas a pensar que o trabalho e o poder do governo são usados de maneira legítima para enriquecer a si mesmo e para dar privilégios e renda à família e aos amigos, então as decisões do governo não serão para o bem da nação mas para o bem dos governantes. A Bíblia avisa sobre isso em vários lugares, conforme explicamos no capítulo 7 (ver 223-29).

A Bíblia também dá alguns exemplos de bons governantes que serviram não principalmente para seu próprio benefício, mas para o benefício do povo. Moisés foi um exemplo, pois no meio de um conflito com Datã e Abirão, Moisés disse a Deus: "Não tomei deles um jumento, e não fiz mal a nenhum deles" (Números 16:15). Da mesma forma, Samuel, no final de seu mandato como juiz sobre Israel, proclamou que era inocente de usar seu cargo para ganho pessoal (1 Sam. 12: 3-4).

Se uma sociedade concorda amplamente com os valores encontrados nessas passagens bíblicas, então também estará de acordo com Romanos 13: 4, que diz que a autoridade governamental "é serva de Deus para o seu bem". Quando uma sociedade realmente acredita nisso, servir no governo será uma honra, mesmo que venha com algum sacrifício pessoal.

A importância dessa crença não pode ser subestimada. O valor cultural de que o propósito do governo é servir e trazer benefícios para o povo como um todo provavelmente servirá como o maior impedimento contra a corrupção no governo.

Onde essa crença for estabelecida, as pessoas ficarão convencidas de que o poder do governo e os empregos são principalmente maneiras de servir ao país e de fazer o bem para a sociedade como um todo. Então, eles realmente buscarão políticas que promovam o crescimento econômico da nação.

Mas onde os funcionários acreditam que os empregos públicos são apenas um meio de enriquecer a si próprios e a suas famílias e amigos, a nação

 tendem a tolerar altos níveis de corrupção e suborno. Essa crença também levará, em muitos casos, a uma espécie de "capitalismo de compadrio" ou um "capitalismo oligárquico" em que um pequeno número de famílias muito ricas estão entrelaçadas em amizades íntimas com funcionários do governo altamente colocados, e os funcionários do governo continuarão para promulgar políticas e distorcer leis para que seus amigos ricos se beneficiem. Então, é claro, os amigos ricos também canalizarão o dinheiro de volta para os funcionários do governo em posições elevadas. Nesse caso, há pouca esperança de crescimento econômico genuíno na nação como um todo, e quase nenhuma esperança de que a vasta maioria das pessoas, que está presa na pobreza, fará algum progresso econômico. Tudo isso remonta a uma cultura '

32. A sociedade acredita que o governo deve punir o mal e promover o bem

Explicamos acima que é responsabilidade do governo punir o crime e proteger as pessoas dos gananciosos e poderosos que se aproveitam erroneamente deles (ver 239-41). Em outras palavras, governo é fazer o que Pedro diz: “Para punir os que fazem o mal e louvar os que fazem o bem” (1 Pedro 2:14).

Esse valor cultural é importante para que os funcionários do governo não comecem a mostrar favoritismo a malfeitores que por acaso sejam seus amigos ou que possam lhes dar suborno.

L. Crenças sobre a própria nação

33. A sociedade valoriza o patriotismo e reforça um senso comum de identidade e propósito nacional

Um dos benefícios que deram à Grã-Bretanha uma grande vantagem econômica na Revolução Industrial foi que ela era "uma unidade autoconsciente caracterizada pela identidade e lealdade comuns e pela igualdade de status civil".[525] A nação como um todo tinha uma “sinergia coletiva” em que “o todo é mais do que a soma das partes”.[526]

O Japão, da mesma forma, tinha um forte senso de patriotismo que começou a contribuir positivamente para o desenvolvimento econômico no final do século XIX.

[525] Ibid., 219.
[526] Ibid.

A educação geral difundida incutiu nas crianças o respeito (até a adoração) pelo imperador, e isso serviu para estabelecer uma forte identidade nacional. Além disso, o serviço militar universal "alimentou o orgulho nacionalista".[527] Um senso de patriotismo encorajou cada cidadão japonês a exercer a disciplina pessoal na vida diária e a "cumprir totalmente a responsabilidade no trabalho".[528]

Esse senso de patriotismo parece-nos consistente com os valores bíblicos. Como qualquer nação pode ter governantes maus, uma visão cristã do governo nunca deve endossar uma espécie de "patriotismo cego", segundo o qual um cidadão nunca deve criticar um país ou seus líderes. Na verdade, um patriotismo genuíno, que sempre busca promover o bem da nação, promove críticas honestas ao governo e seus líderes quando eles fazem coisas contrárias aos padrões morais bíblicos.[529] Também leva a críticas às tradições culturais e aos valores de uma nação quando são contrários aos valores bíblicos.

Mas o patriotismo é realmente uma virtude? A Bíblia apóia um tipo genuíno de patriotismo no qual os cidadãos amam, apóiam e defendem seu próprio país.

uma. Razões bíblicas para patriotismo

O apoio bíblico para a ideia de patriotismo começa com o reconhecimento de que Deus estabeleceu nações na terra. Falando em Atenas, Paulo disse que Deus "fez de um homem cada nação da humanidade para viver em toda a face da terra, tendo determinado os períodos e os limites da sua habitação" (Atos 17:26).

Um exemplo desse estabelecimento de nações é encontrado na promessa de Deus de tornar os descendentes de Abrão (mais tarde Abraão) em uma nação distinta: "E farei de ti uma grande nação, e te abençoarei e engrandecerei o teu nome, por isso que você será uma bênção "(Gênesis 12: 2). Mais tarde, Deus disse a Abraão: "Na tua descendência serão benditas todas as nações da terra" (Génesis 22:18).

A origem antiga de muitas nações na terra está registrada na Tabela das Nações descendentes de Noé em Gênesis 10, que conclui: "Estes são os clãs dos filhos de Noé, de acordo com suas genealogias, em suas nações, e destas as nações espalhou-se pela terra depois do dilúvio "(v. 32). No progresso contínuo da história, Jó diz que Deus "engrandece as nações e as destrói; ele engrandece as nações e as leva embora "(Jó 12:23).

O significado da palavra nação como é usada na Bíblia não é diferente de

[527] Ibid., 376.
[528] Ibid., 383.
[529] Este parágrafo e o restante desta seção sobre patriotismo (000-000) foram adaptados de Grudem, *Política*, 109-12.

forma substancial do significado que atribuímos a ela hoje - um grupo de pessoas, vivendo sob um governo, que é soberano e independente em sua relação com outras nações. A existência de muitas nações independentes na terra, então, deve ser considerada uma bênção de Deus.

Um benefício da existência de nações é que elas dividem e dispersam o poder do governo por toda a terra. Desta forma, eles impedem o governo de qualquer ditador mundial, o que seria mais horrível do que qualquer governo maligno, tanto porque afetaria a todos na terra quanto porque não haveria outra nação que pudesse desafiá-lo. A história tem mostrado repetidamente que governantes com poder irrestrito e ilimitado tornam-se cada vez mais corruptos.

A Bíblia também ensina os cristãos a obedecer e honrar os líderes das nações em que vivem. Pedro diz aos cristãos para "honrar o imperador" (1 Pedro 2:17), e ele também diz: "Sujeitai-vos, por amor do Senhor, a toda instituição humana, seja ao imperador supremo, seja aos governadores" (vv. 13-14).

Da mesma forma, Paulo incentiva não apenas a obediência, mas também a honra e o apreço pelos governantes civis: "Cada pessoa esteja sujeita às autoridades governamentais" (Rom. 13: 1). Ele também diz que o governante é "servo de Deus para o seu bem" (v. 4). Ele conclui esta seção sugerindo que os cristãos não devem apenas pagar impostos, mas também respeitar e honrar, pelo menos em alguma medida, os governantes do governo civil: "Pague a tudo o que é devido a eles: impostos a quem os impostos são devidos, receita a quem se deve o rendimento, a quem se deve respeito e a quem se deve honra "(v. 7).

Esses comandos também seguem um padrão encontrado no Antigo Testamento, como indicam os seguintes versículos:

> Meu filho, teme ao Senhor e ao rei, e não se junte àqueles que fazem o contrário. (Prov. 24:21)
> Mesmo em seus pensamentos, não amaldiçoe o rei, nem em seu quarto amaldiçoe os ricos. (Ecl. 10:20)

> Assim diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel, a todos os exilados que enviei para o exílio de Jerusalém para a Babilônia. . . . Busque o bem-estar da cidade para a qual o enviei ao exílio e ore ao Senhor por ela, pois nesse bem-estar você encontrará o seu bem-estar. (Jer. 29: 4-7)

O estabelecimento de nações individuais por Deus, os benefícios que vêm ao mundo com a existência das nações e os mandamentos bíblicos que implicam que as pessoas devem dar valor e apoio aos líderes do governo onde vivem, todos

tendem a apoiar a ideia de patriotismo em uma nação .

b. Aspectos do patriotismo

Com esses fatores em mente, definiríamos o patriotismo genuíno de forma mais completa, incluindo os seguintes fatores:

(1) *Um sentimento de pertencer a uma comunidade maior de pessoas*. Esse sentido fornece um aspecto do senso de identidade e obrigação de uma pessoa para com os outros.

(2) *Gratidão pelos benefícios que uma nação oferece*. Isso pode incluir a proteção da vida, liberdade e propriedade, a existência de leis para dissuadir as transgressões e encorajar o bem, o estabelecimento de um sistema monetário e de mercados econômicos e o estabelecimento de uma ou mais línguas comuns.

(3) *Um sentimento compartilhado de orgulho pelas realizações de outros indivíduos a quem alguém "pertence" como um concidadão da mesma nação*. Isso pode incluir orgulho em empreendimentos atléticos, científicos, econômicos, artísticos, filantrópicos ou outros.

(4) *Um sentimento de orgulho pelas coisas boas que uma nação fez*. Esse sentido é desenvolvido por uma compreensão adequada da história da nação e um sentimento de pertencer a um grupo de pessoas que inclui as gerações anteriores dentro dessa nação.

(5) *Uma sensação de segurança em relação ao futuro*. Esse sentido se desenvolve devido à expectativa de que o grupo maior - ou seja, todos na nação - está trabalhando para o bem da nação e, portanto, irá defender cada pessoa na nação de ataques de malfeitores violentos, seja de dentro ou de fora de suas fronteiras .

(6) *Um senso de obrigação de servir à nação e fazer o bem por ela de várias maneiras.* Essas formas podem incluir defendê-la de ataques militares ou de críticas injustas de outros, protegendo a existência e o caráter da nação para as gerações futuras e melhorando a nação de várias maneiras, sempre que possível, até mesmo por meio de críticas úteis de coisas que são feitas de errado no nação.

(7) *Um senso de obrigação de viver e transmitir aos recém-chegados e às gerações seguintes um senso comum de valores e padrões morais que são amplamente valorizados por aqueles dentro da nação*.[530]Esse senso de obrigação de compartilhar padrões morais é mais provável de acontecer dentro de uma nação do que no mundo como um todo, porque uma pessoa pode atuar como um agente

[530] Os cristãos, é claro, serão capazes de afirmar apenas os valores que são consistentes com uma cosmovisão bíblica.

moral e ser avaliada por outros no contexto de uma nação inteira, mas muito raramente Alguém tem destaque suficiente para agir com respeito ao mundo inteiro. Além disso, embora os valores e padrões possam se espalhar facilmente para a maioria dos cidadãos de uma nação (especialmente onde a maioria fala uma língua comum), o mundo é tão grande e diverso que é difícil encontrar muitos valores e padrões morais que são compartilhados por todos nações, ou qualquer consciência em uma nação de quais valores são mantidos em outras nações. Se tais valores morais e ideais nacionais devem ser preservados e transmitidos dentro de uma nação,

Em contraste, o oposto de patriotismo é uma atitude de antipatia ou mesmo desprezo ou ódio por uma nação, acompanhada por críticas contínuas a ela. Em vez de compartilhar a gratidão pelos benefícios proporcionados pelo país e o orgulho pelas coisas boas que fez, aqueles que se opõem ao patriotismo enfatizarão repetidamente os aspectos negativos das ações do país, não importa quão antigos ou menores em comparação com toda a sua história . Eles não terão orgulho da nação ou de sua história, e não estarão muito dispostos a se sacrificar por ela, a servi-la ou a protegê-la e defendê-la. Essas atitudes antipatrióticas irão corroer continuamente a capacidade da nação de funcionar de forma eficaz e, eventualmente, tenderão a minar a própria existência da própria nação. Em tais casos,

Para dar um exemplo moderno, um cidadão patriota do Irã em 2013 poderia muito bem dizer: “Amo meu país e suas grandes tradições, ideais e história, mas estou profundamente entristecido pela natureza opressora e maligna do atual governo totalitário. ” Um cidadão patriótico da Coreia do Norte pode dizer algo semelhante. Um cidadão patriota do Iraque sob o regime de Saddam Hussein também poderia ter dito coisas semelhantes.

Para dar outro exemplo, um cidadão patriótico da Alemanha poderia dizer: “Eu amo minha nação e estou orgulhoso de suas grandes conquistas históricas na ciência, literatura, música e muitas outras áreas do pensamento humano, embora esteja profundamente entristecido pelo males perpetrados sob a liderança de Adolf Hitler, e estou feliz que finalmente fomos libertados de seu governo opressor. ”

Esses exemplos ilustram que mesmo os cidadãos de países com governantes malignos podem manter um patriotismo genuíno que é combinado com críticas sóbrias e verdadeiras aos líderes atuais ou passados. Mas tal patriotismo ainda inclui os componentes valiosos mencionados acima, como um sentimento de pertencer a uma nação particular, gratidão pelos benefícios que ela dá, orgulho

compartilhado por suas realizações, um senso de segurança, um senso de obrigação de servi-la e protegê-la (e, esperançosamente, para mudar qualquer liderança maligna), e um senso de obrigação de seguir e transmitir valores e ideais compartilhados que representam o melhor da história do país.

Se essas coisas podem ser verdadeiras até mesmo para nações com governos ruins, então certamente o patriotismo pode ser um valor inculcado em todas as outras nações do mundo também. Nesse sentido, uma visão cristã do governo incentiva e apóia o patriotismo genuíno dentro de uma nação.

M. Crenças sobre valores econômicos, relacionais e espirituais

34. A sociedade considera a família, os amigos e a alegria de viver mais importantes do que a riqueza material

Como este livro se concentrou na solução do problema da pobreza nas nações pobres, sua ênfase tem sido nas questões econômicas e no crescimento da prosperidade material. Mas também devemos enfatizar que o bem-estar financeiro nunca é apresentado como o objetivo final da vida, de acordo com a Bíblia. Outras coisas são mais importantes, especialmente o relacionamento com parentes, amigos e outras pessoas, e o relacionamento de alguém com Deus (veja a próxima seção).

Nos Dez Mandamentos, o quinto mandamento diz: "Honra a teu pai e a tua mãe" (Êxodo 20:12). Aqui, Deus estabelece e protege a importância de manter relacionamentos fortes que incluam honra e respeito dentro de uma família. Outras passagens da Bíblia dão instruções sobre como manter um casamento saudável e como os pais devem cuidar e disciplinar seus filhos (ver Efésios 5: 22-6: 4; Colossenses 3: 18-21).

Além disso, Jesus disse que o segundo maior mandamento é: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22:39). Portanto, os relacionamentos com outras pessoas, e particularmente os relacionamentos com a família, são de grande importância para Deus.

Isso significa que uma sociedade que genuinamente busca seguir os princípios bíblicos não colocará a prosperidade material como o objetivo mais elevado. Enquanto busca aumentar a produtividade econômica, uma sociedade economicamente produtiva ideal manterá continuamente em mente o valor mais alto das relações interpessoais positivas e saudáveis com os outros. Sem esses relacionamentos, qual o benefício de acumular mais e mais riquezas pessoais? "Quem ama o dinheiro não se contenta com dinheiro, nem quem ama as riquezas com o que ganha; isto também é vaidade "(Ecl. 5:10).

Por outro lado, se uma sociedade faz da prosperidade material seu bem final,

então a ganância e o egoísmo, a amargura e a frustração irão caracterizar cada vez mais essa sociedade. As relações familiares e as amizades serão destruídas na busca por cada vez mais prosperidade material. Mas essa busca implacável por riqueza nunca pode ser satisfeita, pois não deixará uma pessoa com ninguém com quem desfrutar sua prosperidade.

Neste ponto, devemos dizer honestamente que em muitos países pobres hoje, esse valor cultural já é fortemente defendido, mais fortemente do que em algumas sociedades ocidentais altamente individualistas. Pessoas em muitas nações pobres consideram os relacionamentos com parentes e amigos extremamente importantes. Nossa esperança não é que eles abandonem esse valor, mas que o mantenham, ao mesmo tempo que realizam as outras etapas descritas neste livro para avançar em direção a uma maior prosperidade econômica.

Isso não é impossível. Existem muitos milhares de indivíduos em países ricos que são notáveis exceções aos padrões ocidentais de individualismo excessivo e cujas fortes vidas familiares testemunham o fato de que é possível até mesmo para pessoas mais ricas com empregos altamente produtivos dar atenção significativa à família e aos amigos.

35. A sociedade considera o bem-estar espiritual e um relacionamento com Deus mais importante do que a riqueza material

Embora não acreditemos que nenhum governo deva tentar obrigar seus cidadãos a seguir uma religião em particular, e embora apoiemos fortemente a ideia de liberdade religiosa em todas as nações, percebemos que as crenças e valores que são comuns em uma sociedade muitas vezes têm um componente espiritual para eles. Em algumas sociedades, as crenças religiosas sinceras podem ser amplamente ridicularizadas e desprezadas, e rotineiramente desvalorizadas. Mas em outras sociedades, há um respeito e apreciação geralmente reconhecidos por crenças e práticas religiosas sinceras. Para ser verdadeiramente rica, uma nação precisa de mais do que prosperidade material. Também precisa ser espiritualmente rico, ter uma crença cultural generalizada de que a saúde espiritual de cada pessoa e o relacionamento com Deus são muito mais importantes do que a prosperidade econômica.

Esse valor nos leva mais uma vez a enfatizar o papel crucial que achamos que pastores sábios podem desempenhar para ajudar a tirar qualquer nação da pobreza em direção a uma maior prosperidade.[531] Os pastores podem ensinar os

[531] Ao falar de "pastores", não queremos dizer que apenas os líderes cristãos podem efetivamente promover os valores culturais que descrevemos neste último capítulo. Incentivamos os líderes religiosos do judaísmo, budismo,

valores neste capítulo (na verdade, em todo o livro) de uma forma que incentive uma ênfase equilibrada na produtividade econômica junto com o crescimento relacional e espiritual. E os pastores podem fazer isso usando a Bíblia como uma autoridade que é mais persuasiva do que quaisquer argumentos dos economistas. Pode ser que os pastores em nações pobres não cheguem às manchetes nacionais, mas gradualmente transformem os valores mantidos por seu povo, e esses valores efetivamente levarão a nação a adotar melhores leis e políticas econômicas.[532] Dessa forma, esperamos que os pastores e outros líderes cristãos desempenhem um papel muito significativo na mudança de seus países da pobreza para uma prosperidade material e espiritual cada vez maior.

N. Conclusão

Nossa conclusão deste livro nos traz de volta ao que dissemos no início. Reconhecemos que a prosperidade material é uma questão secundária, embora ainda seja muito importante. Mais importante do que a prosperidade, porém, é o relacionamento de uma pessoa com Deus.

Incentivamos todos os leitores deste livro a se lembrar da advertência de Jesus: "Nenhum servo pode servir a dois senhores, pois ou odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Você não pode servir a Deus e ao dinheiro "(Lucas 16:13).

Portanto, encerramos encorajando ricos e pobres a fazer de seu relacionamento pessoal com Deus a primeira prioridade de suas vidas. Esperamos que a busca por maior prosperidade material não ocorra à custa da alienação de Deus. Nossa esperança é que cada leitor chegue a um relacionamento profundamente satisfatório e recompensador com Deus por meio de Jesus Cristo, de modo que cada pessoa que ler este livro possa dizer a Deus:

> Quem eu tenho no céu senão você?
> E não há nada na terra que eu deseje além de você.
> Minha carne e meu coração podem falhar,
> mas Deus é a força do meu coração e minha porção para sempre.
> (Salmos 73: 25-26)

---

hinduísmo, islamismo e outras religiões também a promover a crença na honestidade, trabalho árduo, produtividade econômica, respeito pela propriedade, educação, humildade e outros valores produtivos. Mas porque somos cristãos evangélicos, acreditamos que a Bíblia fornece uma visão de mundo completa que mais completa e consistentemente promove esses valores, e estamos escrevendo principalmente para cristãos que compartilham esse ponto de vista.

[532] Veja os comentários adicionais sobre pastores em 32, 161, 186, 305, 316.

APÊNDICE

Uma lista composta de fatores que permitirão a uma nação superar a pobreza

A. O Sistema Econômico da Nação (detalhes no capítulo 4)

1. A nação tem uma economia de mercado livre. (131-221)
2. A nação tem propriedade privada generalizada de propriedades. (141-54)
3. A nação tem um processo fácil e rápido para que as pessoas obtenham a propriedade documentada e juridicamente vinculativa da propriedade. (149-54)
4. A nação mantém uma moeda estável. (155-58)
5. O país tem taxas de impostos relativamente baixas. (158-62)
6. A nação está melhorando anualmente sua pontuação em um índice internacional de liberdade econômica. (162)

B. O Governo da Nação (detalhes no capítulo 7)

1. Cada pessoa no país é igualmente responsável pelas leis (incluindo pessoas ricas e poderosas). (225-26)
2. Os tribunais da nação não mostram favoritismo ou preconceito, mas aplicam a justiça de forma imparcial. (227)
3. Suborno e corrupção são raros em repartições governamentais e são rapidamente punidos quando descobertos. (227-29)
4. O governo da nação tem poderes adequados para manter a estabilidade governamental e prevenir o crime. (229-30)
5. Existem limites adequados para os poderes do governo da nação para que as liberdades pessoais sejam protegidas. (230-33)
6. Os poderes do governo são claramente separados entre os níveis nacional, regional e local, e entre os diferentes ramos de cada nível. (234-

36)

7. O governo presta contas ao povo por meio de eleições regulares, justas e abertas, e pela liberdade de imprensa e livre acesso a informações sobre as atividades do governo. (236-39)

8. O governo protege adequadamente os cidadãos contra o crime. (239-41)
9. O governo protege adequadamente os cidadãos contra epidemias de doenças. (241-42)
10. O sistema jurídico da nação protege adequadamente as pessoas e empresas contra violações de contratos. (242-43)
11. O sistema legal da nação protege adequadamente as pessoas e empresas contra violações de patentes e direitos autorais. (243-46)
12. O governo protege efetivamente a nação contra invasões estrangeiras. (246-48)
13. O governo evita guerras inúteis de conquista contra outras nações. (248-50)
14. As leis da nação protegem o país contra a destruição de seu meio ambiente. (250-52)
15. A nação exige educação universal das crianças até um nível em que as pessoas possam ganhar a vida e contribuir positivamente para a sociedade. (253-56)
16. As leis do país protegem e dão alguns incentivos econômicos às estruturas familiares estáveis. (256-57)
17. As leis do país protegem a liberdade de religião para todos os grupos religiosos e oferecem alguns benefícios às religiões em geral. (258)

C. As liberdades da nação (detalhes no capítulo 8)

1. Todos na nação têm liberdade de possuir propriedades. (263)
2. Todos na nação têm liberdade para comprar e vender bens e serviços, de forma que não haja monopólios protegidos. (263-64)
3. Todos no país têm liberdade para viajar e transportar mercadorias em qualquer lugar do país. (264-67)
4. Todos no país têm liberdade para se mudar para qualquer lugar dentro do país. (267)
5. Todos na nação têm liberdade para negociar com outros países sem lidar com cotas ou tarifas restritivas. (267-269)
6. Todos no país têm liberdade para iniciar e registrar uma empresa de forma rápida e econômica. (269-271)
7. Todos no país estão livres de regulamentações governamentais caras e

pesadas. (271-72)

8. Todos na nação estão livres de exigências de suborno. (272-75)
9. Todos na nação têm liberdade para trabalhar em qualquer emprego que escolherem. (275-77)

10. Cada trabalhador do país tem liberdade para ser recompensado por seu trabalho em um nível que motive o bom desempenho no trabalho. (277-78)
11. Cada empregador tem liberdade para contratar e demitir funcionários com base no desempenho do trabalho e nos ciclos de negócios em constante mudança. (278-79)
12. Cada empregador no país tem liberdade para contratar e promover funcionários com base no mérito, independentemente de conexões familiares ou relações pessoais. (279-80)
13. Todos na nação têm liberdade para usar os recursos da terra com sabedoria e, principalmente, para utilizar qualquer tipo de recurso de energia. (280-84)
14. Todos na nação têm liberdade para mudar e adotar meios mais novos e eficazes de trabalho e produção. (284-85)
15. Todos na nação têm liberdade para acessar conhecimentos, invenções e desenvolvimentos tecnológicos úteis. (285-91)
16. Todos na nação têm liberdade para serem educados. (291-92)
17. Todas as mulheres do país têm as mesmas liberdades educacionais, econômicas e políticas que os homens. (292-93)
18. Todos na nação, de todas as origens nacionais, religiosas, raciais e étnicas, têm as mesmas liberdades educacionais, econômicas e políticas que aquelas de outras origens. (294-97)
19. Todos na nação têm liberdade para ascender em status social e econômico. (297-300)
20. Todos na nação têm liberdade para enriquecer por meios legais. (301-7)

D. Os Valores da Nação (detalhes no capítulo 9)

1. A sociedade em geral acredita que existe um Deus que responsabilizará todas as pessoas por suas ações. (318-19)
2. A sociedade em geral acredita que Deus aprova vários traços de caráter relacionados ao trabalho e à produtividade. (319-22)
3. A sociedade em geral valoriza a veracidade. (322-24)
4. A sociedade em geral respeita a propriedade privada da propriedade. (324-26)
5. A sociedade em geral honra vários outros valores morais. (326-29)
6. A sociedade em geral acredita que existe o bem e o mal em cada coração humano. (329-30)
7. A sociedade em geral acredita que os indivíduos são responsáveis por suas ações. (330-31)
8. A sociedade em geral valoriza muito a liberdade individual. (331-32)

9. A sociedade em geral se opõe à discriminação contra pessoas com base em raça, sexo ou religião. (332)
10. A sociedade em geral honra o casamento entre um homem e uma mulher. (333-34)
11. A sociedade em geral valoriza a permanência do casamento e tem um baixo índice de divórcios. (334-35)
12. A sociedade em geral acredita que os seres humanos são mais importantes do que todas as outras criaturas da Terra. (335-36)
13. A sociedade em geral acredita que a terra está aqui para uso e benefício dos seres humanos. (336-37)
14. A sociedade em geral acredita que o desenvolvimento econômico é uma coisa boa e mostra a excelência da terra. (337-38)
15. A sociedade em geral acredita que os recursos da terra nunca se esgotarão. (339-40)
16. A sociedade em geral acredita que a Terra é ordeira e sujeita a investigações racionais. (340-41)
17. A sociedade em geral acredita que a terra é um lugar de oportunidades. (341)
18. A sociedade em geral acredita que o tempo é linear e, portanto, há esperança de melhoria na vida dos seres humanos e das nações. (341-42)
19. A sociedade em geral acredita que o tempo é um recurso valioso e deve ser usado com sabedoria. (342-43)
20. A sociedade em geral manifesta um desejo generalizado de melhorar de vida, de fazer melhor, de inovar e de se tornar mais produtivo. (343-44)
21. A sociedade em geral está aberta a mudanças e, portanto, as pessoas trabalham para resolver problemas e tornar as coisas melhores. (344-45)
22. A sociedade em geral honra o trabalho produtivo. (345-48)
23. A sociedade em geral honra pessoas, empresas, invenções e carreiras economicamente produtivas. (348-50)
24. Os proprietários de negócios da sociedade e os trabalhadores em geral veem suas empresas principalmente como um meio de fornecer aos clientes coisas de valor, pelas quais eles serão pagos de acordo com esse valor. (350-51)
25. A sociedade em geral atribui um alto valor à poupança em contraste com o gasto. (351)
26. A sociedade em geral acredita que os ganhos mútuos vêm de trocas voluntárias e, portanto, um negócio é "bom" se ele traz benefícios tanto para o comprador quanto para o vendedor. (351-53)

27. A sociedade em geral valoriza o conhecimento de qualquer fonte e o torna amplamente disponível. (353-54)
28. A sociedade em geral valoriza uma força de trabalho altamente treinada. (354-55)
29. A sociedade em geral assume que deve haver uma base racional para o conhecimento e canais reconhecidos para divulgar e testar o conhecimento. (355-56)
30. A sociedade em geral demonstra uma disposição humilde de aprender com outras pessoas, outras nações e membros de outras religiões. (356-57)
31. A sociedade em geral acredita que o objetivo do governo é servir a nação e trazer benefícios para o povo como um todo. (358-59)
32. A sociedade em geral acredita que o governo deve punir o mal e promover o bem. (359)
33. A sociedade em geral valoriza o patriotismo e reforça um senso comum de identidade e propósito nacional. (359-64)
34. A sociedade em geral considera a família, os amigos e a alegria de viver mais importantes do que a riqueza material. (364-66)
35. A sociedade em geral considera o bem-estar espiritual e o relacionamento com Deus mais importantes do que a riqueza material. (366-67)

BIBLIOGRAFIA

Acemoglu, Daron e James A. Robinson. Por que as nações falham: as origens do poder, prosperidade e pobreza. Nova York: Crown Publishers, 2012.

Aikman, David. O fator Pequim: como o cristianismo está transformando a China e mudando o equilíbrio global de poder. Oxford: Monarch, 2003.

Anderson, Terry. "O direito de possuir propriedade nas reservas." Relatórios PERC 30, no. 2 (verão / outono de 2012).

Aristóteles. Política. Traduzido por H. Rackham. Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1932.

Asmus, Barry. O melhor está por vir. Phoenix: Ameripress, 2001.

Asmus, Barry e Donald B. Billings. Encruzilhada: The Great American Experiment: The Rise, Decline, and Restoration of Freedom and the Market Economy. Lanham, MD: University Press of America, 1984.

Asmus, Barry e Wayne Grudem. "Os direitos de propriedade inerentes ao oitavo mandamento são essenciais para o florescimento humano." In Business Ethics Today: Stealing, editado por Philip J. Clements, 119-36. Filadélfia: Center for Christian Business Ethics Today, 2011.

Axelrod, Robert. A evolução da cooperação. Nova York: Basic Books, 1984.

Banerjee, Abhijit Vinayak et al. Fazendo o trabalho de ajuda. Cambridge, MA: The MIT Press, 2007.

Bastiat, Frederic. Harmonias econômicas. Irvington, NY: Foundation for Economic Education, 1997.

Bauer, PT Equality, the Third World, and Economic Delusion. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1981.

Baumol, William J., Robert E. Litan e Carl J. Schramm. Good Capitalism, Bad Capitalism, and the Economics of Growth and Prosperity. New Haven, CT: Yale University Press, 2007.

BBC Notícias. "Alemanha: usinas nucleares fechadas em 2022." 30 de maio de 2011.http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-13592208.

———. “Muhammad Nazaruddin da Indonésia culpado de corrupção”. 20 de abril de 2012.http://www.bbc.co.uk/news/world-asia-17781379.

Beisner, E. Calvin. Prosperidade e pobreza. Westchester, IL: Crossway, 1988.

———. “Administração em um mercado livre.” Em Morality and the Marketplace, editado por Michael Bauman. Hillsdale, MI: Hillsdale College Press, 1994.

———. Where Garden Meets Wilderness: Evangelical Entry into the Environmental Debate. Grand Rapids: Eerdmans and Acton Institute, 1997.

Berlinski, Claire. Não há alternativa: por que Margaret Thatcher é importante. Nova York: Basic Books, 2008.

Berman, Harold. Lei e revolução: a formação da tradição jurídica ocidental. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983.

Bernstein, William J. O nascimento da abundância: como a prosperidade do mundo moderno foi criada. Nova York: McGraw-Hill, 2004.

Billington, James H. Fogo nas mentes dos homens. Nova York: Basic Books, 1980.

Blomberg, Craig. Nem pobreza nem riquezas. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

Bloom, Josh. “Devem as patentes de produtos farmacêuticos ser estendidas para incentivar a inovação? Sim: a inovação exige isso. ” The Wall Street Journal, 23 de janeiro de 2012.http://online.wsj.com/article/SB10001424052970204542404577156993191655000.html.

Boudreaux, Donald J. “Comparative Advantage.” In The Concise Encyclopedia of Economics, editado por David R. Henderson. Indianapolis: Liberty Fund, 2008.

Brooks, Arthur C. A batalha: como a luta entre a livre empresa e o grande governo moldará o futuro da América. Nova York: Basic Books, 2010.

Carson, Clarence B. “The Founding of the American Republic: 6. The Mercantile Impasse.” The Freeman 22, no. 1 (janeiro de 1972).

Catherwood, HFR The Christian in Industrial Society. Londres: Tyndale Press, 1964.

Agência de Inteligência Central. CIA World Factbook.https://www.cia.gov / library /publications/the-world-factbook/rankorder/2004rank.html.

Chaudhuri, KN The Trading World of Asia and the English East India Company 1660-1760. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 1978.

Claar, Victor. Feira comercial? Suas perspectivas como solução para a pobreza. Grand Rapids: Poverty Cure, 2012.

Clark, JR e Dwight R. Lee. “Mercados e moralidade.” Cato Journal 31, no. 2 (inverno de 2011).

Coleson, Edward. “Capitalismo e moralidade”. Em The Morality of Capitalism,

editado por Mark W. Hendrickson. Irvington, NY: Foundation for Economic Education, 1996.

Collier, Paul. O bilhão inferior: por que os países mais pobres estão falhando e o que pode ser feito a respeito. Oxford: Oxford University Press, 2007.

Corbett, Steve e Brian Fikkert. Quando ajudar dói: como aliviar a pobreza sem prejudicar os pobres - e a si mesmo. Chicago: Moody, 2009.

Courtois, Stephane e Mark Kramer. O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror, Repressão. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.

Cox, W. Michael e Richard Alm. "Destruição criativa." In The Concise Encyclopedia of Economics, editado por David R. Henderson. Indianapolis: Liberty Fund, 2008.

Das, Gucharan. Índia Não consolidado. Nova York: Alfred Knopf, 2001.

Denny, Charlotte. “Suharto, Marcos e Mobutu encabeçam a tabela de corrupção com golpes de US $ 50 bilhões.” The Guardian (Reino Unido), 26 de março de 2004.http://www.guardian.co .uk / world / 2004 / mar / 26 / indonesia.philippines.

De Soto, Hernando. O mistério do capital: por que o capitalismo triunfa no Ocidente e falha em todos os outros lugares. Nova York: Basic Books, 2000.

Diamond, Jared. Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas. Nova York: WW Norton, 1999.

Dillard, Dudley, Desenvolvimento Econômico da Comunidade do Atlântico Norte: Introdução Histórica à Economia Moderna. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1967.

Drescher, Seymore e Stanley L. Engerman. Um guia histórico para a escravidão mundial. Oxford: Oxford University Press, 1998.

D'Souza, Dinesh. O que há de tão bom na América. Nova York: Penguin, 2002.

Easterly, William. The Elusive Quest for Growth: Economists 'Adventures and Misadventures in the Tropics. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001.

———. O fardo do homem branco: por que os esforços do Ocidente para ajudar o resto fizeram tanto mal e tão pouco bem. Nova York: Penguin, 2006.

Evans, M. Stanton. O tema é liberdade: religião, política e tradição americana. Washington: Regnery, 1994.

Ferguson, Niall. Civilização: O Ocidente e o Resto. Nova York: Penguin, 2011.

Forbes, Steve e Elizabeth Ames. Como o capitalismo nos salvará: por que pessoas e mercados livres são a melhor resposta na economia de hoje. Nova York: Crown Business, 2009.

Friedman, Benjamin. As consequências morais do crescimento econômico. Nova York: First Vintage Books, 2005.

Friedman, Milton. Capitalismo e liberdade: a visão de um importante economista sobre o papel adequado do capitalismo competitivo. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

———. "Criado igual." Livre para escolher série de palestras em vídeo, Parte 5.www.freeto Choose.tv.

———. “A Experiência de Hong Kong.” Hoover Digest 3, 30 de julho de 1998. http: // www .hoover.org / publicações / hoover-digest / article / 7696.

Friedman, Milton e Rose Friedman. Livre para escolher: uma declaração pessoal. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1980.

“De Herói a Valete.” The Economist, 25 a 31 de agosto de 2012. http: // www .economist.com / node / 21560872.

Gilder, George. Riqueza e pobreza. Nova York: Basic Books, 1981.

Gorman, Linda. "Discriminação." In The Concise Encyclopedia of Economics, editado por David R. Henderson. Indianapolis: Liberty Fund, 2008.

Gresham, Perry E. “Think Twice Before You Disparage Capitalism.” The Freeman 27, no. 3 (março de 1977).http://www.thefreemanonline.org/features/think - duas-vezes-antes-de-depreciar o capitalismo /.

Griffiths, Brian. A criação de riqueza. Londres: Hodder e Stoughton, 1984.

Grudem, Wayne. Negócios para a glória de Deus. Wheaton: Crossway, 2003.

———, editor geral. ESV Study Bible. Wheaton: Crossway, 2009.

———. Política - de acordo com a Bíblia. Grand Rapids: Zondervan, 2010.

Convidado, Robert. O continente acorrentado: passado, presente e futuro da África. Londres: Macmillan, 2004.

Gwartney, James e Richard L. Stroup. Economia: Escolha Pública e Privada. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1987.

Gwartney, James, Robert Lawson e Joshua Hall. Liberdade econômica do mundo: Relatório anual de 2012. Vancouver, BC: Fraser Institute, 2012.

Haber, Stephen, Douglass C. North e Barry R. Weingast. “A armadilha da pobreza”. Hoover Digest 4 (30 de outubro de 2002).

Hanwerker, W. Penn. “Corrupção fiscal e economia moral da aquisição de recursos”. Em Research in Economic Anthropology, editado por Barry L. Isaac. Greenwich, CT: JAI Press, 1987.

Hardin, Garrett. "A tragédia dos comuns." Science 162, no. 3859 (1968).

Harrison, Lawrence E. The Central Liberal Truth: Como a política pode mudar uma

cultura e salvá-la de si mesma. Oxford: Oxford University Press, 2006.

Hayek, Friedrich A. The Road to Serfdom. Chicago: University of Chicago Press, 1944. Reimpressão, Washington: Heritage Foundation, 1994.

———. “O Uso do Conhecimento na Sociedade.” American Economic Review 35, no. 4 (setembro de 1945).

Heckscher, Eli. Mercantilismo. 2 vols. Nova York: Macmillan, 1955.

Comissão HELP (ajudando a melhorar a subsistência das pessoas ao redor do mundo). Report on Foreign Assistance Reform (7 de dezembro de 2007), 24. http: //www.americanprogress .org / wp -content / uploads / issues / 200 7/1 2 / pdf / beyond_assistence .pdf.

Henderson, David R. “Rent Coming.” In The Concise Encyclopedia of Economics, editado por David R. Henderson. Indianapolis: Liberty Fund, 2008.

Hessen, Robert. "Capitalismo." In The Concise Encyclopedia of Economics, editado por David R. Henderson. Indianapolis: Liberty Fund, 2008.

Hill, Austin e Scott Rae. As virtudes do capitalismo: um argumento moral para mercados livres. Chicago: Northfield, 2010.

Hill, PJ “Environmental Problems under Socialism.” Cato Journal 12, no. 2 (outono de 1992).

———. “Mercados e moralidade.” Em The Morality of Capitalism, editado por Mark W. Hendrickson. Irvington, NY: Foundation for Economic Education, 1996.

iPolitics. “Ex-funcionário de banco da Indonésia considerado culpado de suborno.” 27 de setembro de 2012.http://www.ipolitics.ca/2012/09/27/ex-indonesia-bank-official-found -culpada-de-suborno /.

Kaidantzis, Janet Beales. “Direitos de propriedade para 'Vila Sésamo'”. In The Concise Encyclopedia of Economics, editado por David R. Henderson. Indianapolis: Liberty Fund, 2008.

Keynes, John Maynard. Consequências econômicas da paz. Nova York: Harcourt, Brace e Howe, 1920.

Khama, Seretse. “Por que desisti do meu trono por amor”. Ebony 6, no. 8 (junho de 1951).

Kidd, Thomas. Deus da Liberdade: Uma História Religiosa da Revolução Americana. Nova York: Basic Books, 2010.

Kirzner, Israel. Competição e Empreendedorismo. Chicago: University of Chicago Press, 1973.

Laffer, Arthur. “A curva de Laffer: passado, presente e futuro.” The Heritage Foundation Backgrounder, no. 176 (1 ° de junho de 2004).

LaHaye, Laura. “Mercantilismo.” In The Concise Encyclopedia of Economics,

editado por David R. Henderson. Indianapolis: Liberty Fund, 2008.

Landes, David S. A Riqueza e a Pobreza das Nações: Por que Alguns São Tão Ricos e Outros Tão Pobres. Nova York: WW Norton, 1999.

Larson, Jeffrey H. "The Verdict on Cohabitation vs. Marriage". Marriage and Families, January 2001. http: // marriageandfamilies.byu .edu / issues / 2001 /January/cohabitation.aspx.

Lerman, Robert I. "Como o casamento, a coabitação e a paternidade solteira afetam as dificuldades materiais de famílias com crianças?" 1 ° de julho de 2002.http://www.urban.org/publications/410539.html.

———. "O casamento e o bem-estar econômico das famílias com crianças: uma revisão da literatura." 1 ° de julho de 2002.http://www.urban.org/publications /410541.html.

———. "Married and Unmarried Parenthood and Economic Well-Being: A Dynamic Analysis of a Recent Cohort." 1 ° de julho de 2002.http://www.urban.org / publicações / 41054 0.html.

Locke, John. O Segundo Tratado de Governo Civil. Em Locke, Berkeley, Hume. Grandes Livros do Mundo Ocidental, vol. 35, editado por Robert Maynard Hutchins e Mortimer J. Adler. Londres: Oxford University Press, 1952.

Lomborg, Bjorn. The Skeptical Environmentalist. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2001.

Makarewicz, Joseph C. e Paul Bertram. "Provas para a restauração do ecossistema do Lago Erie." BioScience 41 (janeiro de 1991).http://www.epa.gov /greatlakes/monitoring/publications/articles/restore_lake_erie.pdf.

Mankiw, N. Gregory. Princípios de Economia. Orlando, FL: Dryden Press, 1998.

Maranz, David. Amigos africanos e questões financeiras. Dallas: SIL International,

2001. Marx, Karl. Crítica do Programa Gotha. Rockville, MD: Wildside Press, 2008.

———. Das Capital. Washington: Regnery, 2000.

Marx, Karl e Friedrich Engels. Manifesto Comunista. 1848; reimpresso, New York: Monthly Review Press, 1968.

———. The Marx-Engels Reader. Editado por Robert C. Tucker. Nova York: Norton, 1972.

Mauldin, John e Jonathan Tepper. Fim do jogo: O fim do superciclo da dívida e como isso muda tudo. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2011.

McCloskey, Dierdre. Dignidade burguesa. Chicago: University of Chicago Press,

2010. Meltzer, Milton. Slavery: A World History. Cambridge, MA: Da Capo Press,

1993. Middelmann, Udo. Cristianismo versus religiões fatais na guerra contra a

pobreza.

Colorado Springs: Paternoster, 2007.

Miller, Darrow L. e Stan Guthrie. Discipulando Nações: O Poder da Verdade para Transformar Culturas. Seattle: JOCUM, 1998.

Miller, Terry, Kim R. Holmes e Edwin Feulner, editores. Índice de liberdade econômica de 2012. Washington: Heritage Foundation / Nova York: The Wall Street Journal, 2012.

Milton, Giles. Ouro branco: a história extraordinária de Thomas Pellow e um milhão de escravos brancos do Islã. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2004.

Moore, Stephen. Quem é o mais bonito de todos? Nova York: Encounter Books, 2012.

Moore, Stephen e Julian Simon. Está cada vez melhor: as maiores tendências dos últimos 100 anos. Washington: Cato Institute, 2000.

Moyo, Dambisa. Dead Aid: Por que a ajuda não está funcionando e como há um caminho melhor para a África. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2009.

Mungazi, Dickson. Não Devemos Fracassar: Valores na Liderança Nacional de Seretse Khama, Nelson Mandela e Julius Nyerere. Trenton, NJ: Africa World Press, 2005.

Murray, Charles A. In Pursuit ofHappiness and Good Government. Nova York: Simon e Schuster, 1989.

National Tax Journal. "Mobilidade de Renda nos Estados Unidos: Novas Evidências de Dados de Imposto de Renda." 62, não. 2 (junho de 2009).

Norberg, Johan. Em defesa do capitalismo global. Washington: Cato Institute, 2003.

North, Douglass C. e Robert Paul Thomas. The Rise of the Western World: A New Economic History. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1976.

Novak, Michael. O Espírito do Capitalismo Democrático. Nova York: Simon e Schuster, 1982.

Oheson, James R. "An Audacious Promise: The Moral Case for Capitalism." Manhattan Institute no. 12 (maio de 2012).

Parke, Mary. "Os pais casados são realmente melhores para os filhos?" Centro de Direito e Política Social, maio de 2003.http: //www.clasp .org / admin / site / publicações _arquivo / arquivos / 0128.pdf.

Peron, James. "The Sorry Record of Foreign Aid in Africa." The Freeman 51, no. 8 (agosto de 2001).http://www.thefreemanonline.org/features/the-sorry -record-of-Foreign-aid-in-africa /.

Powell, Jim. O triunfo da liberdade. Nova York: Free Press, 2000.

Prager, Dennis. Ainda é a melhor esperança. Nova York: HarperCollins, 2012.

Prahalad, CK A Fortuna na Base da Pirâmide. Upper Saddle River, NJ: Wharton, 2005.

Rabushka, Alvin. “Tributação, crescimento econômico e liberdade.” Cato Journal 7, no. 1 (primavera / verão 1987).

Rahn, Richard W. “Price Controls Can Be Lethal.” Washington Times, 28 de outubro de 2003.http://www.washingtontimes.com/news/2003/oct/28/20031028 - 083515-6228r /? Page = all.

Leia, Leonard. I, Pencil: Minha árvore genealógica conforme contada a Leonard E. Read. Irvington, NY: Foundation for Economic Education, 2006.

Reagan, Ronald. Discurso "Controle da invasão" dado à Câmara de Comércio, Phoenix, Arizona, 30 de março de 1961.

Reitor, Robert. “Casamento: a maior arma da América contra a pobreza infantil”. Relatório Especial da Heritage Foundation, 5 de setembro de 2012.http: //www.heritage .org / research / reports / 2012/09 / casamento-americas-maior-arma-contra-pobreza infantil # _ftn1.

Regnerus, Mark. “Quão diferentes são os filhos adultos de pais que têm relacionamentos do mesmo sexo? Descobertas do Estudo de Novas Estruturas Familiares. ” Social Science Research 41 (2012). http: //www.sciencedirect .com / science / article / pii / S0049089X12000610.

Richards, Jay W. Dinheiro, ganância e Deus: por que o capitalismo é a solução e não o problema. Nova York: HarperOne, 2009.

Ridley, Matt. The Rational Optimist: How Prosperity Evolves. Nova York: HarperCollins, 2010.

“O conto de fadas de Romney Hood.” The Wall Street Journal, 8 de agosto de 2012, seção Review and Outlook.

Rothbard, Murray N. “Mercado Livre”. In The Concise Encyclopedia of Economics, editado por David R. Henderson. Indianapolis: Liberty Fund, 2008.

———. “Mercantilism: A Lesson for Our Times.” The Freeman 13, no. 11 (novembro de 1963).https://mises.org/daily/4304.

Sachs, Jeffrey. O Fim da Pobreza. Nova York: Penguin, 2005.

Sawyer, John E. “Entrepreneurial Error and Economic Growth.” Explorations in Entrepreneurial History 4 (maio de 1952).

Schluter, Michael e John Ashcroft. Manifesto do Jubileu: Uma Estrutura, Agenda e Estratégia para a Reforma Social Cristã. Leicester, Reino Unido: Inter-Varsity, 2005.

Schmidt, Alvin. Como o cristianismo mudou o mundo. Grand Rapids: Zondervan,

2004.

Schumpeter, Joseph A. Capitalism, Socialism, and Democracy. Taylor & Francis eLibrary, 2003.

Sharansky, Natan. The Case for Democracy. Nova York: Public Affairs, 2004.

Shenfield, Arthur. "Capitalismo sob os testes de ética." Imprimis 10, no. 12 (dezembro de 1981).

Sider, Ron. Cristãos ricos em uma era de fome. Nashville: Thomas Nelson, 2005.

Simon, Julian, editor. O Estado da Humanidade. Oxford, UK / Cambridge, MA: Blackwell, 1995.

———. The Ultimate Resource 2. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1996.

Singh, Manmohan. Discurso proferido na Oxford University, em 8 de julho de 2005, sobre a aceitação de um título honorário. Transcrição publicada no The Hindu. http: // www .hindu.com / nic / 0046 / pmspeech.htm.

Sirico, Robert. Defendendo o mercado livre: o argumento moral para uma economia livre. Washington: Regnery, 2012.

Smith, Adam. Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações. Editado por Edwin Cannan. 1776; reimpresso em New York: Modern Library, 1994.

Sowell, Thomas. Conhecimento e decisões. Nova York: Basic Books, 1980.

Spence, Michael. The Next Convergence: The Future of Economic Growth in a Multispeed World. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2011.

Stanley, Thomas e William Danko. The Millionaire Next Door. Nova York: Pocket Books, 1996.

Stanton, Evan M. O tema é liberdade: religião, política e tradição americana. Washington: Regnery, 1994.

Stern, Sheldon M. "The Atlantic Slave Trade - The Full Story." Questões acadêmicas (verão de 2005).

Suddath, Claire. "É ilegal que monges vendam caixões na Louisiana." Bloomberg Businessweek, 1 de junho de 2012.http://www.businessweek.com/articles/2012-06 -01 / its-ilegal-for-monges-para-vender-caixões-em-louisiana.

Taurel, Sidney. "Tire as mãos da minha indústria". The Wall Street Journal, 3 de novembro de 2003.

Tempo. "Sistema de esgoto da América e o preço do otimismo." 1 ° de agosto de 1969.http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,901182,00.html.

Tempo. "Guerra aos Ratos." 31 de maio de

1976.http://www.time.com/time/magazine/article /0,9171,947662,00.html.

Nações Unidas. Relatório da ONUSIDA sobre a Epidemia Global de SIDA 2010, 180-207.http://www.unaids.org/globalreport/Global_report.htm.

Departamento do Tesouro dos EUA. "Mobilidade de Renda nos Estados Unidos: 1996– 2005," 13 de novembro de 2007.http://www.treasury.gov/resource-center/tax -policy / Documents / incomemobilitystudy03-08revise.pdf.

Viner, Jacob. Estudos em Teoria do Comércio Internacional. Nova York: Harper and Brothers, 1937.

Von Mises, Ludwig. Ação Humana: Um Tratado de Economia. Chicago: Henry Regnery, 1966.

Waite, Linda J. e Maggie Gallagher. O caso do casamento: por que as pessoas casadas são mais felizes, mais saudáveis e em melhor situação financeira. Nova York: Doubleday, 2000.

Wallerstein, Judith S. e Sandra Blakeslee. Segunda chance: homens, mulheres e crianças, uma década após o divórcio. Nova York: Ticknor & Fields, 1989.

Weber, máx. A ética protestante e o espírito do colonialismo. Traduzido por Talcott Parsons. 1930. Reimpresso, Los Angeles: Roxbury, 1996.

Wilcox, W. Bradford. Por que o casamento é importante: vinte e uma conclusões das ciências sociais. Nova York: Institute for American Values, 2002.

Williams, Susan. Barra de cores: O triunfo de Seretse Khama e sua nação. Londres: Penguin, 2006.

Organização Mundial da Saúde. "Registro epidemiológico semanal" (agosto de 2012): 289.http://www.who.int/wer/2012/wer8731_32.pdf.

Wriston, Walter B. Risk and Other Four-Letter Words. Nova York: Harper and Row, 1986.

Yergin, Daniel. A busca: energia, segurança e a reconstrução do mundo moderno. Nova York: Penguin, 2011.

Zupan, Mark A. "The Virtues of Free Markets." Cato Journal 31, no. 2 (primavera / verão 2011).

ÍNDICE GERAL

aborto, 326-27 Abraão, 360 abstinência, 242 abundância, 41 responsabilidade, 318 na Bíblia, 206 do governo, 236-39 de indivíduos, 330 promoção de, 193
Acemoglu, Daron, 34, 35n19, 65-66, 71, 81-82, 88, 89, 213-14, 230, 236, 239, 241-42, 248, 249, 270-71, 309-15
realização, 218-21
Adam, 59, 72-73, 165, 189, 217, 252, 262, 283, 294, 332-33, 336 adultério, 154, 327
Afeganistão, 230
Conquista colonial da África, 86-88
corrupção em, 224 ajuda externa para, 66-67, 71 controle do governo em, 232 nepotismo em, 280 pobreza em, 302 propriedade tribal em, 146-48 abuso de ricos em, 76
Acabe, 143 Assuero, 40 socorros. Veja ajuda externa
AIDS, 242, 257, 327, 333-34 Albânia, 46, 149 alcoolismo, 146
Argélia, 296
Ames, Elizabeth, 137 Ananias, 144
"Anglobalização", 269 animais, 335
animismo, 316n27, 338 ansiedade, 39
apóstolos, 236, 237
Aquila, 165 Aral Sea, 251 Argentina, 148, 158, 354 aristocracia, 237-38, 298 Aristóteles, 115
Armênia, 248 armas, 233 Arrow, Kenneth, 34 Asmus, Barry, 27 desenvolvimento comunitário baseado em ativos (ABCD), 31 Austrália, 136, 192 autoritarismo, 122, 125, 214

Banerjee, Abhijit, 36-37, 70, 153-54
barreiras, 264-67, 270-71
Bates, Robert H., 37 Bathsheba, 154, 226, 235 Bauer, PT, 34, 86-88, 90, 96, 101-3
Baumol, William J., 34, 211-13 Beisner, Calvin, 133n4
Bélgica, 84 pertencentes, 362 Berlinski, Claire, 197-98
Berman, Harold, 114 Bernstein, William, 81 Bezalel, 165
Bezos, Jeff, 304 viés, Bíblia 227
sobre suborno, 273
comandos de, 37-38
em dívidas, 90-91
sobre ajuda externa, 72-74
na liberdade, 139-40
em bens e serviços, 59-61
em juízes, 227
na propriedade, 124, 142-44
sobre riqueza, 104-6, 215 biologia, 30

amargura, 365
bênçãos, 72, 261, 349
Botswana, 81-82, 232, 313-15
burguesia, 122, 123n36
Brasil, 46
suborno, 76, 100, 227-29, 272-75, 359
Grã-Bretanha
e colonização, 84-85
liberdade de, 261
e Revolução Industrial, 56-58, 62, 100, 344
mercantilismo de, 120, 269 renda per capita de, 46 produtividade de, 343
Brooks, Arthur C., 74, 193
Brown, Gordon, 66
Brozen, Yale, 199
Buchanan, James, 199
Budismo, 346, 366n109
Bulgária, 248 negócios, 269-71
comprando, 263-64

Camboja, 125
Camarões, 265-66
Canadá, 46, 136, 192 capitalismo, 136-38, 180, 195 como falso, 149, 152, 211-15 vs. socialismo, 176, 197-98
Carnegie, Andrew, 304
catástrofes, 67
Catherwood, Frederick, 304 centralização, 230 mudança, 284-85, 344-45, 350
caridade, 95, 186, 197-98 trapaça, 154, 305
Chernobyl, 251-52
crianças, 334, 365
Chile, 46, 58, 136, 158
China
suborno em, 275
capitalismo de, 212, 214-15
e crianças, 334 comunismo de, 125-26, 146, 210, 331
e confucionismo, 353 governo de, 231-32 crescimento de, 46, 57, 138-39, 284-85 e inflação, 158
e conhecimento, 286-87, 289-90, 355-57
e produtividade, 224-25
e propriedade, 148 escolha, 126, 189-90
Cristandade, 317, 354 Christian Aid, 138
Cristianismo, 166 guerras civis, 248-50
Claar, Victor, 94-95 relógios, 224-25, 287, 343 café, 92-95 Coleson, Edward, 203
colateralização, 153 coletivismo, 122
estudantes universitários, 33 Collier, Paul, 28-29, 32-33, 34, 69, 95, 137-38, 228, 250, 269
Colômbia, 46 colonialismo, 84-90
Colombo, Cristóvão, 287 dumping de mercadorias, 97-99 graça comum, 165, 187, 330 comunismo
em Atos ?, 143-44 corrupção em, 228
definição de, 121-26 em igualdade, 50, 75
e liberdade, 331 e motivação, 301-2 em propriedade, 146 comunidade, 362
desenvolvimento comunitário, 31
vantagem comparativa, 62, 167 -72, 173
competência, 279 competição, 180-82, 199, 270 conflito, 71
Confucionismo, 289, 353 Constituição, 232-35, 263 consumidores, 119, 179, 181-82, 199-200 contingência, 311-13
contratos, 155, 242-43, 298, 323 Coolidge, Calvin, 161 cooperação, 180- 82, 191-92, 202 Copernicus, 288 copyright, 243-46
Corbett, Steve, 27, 31, 39, 42, 321
corrupção, 192-93, 224, 227-29, 274-75, 359
Cortez, Hernando, 79, 248 algodão, 56-57, 62 golpes, 29 sistema judicial, 227
cortesia, 190, 201-2, 328 cobiça, 327-28
criação, 226n5 criacionismo, 203-4
destruição criativa, 167, 172- 73, 183
criatividade, 52-54, 60, 165-67, 277, 345
crime, 29, 239-41, 298, 305 crítica, 363-64
capitalismo de compadrio, 76, 359
crueldade, 337
Cuba, 75, 125, 136, 146, 210, 248, 331
equalizadores culturais, 35 mandato cultural, 59-60 cultura, 309-10, 315-17
moeda, 155-58
República Tcheca, 248

Danko, William, 299
David, 154, 226, 235, 237, 247, 336-37
Deaton, Angus, 68, 91 dívidas, 128
perdão de dívidas, 50, 91
Declaração de Independência (1776), 238, 262
demanda, 51, 62, 92-95, 177 democracia, 81-82, 232, 237-38 República Democrática do Congo, 46, 136
Demsetz, Harold, 199 Dinamarca, 192,

255 dependência, 65-69, 72-74, 185, 186
depressão, 39 dessalinização, 339
De Soto, Hernando, 34, 115, 149-53, 271
desespero, 39
países em desenvolvimento, 159, 291
Diamond, Jared, 36 ditadura, 125, 237
dignidade, 188
Dillard, Dudley, 117-18 discriminação, 294, 332 doença, 241-42, 257
desonestidade, 193, 318 disparidade, 35
distribuição, 46 divórcio, 256-57, 334-35
domínio, 59, 72, 217, 252, 281 , 283, 335-38
abuso de drogas, 146 comércio de drogas, 76 D'Souza, Dinesh, 202-3
"Comunismo primitivo" em Atos ?, 143-44
obteve sucesso, 74-75, 193-95, 201 terra, 335-41
Easterly, William, 28, 34, 36, 66, 88-89, 91-92, 322 desenvolvimento econômico, 335-38 mobilidade econômica, 297-300 economia, 30 educação, 49n7, 185-86, 253-56, 291-92, 316, 353-56 eleições, 233
El Salvador, 46 energia, 280-84
Engels, Friedrich, 121-24, 146 língua inglesa, 255-56 empresa, 137 direitos, 127, 211 empresários, 63, 167, 178-79, 182-85, 348 ambiente, 110, 196-97, 250-52, 281, 335-41 igualdade, 49-50, 75, 123, 126-29, 210-11, 226n5, 297 Eritreia, 136 Esther, 40 Etiópia, 46, 68 União Europeia, 128
evangelismo, 26, 290 Evans, M. Stanton, 112-13 Eve, 59, 72, 73, 165, 189, 217, 252, 262, 283, 294, 332-33, 336 mal, 187-88, 230, 319, 329-30, 359 evolução, 203-4 troca, 54-55, 132-33 ramo executivo, 234
especialistas, 36 exploração, 303 extorsão, 76 instituições extrativistas, 88, 89
Ezequiel, 143

justiça, 205-6 movimento de comércio justo, 51-52, 94-95 família, 256-57, 332-35, 364-66 fome, 109 subsídios agrícolas, 97-98 fatalismo, 35-36, 344, 345
favoritismo, 78, 227, 229 medo, 39
Ferguson, Niall, 34, 86, 127, 166, 269, 295 feudalismo, 116-18, 277, 298
moeda fiduciária, 156
Fikkert, Brian, 27, 31, 39, 42, 321
disparando, 278-79
florescente, 111, 134, 193, 206
Fogel, Robert, 276 folclore, 355
Food for the Hungry, 26 Forbes, Steve, 137
Ford, Henry, 304 ajuda estrangeira, 29, 35, 49, 65-71 invasão estrangeira, 246-48
França, 84, 265 fraude, 134, 155 liberdade, 50, 134, 232-33
  na Bíblia, 139-40 para o crescimento econômico, 260-63
  de indivíduos, 331-32 promoção de, 188-91
  da religião, 258, 294-97, 307 para o comércio, 267-69
  de riqueza, sistema de mercado livre 301-7
  definição de, 108, 129, 131-34 funções de, 184
  sinalização de, 174-77
Friedman, Benjamin, 297-98
Friedman, Milton, 50, 58, 129, 137, 157, 158, 163-64, 198
amigos, 364-66 frustração, 365

Galbraith, John Kenneth, 34
Galileo, 288 Gama, Vasco da, 287
Gates, Bill, 304 encontro, 109 gênero, 332
generosidade, 318 geografia, 36
Realizações da Alemanha de, 364 e colonização, 84 educação na, 255 e União Europeia, 129 e ajuda externa, 71 e inflação, 158 renda per capita de, 46 e viagens, 264-65 hábitos de trabalho de, 347
Gana, 46, 88
Gilder, George, 165-67, 199, 277
Coeficiente de Gini, 212-13
Revolução Gloriosa (1688), 311-13
Deus
  crença em, 315, 318-19
  glória de, 220-21
  providência de, 133, 209
  relacionamento com, 366 vontade de, 262
Goeltom, Miranda Swaray, 275 Regra de Ouro, 202, 208, 350
Golias, 247
bom, 359 bens e serviços, 47, 52, 55, 59-61,

77
boas obras, 37
Gorman, Linda, 294
governo
responsabilidade de, 236-39
como limitado, 230-33
dos países pobres, 96
poder de, 229-33 objetivo de, 78, 358-59 regulamento de, 271-72 restrições de, 145 separação de poderes em, 234-36
gratidão, 363
Grécia, 128
ganância, 105, 173, 188, 195-96, 208-9, 338, 365
Griffiths, Brian, 208 produto interno bruto (PIB), 47-55,
184-85, 320-21
crescimento, liberdade para, 260-63
Grudem, Wayne, 27, 132-33
Guatemala, 46
Convidado, Robert, 265-66 guildas, 276-77
Gutenberg, Johannes, 286
Guthrie, Stan, 255
Gwartney, James, 160-61

Haber, Stephen, 234
Haiti, 46, 230, 355 felicidade, 111, 238
Hardin, Garrett, 116
Harrison, Lawrence E., 34, 201-2, 316, 320-21, 328
Harvey, William, 287
Hawking, Stephen, 73n23
Hayek, Friedrich A., 133, 175, 176, 188-89, 198
saúde, 316 evangelho de saúde e riqueza, 321 desamparo, 39
Henderson, David R., 274 histórias de heróis, 348
Hill, Austin, 137
Hill, PJ, 203, 205-6, 250-51 Hinduism, 255, 336, 366n109 hiring, 278-79
Hitler, Adolf, 247, 364 homossexualidade, 257, 333 Honduras, 46, 48, 226
honestidade, 324
Hong Kong, 136, 192, 347 desesperança, 39 hospitalidade, 318
Hugo, Victor, 126
Huguenotes, 295 realizações humanas, 218-21 florescimento humano, 111, 134, 193, 206 liberdade humana, 113
humanidade, 189-90
natureza humana, 132, 329-32 direitos humanos, 127, 128, 205 humilhação, 39
humildade, 356-57
Hungria, 46, 248 caça, 109
Hussein, Saddam, 226, 248, 364

ociosidade, 73, 127
Ieyasu, Tokugawa, 357 ignorância, 316
analfabetismo, 253-55, 293 doença, 78-79
imagem de Deus
e criatividade, 60, 165, 219 e igualdade, 210, 226n5, 294, 332 e liberdade, 139, 189-91
e pobreza, 39 e propriedade, 206 e interesse próprio, 208 e escravidão, 113 mulheres como, 294 imaginação, 166
imigração, 295 imoralidade, 305
imparcialidade, 227 imperialismo, 84
melhoria, 181, 341-44 incentivos, 244, 277-78, 301-2 instituições inclusivas, 310-13, 315 mobilidade de renda, 201, 299-300
Índia
capitalismo de, 212 colonização de, 85, 88 corrupção de, 192, 228 Hinduísmo de, 335-36 crescimento de, 57-58 e modernização, 285, 349, 356 renda per capita de, 46 e propriedade, 148
e mobilidade social, 297 indiferença, 298
individualismo, 188-89, 297 indivíduos, 26, 331-32 Indonésia, 275, 347 Revolução Industrial (1770-1870)
e algodão, 56-57
e domínio, 337
e inovação, 343-44
e conhecimento, 289, 340
e maquinário, 284, 353
e estado de direito, 226
propagação de, 100
e transporte, 264
riqueza de, 127, 298 desigualdade, 210-11 inferioridade, 39 inflação, 157-58
informação, 285-91 engenhosidade, 339
injustiça, 316 inovação, 63, 169, 180-83, 245, 277,
344, 350 Inquisição, 288, 353, 356
integridade, 191-92 propriedade intelectual, 243-46 interesse, 73 Internet, 291
intervenção, 29 intuição, 166 invasão, 246-48 invenção, 218-19, 245 mão invisível, 141, 164-65, 203 Irã, 136, 364 Iraque, 248

Irlanda, 136 Islã
e suborno, 275
corrupção em, 228 fatalismo de, 344, 345 e liberdade, 258 analfabetismo de, 255, 293 e conhecimento, 286-87, 341, 353-55 vs. outras religiões, 307 e valores, 366n109 isolamento, 39, 268
Israel, 46 Itália, 230

Jacob, 73 Jamaica, 46 James, 219-20, 236, 306 James II, 313
Japão
e automóveis, 62-63, 172 capitalismo de, 212 e crianças, 334 crescimento de, 57 isolamento de, 268-69, 289, 357 patriotismo de, 359-60 renda per capita de, 46 mobilidade social em, 297 riqueza de, 50 e mulheres, 293 ética de trabalho de, 346-47 Jesus Cristo
sobre apóstolos, 236 mandamentos de, 37 sobre evangelismo, 290 sobre casamento, 333, 334 sobre dinheiro, 367 sobre vizinhos, 60-61, 202 no prazo, 342 sobre verdade, 354 sobre riqueza, 42
Jezabel, 143 Jó, 321, 361 Jobs, Steve, 304 joy, 41, 364-66 Jubilee, Year of, 142, 261-62, 331 Judaísmo, 366n109 juízes, 227 julgamento, 261, 318, 342 judiciário, 234 justiça, 78, 200, 226, 240 , 316 kabash, 59, 217, 336 Kagame, Paul, 70 Kennedy, John F., 161
Quênia, 88
Keynes, John Maynard, 158
Khama, Seretse, 82, 314-15 bondade, 318
Kirzner, Israel, 175-76, 178
Klemp, Katherine Hussman, 204-5 Knight, Frank, 199 conhecimento, 175-76, 285-91, 353-56 Kosovo, 248

Laban, 73
mercado de trabalho, 103-4
Curva de Laffer, 160-62
LaHaye, Laura, 118-19
Landes, David S., 33-34, 56-57, 79-80, 84-85, 100, 107-8, 148, 224-58, 261-99, 317, 319-20, 324, 340-47, 354
preguiça, 105, 298 liderança, 40-41 ramo legislativo, 234 Leibniz, Gottfried, 288
Lenin, Vladimir, 125 virtudes menores, 201-2, 328 nivelamento, 302-3 Levine, Ruth, 70 liberdade, 260-63, 316, 331, veja também liberdade
Líbia, 136
expectativa de vida, 47n3, 110-11 governo limitado, 230-33 necessidades limitadas, 173, 218
Lincoln, Abraham, 40
Litan, Robert E., 34, 211-13 alfabetização, 49n7, 253-55 empréstimos, 90-92, 151, 325
Locke, John, 124 derrotas, sorte 179-80, 311-13, 349
Luther, Martin, 286 mentindo, 192, 305, 322-24

Macedônia, 248
Machel, Samora, 69
maquinário, 285
Malásia, 58, 347
Maranz, David, 147-48, 224, 280, 302-3, 323, 324-25, 328-29
Mariam, Mengistu Haile, 68 valor de mercado, 48 casamento, 256-57, 333-34, 365

Plano Marshall, 71
Marx, Karl, 121-24, 146
Marxismo, 68-69, 101-2, 138, 303
materialismo, 197-98, 206, 215-21, 338
Mauldin, John, 127-28
Maurício, 136
meios de produção, 132 medicina, 245-46
Restauração Meiji, 357 mercantilismo, 118-21 mérito, 279-80
México, 46
microcréditos, 26, 185
Middelmann, Udo, 27n4 classe média, 297
intervenção militar, 29
Miller, Darrow L., 27, 255
Mills, Paul, 43n33 viagens missionárias, 32 economia mista, 135-36 modernização, 284-85 monarquia, 237 dinheiro, 54-55, 155-58 monopólios, 264, 299, 356
na África, 87, 96 culpa por, 103 na China, 232 e guildas, 276
e mercantilismo, 119-21
e recursos, 283 moralidade, 200, 326-29
Moisés, 254, 358 motivação, 301 Moyo, Dambisa, 29, 35, 66-68, 69-70
Moçambique, 69 corporações multinacionais, 51, 103-4 assassinato, 326
Muçulmanos. Ver o islamismo

Mianmar, 136, 192 mitologia, 355

Naboth, 143
Nathan, 154 identidade nacional, 359-64
nacionalismo, 118 nações, foco de, 25-27
Nativos americanos, 146, 336 recursos
naturais, 50, 79-82, 100,
  280-84, 339-40
Nabucodonosor, 237 vizinhos, 60-61
Nepal, 230
nepotismo, 280
Holanda, 84, 192, 255, 276
Newton, Isaac, 287-88
Nova Zelândia, 136, 192
Nigéria, 46, 81
Noah, 360-61
Norberg, Johan, 194-95
North, Douglass, 234, 276
Coreia do Norte
  como ditadura, 125
  liberdade de, 136, 331
  hostilidade de, 248-49
  e patriotismo, 364
  e propriedade, 146
  e religião, 307
  riqueza de, 75
Noruega, 46, 81, 255
Novak, Michael, 126, 137
Nyerere, Julius, 68

Obama, Barack, 207
obediência, 361
obrigação, 363, 364
Oholiab, 165
capitalismo oligárquico, 76, 212, 359
oportunidade, 341
custo de oportunidade, 171
opressão, 39, 83, 122-23, 189, 261, 285
Império Otomano, 32, 112, 248, 286
propriedade, 115, 141-54, 205, 324-25

Paquistão, 46 pais, 326, 365 parcialidade,
229 pastores, 366 patentes, 243-46
paternalismo, 28, 185 patriotismo, 359-64
Paul, 294
  sobre responsabilidade, 330
  na comida, 337, 338
  em boas obras, 37
  no governo, 145, 223, 361
  na ociosidade, 73
  em julgamento, 318, 342
  na liderança, 40
  nas nações, 360
  na parcialidade, 229
  na escravidão, 113

como fazedor-de-tendas, 165 na riqueza, 219, 306 no trabalho, 61, 194, 346, 347-48
Plano PEACE, 26
renda per capita, 45-47, 134
perfeição, 207 desempenho, 279
Peron, James, 68-69 perseguição, 296 ganho pessoal, 156 Peru, 46, 151, 312-13 Peter, 61, 236, 318, 359, 361 farmacêutico indústria, 245-46 Peregrinos, 238
Pizarro, Francisco, 79, 248
planejadores, 36 prazer, 105
pluralidade de anciãos, 236
Polônia, 46, 248 poluição, 250-52
Pol Pot, 125 pobres, ajudando de, 200-201 população, 48
Portugal, 84, 128, 230, 288, 356
pobreza
causas de, 82-83, 105-6 como complexo, 107 definição de, 39, 42
e doença, 78-79 solução para, 28, 29-37, 108 poder, 229-33
impotência, 39 preferências, 179
preços, 177 -78, 350 orgulho, 362, 364 Priscila, 165 produção, 132
produtividade, 169, 206, 220, 282, 345-51 doadores profissionais, 34-35 lucros, 53, 62, 179-80
progresso, 33, 181 proletariado, 123
promoção, 279-80 propriedade
abolição de, 124
na Bíblia, 139, 142-44 como fundamental, 141-42 liberdade de, 263 a respeito de, 324-25
direito a, 49n7, 114-16, 191

prosperidade, 25, 33, 41-43, 107, 134, 220, 316
evangelho da prosperidade, 321
Ética Protestante, 346, 349
Protestantes, 253-54, 313, 319-20, 343
providência, 133, 209, 210 pontualidade, 190, 201-2, 328 punição, 240-41, 305, 359
paridade do poder de compra (PPP), 46n2

Quakers, qualidade 114, 181, 350 cotas, 96, 98, 268-69

Rabushka, Alvin, 159
raça, 332
Rae, Scott, 137
investigação racional, 340-41
Leia, Leonard, 140-41
Reagan, Ronald, 161-62, 331-32
redistribuição de riqueza, 75-79, 193
Reforma, 286, 288, 290 regulamento, 271-72
Roboão, 237
relacionamentos, 43 liberdade religiosa, 258, 294-97, 307, 332
realocação, 267 recursos, 50, 79-82, 100, 280-84, 339-40
responsabilidade, 139, 165, 169n11
de indivíduos, 216, 330
de líderes, 40-41
da humanidade, 336
e propriedade tribal, 114-16
das mulheres, 292-93
revolução, recompensa 123n36, 41, 277-78
Ricci, Matteo, 287
Richards, Jay W., 30, 78-79, 125, 133, 137, 199, 208
Ridley, Matt, 109-10, 169, 200, risco 281-82, 341
Robinson, James A., 34, 35n19, 65-66, 71, 81-82, 88, 89, 213-14, 230, 236, 239, 241-42, 248, 249, 270-71, 309-15
Católicos Romanos, 254, 295-96, 353, 354-55
Romênia, 248
Rothbard, Murray, 119, 132

estado de direito, 134, 154-55, 225-26
Rússia, 75, 158, 192, 212, 232, 298

Sachs, Jeffrey, 29, 35 sacrifício, 363
salvação, 41 relacionamentos do mesmo sexo, 257
Samuel, 143, 229, 237, 358
Safira, 144
Satan, 354
Arábia Saudita, 81
Saul, 235, 237
economia, 351
Schramm, Carl J., 34, 211-13
Schumpeter, Joseph, 167, 172-73, 183
Igreja Bíblica de Scottsdale, 26
Escritura. Ver Bible secularism, 316n27
security, 362, 364 Seko, Mobutu Sese, 71n20 self-control, 196
interesse próprio, 156, 164, 195-96, 208-9
egoísmo, 188, 195-96, 205, 208, 318, 365
venda, 263-64
seminários, 186
Sérvia, 248 servidão, 298 serviço, 181, 350
pureza sexual, 327, 333 vergonha, 39
Sharansky, Natan, 248-49 compartilhando, 205
Shenfield, Arthur, 200
Serra Leoa, 88
pecado, 329-30
Cingapura, 50, 136, 192, 347
Singh, Manmohan, 85-86
Sirico, Robert, 190-91
calúnia, 323
escravidão, 83, 87, 112-14, 189, 261, 316, 331
Slim, Carlos, 270-71
Smith, Adam, 118, 119, 133-34, 164-65, 167-69, 170, 203, 208, 231, 260
socialismo, 36, 126
na África, 87
definição de, 121
vs. capitalismo, 176, 197-98 mobilidade social, 117, 297-300 Solomon, 229, 235, 237, 247 Somália, 46, 68, 230
África do Sul, 88
Coreia do Sul, 46, 58, 249, 346, 347 União Soviética, 124, 126, 146, 210, 250-51, 307, 331
Sowell, Thomas, 199, 209-10 Espanha, 79-80, 84, 128, 230, 288, 356
especialização, 109, 110, 167-74 Spence, Michael, 291 gastos, 351 estabilidade, 157
Stalin, Joseph, 125 padronização, 350
padrão de vida, 25, 172, 209 Stanley, Thomas, 299 capitalismo dirigido pelo estado, 211-12 roubos, 305
suborno como, 274 e contratos, 243
de propriedade intelectual, 244-45 de propriedade, 142, 324-25 de recursos, 100 e estado de direito, 154
Stern, Sheldon M., 112 mordomia
na Bíblia, 216-18, 221, 283 e florescente, 111 e propriedade, 139, 144-45 e ética de trabalho, 320, 337
Stigler, George, 199 Stroup, Richard L., 160-61 males estruturais, 76-77 subsídios, 97-98
agricultura de subsistência, 109-11, 172
superioridade, 321 superstição, 355
abastecimento, 51, 92-95, 177
sobrevivência, 110-11
Suécia, 46, 255 Suíça, 46, 136, 192

Taiwan, 58, 346, 347 talentos, 210-11
Tanzânia, 68 atrasos, 328
tarifas, 90, 96, 98-99, 268-69 tributação, 77, 156-62, 361 evasão fiscal, 161 receitas fiscais, 160-62 tecnologia, 291, 345
tentação, 219-20
Dez Mandamentos, 132, 189, 216, 243, 261, 326-28
Tepper, Jonathan, 127-28 limites de mandato, 233
Tailândia, 347
Thatcher, Margaret, 197-98 roubo, 76, 134, 142-44, 193 teísmo, 316n27
Terceiro Mundo, 101-2, 150
organização, 201-2, 328
tempo, 341-43
Timothy, 229
títulos, 149-50
totalitarismo, 356
comércio, 50-51, 102-3, 110
liberdade para, 267-69
políticas de, 29
“Tragédia dos comuns”, 252 transações, 352 transparência, 275 transporte, 264-67
viagem, 264-67
Trevor-Roper, Hugh, 288
propriedade tribal, 114-16, 146-48 trust, 190

veracidade, 190, 192, 322-24, 354 Tse-tung, Mao, 125, 210
Tullock, Gordon, 199
Turgot, Anne-Robert-Jacques, 276

Uganda, 46
Ucrânia, 46 desemprego, 278-79, 300
Estados Unidos, 46, 136
United States Postal Service, 135 desejos ilimitados, 173, 176, 184, 218
urbanização, 182
Urias, 154
utopia, 207
Uzbequistão, 192

valor, 52-55, 350-51
valores, 326-29, 363
Vanderbilt, Cornelius, 304
Vasquez, Ian, 70-71 vegetarianismo, 203-4
Venezuela, 136, 192
Viner, Jacob, 119
violência, 200
virtude, 190
como interpessoal, 198-202

promoção de, 191-98 da sociedade, 202-6 falta de voz, 39 troca voluntária e cooperação, 182 liberdade de, 188 e natureza humana, 132-33 e virtudes menores, 201 e veracidade, 192-93 como ganha-ganha, 209, 351-53 vodu, 355

salários, 104-5 Warren, Rick, 26
Washington, George, 40 Watt, James, 289
riqueza, 45n1, 301-7 nações ricas, 32-33 armas, 233 Weber, Max, 319 Wedgwood, Josiah, 114 Weidenbaum, Murray, 199
Weingast, Barry, 234 bem-estar, 200 estado de bem-estar, 126-29 maldade, 39
Wilberforce, William, 114 William of Orange, 313 Williams, Susan, 314 ganha-ganha, 209, 351-52 mulheres, 292-93 trabalho, 194 , 345-51 como bênção, 73 liberdade para, 275-77 sistema econômico mundial, 92-99 cosmovisão, 340, 366n109 Primeira Guerra Mundial, 158 Segunda Guerra Mundial, 127, 158, 247

Xiaoping, Deng, 146, 291

Zaire, 68, 71n20, 81, ver também República Democrática do Congo
Zâmbia, 88 Zelaya, Manuel, 226
Zimbabwe, 136 Zupan, Mark, 190, 191-92

ÍNDICE DE ESCRITURA

Gênese

1-2 332
1: 1 165
1:26 335
1: 26-27 139, 206, 210, 332
1: 26-28 217
1:27 60. 113. 189-90. 292
1:28 59, 72, 73, 280-81, 283, 303, 320, 333, 336, 338, 341, 343
1:31 339
02:15 60, 72, 73, 194, 336
2:17 189
02:24 333
02:25 333
3: 17-19 73
3:18 336
5: 1 332
9: 2 336
9: 6 139, 206, 210, 332
10 360
10:32 361
12: 2 360
22:18 360
25: 22-23 326
29: 18-27 73

Êxodo

3: 9-10 237
4: 29-31 237
12-15 40
18h21 274
20: 1-17 326
20: 2 113, 189, 261, 331
20: 9 74, 194
20:12 326, 365
20:13 326
20:14 327, 333
20h15 124, 139, 142, 216, 218, 245, 324
20: 15-16 243
20:16 322
20:17 324, 327
21: 22-25 326
21: 28-36 142
22: 1-15 142
22: 1-6 206
22: 6 324
22:25 73
23: 3 78, 227
23: 8 227, 273
36: 1 165

Levítico

19:15 78
25:10 139, 142, 262, 331
25:28 73
25:37 73
25: 39-43 73
25: 39-46 261n7
25:40 73

Números

16h15 258
32:22 336
32:29 336

Deuteronômio

6: 5-7 254
8: 7-10 72
8: 11-18 219, 220
10:17 273
10:18 78
14h29 78
15: 1-3 73n22
15: 6 72
15: 7-8 38
15:11 38
15: 12-15 73
15: 12-18 73
16: 18-20 227
16: 19-20 78, 273
17:17 229, 235
17: 18-19 154
19:14 139, 142
20: 19-20 337
22: 1-4 142, 324
23:19 73
23: 24-25 142
24:17 78
24: 19-22 73, 78
28: 1-14 349

28: 6 72
28: 11-12 72
28: 28-29 189, 261
30:19 189, 262

Joshua
18: 1 336
24:15 189, 262

Juízes
2: 11-15 247
2: 16-23 189, 261
6: 1 247
6: 1-4 83
6: 3-6 247
14: 4 237
17-21 230
17: 6 230
18: 1 230
19: 1 230
21:25 230

1 Samuel
7: 5-6 237
8: 10-18 139, 143
10h24 237
12: 3 273
12: 3-4 229, 358
17 247

2 Samuel
2: 4 237
11 154, 235
11-12 226
12: 7 154
12: 8-15 154

1 Reis
1:39 237
4:25 247
10: 14-20 229, 235
11: 3-4 235
12: 1 237
12h15 237
12h16 237
21 139, 143

2 reis
25: 1-21 237

2 crônicas
9: 9 61
9h10 61
9:24 61
9:28 61

Neemias
5: 7-10 73

Ester
5-9 40

Trabalho
12h23 361

Salmos
1: 2 254
8: 4-8 336-37
8: 6 283, 335
8: 6-8 252
8: 6-9 341
18h34 247
24: 1 139, 144, 216, 338, 341
26:10 227
37:21 325
41: 1 24, 38
51: 5 326
73: 25-26 367
82: 2 227
82: 3 78
82: 3-4 240
111: 2 340
115: 16 338
127: 3 334
139: 13 326

Provérbios
1: 7 353
6: 9 349
6: 9-11 105
8h10 353
10: 4 346
11h24 105
12h10 337
13: 4 349
13h23 105
14h31 38
15: 3 40
15:27 227, 274
17:15 241
17:23 273
17:26 78
20: 4 349
21:17 105
22:16 105
22:28 142
23: 4 306
23:10 142
24:21 361
24:23 227
28: 8 73
28:19 105
28:22 106
29:12 41
29:14 40
31: 10-31 59
31:16 292
31:18 292, 349
31:24 165, 292

Eclesiastes
2: 24-25 194
5:10 215. 365
7: 7 273
8:11 241
10h20 362

Isaías
1:22 274
5: 22-23 241
33:15 227
58: 6 39
61: 1 113, 189

Jeremias
29: 4-7 362

Ezequiel
22:12 227
46:18 143

Daniel
4:27 40, 78

Malaquias
02:15 334

Mateus
5:16 37
6h20 41
6h26 335
7h12 202, 350
10: 1-4 236
10:31 335
11h28 262
12h12 335
13: 31-32 342
16:26 215
19: 3-6 333
19: 6 334
19: 9 334
19:18 333
22:37 45n1
22:39 37, 60, 202, 337, 350, 365
25: 14-30 217
25: 20-22 349

marca
6: 3 61, 165
7h19 337
10h46 73

Lucas
1: 41-44 326
4:18 331
6h20 215
9:25 42
12h15 42
12: 20-21 42
16:13 42, 43, 215, 219, 367
18h35 73

João
1:12 41
3:16 41
8h44 354

Atos
1: 15-26 236
2:14 290
2:44 143
2:46 144
3: 2-10 73
3:12 236, 290
5: 4 144
5:21 290
5h25 290
5:42 290
6: 3 237
8: 5-6 290
9: 28-29 290
12h12 144
13: 5 290
13: 14-16 290
13h44 290
14: 1-3 290
14h14 236, 290
15: 7 236
15:13 236
15:22 290
17: 2-3 144
17: 5 290
17: 10-11 290
17:22 294, 360
17:26 318, 342
17:31 61, 165
18: 3 290
18: 4-5 144
18: 7 290
18h19 290
19: 8-10 144
20:20 208
20:35 144
21: 8 144
21:16 236
21:18 290
21:40 290
24:10 290
24:25 290
26: 1 290
28:23
28: 30-31

Romano
2: 14-15 330
02:22 333
3: 10-17 319
3:18 319

3:19 330
3:23 41, 187, 329
6h23 41
13: 1 361
13: 1-6 139
13: 3-4 247
13: 4 40, 78, 145, 223, 229, 240, 253, 258, 358, 361
13: 6-7 145
13: 7 361
13: 9 333
14: 2-3 337
16: 5 144

1 Corinthians
7:21 113
8: 7-13 337
16:19 144

2 Corinthians
4: 2 290
9: 6 343

Gálatas
1:19 236
2: 9 236
02:10 38
02:12 236
3:28 292, 294
5: 1 113

Efésios
02:10 37
4:28 61, 74, 165
5: 1 60, 165
5:10 41
5: 15-16 343
5: 22-6: 4 365
6: 1 326
6: 5-8 348

Colossenses
3: 9 322
3: 18-21 365
3: 22-25 347-48
3:23 194, 320
4: 1 103
4:15 144

1 Tessalonicenses
4:11 61
4: 11-12 194, 346, 351
5:14 73

2 tessalonicenses
3: 6 346
3: 6-12 351
3: 7 73
3: 7-10 61
3: 8 346
3: 8-9 194
3:10 61, 73, 194, 346

1 Timóteo
2: 2 247
4: 4 337
4: 4-5 221, 338
5:14 334
5:21 229
6: 9 219
6: 9-10 306
6h17 60, 221, 339
6: 17-19 42-43

Titus
1: 5 236
2: 9-10 348

Philemon
2 144

James
2:11 333
3: 9 139, 206, 210, 332
3:17 290
4:13 306
4:15 306
5: 1-5 219-20
5: 1-6 306
5: 2-3 306
5: 4 105, 306
5: 5-6 306
5:14 236

1 Peter
2: 13-14 139, 361
2:14 78, 145, 240, 247, 253, 359
2:17 361
4: 4-5 318

1 joão
3:17 38

2 john
10 144

Revelação
7: 9 294
21: 24-26 61
22:17 189, 262

sobre os autores



Wayne Grudem (PhD, University of Cambridge; DD, Westminster Seminary) é professor pesquisador de teologia e estudos bíblicos no Phoenix Seminary, tendo lecionado anteriormente por 20 anos na Trinity Evangelical Divinity School. Grudem obteve seu diploma de graduação na Universidade de Harvard, bem como um MDiv no Seminário de Westminster. Ele é o ex-presidente da Evangelical Theological Society, um co-fundador e ex-presidente do Conselho sobre a masculinidade e feminilidade bíblica, membro da TransO Comitê de Supervisão da Bíblia em Inglês e editor geral da Bíblia de Estudo ESV, e publicou mais de 20 livros, incluindo Teologia Sistemática, Política - De acordo com a Bíblia e Negócios para a Glória de Deus.

Barry Asmus (PhD, Montana State University) é economista sênior do National Center for Policy Analysis, uma organização sem fins lucrativos dedicada a promover soluções baseadas no mercado do setor privado para o crescimento e desenvolvimento econômico. Indicado pelo USA Today como um dos cinco palestrantes mais solicitados nos Estados Unidos, Asmus escreve e fala sobre questões políticas e de negócios há mais de 25 anos. Ele foi eleito duas vezes o melhor professor do ano e recebeu o prêmio Freedom Foundation at Valley Forge para Private Enterprise Education. Ele é autor de oito livros, incluindo Crossroads: The Great American Experiment (em co-autoria com Donald B. Billings), que foi indicado ao prêmio HL Mencken.



“A TOUR DE FORCE.”

BRIAN WESBURY, ex-economista-chefe, Comitê Econômico Conjunto do Congresso dos EUA

PODEMOS VENCER A LUTA CONTRA A POBREZA GLOBAL. Precisamos apenas de uma maneira melhor de avançar. O economista Barry Asmus e o teólogo Wayne Grudem trabalham juntos para delinear um caminho claro para a prosperidade nacional e estabilidade de longo prazo à medida que integram os princípios do mercado livre e os valores bíblicos - estabelecendo uma solução sustentável para lidar com a pobreza das nações.

“Deve ser leitura obrigatória em todas as faculdades e seminários cristãos, organizações humanitárias e missionárias, e para todos os pastores locais.”

RICK WARREN
New York Times Autor de best-sellers nº 1,
A Vida com Propósitos

“A clareza de pensamento e a originalidade dos argumentos farão deste livro um ponto de referência para as gerações futuras.”

ARDIAN FULLANI
Governador, Banco da Albânia

“Integra com sucesso a ética cristã e a teologia com economia sólida em uma síntese abrangente e profundamente satisfatória.”

JAY W. RICHARDS
Membro Sênior, Discovery Institute

“O índice por si só fornece uma instrução mais clara do que muitos alunos de pós-graduação obtêm em cursos de economia.”

FR. ROBERT A. SIRICO
Presidente, Acton Institute

“Fundamentado em sólida teoria econômica, análise histórica e fiel exegese bíblica.”

REV. JOHN STEVENS
Diretor Nacional, Fellowship of Independent Evangelical Churches, Reino Unido

“Raramente se encontra uma integração tão completa de economia sólida com boa teologia.”

PJ HILL
Professor Emérito de Economia,
Wheaton College

“Abrangente em escopo e prático em estilo, este livro oferece ideias que não podem ser tomadas de ânimo leve.”

MUTAVA MUSIMI
MP, Presidente do Comitê de Orçamento e Dotações,
Assembleia Nacional do Quênia

“A base bíblica para a solução de mercado livre e como ela pode mudar uma nação.”

AUGUSTUS NICODEMUS LOPES
Professor de Novo Testamento,
Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

“Deve ser leitura obrigatória a cada Faculdade cristã. ”

MARVIN OLASKY
Editor-chefe, World News Group

WAYNE GRUDEM (PhD, University of Cambridge) é professor pesquisador de teologia e estudos bíblicos no Phoenix Seminary.

BARRY ASMUS (PhD, Montana State University) é economista sênior do National Center for Policy Analysis.

PROBLEMAS SOCIAIS

:: CROSSWAY
www.crossway.org

* O mapa da capa mostra a renda per capita em 2012:
■ baixa renda ($ 3.000 ou menos) médio inferior ($ 3.000-8.000) médio superior ($ 8.000-20.000) alto ($ 20.000 ou mais)

[35] Harrison, The Central Liberal Truth, 88-89.